DESINFORMAÇÃO

EX-CHEFE DE ESPIONAGEM REVELA ESTRATÉGIAS SECRETAS PARA SOLAPAR A LIBERDADE, ATACAR A RELIGIÃO E PROMOVER O TERRORISMO

TENENTE-GENERAL
ION MIHAI PACEPA
E PROF. RONALD J. RYCHLAK

VIDE EDITORIAL

"Este livro irá mudar o modo como você vê os serviços de inteligência, as relações internacionais, a imprensa e muito mais."

— R. James Woolsey,
ex-Diretor da CIA.

"*Desinformação* é a história de uma parte ainda oculta da Guerra Fria – uma parte tão oculta quanto os espiões da KGB nos serviços de inteligência ocidentais – que deve ser estudada para que de fato se compreenda como o comunismo se esforçou por subverter tudo que estivesse em seu caminho. Assim como o livro *Testemunha* de Whittaker Chambers, qualquer estudo da Guerra Fria sem *Desinformação* restará profundamente incompleto".

— Jed Babbin,
ex-vice-subsecretário
de defesa dos EUA.

9 788567 394732
www.videeditorial.com.br

ION MIHAI PACEPA
RONALD J. RYCHLAK

DESINFORMAÇÃO

O Tenente-General ION MIHAI PACEPA serviu como chefe do serviço de espionagem do regime comunista da Romênia, e também foi o principal conselheiro do ditador Nicolae Ceauşescu. Desertou para os Estados Unidos em julho de 1978, onde passou a escrever seus livros narrando as atividades do Serviço de Inteligência da polícia secreta romena, nos quais revela detalhes importantes de várias operações sigilosas conduzidas por ele, e que influenciaram diretamente alguns momentos históricos decisivos do século XX.

Atualmente, Pacepa vive nos EUA com sua identidade mantida em sigilo em função dos segredos de Estado revelados em seus livros, algo que põe em risco a sua vida. É colunista de sites conservadores como o *PJ Media*, *National Review*, *FrontPage Magazine* e *World Net Daily*, e diversos de seus artigos são publicados em jornais da grande mídia norte-americana, como *The Wall Street Journal* e *The Washington Times*.

***

RONALD J. RYCHLAK é advogado, jurista e professor de Direito Constitucional na Universidade do Mississipi. Tem uma longa carreira na advocacia e, por seus conhecimentos jurídicos, tornou-se membro da comissão indicada pela Suprema Corte do Mississipi para a revisão do Código Penal daquele estado.

Também é consultor da delegação permanente da Santa Sé na ONU, e autor de diversos livros, dentre os quais se destaca *Hitler, the War, and the Pope*.

"A maioria dos políticos, das pessoas no mundo acadêmico e da mídia acredita que a desinformação é um fenômeno obsoleto da Guerra Fria. [...] Acredita-se largamente que a palavra é apenas um sinônimo para *má informação*. Na realidade, a desinformação é tão diferente da má informação quanto a noite é diferente do dia. O ato de *informar mal* é uma ferramenta oficial de governo reconhecível enquanto tal. *Desinformar* é uma ferramenta secreta de inteligência, com a finalidade de outorgar uma chancela ocidental, não governamental, a mentiras de governo".

***

"No decorrer da história, muitos países durante tempos de guerra se valeram de várias técnicas para enganar o inimigo acerca de suas verdadeiras intenções. Num extremo está aquele imenso cavalo de madeira construído pelos gregos no segundo milênio a.C. para assegurar entrada à invencível cidade de Tróia".

***

"Você provavelmente acha que Mikhail Gorbachev inventou o conceito de *glasnost* para descrever seu esforço de levar a União Soviética 'para longe do estado totalitário e em direção à democracia, à liberdade, à abertura', como ele escreveu. Mas a verdade é que *glasnost* é um velho termo russo para o ato de polir a imagem do governante. Originalmente, significa, de maneira literal, *fazer publicidade*, isto é, autopromoção".

***

"Um dos objetivos prioritários de toda *glasnost* é esconder o passado do líder lhe dando uma nova identidade política. A de Stálin foi planejada de modo a ocultar seus crimes terríveis; a de Khrushchev consistiu em criar uma pacífica fachada internacional para o homem que trouxe os assassinatos políticos do Kremlin para o Ocidente; Gorbachev planejou a sua de modo a ocultar seu passado, retratando a si próprio como um líder mágico, enquanto garantia transformar a União Soviética em uma 'sociedade marxista de pessoas livres'".

VIDE EDITORIAL

Para conhecer outros títulos publicados, visite:
www.videeditorial.com.br

DESINFORMAÇÃO

PACEPA – RYCHLAK

TENENTE-GENERAL
ION MIHAI PACEPA
E PROF. RONALD J. RYCHLAK

DESINFORMAÇÃO

EX-CHEFE DE ESPIONAGEM REVELA ESTRATÉGIAS SECRETAS PARA SOLAPAR A LIBERDADE, ATACAR A RELIGIÃO E PROMOVER O TERRORISMO

Tradução de Ronald Robson

Desinformação – Ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo
Tenente-General Ion Mihai Pacepa e Prof. Ronald J. Rychlak
1ª edição – novembro de 2015 – CEDET

Título original: *Disinformation – Former Spy Chief Reveals Secret Strategies for Undermining Freedom, Attacking Religion, and Promoting Terrorism*
Copyright © by Lt. Gen. Ion Mihai Pacepa and Ronald Rychlak by WND Books, Inc.

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET – Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Ângelo Vicentim, 70
CEP: 13084-060 – Campinas – SP
Telefone: 19-3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:
Diogo Chiuso

Editor-assistente:
Thomaz Perroni

Tradução:
Ronald Robson

Revisão:
Roger Campanhari

Capa:
Mark Karis

Ilustração da capa:
Michael de Pietro

Diagramação:
Maurício Amaral

FICHA CATALOGRÁFICA

Pacepa, Tenente-General Ion Mihai, e Rychlak, Ronald J.
Desinformação: ex-chefe de espionagem revela estratégias secretas para solapar a liberdade, atacar a religião e promover o terrorismo / Tenente-General Ion Mihai Pacepa e Ronald J. Rychlak; tradução de Ronald Robson – Campinas, SP: VIDE Editorial, 2015.

ISBN: 978-85-67394-73-2

1. Ciência Política. Espionagem e subversão. 2. Ciências Sociais. Serviços policiais.
I. Título. II. Autor.

CDD – 327.12 / 363.3

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Ciência Política – Espionagem e subversão – 327.12
2. Ciências Sociais – Serviços sociais – 363.3

Conselho Editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Diogo Chiuso
Sílvio Grimaldo de Camargo
Thomaz Perroni

VIDE Editorial – www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

APRECIAÇÕES DA OBRA

"Desafiando histórias falsas e calúnias sutis, Pacepa e Rychlak nos conduzem numa jornada pelo Império da Desinformação. Aqui aprendemos a teoria e prática da Grande Mentira lançada contra o cristianismo – contra bispos e papas. Aprendemos como o Kremlin, mesmo após o colapso do comunismo, prosseguiu em sua guerra contra o Ocidente; aprendemos como a *dezinformatsiya* é utilizada para inspirar um ódio profundo aos judeus, de modo a mobilizar o Islã como um aríete contra Israel e os Estados Unidos – em prol da Rússia. Se você quiser compreender as forças por trás do declínio do cristianismo e da emergência do Islã militante, você precisa ler este livro".

JEFFREY NYQUIST,
autor de *Origins of the Fourth World War*, colunista
e apresentador da rádio WIBG (Ocean City, Nova Jersey).

"Como um judeu que cresceu em Nova Iorque, eu não suportava sequer ouvir o nome do Papa Pio XII. Mas, após sete anos de pesquisa e 46.000 páginas coletadas de documentos pertinentes ao assunto, cheguei à descoberta estarrecedora de que Pio XII era respeitado e enaltecido como herói por todos os judeus durante, e logo após, a guerra. Se você quiser saber como um bilhão de pessoas foram iludidas para odiá-lo, leia este livro do Gen. Ion Mihai Pacepa e do prof. Ron Rychlak sobre a ainda secreta *dezinformatsiya* do Kremlin. Essa imensa maquinaria realizou o pior assassinato de reputação do século XX e causou grande tensão entre judeus e católicos. Mas me permita avisá-lo: este livro é assustador! Quando o ler, descobrirá como você era manobrado como uma peça de xadrez para atingir um objetivo específico. Também aprenderá que a empreitada de *dezinformatsiya* ainda está dividindo o mundo judaico-cristão com conseqüências internacionais terríveis".

GARY KRUPP,
presidente da Pave The Way Foundation,
dedicada à reconciliação entre as religiões do mundo.

"Escrito por dois dos melhores especialistas na área, este livro é um abrir de olhos, uma obra desmistificadora de arqueologia política e histórica, um esforço apaixonante e cativante de pôr em evidência as técnicas comunistas de logro cínico, suas conspirações imorais e sua elaboração perversamente hábil de lendas da propaganda disfarçadas de prova histórica. Os autores exibem erudição impressionante e compreensão singular dos profundos segredos da máquina de desinformação soviética e pós-soviética. Na condição de um alto ex-funcionário de inteligência do bloco soviético que rompeu com o sistema por razões morais e expôs com coragem seus fundamentos terroristas, Ion Mihai Pacepa é uma testemunha formidável e um analista respeitado das intrigas, esquemas criminosos e manipulações comunistas".

VLADIMIR TISMĂNEANU,
autor de *Stalinism for All Seasons: A Political History of Romanian Communism*, diretor do Centro de Estudo de Sociedades Pós-Comunistas, da Universidade de Maryland, e presidente do Instituto de Investigação dos Crimes do Comunismo, da Romênia.

DEDICATÓRIA

Para Mary Lou, que me ajudou a olhar para o meu passado com olhos americanos.

TENENTE-GENERAL ION MIHAI PACEPA

Para minha filha Lindsay e todas as Lindsays da minha vida.

PROF. RONALD RYCHLAK

"Aqueles que não se lembram do passado estão condenados a repeti-lo".

GEORGE SANTAYANA,
The Life of Reason, vol. 1, 1905.

"Na Rússia, 'pato', além de seu significado normal, é um termo para desinformação. 'Quando os patos estão voando' significa que a imprensa está publicando desinformação".

PAVEL SUDOPLATOV,
vice-diretor do Serviço Soviético de Inteligência Estrangeiro, *Special Tasks* (memórias), 1994.

NOTA DOS AUTORES

Para a transliteração do russo, seguimos as orientações da Junta de Nomes Geográficos dos Estados Unidos (BGN), com a exceção de que *iy* e *yy* foram condensados num simples *y* quando ocorrem ao fim do nome ou dos sobrenomes de pessoas. Alguns desvios conhecidos foram mantidos, como Yuti Andropov.

SUMÁRIO

Introdução de R. James Woolsey 17

Prefácio de Paul Kengor, PhD 21

PARTE I:
GLORIFICANDO O CULPADO,
ENQUADRANDO O INOCENTE

Prelúdio 29

1. Recrutado pela *Securitate* 35

2. O verdadeiro significado de *glasnost* 41

3. Passando para o lado dos Estados Unidos 53

4. A magia negra da desinformação 63

5. A "beleza" da desinformação 69

6. Os enquadramentos realizados pelo Kremlin 79

7. O encontro de Stálin com o catolicismo 85

8. O novo inimigo do Kremlin 89

PARTE II:
ANATOMIA DE UMA CAMPANHA DE
DESINFORMAÇÃO: A CRIAÇÃO DO "PAPA DE HITLER"

9. A criação fracassada do "Papa de Hitler" 95

10. Cardeal Stepinac 107

11. Cardeal Mindszenty 119

12. Mais enquadramentos 129

13. Guerra global contra a religião 135

14. A nova Cruzada do Vaticano 147
15. Teologia da Libertação 151
16. A Guerra de Khrushchev contra o Vaticano 157
17. Preparações para o enquadramento de Pio XII 163
18. O *Vigário* 169
19. A peça 177
20. Desinformação por toda parte 185
21. Marcas da KGB 193
22. O anti-semitismo de *O Vigário* 207
23. As raízes ideológicas de *O Vigário* 213
24. Rolf Hochhuth 221
25. Um novo olhar sobre *O Vigário* 233
26. A necrofagia política de Khrushchev 243
27. O livro *O Papa de Hitler* 247
28. A cocaína de Andropov 257

PARTE III:
ENQUADRANDO O GOVERNO AMERICANO
COMO UM BANDO DE ASSASSINOS

29. O fim da inocência americana 269
30. Khrushchev: um monumento à desinformação 283
31. Operação Dragão 297
32. Nova prova contundente da participação da KGB 309

PARTE IV:
REVELANDO A ATUAL REDE DE MENTIRAS

33. Da desinformação ao terrorismo 329
34. A hora de Putin 339

35. De *O Papa de Hitler* ao 11 de Setembro 349
36. O terrorismo nuclear do Kremlin 355
37. Um império da KGB 361
38. Mantendo a máquina de mentiras em funcionamento 369
39. O movimento antiguerra 375
40. O fantasma de Marx vive 389
41. Desinformação nos Estados Unidos de hoje 395
42. Da desinformação ao assassínio 405
43. Cultos marxistas da personalidade e água pesada 417
44. Como me tornei um "traidor judeu imundo" 427

Epílogo 439
Notas 447
Bibliografia 513
Índice remissivo 529

INTRODUÇÃO

Este livro notável irá mudar o modo como você vê os serviços de inteligência, as relações internacionais, a imprensa e muito mais. O Tenente-General Ion Mihai Pacepa é o desertor de mais alta patente que já tivemos advindo de um serviço de inteligência inimigo. Como chefe da inteligência romena, ele esteve por muitos anos presente a encontros fundamentais com líderes de Estado e participou de algumas das discussões mais delicadas de nossos inimigos durante a Guerra Fria.

Para começo de conversa, Gen. Pacepa nos conta que coleta de informação estava longe de ser uma das prioridades do que a inteligência romena e demais integrantes do bloco soviético fizeram ao longo de todos aqueles anos. Coleta de informação, diz ele, "sempre foi mais ou menos irrelevante". Acrescento que, ache você ou não isso exato acerca do período da Guerra Fria, muito da coleta de informação nos dias de hoje é feita por *hackers* diante de teclados, não por agentes apurando locais secretos onde se depositam e trocam informações e objetos ilícitos.

Então em que os espiões romenos e soviéticos empregavam seu tempo nos anos da Guerra Fria? Gen. Pacepa diria que "enquadrando", ou seja, reescrevendo a história e manipulando registros, documentos etc., a fim de causar acontecimentos. Qual o propósito dessa *dezinformatsiya*? Ah, ninharias como usar vazamento de informações através da imprensa para destruir a reputação de um líder nacional ou religioso, promover a disseminação do anti-semitismo, criar ressentimento contra os Estados Unidos e Israel no mundo árabe. O líder soviético e por muito tempo chefe da KGB Yuri Andropov, parece que um verdadeiro aficionado da *dezinformatsiya*, vê a questão nestes termos: "[*Dezinformatsiya*] é como cocaína. Se você cheirar uma

ou duas vezes, não muda a sua vida. Se, contudo, você cheirar todo dia, fará de você um viciado – um homem diferente".

Bom, alguém poderia dizer, isso é compreensível durante a Guerra Fria, mas por que hoje? E por que tantos governos do Oriente Médio estão fazendo essencialmente a mesma coisa, como espalhar histórias malucas sobre o 11 de Setembro – de que foi a CIA, o Mossad? Eu imaginaria que é coisa bastante simples: ditadores precisam de inimigos que os ajudem a ter mais razão para reprimir seu povo. E que somos bem convenientes.

Outra compreensão importante emerge destas páginas. Os comunistas tinham algo entre ideologia nenhuma e uma ideologia disfuncional. Temos uma ideologia que quase todos os americanos subscreveriam: democracia, império das leis e a América como, nas palavras de Lincoln, "a última, a melhor esperança do mundo". A maioria de nós também tem uma religião, geralmente o cristianismo ou o judaísmo. Isso levou o bloco soviético, e leva nossos inimigos atuais, a um ataque cuidadosamente calculado – ou a um enquadramento – para destruir a religião: a espalhar o anti-semitismo, a manchar a reputação de um papa ou outros líderes da igreja como anti-semitas, quando eles na verdade trabalharam pesado para proteger os judeus durante o período nazista.

Gen. Pacepa também mostra como se pode desfazer até uma *dezinformatsiya* cuidadosamente elaborada, como a peça dos anos 1960 *O Vigário*, que sujava a reputação do Papa Pio XII utilizando literatura suplementar, caso notável pelas fotografias adulteradas, as edições enganadoras, etc.

Gen. Pacepa escreveu que no bloco soviético havia mais gente trabalhando em *dezinformatsiya* do que nas forças armadas ou na indústria de defesa. Era, e em alguma medida ainda é, um esforço notável.

Apesar de sua perfeição na arte do enquadramento, de sua experiência e sua motivação enquanto ditadura baseada em serviço de inteligência que necessita de nós como inimigos, à medida que avançamos no século XXI percebemos que a Rússia não é o nosso principal problema. Seu perfil demográfico é terrível (baixa taxa de natalidade, expectativa de vida curta para os homens) e é razoável pensar que sua população estará abaixo de 100 milhões em meados do século. Vive quase que inteiramente

de vender petróleo e gás (e se vale de sua influência no gás para ameaçar seus vizinhos com desabastecimento). Mas as consideráveis descobertas recentes de gás de xisto em vários países, incluindo Estados Unidos, Polônia e vários outros locais, podem acertar um golpe pesado na Rússia. O seu gás pode deixar de ter tanta saída e ser menos útil como arma e o seu petróleo pode ser substituído por combustíveis produzidos a partir de gás natural muito mais barato, como o metanol.

Nenhum de nós se lamentará muito por um diminuto grupo de russos de meados do século XX, postos à margem, ansiando desesperadamente por serem notados, com sua perícia em enquadramento e coisas do tipo se tornando cada vez mais irrelevantes.

Gen. Pacepa e seu respeitável co-autor, prof. Ronald Rychlak, realizaram algo notável nestas páginas. Não apenas nos ajudaram a compreender a história e muitas das operações de *dezinformatsiya* que continuamos a ver – especialmente na Rússia e em países do Oriente Médio –, mas também nos iniciaram bem na aprendizagem de como derrotá-las. Em suma, eles nos descortinam um mundo que muitos não sabiam que existiu e que quase nós todos que sabíamos subestimamos.

R. JAMES WOOLSEY,
presidente da Fundação pela Defesa das Democracias e ex-diretor da CIA.

PREFÁCIO

Aqui está uma obra pela qual muitos de nós esperávamos, um livro pelo qual – ouso dizer – a *história* estava esperando. Do começo ao fim, é uma jóia de informação nova e fascinante, uma mina de ouro de material há muito atrasado, bastante necessário, sobre a Guerra Fria, uma luz no que verdadeiramente era um mundo de trevas. Os autores são excepcionais: Ron Rychlak é um especialista no tão caluniado Papa Pio XII, em específico, e na Igreja Católica, em geral, especialmente no período da Guerra Fria. O Tenente-General Ion Mihai Pacepa, o oficial de inteligência de mais alta patente a desertar do bloco soviético, foi notavelmente testemunha de muitos dos eventos que o livro descreve. Gen. Pacepa permanece conosco para testemunhar a verdade e a litania de falsidades – apesar da sentença de morte e da recompensa de 2 milhões de dólares posta sobre sua cabeça pelo falecido déspota romeno Nicolae Ceauşescu. Portanto, temos uma rara confluência de um erudito em história religiosa e de uma testemunha ocular de atos sujos orquestrados pelos comunistas contra religiosos. Aqui temos literalmente cultura acompanhada de fontes primárias.

O resultado é um livro de tirar o fôlego e irritante, às vezes deprimente. Há a tentação de dizer que os leitores não conseguirão largar este livro, mas eles podem precisar fazer isso para absorver a enormidade de informações e para se afastar dessa espiadela no lado negro. Só se pode olhar demoradamente para lá antes de recolher-se e precisar de um descanso. O nível brutal de difamação sem remorsos, rematada e continuada movida pelos soviéticos contra a religião e religiosos, a qual é metodicamente desvendada pelo Gen. Pacepa e pelo prof. Rychlak, é realmente difícil de suportar. No entanto, suportar devemos, porque a história deles precisa ser contada.

Quem tiver estudado ou se tenha envolvido com o movimento comunista sabe que os comunistas têm uma campanha para quase tudo que imaginem que possa ser transformado em propaganda que os auxiliem em seus objetivos. Vladimir Lênin afirmou de maneira infame que "a única moralidade" que os seus bolcheviques reconheciam era aquela que favorecesse os seus interesses. Isso significava que mentir era coisa inteiramente justificada, que qualquer alvo era legítimo e que era sempre temporada de caça a alvos identificados. Combine essa malícia e relativismo moral com o que Mikhail Gorbachev chamou de "guerra [soviética] contra a religião", somados a uma rede de partidos comunistas servis espalhados pelo planeta – todos submissos ao que George Kennan chamou de "a voz do senhor" –, e você terá uma conspiração internacional para demonizar as personalidades religiosas mais santas que estivessem no caminho dos soviéticos. A arte crassa de ludíbrio do Kremlin seria uma ferramenta possante nesse esforço continuado, um esforço horrível, sem escrúpulos morais. Só agora, graças ao Gen. Pacepa e a Rychlak, de fato temos um registro documentado desse esforço e de seus abomináveis resultados.

Um fio contínuo ao longo do livro é o caso do Papa Pio XII, o que faz todo sentido, visto que esse caso foi o nadir da campanha imunda dos soviéticos, iniciada sob Stálin e Khrushchev. Os autores mostram que o ataque contra Pio XII foi lançado com uma transmissão na *Rádio Moscou* de 1945 que, pela primeira vez, ecoou a extremamente injusta rotulação de "Papa de Hitler". Os soviéticos compreenderam que Pio XII era uma ameaça mortal à sua ideologia, desprezando o comunismo tanto quanto desprezou o nazismo. Embarcaram então em uma cruzada ímpia para destruir o papa e sua reputação, para escandalizar seu rebanho e fomentar a divisão entre fés.

Gen. Pacepa e Rychlak puseram às claras a campanha imunda contra Pio XII. Ninguém que leia este livro irá sair dele acreditando que Pio XII alguma vez favoreceu Hitler ou o nazismo. E quem quer que opine sobre a controvérsia em torno de Pio XII agora deve passar por este livro. Na verdade, quem não o tiver feito não pode ter sua opinião levada a sério. Com este livro, a pergunta inicial a quem tiver uma impressão negativa de Pio XII como o "Papa de Hitler" deve ser: "Você já leu o livro de Pacepa e Rychlak?".

Como este livro mostra crucialmente, os mitos perversos criados pelos comunistas para desonrar Pio XII foram, de modo trágico, inadvertidamente adotados por muitos historiadores e jornalistas de ampla circulação. O mito, que no começo foi de pronto rejeitado pela geração contemporânea que viveu a história verdadeira e sabia a verdade, tomou fôlego junto às gerações seguintes que não viveram a história e não sabiam a verdade. Ele cresceu como uma bola de neve e veio a macular a reputação de um homem bom que amou, ajudou e até abrigou pessoalmente judeus durante o holocausto. A KGB e seus cúmplices perpetuaram uma imagem perniciosa em completo desacordo com a realidade. A imagem permanece até hoje. É desolador ver a divisão que os comunistas causaram entre católicos que com razão admiram Pio XII – e até buscam canonizá-lo – e seus amigos judeus. Os comunistas causaram isso e se safaram – ou se safaram até a publicação deste livro.

Este livro expõe de uma vez por todas um monte de mentiras prejudiciais, bem além do caso de Pio XII. Boa parte da história que pensávamos conhecer, ou que pensávamos até ter recentemente revelado, era na verdade reproduzida como desinformação comunista. Como notam os autores, esta era uma guerra que "irrompeu em 1945 e nunca terminou". A União Soviética e a Guerra Fria acabaram, mas a guerra contra a religião continua, inadvertidamente revigorada por estudiosos enganados que tomam "fatos" que jamais foram fatos a partir dos quais possam partir.

As mentiras puderam se tornar "história", se tornar "verdade". Mas que é verdade? Que é história? Este livro contém a verdadeira história. Nesse sentido, este é um livro fundamental que iniciará o processo de remediar algumas sérias falhas de formação e uma "erudição" imperdoavelmente falha. E historiadores e pesquisadores devem perceber com cuidado como Gen. Pacepa e Rychlak o fizeram: agarrando um conceito fundamental que redireciona apropriadamente historiadores e pesquisadores para a verdade – isto é, compreendendo a ultrajante e caracteristicamente soviética tática de desinformação.

É um ângulo crucial. Gen. Pacepa e Rychlak poderiam simplesmente ter escrito um relato padrão da perseguição soviética a partir de uma perspectiva baseada na fé. À medida que foram

descascando as camadas, contudo, viram a polpa podre que era a desinformação – conhecida como *dezinformatsiya* na Rússia. Claro, Gen. Pacepa já o sabia, uma vez que viveu isso e, lamentavelmente, lhe deu sua participação relutante. Agora, prestando satisfações, tanto ele como Rychlak estão aptos a explicar ao mundo como o conhecimento da desinformação soviética explica muito do que não sabemos e, de maneira mais significante, muito do que soubemos errado. Eles focaram num ângulo que oferece aos historiadores uma claridade que até agora faltava.

Tão evidentemente desonesto era o uso soviético da desinformação, que até a definição soviética de desinformação, publicada na edição de 1952 da *Grande Enciclopédia Soviética*, era ela própria uma forma de desinformação. Só o surreal mundo de ponta-cabeça do comunismo soviético poderia produzir tal litania de desonestidade. O falecido Vaclav Havel falava da "cultura comunista da mentira".[1] Ei-la aqui mais uma vez, posta às claras mais uma vez. Gen. Pacepa e Rychlak tiram escamas de nossos olhos e, à medida que o fazem, vemos uma igreja na cruz, lá pregada por perseguidores inclementes.

Mas a preocupação dos autores não é apenas com a Igreja Católica ou a igreja cristã em sentido mais amplo. Este livro inovador deslinda não apenas os planos contra Pio XII e figuras como os Cardeais Stepinac, Mindszenty e Wyszynski. Mostra a duplicidade de grupos como o Conselho Mundial da Paz, o Conselho Mundial de Igrejas e o Partido Mundial dos Trabalhadores; as mãos sujas de sangue de juízes, indo de Vyshinsky aos serviços de inteligência romeno e búlgaro; a participação soviética na teologia da libertação; o papel voluntário e involuntário de intervenientes como Romesh Chandra, Rolf Hochhuth, Erwin Piscator, I. F. Stone, Edward Keating e John Cornwell; o impacto de agentes pagos, agentes de influência e ingênuos; a magia negra macabra da "necrofagia" soviética; e muito mais. O que é mais irônico, o livro enfatiza o anti-semitismo nojento por trás dos verdadeiros conspiradores da campanha "Papa de Hitler" original e de outros esforços de desinformação. O capítulo sobre a promoção soviética da abominável conspiração d'*Os Protocolos dos Sábios de Sião* é um abrir de olhos. Aqui, os perseguidores dos seguidores de Cristo ressuscitaram um velho recurso de ódio aos judeus e o espalharam como verdade inquestionável no Ocidente.

De fato, o anti-semitismo documentado neste livro é chocante. Os autores registram a campanha anti-sionista de Yuri Andropov, seu apoio ao terrorismo islâmico e sua dupla promoção de violento anti-semitismo e violento anti-americanismo entre os árabes do Oriente Médio. Em 1978, o bloco soviético plantou cerca de 4 mil agentes de influência no mundo islâmico armados de centenas de milhares de cópias d'*Os Protocolos dos Sábios de Sião* – e de armas militares. As sementes que plantaram no mundo árabe décadas atrás ainda semeiam ódio e destruição sob a forma de violência e terror. O comunismo ateu buscou uma criada no Islã radical, com muçulmanos extremistas explorados por manipuladores soviéticos que esperavam manchar o judaísmo e Israel, o cristianismo, os Estados Unidos e o Ocidente – muito freqüentemente com trágico sucesso. Eles disseminaram não apenas atos de terrorismo, mas também atos escandalosos de "diplomacia" como a infame Resolução 3379 da ONU, declarando o sionismo uma forma de racismo.

Infelizmente, não é de forma alguma chocante – supõe-se – quando se vê que os perpetradores por trás dessas várias formas de malevolência eram os mesmos bandidos políticos que promoveram uma ideologia internacional que extinguiu as vidas de mais de 100 milhões de pessoas no século XX, duas vezes a soma do alto custo das duas guerras mundiais. E "bandidos" não é palavra demasiado forte, ou talvez *gângsteres políticos* fosse igualmente apropriado. A quem esta linguagem parecer um pouco além dos limites, bem... é melhor que você comece logo a ler, pois teve uma triste educação. Esta é a saga doentia da enganação soviética que ou leva o indivíduo a querer tomar banho ou – ah, sim – talvez até mesmo a ir para a igreja.

Tenente-General Ion Mihai Pacepa e prof. Ron Rychlak fizeram uma obra de utilidade pública. Perdoem-me se digo a *obra de Deus*, com meu anjo da guarda passando por cima da minha objetividade de estudioso. Temos um débito de gratidão para com Gen. Pacepa e Rychlak por exporem os demônios e os detalhes por trás da desinformação.

PAUL KENGOR,
professor de ciência política da Grove City College.

PARTE I

GLORIFICANDO O CULPADO, ENQUADRANDO O INOCENTE

PRELÚDIO

Era após era, aquele que sentou no trono do Kremlin – tzar autocrata, líder comunista ou presidente democraticamente eleito – preocupou-se com transformar o país num monumento a si próprio e com controlar todas as expressões de religião que pudessem de algum modo ir de encontro a suas ambições políticas.

Mais ainda, os governantes russos tradicionalmente se valeram de sua polícia política como meio para realizar em segredo os seus planos imponentes. O tzarismo, o comunismo e a Guerra Fria podem ter sido engolidos pelas areias do tempo, mas o Kremlin dá continuidade a essas tradições.

Vez ou outra, a mão do Kremlin alcança também os Estados Unidos.

Em março de 1996, uma notícia impressionante sobressaltou a consciência americana. O Conselho Nacional de Igrejas (NCC, em inglês) e o Centro para Renovação Democrática (CDR, em inglês), duas organizações sigilosamente comunistas sediadas nos Estados Unidos, fizeram uma coletiva de imprensa para anunciar "um imenso crescimento" de casos de igrejas de negros incendiadas nos Estados Unidos.

No dia 8 de junho, o presidente Bill Clinton denunciou esses incêndios em um discurso de rádio e propôs uma nova força-tarefa federal para investigá-los. O presidente falou, emocionado, sobre as suas próprias "recordações vívidas e dolorosas de igrejas de negros sendo queimadas em meu próprio estado [Arkansas] quando eu era criança". Acusando a "hostilidade racial" de ser a força motriz por trás dos incêndios, ele se comprometeu a empregar toda a força do governo federal na investigação. Em 15 de junho, o FBI e a Agência de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos (ATF, em inglês) designaram 200

agentes federais para uma força-tarefa incumbida de investigar os incêndios de igrejas de negros[1]. Em julho os relatos de incêndios praticados contra igrejas de negros cresceram exponencialmente, tendo aparecido mais de 2.200 artigos a condenar o que o Centro para Renovação Democrática chamou de "um movimento supremacista branco bem-articulado".[2]

A história se espalhou como fogo no mato, em toda parte inflamando pessoas honestas contra os supostos americanos racistas responsáveis por crimes tão terríveis. De Genebra, na Suíça, o Conselho Mundial de Igrejas (WCC, em inglês) – a afiliada internacional do Conselho Nacional de Igrejas – enviou 38 pastores a Washington para dar ao governo e povo americano mais informações sobre essa tragédia racista sem precedentes.[3]

Em 13 de julho, o presidente Clinton assinou o Ato de Prevenção de Incêndios de Igrejas de 1996, o qual tornou crime federal incendiar igrejas. Em 7 de agosto, ele também assinou um orçamento de 12 milhões de dólares para combater incêndios a igrejas de congregação negra. Poucos dias depois, o Conselho Nacional de Igrejas publicou anúncios de página inteira no *New York Times*, no *Washington Post* e inúmeros outros jornais, pedindo doações para o seu novo "Fundo para Igrejas Incendiadas". Em 9 de agosto, o *Wall Street Journal* noticiou que o Conselho "levantara quase 9 milhões de dólares" e que as doações prosseguiam ao ritmo de quase "100 mil dólares por dia".[4]

Até que a casa caiu. Por fim foi revelado por um grupo privado, a Associação de Proteção Nacional contra Incêndios, que em anos recentes houve *bem menos* casos de igrejas incendiadas que o usual, e funcionários de órgãos de polícia do Sul não conseguiram confirmar que *sequer um* deles tivesse sido por motivação racial.[5] Nenhuma igreja foi queimada no Arkansas durante a infância de Clinton, apesar de suas "recordações vívidas e dolorosas", e o Conselho Nacional de Igrejas foi acusado de fabricar "uma imensa notícia falsa de incêndio de igrejas".[6]

O comum dos americanos viu a notícia falsa do NCC/CDR como simplesmente um deslize e a esqueceram. Ninguém dentro ou fora do país se perguntou, em primeiro lugar, por que se divulgara toda essa falsidade caluniosa. O estrago político estava feito, contudo.

Os Estados Unidos, que pagaram com 405.399 vidas americanas para salvar o mundo dos males do racismo nazista e do holocausto, agora se viam difamados como um país racista, neonazista. Dentro de poucos anos, mais de 40% dos adolescentes canadenses estavam chamando os Estados Unidos de "mau"[7] e 57% dos gregos responderam "nenhum dos dois" quando perguntados sobre que país era mais democrático, os Estados Unidos ou o Iraque[8]. Em Berlim, uma ministra alemã, Herta Däubler-Gmelin, comparou o novo presidente George W. Bush a Hitler.[9] Marxistas ocidentais também entraram na briga, como o desastroso ditador venezuelano Hugo Chávez a entreter alegremente a ONU em 2006 com uma referência indireta (mas claramente compreendida) ao presidente americano: "Ontem o diabo esteve aqui. Bem aqui. Bem aqui. E até agora ainda cheira a enxofre".[10] Em 2008, dentro dos Estados Unidos, alguns líderes do Partido Democrata chegaram ao ponto de começar a descrever o seu próprio país como um "reino capitalista, racista e decadente", incapaz de prover assistência médica aos pobres ou de reconstruir suas escolas em petição de miséria[11].

A pista para compreender a significância da mentira sobre incêndios a igrejas de negros está no fato documentado de que o Conselho Mundial de Igrejas, que lançou e promoveu a notícia, foi infiltrado e por fim controlado pelo serviço de inteligência russo desde 1961. O *Arquivo Mitrokhin*, uma coleção volumosa de documentos do serviço de inteligência estrangeiro soviético que foram contrabandeados para fora da União Soviética em 1992, dá as identidades e os codinomes da inteligência soviética de muitos padres ortodoxos russos despachados, ao longo dos anos, para o Conselho Mundial de Igrejas com o objetivo específico de influenciar a política e as decisões desse órgão. De fato, em 1972 a inteligência soviética conseguiu ter o Metropolita Nikodim (agente "Adamant") eleito presidente do WCC. Um documento da KGB de 1989 se vangloria: "Agora a agenda do WCC é também a nossa agenda".[12] Mais recentemente, o Metropolita Kirill (agente "Mikhaylov"), o qual fora um representante influente no Conselho Mundial de Igrejas desde 1971 e, após 1975, um membro do Comitê Central do WCC, foi em 2009 eleito patriarca da Igreja Ortodoxa Russa.[13]

O citado ataque infamante aos Estados Unidos e suas igrejas não tinha de fato nada de surpreendente. Reflete como o Kremlin tem ao longo de séculos preferido alcançar suas políticas internas e externas por meio de logros complexos. Religião freqüentemente comparece nas operações de líderes russos tradicionalmente cínicos, os quais têm se considerados o único deus de que a humanidade precisa.

Historicamente, a manipulação de religião realizada pelo Kremlin com vistas a seus próprios objetivos políticos data do século XVI. Quando Ivan IV, o Terrível, coroou-se a si próprio em 1547 como primeiro tzar russo, também fez de si próprio o chefe da Igreja Ortodoxa Russa, como foi reconhecido pelo patriarca de Constantinopla em 1591. O Principado de Moscou só recentemente foi libertado pela destruição do Império Bizantino pelos turcos, e foi deste último que Ivan herdou a idéia de uma "sinfonia da Igreja e do Estado". A diferença era que, em vez de ter um imperador *e* um patriarca – como em Bizâncio –, o próprio Ivan tomou os dois títulos. Essa fusão de funções persistiu com todos os tzares, até Nicolau II; com todos os líderes soviéticos, de Vladimir Lênin e Boris Yeltsin; e ainda vive na Rússia atual de Vladimir Putin.

Ivan IV também foi o primeiro líder da Rússia a estabelecer a sua própria polícia política, a *Oprichnina* ou coorte separada. Criada em 1564 sob a direção pessoal de Ivan, foi usada principalmente para controlar os aristocratas que ameaçavam o seu reino. Essa tradição também prosseguiu, mudando muitas vezes de nome, até a ameaçadoramente familiar KGB (*Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti* ou Comitê de Segurança de Estado) da União Soviética e mais além, a atual FSB (*Federalnaya Sluzhba Bezopasnosti* ou Serviço Federal de Segurança). A polícia política da Rússia sempre foi responsável por manter a ordem na Igreja e no Estado, de acordo com os comandos determinados pelo homem sentado no trono do Kremlin.

Até a Segunda Guerra Mundial, a Rússia era basicamente isolacionista – talvez inescrutável a estrangeiros –, com mais amor por resolver problemas indireta e clandestinamente do que lidando de frente, mas não era considerada uma ameaça pelo resto do mundo. Séculos atrás, os tzares russos não eram particularmente meticulosos acerca de esconder suas mãos

quando realizavam operações de engodo. Seus horizontes políticos terminavam nas fronteiras russas, e eles sabiam que os camponeses russos tinham fé infinita em seu tzar e em sua religião ortodoxa, que aquele representava. No século XIX, por exemplo, Astolphe, Marquês de Custine, escreveu bastante sobre sua viagem à Rússia. Ele se queixou da "destreza em mentir" e da "naturalidade em dissimular" que encontrou em 1839, por exemplo, quando o tzar tentou impressionar o visitante francês com um espetáculo de iluminação no palácio imperial. Essa exibição fora planejada de modo a ocultar o fato de que centenas de espectadores se afogaram quando uma borrasca súbita virou seus barcos. "Ninguém jamais saberá a verdade", escreveu em seu diário, "e os jornais não irão sequer mencionar o desastre – isso incomodaria a tzarina e tornaria o tzar culpado".[14] Ao fim de sua viagem, Custine concluiu: "Tudo na Rússia é engodo".[15]

Foi durante o período que precedeu a Segunda Guerra Mundial que o líder do Kremlin começou a pensar seriamente em dominação mundial e em melhorar a organização e encargos de seu serviço de inteligência estrangeiro. Em qualquer outro lugar do mundo, serviços de inteligência estrangeiros estavam em primeiro lugar dedicados a coletar informação para ajudar seus chefes de Estado a conduzir as relações exteriores, mas na Rússia, e mais tarde por toda a esfera de influência russa, essa atividade sempre foi mais ou menos irrelevante. Aí o objetivo era manipular o futuro, não apenas aprender sobre o passado. Em específico, a idéia é fabricar um novo passado para alvos inimigos, de modo a alterar o modo como o mundo os percebe. Além de mirar governantes ocidentais – em particular dos Estados Unidos, hoje em dia –, o Kremlin veio a compreender as religiões ocidentais como ameaças perigosamente hostis.

Isso nos traz ao título deste livro. Desde a Segunda Guerra Mundial, *desinformação* tem sido a mais eficiente arma do Kremlin em sua guerra contra o Ocidente, especialmente contra a religião ocidental. Josef Stálin inventou essa "ciência" secreta, dando-lhe seu nome à francesa e fingindo que era uma prática imoral do Ocidente. Como este livro mostrará, o Kremlin caluniou em segredo, e com sucesso, prelados católicos de destaque, culminando no Papa Pio XII; quase conseguiu assassinar João Paulo II; inventou a teologia da libertação, uma doutrina

marxista que voltou muitos católicos europeus e latino-americanos contra o Vaticano e os Estados Unidos; promoveu o anti-semitismo e o terrorismo internacional; e inspirou rebeliões anti-americanas no mundo islâmico.

Apesar do desaparecimento do comunismo soviético, *desinformação* e seu aparato internacional camuflado ainda seguem muito bem, obrigado. Continuam a distorcer o modo como milhões de pessoas vêem os Estados Unidos, ainda manipulam a religião – qualquer religião – e desempenham papel importante na promoção do terrorismo internacional de hoje.

Mao Tsé-Tung sentiria orgulho. Ele ficou famoso por dizer que uma mentira repetida cem vezes se torna uma verdade.

1
RECRUTADO PELA *SECURITATE*

Eu tinha apenas 22 anos de idade quando me tornei um agente do imenso bloco da inteligência soviética e de seu maquinário de desinformação, e meu mundo inteiro virou de ponta-cabeça. Até então, tudo que eu desejara na vida era ir para a "América". Esse fora o sonho de toda a vida de meu pai. Ele tinha passado a maior parte de sua carreira administrando o departamento de consertos da afiliada da General Motors em Bucareste, a companhia americana de automóveis, e tinha a firme determinação de um dia pegar a família e emigrar para Detroit, onde tinha parentes. Impedido pela Segunda Guerra Mundial e depois pela ocupação comunista da Romênia, foi forçado a desistir do seu sonho, porém não sem antes me legar seu amor pela América, eu que era seu filho único. No momento em que os Estados Unidos reabriram sua embaixada em Bucareste depois da guerra, tornei-me um de seus entusiasmados visitantes e logo entrei para a Jovens Amigos dos Estados Unidos, uma organização patrocinada pelo governo americano.

Mais ainda, meu melhor amigo na época, um garoto mais velho que era o meu ídolo, já tinha emigrado para os Estados Unidos e me esperava lá. Filho de um engenheiro que tinha sido empregado de uma companhia americana de petróleo na Romênia, ele era meu vizinho ao lado e meu mentor até que deixou a Romênia, um pouquinho antes de começar a Segunda Guerra, para estudar nos Estados Unidos. Então, em outubro de 1944, observei um jovem tenente americano parando para fitar o pedregulho que tinha sido a resistente casa de dois andares da minha família. Fora posta abaixo no dia 4 de abril de 1944, durante o primeiro bombardeio americano de Bucareste. O tenente na verdade era o meu amigo.

– Cadê mamãe? – foi tudo que conseguiu dizer quando viu que sua casa também não existia mais.

– Ela morreu no bombardeio de 4 de abril – eu disse.

Visivelmente chocado, o meu amigo, agora "tenente Bota", disse: "Eu estava com o esquadrão que jogou bombas em Bucareste naquele dia".

Nós nos abraçamos.

– Olha – ele me disse alguns dias depois, quando estava prestes a deixar a Romênia de novo –, tenho um bom lugar onde viver lá na América. Agora será sua casa tanto quanto minha.

Por que, então, acabei na polícia política Romena, a Securitate, em vez de na América?

Dito de forma bastante simples, dei um tiro no pé. Quando concluí o ensino médio, decidi formar-me em engenharia antes de ir para a América. Naquele verão de 1947, quando fui admitido no Instituto Politécnico de Bucareste, o Reino da Romênia tinha um governo de coalizão no qual só uns poucos membros do gabinete eram comunistas e viajar para fora do país era liberado. Poucos meses depois, contudo, os comunistas derrubaram o rei, apossaram-se de todo o governo e fecharam as fronteiras do país.

Em janeiro de 1951, quando a primeira geração de engenheiros e economistas Romenos treinados sob governo comunista estava prestes a se graduar, fui selecionado para ser um agente do portentoso maquinário de inteligência do bloco soviético. Sob um governo comunista, no qual o governo paga toda a sua educação, você realmente não tem chance alguma de escolher seu patrão. O governo decidia onde você teria de trabalhar e ponto final.

Fiquei perturbado. Mas, já que eu não sabia realmente o que "América" significava, não podia apurar as verdadeiras dimensões da minha perda. Na mesma época, eu tampouco sabia de fato o que era a *Securitate*. Ademais, eu estava começando a gozar de certa popularidade entre meus colegas de classe por causa do meu *Ariciul* ("O Porco-Espinho"), uma revista que lancei cheia das caricaturas que eu fazia. Depois de as tropas nazistas terem ocupado a Romênia e transformado a afiliada da General Motors de Bucareste numa unidade militar de

conserto dos carros e caminhões alemães, meu pai abriu sua própria oficina de consertos. Era o único lugar na Romênia que consertava carros americanos, e ele estava indo tão bem, que me comprou um carro como recompensa por ter sido aceito no Instituto Politécnico. Esse carro, um pequeno Peugeot, deu-me uma vantagem frente aos meus outros colegas, porque só outros dois rapazes tinham carro entre os quase 2 mil estudantes da escola de engenharia.

Diz o ditado que, em terra de cego, quem tem um olho é rei. Era isso que eu era na Securitate. Essa organização, criada apenas alguns anos antes, primeiro tinha sido lotada de mineradores recrutados apressadamente e de outros trabalhadores braçais. Eram considerados politicamente confiáveis, mas a maioria deles mal sabia segurar uma caneta. Comparado a eles, eu era um garoto prodígio. Meu pai, que começara a vida como funileiro na loja do seu pai, determinara-se que o seu filho único nunca iria precisar tocar num martelo, de modo que gastou com minha educação cada moeda economizada. Aos nove anos consegui tocar a *Kreutzer Sonata* de Beethoven no meu violino, aos doze eu estava apresentando a *Idée Fixe* de Berlioz nas noites de música que eu organizaria para meus colegas estudantes, e aos dezesseis estava palestrando sobre *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust.

A minha educação não foi, no entanto, o único fator que favoreceu minha carreira no serviço de inteligência. Alguns meses após eu me tornar agente da Securitate, fui chamado pelo meu chefe, Capitão Fănel Lazarovici, e mandado me apresentar imediatamente ao chefe do Diretório de *Cadre* (pessoal) no dia seguinte. O olhar em seu rosto refletia a sua compaixão para comigo. *Cadre* já tinha se tornado uma palavra amedrontadora em todo o país, e se dizia que o chefe do Diretório de *Cadre* da Securitate era puro terror. Pelo menos foi o que eu ouvira meus colegas sussurrar. Com o mero ato de erguer um dedo, diziam, ele podia promovê-lo, rebaixá-lo de cargo ou fazê-lo desaparecer no ar. É claro que não consegui fechar os olhos a noite toda.

Minha blusa pegava-se úmida às minhas costas naquela manhã de abril de 1951, quando bati na porta de mogno com a placa de identificação de *Director de Cadre*. Teriam "eles" sabido das minhas velhas visitas à Embaixada Americana? Ou

sobre a abotoadura com a imagem do rei que eu costumava usar? De maneira discreta, flexionei os músculos do pescoço para ver se ainda estava usando meu colar. Seria coisa culpável a cruz que pendia dele?

Vendo-me no meio de uma sala do tamanho de uma quadra de tênis, fiz-me visível e disse de modo abrupto: "Vida longa, Camarada Coronel! Tenente Ion Mihai Pacepa se apresentando".

– *Chert vosmi!* – a voz atrás da mesa praguejou alto em russo. – Pelos diabos, você já é um homem crescido!

Levei um minuto para me dar conta de que conhecia aquela voz. Aquele buldogue de uniforme sentado atrás da mesa era o filho de um homem que trabalhara com meu pai na concessionária da General Motors em Bucareste. Seu pai era Carol Demeter – como eu poderia esquecer? De 1938, quando Carol Demeter fora preso por atividade comunista, até 1944, quando foi solto pelas tropas soviéticas, meu pai tinha se encarregado pessoalmente de garantir que não faltasse nada à esposa e ao filho do prisioneiro.

– Você se lembra da bofetada que seu pai deu na minha cara? – o coronel perguntou. Seu bigode erguia-se para mim como espinhos de um porco-espinho.

Minha pele se arrepiou. Como eu poderia esquecer? Eu estava com meu pai quando ele finalmente localizou o filho de Demeter, que estivera aprontando com uma gangue de vagabundos e desaparecera de casa algumas semanas antes. A marca que a mão pesada do meu pai deixou na bochecha do adolescente problemático ainda estava retida em minha memória. Meu pai nunca me estapeou. Ele usava palavras, não tapas, para me educar.

– Bom – disse o Coronel Demeter quando finalmente fiz um aceno com a cabeça –, aquele tapa fez de mim um homem. – Ele explicou que, pouco depois daquele tapa, começou a treinar para ser um carpinteiro como o seu pai e então entrou para o Partido Comunista e encontrou seu caminho para a União Soviética. – Agora é a minha vez de retribuir ao seu pai.

Meu pai nunca me ofereceu sequer o mais leve indício de que tivesse falado com o Coronel Demeter sobre mim. Tampouco o Coronel Demeter disse que tivessem se falado, embora pelos

próximos dez anos eu fosse sentir fisicamente a sua mão protetora ao meu redor. Uma única vez, em 1954, quando deixou de lado sua rotina para ver que meu pai era enterrado com grande pompa militar, assumiu ter cuidado de mim. Em seu discurso fúnebre para o meu pai, Demeter, à época um general da Securitate, descansou uma garra enorme em meu ombro e se dirigiu ao caixão: – Descanse em paz. Seu filho está em boas mãos.

Em março de 1953, Stálin morreu de maneira infame, enquanto tentava ficar sóbrio em uma sauna abrasadora depois de uma longa bebedeira com o seu amigo íntimo Nikita Khrushchev. Hoje, poucos russos gostam de admitir que um dia cultuaram Stálin. Tampouco se poderia encontrar muitos admiradores de nazistas na Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial. Mas, no dia 6 de maio de 1953, 4 milhões de pessoas choraram no funeral de Stálin, na Praça Vermelha. Sirenes soaram, sinos dobraram, carros buzinaram e o trabalho cessou em todo o país. Todo o bloco soviético sentiu que uma era da história passava para o esquecimento com esse homem cujo nome fora sinônimo de comunismo.

Nessa época, eu já era um agente de inteligência do bloco soviético. Não tinha, contudo, consciência de que a imagem de um líder soviético era importante a ponto de ir longe quanto fosse necessário – até mesmo ao ponto de matar ou aprisionar milhões de pessoas, reescrever a história, destruir instituições, manipular a religião e modificar tradições – no esforço de beatificar a si próprio ou de demonizar seus competidores e inimigos. Bem pouco depois disso, entretanto, fui designado para o círculo interno do enorme maquinário de *dezinformatsiya* do déspota, o qual era responsável por toda aquela construção de imagem.

O sucessor de Stálin, Nikita Khrushchev, iniciou seu reinado mandando executar todos os líderes da polícia política de Stálin como traidores, de maneira a parecer que condenava os crimes de seu antecessor. Isso se tornara um rito de sucessão na União Soviética. Apenas um dos oito chefes do serviço de segurança de Estado soviético que serviram entre 1917 e 1954 sabe-se que morreu naturalmente – Semen Ignatyev, que desapareceu em

1953, tendo reaparecido em um cargo de província e morrido de causas naturais em 1983.[1] Feliks Dzerzhinsky, o fundador dessa organização, morreu de maneira suspeita de um acesso súbito em 1926, depois de uma discussão com Stálin.[2] Os demais foram ou envenenados (Vyacheslav Menzhinsky em 1934) ou executados como traidores ou espiões (Genrikh Yagoda em 1938, Nikolay Yezhov em 1940, Lavrenty Beriya e Vsevolod Merkulov em 1953 e Viktor Abakumov em 1954).

Para manter-se seguro, Khrushchev também executou seu chefe de espionagem, Vladimir Dekanozov, substituindo-o pelo General Aleksander Sakharovsky, o conselheiro-chefe de inteligência soviética para a Romênia, o qual fora meu chefe *de facto* e mentor na Romênia. Isso me levou ao círculo interno de Khrushchev. Ao longo dos anos seguintes, eu seria empurrado até o topo do serviço de inteligência estrangeiro da Romênia e me envolveria em alguns dos mais importantes projetos de política externa de Krushchev, desde sua brutal repressão da insurreição húngara de 1956 à sua construção do Muro de Berlim e deflagração da crise dos mísseis cubanos.

Muitos anos depois eu olharia para todos esses acontecimentos e para o modo como me carregaram para um outro mundo e puseram fim a qualquer esperança que eu tivesse de trabalhar como engenheiro químico, isso para não falar de me tornar um americano. Contudo, agora que tive sorte o suficiente para me estabelecer no país dos sonhos do meu pai e da minha juventude, vim a entender que o caminho para o qual fui direcionado pode ter sido, pelo menos sob um aspecto, uma bênção disfarçada. Minha carreira em serviço de inteligência acabou me permitindo conhecimentos únicos de um sistema de governo que mudou o curso da história. De fato, por ser a Romênia um país relativamente pequeno, acredito que eu, como seu mais alto funcionário de inteligência, muito provavelmente tinha uma imagem mais clara de como o Kremlin e sua *dezinformatsiya* de fato funcionavam do que todos os demais, excetuados os integrantes do centro do círculo soviético.

2
O VERDADEIRO SIGNIFICADO DE *GLASNOST*

Um salto para janeiro de 1972. O tirano romeno Nicolae Ceauşescu retornou do Kremlin mais animado do que eu jamais o vira. – Você vai para Moscou – ele me disse no aeroporto, estendendo quatro dedos débeis na minha direção. – Estamos arranjando uma grande *glasnost*. – Logo descobri que Ceauşescu tinha passado toda a sua viagem a Moscou conversando sobre estratégias de relações públicas com o líder soviético Leonid Brezhnev e seu chefe da KGB, Yuri Andropov. Os dois soviéticos acreditavam que o Ocidente tinha alcançado o ponto histórico em que estava ansioso para encorajar o mais mínimo sinal de degelo em um líder comunista. Para testar essa conclusão, eles queriam construir a imagem de Ceauşescu e fazê-lo um grande sucesso de bilheteria no Ocidente, como um ensaio preparatório ao lançamento do mesmo truque com o homem do Kremlin.

Você provavelmente acha que Mikhail Gorbachev inventou o conceito de *glasnost* para descrever seu esforço de levar a União Soviética "para longe do estado totalitário e em direção à democracia, à liberdade, à abertura", como ele escreveu.[1] Se for o caso, você não está sozinho. Toda a mídia e a maioria dos "especialistas", mesmo nos órgãos de Defesa ocidentais, também acreditam nisso – bem como o comitê que deu um Prêmio Nobel da Paz a Gorbachev. Mesmo a respeitável *Enciclopédia Britânica* define *glasnost* como "política soviética de discussão livre de questões políticas e sociais. Foi instituída por Mikhail Gorbachev no fim dos anos 1980 e deu início à democratização da União Soviética".[2] O dicionário *Merriam-Webster* concorda.[3] E o *American Heritage Dictionary* define *glasnost* como "uma política oficial do antigo governo soviético a enfatizar compreensão para com o debate de problemas e deficiências sociais".[4]

Mas a verdade é que *glasnost* é um velho termo russo para o ato de polir a imagem do governante. Originalmente, significa, de maneira literal, *fazer publicidade*, isto é, autopromoção. Desde Ivan O Terrível no século XVI, o primeiro governante a se tornar Tzar de Todas as Rússias, todos os líderes desse país valeram-se de *glasnost* para se promover dentro e fora do país.

Em meados dos anos 1930 – meio século antes da *glasnost* de Gorbachev –, a enciclopédia oficial soviética definia *glasnost* como uma deturpação de notícias lançadas ao público: "*Dostupnost obshchestvennomy obsuzhdeniyu, kontrolyu; publichnost*", o que significa: "a característica de ter se tornado acessível à discussão pública ou manipulação".[5]

Assim, desde os tempos em que eu ainda era membro da comunidade da KGB, *glasnost* era vista como uma ferramenta da magia negra da *dezinformatsiya* e era usada para santificar o líder do país. Para os comunistas, só o líder importava. Utilizavam a *glasnost* para santificar o seu líder e para induzir hordas de esquerdistas ocidentais a acreditar nessa fraude.

Glasnost é um dos segredos mais secretos do Kremlin e certamente uma das principais razões para manter os arquivos da inteligência estrangeira da KGB ainda hermeticamente fechados. A Guerra Fria acabou, mas as operações de *glasnost* do Kremlin parecem ainda estar em voga. Em agosto de 1999, apenas dias após Vladimir Putin ter sido escolhido Primeiro Ministro da Rússia, o maquinário de *dezinformatsiya* da KGB, capitalizando o fato de que ele passara muitos anos na Alemanha, começou a retratá-lo como um líder europeizado. (As reportagens bajulatórias deixavam de mencionar que ele tinha sido designado para a Alemanha *Oriental*, um satélite soviético na época.). No mesmo ano, fui com minha esposa – uma escritora americana e especialista em serviço de inteligência – visitar Leipzig e Dresden e passear pelos prédios ameaçadores que abrigaram a sede da *Stasi* (a polícia política da Alemanha Oriental comunista) onde Putin de fato passara seus anos "europeus". Soubemos que a Casa da Amizade Germano-Soviética local – chefiada por Putin durante seis anos – fora na verdade uma organização de fachada da KGB e que os agentes de inteligência disfarçados que a administravam tinham simplesmente trabalhado fora dos escritórios operacionais das sedes da *Stasi* de Leipzig e Dresden. Até sentamos na cadeira de Putin, agora peça de museu.

Aqueles prédios da *Stasi* similares a prisões tinham sido apartados até da vida normal e sem graça da Alemanha Oriental por guardas da *Stasi* brandindo armas de fogo e flanqueados por cães de polícia. Contudo, até hoje, o Kremlin sugere de maneira reverente que a experiência de Putin na Alemanha foi similar à de Pedro O Grande, permitindo-lhe absorver o melhor da cultura européia.

Ao fim da reunião de cúpula sediada em 2001 na Eslovênia, o presidente George W. Bush disse: – Olhei este homem [Putin] nos olhos. Achei-o muito sincero e confiável. – Infelizmente, até o presidente Bush foi enganado pela *glasnost*. Putin consolidou a Rússia como uma ditadura de serviço de inteligência, não uma democracia. Em 2003, mais de 6 mil ex-agentes da KGB, que haviam enquadrado milhões de pessoas como espiões sionistas e atirado nelas, estavam administrando os governos locais e federal da Rússia. Quase metade dos mais altos cargos de governo era ocupada por ex-agentes da KGB.[6] Seria como democratizar a Alemanha Nazista tendo a Gestapo como guia.

Em 12 de fevereiro de 2014, Putin declarou que a morte da União Soviética fora "uma tragédia nacional de enorme escala".[7] No entanto, a maior parte do mundo ainda o vê como um Pedro O Grande moderno. Esse é o poder secreto da *glasnost*.

– Um homem como eu só nasce a cada 500 anos – Ceaușescu declararia, repetidas vezes, depois de 1972. Era a sua *glasnost* e, infelizmente, eu estava profundamente envolvido nela.

Àqueles que não se lembram de Ceaușescu, permitam-me dizer que ele era mais ou menos uma versão romena do atual presidente russo, Vladimir Putin – um boneco de ventríloquo que se transformara em presidente sem ter tido nenhum emprego produtivo, que não fazia idéia de como o mundo de verdade funcionava e que acreditava que mentir para o mundo e matar seus críticos eram as varinhas de condão que o manteriam no poder. Tal como Putin, Ceaușescu tinha supervisionado a organização da polícia política do seu país antes de se tornar presidente. Por trás dos panos, Ceaușescu, assim como Putin, usava seu maquinário de inteligência para manipular partidos políticos como meio de poder. Assim como Putin, esforçou-se para

tirar o foco de atenção de seu passado humilde e inexpressivo tornando realidade os seus sonhos imperiais. E, claro, ambos ascenderam ao trono com a ambição secreta de ocupá-lo por toda a vida.

Após receber minhas ordens em 1972, uma semana depois fui parar em Moscou. O chefe da KGB Andropov cumprimentou-me indo direto ao ponto: – A única coisa com que o Ocidente se importa é o nosso líder. – Ele era conhecido por não gastar saliva com papo furado introdutório. – Quando mais *o* amarem, mais *nos* amarão – ele disse. Fazer os imperialistas acreditarem que os nossos líderes *os* admiravam era a *glasnost* mais eficaz no momento. Era simples assim, e funcionava, ele me disse. A KGB já tinha obtido grande sucesso em fazer com que alguns indivíduos no Ocidente admirassem – e mesmo amassem – "o Camarada" (primeiro Stálin, em seguida Khrushchev).

O escritório escuro, cavernoso de Andropov respirava segredo por cada centímetro de suas paredes grossas, do mesmo modo que a sua nova *glasnost*. As persianas de veludo da janela estavam fechadas e a única luz vinha das chamas tremulantes da lareira. Os dedos ascéticos do chefe pareciam frios e úmidos quando ele apertou minha mão. Ele se sentou em uma cadeira ao lado da mesa, de frente para o calor da lareira, e não na cabeceira, como o protocolo da burocracia soviética requeria. Sua doença de rim havia piorado e ele precisava se manter aquecido para evitar ir muito ao banheiro durante uma reunião.

– Deixe que os tolos crédulos acreditem que você quer perfumar o seu comunismo com um pouquinho de democracia ocidental, e eles irão cobri-lo de ouro – Andropov disse. A criação da imagem do "novo Ceauşescu" deveria ser plantada como sementes de ópio – paciente, mas tenazmente, uma por uma. Deveríamos regar nossas sementes dia após dia até que dessem fruto. Deveríamos prometer que mais abertura e ocidentalização viriam, caso o Ocidente ajudasse o nosso novo e "moderado" Ceauşescu a derrotar os seus adversários domésticos da "linha dura".

Umas duas horas depois, o chefe da KGB concluiu nossa reunião de maneira tão abrupta quanto a havia começado: – Aposto com você que o Ocidente irá engolir isso.

Quando saí da Lubyanka (a sede da KGB), levava comigo um plano desonesto de *glasnost* para a reconstrução da imagem do governante. Ceauşescu o seguiu à risca. Ele rebatizou a Grande Assembléia Nacional, a versão romena do Soviete Supremo, de "Parlamento", acrescentou-lhe uns poucos líderes religiosos e a declarou o corpo de governo do país. Evidentemente, permaneceu a mesma organização para carimbo de aprovação a medidas do governo. Em seguida, Ceauşescu pediu publicamente ao Partido Comunista que diminuísse sua influência na administração e na economia do país. Foi outro truque inspirado de *glasnost*. Então Ceauşescu organizou uma descentralização econômica simulada, instituiu candidatura dual para eleições locais e anunciou uma campanha contra corrupção e embriaguez.

Feito isto, Ceauşescu criou o cargo nacional de "presidente", dotou-o de amplos poderes de governo e concedeu a si próprio o posto.

Para impressionar os religiosos, Ceauşescu chegou a marchar atrás de um metropolita da igreja e de um punhado de padres no funeral do seu pai. Por fim, desenvolveu a especialidade de contar piadas anti-soviéticas.

Funcionou como um feitiço. Bucareste se tornou uma Meca da Europa Oriental, cheia até a borda de jornalistas e políticos ocidentais ansiosos para olhar de perto o homem que ousara tornar o comunismo algo melhor. Nascia uma celebridade.

Empresários ocidentais se apressaram para Bucareste, na esperança de conseguir uma fatia da *nova* Romênia. Claro, a maioria deles tinha sido ludibriada por meus agentes disfarçados do DIE (serviço de inteligência estrangeiro da Romênia), que moveram todos os esforços para regalá-los durante sua estadia. Gradualmente, meus agentes disfarçados se tornaram especialistas em "recompensar" os visitantes "amigáveis" arranjando-lhes entrevistas com Ceauşescu, convidando-os para lautos banquetes nos pitorescos mosteiros romenos, farreando com eles em festas que viravam a noite e conseguindo-lhes namoradas condescendentes. Ou até mesmo envolvendo-os em negócios rentáveis.

Hoje, ninguém se lembra de que Ceauşescu um dia foi o queridinho de Washington. A memória política contemporânea parece cada vez mais sofrer um tipo conveniente de mal de

Alzheimer. Mas dois presidentes americanos foram a Bucareste honrar Ceauşescu, quando jamais um presidente fora lá antes. Para fechar tudo com chave de ouro, meu mestre e senhor iniciou uma viagem oficial pelo mundo livre para vender sua imagem – Estados Unidos, Japão, França, Itália, o Vaticano, Finlândia, Alemanha Ocidental, Espanha, Portugal, Egito, Jordânia e as Filipinas, para mencionar apenas alguns de seus anfitriões.

Em todas essas viagens, Ceauşescu me manteve como seu braço direito. Ele agora acreditava religiosamente que *glasnost*, e não a ideologia marxista, era a varinha de condão que tornaria suas ambições realidade.

Em 1978, acompanhei Ceauşescu em sua quarta e mais triunfante viagem a Washington, e eu estava próximo dele quando deu um passeio histórico com a Rainha Elizabeth, em Londres, na carruagem real britânica. Poucos hoje se lembram disso, mas uma torrente contínua de manchetes sobre a Romênia surgiu nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Europa Ocidental à época, enaltecendo o novo "comunismo ocidentalizado" de Ceauşescu. O tirano era retratado como uma nova geração de governante comunista, uma com a qual o Ocidente poderia negociar. A Romênia parecia um país normal – um lugar onde as pessoas podiam criticar o governo, visitar mosteiros, ouvir sinfonias ocidentais, ler livros estrangeiros e até apontar para a elegante Primeira Dama.

Também fomos muito bem-sucedidos em encher os meios de comunicação ocidentais com a imagem de Ceauşescu. A verdade é que os meios de comunicação ocidentais eram manipulados com muita facilidade, pois freqüentemente construíam suas notícias a partir de *press releases* e tendiam, em geral, a serem descuidados com relação à natureza e confiabilidade de suas fontes. Nossa informação caía muito bem no clima geral de aceitação de Ceauşescu pelo Ocidente como um comunista ocidentalizado. Para os ocidentais, sua posição geralmente parecia uma brecha histórica e plausível na Cortina de Ferro, e quase ninguém ia para as ruas checar os fatos e nos contradizer.

Em 1982, Yuri Andropov, o pai da era de *dezinformatsiya* soviética moderna, tornou-se ele próprio o governante da União Soviética, e *glasnost* se tornou também uma política externa soviética. Tão logo estabelecido no Kremlin, o ex-chefe da KGB

esforçou-se para se apresentar ao Ocidente como comunista "moderado" e homem sensível, caloroso, voltado para o Ocidente, que supostamente gostava de um *drink* ocasional de uísque, lia romances ingleses e amava ouvir Beethoven e *jazz* americano. Na verdade, Andropov não bebia nada, pois já estava na fase final de uma doença de rins. O resto do retrato era igualmente falso – como bem sei, tendo conhecido muito bem Andropov. Quanto ao "moderado", qualquer chefe da KGB tinha necessariamente as mãos cobertas de sangue.

No curto espaço de tempo que lhe restava, o cínico Andropov dedicou sua atenção a projetar sua nova imagem e a promover seu protegido, um jovem profissional comunista, vigoroso e insensível, que estava ocupado burilando a mesma imagem moderada para si próprio – Mikhail Gorbachev.

Gorbachev se apresentou ao Ocidente exatamente como Andropov o fez: um homem culturalmente sofisticado e aficionado por ópera ocidental e *jazz*. O Kremlin sempre soube que essa imagem exerce particular feitiço sobre o crédulo Ocidente.

Acredita-se que Gorbachev fora recrutado pela KGB no começo dos anos 1950 quando estudava Direito na Universidade de Moscou, onde espionava seus colegas estrangeiros.[7] Enquanto os arquivos da KGB permanecerem selados, não poderemos saber mais detalhes sobre esses anos da vida de Gorbachev. Mas sabemos que após concluir a faculdade ele entrou para a Lubyanka, a sede da defesa de Estado,[8] onde se viu sob influência de Andropov. Ambos começaram suas carreiras em Stavropol. Andropov conseguiu apontar Gorbachev para o Politburo Soviético, e um biógrafo de Gorbachev chega a descrevê-lo como o "príncipe coroado" de Andropov.[9]

Enquanto isso, a admiração do Ocidente pela *glasnost* de Ceaușescu ganhou tal vida própria, que não podia ser detida. Numa carta datada de 27 de janeiro de 1983, escrita para Ceaușescu por ocasião de seu aniversário, o presidente Richard Nixon, a quem eu já tinha informado sobre a *glasnost* de Ceaușescu depois que desertei para os Estados Unidos, transbordava:

> Desde que nos encontramos pela primeira vez e conversamos em 1967, vi você crescer em estatura como chefe de Estado. O seu vigor, a sua obstinação, a sua inteligência aguda – e especialmente a sua capacidade de agir habilmente tanto interna como externamente –

> colocam-no na primeira linha dos líderes mundiais... Aos 65 anos a maioria das pessoas está pronta para se aposentar, mas para muitos dos maiores líderes os anos mais produtivos e satisfatórios ainda estão para vir. Estou certo de que os seus melhores momentos virão na sua segunda década como presidente, na medida em que continue a seguir o rumo ousado, independente, que estabeleceu para o seu povo.[10]

O falecido Secretário de Estado Lawrence Eagleburger, por cujo anticomunismo convicto tenho alta estima, disse-me em 1988 que Ceauşescu "pode ser louco em relação ao seu próprio povo, mas pode acreditar, general, será ele quem irá quebrar o bloco soviético". Poucos meses depois, contudo, Ceauşescu foi executado pelo seu próprio povo ao fim de um julgamento no qual as acusações vieram quase palavra por palavra do meu livro *Horizontes vermelhos: a verdadeira história dos crimes, estilo de vida e corrupção de Nicolae e Elena Ceauşescu.*

Naquela época, no entanto, Washington e o Ocidente haviam mudado de simpatias. Agora era o homem do Kremlin, Mikhail Gorbachev, que era visto como um nascente democrata e vendido como um visionário político. Mais uma vez, a mídia ocidental parecia engolir a sua própria propaganda. A retórica de Gorbachev sobre combinar "valores comunistas" com "democracia ocidental introduzida desde cima" e "economia de livre mercado centralizada" cativou o mundo. Pilhas do livro *Perestroika: novo pensamento para o nosso país e o mundo* tomaram o lugar das memórias de Ceauşescu nas vitrines de livrarias.

Era coisa demais para as pessoas conseguirem guardar na memória.

Em dezembro de 1987, quando Mikhail Gorbachev foi a Washington, tive a sensação esquisita de *déjà vu* ao assistir à reencenação da última visita oficial de Ceauşescu aos Estados Unidos em abril de 1978. Eu havia preparado e dirigido aquela visita e, durante a sua encenação propriamente dita, também acompanhara Ceauşescu.

Para mim, os dois líderes comunistas eram formidavelmente semelhantes tanto em aparência como em atos. Ambos eram de baixa estatura – como a maioria dos ditadores. Ambos trouxeram seus chefes de inteligência estrangeira consigo – como faz a maioria dos governantes comunistas. Ambos se gabavam de sua

história e cultura nacionais, recitando poemas de famosos escritores de seus países. Ambos eram tidos por fãs de filmes americanos. Ambos caminharam por Washington com passo firme e braços a balançar, portando sorriso bem aberto no rosto e idênticos ternos italianos de corte conservador, impecável em seus corpos atarracados. Ambos escolheram vestir roupa de passeio no jantar de traje a rigor na Casa Branca – Ceauşescu sempre dizia que traje a rigor era o símbolo máximo da decadência capitalista, uma opinião que me causou muita dor de cabeça com protocolo ao longo de suas visitas.

Tanto Gorbachev quanto Ceauşescu acolhiam toda e qualquer oportunidade para foto nos Estados Unidos, claramente a indicar que consideravam a mídia americana o meio mais eficiente de cultivar a sua imagem internacional. A chegada de Gorbachev foi precedida de uma entrevista para a NBC, assim como a de Ceauşescu o tinha sido por uma para os jornais de Hearst. Ambos se valeram publicamente de Washington para reafirmar sua devoção ao marxismo, embora ambos tivessem de reconhecer que seus sistemas comunistas passavam por graves problemas. (Tradução: mandem dinheiro.). E ambos não tinham vergonha de fazer o Ocidente saber de sua determinação de permanecer no poder até o fim de suas vidas.

Depois de cerimônias formais, assinatura oficial de documentos e a indispensável troca de jantares lautos, Gorbachev mais uma vez trilhou os passos de Ceauşescu, lançando seu feitiço sobre membros do Congresso e empresários americanos de destaque. Ambos os grupos freqüentemente foram úteis a déspotas estrangeiros.

Tanto Gorbachev quanto Ceauşescu vieram a Washington acompanhados de suas esposas, em ambos os casos um ato diplomático então inédito. Ambas as primeiras damas eram elogiadas como intelectuais por seus méritos. Em Washington, os romenos divulgaram um estudo científico de Elena Ceauşescu – que na verdade tinha por *ghost writer* o meu DIE. Os soviéticos promoveram divulgação da tese universitária de Raisa Gorbachev, chegando até a publicar excertos na imprensa americana. Em sua quarta visita a Washington, Elena Ceauşescu pediu-me que lhe conseguisse um título acadêmico americano. Não foi fácil, mas consegui providenciar uma cerimônia na Blair House

para fazê-la membro honorário da Academia de Ciência de Illinois. Raisa Gorbachev retornou aos Estados Unidos em 1990 e foi honrada com uma graduação do Wellesley College amplamente noticiada.

Próximo ao fim de suas visitas, ambos os líderes do bloco oriental tiveram um gostinho da democracia americana em ação. Ceauşescu teve de encarar os milhares de emigrados romenos e húngaros que cercaram sua residência no Waldorf Astoria Hotel em Nova Iorque, chamando-o de "Drácula" por suas políticas domésticas ultramarxistas. Gorbachev teve de lidar com uma grande manifestação que cobrava o direito de os judeus emigrarem da União Soviética. Essas confrontações fizeram momentaneamente com que ambos os líderes comunistas deixassem suas máscaras risonhas caírem, permitindo um vislumbre de seus dentes de aço. Ao fim, contudo, ambos recuperaram a simpatia do público americano fazendo seus batedores pararem e mergulhando impulsivamente na multidão para dar apertos de mão.

Em retrospecto, é fácil perceber que tudo isso era produto de sofisticados especialistas em *dezinformatsiya* e de equipes de relações públicas, a empregar todas as suas seguras e enganadoras técnicas de enquadramento.

À época, entretanto, ambos os líderes eram tidos como pragmatistas modernos que mereciam ser apoiados. De fato, em muitos círculos acadêmicos e diplomáticos se acreditava que eles realmente estavam – e em profundidade – do lado da América. Argumenta-se que eles necessitavam do apoio dos Estados Unidos para batalhas difíceis e iminentes com os "linha dura" de seus países.

Não quero dizer que o poderoso Gorbachev estivesse necessariamente tentando copiar Ceauşescu palavra por palavra e passo por passo, mas o estrondoso sucesso de Andropov como diretor de cena de Ceauşescu certamente era para Gorbachev algo a ser considerado. Parece particularmente significante que Gorbachev, poucas semanas após seu retorno da viagem de 1987 a Washington para casa, discretamente tenha premiado Ceauşescu com a Ordem de Lênin, a mais alta condecoração do bloco soviético, apesar das marcantes diferenças públicas entre os dois homens. Até onde sei, Ceauşescu foi o único líder do Leste Europeu a quem Gorbachev deu condecoração tão alta.

Notei uma única diferença fundamental entre as estratégias de Gorbachev e Ceauşescu para adular o Ocidente. Três meses após Ceauşescu deixar Washington, o chefe em exercício de seu serviço de inteligência estrangeiro – este que lhes escreve – recebeu asilo político nos Estados Unidos.

Esse acontecimento sacudiu a máscara risonha que Ceauşescu usara em Washington e permitiu que as mais secretas obras de sua máquina *glasnost* de mentiras fossem postas sobre a mesa, à vista de todos. Do círculo mais próximo de Gorbachev, ninguém havia ainda trazido para fora a verdade sobre os métodos de governo do último monarca soviético e sobre a sua ainda admirada *glasnost*.

No começo de 2001, Gorbachev ainda declarava publicamente que a sua *glasnost* (pela qual ganhou um Prêmio Nobel da Paz e foi escolhido "Homem da Década" pela revista *Time*) estava "levando o país para longe do estado totalitário e em direção à democracia, à liberdade, à abertura".[11] Em março de 2002, contudo, a ex-primeira ministra britânica Margaret Thatcher, que notavelmente apoiara a *glasnost* na década de 1980, lançara a primeira dúvida sobre Gorbachev. Ela admitiu que "o papel de Mikhail Gorbachev, que fracassou completamente em seu objetivo declarado de salvar o comunismo e a União Soviética, foi absurdamente mal compreendido".[12]

3
PASSANDO PARA O LADO DOS ESTADOS UNIDOS

Glasnost realmente significa mentir, e mentir é o primeiro passo para roubar e matar. No dia memorável de 22 de julho de 1978, o presidente romeno Nicolae Ceauşescu sussurrou no meu ouvido: – Que-quero Noel mor-mor-morto. – Ceauşescu gaguejava tanto quando estava nervoso como quando estava empolgado. – Você não precisa me dar sa-sa-satisfações disso depois – acrescentou. – Ficarei sabendo através da mí-mí-mídia o-o-ocidental quando ele morrer.

Noel Bernard era o diretor do programa romeno da Rádio Europa Livre e ao longo de anos sujara o cuidadosamente construído culto à personalidade de Ceauşescu.

Ceauşescu prosseguiu: – E uns poucos dias depois exploda todo aquele ninho de ve-ve-vespa. – O "ninho de vespa" era a sede em Munique da Rádio Europa Livre. – Com uma maleta de "Se-Se-Semtex" – especificou habilmente, referindo-se a um explosivo que fora desenvolvido na Checoslováquia comunista para ser usado em terrorismo internacional. – Precisamos da-da-dar um basta naquela me-me-merda toda.

Ao longo de todos aqueles 27 anos que passei na comunidade de inteligência do bloco soviético, vivi com o pesadelo de que, cedo ou tarde, ordens para matar alguém viriam parar na minha mesa. Em 1951, quando me tornei um agente de inteligência da rede da KGB, jurei para mim mesmo que evitaria envolvimento com operações que pudessem levar à morte de alguém. Posso ter feito um monte de coisas condenáveis durante aqueles anos, mas mantive a promessa. Até aquele momento eu permanecera a salvo, já que o General Nicolae Doicaru, que por longo tempo fora chefe do serviço de inteligência estrangeiro da Romênia, o DIE, estava à frente das "operações molhadas",

termo do jargão da KGB para designar assassinato e seqüestro de adversários políticos.

No mês de junho que passara, contudo, Ceauşescu me escolhera chefe de sua Casa Presidencial, um novo cargo, e assim não havia como eu evitar maior envolvimento em assassinatos políticos, os quais haviam se tornado um instrumento central de política externa em todo o bloco soviético.

O cargo de chefe da Casa Presidencial era essencialmente o mesmo que o cargo de chefe de gabinete na Casa Branca. Ceauşescu criara esse cargo em abril de 1978, depois de sua visita triunfante a Washington – na qual eu o acompanhara –, mas nele incluíra o trato diário com os serviços de inteligência romenos. Era como ser ao mesmo tempo chefe de gabinete da Casa Branca, conselheiro de Defesa, diretor da CIA e diretor do Departamento de Segurança Nacional.

Desde 1972, quando ascendi ao sacrário mais velado do bloco soviético, vim a perceber que cedo ou tarde eu teria de criar coragem e romper com aquela sociedade maléfica, a qual eu estava certo de que afinal ou entraria em colapso silenciosamente ou levaria a um cataclismo mundial. Dar o passo físico, todavia, mostrou-se muito mais difícil que o mental.

Privilégio pode gerar covardia, como ocorreu no meu caso. Governantes comunistas sempre foram muito generosos com seus chefes de espionagem – isto é, até se cansarem deles e os matarem. Não me foi fácil renunciar à minha vida exorbitantemente luxuosa no topo da sociedade romena, à minha casa de campo em Bucareste, com sua piscina e sauna, à minha frota de carros e motoristas, à minha casa de verão no Mar Negro e aos meus chalés de caça nos Cárpatos. "Desertor" – o nome que o governo americano dava ao agente do bloco soviético que escolhia a liberdade do Ocidente – também era como um grilhão em meus tornozelos, pois a palavra se situava ameaçadoramente próxima da palavra "traidor".

A possibilidade de me envolver em assassinatos políticos foi a gota d'água que finalmente rompeu a barragem da minha indecisão. Em 23 de julho de 1978, um domingo, peguei um vôo para Bonn, onde eu tinha de entregar uma mensagem de Ceauşescu ao chanceler alemão ocidental, Helmut Schmidt. O governante soviético Leonid Brezhnev pedira que Ceauşescu o ajudasse a

roubar a tecnologia e os desenhos de projeto de um avião militar VTOL (decolagem e aterrissagem verticais) que tinha sido desenvolvido pela Fokker A.G., a principal fabricante de aviões da Alemanha Ocidental. O Kremlin acreditava que usando o "independente" Ceauşescu para articular um empreendimento cooperativo com a Fokker para criar um avião civil (Fokker-614) propiciaria o melhor acesso para roubar a tecnologia VTOL. O chanceler alemão, contudo, mostrara relutância em aprovar o empreendimento, com razão temendo que as tecnologias militares secretas envolvidas pudessem acabar em Moscou.

– Apenas garanta que essa caveira alemã estúpida fique convicta de que Moscou nunca verá sequer um "i" de nada – instruiu-me Ceauşescu, após terminar de ditar sua mensagem para o chanceler da Alemanha Ocidental. – Prometa-lhe qualquer coisa que ele quiser.

Naquele domingo, a música foi desligada repentinamente em meu vôo TAROM para Viena, onde eu pegaria um avião austríaco para prosseguir com o resto da minha viagem. Uma voz de mulher interviu com o anúncio pouco nítido, em romeno e alemão: "Senhoras e senhores, nosso avião irá aterrissar no Aeroporto de Schwechat dentro de poucos minutos. O Capitão Georgescu e sua tripulação desejam-lhe uma estadia agradável e esperam que vocês voem pela TAROM novamente".

A porta do avião mal tinha se aberto quando o embaixador romeno em Viena, Dumitru Aninoiu, cuja esposa era uma agente disfarçada do DIE, saltou a bordo. – Bem-vindo a Viena, camarada secretário de Estado – saudou-me em voz alta, usando meu título de fachada, à medida que se esticava para pegar minha maleta. – Vamos almoçar juntos.

À medida que íamos para o salão VIP do aeroporto, dei uma olhadela final por cima dos ombros para o avião branco BAC 1-11, com a bandeira romena pintada em sua calda. Eu sabia que tinha voado pela TAROM pela última vez.

Dois dias depois, um táxi preto me deixou em frente à embaixada dos Estados Unidos em Bonn. À medida que saltava para o meio-fio, eu podia ouvir o meu coração esmurrando

meus ouvidos. Parecia que minha boca havia sido congelada a seco, embora as palmas de minhas mãos estivessem incomumente úmidas. Com poucos passos rápidos, cruzei o portão e entrei.

O salão de espera para o público em geral era pequeno, mas estava cheio. Uma mulher escultural apertada dentro de uma calça caqui de safári e ornada com alguns quilos de jóias de ouro, que por acaso estava se inclinando contra a parede próxima à porta, de repente parou de falar quando entrei. Ela me avaliou de cima a baixo demoradamente, assim como o fez seu companheiro, um homem baixo, atarracado, vestido num terno de seda cinza claro mal talhado para o seu corpo. Algumas das outras pessoas também se viraram para me olhar. Até o burocrata à moda antiga sentado atrás de um guichê similar ao de um bancário, com as mangas de seu casaco cobertas por munhequeiras, ergueu os olhos para me espiar. Em resumo, o salão inteiro parecia estar me olhando.

Evidentemente, eu sabia que era normal que em uma sala de espera cheia cada nova pessoa a chegar fosse cuidadosamente observada. Naquele dia, contudo, não conseguia pensar no que poderia ou não ser normal.

Aproximei-me do oficial da Marinha, que estava parado como uma estátua, pés separados e braços cruzados sobre o peito, protegendo a única porta que levava para dentro da embaixada, e lhe falei, baixando minha voz o máximo que pude:
– Sou um general de inteligência do bloco soviético de duas estrelas e quero desertar para os Estados Unidos.

Tornei-me um homem livre em 27 de julho de 1978. Devido à minha posição extremamente elevada no bloco soviético, só o presidente dos Estados Unidos podia aprovar meu pedido de asilo político. Assim, Pete, o agente da CIA com quem falei na embaixada, marcou outro encontro comigo às 22h três dias depois no Dom-Hotel, em Colônia. Foram dias longos.

Quando cheguei ao Dom-Hotel naquela fatídica noite de quarta-feira, a primeira coisa que fiz foi procurar o banheiro masculino. Quando abri a porta, vi Pete lá dentro. Evidentemente, minha bioquímica não era lá coisa única no mundo.

Por um momento Pete pareceu sem jeito. Então tirou um envelope do bolso no seu peito e me entregou. Continha um telegrama assinado por Stansfield Turner, o diretor da CIA, afirmando que o presidente Jimmy Carter me garantia asilo político, proteção e ajuda para começar uma nova vida na América. Também dizia que um avião da CIA enviado de Washington estava à minha espera na Base Aérea de Rhein-Main.

Ler e reler aquele telegrama me deu uma tremenda sensação de alívio. Nem mesmo em sonhos, contudo, eu imaginaria que iria me tornar um homem livre dentro de um banheiro.

Passava da meia-noite quando nosso comboio de quatro carros buzinou à frente do portão da Base Aérea americana em Rhein-Main. Fiquei positivamente surpreso ao ver que havia uma pilha de roupas para mim no avião, já que tudo que eu tinha comigo era a blusa e as calças que estava vestindo.

Ao longo de todos aqueles anos de tormento na Romênia, as únicas coisas de que eu tinha certeza eram que eu não morreria sob o comunismo e que, não importava o quanto eu houvesse subido a escada comunista, eu começaria minha nova vida na América sem quaisquer estorvos advindos do meu passado. Foi por isso que, quando saí do meu quarto no Intercontinental Hotel em Colônia para embarcar no avião da CIA, as únicas coisas que levei comigo foram meu passaporte; minhas anotações pessoais; uma câmera que continha algumas fotografias da minha filha, Dana; e um relógio de pulso com a assinatura do Rei Hussein da Jordânia em seu mostrador, que eu há pouco ganhara do rei por – tal como ele disse – salvar-lhe a vida de uma tentativa de assassinato organizada por Yasser Arafat, líder da Organização para a Libertação da Palestina (PLO).

Depois do jantar ter sido servido, Pete viu que era hora de parar um pouco. – Vamos tirar umas horas de sono – sugeriu, levando-me ao quarto do avião. Pete tirou um par de pijamas e um *kit* de viagem de dentro de sua bagagem. Momentos depois, ele colocou a bagagem de volta no lugar e, ainda vestido, meteu-se ruidosamente debaixo do cobertor que cobria sua cama. O cansaço de Pete deve ter sido menos opressivo que o seu embaraço ao perceber que eu não tinha pijamas nem escova de dente. Minutos depois, Pete estava roncando.

É claro que eu também estava exausto e mal conseguia acreditar que tudo tinha acabado. Ao longo de toda aquela quinta-feira, tentei parecer como se estivesse pronto para uma rotineira viagem de volta a Bucareste, não para a viagem de uma vida inteira. Eu tinha passado a manhã na "bolha" com proteção acústica na embaixada romena, na companhia do chefe de estação da DIE, General Stefan Constantin. Ao meio-dia, encontrei-me de novo com o ministro de chancelaria Hens-Jürgen Wischnewski na *Bundeskanzleramt* [Chancelaria Federal], em Bonn, para receber a resposta do chanceler Schmidt à mensagem de Ceauşescu. Pelo brilho dos seus olhos e pelo seu aperto de mão caloroso, compreendi que ele devia ter percebido a minha decisão, o que me alegrou bastante – eu punha imensa confiança naquele homem, que era um buldogue.

Depois voei para Bremen, onde tive uma reunião com representantes de Fokker, e à noite estava de volta a Colônia para encontrar Frederick W. Smith, fundador e presidente da companhia americana de navegação Federal Express, que queria comprar 100 aviões comerciais Fokker-614, os quais seriam produzidos na Romênia em cooperação com a Fokker. Em seguida fui ao jantar oficial que me fizera o embaixador romeno, Ion Morega, nos salões da embaixada, jantar no qual até contei algumas piadas.

Agora, até eu caíra na cama. Não que eu esperasse fechar os olhos. Só Deus sabe o quanto eu estava agitado. Meus pensamentos se voltavam para o que em breve ocorreria na Romênia. Lembrei-me do que havia acontecido alguns meses antes, quando informei Ceauşescu de que o General Nicolae Militaru, comandante das tropas de Bucareste, se encontrava no momento em processo de recrutamento pela inteligência soviética. Ao ouvir, Ceauşescu rasgou sua própria blusa. Ele se isolou com sua esposa na casa de verão em Neptun, cercou o lugar com um cordão de veículos blindados e tropas de segurança e desafogou sua raiva em seu Ministro de Interior e em mim.

Os cargos que eu ocupava no governo romeno eram infinitamente mais altos que o do General Militaru, e percebi de repente um sorriso malicioso se esticando em meus lábios. Graças a Deus, pensei. Pelo menos eu não estaria lá para ter de lidar novamente com o ataque de nervos de Ceauşescu.

Lá fora fazia um dia ensolarado, esplêndido, quando o avião da CIA aterrissou no aeroporto presidencial da base da Força Aérea de Andrews, perto de Washington, o que só serviu para intensificar os fogos de artifício que estouravam dentro de mim. Por muitos, muitos anos aprendi a esconder os meus sentimentos pessoais, pois era esse o modo de vida em uma sociedade na qual o governo tinha seus informantes por toda parte e onde microfones se espalhavam por todo lugar aonde você ia. Mas, nesse dia inesquecível, senti um desejo avassalador de sair dançando sozinho.

Eu era um homem livre! Eu sabia que não seria fácil recomeçar minha vida do zero tendo apenas as roupas que vestia, mas eu estava ansioso para tentar. Eu era um engenheiro bem-educado e a América era, afinal de contas, a terra da oportunidade, não é mesmo?

À direita do nosso avião estavam um Boeing 707 e um 702 pintados com a bandeira americana e um selo presidencial, o que também contribuiu para meu sentimento de ter chegado a um lugar familiar. Esses *boeings* eram velhos conhecidos meus. Eu participara das visitas dos presidentes Nixon e Ford à Romênia e tinha viajado no Air Force One, disponibilizado pelo presidente Carter para Ceaușescu em seu *tour* pelos Estados Unidos. "Seja bem-vindo", dizia um grande painel atrás deles, endereçado ao presidente Carter, mas senti como se fosse também eu quem tivesse voltado para casa.

Um comboio de carros e um monte de pessoas me esperavam. Um homem estava à frente do tapete vermelho. – Bem-vindo aos Estados Unidos, general – disse, apertando minha mão. – Você é um homem livre.

Muitos anos depois desse dia memorável, fiz amizade com um sobrevivente do Holocausto cujos olhos se embaciavam sempre que falava sobre como um dos soldados americanos que libertaram o seu campo de concentração lhe disse: – Você é um homem livre. O mesmo ocorre com meus olhos, sempre que me lembro daquelas palavras solenes.

Meu primeiro jantar como homem livre, um jantar à luz de velas que terminou bastante tempo depois da meia-noite,

permanece vívido na minha memória em seus mínimos detalhes. Fui festejado como o único chefe de um serviço de inteligência do bloco soviético a já ter pedido asilo político. Quando por fim me recolhi, o novo dia começava a romper. Eu transbordava. A felicidade de finalmente fazer parte dessa magnífica terra da liberdade, onde nada era impossível, era ultrapassada apenas pela felicidade de simplesmente estar vivo. Naquele inesquecível 28 de julho de 1978 faltavam-me exatamente três meses para completar 50 anos, e mais do que nunca me arrependi de ter postergado por tantos anos o fatídico passo que dei.

Quando finalmente fui para cama, tranquei, cuidadoso, a porta por dentro. Em seguida tirei uma pedrinha de dentro do meu bolso e a beijei calorosamente. Eu a pegara do chão da base de Andrews. Em 1973 eu começara a ter o hábito de beijar em segredo o solo americano toda vez que pisasse nos Estados Unidos. Sempre achara um procedimento discreto pegar uma pedrinha de algum lugar próximo ao aeroporto e enterrá-la no meu bolso, até que pudesse pegá-la de volta e devotadamente lhe dar um beijo tarde da noite, na escuridão e segurança do meu quarto.

Beijei minha pedrinha mais uma vez, em seguida abri uma janela e a joguei fora, para o lugar onde pertencia. Pondo-me de joelhos, orei em voz alta pela primeira vez em mais de um quarto de século. Levei um tempo nisso, uma vez que não me era fácil encontrar as palavras certas para expressar minha imensa felicidade e agradecer ao bom Deus. Esquecimento para o meu passado, liberdade para a minha filha e força para a minha nova vida foi afinal tudo o que pedi.

Já era dia quando terminei de escrever uma carta para a minha amada filha, Dana. Aqui está a passagem na qual eu explicava por que eu a deixara órfã:

> Ao longo de 20 anos vivi a desgraça de me envolver no roubo de informações tecnológicas do Ocidente, que, junto à democracia e liberdade, são suas maiores fontes de respeito e orgulho. Eu me envolvera em roubo, mas dera um jeito de não me envolver em assassinato... Em 1978 recebi a ordem de organizar o assassinato de Noel Bernard, o diretor do programa romeno da Rádio Europa Livre, o qual com seus comentários deixara Ceauşescu irado. Era o último mês de julho, quando recebi essa ordem e finalmente tive decidir entre

> ser um bom pai e ser um criminoso político. Conhecendo-a como eu a conheço, Dana, tive a firme convicção de que você preferiria ter pai nenhum a ter um que fosse assassino.

A carta foi repetidas vezes lida na Rádio Europa Livre e publicada no *Le Monde*. Infelizmente, Noel Bernard foi de fato assassinado pela polícia política de Ceauşescu, a *Securitate*, em 1981. No mesmo ano, uma bomba de explosivo plástico de 20 quilos explodiu na sede da Rádio Europa Livre em Munique. A bomba foi plantada por "Carlos Chacal" (Ilich Ramírez Sáchez), o qual, de acordo com documentos da *Securitate* recém-abertos, recebeu dos romenos 400 quilos de explosivo plástico, 7 metralhadoras e 1 milhão de dólares para me assassinar nos Estados Unidos e explodir a sede da Rádio Europa Livre.[1] Felizmente, Carlos não conseguiu me achar. Oito funcionários da Rádio, no entanto, ficaram seriamente feridos na explosão. Cinco diplomatas romenos designados para a Alemanha Ocidental foram expulsos por seu envolvimento naquela operação sangrenta.[2]

4
A MAGIA NEGRA DA DESINFORMAÇÃO

Faz muitos anos que escapei daquela sociedade mau conhecida como império soviético e vim para os Estados Unidos, a terra dos meus sonhos de juventude. Milhões de pessoas ao redor do mundo se tornaram cidadãos deste país único. Sou um dos afortunados que o conseguiram. Ainda hoje me é difícil encontrar palavras apropriadas para expressar minha gratidão ao governo americano por ter generosamente me dado asilo político, a despeito de meu cargo no topo da comunidade dos serviços de inteligência soviéticos.

Em 1981 me casei com uma verdadeira patriota americana, escritora magnífica e excelente lingüista, a qual também passou muitos anos trabalhando contra a inteligência soviética. Mary Lou me ajudou a me tornar um verdadeiro americano. Ela passou os melhores dias de sua vida me ajudando a dominar o inglês e a sobreviver apesar das duas sentenças de morte postas sobre minha cabeça e das recompensas multimilionárias pelo meu couro. Também me ajudou, dia após dia, a construir uma nova vida sob uma nova identidade de segurança fornecida pela CIA, uma com nada a ver com a Romênia. Não foi fácil para Mary Lou, já que o homem a habitar esta nova pele não tinha nenhum passado verdadeiro sobre o qual falar ou amigos de outros tempos com os quais contar. Mas ela se virou maravilhosamente. Associamo-nos a um clube de iate, viajamos ao redor do mundo, fizemos amizades e despistamos vários grupos de assassinos.

Como o FBI veio a descobrir que o serviço de espionagem de Muammar Gaddafi conseguira persuadir dois ex-funcionários da CIA (Frank Terpil e Edwin Wilson, que entrementes escaparam de ser presos desertando para a Líbia) a fornecer informação interna da agência sobre meu paradeiro em troca

de 1 milhão de dólares, a CIA me deu uma identidade novinha em folha. Mais uma vez, começamos nossa vida do zero. Novo nome, novo passado, nova cidade, nova casa, novos clubes, novos amigos. E demos um jeito novamente.

O meu primeiro livro, *Horizontes vermelhos*, foi idéia de Mary Lou. Ela me ajudou a olhar para o meu passado com olhos americanos e colocou em boa língua inglesa o meu manuscrito. Em 1987, o deputado federal Frank Wolf (republicano da Virgínia) e o falecido senador Jesse Helms (republicano da Carolina do Norte) levaram a primeira cópia impressa de *Horizontes vermelhos* para o presidente Reagan, que o teria chamado de "minha Bíblia para lidar com ditadores". Uma tradução romena do livro impresso nos Estados Unidos foi contrabandeada para a Romênia, e uma edição ao estilo do formato de bolso do *Livro Vermelho* de Mao foi ilegalmente impressa na Hungria. Em 1988, *Horizontes vermelhos* virou programa seriado na Rádio Europa Livre.

Em 1989, fui informado pelo sub-secretário de Estado Lawrence Eagleburger que minha filha conseguira pedir asilo político nos Estados Unidos. Pouco depois, os deputados federais Dick Cheney e Frank Wolf mandaram uma carta para Ceauşescu, abaixo-assinada por 300 outros membros do congresso americano, pedindo-lhe que permitisse a saída dela. Ele recusou. Por via das dúvidas, a sua *Securitate* espalhou o boato de que eu tinha sido encontrado morto na estação de metrô de Nova Iorque.

Frustrado com a desinformação criada pela *Securitate* e com o isolamento hermético da minha filha na Romênia, o congressista Wolf pegou um vôo para Bucareste junto com o congressista Christopher Smith (republicano de Nova Jersey) para contatá-la, a qual fora mantida numa eficaz prisão domiciliar por dez anos. Eles queriam dar à Dana a garantia de que eu ainda estava vivo, ao contrário da desinformação criada por Ceauşescu. Os congressistas escaparam por pouco de um atentado a carro da polícia secreta romena com o intuito de atropelá-los. Eis como o congressista Smith descreveu o caso:

> Um carro de polícia com quatro corpulentos policiais ou agentes da *Securitate* estava nos seguindo. E, numa ocasião, logo que me virei, os faróis do carro foram desligados. Pensei: "Vão atropelar a

> gente". E de repente o carro começou a acelerar em nossa direção. Eu empurrei Frank para o muro, e o carro passou pelo meio-fio, bem próximo de nós, e em seguida desceu a rua troando. Estávamos encostados no muro e, se não tivéssemos percebido, teríamos sido atingidos por trás.[1]

No dia 13 de março de 1989, uma foto na revista *Time* mostrou *Horizontes vermelhos* na mesa do presidente George Herbert Walker Bush.[2]

A data de 28 de julho de 1989 foi o mais importante ponto de referência da minha nova vida. Nesse dia me tornei cidadão americano. Também nesse dia a CIA distinguiu-me como a única pessoa no mundo ocidental a ter demolido sozinha todo um serviço de espionagem inimigo – o mesmo que eu administrara. E recebi a seguinte carta, assinada pelo diretor de operações da CIA, carta que se tornou o presente mais importante que recebi em toda a minha vida:

> Querido Tenente-General Ion Pacepa,
>
> Você deu uma contribuição importante e única aos Estados Unidos, da qual você só pode se orgulhar. Assim, tenho grande prazer, nesta ocasião importante e solene, de lhe desejar felicidade e realizações neste país na condição de cidadão americano.[3]

Em 9 de novembro de 1989, enquanto eu estava sentado diante da televisão vendo o Muro de Berlim ir abaixo, meus olhos se encheram de lágrimas. Eu estava inacreditavelmente orgulhoso de ser um cidadão dos Estados Unidos. O mundo inteiro estava expressando sua gratidão a este grande país por seus 45 anos de vitoriosa Guerra Fria contra o marxismo e o império soviético.

Durante a noite de 21 de dezembro de 1989, recebi um telefonema do chefe da equipe do Departamento de Estado que estava monitorando os acontecimentos na Romênia. – Eles pegaram a sua filha, general. – Dana de fato fora arrancada de sua casa em Bucareste e levada à fronteira búlgara, junto com o marido e seus enteados. Disseram-lhes que seriam executados ali e que seus corpos seriam deixados ao longo da fronteira, a indicar que estavam tentando deixar ilegalmente a Romênia.

Felizmente, pouco antes de alcançarem a fronteira, ouviram a Rádio Bucareste anunciar que Ceauşescu fugira e que seu posto estava agora nas mãos do povo.

As duas dúzias de agentes da *Securitate* que escoltavam Dana largaram tudo e fugiram como ratos deixando um navio náufrago, abandonando seus carros, uniformes e mesmo armas. Quando Dana voltou para Bucareste, ela descobriu que o carro de vigilância da *Securitate* que por onze anos ficara estacionado à frente de sua casa também fora abandonado. Junto com um diplomata na embaixada dos Estados Unidos em Bucareste, ela fez uma busca no carro e encontrou não apenas mais uniformes e armas abandonados, mas até mesmo arquivos sobre o seu caso. Estavam incluídas no arquivo fotografias de pessoas que sob circunstância alguma poderiam entrar em sua casa – o congressista Wolf estava entre elas.

No Natal de 1989, o tirano romeno Nicolae Ceauşescu foi executado ao fim de um julgamento no qual as acusações vieram quase que palavra por palavra de *Horizontes vermelhos*. (Uma segunda edição, publicada no mês de março seguinte, contém a transcrição do julgamento de Ceauşescu, o qual foi claramente baseado por inteiro nos fatos encontrados em *Horizontes vermelhos*.). Em 1º de janeiro de 1990, o novo jornal romeno *Adevărul* ("A Verdade"), que nesse dia substituíra o comunista *Scînteia* ("A Centelha"), começou uma publicação seriada do meu livro. Na matéria principal, *Adevărul* explicava que a transmissão em programa seriado do livro pela Rádio Europa Livre "desempenhara um papel incontestável" na derrubada de Ceauşescu. De acordo com um programa da Rádio Romênia Internacional, "as ruas das cidades romenas ficaram vazias" durante a transmissão seriada do meu livro pela Europa Livre.[4]

As balas ainda cruzavam pelo ar de Bucareste quando o congressista Wolf aterrissou lá, desta vez para libertar minha filha. No dia 6 de janeiro de 1999, o congressista aterrissou em Washington com a minha filha e o seu marido, os quais foram os primeiros romenos a escapar do inferno de Ceauşescu e chegar aos Estados Unidos. A chegada deles foi transmitida por 44 canais de TV americanos e internacionais. Poucas semanas depois, o marido de Dana, um escultor, terminou um busto do deputado Wolf e o presenteou com ele. O segundo capítulo do último

livro do deputado, *Prisioneiro da consciência*, dedicado a *Horizontes vermelhos* e ao resgate de Dana da Romênia, termina com a história dessa estátua:

> O busto agora está na minha sala de estar. Os meus netos mais novos gritam "Bang Bang!" toda vez que o vêem e pegam em seu nariz. "Certamente não é o retrato mais fidedigno do deputado", nota o General Pacepa, "mas para Dana e o seu marido foi o símbolo da liberdade que tiveram"[5].

Horizontes vermelhos veio a ser publicado em 27 países e, em 2010, o *Washington Post* recomendou que fosse incluído na lista de livros que deveriam ser lidos nas escolas, ao lado de *Testemunha*, de Whittaker Chambers.

Enfim, continuei escrevendo.

Em 2010, o meu livro *Programado para matar: Lee Harvey Oswald, a KGB soviética e o assassinato de Kennedy* foi apresentado no encontro anual da Organização de Historiadores Americanos, em Washington, e uma resenha acadêmica o chamou de "uma nova obra magnífica e paradigmática sobre a morte do presidente Kennedy" e "leitura necessária" para o "o leitor mais casual", para o "estudante sério a preparar a sua própria grande obra" e para "todos os interessados no assassinato do presidente Kennedy".[6]

Também em 2010 concluí outro manuscrito, tratando de desinformação e *glasnost*. O meu agente literário, que também estava se candidatando ao Congresso como republicano, apaixonou-se por ele, mas teve problemas em lhe conseguir uma grande editora.

À época eu já tinha 82 anos e pensei que era hora de pendurar as chuteiras em minha guerra contra a desinformação e *glasnost* e passar o resto dos meus dias apenas aproveitando a minha vida nova, maravilhosa, junto à minha amada Mary Lou.

Ah! Eu não pude.

Uma grande amiga, Kathryn Jean Lopez, à época editora da *National Review Online*, encaminhou-me um *e-mail* do professor Ronald Rychlak, o qual queria discutir comigo detalhes do meu artigo "O Ataque de Moscou ao Vaticano", que eu publicara na *NRO*. Esse artigo tratava da operação de desinformação da KGB com o propósito de alterar o passado fortemente

antinazista do Papa Pio XII e, de maneira absurda, afirmar que ele na verdade fora o "Papa de Hitler". O professor Rychlak, um dos principais especialistas mundiais em Pio XII, queria que eu o ajudasse a escrever um capítulo sobre esse enquadramento de Pio XII pela KGB, a ser incluído numa nova edição do seu livro *Hitler, a Guerra e o Papa*, no qual documentou fartamente que Pio XII salvara dos nazistas meio milhão de judeus. Eu concordei. A nova edição foi publicada com sucesso.

Pouco depois disso, Ron sugeriu que escrevêssemos juntos um livro inteiro sobre o enquadramento de Pio XII. Acabamos fazendo um livro sobre a desinformação soviética, no qual o enquadramento de Pio XII é um dos seus principais exemplos.

Desinformação causou danos mundiais à reputação dos Estados Unidos e agora está fincando raízes mesmo nesse país. Para combater essa arma invisível, primeiro precisamos reconhecê-la pelo que ela é e decifrar sua missão velada, uma vez que é costumeiramente apresentada em vestes civis inócuas – assim como os terroristas que mataram 3 mil americanos no 11 de Setembro. Esse é o propósito deste livro.

5
A "BELEZA" DA DESINFORMAÇÃO

A maioria dos políticos, das pessoas no mundo acadêmico e da mídia acredita que a desinformação é um fenômeno obsoleto da Guerra Fria. Até uma data avançada como 1986, contudo, a palavra "desinformação" não era listada entre as 300 mil entradas do *Webster's New World Thesaurus* ou mesmo nos 27 volumes da *New Encyclopedia Britannica*. Acredita-se largamente – e erroneamente – que a palavra é apenas um sinônimo estrangeiro para *má informação*. Até o *software* Microsoft Word 2010 utilizado para digitar o rascunho deste livro sublinhava a palavra *desinformar* e sugeria a substituição por *informar mal*.

Na realidade, a desinformação é tão diferente da má informação quanto a noite é diferente do dia. O ato de *informar mal* é uma ferramenta oficial de governo reconhecível enquanto tal. *Desinformar* (isto é, *dezinformatsiya*) é uma ferramenta secreta de inteligência, com a finalidade de outorgar uma chancela ocidental, não governamental, a mentiras de governo. Imaginemos que a FSB (a nova KGB) fabricou alguns documentos como suposta prova de que as forças militares americanas estavam a seguir ordens específicas para mirar casas de oração muçulmanas em seus ataques à bomba à Líbia, em 2011. Se um informe sobre esses documentos fosse publicado em um canal oficial de notícias russo, seria má informação, e as pessoas no Ocidente poderiam corretamente tomá-la com um pé atrás e simplesmente não lhe dar a mínima, vendo-a como propaganda rotineira de Moscou. Se, por outro lado, esse mesmo material fosse tornado público na mídia ocidental e atribuído a alguma organização ocidental, seria desinformação e a credibilidade da notícia seria substancialmente maior.

Em abril de 2003, a mídia ocidental foi inundada com centenas de histórias de horror sobre o saque do Museu Nacional de Bagdá. Canais de televisão de todo o mundo mostraram o vice-diretor do museu culpando os americanos por permitirem a destruição de "170 mil itens de antigüidade de milhares de anos". Era *desinformação*. Depois se veio a noticiar, com confiabilidade, que os empregados do museu tinham escondido em lugar seguro os tesouros supostamente saqueados bem antes de a Guerra do Iraque começar, e ao fim das batalhas eles estavam a salvo, sob custódia americana. Funcionários do museu depois listaram apenas 25 artefatos como faltantes.[1] Mas o estrago estava feito. Incontáveis pessoas do mundo todo ainda falam das imagens devastadoras dos mostruários vazios que foram repetidamente exibidas em suas telas de tevê, acompanhadas da acusação de que os americanos tinham deixado isso acontecer.

No decorrer da história, muitos países durante tempos de guerra se valeram de várias técnicas para enganar o inimigo acerca de suas verdadeiras intenções. Num extremo está aquele imenso cavalo de madeira construído pelos gregos no segundo milênio a.C. para assegurar entrada à cidade invencível de Tróia. No outro extremo está a operação magistral e complicada criada pela inteligência britânica em 1944 para fazer os alemães acreditarem que as forças dos Aliados iriam invadir a França a partir de Calais, e não através das praias da Normandia, como de fato planejavam. A Rússia se tornou a primeira grande potência que transformou o engano numa política nacional permanente, que afinal viria a distorcer todas as facetas da sociedade russa tzarista e comunista.

De acordo com os manuais de desinformação altamente secretos que regulavam a minha vida pretérita, a "ciência" da *desinformação* (e se a denominava específica e orgulhosamente de *ciência*) nascera na Rússia, estava profundamente enraizada no solo russo e na história desse país, e assim permaneceria para sempre. Os manuais ensinavam que, nascida na Rússia do século XVIII, a *desinformação* era fruto da relação amorosa entre Catarina a Grande e o Príncipe Grigory Potemkin, o seu principal conselheiro político e militar. Em 1787, Potemkin, à

época governador geral da Nova Rússia (atual Ucrânia), levou a imperadora para um passeio pela Criméia, em cuja anexação, tomando-a dos turcos, quatro anos antes, ele auxiliara. Para impressioná-la, Potemkin fizera com que falsas aldeias fossem erigidas ao longo da rota pela qual a imperatriz passaria. Uma dessas aldeias de fachada, erigida junto à foz do pequeno rio Bug, foi longe a ponto de dar as boas-vindas à imperatriz com um arco triunfal no qual se lia: "Este é o caminho para Constantinopla".

Não é coisa acidental o fato de que a *desinformação* tenha nascido na Rússia. No século XVIII, o francês Marquês de Custine observou que na verdade "tudo é enganação na Rússia, e a graciosa hospitalidade do tzar, reunindo em seu palácio os seus servos e os servos dos seus cortesãos, é apenas mais uma zombaria".[2] Custine também observou – numa linguagem que até hoje é insuperável – que o "despotismo russo não apenas não se importa com idéias e sentimentos como também refaz os fatos; move guerra contra a evidência e triunfa na batalha".[3] O General Walter Bedell Smith, o ex-embaixador americano em Moscou que escreveu uma introdução à tradução inglesa de 1951 do diário do marquês, afirmou que a análise política de Custine era "tão penetrante e atemporal, que poderia ser chamada de a melhor obra até hoje produzida sobre a União Soviética".[4] Esse livro é talvez a análise mais perspicaz de toda a Rússia do século XX.

Há um provérbio que diz que mentira tem perna curta; isso pode ser verdade em outro lugar, mas na Rússia pós-tzarista a *desinformação* se tornou uma política nacional que teve papel imensamente maior na definição de passado e presente do país do que até mesmo Potemkin jamais poderia prever.

A Primeira Guerra Mundial e a nova era que ela trouxe varreram cinco imperadores, oito reis e dezoito dinastias,[5] mas nenhum país passou por maior mudança que a Rússia. Quando a guerra acabou, a Rússia parecia uma comunidade de casas portáteis atingida por um furacão. Os novos governantes russos assassinaram o tzar, sua família e sua aristocracia, aboliram as instituições de governo do país, demoliram sua religião milenar, apropriaram-se das terras que pertenciam a russos abastados, confiscaram os bancos e os empreendimentos industriais e

mataram a maioria dos seus proprietários. A história, as tradições, os costumes sociais, os valores éticos e tudo o mais da Rússia que significara algo antes da Revolução de Outubro de 1917 foram virados de cabeça para baixo e do avesso – mesmo que só por questão de mudar por mudar.

No entanto, os novos governantes comunistas preservaram religiosamente a "ciência da *desinformação*", percebendo que essa ferramenta russa histórica caía como uma luva às suas necessidades. O que o comunismo é na realidade é alteração de mentes. Isto também é a quintessência da Rússia, remontando às aldeias erigidas por Potemkin para alegar prosperidade rural. Não impressiona que o comunismo, a Rússia e a *desinformação* se dessem tão bem.

Durante a Guerra Fria, mais pessoas no bloco soviético trabalhavam no maquinário de *desinformação* do que no exército e na indústria de defesa somados. Só a comunidade de inteligência do bloco tinha facilmente mais de 1 milhão de agentes e vários milhões de informantes ao redor do mundo. Todos estavam envolvidos no propósito de enganar o Ocidente – e seus próprios povos – ou em apoiar esse propósito. A estes se deve acrescentar o vasto número de pessoas trabalhando para organizações internacionais de *desinformação* que a KGB criara em segredo. Essas organizações eram sediadas fora da União Soviética, fingiam ser entidades internacionais independentes e publicavam os seus próprios jornais em francês ou inglês. Algumas dessas "aldeias de Potemkin" internacionais nos quais eu estava pessoalmente envolvido: o Conselho Mundial da Paz (presente em 112 países); a Federação Mundial de Sindicatos (presente em 90 países); a União Internacional de Estudantes (presente em 152 países); e a Federação Mundial da Juventude Democrática (presente em 210 países).

É tática tipicamente russa a de não atacar frontalmente, e a *desinformação* se mostrou um meio deliciosamente indireto de confundir os inimigos do Kremlin. A primeira "aldeia de Potemkin" internacional foi fundada em 1949 e recebeu o nome respeitável de Conselho Mundial da Paz (WPC), de modo a não parecer coisa russa. Sua principal tarefa era reivindicar autoria

para material criado pelos soviéticos que "documentassem" que os Estados Unidos eram um país sionista provocador de guerra, financiado com dinheiro judeu e governado por um voraz "Conselho dos Sábios de Sião". O objetivo era criar medo de que os Estados Unidos iniciassem uma nova guerra para transformar o resto do mundo num feudo judeu.

Existia uma condição principal para que *desinformação* obtivesse sucesso, e era a de que a notícia deveria sempre ser construída em torno de um "cerne de verdade" que lhe emprestaria credibilidade. Ao longo dos meus 27 anos na comunidade de inteligência do bloco soviético, fui co-responsável por muitas operações de *desinformação* da Guerra Fria que poderiam até perder o fôlego inicial, mas nunca eram inteiramente comprometidas em razão daquele cerne de verdade. O "cerne de verdade" do Conselho Mundial da Paz estava em ser ele sediado em Paris e presidido pelo prêmio Nobel francês Frédéric Joliot-Curie, um esquerdista persuadido por Stálin a emprestar o seu nome a essa "aldeia de Potemkin" internacional.

Por precaução, Stálin decidiu fazer com que a desinformação parecesse algo historicamente francês. No começo da década de 1950, o meu DIE (o serviço de inteligência ou espionagem estrangeira da Romênia) foi instruído pelo seu respectivo chefe russo a lançar o rumor de que a palavra *desinformação* era derivada do francês – em outras palavras, foi instruído a representar esse estratagema tradicionalmente russo como uma ferramenta capitalista francesa voltada contra os pacifistas do bloco soviético. Não me recordo da definição exata fornecida por Moscou, mas era similar à que pode ser encontrada na edição de 1952 da *Great Soviet Encyclopedia*:

> DEZINFORMATSIYA (de *des* (vide) e do francês *information*). Disseminação (na imprensa, no rádio, etc.) de informações falsas com o propósito de ludibriar a opinião pública. A imprensa e rádio capitalistas fazem amplo uso de *dezinformatsiya* para enganar as pessoas, enredá-las em mentiras e descrever a nova guerra em preparação pelo bloco imperialista anglo-americano como uma arma defensiva, mas descrever a política pacífica da URSS, os países de democracia popular e outros países pacifistas como supostamente agressivos. Um papel especial na disseminação desse tipo de notícia provocativa, de todos os tipos de falsidade etc., é desempenhado pela imprensa, rádio e várias agências de notícia capitalistas americanas,

> fornecendo informação falsa à imprensa e outras organizações de propaganda. As esferas governantes dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e de outros governos imperialistas freqüentemente recorrem à *dezinformatsiya* em matéria de relações internacionais; numerosos exemplos desse tipo de *dezinformatsiya* se encontram no documento "Falsificadores da História (Relatório Histórico)" (1948) do Sovinformburo [Agência de Informação Soviética]. Os imperialistas anglo-americanos fazem amplo uso de *dezinformatsiya* para ocultar a natureza predatória da guerra que desencadearam contra a Coréia em junho de 1950.[6]

Hoje a maioria das pessoas de fato acredita que *desinformação* de fato deriva de alguma palavra francesa. Mas o dicionário francês oficial, o *Larousse*, não menciona a palavra *desinformation* em 1952 e tampouco em sua edição de 1978.

Naqueles primeiros anos de pós-guerra, o governo francês percebeu o estratagema de Moscou. Em 1954, rejeitou qualquer paternidade francesa da palavra *desinformação*, acusou o Conselho Mundial da Paz de ser uma organização de fachada da KGB e o expulsou da França. Um dos agentes de influência soviéticos mais relevantes na época, o filósofo francês Jean-Paul Sartre tentou persuadir o governo francês a revogar sua decisão. Ele caluniou publicamente os Estados Unidos como um país racista que sofria de hidrofobia política.[7] Não ajudou. Moscou foi forçado a mover a sede do Conselho Mundial da Paz temporariamente para Praga sob ocupação soviética e mais tarde para a "neutra" Helsinque.[8]

(No topo da comunidade da KGB se sabia que Jean-Paul Sartre era utilizado como agente de influência. Os arquivos da KGB ainda estão selados, mas fatos sobre a cooperação de Sartre com a KGB começam a vir à luz. Eis um. Em 1967, o terrorista francês Régis Debray publicou o seu primeiro livro, *Revolução da Revolução*, título básico de insurreição comunista de guerrilha que louvava imensamente o terrorista comunista Che Guevara. Debray dedicara a sua vida a exportar o comunismo cubano pela América do Sul, mas, poucos meses após a publicação do seu livro, uma unidade das Forças Especiais Bolivianas treinada nos Estados Unidos o capturou na Bolívia, junto a todo o bando guerrilheiro liderado por Che Guevara. Che recebeu sentença de morte e foi executado por terrorismo e assassinato em massa.

Debray foi condenado a 30 anos de prisão, mas foi libertado após três, em razão das intervenções insistentes de Sartre. Nos anos 1980, Debray serviu de conselheiro sobre América Latina ao presidente francês François Mitterrand. Depois disso, Debray dedicou sua vida a espalhar o ódio contra os Estados Unidos. Em fevereiro de 2003, ele publicou "A Lição Francesa" no *New York Times*, o qual o descreveu como "ex-conselheiro do presidente François Mitterrand", mas omitiu que ele passara anos na cadeia por terrorismo e que fora solto porque Sartre o apoiou. O artigo de Debray contém todos os clichês anti-americanos imagináveis.[9] Eis mais uma prova da conexão de Sartre com a KGB. Em 15 de junho de 1972, a Alemanha Ocidental capturou um dos pupilos favoritos de Sartre, a terrorista alemã Ulrike Meinhof, a qual era financiada pela KGB. Pouco depois disso, ela enviou uma carta para o seu mestre ideológico, Sartre, pedindo-lhe apoio moral. Sartre aquiesceu. Quando foi à prisão de Stammheim na Alemanha Ocidental para encorajá-la, Sartre teve por motorista o terrorista alemão Hans-Joachim Klein, um agente da KGB e subordinado de Carlos Chacal no ataque terrorista de 1975 à OPEC, em Viena.[10]

Não impressiona que o Conselho Mundial da Paz fosse expulso da França. Por trás de sua fachada supostamente francesa, era o mais soviético possível. Suas atividades diárias eram conduzidas por um Diretório de estilo soviético, cujos 21 membros eram agentes de inteligência estrangeira disfarçados oriundos de nove países do bloco soviético (URSS, Polônia, Bulgária, Hungria, Romênia, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Albânia e Cuba). O Conselho Mundial da Paz também tinha 23 vice-presidentes de estilo soviético, todos eles comunistas, que se dividiam desta maneira: quatro representavam países comunistas (URSS, Polônia, Alemanha Oriental e Romênia); três representavam governos comunistas leais a Moscou (Cuba, Vietnã do Norte e Angola); dois representavam a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e o Congresso Nacional Africano (ANC), duas organizações terroristas anti-americanas financiadas por Moscou; quatro representavam partidos comunistas não-governantes (Estados Unidos, França, Itália e Argentina); e dez representavam afiliados do Conselho em nível nacional oriundos do bloco soviético e de outros países-fantoches de

Moscou. A maioria dos empregados permanentes do Conselho eram agentes de inteligência soviéticos disfarçados, especializados em "operações de paz" e cuja tarefa era moldar os novos movimentos pacifistas do Ocidente como "quintas colunas" do "campo socialista". O Conselho Mundial da Paz tinha filiais financiadas por Moscou em 112 países. Também lançou duas publicações em francês, *Nouvelles perspectives* e *Courier de la Paix*, as quais foram feitas por agentes disfarçados da KGB – e do DIE – e controladas pelo serviço de desinformação soviético – e romeno.

Até o dinheiro do Conselho Mundial da Paz vinha de Moscou, entregue por agentes de inteligência soviéticos sob a forma de dólares americanos lavados, para esconder sua origem. (Em 1989, quando a União Soviética estava à beira do colapso, o Conselho admitiu publicamente que 90% do seu dinheiro vinha da KGB).[11]

Ao longo dos anos, Moscou criou numerosas "aldeias de Potemkin" internacionais na Europa Ocidental de todas as formas imagináveis. Hoje, poucos europeus estão dispostos a admitir que foram influenciados por esses esforços para demonizar os Estados Unidos como um país sionista e provocar um cisma entre judeus e cristãos. Em meados dos anos 1950, contudo, 30 milhões de pessoas na Europa Ocidental estavam votando em comunistas anti-americanos (35% da população da Itália e 20% a 25% na França, em Portugal e na Grécia). Era um sucesso notável da *desinformação* do bloco soviético, levando-se em conta que os Estados Unidos tinham libertado a Europa da ocupação nazista e reconstruído as suas economias dizimadas pela guerra.

Após o colapso da União Soviética, a maior parte das "aldeias de Potemkin" internacionais construídas pelo Kremlin sobreviveu e continuou levando adiante suas mensagens anti-americanas tanto quanto durante seu apogeu. O Conselho Mundial da Paz se mudou de Helsinque para Atenas, na Grécia, mas ainda era presidido por alguém escolhido pela KGB, Romesh Chandra, um comunista indiano que nos anos 1970 pedira a todas as filiais nacionais do Conselho que dessem início a manifestações contra a guerra americana no Vietnã. Depois de 1991, quando os Estados Unidos permaneceram a única superpotência, Chandra

focou o seu Conselho em "combater a Nova Ordem Mundial".[12] De acordo com a sua constituição atual, o Conselho Mundial da Paz agora se "expandiu em um movimento de massas mundial" cuja tarefa é apoiar "aquelas pessoas e movimentos de libertação" que lutem "contra o imperialismo".[13] Esse "imperialismo", claro, na verdade significa os Estados Unidos.

No dia 14 de dezembro de 2002, Chandra convocou uma reunião do seu Comitê Executivo de estilo soviético, que logo a seguir "condenou a escalada extremamente perigosa da agressividade americana a um nível global". Um apelo internacional, escrito em linguagem de estilo soviético tipicamente execrável, foi lançado no mesmo dia pelo Diretório meio soviético do Conselho Mundial da Paz, a convocar "os povos do mundo" a organizarem "mobilizações sem precedentes" contra o "imperialismo americano".

A Federação Mundial de Sindicatos (WFTU), a segunda maior "aldeia de Potemkin" da KGB, também sobreviveu ao colapso da União Soviética. Ainda é sediada em Praga e ainda utiliza retórica anti-americana da época da Guerra Fria. Por exemplo, durante o seu 14° Congresso (Nova Deli, 25 a 28 de março de 2000) pediu a "imediata suspensão do embargo econômico [americano] contra Cuba, o Iraque, o Irã e a Líbia".[14]

A Federação Democrática Internacional das Mulheres (WIDF) adotou uma nova constituição durante a 4ª Conferência Mundial Sobre Mulheres da Organização das Nações Unidas no ano de 1995, em Beijing, exigindo, em oratória típica da Guerra Fria, que "as mulheres do mundo" combatessem a "globalização" das "assim chamadas 'economias de mercado'", as quais são "causa fundamental da crescente feminização da pobreza por toda parte"[15]. Em 8 de março de 2000, a WIDF organizou uma "Marcha Mundial das Mulheres" em Calcutá para celebrar o Dia Internacional da Mulher criado pelos soviéticos.[16]

A União Internacional dos Estudantes (IUOS), sediada em Praga, tem hoje 152 uniões nacionais de estudantes de 114 países. Continua a propagar o ódio aos Estados Unidos. Um apelo internacional lançado durante o "Dia dos Estudantes Internacionais", em 2001, condenava os "ataques vingativos [dos Estados Unidos] ao Afeganistão que fizeram retroceder a luta por

estabilidade no Oriente Médio e serviram para fomentar mais racismo e intolerância ao redor do mundo".[17]

Embora ocultem os seus verdadeiros laços com Moscou, esses grupos promovem continuamente idéias e programas que apóiam as causas do Kremlin. São perfeitos canais de contínua desinformação.

6
OS ENQUADRAMENTOS REALIZADOS PELO KREMLIN

Existe uma crença muito disseminada de que o pior dano causado pelas operações de inteligência russas/soviéticas contra o Ocidente foi o roubo de segredos altamente delicados, como a tecnologia da bomba atômica. Não é bem assim. O dano absolutamente nocivo – e freqüentemente irreparável – infligido ao Mundo Livre foi causado pelas operações de desinformação do Kremlin cujo intuito era modificar o passado. A transformação de Stálin de assassino político que chacinou mais de 20 milhões de pessoas inocentes só na União Soviética em um deus político para um terço do mundo gerou não apenas 40 anos de Guerra Fria, mas também a maior fraude política perpetrada na história: o respeito internacional pelo marxismo e a admiração por líderes comunistas homicida

No jargão da KGB, alterar o passado das pessoas era chamado de "enquadramento", e se tratava de uma especialidade de desinformação altamente secreta. Em razão desses enquadramentos, existem bem poucas coisas mais difíceis para historiadores russos e ocidentais que prever o *passado* da Rússia.

Em janeiro de 1934, o 17º Congresso do Partido Comunista Soviético foi saudado como o "Congresso dos Vitoriosos". Quem imaginaria que 98 dos 139 membros do Comitê Central do Partido Comunista eleito no congresso seriam depois enquadrados como "inimigos do povo" e levados à morte pelo mesmo regime que os havia saudado? De fato, 1.108 dos 1.966 delegados desse congresso foram enquadrados como "contra-revolucionários" e 848 deles, executados.[1]

Ao longo dos anos seguintes, milhões de outros cidadãos soviéticos inocentes foram enquadrados como traidores e assassinados,

e milhões de outros russos foram para as ruas condenar esses "traidores" e pedir suas cabeças.[2] Depois da Segunda Guerra Mundial, a magia negra da desinformação do Kremlin foi exportada para os recém-criados países comunistas da Europa Oriental.

Ao contrário da crença popular, os países da Europa Oriental não se tornaram ditaduras do proletariado por causa de revoluções feitas por partidos comunistas locais – em 1945, o Partido Comunista da Romênia tinha menos de 1.500 membros. A sovietização da Europa Oriental foi realizada pelo Kremlin através de operações subversivas de *enquadramento* que depois recebiam um carimbo político superficial. Os líderes de partidos democráticos da Europa Oriental não eram expurgados politicamente; eram sistematicamente assassinados ou presos depois de serem enquadrados como criminosos de guerra nazistas. Isso dava ao Kremlin o motivo para encenar as manifestações "populares" que exigiam a abolição desses partidos. Os indivíduos mais proeminentes na indústria e agricultura da Europa Oriental eram enquadrados como sabotadores e mortos ou presos, a fim de dar aos comunistas locais os pretextos para nacionalizar a economia e coletivizar a agricultura. Foi um longo e sangrento processo de enquadramento que durou bem mais de dez anos.

Os enquadramentos do Kremlin podem ser negativos, para gerar desprestígio, ou positivos, para gerar prestígio; de um modo ou outro, podem afetar diretamente o curso da história mundial. Pessoas admiráveis do Ocidente foram difamadas ou "enquadradas" como criminosas, ao passo que personagens criminosamente indignos pertencentes à esfera de influência soviética/russa foram retratados ou "enquadrados" como santos.

Durante a era de Stálin, mais de 7 milhões de cidadãos soviéticos "não-cooperadores" foram visados para serem desprestigiados, enquadrados como espiões sionistas ou colaboradores nazistas e executados ou enviados aos *gulags*. Os úteis eram enquadrados de maneira positiva, até mesmo glorificados. Todos os primeiros líderes dos países europeus orientais (Walter Ulbricht na Alemanha, Klement Gottwald na Tchecoslováquia, Georgi Dimitroff na Bulgária, Mátyás Rákosi na Hungria e Gheorghe Gheorghiu-Dej na Romênia) foram totais "zés-niguém" que juraram lealdade à religião do Kremlin, o marxismo-leninismo-

-stalinismo, e assim foram enquadrados como heróis nacionais pelo maquinário soviético de *dezinformatsiya*.

Uma vez instalados nos tronos de seus países, esses políticos de araque adotavam a prática de enquadramento do Kremlin. No dia 23 de agosto de 1944, o herói romeno Rei Michael liderou um audacioso golpe de estado que derrubou o governo pró-nazista, dando fim à aliança do país com a Alemanha. Depois fez a Romênia somar forças com os Aliados contra Hitler. Em 1945 o rei foi condecorado pelo presidente Harry Truman, cujo decreto de condecoração afirmava que o Rei Michael tinha "retirado sozinho a Romênia da guerra", embora "não tivesse controle algum sobre o país que era aliado ao agressor alemão"[3]. A ação do rei tinha sido tão corajosa e única, que ele se tornou o único estrangeiro além do general americano Dwight Eisenhower a ser condecorado com a Ordem Soviética da Vitória.[4] Em 21 de julho de 1945, 15 dias depois de a Junta Governativa do Soviete Supremo o ter condecorado, o marechal soviético Fedor Tolbukin deu ao Rei Michael, que também era piloto, dois aviões modelo esporte como presente de Stálin e sinal da consideração pessoal que este lhe tinha[5]. O líder do Partido Comunista Romeno, Gheorghe Gheorghiu-Dej, há pouco liberto do cárcere nazista, foi mostrado pela mídia da época se ajoelhando diante do rei e beijando sua mão para agradecê-lo por seu notável ato de coragem. Três anos depois, o mesmo Gheorghiu-Dej, agora feito governante romeno por Stálin, enquadrou o Rei Michael como colaborador nazista e espião do Ocidente e o expulsou do país.[6]

Centenas de milhares de romenos inocentes foram enquadradas depois disso. A tentativa de construir o Canal Danúbio-Mar Negro da Romênia foi uma das operações de enquadramento mais desprezíveis daquela época. Inspirado por Stálin, que alterara o curso do Voga, Gheorghiu-Dej decidiu construir um canal navegável ligando o Danúbio ao Mar Negro. O plano de Dej estava bem além das capacidades romenas em engenharia na época, e, muitos anos após a primeira pá de areia ter sido cavada, pouco se tinha feito. Dej percebeu que não havia possibilidade alguma de finalizar o projeto em um futuro razoável. Para se desembaraçar, decidiu fechar o local da construção e atribuir a falta de progresso a sabotagem ocidental.

Em um relatório da *Securitate* que mostrava as dificuldades enfrentadas na administração de um projeto tão gigantesco, Dej escreveu à caneta com sua tinta violeta, bem sua: "As pessoas aqui citadas devem ser presas, julgadas publicamente como sabotadoras e executadas". O julgamento de fachada se deu em julho de 1953, acompanhado por manifestações públicas a exigir que os "sabotadores" fossem enforcados em público. Três pessoas foram executadas e quatro condenadas a muitos anos de prisão. Pouco depois disso, o local de construção do Canal Danúbio-Mar Negro foi fechado e, por muitos anos, as pessoas realmente acreditaram que ele tivesse sido sabotado por agentes de inteligência ocidentais.

A prática do Kremlin de enquadrar líderes políticos ou religiosos, negativa ou positivamente, tem uma longa história. Imre Nagy, o primeiro-ministro húngaro que o Kremlin acreditou ter sido quem gerou a insurreição húngara em 1956, foi marcado para ser difamado. Foi seqüestrado e retirado da Hungria por uma equipe da KGB soviética e do DIE romeno, enquadrado como espião sionista e enforcado.[7] Os detalhes que revelei sobre esse enforcamento, publicados em 1987 no meu livro *Horizontes vermelhos*, despertaram tanto interesse na Hungria que um ano depois o livro foi republicado secretamente em uma edição *samizdat* húngara ilegal (hoje em dia objeto de desejo de colecionadores).

Por outro lado, Urho Kaleva Kekkonen, presidente da Finlândia por muito tempo e agente soviético, foi selecionado para ser promovido. Kekkonen foi construído pela KGB e seus órgãos anteriores (que escreveram em segredo os seus discursos públicos por quase 20 anos) como um líder político bem-sucedido. Kekkonen foi manipulado pelos soviéticos até 1981, quando terminou o seu período de 25 anos como presidente de uma Finlândia amigável com a URSS.[8] Olof Palme, também selecionado para ser promovido, foi moldado como primeiro-ministro sueco e auxiliado pela KGB para exportar o estado de bem-estar social soviético para a Europa ocidental.

Herbert Wehner, que se tornou o membro do gabinete da Alemanha Ocidental encarregado de "questões alemãs" (isto é, relações com a Alemanha Oriental), fora vendedor de loja antes de entrar para o Partido Comunista Alemão em 1927 e desertar

para a União Soviética. Foi moldado como um líder político social-democrata pela polícia política soviética, que depois lhe fabricou o passado de que teria estado na Suécia durante a Segunda Guerra Mundial – e não na União Soviética, o que era a verdade. Em 1946, Stálin despachou Wehner para a Alemanha Ocidental através da Suécia. A biografia inventada de Wehner como militante antinazista e anticomunista – uma criação soviética – o ajudou a se tornar vice-presidente do *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* (SPD) em 1958, a presidir o SPD no *Bundestag* [uma das casas do parlamento] (1969-1983) e a se tornar membro do governo da Alemanha Ocidental (1969-1983). Wehner permaneceu um dos mais importantes políticos alemães até a sua morte em 1990.

Em 1974, tive minha última reunião com Willy Brandt, o presidente do SPD, que tinha se tornado o chanceler da Alemanha Ocidental e autor de sua *Ostpolitik* (uma abertura para o Oriente, o que quer dizer a União Soviética e a sua vassala Alemanha Oriental). Naquele dia, Brandt parecia angustiado. Foi um pouquinho depois da prisão de Günter Guillaume, um agente "ilegal" da Alemanha Oriental treinado para angariar simpatias dos círculos políticos da Alemanha Ocidental. Ele acabou se tornando o amigo e conselheiro de maior confiança de Brandt e praticamente governava o país. A prisão de Guillaume foi chocante, e Brandt admitiu para mim que se sentiu traído. Um mês depois, Brandt escreveria para o presidente da Alemanha Ocidental: "Aceito a responsabilidade política por negligência, no que diz respeito ao caso de espionagem de Guilhaume, e apresento a minha demissão do cargo de chanceler".[9]

A verdade é que enquadrar agentes ilegais da KGB como políticos ocidentais ajudou o Kremlin a adquirir uma compreensão do que se passava em alguns países ocidentais melhor do que o que se passava na própria União Soviética.

A Guerra Fria acabou, mas as operações de enquadramento do Kremlin parecem ainda estar em ação – e estar até mesmo contaminando os Estados Unidos.

7
O ENCONTRO DE STÁLIN COM O CATOLICISMO

Desde tempos antigos o Kremlin manipula a religião de acordo com os seus próprios interesses. Os tzares da Rússia fizeram de si mesmos os líderes da Igreja Ortodoxa, a fim de instilar obediência doméstica. O primeiro tzar soviético, Vladimir Lênin, matou milhares de padres e fechou a maioria das igrejas russas para fazer do marxismo-leninismo a única religião do país.[1] Stálin, que deu continuidade a essa violência sangrenta, transformou a nova religião de Lênin em marxismo-leninismo-stalinismo e a utilizou para retratar a si próprio como um santo soviético, com o propósito de manter quieta a sua população oprimida, esfomeada. 20 anos após a revolução de novembro de 1917, apenas 500 igrejas permaneciam abertas na União Soviética.[2]

No dia 23 de agosto de 1939, o Kremlin começou uma guerra também contra religiões não-russas. Naquele dia, o ministro de Exterior soviético, Vyacheslav Molotov, e o seu equivalente alemão, Joachim von Ribbentrop, encontraram-se no Kremlin para assinar o vergonhoso Pacto Hitler-Stálin de Não-Agressão. Documentos de arquivos alemães afirmam que Stálin estava eufórico naquele dia. Ele disse para Ribbentrop: – O governo soviético leva este pacto muito a sério. Posso garantir, dando a minha palavra de honra, que a União Soviética não trairá o seu companheiro[3].

Havia muitas razões para a empolgação de Stálin. Tanto ele como Hitler acreditavam na necessidade histórica de expandir os seus territórios nacionais. Stálin chamava essa necessidade de "revolução proletária mundial". Hitler a denominou "*Lebensraum*" (espaço vital). Ambos baseavam sua tirania em roubo. Hitler roubou a riqueza dos judeus. Stálin roubou a riqueza da

Igreja Ortodoxa e da burguesia do país. Ambos odiavam a religião e substituíram pessoalmente Deus em seus cultos.

A ata secreta do Pacto Hitler-Stálin dividia a Polônia entre os dois signatários e dava aos soviéticos liberdade para lançar mão da Eslovênia, da Letônia, da Lituânia, da Finlândia, da Bessarábia e da Bucóvina do Norte. A maioria desses países novos era católica, o que para Stálin significava estarem subordinados a um poder estrangeiro – o Vaticano. Isso era inaceitável para o homem que se tornara o único deus da União Soviética – por ordem do qual 168.300 clérigos ortodoxos russos tinham sido presos só durante os expurgos de 1936 a 1938, 100.000 dos quais tinham sido mortos.[4] A Igreja Ortodoxa Russa, que tinha mais de 55 mil paróquias em 1914, passou a ter 500.[5]

As muitas centenas de igrejas católicas nesses estados bálticos que Hitler tinha acabado de trocar com a União Soviética representavam uma nova ameaça à imagem de Stálin como o Papai do país – como se chamava o tzar. Essas igrejas estavam submetidas a um outro pai, o Papa Pio XII, e Stálin se recusava a sequer considerar que algum rival interferisse em seu reino absoluto.

Stálin não podia destronar o papa, que era tido em altíssima conta e estava além do seu alcance. Mas ele podia varrer as igrejas católicas do mapa dos novos países bálticos, assim como fizera com as igrejas ortodoxas russas.

A solução de Stálin foi despachar o seu carrasco favorito, Andrey Vyshinsky, para sovietizar os estados balcânicos e, no processo, destruir as suas igrejas católicas nacionais. Vyshinsky era um velho instrumento da NKVD (polícia política) que operara maravilhas disfarçado no cargo de promotor durante a guerra de Stálin contra a Igreja Ortodoxa Russa e durante os Grandes Expurgos de Stálin dos anos de 1936 a 1938. Vyshinsky sabia o que tinha de fazer. Mais de 7 milhões de pessoas tinham sido condenadas à morte e executadas durante os anos em que ele foi o principal promotor de justiça de Stálin, só para garantir que o chefe fosse a única deidade da Rússia.

A Letônia foi ocupada pelo Exército Vermelho em 17 de junho de 1940 e, no dia seguinte, Vyshinsky chegou a Riga como o enviado especial de Stálin. – Acompanhei o camarada Vyshinsky quando ele foi à Letônia – uma vez o General

Aleksander Sakharovsky gabou-se para mim –, e em 1943 eu me tornei o substituto do General Vyshinsky na sovietização da Romênia. (Em 1953, o General Sakharovsky veio para Bucareste como conselheiro-chefe soviético para a recém-criada Securitate, o equivalente romeno da polícia política soviética, assim se tornando o meu chefe *de facto*. Em 1956 Sakharovsky veio a se tornar chefe de todo o serviço soviético de inteligência estrangeiro, um cargo que ocupou ao longo de quase toda a Guerra Fria. De acordo com Sakharovsky, a sovietização da Romênia, realizada pelo mesmo Vyshinsky, foi uma versão melhorada da operação na Letônia.).

Poucos dias após chegar a Riga, ele forçou Kārlis Ulmanis, o presidente da Letônia, a constituir um "governo do povo" constituído por membros que já tinham sido aprovados por Moscou. Seguindo o plano de Vyshinsky, apenas dois membros do novo governo eram comunistas: o ministro de interior e o chefe da polícia nacional.

Depois de ter instalado o seu governo, Vyshinsky fez um discurso da sacada da embaixada soviética em Riga, garantindo à população que Moscou não tinha a mínima intenção de anexar a Letônia à União Soviética. Poucos dias depois, contudo, Vyshinsky mandou o chefe de polícia da Letônia prender o presidente Ulamanis e os principais líderes do país. Eles foram deportados para a União Soviética com a ajuda da polícia de segurança que Vyshinsky trouxera consigo para Riga. Ele forçou o novo "governo do povo" a marcar eleições parlamentares para dali a duas semanas e estabeleceu um "Bloco do Povo Trabalhador" (controlado por agentes disfarçados da polícia política soviética) para administrar as eleições – com uma lista única de candidatos.

As eleições de Vyshinsky aconteceram nos dias 14 e 15 de julho de 1940. Não havia voto secreto. Apenas a catalogação dos votos era secreta; era conduzida pelo Ministério de Interior, chefiado por um dos homens de Vyshinsky. Os resultados apontavam que 97,8% dos votos foram para os (desconhecidos) candidatos do bloco soviético. Pouco depois disso, o recém-criado Partido Comunista da Letônia lançou o *slogan* "Letônia Soviética". Falando novamente da sacada da embaixada soviética, Vyshinsky expressou sua esperança de que o recém-eleito

"parlamento do povo" realizasse o desejo implícito no *slogan*. É óbvio, foi exatamente isso que aconteceu.

No dia 21 de julho de 1940, o parlamento de Vyshinsky proclamou a Letônia uma república soviética, e duas semanas depois o Supremo Soviete de Moscou a incorporou à União Soviética. Não demorou muito para que os padres católicos da Letônia fossem mandados para os *gulags* soviéticos e suas igrejas fossem fechadas.

Pouco tempo depois, Vyshinsky incorporou a Estônia e a Lituânia à União Soviética da mesma maneira. Toda a hierarquia católica e quase um terço da população católica daqueles dois pequenos países foram ou deportados ou mortos.[6]

8
O NOVO INIMIGO DO KREMLIN

Equanto Vyshinsky estava demolindo as igrejas católicas da Letônia, da Estônia e da Lituânia, Stálin descobriu que Hitler planejava assinar um Pacto Tripartite com a Itália e o Japão. Em setembro de 1940, Stálin enviou o seu chefe de espionagem, Vladimir Dekanozov – companheiro georgiano de sua confiança disfarçado de ministro de relações exteriores –, para Berlim. Lá, durante uma caminhada por um bosque, deu a entender a Ribbentrop que Stálin estava pronto para se juntar ao Eixo. Em 12 de novembro de 1940, Stálin enviou para Berlim o seu colaborador mais próximo, o primeiro-ministro Vyacheslav Molotov, a fim de finalizar os detalhes de sua futura cooperação com o Eixo Berlim-Roma-Tóquio.

Stálin acreditou que essas negociações foram bem-sucedidas e, em 20 de novembro, tornou o seu chefe de espionagem o embaixador soviético da Alemanha. Dekanozov apresentou sua carta credencial a Hitler em 19 de dezembro de 1940, sem saber que, no dia anterior, o *Führer* aprovara a Operação Barbarossa para a invasão da União Soviética e ordenara que suas tropas estivessem prontas no dia 15 de maio de 1941.

Poucas semanas depois, Stálin rabiscou em um relatório de inteligência, prevendo que Hitler atacaria a União Soviética em junho de 1941: "Você pode mandar a sua 'fonte' para a p* que pariu. É um *dezinformator*".[1]

No dia 22 de junho de 1941, Hitler de fato traiu o seu pacto de não-agressão com Stálin quando invadiu a União Soviética, buscando *Lebensraum* para o povo alemão[2]. Durante as primeiras semanas, os nazistas não encontraram resistência organizada da parte do Exército Vermelho. Os russos pagaram caro pelo caso de amor de Stálin com Hitler. 10 milhões de militares

e 40 milhões de civis foram mortos. Outros cinco milhões foram feitos prisioneiros pelos nazistas.

Em 7 de dezembro de 1941, quando o exército de Hitler estava às portas de Moscou, o Japão repentinamente trouxe os Estados Unidos para a guerra ao atacar a base naval americana de Pearl Harbor. Esse ataque salvou a pele de Stálin e lhe deu uma nova oportunidade. No dia seguinte, o presidente Roosevelt falou numa reunião conjunta do congresso que o dia 7 de dezembro era "uma data que viverá na infâmia".[3] Ele pediu uma declaração de existência de estado de guerra entre o Japão e os Estados Unidos, e o congresso votou a favor.

Pouco depois, os Estados Unidos começaram a abastecer a União Soviética com quantidades imensas de equipamento militar para ajudar Stálin a destruir parte substancial da máquina de guerra de Hitler. Funcionou.

No dia 20 de abril de 1945, o Exército Vermelho alcançou as imediações de Berlim e, dez dias depois, Hitler cometeu suicídio. (A máquina de propaganda nazista anunciou que ele morrera lutando pela Alemanha e contra o bolchevismo até o último suspiro).[4] Em 8 de maio de 1945, a Alemanha nazista se entregou aos Aliados, que agora incluía também a União Soviética. Outrora tendo se negado a relações diplomáticas com a maior parte do Mundo Livre, agora Stálin se juntara ao clube privado dos vencedores. Foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz[5] e estava pronto para tomar o mundo.

No entanto, havia mais um inimigo que Stálin desejava derrotar: a Igreja Católica ucraniana, o último enclave do Vaticano na União Soviética. Até o proeminente arcebispo de Lvov, Josyf Slipi, e a maior parte dos bispos ucranianos, incluindo Gregory Chomysyn, Jown Layesvki, Nicolas Carnecki e Josaphat Kocylovsky, foram enquadrados pela polícia política de Stálin como "colaboradores nazistas". Todos foram mandados para prisão ou para campos de trabalho forçado. Uns 500 padres católicos ucranianos foram mandados, sem julgamento, para *gulags* – oficialmente registrados como "destinação desconhecida por motivos políticos".[6] O bispo Niceta Budka foi mandado para um *gulag* siberiano – onde pereceu em dezembro de 1945. Centenas de outros líderes da Igreja Católica ucraniana também foram enquadradas como colaboradores nazistas.[7]

Pio XII respondeu com uma encíclica (*Orientales Omnes Ecclesiae*)[8] aos fiéis da Ucrânia – e indiretamente aos dos estados bálticos –, garantindo-lhes que "Deus fará justiça" e que, "em sua bondade amorosa, Ele próprio acalmará esta terrível tempestade e afinal lhe dará um fim".[9]

Stálin tomou a encíclica de Pio XII como uma declaração de guerra e respondeu como de hábito: seis bispos ucranianos foram imediatamente enquadrados como colaboradores nazistas e assassinados.[10] Era agora o momento de Stálin iniciar uma ofensiva *ad hominem* contra o próprio Pio XII.

Naquela época, o jeito mais eficiente de Stálin caluniar as pessoas era acusá-las de pró-nazistas – uma ofensa pérfida durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1945, Stálin criou uma unidade de inteligência especializada em enquadrar pessoas como colaboradores nazistas – a SMERSH. O próprio Stálin tivera alguma participação na criação do nome. Vinha das palavras russas para "morte aos espiões" (*smert shpionam*). Stálin subordinou a unidade diretamente a si. Os seus assassinos logo se tornaram adeptos do enquadramento em massa de indivíduos como nazistas, forçando-lhes confissões e os tirando de cena através de custódia, julgamento, prisão ou morte.

A SMERSH começou enquadrando como nazistas centenas de milhares de cidadãos soviéticos que viviam em áreas da União Soviética que tinham sido ocupadas pelo exército alemão, bem como quase todos os mais de 2 milhões de soldados soviéticos repatriados que foram feitos prisioneiros pelas *Wehrmacht* [Forças Armadas] alemãs.[11]

Em junho de 1945, o embaixador americano em Moscou, Averell Harriman, relatou ao Departamento de Estado: "A embaixada tem conhecimento de um único caso em que um prisioneiro repatriado retornou à sua casa e família em Moscou".[12] Washington descobriria mais tarde que a SMERSH tinha enquadrado a maioria desses repatriados como colaboradores nazistas e os enviado para *gulags* soviéticos localizados acima do Círculo Ártico, onde muitos morreram.[13]

A SMERSH de Stálin usou a mesma estratégia para sujar os líderes pró-Ocidente da Bulgária, de modo a substituí-los com homens de Moscou. Embora a Bulgária nunca tenha declarado guerra contra os Aliados e tenha sido um dos únicos três países

europeus (junto com a Finlândia e a Dinamarca) que salvaram toda a sua população judaica,[14] Andrey Vyshinsky, que Stálin encarregara de sovietizar a Bulgária, deu à SMERSH a tarefa de retratar a maior parte dos líderes do país como criminosos de guerra nazistas.

Assim, no dia 2 de fevereiro de 1945, Vyshinsky e sua unidade da SMERSH para a Bulgária executaram três regentes, 22 ministros, 68 membros do parlamento e oito conselheiros do Rei Bóris, depois de os enquadrar como criminosos de guerra nazistas. Durante os meses seguintes, outros 2.860 membros do governo da Bulgária foram executados pelas forças de segurança soviéticas como nazistas, e 6.870 foram presos, ainda que a maioria desses líderes tenha ajudado a trazer a Bulgária para o lado dos Aliados. Os Estados Unidos, que tinham ajudado a Bulgária a permanecer fora da guerra, ficaram momentaneamente perplexos, e Moscou aproveitou a chance para instalar o seu próprio regime-fantoche. Esse foi o começo do fim para uma área dos Balcãs democrática – e por um longo tempo.

Agora Stálin e sua SMERSH estavam prontos para declarar guerra ao próprio Vaticano. Era uma guerra que o tirano comunista precisava vencer. Afinal, o Pio XII era o mais alto líder cristão do mundo, e a própria existência e expansão do comunismo ateu requeriam que seu principal competidor fosse desacreditado e demonizado – ou seja, a fé cristã.

A próxima seção deste livro (Parte II) revela uma das maiores e mais covardes campanhas de desinformação de toda a Guerra Fria, o enquadramento de um papa amado, anticomunista e antinazista – alguém que não apenas se opusera a Hitler e defendera os judeus, como também, e até pessoalmente, dera abrigo a judeus perseguidos – como um suposto "colaborador nazista". Os leitores devem se preparar para um passeio guiado e aprofundado por uma sofisticada, complicada, demorada e multifacetada campanha de pura mentira e difamação. Essa é a natureza da desinformação.

PARTE II

ANATOMIA DE UMA CAMPANHA DE DESINFORMAÇÃO: A CRIAÇÃO DO "PAPA DE HITLER"

9
A CRIAÇÃO FRACASSADA DO "PAPA DE HITLER"

A guerra entre o comunismo e a Igreja Católica é quase tão velha quanto o próprio comunismo. Em 1846, dois anos antes de Karl Marx publicar o seu *Manifesto comunista*, o Papa Pio IX se referiu àquela "doutrina infame assim chamada Comunismo, que é absolutamente contrária à Lei Natural" e que "destruiria completamente os direitos, a propriedade e as posses de todos os homens". Depois da Segunda Guerra Mundial, à medida que a União Soviética espalhava sua doutrina comunista por novos territórios, a batalha se tornou mais feroz.

No dia 3 de junho de 1945, a Rádio Moscou declarou oficialmente que o líder da Igreja Católica, o Papa Pio XII, fora o "Papa de Hitler", assim insinuando de maneira mendaz que ele fora um aliado dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.[1] Foi a primeira descarga de tiros de uma operação calculada da SMERSH para manchar aos olhos do mundo a reputação do papa reinante.

A insinuação da Rádio Moscou caiu no nada. Logo no dia anterior, 2 de junho de 1945, em uma alocução ao Colégio dos Cardeais transmitida pela Rádio do Vaticano, Pio XII falou do "espectro satânico do nazismo" e notou que o seu antecessor, Pio XI, o chamou do que realmente era: "a arrogante apostasia diante de Jesus Cristo, a negação de Sua doutrina e de Sua obra de redenção, o culto da violência, a idolatria da raça e do sangue, a destruição da liberdade e dignidade humana".[2] Quanto aos seus próprios esforços, Pio XII explicou:

> Continuando o trabalho de nosso antecessor, durante a guerra Nós nunca deixamos de nos opor à doutrina nazista e de praticar as leis inabaláveis de humanidade e fé cristã. Esse Nós foi o modo mais apropriado, podemos dizer que até o mais eficiente, de proclamar

> diante do mundo os princípios imutáveis da lei moral em meio a tanto erro e violência, para confirmar as mentes e corações dos católicos alemães nos mais altos ideais da verdade e da justiça. Tampouco isto foi em vão. De fato sabemos que Nossas transmissões de rádio, especialmente a do Natal de 1942, eram a despeito de toda proibição e obstáculos estudadas em conferências diocesanas e expostas ao povo.[3]

Pio XII também referiu a morte de cerca de 2 mil padres católicos em Dachau. O pontífice do período de guerra não se mostrou diferente em sua abordagem dos nazistas, sem distinguir se as vítimas eram padres católicos ou camponeses judeus.

A edição de junho de 1944 de um boletim lançado pelo "Grupo da Brigada de Judeus" (Oitavo Exército dos Estados Unidos) trazia um editorial de primeira página que punha inteiramente abaixo a insinuação da Rádio Moscou: "Para glória eterna do povo de Roma da Igreja Católica Romana, podemos declarar que a sina dos judeus foi amenizada por suas ofertas verdadeiramente cristãs de assistência e abrigo".[4] O jornal da Federação Israelita de Trabalho, o *Davar*, trazia declaração de um oficial de brigada judaica, dada logo após a libertação de Roma:

> Quando entramos em Roma, os sobreviventes judeus nos disseram, com voz cheia de profunda gratidão e respeito: "Se nós fomos resgatados, se os judeus ainda estão vivos em Roma, venha conosco e agradeça ao Papa no Vaticano. Pois no próprio Vaticano, em igrejas, mosteiros e em casas particulares os judeus foram escondidos por ordem pessoal do Papa".[5]

Outro acontecimento de poucas semanas antes fez da insinuação da Rádio Moscou algo inteiramente ridículo. No dia 13 de fevereiro de 1945, o rabino chefe de Roma e sua esposa, Israel e Emma Zolli, converteram-se ao catolicismo numa cerimônia amplamente divulgada. Zolli adotou o nome cristão de Eugenio em homenagem ao homem que, de acordo com ele, tanto fizera para proteger os judeus durante a guerra: o Papa Pio XII, nascido Eugenio Pacelli. Em seu livro de memórias de 1945, Zolli explicou:

> Nenhum outro herói na história comandou um tal exército; um exército de padres que trabalha nas cidades e pequenos interiores para prover pão para os perseguidos e passaporte para os fugitivos.

> Freiras vão a tabernas para dar hospitalidade a mulheres refugiadas. Superiores de conventos saem à noite para encontrar soldados alemães que procuram por vítimas... Pio XII é seguido por todos que possuem aquele fervor da caridade que não teme morte alguma.[6]

Pode ser difícil para alguém que não estava lá, no coração da perseguição fascista aos judeus, compreender por que o Rabino Zolli adotou o nome de Pio XII. Zolli, contudo, tinha há pouco testemunhado como milhares e milhares de vidas de sua própria congregação, pessoas que ele conhecia e amava, tinham sido salvos por Pio XII, e Zolli decidiu prestar as honras ao seu modo. Ele escreveu que a sua conversão foi baseada em uma verdadeira revelação religiosa, mas que escolheu o nome cristão de Eugenio e o Papa como seu patrono (ou padrinho) como meio de agradecê-lo por seus esforços para proteger os judeus durante a guerra.

A insinuação da Rádio Moscou de que Pio XII fora o "Papa de Hitler" não atraiu atenção alguma no Ocidente, pois o apoio heróico do Papa aos Aliados e sua generosa ajuda aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial ainda estavam frescos na mente das pessoas. Elas conheciam esse homem bem demais, baseadas na palavra das mais altas autoridades ocidentais, para que a insinuação pegasse.

Em 3 de agosto de 1944, o presidente Franklin D. Roosevelt escreveu ao pontífice: "Gostaria de... aproveitar esta ocasião para expressar à Sua Santidade minha profunda admiração pelas freqüentes ações da Santa Sé... no sentido de dar assistência às vítimas de perseguições raciais e religiosas".[7]

No dia 6 de setembro de 1944, Wiston Churchill anunciou: "Hoje falei com o maior homem de nosso tempo".[8] Churchill admirava a "simplicidade, a sinceridade e o poder"[9] de Pio XII. Albert Einstein escreveu: "Só a Igreja protestou contra a arremetida hitlerista contra a liberdade. Até então eu não tive interesse pela Igreja, mas hoje sinto grande admiração pela Igreja, que sozinha teve a coragem de lutar pela verdade espiritual e pela liberdade moral".[10] A revista secular *Wisdom* afirmou em seu editorial: "De todas as grandes figuras de nossa época,

nenhuma é mais universalmente respeitada por homens de todos os credos que o Papa Pio XII".[11]

O Cardeal Eugenio Pacelli se tornou o Papa Pio XII no dia 2 de março de 1939, com o mundo à beira da guerra. Desde os seus primeiros dias como pontífice, ele ficou inequivocamente do lado dos Aliados e contra Hitler. Um dia após sua coroação, Pio XII teve uma série de reuniões com o embaixador americano para a Inglaterra, Joseph P. Kennedy (pai do futuro presidente). Mais tarde, Kennedy escreveu aos seus superiores no Departamento de Estado americano, indicando que o novo papa tinha o "preconceito subconsciente, oriundo de sua fé, de que o nazismo e o fascismo eram pró-pagãos e, enquanto pró-pagãos, iam contra as raízes mesmas da religião". Pio XII estava bastante preocupado com o "clima deste tempo". No entanto, Kennedy acreditava ser prudente que essas opiniões fossem mantidas em privado e estimulou o Papa a abrir negociações com o Reich.[12]

Durante a Segunda Guerra Mundial, muitos alemães se envolveram na resistência. Um dos planos mais ambiciosos veio do Alto Comando das Forças Armadas Alemãs, que no fim de 1939 começou a conspirar para derrubar Hitler. A reação de outras nações a um golpe de estado contra Hitler era uma preocupação séria. Se fossem iniciar uma revolta, os ingleses e os franceses poderiam tirar vantagem militar disso, ocupar a Alemanha e distribuir punições duras. Os soldados da resistência queriam, portanto, um entendimento com os Aliados.

Só havia um único líder neutro no qual a resistência confiava: o Papa Pio XII. O famoso ministro protestante Dietrich Bonhoeffer já mantinha contato com o Vaticano sobre o seu trabalho de resistência.[13] Os líderes do golpe planejado recrutaram Josef Müller, um advogado de Munique, para viajar ao Vaticano e pedir ao Papa que intermediasse um acordo de paz.

Embora estivesse preocupado com o quanto isso iria afetar a neutralidade do Vaticano, Pio XII retransmitiu mensagens entre Müller e os ingleses. Em várias ocasiões Müller também trouxe mensagens que diziam respeito a planos militares e movimentação de tropas. Pio XII encaminhava essas mensagens aos governos ameaçados.[14] De fato, em 28 de fevereiro de 1940 o Papa Pio XII se encontrou com o embaixador americano para a Itália por 45 minutos e forneceu muita informação militar potencialmente

útil.[15] Como outros observaram: "Nunca antes na história tinha um papa se empenhado de maneira tão delicada em uma conspiração para derrubar à força um tirano".[16]

Em maio de 1940, os alemães anti-hitleristas enviaram uma mensagem ao Vaticano acerca dos planos alemães para invadir a Holanda, Luxemburgo e a Bélgica.[17] Pio XII transmitiu essa mensagem aos Aliados.[18] Apesar do aviso, os Aliados foram incapazes de se aproveitar da informação. No dia 10 de maio de 1940, as tropas alemãs invadiram. Na noite mesma das invasões, Pio XII esboçou pessoalmente três mensagens de condolência que foram enviadas, via telegrama, à Rainha da Holanda, ao Rei da Bélgica e à Grã-Duquesa de Luxemburgo.[19] Elas também foram impressas na primeira página da edição de 12 de maio do jornal do Vaticano.[20] (A maioria das 180.000 cópias foi confiscada pouco depois de ter chegado às bancas; os jornaleiros foram agredidos selvagemente).[21]

Mussolini tomou os telegramas como afronta pessoal séria. Ele chamou o papado de "uma doença a consumir a vida da Itália" e prometeu se livrar desse "padre turbulento".[22] O editor da publicação *Regime Fascista* escreveu em outubro de 1942: "A obstrução por parte da Igreja à solução prática ao problema judaico constitui um crime contra a Nova Europa".[23]

De acordo com o *Tablet* londrino de 24 de outubro, o Terceiro Reich, descontente até não mais poder com o número de judeus que eram libertados de áreas ocupadas por nazistas devido à pressão do Vaticano, fez circular 10 milhões de cópias de um panfleto que dizia que Pio XII inspirava falta de confiança ao mundo católico.[24] O panfleto argumentava que papas anteriores não tinham sido amigáveis com os judeus e que esse papa "pró-judeu" era o único que "achou necessário intervir a favor dos judeus".[25] Também Mussolini expressou o seu desprazer pelas "ferroadas antiditatoriais" que apareceram em *L'Osservatore Romano*,[26] o jornal oficial do Vaticano.

Invocando o nome de Pio XII três vezes, os bispos americanos divulgaram um pronunciamento profundamente pró-judaico no dia 14 de novembro de 1942. Dizia:

> Desde o assalto homicida à Polônia, inteiramente desprovido de qualquer semelhança de humanidade, houve uma exterminação premeditada e sistemática do povo dessa nação. A mesma técnica

> satânica está sendo aplicada a muitos outros povos. Temos um asco profundo pelas indignidades cruéis que se acumulam sobre os judeus em países conquistados e sobre povos indefesos de outras confissões... Profundamente comovidos pela prisão e maltrato dos judeus, não podemos reprimir o grito da consciência. Em nome da humanidade e dos princípios cristãos, nossa voz se ergue... Não há como nos excedermos em nossa condenação do tratamento inumano a que o povo judeu tem sido submetido em muitos países.[27]

Pio XII, então, enviou-lhes uma carta de agradecimento pela colaboração que deram.[28] Também disse a um diplomata espanhol: – Se os alemães vencerem, isso significará o maior período de perseguição que os cristãos já enfrentaram.[29]

No fim de 1942, Pio XII enviou três cartas de apoio aos bispos da Polônia ocupada pelos nazistas. As cartas se destinavam a ser lidas pelos bispos aos fiéis. Todos os bispos agradeceram ao pontífice, mas disseram que não poderiam publicar suas palavras ou lê-las em voz alta. O Bispo Stefan Sapieha, de Cracóvia, explicou em uma carta datada de 28 de outubro: "Desagrada-nos enormemente não podermos comunicar as cartas de Sua Santidade aos nossos fiéis, mas ocorre que isso seria pretexto para mais perseguição e já tivemos vítimas suspeitas de estarem se comunicando com a Santa Sé". Pio XII mais tarde iria citar essa experiência em uma carta ao Bispo Konrad von Preysing, de Berlim:

> Deixamos aos bispos locais pesar as circunstâncias para decidir se devem se conter ou não para evitar um mal maior. Isto é aconselhável se o perigo de medidas coercivas de retaliação for iminente em casos de declarações públicas do bispo. Aqui está a razão de Nós mesmos nos contermos em Nossas declarações públicas. A experiência que tivemos em 1942 com documentos que lançamos para ser distribuídos aos fiéis justifica, a Nosso ver, a Nossa atitude.[30]

Em sua mensagem de Natal de 1942, transmitida através da *Rádio do Vaticano*, Pio XII disse que o mundo estava "imerso nas trevas de erros trágicos" e falou da necessidade de os seres humanos fazerem "um voto solene de não descansar até que as almas valentes de todo povo e toda nação se erguessem em legiões, decidissem conduzir a sociedade e se devotarem aos serviços da pessoa humana e de uma sociedade humana divinamente enobrecida". Disse que a humanidade devia esse voto às "centenas de milhares de pessoas que, sem culpa alguma, e *tão só em*

razão de sua nacionalidade ou raça, haviam sido *condenadas à morte ou à extinção gradual*".[31] Ele incentivou todos os católicos a oferecer auxílio onde pudessem. Ao fazer essa declaração bem como outras ao longo da guerra, Pio XII utilizou a palavra latina *stirpe*, que significa raça ou nacionalidade, mas que por séculos fora utilizada como referência explícita aos judeus.[32]

Documentos britânicos refletem a opinião de que "a condenação pelo Papa do tratamento dado aos judeus e poloneses é bastante inequívoca, e a mensagem é talvez de tom mais enérgico do que qualquer uma de suas declarações recentes".[33] Um editorial de Natal do *New York Times* elogiou Pio XII por sua liderança moral:

> Neste Natal, mais do que nunca, ele é uma voz solitária a clamar no silêncio de um continente... Nessas circunstâncias, na verdade em quaisquer circunstâncias, ninguém esperaria que o Papa falasse como um líder político ou um líder de guerra, ou como se em qualquer outro papel que não o de um padre ordenado para permanecer acima de batalha, ligado imparcialmente, como ele diz, a todos os povos e disposto a colaborar com qualquer nova ordem que traga uma paz justa... O Papa Pio XII expressa tão apaixonadamente quanto qualquer um de nossos líderes o objetivo de brigar pela liberdade quando diz que aqueles que desejam construir um novo mundo devem lutar pela liberdade de escolha de governo e de ordem religiosa.[34]

Os líderes do Eixo não tiveram dificuldade em decifrar a mensagem de Natal do Papa. O embaixador alemão para o Vaticano se queixou de que o Papa havia abandonado qualquer pretensão de neutralidade e estava "falando claramente em defesa dos judeus".[35] Um relatório alemão dizia:

> De forma nunca antes vista, o Papa repudiou a Nova Ordem Européia Nacional-Socialista... O seu discurso é um longo ataque a tudo que defendemos... Deus, diz ele, vê todos os povos e raças como dignos da mesma consideração. Nisso fala claramente em defesa dos judeus... ele está virtualmente acusando o povo alemão de injustiça para com os judeus e se faz porta-voz dos criminosos de guerra judeus.[36]

Infelizmente, o reconhecimento de que suas ações maléficas tinham sido notadas pelo Papa não fez os nazistas mudarem de comportamento.

No dia 5 de maio de 1943, a secretaria do Vaticano emitiu um memorando acerca dos horrores enfrentados pelos judeus poloneses:

> Os judeus. Uma situação horrível. Havia aproximadamente 4,5 milhões deles na Polônia antes da guerra; hoje a estimativa é que nem 100 mil ainda estejam lá, incluindo aqueles que vieram de outros países sob ocupação alemã. Na Varsóvia tinha se estabelecido um gueto que continha 650 mil deles; hoje haverá entre 20 e 25 mil. Alguns, é claro, evitaram entrar em listas de nomes. Mas não há dúvida de que a maioria foi liqüidada. A única explicação possível é que morreram... Há campos especiais de extermínio perto de Lublin (Treblinka) e Brest-Litovski. Diz-se que são trancados às centenas em câmaras em que são mortos com gás e que depois são transportados em caminhões de gado inteiramente selados e com cal no chão.[37]

No dia 2 de junho de 1943, em um discurso aos cardeais transmitido pela *Rádio do Vaticano* e distribuído clandestinamente de forma impressa, o Papa expressou em termos novos e claros a sua compaixão e afeto pelo povo polonês e previu o renascimento da Polônia. Ele garantiu aos seus ouvintes que olhava para todos os povos com igual boa vontade. Em seguida deu a conhecer um pouco mais de seus pensamentos.

> Não se surpreendam, Irmãos Veneráveis e filhos amados, se nossa alma reage com particular emoção e preocupação insistente às orações daqueles que se voltam para nós com olhos ansiosos de súplica, encontrando-se em trabalho extenuante por causa de sua nacionalidade ou raça (*stirpe*), diante de imensas catástrofes e tristezas cada vez mais sérias e sensíveis, e destinados às vezes, mesmo sem culpa alguma, a coações mortíferas.[38]

O Papa alertou os cardeais para que fossem cuidadosos quanto ao que diziam. "Cada palavra que dizemos à autoridade competente sobre esse assunto, e todos os nossos pronunciamentos públicos, tem de ser cuidadosamente pesada e medida no interesse das próprias vítimas, para que, ao contrário de nossas intenções, não façamos a situação delas ainda pior e mais difícil de ser suportada".[39]

Em junho de 1943, depois de o rei da Itália, Victor Emmanuel III, ter prendido Mussolini, Hitler mandou suas tropas para Roma. Tomaram a cidade depois de apenas dois dias de batalha. A população de Roma inchou até duas vezes o seu tamanho com

os refugiados atraídos pelo que pensavam ser a proteção de uma cidade aberta. Pio XII fez o secretário de Estado do Vaticano escrever aos líderes de todas as ordens religiosas e lhes pedir que ajudassem os refugiados do modo que pudessem. Primeiro, as pessoas podiam entrar livremente na Cidade do Vaticano, mas, quando os nazistas perceberam que o Papa estava oferecendo abrigo aos judeus e outros refugiados, começaram a checar identidades. A Igreja reagiu oferecendo identidades falsas para pessoas que queriam entrar no Vaticano. Posteriormente, muitas pessoas se precipitaram loucamente para lá em busca de segurança.

Todos os prédios de igrejas disponíveis foram utilizados. Só em Roma estavam abertos 150 desses abrigos. "Abrigos eram improvisados em toda parte, em sótãos, em despensas debaixo de escadas, eram escondidos atrás de portas falsas e armários, em galerias subterrâneas, com portas da Roma antiga utilizadas como rota de fuga: tudo isso tão logo soasse o alerta – de acordo com sinais combinados, como sinos de conventos – de que a inspeção nazista estava próxima".[40] Hospitais católicos tinham ordens de receber tantos pacientes judeus quanto pudessem, mesmo que suas enfermidades fossem fictícias.[41] Castel Gandolfo, a casa de verão rotineira do Papa, foi utilizado para abrigar milhares de refugiados. Um documento de inteligência dos Estados Unidos no período de guerra relatou que o "bombardeio de Castel Gandolfo resultou no ferimento de cerca de 1.000 pessoas e na morte de outras 300. A representatividade dos números se deve ao fato de que a área estava atulhada de refugiados".[42] Ninguém além de Pio XII tinha autoridade para abrir a sua casa de verão para estrangeiros. De fato, o seu quarto pessoal foi transformado em enfermaria e maternidade, e cerca de 40 bebês nasceram lá durante a guerra.[43]

O Padre Robert Leiber, o secretário privado de Pio XII e seu confidente pessoal durante a guerra, disse: "À época o Papa se alinhou de modo bastante inequívoco ao lado dos judeus. Gastou toda a sua fortuna pessoal em defesa deles... Pio XII gastou o que ele próprio herdara, enquanto Pacelli, de sua família".[44] De maneira similar, o libertador John Patrick Carroll-Abbing escreveu:

> Nunca, nesses anos trágicos, pude eu prever, mesmo em meus sonhos mais loucos, que o homem que mais que nenhum outro tentara aliviar o sofrimento humano, que se dedicara dia após dia

> em seus contínuos esforços pela paz, iria 20 anos depois ser feito de bode expiatório para os homens que tentavam se livrar de suas responsabilidades e da culpa coletiva que obviamente pesava, e tanto, sobre eles.[45]

O ministro de Exterior alemão Joachim von Ribbentrop testemunhou em Nuremberg que ele tinha "uma mesa cheia de queixas" vindas de Roma.[46]

O *American Jewish Yearbook* de 1943-1944 relatou que Pio XII "tomou uma posição inequívoca contra a opressão dos judeus em toda a Europa". O chefe do Comitê Italiano de Assistência Judaica, o Dr. Raffael Cantoni, o qual depois se tornou presidente da União de todas as comunidades judaicas italianas, relatou: "A Igreja e o Papado salvaram um número de judeus tão grande quanto conseguiram salvar de cristãos... 6 milhões de meus co-religiosos foram assassinados pelos nazistas, mas as vítimas poderiam ter sido muito mais, não fosse a intervenção eficiente de Pio XII".[47]

Em 1945, o rabino chefe da Romênia, Dr. Alexander Safran, expressou a gratidão da comunidade judaica pela ajuda do Vaticano e por seu apoio a prisioneiros dos campos de concentração. O Rabino-Chefe Issac Herzog, de Jerusalém, escreveu:

> Sei bem que Sua Santidade o Papa se opõe, desde o mais profundo de sua alma nobre, a toda perseguição e especialmente à perseguição... que os nazistas infligem incansavelmente ao povo judeu... Aproveito esta oportunidade para expressar... meu sincero agradecimento bem como minha profunda admiração... à ajuda incalculável dada pela Igreja Católica ao povo judeu em sua aflição.

O Rabino-Chefe Herzog, da Palestina, que também foi pai do futuro presidente de Israel, disse: "O povo de Israel nunca esquecerá que Sua Santidade e seus ilustres representantes... estão fazendo por nós, irmãos e irmãs desafortunados, no momento mais trágico de nossa história...". Depois da guerra, Herzog enviou uma "benção especial" ao Papa por seus "esforços para salvar vidas de judeus durante a ocupação nazista da Itália".

O Rabino-Chefe Herzog, de Jerusalém, enviou uma mensagem de agradecimento pelas ações de Pio XII e da Santa Sé em defesa do povo judeu. Depois de seis meses de pesquisa em Yad Vashem [Centro Mundial de Pesquisa sobre o Holocausto,

localizado em Israel], Pinchas E. Lapide, o cônsul israelense para a Itália, escreveu:

> A Igreja Católica salvou mais vidas de judeus durante a guerra do que todas as outras igrejas, instituições religiosas e organizações de resgate somadas. Seus registros fazem um contraste impressionante com as realizações da Cruz Vermelha Internacional e das democracias ocidentais... A Santa Sé, os núncios e toda a Igreja Católica salvaram cerca de 400.000 judeus da morte certa.[48]

Ele depois veio a elevar sua estimativa para cerca de 860.000 judeus.

O Congresso Judaico Mundial também expressou seu agradecimento e doou 2 milhões de liras italianas (cerca de 20.000 dólares) para obras de caridade do Vaticano. A imprensa noticiou que o presente fora dado em reconhecimento do trabalho da Santa Sé de libertação de judeus da perseguição fascista e nazista.[49] O Dr. Joseph Nathan, um representante da Comissão Hebréia, disse, ao agradecer pelo apoio durante o holocausto: "Acima de tudo, nosso reconhecimento ao Sumo Pontífice e aos religiosos homens e mulheres que, executando as ordens do Santo Padre, tomaram os perseguidos como seus irmãos e, com grande abnegação, se apressaram em ajudá-los, sem reparar nos perigos terríveis a que se expunham".[50]

O Conselho Nacional de Bem-Estar Judaico escreveu a Pio XII: "Do fundo de nossos corações nós lhe enviamos, Santo Padre da Igreja, a certeza de nossa inesquecível gratidão de por sua nobre expressão de fraternidade religiosa e amor".[51]

O *New York Times* noticiou que a população de Roma cresceu durante a ocupação nazista porque "nesse período, por orientação do Papa, a Santa Sé fez um trabalho exemplar abrigando e defendendo as vítimas do regime nazi-fascista. Falei com dúzias de italianos, católicos como judeus, que devem sua liberdade e talvez sua vida à proteção da igreja. Em alguns casos, os antifascistas eram efetivamente salvos de execução por meio de intervenção do Papa".[52] O artigo prosseguia explicando que "ninguém duvida que o sentimento geral da Cúria Romana era antifascista e fortemente antinazista". O Congresso Judaico Mundial, em 1° de dezembro de 1944, em Atlantic City, quando da sua conferência de emergência por razão da guerra,

enviou um telegrama de agradecimento para a Santa Sé pela proteção que deu, "sob condições difíceis, aos judeus perseguidos na Hungria sob jugo alemão".[53]

Ao fim da guerra Pio XII foi saudado como "o inspirado profeta moral da vitória"[54] e teve "aclamação quase universal por ajudar os judeus europeus através de iniciativas diplomáticas, de pronunciamentos públicos com mensagem levemente velada e, de maneira bastante concreta, de uma rede continental de abrigos sem precedentes".[55] Como explicou um autor e correspondente que viveu na Itália do pós-Guerra:

> Somente através de medidas as mais vigorosas, Pio XII, um ser extraordinário, manteve o prestígio da Igreja. Este homem alto, frágil, com olhos negros penetrantes, conduziu por 25 anos um reino quase inacreditavelmente difícil. Ele tinha literalmente aberto as imensas portas de bronze do Vaticano e convidado as pessoas para que fossem até ele. O Vicário de Cristo não era mais inacessível... Ele se certificara de que pela primeira vez desde o século XIV os cardeais estrangeiros excedessem os italianos no Sacro Colégio e condenou com severidade o racialismo, o anti-semitismo e as doutrinas totalitárias.[56]

Stálin perdeu sua batalha de 1945 contra Pio XII, mas estava determinado a vencer a guerra. Stálin acreditava no livro de Lênin, de 1904: *Um Passo para Frente, Dois para Trás (A Crise no Nosso Partido)*.[57] Evidentemente, Pio XII era peixe grande demais para que a SMERSH de Stálin fosse atrás dele naquele momento. Em vez disso, Stálin decidiu se focar no enquadramento de alguns dos cardeais que ele herdara com os novos países-satélites da Europa Oriental. Eles seriam acusados de ter sido pró-nazistas, é claro, tal como funcionara tão bem anteriormente. Stálin tinha certeza de que enquadrar os cardeais se mostraria coisa de valor mais na frente, quando o clima fosse mais propício para enquadrar secretamente Pio XII sem deixar à vista a mão soviética.

Era hora de Stálin convocar Vyshinsky de novo.

10
CARDEAL STEPINAC

O *New York Times* de 6 de setembro de 2009 estampava uma imagem do que era chamado de a "controversa" nova tumba do Cardeal Alojzije Stepinac na Catedral da Assunção da Bendita Virgem Maria, em Zagreb, na Croácia. Stepinac, contudo, jamais deveria ser considerado "controverso". Em 1946, ele foi *enquadrado* como colaborador nazista pela máquina de enquadramento de Stálin. Naquele mesmo ano, Louis Breier, um líder comunitário judeu, organizou um protesto em Nova Iorque para defender a memória de Stepinac. Breier declarou:

> Esse grande homem foi a julgamento como colaborador nazista. Protestamos contra essa calúnia. Ele sempre foi um amigo sincero dos judeus, e não escondia isso mesmo em tempos de perseguição cruel sob o regime de Hitler e seus seguidores. Junto ao Papa Pio XII, o Arcebispo Stepinac foi o maior protetor dos judeus perseguidos na Europa.[1]

O enquadramento de Stepinac revelou a conexão orgânica entre o nazismo e o comunismo e provou que Pio XII estava absolutamente correto em combater ambos. Assim como Pio XII, Stepinac era um acérrimo oponente do nazismo *e do* comunismo. Também como Pio XII, ele desafiou abertamente esses regimes opressores. Ambos os homens eram odiados por Stálin, que ordenou que ambos fossem enquadrados. A diferença principal entre eles era que Pio XII vivia no Vaticano, onde Stálin não podia tocá-lo fisicamente, ao passo que Stepinac vivia em um país-satélite soviético, onde Stálin podia não só enquadrá-lo, mas também levá-lo a julgamento.

Stepinac foi enquadrado pela segurança de Estado de Tito, a UDBA (*Uprava državne bezbednosti*), uma organização criada

pela polícia política de Stálin e, na época, dirigida por um homem de grande experiência na inteligência soviética, Aleksander Rankovic, e seus conselheiros soviéticos. Fizeram um trabalho tão bom, que até hoje muitos acreditam que Stepinac estava envolvido na perseguição de sérvios.

Antes e durante o julgamento, o líder iugoslavo Josip (Broz) Tito fez uma série de discursos públicos condenando o Papa Pio XII como um "inimigo do governo iugoslavo", mas ele não limitou seus comentários a Stepinac. Perguntou: "Do lado de quem, contudo, estava o Papa? Ele não estava defendendo a causa iugoslava". O jornal oficial do Vaticano, *L'Osservatore Romano*, explicou que "Tito estava reproduzindo a posição de Moscou".[2]

Anos depois, soube por meio do meu equivalente iugoslavo, Silvo Gorenc, que o julgamento de fachada de Stepinac fora encenado por Andrey Vyshinsky, o velho soldado de inteligência que trabalhara disfarçado de promotor público durante os expurgos de Stálin. Três anos depois do julgamento, Vyshinsky se tornou o Ministro de Relações Exteriores da União Soviética.

x

No começo da Segunda Guerra Mundial, a área agora conhecida como Croácia era parte da Iugoslávia. Em março de 1941, a Iugoslávia se uniu formalmente ao Eixo de Hitler. Nacionalistas sérvias obtiveram controle de Belgrado, contudo, e anunciaram que estavam se alinhando com os Aliados. Como resultado, Hitler invadiu a Iugoslávia e deu seu apoio aos nacionalistas croatas que declararam uma Croácia independente.[3] O novo governo croata era liderado por Ante Pavelić e dominado pelo seu partido de estilo nazista, o Ustashe.[4] O governo do Ustashe decretou leis de raça tomando por padrão as do Terceiro Reich. Os judeus, assim como os ciganos, os sérvios, os comunistas e os padres católicos dissidentes, eram agredidos, internados em campos de concentração ou assassinados. A brutalidade do Ustashe chocou até os nazistas.

O líder da Igreja Católica Romana na Croácia era o Arcebispo Aloysius ("Alojzije", em croata) Stepinac. Historiadores observaram que, quando a brutalidade começou, o Arcebispo

"quase que imediatamente... valeu-se de sua posição para pronunciar-se contra o tratamento dispensado a judeus e cristãos ortodoxos".[5] Stepinac resgatou centenas de refugiados por meio de ação direta, mas muito mais "por meio de seus sermões, nos quais condenava vigorosamente a implementação de leis raciais".[6] O embaixador francês em Zagreb ficou convencido de que as intervenções de Stepinac estavam por trás do abrandamento das leis raciais na Croácia.[7]

Os sermões de Stepinac contra os abusos do Ustashe eram tão fortes, que em pouco tempo a Igreja foi proibida de publicá-los. Contudo, católicos e outros que se opunham ao regime faziam cópias deles e os faziam circular em segredo.[8] Stepinac também forneceu cópias dos seus sermões, para permitir que seus partidários transmitissem trechos deles pelo rádio.[9] Pelo menos em uma ocasião, Stepinac teve uma cópia de sermão seu contrabandeada para o Rabino-Chefe Freiberger da Croácia.[10] Na Itália e em outras áreas ocupadas, fazia-se o mesmo com as transmissões de rádio de Pio XII.

Em outubro de 1941, o Ustashe destruiu a principal sinagoga em Zagreb. Pouco depois disso, na catedral, Stepinac rugiu: "Uma Casa de Deus, não importa de que religião, é um lugar sagrado. Quem quer que toque um lugar desses pagará com sua vida. Um ataque à Casa de Deus de qualquer religião constitui um ataque a todas as comunidades religiosas".[11]

Em fevereiro de 1942, Stepinac prestou reclamação ao ministro de Interior acerca da destruição de igrejas ortodoxas.[12] A *Associated Press* reportou que "por volta de 1942 Stepinac se tornara um duro crítico" do Ustashe, condenando as suas "políticas genocidas, que mataram dezenas de milhares de sérvios, judeus, ciganos e croatas".[13] Um sermão de 31 de outubro de 1943 foi típico dos muitos que o arcebispo pregou em prol da dignidade de toda a humanidade. Ele disse:

> Sempre afirmamos o valor, na vida pública, dos princípios da lei eterna de Deus, sem distinguir se aplicados a croatas, sérvios, judeus, boêmios, católicos, maometanos ou ortodoxos... A Igreja Católica desconhece raças nascidas para governar e raças condenadas à escravidão. A Igreja Católica conhece raças e nações apenas como criaturas de Deus... por isso, o negro da África Central é um homem tão importante quanto o europeu. Por isso, o rei em seu palácio real

> é, enquanto homem, exatamente o mesmo que o menor dos mais indigentes ou dos ciganos em sua tenda... Condenamos toda injustiça; todo assassinato de gente inocente; todo incêndio de cidadezinhas pacíficas; toda matança; toda exploração dos pobres...[14]

Um general alemão, em Zagreb, declarou na época: "Se algum bispo na Alemanha falasse desse jeito, não desceria vivo do seu púlpito!".[15]

O desprezo de Stepinac pelos nazistas se reflete num incidente durante a ocupação alemã. Hans Frank, o agente nazista encarregado da ocupação, deu a entender diversas vezes que queria ser convidado para jantar na residência do Arcebispo. Como é de imaginar, isso ajudaria a legitimar sua posição. Enfim veio o convite. Quando Frank se sentou para jantar com o Arcebispo, foi-lhe servida uma refeição magra de pão preto (em parte feito de bolota), geléia de beterraba e café de segunda qualidade. Stepinac explicou calmamente que essa fora a única comida que conseguira obter com os cupons de ração fornecidos pelos nazistas e que ele certamente não se arriscaria a ser preso, nem colocaria seus empregados em tal risco, comprando no mercado negro.[16]

Em fevereiro de 1944, o Chefe-Rabino da Terra Sagrada, Isaac Herzog, enviou uma carta de agradecimento ao delegado apostólico em Istambul, Roncalli, por "tudo o que você fez" para salvar os judeus.[17] Também escreveu para Abbot Marcone, o representante do Vaticano em Zagreb,[18] para "expressar quão profundamente aprecio tudo o que você fez por nossos irmãos e irmãs desafortunados", notando que nisso ele seguia o bom exemplo do Papa Pio XII.[19]

Em 1944/45, partidários dos comunistas sob o comando de Tito ocuparam Zagreb. A nova Federação Socialista da Iugoslávia se tornou um satélite soviético. O governo, controlado por Moscou, nacionalizou a economia e moveu perseguição de estilo soviético contra a Igreja Católica confiscando suas propriedades,[20] fechando seminários e escolas,[21] banindo missas e perseguindo o clero.

Antes de chegarem ao poder, os comunistas "usaram os discursos do Cardeal Stepinac em sua propaganda, já que o Cardeal sempre se pronunciava contra a ocupação nazista e contra a violação dos direitos humanos cometida por Pavelić".[22] Agora, no entanto, o Cardeal era uma ameaça.[23] "Incomodava o novo regime que a Igreja Católica fosse a única organização que escapava ao seu controle".[24]

No dia 15 de maio de 1945, o carro de Stepinac foi confiscado.[25] Dois dias depois, a UDBA o prendeu. O Arcebispo ficou preso por 70 dias. No dia seguinte à sua soltura, Tito chamou Stepinac para uma conversa cara a cara.[26] O líder comunista queria que a igreja croata cortasse seus laços com Roma. Tito argumentou que o Vaticano não tratara muito bem as nações eslovacas. Stepinac não apenas corrigiu Tito quanto a fatos históricos, como também lançou o desafio: – Insisto que haja liberdade para todas as pessoas. Você não me deu sinal algum de que pretende respeitar a Constituição. Irei me opor a você a cada movimento que der desrespeitando a Constituição e o povo.[27]

Em março de 1946, Tito pediu à Santa Sé que convocasse Stepinac e o substituísse por outro arcebispo. Quando – em concordância com a vontade de Stepinac – Pio XII negou o pedido, o palco ficou montado para que o Arcebispo voltasse a ser preso.

No começo de setembro de 1946, Stálin enviou Vyshinsky para Zagreb. No dia 18 de setembro, a UDBA de Tito prendeu Stepinac e o acusou de seis crimes, incluindo: ajuda na organização de crimes nazistas; colaboração com a marionete nazista Pavelić e seu Ustashe; e responsabilidade por crimes cometidos por capelães no exército do Ustashe.[28]

Tito utilizou o seu sistema de "justiça" como "uma ferramenta para resolver problemas políticos".[29] "Julgamentos rápidos e impiedosos, sem qualquer objetividade".[30] O bispo evangélico, o mufti de Zagreb, o chefe da Igreja Ortodoxa Croata e outros foram julgados e executados.[31] Até mesmo padres que não tinham conexão alguma com o Ustashe foram executados.[32]

O julgamento de Stepinac começou em 30 de setembro de 1946. Naquele dia, a revista *Time* noticiava a desobediência do Arcebispo:

> O Arcebispo Stepinac atacou violentamente a idéia nazista de "raça dominadora" e condenou a execução de reféns como "inumana e anticristã". Ele foi igualmente destemido ao condenar os ultrajes comunistas. Em 1945, o Arcebispo escreveu em uma carta pastoral: "Os inimigos da Igreja Católica... os seguidores do materialismo comunista... exterminaram a fogo e espada, em nossa Croácia, padres e os mais eminentes dos fiéis... São 243 padres mortos; 169 estão na prisão".[33]

A imprensa americana tomou o julgamento como uma fraude.[34] A acusação teve 15 meses de acesso aberto a documentos do governo e da igreja com que se preparar. Os advogados de Stepinac só tinham direito a uma hora de visita ao seu cliente e só tiveram uma semana para coletar evidências para a defesa.[35] O arcebispo americano Joseph Hurley compareceu como representante do Papa Pio XII. Não foi permitido a Stepinac, contudo, consultar-se com ele durante o processo.[36] Muitas testemunhas de defesa não tiveram permissão para testemunhar, e não se permitiu utilizar muitas das provas de defesa. Provas de acusação centrais foram forjadas. Como um autor o expressou:

> O julgamento foi uma farsa. Declarações de testemunhas foram falsificadas nos autos do processo. Testemunhas foram ameaçadas. Juízes desenvolveram longos monólogos e deram as respostas "apropriadas" às suas próprias perguntas. O tribunal estava cheio de agitadores comunistas, cujas manifestações vocais eram amplamente noticiadas pela mídia controlada pelo governo; somente cinco representantes da Igreja tiveram permissão para estarem presentes.[37]

150 padres de Zagreb se arriscaram a ser presos lançando uma declaração de apoio ao seu arcebispo,[38] e o Papa Pio XII disse: "Temos o direito e o dever de rejeitar essas acusações falsas". Ele o chamou de "um processo de julgamento muito triste".[39]

No quarto dia de trabalhos, Stepinac fez um discurso de 38 minutos. A revista *Time* noticiou que o Arcebispo "perdeu momentaneamente a sua temperança". Ele "balançou um dedo irado na direção da corte e gritou: 'A Igreja na Iugoslávia não apenas não tem liberdade alguma, como em breve será aniquilada'".[40] Ele continuou:

> Ao longo de 17 meses se fez uma campanha contra mim, publicamente e na imprensa; e por 12 meses fiquei em efetiva prisão domiciliar no palácio episcopal... Durante a guerra, a Igreja teve

> de se virar em meio a incontáveis dificuldades. Havia o desejo de ajudar, tanto quanto fosse possível, o povo sérvio... Fui *persona non grata* tanto para os alemães como para o Ustashe; não me juntei aos integrantes do Ustashe nem tampouco fiz o juramento deles, como o fizeram alguns dos funcionários desta corte, que vejo aqui. A nação croata se colocou unanimemente do lado do Estado croata, e eu seria negligente se não tivesse reconhecido e confirmado o desejo do povo croata escravizado pela antiga Iugoslávia.[41]

Stepinac acusou os seus promotores comunistas de se comportarem como a Gestapo. Disse que sua consciência estava limpa. Também disse que estava sendo acusado para que o Estado pudesse atacar a Igreja. Negou ter conduzido de má fé quaisquer conversões religiosas.[42]

A publicação da declaração do Arcebispo ou das argumentações de seus advogados de defesa foi proibida durante todo o governo comunista da antiga Iugoslávia. Aqueles que fizeram cópias e as distribuíram clandestinamente enfrentaram processo criminal.[43] Um filme financiado pelo governo que foi exibido por toda a nação pouco depois do julgamento fazia parecer, falsamente, que Stepinac não oferecera nenhuma defesa às acusações.[44]

Durante o julgamento, a acusação falsificou um relatório que supostamente fora enviado pelo Arcebispo ao Papa, datado de 18 de maio de 1943. Ele condenava amargamente os sérvios e a Igreja Ortodoxa. Também mostrava Stepinac como tendo trabalhado para o Ustashe e a pedir que o Papa providenciasse intervenção estrangeira na Iugoslávia.[45]

Stepinac negou ter escrito ou enviado esse relatório.[46] Não estava escrito em papel diocesano e não tinha seu endereço ou assinatura. Estava em italiano, em vez de no latim formalizado que normalmente é usado por um arcebispo. Referia-se a Stepinac como *Metropoleta de Croatiae et Sloveniae*, mas Stepinac nunca se referia a si próprio desse modo. Continha informação detalhada sobre a Bósnia que seria improvável ser do conhecimento de Stepinac, já que a Bósnia não fazia parte de sua diocese.[47] Embora os comunistas alegassem que a carta fora encontrada nos escritórios do Ministério de Relações Exteriores croata, Stepinac nunca despachou seus relatórios dali. O promotor, Jakov Blaževič, alegou ter uma cópia assinada por

Stepinac, mas não a levou ao julgamento. Tampouco apareceu no registro dos autos.[48]

Em 1950, um grupo de senadores americanos buscou franquear ajuda americana à Iugoslávia se, e somente se, o Arcebispo Stepinac fosse solto. Dando-se conta da necessidade de melhores relações com o Ocidente após o rompimento com a União Soviética, e também preocupado com a saúde declinante do Arcebispo, Tito expressou disposição em soltar Stepinac se este fosse embora da Iugoslávia.[49] Como a revista *Time* explicou:

> Marechal Tito, querendo melhorar as relações, fez no último mês uma oferta direta ao Vaticano para libertar o encarcerado Arcebispo Stepinac. A condição de Tito: que Stepinac deixe a Iugoslávia no momento em que for solto. Na última semana o Vaticano noticiou a proposta de Tito – e sua própria resposta: sem barganha. "A Santa Sé ficaria satisfeita se Monsenhor Stepinac fosse libertado", disse em resposta a Tito. "A Santa Sé está informada, contudo, de que o Excelso Prelado, convencido de sua inocência, prefere ficar perto de seus fiéis". Isso pareceu devolver o embaraçoso dilema de Tito de volta para ele.[50]

Stepinac explicou: "Eles nunca me soltarão a menos que me coloquem num avião à força e me levem para além da fronteira. É meu dever nestes tempos difíceis ficar junto do povo".[51]

Em dezembro de 1951, Tito ordenou que Stepinac fosse solto de sua cela e mandado para prisão domiciliar em sua cidade natal, Krašić.[52] O Vaticano ainda queria que o regime de Tito reconhecesse a inocência de Stepinac e desse solução a outras questões proeminentes. Citando o jornal do Vaticano, e revista *Time* publicou: "Outro bispo, Sua Excelência Monsenhor Peter Cule de Mostar, ainda está injustamente preso... Um total de 200 padres e religiosos estão na prisão. Seminários ainda estão sob permissão especial para funcionamento, e monastérios e conventos permanecem confiscados... A liberdade de culto... está sufocada".[53]

Imediatamente após a transferência de Stepinac, o Papa Pio XII anunciou que ele seria elevado ao cardinalato. Em resposta, o governo de Tito cessou relações diplomáticas com o Vaticano.[54] Stepinac não foi a Roma para ser investido como Príncipe da Igreja, pois sabia que o governo iugoslavo não permitiria que retornasse para casa. Ele explicou: "Deixar a Iugoslávia nestes

tempos significaria abandonar o meu posto e abandonar o meu povo... Ficarei aqui, se necessário, até a morte".[55]

Stepinac vivia em dois cômodos numa casinha perto de uma pequena e bela igreja em Krašić. Ele podia celebrar missas e administrar os sacramentos. Também escreveu muitas cartas a padres e outras pessoas, encorajando-os na fé, embora os comunistas monitorassem toda a sua correspondência e esta estivesse sujeita a confisco.[56] Quando um jornalista visitante lhe perguntou como se sentia, o Cardeal respondeu: "Aqui, do mesmo jeito que em Lepoglava... estou cumprindo com o meu dever". Quando perguntado em que este consistia, disse: "sofrer e trabalhar pela Igreja".[57]

Em 1953, Stepinac se recusou a ir para o exterior tratar um problema de coagulação sangüínea. Dois médicos americanos tinham permissão, contudo, para vir à Iugoslávia tratá-lo. A doença, policitemia (às vezes chamada de "leucemia invertida"), envolvia um excesso de hemácias, as células vermelhas.[58] Isso levou Stepinac a brincar: "Estou sofrendo de um excesso de vermelho".[59]

A saúde de Stepinac piorou. Ele veio a ficar com pulmões congestionados e morreu de emolia pulmonar no dia 10 de fevereiro de 1960. Anos depois, teste conduzido por funcionários do Vaticano indicou que ele fora lentamente envenenado.

A revista *Time* noticiou que ele "nunca vestiu sua túnica de cardeal. Mas nenhum príncipe vivo da Igreja Católica Romana tinha mais direito a tanto que o Cardeal Alojzije Stepinac... Ao longo de anos, ele foi um símbolo silencioso, mas inesquecível, da guerra entre comunismo e cristianismo".[60]

O Papa João XXIII honrou Stepinac com um Ofício dos Defuntos solene na Basílica de São Pedro – uma cerimônia geralmente reservada para cardeais que morreram em Roma. Alegando que Stepinac fora privado de seu arcebispado pelo Estado, Tito decretou que o funeral só poderia ocorrer na igrejinha de Krašić.[61] Com a pressão internacional crescente, contudo, ele por fim deu permissão para um funeral com todas as honras na Catedral de Zagreb.[62]

Em 1985, o promotor que acusou Stepinac, Jakov Blazevic, reconheceu que Stepinac tinha sido enquadrado e que tinha sido processado somente por ter se recusado a cortar os laços entre

os croatas e a Igreja Católica Romana.[63] Blazevic disse que, caso Stepinac tivesse aceitado ser o chefe de uma Igreja Católica independente, não teria sido levado a julgamento.[64]

Quase 40 anos após o julgamento, Hrncevic, um dos principais agentes legais de Tito, e que construíra o caso original contra Stepinac e arranjara o julgamento, declarou: "Os indiciamentos foram concebidos mais para efeito de publicidade que de legalidade".[65] O dissidente político iugoslavo Milovan Đjilas, que antes fora próximo de Tito, disse que o problema "com Stepinac não era a sua política com relação ao Ustashe, mas para com os comunistas".[66]

Em outubro de 1998, após a Croácia ter se libertado das mãos do comunismo, a Igreja beatificou Stepinac.

Ao enquadrar Stepinac, Stálin e seus representantes iugoslavos criaram de maneira não-intencional um relatório que, hoje, expõe a metodologia da técnica soviética de enquadramento. Um estudo desse relatório mostra como provas fabricadas destinadas a enquadrar Stepinac como pró-nazista acabaram contaminando a investigação do relatório de Pio XII.

Nos anos 1960, o escritor italiano Carlo Falconi escreveu *O silêncio de Pio XII*, um livro baseado inteiramente em documentos que lhe foram fornecidos pelo governo comunista da Croácia – incluindo aqueles que foram utilizados para enquadrar o Arcebispo Stepinac.[67] De fato, o título de todos os capítulos do livro de Falconi tem relação com a Croácia.[68]

Em seu prefácio, Falconi explicou que "o cerne dos documentos croatas" que lhe tinham sido fornecidos pelo governo (comunista) croata "trazia à luz uma safra de revelações inteiramente nova e insuspeita sobre os homens e o mundo misterioso" dos altos oficiais do Vaticano. O livro de Falconi impressionou pesquisadores porque era abundante em notas de rodapé e se baseava em documentos que tinham sido usados em litígio. *O silêncio de Pio XII* deu o tom das primeiras pesquisas que "documentavam" que Pio XII fora o "Papa de Hitler".

Hoje sabemos que Falconi não estava olhando para documentos legítimos, mas para contrafações comunistas.[69] Em

1985, Jakov Blažević, que processara Stepinac, confessou que os documentos com base nos quais o Arcebispo fora processado eram falsos.[70] Em 1992, um dos primeiros atos do parlamento no novo governo independente da Croácia foi lançar uma declaração condenando o enquadramento e "o julgamento político e a condenação do Cardeal Stepinac em 1946".[71]

Embora escritores mais recentes devessem conhecer melhor o assunto, *O silêncio de Pio XII*, baseado em falsos documentos criados pelo governo croata comunista, permanece muito citado até hoje. *O Papa de Hitler*, de John Cornwell, publicado em 1999, fez muito uso dele. De fato, Cornwell elogiou a pesquisa "meticulosa" de Falconi.[72]

Falconi e as obras construídas a partir do seu livro macularam toda a investigação sobre o Papa Pio XII. Como explicou o pesquisador croata Jure Krišto: "Os documentos que ambos [Falconi e Cornwell] utilizaram haviam sido reunidos, é claro, pela polícia secreta iugoslava, à época dirigida pelo comunista sérvio [chefe da UBDA] Aleksandar Ranković, e fornecidos a Falconi para comprometer o Papa Pio XII como o Papa de Hitler".[73] Esses documentos confundiram por décadas os estudiosos de Pio XII.[74]

Em outubro de 2008, no décimo aniversário da beatificação do Cardeal Stepinac, milhares de pessoas se reuniram para homenageá-lo.[75] Para eles, o Cardeal foi um líder corajoso, um herói e um santo. Um líder corajoso porque foi sozinho à guerra contra o nazismo e o comunismo. Um herói porque venceu. E um santo porque sacrificou a sua vida pela liberdade religiosa dos seus seguidores.

Nos anais da história, o Cardeal Stepinac também se afixará como testemunha-chave em qualquer julgamento futuro que busque identificar o verdadeiro culpado na guerra perversa contra Pio XII e o mundo judaico-cristão. É uma guerra que irrompeu em 1945 e nunca acabou.

11
CARDEAL MINDSZENTY

Menos de dois anos após o cardeal croata Stepinac ter sido enquadrado, Stálin voltou sua atenção para o Cardeal József Mindszenty, o arcebispo católico e primaz da Hungria. No manual altamente confidencial de *dezinformatsiya* que codificava a minha vida na comunidade soviética de serviços de inteligência, lia-se na primeira página, em caixa alta: "SE VOCÊ FOR BOM EM DESINFORMAÇÃO, PODE SE LIVRAR DE QUALQUER COISA". O manual da KGB começa com um exemplo que ilustra como o enquadramento pode "neutralizar até mesmo um santo". O "santo" em questão era Mindszenty, chamado de "herói santo" pelo Vaticano por conta de sua resistência épica durante sua prisão pelos nazistas (1944-1945).

O manual da KGB resumia o "caso Mindszenty" – com a usual presunção soviética – como "uma de nossas operações de *dezinformatsiya* mais estupendas, mais monumentais".[1] A KGB considerava o ato de enquadrar seus inimigos uma tarefa nobre, e ficava orgulhosa ao ponto de se gabar de uma operação bem-sucedida. Os líderes soviéticos e suas organizações de polícia política viveram de fato em um mundo que era seu, e não temiam que seus métodos fossem revelados. Na realidade, tratou-se – naqueles tempos – de uma tentativa bastante sofisticada de difamar a Igreja Católica.

No dia 26 de dezembro de 1948, Mindszenty foi preso pela AVO (*Allamvedelmi Osztaly*), a sucursal húngara da polícia de segurança soviética. Na sede da AVO em Budapeste, Mindszenty foi submetido a surras noturnas brutais e incitado a assinar confissões, o que ele se recusou a fazer. No seu julgamento, de 3 a 5 de fevereiro de 1949, foi enquadrado com documentos fabricados e condenado a prisão perpétua. Era uma repetição do caso Stepinac.

Duas circunstâncias fortuitas fizeram do caso Mindszenty um verdadeiro abrir de olhos acerca de como Stálin e sua polícia de segurança foram atrás dos arcebispos e cardeais de Pio XII. A primeira é que Mindszenty foi abençoado por ter conseguido sobreviver com a cabeça no lugar e ter escrito um relato detalhado de tudo que lhe aconteceu. Seu livro, *Memórias*, foi publicado em Nova Iorque em 1974 e ofereceu uma visada devastadora do modo como a AVO o caluniou, acusando-o de conspirar para derrubar o governo comunista e de fazer transações ilegais de divisas. O segundo e singular evento é que László e Hanna Sulner, o casal húngaro que trabalhou com a AVO para falsificar os documentos utilizados no enquadramento de Mindszenty, conseguiram fugir para o Ocidente imediatamente após o início do julgamento e publicaram vários relatos sobre o que exatamente haviam feito. Sua história é fascinante e lança nova luz sobre como o Kremlin dedicou-se a enquadrar o próprio Papa Pio XII, muitos anos depois.

O Cardeal Mindszenty nasceu, recebendo o nome de József Pehn, em Mindszent, um povoado do Império Austro-Húngaro, no dia 29 de março de 1892.[2] Todos os seus ancestrais foram húngaros, podendo ser traçados até muitas gerações anteriores, e seus familiares eram todos católicos romanos devotos, assim como muitos outros húngaros. Foi ordenado padre em 1915 e adotou patrioticamente o nome Mindszenty em 1941, quando os nazistas estavam ameaçando toda a Europa Oriental. Em 1944, o Papa Pio XII o fez bispo, e em 16 de setembro de 1945 o mesmo papa o designou arcebispo de Esztergom e primaz da Hungria.

Ao longo de sua vida, Mindszenty foi porta-voz e defensor politicamente ativo dos princípios humanitários, o que fez com que fosse preso por várias ditaduras no sobe-e-desce da política húngara do século XX. Seu primeiro encarceramento se deu de 19 de fevereiro a 15 de maio de 1919, depois de ele ter atacado publicamente o governo revolucionário de Michael Karolyi, fazendo-se líder do então recém-fundado Partido Cristão e editando uma folha crítica do regime.[3] Ao governo de Karolyi se seguiu a curta "República Húngara Soviética" de Bela Kun em 1919. Os comunistas continuaram a ver Mindszenty como um oponente, e ele foi preso de novo. Depois de vários dias pungentes,

durante os quais sua vida se viu por um triz, Mindszenty foi mandado de volta com os seus pais para seu povoado natal.[4]

Durante a maior parte da Segunda Guerra Mundial, a Hungria ficou ao lado da Alemanha nazista, mas permaneceu livre de ocupação, então se tornando um refúgio para os judeus europeus. Na primavera de 1944, contudo, os alemães invadiram a Hungria sob o pretexto de salvaguardar comunicações. Estabeleceram um governo-fantoche em Budapeste e passaram imediatamente leis antijudaicas, insistindo em que os judeus deviam ser confinados em guetos. O Vaticano protestou intensa e regularmente contra o tratamento inumano dado aos judeus na Hungria, como o fizeram todos os bispos húngaros, incluindo Mindszenty.[5]

As igrejas católicas na Hungria ofereceram conversão a milhares de judeus para salvá-los da perseguição e deportação, assim como o diplomata sueco Raoul Wallenberg salvou muitos lhes dando passaportes suecos – até que os nazistas os pegaram e começaram a ir atrás dos convertidos.[6]

De novembro de 1919 (quando o exército romeno, com o consentimento das potências Aliadas, deu fim à "República Húngara Soviética" de Bela Kun) a outubro de 1944, a Hungria foi dirigida pelo ministro assistente Nicholas Horthy. Com os nazistas no controle da Hungria, começaram a deportar judeus. Isso levou a reclamações por parte dos líderes católicos. Horthy se queixou aos alemães por estar sendo bombardeado com telegramas do Vaticano e de outros, e que o núncio o estava convocando várias vezes por dia.[7] Em face desses protestos, Horthy retirou seu apoio ao processo de deportação, tornando impossível que os alemães lhe dessem continuidade. Em um telegrama para o Papa Pio XII, Horthy escreveu: "É com compreensão e profunda gratidão que recebo seu telegrama e lhe peço que tenha a convicção de que farei tudo que estiver em meu poder para fazer prevalecer as demandas dos princípios humanitários cristãos".[8]

Horthy concordou em trabalhar contra as deportações e até assinou um acordo de paz com os Aliados. Mais de 170.000 judeus húngaros foram salvos da deportação em cima da hora de sua partida.[9] Os alemães, contudo, não seriam dissuadidos

Os alemães prenderam Horthy em outubro, puseram a Hungria sob o controle de um grupo de nazistas húngaros conhecido como Cruz Flechada, e as deportações foram retomadas. Em 31 de outubro de 1944, os bispos húngaros, incluindo Mindszenty, protestaram. Naquele mesmo mês, Pio XII se juntou a um esforço de levantar dinheiro para apoiar os refugiados húngaros, estimulando todos os fiéis a redobrarem os seus esforços em defesa das vítimas da guerra, sem importar a raça.[10] Quase toda igreja católica na Hungria deu refúgio a judeus perseguidos durante o outono e o inverno de 1944.[11]

Em 26 de novembro de 1944, Mindszenty foi preso novamente. Desta vez por causa de sua oposição ao governo da Cruz Flechada pró-nazista, e assim foi acusado de traição. Felizmente, ele escapou do julgamento e foi libertado quando as tropas alemãs partiram no dia 4 de abril de 1945. O país se viu, aí, sob ocupação soviética.

De maneira notável, Mindszenty conseguiu deixar o país no dia 30 de novembro de 1945 e viajar para Roma, onde, em 21 de fevereiro de 1946, foi feito cardeal pelo Papa Pio XII. Quando voltou para a Hungria, as tropas soviéticas ainda estavam no país, e a situação política e religiosa era a pior possível. Naquele outono, o serviço de segurança de Estado local prendeu um grupo de "conspiradores" contrários ao governo comunista. Foram julgados em março seguinte. Os líderes foram condenados à morte, os demais a longo tempo de prisão. Em 24 de outubro de 1947, Mindszenty protestou firmemente contra o premiê.

Em maio de 1948, as autoridades comunistas não tiveram dificuldade em subjugar a Igreja Reformada Húngara através do simples expediente de remover os líderes da Igreja e substituí-los por outros que estivessem dispostos a seguir do lado do novo regime. Os bispos católicos não podiam ser substituídos tão facilmente, uma vez que eram apontados pelo papa.

Mindszenty continuou a objetar, à medida que escolas da Igreja eram fechadas e ordens religiosas banidas pelo governo comunista. Alunos e trabalhadores da indústria eram mandados às ruas para fazer manifestações contra ele, dizendo: "Iremos aniquilar o mindszenteísmo! O bem-estar do povo húngaro e a paz entre a Igreja e o Estado dependem disso".[12]

Na manhã de 19 de novembro de 1948, a polícia prendeu o secretário de Mindszenty, o dr. András Zakar, quando ele estava prestes a entrar no palácio episcopal em Esztergom, e o conduziu ao conhecido número 60 da Rua Andrássy, a sede da segurança de Estado em Bucareste. Mindszenty deu-se conta de que ele próprio seria preso em breve. Em 16 de dezembro, ele convocou uma última conferência com os bispos no palácio. Quando os bispos saíram, a polícia bloqueou a rua, revistou todos os carros e todo passageiro teve de se identificar – naturalmente por suspeita de que o primaz fosse tentar fugir com os bispos.

Com certeza Stálin queria que Mindszenty fosse preso, enquadrado e "neutralizado" – não necessariamente assassinado, já que isso ocasionaria turbulência internacional, mas tirado de cena pelo resto de sua vida, talvez tão maltratado fisicamente e tão desorientado mentalmente, que não seria mais capaz de desafiar os governantes comunistas. Desde a guerra, o método que os soviéticos testaram e aprovaram fora o de, sempre que possível, difamar seus inimigos como sendo pró-nazistas. O primaz húngaro, todavia, era amplamente conhecido por ter usado sua igreja para proteger os judeus, por ter denunciado publicamente o nazismo repetidas vezes e por ter sido preso pelos aliados húngaros dos nazistas, a Cruz Flechada. Seria preciso encontrar outro pretexto plausível para o enquadramento.

Quando os agentes da segurança de Estado soviética e seus delegados nos países-satélites da Europa Oriental recebiam ordens de enquadrar alguém – isto é, mudar o passado do indivíduo e o modo como o público o percebe –, a primeira coisa que faziam era reunir o maior número de informações possível sobre o alvo: por onde tinha viajado, quais eram seus contatos, que tipo de cartas e documentos tinha escrito, especialmente os que fornecessem amostras de sua caligrafia e assinatura.[13] Assim, no dia 23 de dezembro de 1948, esquadrões de polícia invadiram o palácio episcopal de Mindszenty e revistaram meticulosamente todos os aposentos, especialmente a repartição de arquivos, alegando que a busca tinha relação com o caso do dr. Zakar, o secretário que tinha sido posto sob custódia. Durante a busca, Mindszenty, a sua mãe que o visitara e três padres locais foram trancados em uma pequena sala de jantar. Quando a polícia conclui, pediu que ele assinasse um relatório da busca.

Ele se recusou, mas aproveitou a oportunidade para reclamar da prisão de dois padres da arquidiocese.

Depois da busca, o chefe do secretariado, dr. Gyula Mátrai, disse para Mindszenty que o seu secretário, dr. Zakar, tinha ido até o palácio com policiais e que teria percorrido com eles todo o lugar. De acordo com Mátrai, Zakar estava esquisito, tropeçando pelas paredes, rindo constantemente e com um olhar estranho em seus olhos. O primaz só pôde supor que ele apanhara e fora drogado para que se submetesse e cooperasse. Mátrai também relatou que, na repartição de arquivos, a polícia mostrara particular interesse por uma porção de cilindros metálicos. Eram de altura e diâmetro diferentes e utilizados para salvaguardar documentos arquidiocesanos de valor, tais como escrituras de terra e orçamentos, e para protegê-los da poeira e do apodrecimento. A polícia levou um cilindro vazio. Posteriormente, no julgamento, seria alegado que Zakar tinha revelado seu local de esconderijo, e assim seriam falsificados os seus conteúdos supostamente incriminadores.

Na noite de 26 de dezembro de 1948, um numeroso esquadrão de polícia dirigiu-se com alarde para o palácio. O Coronel Décsi, da polícia de segurança, acompanhado de oito ou dez dos seus homens, irrompeu apartamento de Mindszenty adentro, achou-o ajoelhado rezando e lhe ordenou que o acompanhasse. Quando pediu para ver um mandato de sua prisão, um policial falou zombando que eles não tinham um mandato, jactando-se de que eles eram capazes de achar traidores, espiões e praticantes de evasão de divisas mesmo quando vestiam túnica de cardeal.

Por 39 dias, Mindszenty ficou preso e foi submetido a interrogatórios no prédio número 60 da Rua Andrássy. Lá os guardas – rindo alto, contando piadas imorais e fumando numa sala sem ventilação – tiraram-lhe suas vestes e lhe deram apenas o que chamaram de uma "roupa de palhaço" arlequinesca para vestir. Todo dia o coronel o interrogava e insistia que assinasse "confissões", o que ele se recusava a fazer. Toda noite um major o surrava com um cassetete de borracha até ele apagar, mas os guardas o cutucavam para que não conseguisse sequer dormir. Também o mandavam comer, dizendo que encomendariam o que ele quisesse de um restaurante. Por saber que costumavam

drogar os prisioneiros, ele a princípio recusou qualquer comida, mas depois, faminto, cedeu a um pouco de pão ou caldo de carne. Uma equipe de três médicos silenciosos o examinava antes de cada refeição e deixava três pílulas para que tomasse. Ele tentava esmagá-las sob o resto de comida que deixava ou fazê-las colar no céu da boca, e assim depois escondê-las no sapato. Depois de duas semanas, ficou fraco (e, como depois se deu conta, provavelmente com a mente baratinada por causa das drogas presentes até no caldo) e concordou em assinar as minutas dos seus interrogatórios anteriores, embora depois estivesse certo de não ter assinado "nenhuma confissão no sentido de uma acusação formal".

Desde o começo, o Coronel Décsi disse para o Arcebispo que tipo exatamente de confissões se esperava dele. As acusações resumiram-se aos contatos supostamente traidores de Mindszenty com a embaixada americana em Budapeste e com Otto von Hapsburg, isso em conexão com uma conspiração para deflagrar um Terceira Guerra Mundial. Mindszenty teria supostamente orquestrado o assassinato dos judeus mais proeminentes, e planejava derrubar o governo comunista, erigir um gabinete para o futuro rei da Hungria e, assim, trazer a antiga Coroa de Santo Estêvão para Budapeste, a fim de coroar rei Otto von Hapsburg.

Isso pode soar como o enredo de uma novela histórica pretensiosa, mas foi a isso que a polícia de segurança húngara chegou depois de fuçar todos aqueles documentos que haviam recolhido nos arquivos do palácio episcopal – sem esquecer aquele cilindro metálico, que viria a ser exposto no julgamento de Mindszenty.

Os especialistas soviéticos em enquadramento sempre diziam que uma boa operação de enquadramento tinha de ser construída em torno de um "cerne" de verdade, e aí estava ele. A polícia de segurança sabia que Mindszenty havia se encontrado com Otto von Hapsburg nos Estados Unidos no verão de 1947. De fato, o Cardeal fora a um congresso mariano em Ottawa naquele ano, e concordara com se encontrar depois com o herdeiro dos Habsburgos, a pedido deste último, em Chicago. Mindszenty lhe pediu ajuda para obter e transportar doações de caridade dos americanos para a igreja húngara. Como parte desses

mesmos planos, também manteve contato com o Cardeal Spellman, o arcebispo de Nova Iorque, e com a embaixada americana em Budapeste. Mindszenty também escreveu muitas cartas – agora obviamente nas mãos da polícia – expressando sua vontade de que a Sagrada Coroa voltasse para a proteção de Roma e fosse deixada aos cuidados do Papa Pio XII, durante aquele "período difícil de tribulações e vicissitudes".

Na noite de 2 de fevereiro de 1949, Mindszenty foi vestido com um novo traje preto e escoltado ao prédio da Corte do Povo de Budapeste por um grande destacamento policial, comandado pelo Coronel Décsi e pelo Tenente-General Gábor Péter, um agente disfarçado da polícia de segurança soviética que era o diretor da AVO da Hungria. Na manhã seguinte chegou um barbeiro, para fazer apresentável o Cardeal. Ele vestiu suas roupas pretas novamente e foi para o tribunal, acompanhado de seis outros "conspiradores". Mais tarde, quatro foram tratados como irrelevantes, e apenas três estavam supostamente envolvidos na conspiração: o cardeal-primaz, o seu secretário e um "monge cuja saúde estava abalada".

O julgamento de fachada foi conduzido de 3 a 8 de fevereiro de 1949. Registrou-se que Mindszenty confessou os crimes de que era acusado, concordando em ter escrito as cartas, supostamente encontradas no cilindro, que discutiam o plano de derrubar o governo. No seu livro, ele escreveu que estava tão exaurido, física como mentalmente, que mal sabia o que estava dizendo. Todos os réus foram considerados culpados. Ele foi condenado à prisão perpétua.

Em 12 de fevereiro de 1949, o Papa Pio XII condenou o encarceramento do Cardeal e excomungou todos os envolvidos em seu julgamento e condenação.

No dia 6 de fevereiro, antes mesmo que o julgamento terminasse, os especialistas em caligrafia Lázlo e Hanna Sulner escaparam para a Áustria e começaram a contar sua história para a imprensa. Denunciaram o julgamento como uma farsa, mostrando microfilmes dos documentos *falsificados* que haviam produzido para a polícia de segurança húngara com o propósito de enquadrar Mindszenty.[14] Eles provaram que, várias semanas antes da busca no palácio episcopal, tinham recebido cópias dos documentos supostamente encontrados no cilindro de

metal levado ao tribunal, com instruções de "editá-los". Estes, na verdade, eram cópias de cartas e memorandos que o Cardeal mandara destruir para não implicar outras pessoas após a sua prisão prevista; um datilógrafo da equipe do Cardeal tinha sido intimidado para fornecer o material à polícia.[15]

Mais interessante ainda é a descrição feita pelos Sulner de como agiram. O pai de Hanna fora um pioneiro em análise de caligrafia e uma autoridade em documentos questionáveis. Hanna estudara criminologia e continuou com o negócio do pai após a morte deste, ao qual depois se juntou Lázlo, que se tornou seu marido. O pai de Hanna inventara um dispositivo que pegava palavras e frases de manuscritos e as colocava como se queria para formar um novo manuscrito, e Lázlo levara essa técnica a tal perfeição, que mesmo especialistas não conseguiam detectar a falsificação.[16]

Os Sulner e o seu dispositivo vieram a ser objeto de atenção da polícia secreta húngara em setembro de 1948, quando mostraram a Lázlo uma lista de membros do gabinete que Mindszenty supostamente nomearia após a queda do governo. Lázlo imediatamente verificou tratar-se de uma falsificação e produziu uma lista melhor, que depois viria a ser aperfeiçoada e utilizada como prova no julgamento.

No dia 4 de janeiro de 1949, solicitaram que Lázlo produzisse uma confissão em nome de Mindszenty seguindo o esboço datilografado que a polícia forneceu. Também se pedia aos Sulner que forjassem outros documentos, assinaturas e anotações em margem de página para o caso. Quando não fizeram o trabalho rápido o suficiente, eles e todo o seu aparato foram levados para a sede da polícia. Daí adveio um fluxo contínuo de documentos, alguns dos quais eram produzidos por agentes de polícia ignorantes, inexperientes, e assim resultaram no que Mindszenty descreveu como "desenho e ortografia estranhas, como na minha confissão".[17] A polícia de segurança soviética deve ter quase que imediatamente sabido, através da sua equivalente húngara, da técnica potencialmente infalível dos Sulner para forjar documentos. Como resultado, fica claro por que especialistas em desinformação e enquadramento em qualquer país do bloco soviético eram insaciáveis em seus esforços para conseguir o máximo possível de documentos originais dos seus alvos.

Na época em que estava envolvido na operação soviética contra Pio XII que mais à frente será discutida neste livro, eu não conseguia entender por que os soviéticos continuavam pedindo a Mindszenty mais e mais papéis essencialmente irrelevantes dos documentos relacionados ao Vaticano. Agora fica claro que estavam procurando por um pequeno "cerne de verdade" do tipo daquele de Otto von Hapsburg ou por palavras e assinaturas que poderiam ser perfeitamente duplicadas pela técnica dos Sulner para produzir um "original" inteiramente diferente.

Durante o levante húngaro de 1956, Cardeal Mindszenty foi libertado, mas sua liberdade durou pouco. Logo os comunistas recuperaram o controle do governo, e ele buscou asilo na embaixada americana em Budapeste, onde viveu pelos 15 anos seguintes. No dia 23 de setembro de 1971, sob pressão do Vaticano, o governo da Hungria permitiu que Mindszenty deixasse o país. Ele foi para Viena, mas continuou primaz da Igreja Católica Húngara até dezembro de 1973, quando, aos 82 anos, foi substituído. Morreu em Viena no dia 6 de maio de 1975. Em 1991, tão logo o comunismo húngaro colapsara, os seus restos, de acordo com o que fora sua vontade, foram expatriados para Esztergom pelo governo democraticamente eleito em Budapeste.

A vida e batalha de Mindszenty contra o enquadramento pelo Kremlin foram assunto do filme *Culpado por Traição*, de 1950, o qual o autor e historiador Steve O'Brien chamou de "uma cápsula do tempo extraordinária do início da Guerra Fria", que "exemplificou como os comunistas estavam empenhados em sujar os altos prelados do Vaticano".[18] Em 1955, uma versão ligeiramente ficcional do caso de Mindszenty foi tema de outro filme, *O Prisioneiro*, estrelado por Alec Guinness. Esse filme se iniciava com a prisão do Cardeal e com sua declaração *verdadeira* de que qualquer confissão registrada seria "uma mentira ou resultado da fraqueza humana".[19]

O Museu Mindszenty em Esztergom, aberto após o fim do comunismo, é outro monumento à vida de Mindszenty e ao enquadramento criminoso que o Kremlin fez dele,[20] assim como a Fundação Mindszenty em Saint Louis, no Missouri.

12
MAIS ENQUADRAMENTOS

Os cardeais Mindszenty e Stepinac não foram os únicos católicos de alto cargo vítimas de Stálin do lado de fora da inescrutável União Soviética. Vários outros cardeais da Europa Oriental também sofreram. O Cardeal Josef Beran da Tchecoslováquia foi um deles. Preso pela Gestapo no dia 6 de junho de 1940, à época em que era bispo, foi encarcerado em Pankrác, Theresienstadt, e no campo de concentração de Dachau. Depois da guerra, foi designado arcebispo de Praga e primaz da Igreja na Tchecoslováquia. Quando os comunistas assumiram em 1948, Beran proibiu o seu clero de fazer voto de lealdade ao novo regime, chamando-o de "traição à fé cristã". Ele também protestou contra o confisco de propriedades da Igreja e o desrespeito à liberdade religiosa.

Em junho de 1949, a recém-criada polícia política tcheca prendeu Beran e o condenou num julgamento de fachada. Ficou preso de 1949 a 1963. Até quando de sua soltura, Beran foi impedido de exercer seu ministério episcopal. Ele repetidas vezes ofereceu sua renúncia ao papa, mas sempre foi recusada. Em 1965, Beran mudou-se para Roma em troca de concessões do governo à Igreja. O Papa Paulo VI o sagrou cardeal no mesmo mês.[1]

O Cardeal Stefan Wyszyński, da Polônia, foi outra vítima do Kremlin.[2] Quando a Segunda Guerra Mundial irrompeu em 1939, Wyszyński serviu como capelão de uma unidade da *Armia Krajowa*, uma organização clandestina polonesa de resistência antinazista. Isso fez com que fosse alvo freqüente dos alemães. Depois da guerra, Pio XII o fez bispo de Lublin. Após a morte do Cardeal Llond em outubro de 1948, Wyszyński foi nomeado arcebispo metropolitano de Gniezno e Warsaw.

O novo governo comunista na Polônia foi duro com a Igreja Católica. O conflito aumentou após os decretos do Papa Pio XII contra o comunismo entre 1950 e 1955 (que serão discutidos no próximo capítulo). O Kremlin e seus representantes poloneses lançaram uma nova onda de perseguição contra o clero da Polônia. Numerosos padres foram presos e acusados de colaborar com os "movimentos reacionários clandestinos".[3]

Wyszyński tentou chegar a um acordo com o regime em 1950, mas este não durou. O Papa Pio XII o fez cardeal e primaz da Polônia em 12 de janeiro de 1953,[4] mas a perseguição contra ele continuou. Foi detido em 25 de setembro de 1953. Foi rapidamente encarcerado (por fim passando a prisão domiciliar).[5] No começo de 1954, havia nove bispos católicos e várias centenas de padres nas prisões polonesas.[6]

Wyszyński ficou preso por pouco mais de três anos. Em 1956, quando uma revolução húngara de curta duração se iniciou, os poloneses organizaram protestos de rua, pedindo por liberdade religiosa e pela soltura de Wyszyński.[7] O clero católico se juntou na cobrança pela sua liberdade. Em 28 de outubro de 1956, Wyszyński foi solto e retornou a seu posto. Em dois anos, contudo, a máquina de propaganda comunista se voltou de novo contra ele, e com ataques pessoais o suficiente para chamar a atenção da mídia ocidental para o caso.[8]

Em 1966, Wyszyński dirigiu a celebração do Milênio de Cristianismo da Polônia, o aniversário de mil anos do batismo do Príncipe Mieszko I da Polônia. As autoridades comunistas se recusaram a permitir que o Papa Paulo VI visitasse a Polônia. Também impediram que Wyszyński participasse de celebrações no exterior. Nos anos 1970, contudo, Wyszyński deu seu apoio ao crescente movimento Solidariedade. O Papa João Paulo II foi eleito em 1978, e os agentes comunistas não conseguiram evitar a *sua* viagem papal. A visita de 1979 estourou uma revolução que levou afinal à queda do bloco soviético.

O Cardeal Wyszyński morreu em 28 de maio de 1981, com 79 anos. Para comemorar o 20° aniversário de sua morte, o governo polonês pós-comunista celebrou o ano de 2001 como o Ano do Cardeal Stefan Wyszyński, que também ficou conhecido como o Primaz do Milênio.

A Igreja Ortodoxa Grega da Ucrânia (IOGU), que entrara em comunhão com a Santa Sé desde a União de Brest de 1595-1956, estava em tensão com a Igreja Ortodoxa Russa, especialmente depois que os comunistas tomaram o poder. O conflito foi em grande medida subestimado durante a Segunda Guerra Mundial, porque as igrejas tinham a mesma opinião negativa sobre os nazistas. Infelizmente, o conflitou assomou de novo quando a guerra chegou ao fim.

No dia 11 de abril de 1945, os bispos católicos ucranianos foram presos, incluindo o Arcebispo Josyf Slipyj. De 1920 a 1922, Slipyj estudou no Pontifício Instituto Oriental, em Roma, e na Pontifícia Universidade Gregoriana. Em 1939, com a bênção do Papa Pio XII, Slipyj foi sagrado arcebispo de Lviv. Tornou-se o líder da IOGU em 1944. Agora, junto aos outros bispos, foi acusado de colaborar com os nazistas e condenado a trabalho forçado no *gulag* siberiano.

Em resposta, Pio XII lançou sua encíclica *Orientales Omnes*, de 23 de dezembro de 1945. Nela, o Papa não apenas condenava o comunismo; ele aberta e especialmente atacava o Patriarca Alexis, de Moscou. A situação ficou pior de 8 a 10 de março de 1946, quando as autoridades soviéticas reuniram à força uma assembléia de 216 padres, e fez-se então o assim chamado Sínodo de Lviv, no qual a Igreja Ortodoxa Grega da Ucrânia foi "reincorporada" à força à Igreja Ortodoxa Russa e obrigada a revogar a sua união com Roma. A IOGU primeiro se tornou uma "Igreja de Silêncio", depois uma "Igreja de Mártires", já que muitos dos católicos ucranianos confinados pelos comunistas eram torturados e/ou assassinados.

O Arcebispo Slipyj foi o coração e alma da Igreja Católica ucraniana clandestina, mesmo quando preso no *gulag* siberiano. Notícias sobre o seu testemunho corajoso se espalharam, especialmente depois que alguns de seus escritos da cadeia vazaram e foram postos em circulação. Em 1957, Pio XII lhe enviou uma carta lhe parabenizando pelo seu 40° aniversário de ordenação, a qual obviamente foi confiscada pelas autoridades comunistas. À luz disso e dos próprios escritos de Slipyj, tornaram-se ainda mais duros e acrescentaram mais sete anos à sua sentença.

A morte de Stálin em 1953 não tornou as coisas mais fáceis para Slipyj ou para a IOGU. O primeiro-ministro soviético,

Nikita Khrushchev, foi tão duro com a religião quanto o seu antecessor. Uma feliz coincidência de acontecimentos, contudo, levou à soltura de Slipyj.

Em outubro de 1962, o Papa João XXIII abriu o Concílio Vaticano II, e com este uma nova aproximação em direção ao mundo ("aggiornamento"). Esta incluía a busca de novos meios de amenizar o sofrimento dos cristãos sob governo comunista, certificando-se, ao mesmo tempo, de não retirar nenhuma das advertências da Igreja sobre a ideologia marxista-leninista. A nova abordagem foi descrita pelo Monsenhor Igino Cardinale, chefe de protocolo do secretariado da Santa Sé, como "pronta a estabelecer relações com qualquer Estado", desde que houvesse garantia confiável de que "a liberdade da Igreja e a santidade dos interesses morais e espirituais dos cidadãos" seriam respeitadas.

Poucos dias após a abertura do Vaticano II, deu-se a Crise dos Mísseis Cubanos. O presidente Kennedy, ele próprio um católico, buscou ajuda junto ao Vaticano. Ele entrou em contato com o autor Norman Cousins, que por sua vez entrou em contato com a Santa Sé. Em 24 de outubro de 1962, o Papa João XXIII lançou um apelo dramático aos líderes mais proeminentes pedindo que não permanecessem surdos ao "grito da humanidade". Em 28 de outubro, Khrushchev disse ao presidente Kennedy que os mísseis seriam retirados. Muitos historiadores acreditam que o apelo público de João XXIII deu a Khrushchev um meio de mudar o curso das coisas mantendo as boas aparências, pintando a si próprio como um salvador da paz mundial, em vez de um agressor acuado que na última hora vacilou. Kennedy agradeceu a João XXIII por sua ajuda.

Pouco depois disso, Cousinsse encontrou-se com Khrushchev na condição de intermediário da Santa Sé, para discutir paz mundial, liberdade religiosa e o Arcebispo Slipyj. Lá pelo começo de 1963, os soviéticos concordaram em soltar Slipyj sob a condição de que ele iria para o exílio e de que sua liberdade não seria explorada pela Igreja com propósitos "anti-soviéticos". A soltura deveria ser vista como anistia, e Slipyj ainda era considerado oficialmente um inimigo do governo soviético. A Santa Sé concordou em não explorar a questão, mas não fez promessa alguma sobre restringir suas admoestações contra o comunismo.

Em 23 de janeiro de 1963, Slipyj foi solto. Chegou a Roma a tempo de participar do Concílio Vaticano II, mas sua liberdade era embaraçada pelo fato de que observadores ortodoxos russos tinham sido convidados para assistir ao concílio. A sua presença chocou profundamente os bispos ucranianos, que pensavam que a Santa Sé estava fazendo concessões demais a esses cúmplices da supressão soviética da Igreja Ortodoxa Grega da Ucrânia. A Santa Sé, contudo, acreditava que essa aproximação atingia metas ecumênicas e políticas sem comprometer genuínos princípios.

Slipyj foi sagrado cardeal em segredo (*in pectore*) pelo Papa Pio XII em 1949, mas em 1965 o Papa Paulo VI fez sua nomeação publicamente. Àquela altura, ele era o quarto cardeal na história da IOGU. Em 1969, o Papa Paulo VI criou o novo cargo de arcebispo maior, designando Slipyj como seu primeiro ocupante. O Cardeal morreu em Roma no dia 7 de setembro de 1984. Em 1992, depois da queda da União Soviética, suas relíquias foram mandadas de volta para a Catedral de São Jorge, em Lviv.

13
GUERRA GLOBAL CONTRA A RELIGIÃO

Em janeiro de 1951, três anos depois de o Cardeal Mindszenty ter sido preso, Stálin vivia um bom momento. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial ele tinha expandido de maneira drástica o seu império por meio da aplicação habilidosa, e alternada, da espada às claras e do boato às escuras. Ele agora tinha o domínio de 21 países – 15 repúblicas unidas e seis satélites europeus. As fronteiras do seu verdadeiro Estado se estendiam do Pólo Norte até o 35° paralelo e cobriam 12 mares pertencentes a três oceanos (Ártico, Atlântico e Pacífico), 27.000 lagos e 150.000 rios numa extensão total de 2 milhões de milhas. Levando ainda em conta a revolução comunista na China, que fora iniciada e organizada por conselheiros soviéticos, e agora estava prestes a obter sucesso, o governante no Kremlin iria dirigir mais que um terço da população do mundo.

Stálin acreditava que era chegada a hora de reunir todos os alemães sob o guarda-chuva comunista. A Alemanha era o berço do marxismo – a terra natal de Karl Marx – e era matéria de orgulho pessoal, para Stálin, vê-la comunista. Em junho de 1948, ele fechou a Berlim Ocidental, na esperança de compelir os Aliados ocidentais a ceder toda a cidade às forças de ocupação soviéticas. Berlim Ocidental era um minúsculo oásis na parte da Alemanha ocupada pelos soviéticos, e o governante soviético tinha certeza de que a pequena força militar Aliada a controlar os setores ocidentais não era páreo para as unidades blindadas do Exército Vermelho ao redor. Stálin calculou mal. Nunca, nem em seus piores pesadelos, ele poderia ter previsto que os Estados Unidos iriam abrir uma linha de abastecimento aéreo para Berlim, de modo a manter viva a cidade ocidental. Tampouco poderia ter sonhado que o seu bloqueio causaria

o nascimento da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em abril de 1949 nem, três meses depois, estimular as três forças de ocupação ocidentais a unirem suas zonas numa nova nação alemã ocidental – assim preparando o cenário para o colapso final do comunismo alemão. Em 12 de maio de 1949, Stálin admitiu sua derrota e deu fim ao bloqueio de Berlim. Cinco meses depois, também abandonou seu sonho de trazer toda a Alemanha para "o nosso campo", quando estabeleceu uma nação alemã oriental na porção do país ocupada pelo Exército Vermelho.

Stálin não era bom perdedor. Em meados de 1949 ele se viu diante de uma Europa Ocidental firmemente ligada aos Estados Unidos, e ele sabia que a União Soviética não tinha força militar para quebrar a união à força. Dando-se conta de que seus métodos truculentos não funcionariam mais, voltou seus pensamentos para uma velha arma russa que mobilizava emoções, a qual tinha sido empunhada com grande sucesso por ele e por todos os tzares que o precederam: anti-semitismo. Ele estava convencido de que o ódio aos judeus tinha raízes profundas na Europa, e queria voltá-lo contra o seu novo inimigo. Assim, Stálin decidiu retratar os Estados Unidos como um reino sionista comprado com dinheiro judeu e governando por um ganancioso "Conselho dos Sábios de Sião" (o epíteto ridículo que Stálin dava ao congresso americano), cujos mandachuvas militaristas queriam transformar o resto do mundo num feudo judeu. Na época, a Europa Ocidental estava agradecida aos Estados Unidos por ter restaurado sua liberdade e sua prosperidade econômica. Stálin, no entanto, tinha certeza de que isso poderia mudar explorando o histórico anti-semitismo da Europa e o medo de uma nova guerra.

Tendo, pois, acertado a estratégia, Stálin passou à ação. Ele designou, como ministro de Relações Exteriores da União Soviética, um especialista em manipulação de religião: Andrey Vyshinsky, o agente de inteligência disfarçado que já há muito administrara a guerra de Stálin contra a Igreja Católica. Em seguida, Stálin enviou, como embaixador soviético em Nova Iorque, outro agente de inteligência disfarçado e especializado em manipular religião: Aleksander Panyushkin. (Em 1953, Panyushkin se tornaria chefe de todo o serviço soviético de

inteligência estrangeiro, o PGU – *Pervoye Glavnoye Upravleniye*, o Primeiro Chefe de Diretório da KGB –, cargo em que permaneceria até 1956.).

A principal tarefa de Vyshinsky foi unificar as máquinas de diplomacia e inteligência da União Soviética, e usá-las para criar uma forte aversão na Europa Ocidental pelo sionismo americano e seus mandachuvas militaristas, de modo a afinal forçar as tropas de "ocupação" americana a saírem do continente do Velho Mundo. Uma vez que se alcançasse o objetivo, Vyshinsky usaria o mesmo aparato de inteligência e diplomacia para ajudar a Europa Ocidental a "decidir o seu próprio destino". A Itália e a França, que tinham os maiores partidos comunistas na Europa Ocidental, se tornariam "repúblicas do povo" por via parlamentar.[1] A Grécia, à época o único país não-comunista nos Balcãs, precisava só de uma "fagulha" para explodir.[2] Duas vezes, em 1944 e em 1947, os comunistas gregos tinham conseguido estabelecer o seu próprio governo na Grécia, e sem tropas americanas na Europa eles conseguiriam fazer isso de novo. A Espanha também poderia mudar em breve, já que o "odiado ditador", Francisco Franco, que esmagara a Guerra Civil Espanhola patrocinada pelos soviéticos, parecia estar perdendo controle da nação. A esperança era que *La Pasionaria* (Dolores Ibarruri, a presidente honorária do Partido Comunista Espanhol), que vivia em Moscou desde o fim da Guerra Civil, incendiaria o país mais uma vez. Uma Espanha "livre" ajudaria a "libertar" Portugal também.

A principal tarefa de Panyushkin era persuadir os esquerdistas americanos a criar movimentos de paz nos Estados Unidos. Fazer movimentos em favor da paz para promover a guerra não era coisa nova. Antes da Segunda Guerra Mundial, houve um grande número de movimentos pela paz que eram alimentados por simpatizantes nazistas – eles não queriam impedir Hitler de conquistar a Europa, eles queriam impedir Washington de ir à guerra contra Hitler.

Nascera a Guerra Fria. Stálin a chamava de Terceira Guerra Mundial, o que soube em janeiro de 1951 quando entrei nessa guerra como um jovem agente na imensamente extensa máquina de inteligência do bloco soviético. General Aleksander Sakharovsky, que em 1949 criara a polícia política romena, a

Securitate, e que era agora o seu conselheiro-chefe soviético e seu diretor *de facto*, explicou aos seus subordinados romenos que a Segunda Guerra Mundial não tinha sido contra o povo americano. Foi contra a "burguesia sionista" da América e seus mandachuvas militaristas, que queriam iniciar uma nova guerra mundial para vender suas armas. O bloco comunista iria no fim tomar todas as fábricas de armas dos Estados Unidos das mãos da burguesia sionista, a fim de que o proletariado da América pudesse construir carros para abastecer o resto do mundo.

Era um troço inebriante. A maioria dos romenos nunca tinha nem ouvido falar de sionismo, mas todos sonhavam em ter um carro. Eu também não tinha idéia do que fosse sionismo, mas senti que aquilo tudo era mesmo para mim. Eu era um jovem engenheiro a ouvir que tinha um trabalho importante a fazer pelo meu país, e é claro que eu estava pronto para servir. Na época, o expediente na Securitate era de 7h30 da manhã até 10h da noite, mas funcionários jovens raramente iam para casa antes da meia-noite – e isso sete dias por semana. Eles realmente não tinham tempo para pensar por si próprios, nem se esperava que o fizessem. Funcionários jovens apenas seguiam a correnteza, e foi isso que fiz – por um tempo.

De acordo com Sakharovsky, a Terceira Guerra Mundial foi concebida como uma guerra sem armas – uma guerra que o Bloco Soviético venceria sem dar um tiro sequer. Era uma guerra de idéias. Era uma guerra de serviços de inteligência, que se lutaria com uma poderosa nova arma chamada *dezinformatsiya*. Sua função era espalhar informação depreciativa credível de um modo tal, que a calúnia convenceria outros de que os alvos eram realmente maus. Para garantir a credibilidade das mentiras, duas coisas eram necessárias. Em primeiro lugar, as informações fabricadas deveriam parecer que vinham de fontes *ocidentais* respeitáveis e confiáveis; e, em segundo lugar, deveria haver o que Sakharovsky chamava de "um cerne de verdade" por trás das alegações, para que assim pelo menos uma parte da notícia pudesse ser verdadeiramente verificada – e para garantir que a calúnia nunca seria silenciada. Em acréscimo, o originador da informação deveria dar o seu melhor para garantir que a história ganhasse muita publicidade, se necessário tendo agentes ou esquerdistas simpatizantes que publicassem no Ocidente artigos que dessem o toque necessário numa alegação.

A principal meta da *dezinformatsiya* da Securitate nessa nova Terceira Guerra Mundial era ajudar Moscou a reavivar o anti-semitismo na Europa Ocidental espalhando milhares de cópias de uma antiga falsificação russa, *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, naquela região do mundo. Isso foi feito em segredo, de modo que ninguém pudesse saber que as publicações vinham do bloco soviético.

Os *Protocolos*, nos quais se alegava que os judeus conspiravam para conquistar o mundo, eram uma contrafação russa compilada por um especialista em desinformação, Petr Ivanovich Rachovsky, que trabalhou para o Okhrana (Departamento de Proteção da Segurança e Ordem Pública) na época do tzar. Rachovsky estava destacado para a França na época do Congresso Sionista de 1897, e foi inspirado pela enorme onda de anti-semitismo que se agitara com o caso Dreyfus.[3]

Rachovsky tirou a maior parte do seu texto diretamente de uma obscura sátira francesa de 1864 chamada *Dialogue aux Enfers entre Machiavel et Montesquieu* ("Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu"), escrita por Maurice Joly e na qual se acusava o imperador Napoleão III de conspirar para apoderar-se de todos os poderes da sociedade francesa. O agente do *Okhrana* basicamente substituiu as palavras *França* por *o mundo* e *Napoleão III* por *os judeus*. Durante a Revolução Russa de 1905, o *Okhrana* republicou sua contrafação em Paris com o nome de um padre místico russo, Sergius Nilus, como parte de uma campanha de propaganda anti-revolucionária.

"Eis o futuro do mundo", disse Sakharovsky ao administrador da *Securitate* em 1951, quando trouxe uma cópia da edição de Nilus a Bucareste e ordenou que fosse traduzida, multiplicada e disseminada em segredo pela Europa Ocidental. Em 1978, quando rompi com o comunismo, a Securitate estava espalhando os *Protocolos* também pelo Oriente Médio.

Em 1957, quando eu era chefe da estação do DIE na Alemanha Ocidental, o mesmo Sakharovsky, agora chefe de todo o serviço soviético de inteligência estrangeira, lançou outra operação de *dezinformatsiya* focada na revitalização do anti-semitismo na Alemanha Ocidental, que à época era o epicentro europeu da OTAN. O codinome da KGB para essa operação foi "Zaratustra", para simbolizar que o anti-semitismo alemão era

tão imoral quanto o livro de aforismo de Friedrich Nietzsche *Also Sprach Zarathustra* ("Assim Falou Zaratustra").

A operação Zaratustra foi planejada de modo a retratar a Alemanha como solo fértil para uma nova onda de anti-semitismo que estava se espalhando pela Europa Ocidental. Um dos principais participantes da operação "Zaratustra" era a *Stasi* da Alemanha Oriental (*Stasi* era o apelido popular para o *Ministerium für Staatssicherheit*, Ministério de Segurança de Estado, incluindo o seu braço no serviço de inteligência estrangeiro, o *Hauptverwaltung Aufklärung*, HVA, o Diretório Principal de Inteligência). O meu DIE também fora destacado para a missão, pois a Romênia tinha uma numerosa minoria alemã que poderia ser pressionada em sentido favorável. Por volta do Natal de 1959, várias sinagogas e memoriais judeus foram profanados simultaneamente na Alemanha Ocidental. Esse suposto recrudescimento do anti-semitismo foi criado por agentes ilegais do bloco soviético, tendo a maioria deles sido ajudado pelo HVA da Alemanha Oriental pelo DIE da Romênia.

O ex-coronel da KGB Oleg Gordievsky, que colaborou com a inteligência britânica por muitos anos antes de desertar para a Inglaterra, revelou que a KGB tinha primeiro testado sua operação na União Soviética. No segundo semestre de 1959, a KGB despachara agentes ilegais para um povoado perto de Moscou, onde vandalizaram um cemitério judeu e conseguiram botar a culpa em outros. Pouco depois disso, a KGB repetiu essa operação na Alemanha Ocidental[4] e, meses depois, na França, que tinha a maior comunidade de judeus da Europa.[5]

O novo anti-semitismo reavivado pela operação "Zaratustra" parece não apenas ter se espalhado pela Europa Ocidental, como queria o Kremlin, como também ter se mantido vivo ao longo dos anos. Esse vestígio de anti-semitismo europeu se intensificou depois de 29 de março de 2002, quando Israel iniciou sua campanha militar contra os terroristas palestinos, e alcançou seu pico um mês depois, quando várias facções nazistas e neo-nazistas celebraram o 113° aniversário do nascimento de Hitler no dia 20 de abril. Uma sinagoga em Marselha, na França, foi banhada de gasolina e inteiramente incendiada, e outra em Lyon foi avariada com a investida de um carro; uma terceira foi alvo de bomba na Alemanha, e outra foi profana na Bélgica.

Em Kiev, na Ucrânia, 50 jovens cantando "Matem os judeus" atacaram uma sinagoga e em seguida agrediram um rabino. Na Inglaterra, que se orgulha de ter uma sociedade "multicultural", a polícia registrou pelo menos 15 ocorrências de manifestação antijudaica só no mês de abril de 2002, levando Jonathan Sacks, o rabino-chefe da Inglaterra, a dizer que o anti-semitismo crescia na Europa como um todo.[6]

Totalitarismo sempre requer um inimigo tangível. Os judeus, que por séculos não foram protegidos pelo poder de um Estado, se mostraram um inimigo conveniente tanto para o nazismo como para o comunismo. Hoje em dia, a percepção geral é a de que a Alemanha nazista foi o berço do anti-semitismo – e não é fácil mudar essa percepção. De todo modo, antes que as palavras *holocausto nazista* estivessem na boca de todo mundo, tínhamos a palavra russa *pogrom*, que significa "massacre".[7] Para os gregos antigos, um holocausto consistia simplesmente em um sacrifício com fogo. Os nazistas alemães não inventaram o holocausto judeu antes dos anos 1930. Já bem antes disso, todavia, os tzares russos tinham os seus *pogroms* judaicos. A edição de 1939 de um prestigioso dicionário russo define *pogrom*: "Chacina promovida pelo governo contra parte da população tomada como um grupo, a exemplo dos *pogroms* judaicos na Rússia tzarista".[8]

O primeiro grande *pogrom* da Rússia contra os judeus ocorreu no dia 15 de abril de 1881, na cidade ucraniana de Yelisavetgrad. A administração e o exército russos sofriam de corrupção esmagadora e de outras dificuldades correlatas, e assim emissários de São Petersburgo convocaram o povo para derramar sua ira sobre os judeus. Os camponeses exaustos cumpriram o serviço.

Um mês depois, o Tzar Alexandre II foi assassinado por um grupo de niilistas. Seu sucessor, Alexandre III, decidiu salvar a Rússia da desordem anárquica transformando-a em uma nação de uma única nacionalidade, uma única língua, uma única religião e uma única forma de administração. O novo tzar deu início à sua política instigando mais *pogroms*. Uma onda de

assassinatos, estupros e pilhagem de judeus se espalhou rapidamente por centenas de outras cidades, chegando a Warsaw, e passando ao resto do império russo.

As autoridades tzaristas tomaram as vítimas como responsáveis pela violência. Em um memorando de 1881 ao Tzar Alexandre III, o chefe de sua polícia política, Conde Nikolai Ignatyev, colocou a culpa dos *pogroms* nas "atividades nocivas dos judeus" contra o campesinato. Uma comissão investigativa tzarista concluiu: "A paixão por aquisição e acumulação de dinheiro é inerente ao judeu desde o dia do seu nascimento; é característica da raça semita, manifesta quase que desde a primeira página da Bíblia".[9]

Essas idéias anti-semitas foram logo trazidas ao já citado *Protocolos dos Sábios de Sião*, que fora forjado pela polícia política do Tzar Alexandre III, o *Okhrama*.[10] Essa contrafação mostrou-se a peça de *desinformação* mais resistente da história.[11] Em 1921, o *Times* de Londres publicou um desmascaramento devastador da contrafação imprimindo trechos dos *Protocolos* lado a lado com passagens do livro de Joly que fora plagiado.[12] Isso não impediu que os *Protocolos* se tornassem a base de boa parte da filosofia anti-semita de Hitler, tal como expressa em *Mein Kampf*. De fato, a Alemanha nazista depois traduziu os *Protocolos* para muitas línguas e inundou o mundo com eles, para alegar existir uma velha "conspiração judaica" com vistas à dominação mundial, e para demonstrar que a perseguição aos judeus era uma autodefesa necessária da Alemanha. Nos primeiros anos do século XXI, os *Protocolos* foram filmados e transmitidos por várias redes de televisão islâmicas. Versões eletrônicas ainda podem ser encontradas na *internet*.

Em abril de 1903, outro grande *pogrom* aconteceu em Kishinev, então a capital da província da Bessarábia do império russo. O *pogrom* começou depois que um menino, Mikhail Rybachenko, foi encontrado assassinado na cidade de Dubossary, cerca de 25 milhas ao norte de Kishnev. Embora fosse claro que o menino tinha sido assassinado por um parente (que depois foi encontrado), a mídia russa insinuou que ele fora assassinado por judeus. O *pogrom* durou três dias. O *New York Times* o descreveu assim:

> Os motins antijudaicos em Kishnev, na Bessarábia, são piores do que o censor permitirá que se publique. Havia um plano bem traçado para o massacre geral de judeus no dia seguinte à Páscoa russa. A plebe era guiada por padres, e o grito geral, "Matem os judeus", foi entoado por toda a cidade. Os judeus foram pegos inteiramente desprevenidos e foram massacrados como ovelhas. 120 morreram e cerca de 500 ficaram feridos. As cenas de horror que se deram nesse massacre vão além de qualquer descrição. Bebês eram literalmente feitos em pedaços pela plebe alucinada e sedenta de sangue. A polícia local não fez nenhuma tentativa de limitar o reino do terror. Ao pôr-do-sol, as ruas estavam cheias de cadáveres e feridos. Os que conseguiram escapar, foram-se aterrorizados, e a cidade agora está praticamente deserta de judeus.[13]

Um segundo *pogrom* em Kishinev aconteceu em 19 e 20 de outubro de 1905. Quando acabou, 19 judeus tinham sido mortos e 56 feridos. Uma grande porção de famílias judaicas que encontraram segurança, prosperidade e felicidade nos Estados Unidos veio para cá em razão desses primeiros *pogroms*.

Os ditadores soviéticos, assim como os tzares antes deles, precisavam de um inimigo tangível. Vladimir Lênin, o líder da revolução bolchevique, que se cercava de judeus marxistas, deixou de lado o tradicional anti-semitismo do Kremlin e lançou sua ira contra a aristocracia e os ricos proprietários de terra do país. Em 1918, um periódico da *Cheka* de Lênin, chamado de *Krasnyy Terror* (*Terror Vermelho*), trouxe um artigo de Martyn Ianovich Latsis, um dos delegados de Dzerzhinsky. Ele explicou:

> Não estamos fazendo guerra contra indivíduos. Estamos exterminando a burguesia como uma classe... Numa investigação, não procurem provas de que o acusado disse ou agiu contra o poder do Soviete. As primeiras perguntas que você deve fazer são: A que classe ele pertence? Qual a sua origem? Qual a sua educação e profissão? E são essas questões que devem determinar o destino do acusado. Nisso está o sentido do Terror Vermelho.[14]

Stálin, que cresceu em paragens distantes da Geórgia, onde os judeus haviam sido servos (até 1871, quando a servidão foi abolida ali), transformou o seu anti-semitismo georgiano em política nacional e internacional. Temendo os comunistas concorrentes que lutaram pela revolução de Lênin, Stálin enquadrou alguns deles como agentes da espionagem sionista e fez os outros parecerem culpados porque associados aos primeiros.

Quando Stálin quis se livrar do seu principal rival, Leon Trotsky (nascido Lev Davidovich Bronstein), a sua polícia política o enquadrou como um espião judeu do sionismo americano e o expulsou do país. Essa insinuação permitiu a Stálin que Trotsky fosse assassinado barbaramente com um *piolet* por um agente soviético ilegal (Ramón Mercader) sem que a maior parte dos russos sequer se importasse. Mais uma vez, os judeus eram os inimigos do país.

O primeiro presidente do Comitern,[15] Grigory Zinovyev, que também nascera em uma família burguesa judaica, foi enquadrado como líder de um "Centro Terrorista para o Assassinato dos Líderes do Governo Soviético e do PCUS [Partido Comunista da União Soviética]", o qual era supostamente financiado pelo sionismo americano.[16] Ele foi morto a tiro no dia 21 de agosto de 1936. O homem citado por Lênin em seu testamento como o mais capaz da geração mais nova, Georgy Pyatakov, também foi enquadrado como tendo se envolvido em uma conspiração sionista fictícia e foi morto a tiro.

Dos sete membros do Politburo de Lênin na época da Revolução de Outubro, só Stálin restou vivo quando o massacre acabou. Os demais foram enquadrados como espiões sionistas e executados. Stálin odiava competição.

Depois que o Estado de Israel foi constituído em 1948, a União Soviética se tornou um dos primeiros países a reconhecê-lo. Como me contaram os generais Sakharovsky e Panteleymon Bondarenko (conhecido como Pantyusha), Stálin o fez porque esperava encher Israel de judeus russos recrutados como espiões soviéticos com a missão de transformar aquele país num trampolim para a expansão soviética no Oriente Médio.

Em 1948, contudo, Golda Meir foi designada ministra plenipotenciária de Israel para a União Soviética. Lá ela foi saudada entusiasticamente por dezenas de milhares de judeus russos. Diante disso, a polícia política de Stálin, à época chamada de MGB (*Ministerstvo Gosudarstvennoy Bezopasnosti*, Ministério de Segurança de Estado), organizou uma interceptação de correspondências em toda a Rússia num período de dois meses. Os resultados foram apresentados a Stálin em dezembro de 1948, sob a forma de um relatório mostrando que um número impres-

sionante de judeus russos havia começado a fomentar a idéia de emigração para o recém-criado Estado de Israel.

Temendo que esses pedidos de emigração em massa pudessem manchar a imagem de "paraíso dos trabalhadores" que ele tentava projetar, Stálin reagiu rapidamente. Dissolveu o Comitê Antifascista Judaico criado durante a guerra; fechou sinagogas e escolas e teatros judaicos; e prendeu os mais proeminentes intelectuais judaicos russos.

Até a esposa de Vyacheslav Molotov, o mais poderoso apoiador político de Stálin e primeiro-ministro desde 1930, foi exilada na Sibéria apenas por ser judia. Depois disso, Stálin lançou uma campanha pública violenta pedindo a execução de "especuladores judeus". Quando Israel começou a desenvolver laços fortes com os Estados Unidos, Stálin levou seu anti-semitismo para o exterior. Tachou o sionismo de a principal ferramenta usada pelos Estados Unidos para solapar o "campo comunista", e deu ajuda política, militar e financeira ilimitada aos inimigos históricos de Israel, os Estados árabes vizinhos.

No ano seguinte, para manter sua posição de chefe frente às estrelas do novo Partido Comunista que começavam a brilhar na Europa Oriental, Stálin enquadrou algumas delas como ferramentas dos serviços de espionagem sionistas. Em 1949, enquadrou como espiões sionistas os líderes comunistas da Hungria, László Rajk e György Palfy, e os enforcou. Em seguida, Stálin afirmou que esses países estavam na iminência de cair nas garras sionistas, e assim pôde ter expulsos alguns milhões de pessoas, judeus a maioria, dos seus partidos comunistas, supostamente para preservar a "pureza do socialismo da Europa Oriental".

14
A NOVA CRUZADA DO VATICANO

Em março de 1946, Winston Churchill, falando no Westminster College em Fulton, estado do Missouri, disse: "Desde Stettin, no Mar Báltico, até Triste, no Adriático, uma Cortina de Ferro desceu sobre o continente".[1] Pouco depois disso, o presidente Harry Truman elevou a delegação americana no Vaticano à categoria de embaixada, nomeou Myron Taylor embaixador e pediu ajuda ao Papa Pio XII para deter a expansão soviética.

Truman percebeu que o comunismo era o inimigo mortal da religião – *de todas as religiões* – e acreditava que sua expansão poderia ser detida somente "por meio de um concentrado esforço religioso", que posicionaria a superioridade e força do que chamava de "verdade e liberdade" aos olhos dos povos do mundo.[2] Truman também acreditava que a Igreja Católica Romana seria o seu mais forte aliado nessa batalha moral.

Assim como havia cooperado com os Estados Unidos no combate aos nazistas, Pio XII aceitou ajudar.

No seu livro *A Guerra Fria solitária do Papa Pio XII*,[3] Peter C. Kent, professor de história da Universidade de New Brunswick, documenta como Pio XII engajou abertamente o Vaticano do lado dos Estados Unidos. Em julho de 1949, o Santo Ofício emitiu um decreto declarando que "os fiéis que professam a doutrina materialista e anticristã dos comunistas, e particularmente aqueles que defendem ou propagam essa doutrina, contraem *ipso facto* a excomunhão".[4] Isso porque

> O comunismo é materialista e anticristão: embora os líderes comunistas às vezes declarem, em palavras, não atacar a religião, em realidade mostram que o fazem através de sua doutrina e de seus

> atos, que são hostis a Deus, à verdadeira religião e à Igreja de Cristo. Portanto, é proibido registrar-se membro de um partido comunista ou mostrar-se a favor dele seja de que modo for.[5]

O *Sanctum Officium* de Pio XII deixou claro que o Vaticano estava de fato em guerra contra o comunismo, e o Papa lançou uma série de decretos condenando a cruzada do Kremlin contra a Igreja Católica, entre os quais se incluem: Decreto sobre a usurpação das funções da Igreja pelo Estado, de 29 de junho de 1950; Decreto sobre a ordenação ilegítima de bispos por ordem do Estado, de 9 de abril de 1951;[6] e o Decreto sobre declarações a favor do totalitarismo e do comunismo, de 26 de junho e 22 de julho de 1955.[7]

O Kremlin tachou Pio XII de "o papa da Guerra Fria".[8] Assim, os líderes soviéticos instruíram M. M. Scheinmann, um pesquisador do Instituto Histórico da Academia Soviética de Ciências de Moscou, a produzir um relatório alegando existir uma conspiração do Vaticano aliado aos nazistas contra a União Soviética.[9] O relatório de Scheinmann continha detalhes inventados sobre um suposto "Pacto Secreto" que o Vaticano tinha assinado com Hitler.[10] Republicado em 1954 na Alemanha como *Der Vatican im Zweiten Weltkrieg*, esse relatório de araque se tornou uma ferramenta de *dezinformatsiya*, mas atraiu pouca atenção de uma geração que vira com seus próprios olhos quão vigorosamente Pio XII combatera o nazismo.

Em 1950, o presidente Truman aprovou um dos mais importantes documentos do governo americano na época: o Relatório 68 do Conselho de Segurança Nacional, o NSC 68. Tratava-se de um relatório altamente confidencial de 58 páginas do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos (documento tornado público em 1975), que estabeleceu a estratégia de contenção e se tornou uma arma significativa na Guerra Fria. Àquela altura, a União Soviética tinha detonado uma bomba atômica, instalado um governo comunista na China e expandido o seu reino por um terço do mundo. O relatório do NSC descrevia em termos cataclísmicos os desafios que os Estados Unidos enfrentavam. "O que enfrentamos é grave", dizia o documento, "envolve a plena realização ou a destruição não só desta República, mas da própria civilização".[11]

O NSC 68, de 1950, que foi assinado pelo presidente Truman no dia 30 de setembro daquele ano, continha uma estratégia de combate em duas frentes com o propósito de ocupar uma posição moral superior no conflito Oriente-Ocidente. Poucas semanas depois de assinado, Truman lançou a sua "Campanha da Verdade", que ele definia como "uma luta, acima de tudo, pelas mentes dos homens". Truman argumentou que a propaganda utilizada pelas "forças imperialistas do comunismo" só poderia ser derrotada pela "verdade direta, simples, sincera".[12] A Voz da América, a Rádio Europa Livre e a Rádio Libertação (que logo se tornaria a Rádio Liberdade) tornaram-se parte da ofensiva de contenção lançada por Truman.[13] Ele pediu ao Vaticano que se alistasse nesse esforço para deter os comunistas e o que ele via como a sua elementar indiferença por Deus.

Mais uma vez, Pio XII ajudou. A seu pedido, a Santa Sé adquiriu uma área de 988 acres em Santa Maria di Galeria, situada a cerca de onze milhas acima de Roma, para lá fazer um novo centro de transmissão de rádio. Em 1952 o governo italiano reconheceu o terreno como extraterritorial, e em 1957 um novo centro de rádio foi posto em atividade. Pouco depois, a Rádio Vaticano estava sendo transmitida em 47 línguas. Essa ferramenta, que fora utilizada durante a Segunda Guerra Mundial para ajudar a resistência a se opor aos nazistas,[14] agora se tornava uma poderosa arma anticomunista. (Hoje tem mais de 2 mil jornalistas em 61 países, e produz 42 mil horas de transmissão simultânea por dia).[15]

O papel do Vaticano como forte inimigo do nazismo e como inimigo mortal do comunismo é um dos mais importantes legados do Papa Pio XII. A Rádio Vaticano fez parte desses esforços. Tanto o nazismo quanto o comunismo queriam garantir que os povos do mundo não tivessem outros deuses senão os aprovados pelo governo. O esforço de Pio XII de manter a fé em um único Deus verdadeiro foi uma inspiração para os seus sucessores e teve papel importante em ajudar o Ocidente a vencer a Guerra Fria. Infelizmente, esses esforços puseram Pio XII e o Vaticano no topo da lista de inimigos do Kremlin.

15
TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Khrushchev queria entrar para a história como o líder soviético que exportou o comunismo para o continente americano. Em 1959, ele conseguiu colocar os irmãos Castro em Havana, e logo o meu serviço de inteligência estrangeiro se envolveu na tarefa de ajudar os novos governantes comunistas de Cuba a exportar a revolução por toda a América do Sul. Não funcionou. Diferentemente da Europa, a América Latina daqueles anos ainda não havia sido inoculada com marxismo. (Em 1967, Che Guevara, o títere de Castro, foi executado na Bolívia, depois de falhar ao tentar iniciar uma guerra de guerrilha no país.).

Nos anos 1950 e 1960, a maioria dos latino-americanos era pobre, camponeses religiosos que aceitavam o *status quo*, e Khrushchev estava confiante de que poderiam ser convertidos ao marxismo através de uma manipulação hábil da religião. Em 1968, a KGB conseguiu manobrar um grupo de bispos esquerdistas latino-americanos, fazendo-os sediar uma conferência em Medellín, na Colômbia. A pedido da KGB, o meu DIE deu apoio logístico aos organizadores. O propósito oficial da conferência era ajudar a eliminar a pobreza da América Latina. Sua meta não declarada era legitimar um movimento político criado pela KGB e apelidado de "teologia da libertação", cuja missão secreta era incitar os pobres latino-americanos contra a "violência institucionalizada da pobreza" gerada pelos Estados Unidos.[1]

A KGB tinha uma queda por movimentos de "libertação". A Organização para a *Libertação* da Palestina (OLP), o Exército de *Libertação* Nacional da Colômbia (FARC) e o Exército de *Libertação* Nacional da Bolívia são só uns poucos dos movimentos de "libertação" nascidos na KGB. A Conferência de Medellín efetivamente endossou a teologia da libertação, e os delegados

a recomendaram para o Conselho Mundial de Igrejas (WCC), a fim de obter aprovação oficial. O WCC, sediado em Genebra e a representar a Igreja Ortodoxa Russa e outras denominações menores em mais de 120 países, já tinha caído sob controle do serviço soviético de inteligência estrangeiro. Permanece politicamente sob controle do Kremlin de hoje, por meio dos muitos padres ortodoxos que são ao mesmo tempo membros eminentes do WCC e agentes da inteligência russa. O padre russo dissidente Gleb Yakunin, que fora membro da *Duma* russa de 1990 a 1995, e a quem foi dado por pouco tempo acesso aos arquivos da KGB, vazou uma grande quantidade de informações em relatórios *samizdat*, identificando padres ortodoxos que eram agentes e descrevendo sua influência em questões do WCC.[2] Por exemplo, em 1983 a KGB mandou 47 agentes participar da Assembléia Geral do WCC, em Vancouver, e no ano seguinte reconheceu ter utilizado os seus agentes no comitê de seleção do WCC para conseguir que o homem certo fosse eleito para o secretariado geral da instituição.[3]

O secretário geral do Conselho Mundial de Igrejas, Eugene Carson Blake – ex-presidente do Conselho Nacional de Igrejas nos Estados Unidos –, endossou a teologia da libertação e a fez parte da agenda do WCC. Em março de 1970 e em julho de 1971, os primeiros congressos católicos latino-americanos dedicados à teologia da libertação ocorreram em Bogotá.

O Papa João Paulo II, que experimentara pessoalmente a perfídia comunista, denunciou a teologia da libertação na conferência de janeiro de 1979 do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), sediado em Pueblo, no México: "Essa concepção de Cristo como uma figura política, um revolucionário, um subversivo de Nazaré, não corresponde de fato ao catecismo da Igreja".[4] Quatro horas depois, uma refutação de 20 páginas do discurso do Papa apareceu na conferência. Cardeal López Trujillo, o organizador do evento, explicou que a refutação fora produzida por "cerca de 80 liberacionistas marxistas que não participavam da Conferência dos Bispos".[5] Recordo que o DIE romeno tinha antes sido parabenizado pela KGB por ter dado apoio logístico a esses liberacionistas.

Em 1985, o Conselho Mundial de Igrejas controlado pela KGB elegeu seu primeiro secretário geral, que era um marxista

confesso: Emilio Castro. Ele tinha sido exilado do Uruguai por causa de seu extremismo político, mas administrou o WCC até 1992. Castro promoveu intensamente a teologia da libertação criada pela KGB, que hoje finca raízes firmes na Venezuela, Bolívia, Honduras e Nicarágua. Nesses países, os camponeses apoiaram os esforços dos ditadores marxistas Hugo Chávez, Evo Morales, Manuel Zelaya (agora exilado na Costa Rica) e Daniel Ortega para transformarem os seus países em ditaduras de Estado policial, ao estilo da KGB. Em setembro de 2008, a Venezuela e a Bolívia puseram para correr seus embaixadores americanos numa mesma semana e pediram proteção militar russa.

Navios militares e aviões de bombardeio russos estão de volta a Cuba – pela primeira vez desde a crise dos mísseis em 1962 – e também estão na Venezuela. O Brasil, a décima maior economia do mundo, também foi parar no redil do Kremlin com o seu governante marxista, Lula da Silva. Em 2011, Lula da Silva foi sucedido por uma ex-guerrilheira marxista, Dilma Roussef. No mesmo ano, o recém-eleito presidente do Peru, Ollanta Humala, correu a Buenos Aires para buscar inspiração na presidente guerrilheira marxista. Com o acréscimo da Argentina, cuja presidente atual, Cristina Fernández de Kirchner, também está levando o país para o redil marxista, o mapa da América Latina agora aparece em sua maior parte pintado de vermelho.

Poucos anos atrás, uma versão negra da teologia da libertação começou a crescer numas poucas igrejas de negros esquerdistas radicais nos Estados Unidos. Teólogos da teologia da libertação negra, James Cone, Cornel West e Dwight Hopkins, declararam explicitamente sua preferência pelo pensamento marxista porque este é proposto num sistema de classe opressora (brancos) *versus* classe oprimida (negros) e só vê uma única solução: a destruição do inimigo. James Cone explicou:

> A teologia negra só aceitará o amor de Deus que participa da destruição do inimigo branco. O que precisamos é do amor divino tal como expresso no Poder Negro, que é o poder das pessoas negras de destruir seus opressores aqui e agora e com os meios que tiverem a seu dispor. A menos que Deus esteja participando dessa atividade santa, devemos rejeitar seu amor.[6]

A Trinity – Igreja Unida de Cristo, de Chicago, de congregação predominantemente negra – é parte desse novo movimento. Seu pastor, Reverendo Jeremiah Wright, que em 2008 se tornou conselheiro religioso da campanha presidencial do senador Barack Obama, tornou-se famoso por gritar "não 'Deus abençoe a América', mas 'Deus amaldiçoe a América'!". A campanha presidencial do senador Obama se desculpou pelo deslize da língua do Reverendo Wright. Em junho de 2011, entretanto, o mesmo Reverendo Wright estava viajando pelos Estados Unidos para pregar, em igrejas lotadas de negros, que "o Estado de Israel é um lugar (...) ilegal, genocida" e que "fazer judaísmo equivaler ao Estado de Israel é o mesmo que fazer o cristianismo equivaler ao [*rapper*] Flavor Flav".[7]

A essa altura, claro, Obama estava na Casa Branca.

Nos anos 1960, Che Guevara se tornou uma espécie de ícone do movimento da teologia da libertação. Na época, a popularidade do Kremlin passava por uma baixa. O esmagamento brutal do levante húngaro de 1956 e a instigação da crise dos mísseis cubanos em 1962 repugnaram o mundo, e cada governante do bloco soviético tentava salvar sua pele como podia. Khrushchev trocou a "imutável" teoria marxista-leninista da revolução proletária mundial por uma política de coexistência pacífica, ao mesmo tempo em que pretendia ser um advogado da paz. Alexander Dubček apostou num "socialismo com rosto humano", e Gomulka em "deixe a Polônia ser a Polônia". Ceaușescu anunciou sua "independência" de Moscou e retratou a si próprio como um "dissidente" em meio aos líderes comunistas.

Os irmãos Castro de Cuba, que temiam qualquer liberalização, decidiram que era mais fácil apenas rebocar o seu comunismo com uma fachada revolucionária romântica. Escolheram Che como seu garoto-propaganda porque ele já tinha sido executado na Bolívia – um país aliado dos EUA; depois de ter sem sucesso tentado iniciar uma guerra de guerrilha, podia ser retratado como um mártir do imperialismo americano. A KGB ofereceu ajuda imediatamente. O DIE romeno, que na época mantinha relações próximas com seu equivalente cubano, o

DGI, também recebeu ordens de dar uma mãozinha, o que me trouxe diretamente à cena.[8]

A "Operação Che" foi lançada com o livro *Revolução da Revolução*, volume básico de insurreição de guerrilha, o qual louvava Che até mais não poder. O autor, o terrorista francês Régis Debray, era um agente da KGB tido em alta conta.[9] Em 1970, os irmãos Castro levaram a santificação de Che à potência máxima. Alberto Korda, um oficial de inteligência cubano trabalhando disfarçado de fotógrafo no jornal *Revolución*, produziu uma fotografia romantizada de Che. Desde então, o agora famoso Che, com mechas de cabelo longas e curvas, usando uma boina revolucionária com uma estrela desenhada e olhando diretamente para os olhos do espectador, inundou o mundo.[10]

A fotografia de Che se tornou o logo do filme de Steven Soderbergh de 2009, o filme épico de quatro horas em língua espanhola *Che*, que retrata um assassino sádico que dedicou sua vida a levar a América Latina para o redil do Kremlin como um "verdadeiro revolucionário atravessando as estações do seu martírio".[11]

Até o dramaturgo ao qual foi creditada a peça que caluniou o Papa Pio XII, *O Vigário*, foi alistado no esforço de promover Che. A revista *Time* noticiou em outubro de 1970: "No momento, Che aparece toda noite em uma nova peça, *As guerrilhas* [*The Guerrilhas*], do dramaturgo alemão Rolf Hochhuth". Na peça, "um jovem senador de Nova Iorque, que também é líder de um movimento clandestino no estilo do de Che, pede a Guevara para que abandone sua batalha boliviana. Che se recusa. 'Minha morte aqui – em um sentido premeditado – é a única vitória possível', ele diz. 'Preciso deixar uma marca'".[12] Defendendo mais ainda os interesses da KGB, a peça também atribui aos Estados Unidos assassinato político e racial.

A KGB também foi fundamental no embelezamento de um diário que Che manteve durante seus anos de estudante e em sua transformação em livro de propaganda, *Das Kapital encontra Easy Rider*, depois renomeado *Diários de Motocicleta*. Hoje, Che é um ícone do movimento da teologia da libertação e da teologia da libertação negra.

Durante o período de eleição presidencial de 2008, a estação de TV da FOX em Houston pôs no ar um vídeo de voluntários

do oitavo escritório de campanha de Obama, naquela cidade, escritório cujos muros estavam enfeitados com uma imagem imensa de Che superposta a uma bandeira cubana.[13] Obama freqüentou a igreja da teologia da libertação negra do Reverendo Wright, em Chicago, por cerca de 20 anos.

Como Raúl Castro certa vez se gabou comigo, "Che é o nosso maior sucesso de público".

16
A GUERRA DE KHRUSHCHEV CONTRA O VATICANO

Nikita Khrushchev era um especialista em alterar o passado das pessoas de modo a realizar o próprio futuro que queria para si. De fato, ele ascendeu ao Kremlin alterando o passado de Lavrenty Beriya, o seu principal rival ao trono soviético. Khrushchev tinha enorme orgulho desse seu feito. De acordo com suas próprias memórias, o enquadramento de Beriya começou em 26 de junho de 1953, no encontro da junta dirigente do Partido Comunista. Khrushchev foi ao encontro com uma arma no bolso, e interpretou o papel surpreendente do começo ao fim: "Cutuquei [o premiê Georgy] Malenkov com o pé e sussurrei: 'Abra a seção, passe a palavra para mim'. Malenkov ficou branco; vi que ele ficou incapaz de sequer abrir a boca. Então saltei em pé e disse: 'Há um só item na agenda: a atividade geradora de discórdia, anti-partidária do agente imperialista Beriya'".[1] Depois que Khrushchev havia proposto que Beriya fosse removido de todos os seus cargos no partido e no governo, "Malenkov ainda estava em estado de pânico. Recordo que ele sequer propôs uma moção ao voto. Ele apertou um botão secreto, que deu o sinal aos generais que estavam aguardando na sala ao lado". Os generais prenderam imediatamente Beriya e o levaram.[2]

Com Beriya trancado em segurança numa cela, Khrushchev pôde agir facilmente e tirar o mais alto cargo governamental do seu aliado mais próximo, Malenkov.

O meu primeiro encontro pessoal com a prática de Khrushchev de reescrever o passado das pessoas ocorreu em 26 de outubro de 1959. Nesse dia, Khrushchev aterrissou em Bucareste para o que ficaria conhecido como sua viagem de seis dias.

Khrushchev nunca tinha feito viagem tão longa para o exterior, mas sua estada em Bucareste tampouco era um passeio. Ele fora levado até lá pelo seu novo chefe de espionagem, General Aleksander Sakharovsky, que até há pouco fora conselheiro-chefe de inteligência da Securitate, o equivalente romeno da polícia de segurança soviética. Sakharovsky queria apresentar Khrushchev ao governante romeno, Gheorghe Gheorghiu-Dej, e conseguir sua ajuda em algumas questões alemãs – a Romênia tinha a segunda maior minoria étnica alemã do bloco soviético.

Um dos projetos de Sakharovsky era buscar cooperação da Romênia para sujar a reputação de Pio XII. O Papa morrera alguns meses antes, e assim não podia mais se defender. Sakharovsky e Khrushchev queriam implementar uma espécie de operação como aquela envolvendo Beriya. Pretendiam alterar a imagem do passado do Papa Pio XII, transformando-o de defensor dos judeus em anti-semita, de modo a assim comprometer o Vaticano – do mesmo modo como haviam alterado o passado de Beriya, transformando-o de feroz anti-imperialista em agente imperialista. Khrushchev e Sakharovsky perceberam naturalmente que não poderiam tirar o Vaticano da jogada, mas que podiam esperar que, representando o seu líder como anti-semita, iniciariam uma guerra entre católicos e judeus que distrairia ambos os grupos e os desestimularia a qualquer tentativa séria de condenar o próximo movimento planejado por Khrushchev: um bloqueio militar da Berlim Ocidental.

Eu acabara de ser chamado de volta de minha missão na Alemanha Oriental e de ser designado chefe da espionagem industrial romena (a coleta de inteligência científica e tecnológica), e ainda era considerado o "especialista alemão" da Romênia. Enquanto tal, participei da maioria das discussões com Khrushchev e Sakharovsky. "A religião é o ópio do povo", ouvi Khrushchev dizer, citando o dito famoso de Marx, "então vamos lhes dar ópio".

Transformar o largamente admirado Pio XII de antinazista em um papa nazista seria, de fato, uma tarefa monumental, mas Khrushchev e Sakharovsky a tinham planejado cuidadosamente. Naquele momento mesmo, a KGB estava criando uma Conferência Cristã da Paz (CCP), uma nova organização religiosa

internacional sediada na cidade de Praga sob ocupação soviética, cuja missão secreta era infamar o Vaticano bem como as principais organizações judaicas do mundo. O serviço romeno de inteligência estrangeiro, o DIE, contribuiria para a formação da equipe do CCP com um pequeno exército de oficiais de inteligência disfarçados e com agentes cooptados. O CCP ficaria subordinado ao Conselho Mundial da Paz (WPC), outra criação do Kremlin, também sediado em Praga. A KGB já estava envolvida com a fundação do WPC, e o meu DIE também contribuíra para isso.

Os planos de Khrushchev para dominar a Berlim Ocidental nunca se materializaram. Durante a noite de 13 de agosto de 1961, ele selou Berlim Oriental com uma cerca de arame farpado, que depois se tornou o infame Muro de Berlim, e proclamou vitória em voz alta. A sua Conferência Cristã da Paz, construída a partir de uma organização originalmente fundada em Praga pela polícia política tcheca, a StB (*Státní bezpečnost*), e chefiada por um agente da StB (Prof. Joseph Hromadka), tornou-se uma influente organização de fachada da KGB. A máquina de *dezinformatsiya* do Kremlin apresentou a CCP ao mundo como uma organização ecumênica global preocupada com os problemas da paz. Na realidade, a Conferência Cristã da Paz tinha a missão de ajudar a KGB a sujar a imagem do Vaticano e do seu principal apoiador político, os Estados Unidos, em todo o mundo cristão.

A KGB designou o Metropolita Nikodim de Leningrado (que trabalhava para a KGB com o codinome de "Adamant"), vice-presidente e administrador secreto da CCP,[3] e lhe deu um adiantamento de $ 210.000 para começar a espelhar pela comunidade cristã do mundo todo que Pio XII fora um perseguidor de judeus.[4]

Pouco depois de Khrushchev ter partido de Bucareste, o chefe do departamento de desinformação da KGB, General Ivan Agayants, informou a administração do DIE de que todos os empregados do Departamento de Relações Exteriores do patriarcado soviético e todos os servos religiosos envolvidos em trabalho religioso *estrangeiro* agora eram ou agentes ou empregados civis secretos da KGB.[5] A *Securitate* romena e o meu DIE

receberam a missão de garantir que essas organizações tivessem representação igual nas questões religiosas do país.

Em 1960, a KGB de Khrushchev ordenou que suas agências irmãs na Europa Oriental criassem uma pasta especial destinada a combater o "veneno" do Vaticano. Outra pasta com a tarefa de produzir oficiais de inteligência capazes de agir "sob bandeira estrangeira" dentro do Vaticano foi formada dentro dos departamentos ilegais supersecretos do DIE romeno – que mais tarde supervisionei – e em outras agências de inteligência do bloco soviético.[6]

A estrutura de inteligência requerida para tornar o Vaticano inofensivo alterando o passado do Papa Pio XII já estava preparada. A primeira coisa a fazer era ter o máximo possível de agentes de inteligência para começar a espalhar pelo mundo inteiro que Pio XII fora na verdade o "Papa de Hitler" – esse epíteto simples, pegajoso, lançado pela Rádio Moscou em 1945.

A história lançada pela KGB seria que, antes de se tornar papa, Pio XII servira como núncio na Alemanha, onde foi inoculado com o vírus anti-semita e se tornara um simpatizante nazista. A verdade era o exato oposto. Na verdade, enquanto estava servindo como núncio na Alemanha, o futuro papa condenou com freqüência o racismo, o anti-semitismo e o nacionalismo excessivo. Numa data recuada como 1921, uma matéria de jornal já trazia citação sua alertando para o novo e perigoso movimento político que trazia uma perspectiva diferente dos comunistas. Em 1923, ele relatou a Roma que um grupo militante ("seguidores de Hitler e Ludendorff") estava perseguindo católicos e judeus.[7] Ele se referia a esse grupo (agora conhecido como grupo nazista) como "radicais de direita". No ano seguinte, no dia 1° de maio, o núncio escreveu, em esboço de relatório escrito à mão para o secretário de Estado Gasparri: "O nazismo é provavelmente a mais perigosa heresia do nosso tempo".[8] Em outro relatório escrito à mão datado de três anos depois, escreveu: "A heresia nazista coloca o Estado e a raça acima de tudo o mais, acima da verdadeira religião, acima da verdade e acima da justiça".[9]

Não foi a atitude de Pio XII para com os nazistas ou judeus que o tornou alvo da campanha soviética de desinformação. Foi

sua atitude para com o Kremlin e sua polícia política. Pio XII foi o primeiro papa a excomungar comunistas, mas João XXIII não estava se mostrando menos obstinado. Em 13 de abril de 1959, ele emitiu um decreto reafirmando e reforçando o que fora lançado sob o pontificado de Pio XII.[10] João XXIII proibiu os católicos de votar em comunistas ou dar-lhes sanção por quaisquer meios.

Khrushchev decidiu retaliar contra a Igreja "excomungando" um papa ao seu próprio modo: alterando completamente o passado de Pio XII. O santo se tornaria um pecador.

17
PREPARAÇÕES PARA O ENQUADRAMENTO DE PIO XII

Em fevereiro de 1960, Khrushchev aprovou oficialmente um plano operacional conjunto do Partido Comunista e da KGB para destruir a autoridade moral do Vaticano no Ocidente. Desde 1945, o Kremlin enfrentara o Vaticano diretamente por meio do enquadramento de seus padres e de seus mais altos prelados na União Soviética e nas novas aquisições territoriais "libertadas" ao fim da guerra, assim os difamando ou como criminosos de guerra nazistas ou como inimigos da paz. Agora o Kremlin queria que a KGB enquadrasse o Vaticano em seu próprio terreno, valendo-se dos seus próprios padres.[1] Elaborado pelo diretor da KGB Aleksandr Shelepin e por Alexei Kirichenko, o membro do politburo soviético responsável por política internacional, o novo plano foi construído a partir da idéia de Stálin, de 1945, do Papa Pio XII como o "Papa de Hitler".

O enquadramento dos cardeais Mindszenty e Stepinac tinha feito água, no fim deixando o Kremlin e seus bandidos da polícia política com o olho roxo. Ambos os clérigos foram enquadrados por meio de propaganda e truques identificáveis como oriundos da inteligência soviética, afinal prejudicando mais o Kremlin que o Vaticano. Moscou não poderia mais se permitir aplicar esses procedimentos de enquadramento óbvios e grosseiros.

Assim, Shalepin e Kirichenko decidiram que o enquadramento de Pio XII deveria ser baseado em um cenário ficcional, apoiado em documentos genuínos, ligeiramente modificados, do Vaticano (especificamente relacionados ou não a Pio XII), cujos originais jamais seriam divulgados ao público. Naquela época havia uma regra inflexível na KGB acerca da modificação

e contrafação de documentos: eles seriam dispostos como acessíveis somente sob a forma de documentos em cópia datilografada ou em fotocópias especialmente preparadas, já que mesmo a mais perfeita falsificação, para os novos padrões, tornara-se vulnerável a futuras técnicas de detecção.[2]

A KGB sabia o que tinha de fazer. Só precisava de alguns documentos do Vaticano para dar uma aura de autenticidade à operação – um "cerne de verdade". A Romênia tinha uma comunidade católica de dimensão relevante, e assim o seu povo e o seu serviço de inteligência, o DIE, foram chamados a ajudar.

General Sakharovsky, que até pouco antes disso tinha sido conselheiro-chefe da KGB junto ao DIE romeno e acabara de ser designado chefe de todo o serviço soviético de inteligência estrangeiro (o PGU, ou primeiro chefe do diretório da KGB),[3] sabia que eu estava em excelente posição para entrar em contato com o Vaticano e tratar de aprovação para pesquisar em seus arquivos. No ano anterior, como vice-diretor da Missão Comercial Romena na Alemanha Ocidental, eu havia negociado uma "troca de espiões" com a Santa Sé, envolvendo quatro católicos eminentes que haviam sido condenados a longo tempo de prisão por conta de acusações falsas de espionagem, ao fim de um julgamento, em 1951, contra a nunciatura do Vaticano em Bucareste.[4] Os quatro tinham sido trocados por dois oficiais do DIE (Coronel Constantin Horobet e Major Nicolae Ciuciulin) pegos espionando a Alemanha Ocidental.[5]

"Assento 12" era o nome para o lado romeno da operação da KGB contra Pio XII. O nome era uma alusão ao papa como ocupante do trono de São Pedro, e ao próprio Pio XII.[6]

Ao levar adiante sua missão contra o Papa Pio XII, fui apresentado a um membro influente do corpo diplomático do Vaticano. Seu nome era Agostino Casaroli. De fato, Casaroli era comumente chamado de "agente secreto" do Vaticano na Europa comunista, e ele era conhecido por se vestir em roupas civis para se encontrar com oficiais comunistas.[7] O Papa João Paulo II posteriormente o sagrou cardeal e o fez secretário de Estado do Vaticano.

As relações da Romênia com o Vaticano tinham sido cortadas em 1951, quando Moscou encenou um julgamento de fachada, enquadrando a nunciatura do Vaticano na Romênia

como *front* disfarçado da CIA e fechando seus escritórios.[8] Os prédios da nunciatura em Bucareste foram passados ao DIE, e agora abrigavam uma escola de línguas estrangeiras.

Eu tinha providenciado a troca de espiões no ano anterior, mas agora o bloco soviético precisava de uma nova história para servir de disfarce. Decidiu-se que, se a Romênia buscasse um empréstimo do Vaticano, isso criaria uma possível explicação de por que essa nação estava mudando sua posição para com o Vaticano.[9] Fui instruído a dizer para Casaroli que a Romênia estava pronta para restabelecer relações diplomáticas com a Santa Sé em troca de acesso aos seus arquivos e de um empréstimo de $ 1 bilhão sem juros.[10] Também fui instruído a dizer ao Vaticano que a Romênia precisava de acesso aos arquivos para que se pudesse encontrar raízes históricas que ajudassem o governo romeno a justificar publicamente sua mudança para com a Santa Sé. Claro, isso não passava de um estratagema. Ceaușescu não tinha intenção de restaurar relações diplomáticas com a Santa Sé.

O empréstimo, claro, seria bem-vindo, mas esse nunca foi o verdadeiro objetivo. Moscou só queria abrir as portas do Vaticano para uns poucos agentes do DIE. Sugerir que a Romênia precisava de dinheiro garantia um "disfarce" para a proposta. O Vaticano concordou em discutir o empréstimo – embora nunca viesse a ser feito – e também concordou com o que parecia um pedido simples: permitir que três padres romenos pesquisassem um pouco nos arquivos do Vaticano. Com essa concordância, cumpri com minha parte no plano.

Como John Koehler explicou no seu livro *Espiões no Vaticano: a Guerra Fria da União Soviética contra a Igreja Católica*, o Vaticano não passou isento dos esforços do Kremlin de infiltração em governos estrangeiros. David Alvarez afirmou o mesmo em seu livro de título similar, *Espiões no Vaticano: Espionagem e intriga de Napoleão ao Holocausto*. Entre as infiltrações mais notórias, em 1952 o Padre Aligheri Tondi, professor da Academia Gregoriana, foi identificado como agente da KGB.[11] Em 1963, a inteligência polonesa colocou um bispo colaborador no Vaticano.[12]

Para o destacamento da operação "Assento 12" em Roma, o DIE escolheu três padres que também eram agentes cooptados.

Lá, tiveram acesso a determinados arquivos do Vaticano. Vale a pena aqui notar que o termo "Arquivos Secretos do Vaticano" é impróprio. Refere-se ao repositório central de todos os atos promulgados pela Santa Sé. Esses arquivos contêm documentos de Estado, correspondência, livros de registros papais e muitos outros documentos que a Igreja acumulou ao longo dos séculos. A designação de "secretos" não tem nenhum significado moderno; simplesmente indica que os arquivos são do próprio papa, e não de algum departamento da Cúria Romana. Desde 1881 estão abertos a pesquisadores de fora. Assim, a concessão do Vaticano – permitindo que padres romenos acessassem esses arquivos – não era coisa realmente significativa. Dava, contudo, um ar de autenticidade, como o autor britânico John Cornwell demonstraria décadas depois, quando afirmou, de maneira falsa, ter tido acesso especial a esses arquivos.[13]

Os agentes do DIE fotografaram em segredo alguns documentos sem importância, e depois enviaram os filmes para a KGB por meio de serviço especial de mensageiro.[14] Os documentos não eram incriminadores; eram, em sua maioria, relatórios de imprensa e transcrições de encontros e discursos não-confidenciais, postos no tipo de linguagem diplomática rotineira que se esperaria encontrar nesses materiais. No entanto, a KGB continuou pedindo mais. Mesmo que esses documentos não propiciassem de fato nenhuma informação comprometedora sobre Pio XII, a insinuação de que sua nova imagem era baseada em "documentos originais do Vaticano" aumentaria dramaticamente a credibilidade de toda a operação de enquadramento. Claro, a KGB esperava no curso da operação esbarrar em algum obscuro "cerne de verdade", que poderia ser utilizado com propósitos de *dezinformatsiya*.

Na época, eu estava administrando a espionagem industrial da Romênia, e não tinha motivo ou oportunidade para saber a verdadeira identidade dos agentes do DIE enviados ao Vaticano para pesquisar nos arquivos.[15] Cuidava desses agentes a pasta do Vaticano do DIE. No DIE, a identidade de todos os agentes de inteligência utilizados no exterior era extremamente bem protegida, conhecida apenas de seus responsáveis e de um punhado de superiores destes. Qualquer indiscrição poderia criar pesadelos diplomáticos.

Depois que meu relato dessa operação foi publicado pela primeira vez em 2007, historiadores e pesquisadores voluntários começaram a examinar os recém-abertos arquivos da *Securitate* na Romênia. Até agora, só conseguiram identificar o nome de um dos três agentes do DIE: Pe. Francisc Iosif Pal, SJ.[16]

Pal foi recrutado como agente da *Securitate* em 1950, quando estava detido na infame prisão romena de Gherla. Sua tarefa era se reportar sobre outros padres católicos também lá presos. Entre aqueles sobre os quais se reportou estavam Pe. Godo Mihai, SJ, Pe. Chira, SJ, e Bispo Emil Riti (1926-2006).[17] A cooperação de Pal com a *Securitate* na organização do julgamento de 1951 contra a nunciatura do Vaticano em Bucareste foi revelada em um livro de 2008 de William Took, um pesquisador alemão romeno de nascença.[18] O envolvimento de Pal com os arquivos do Vaticano foi revelado primeiro por Aurel Sergiu Marinescu em um estudo sobre a história dos exílios de romenos.[19] Foi confirmado pelo pesquisador romeno Remus Mircea Birtz.[20] Ainda não se sabe se Pal foi mandado para o Vaticano usando sua própria identidade ou com passaporte falso – uma prática freqüente tanto do DIE como da KGB.

Nada do que Pal ou os outros agentes do DIE acharam nos arquivos do Vaticano pôde ser usado como base para fabricar provas credíveis que fizessem Pio XII parecer simpático ao regime de Hitler ou despreocupado com os judeus.[21] Moscou já contava com isso. A KGB só queria poder afirmar ter em mãos documentos originais do Vaticano, de modo a dar a impressão de que sua alegação de que Pio XII fora o "Papa de Hitler" era baseada em provas sólidas.

18
O VIGÁRIO

No dia 20 de fevereiro de 1963, uma peça intitulada *Der Stellvertreter. Ein christliches Trauerspiel* (*O Vigário. Uma tragédia cristã*) estreou no *Theater am Kurfürstendamm* da Berlim Ocidental, sob a direção de Erwin Piscator do *Freie Volksbühne* (Teatro do Povo Livre). A peça se focava na alegação de que o Papa Pio XII tinha falhado em agir, ou manifestar-se contra, o holocausto promovido por Hitler.[1]

O autor da peça, Rolf Hochhuth, com apenas 31 anos à época, era um alemão ocidental totalmente desconhecido. Praticamente todos os envolvidos nessa peça, contudo, tinham dedicado suas vidas a servir Moscou, fosse como fosse. Até mesmo o *Freie Volksbühne*, que patrocinou a estréia da peça, fora criado para ser um canal comunista na Berlim Ocidental. O principal laço com Moscou era fornecido pelo próprio Erwin Piscator, o diretor da peça. Então com 69 anos, fora membro do Partido Comunista desde os seus primeiros anos de atividade, e passara a vida toda produzindo peças que refletiam a linha soviética, no que se inclui celebrar a debacle iminente da sociedade capitalista e da suposta ramificação clerical do capitalismo, a Igreja Católica.[2]

No fim dos anos 1920, Piscator trabalhou em colaboração com o grande (e comunista) dramaturgo alemão Bertolt Brecht no *Theater am Nollendorfplatz*. Juntos, criaram "produções eletrizantes" de, entre outras obras, *Hoppla, Wir Leben* e *Die Abenteuer Des Braven Soldaten Schwejk*.[3]

Em 1929, Piscator fez a sua primeira visita à União Soviética, onde trabalhou por breve período com a Associação Internacional de Trabalhadores de Teatro (IATB). Como contado em sua biografia, "Cada vez mais os artistas comunistas recebiam suas

diretivas culturais de Moscou... tornou-se natural para artistas alemães esquerdistas não apenas visitar a Rússia, mas arranjar emprego lá".[4] Desse modo, em 1931 Piscator se mudou para a URSS, onde seu desejo inicial era fazer filmes curtos de propaganda, uma arte emergente no país. Buscando contatos a fim de iniciar a carreira, conseguiu um encontro de duas horas com o cunhado de Stálin.[5] Logo Piscator foi eleito presidente da IATB, sediada em Moscou, que então mudou de nome para Associação Internacional de Teatros Revolucionários.[6]

Quando a Romênia foi dominada pelos soviéticos depois da Segunda Guerra Mundial, conselheiros da polícia de segurança soviética e do serviço de inteligência instalaram organizações equivalentes em Bucareste. O General Panteleymon Bondarenko – romenizado como Gheorghe Pintilie, porém conhecido como "Pantyusha" – era o oficial de inteligência soviético destacado por Moscou para chefe da nova Securitate romena. Ao longo dos anos, já que afinal vim a me tornar seu chefe, aprendi muita coisa sobre as operações de inteligência soviéticas através do tagarela e freqüentemente bêbado Pantyusha. Várias vezes Pantyusha recordou-se de Piscator, dizendo-me que, antes de se tornar presidente da IATB (uma organização de fachada da inteligência soviética), Piscator fora recrutado como agente de influência pelo serviço soviético de inteligência estrangeiro, o INO.[7]

O desbocado Pantyusha explicou: "Stálin não dava um tostão furado sequer pra comunista estrangeiro em Moscou que tentasse deixar de trabalhar com a gente". Pantyusha bem o sabia, já que havia trabalhado disfarçado no Comitern, que patrocinara a IATB.

Piscator nasceu em Ulm, na Alemanha, no dia 17 de dezembro de 1893. Foi recrutado pelo exército alemão em 1915 e foi enviado para lutar na Primeira Guerra Mundial.[8] Quando servia em 1917 e 1918, trabalhou como diretor e ator em um teatro no *front* em Kortrijk, na Bélgica. Entrou para o Partido Comunista Alemão (KPD) em 1919, logo que foi criado.[9]

No ano seguinte voltou para a Alemanha, onde começou como voluntário no *Hof Theater*, em Munique, mas não demorou muito a se tornar ator, e depois diretor no *Proletariches Theater*, uma criação marxista. Piscator escreveu que uma "tarefa

do Teatro Proletário é espalhar sua influência educacional, através de propaganda, entre aqueles da massa que ainda estão politicamente à deriva e indiferentes".[10]

Em 1925, o KPD (à época o maior partido comunista fora da União Soviética) pediu a Piscator que produzisse uma retrospectiva política.[11] Ele reuniu uma equipe, que incluía ele próprio, um compositor indicado pelo partido e um escritor/letrista/produtor. Saíram-se com "cerca de uma dúzia de *sketches*, sendo abertos por um *pot-pourri* de músicas comunistas" que culminavam em uma cena de "Vitória do Proletariado".[12] Foi sucesso tamanho, que o KPD logo lhe encomendou um show para a primeira conferência do partido. Piscator utilizou a mesma equipe e produziu um espetáculo com "uma abordagem avassaladoramente documental... com quase todos os personagens sendo históricos (e muitas vezes se tratando de pessoas ainda vivas)".[13]

O Partido Comunista não ficou completamente feliz com a produção. Alguns funcionários a acharam demasiado factual, o que – é claro – diminuiu seu valor de propaganda. "O erro pode estar aí, camarada diretor... Não se prenda tão servilmente ao 'foi assim que aconteceu'", escreveu um funcionário.[14]

Piscator recebeu bem o conselho e aprendeu a ficcionalizar a História. Logo se viu trabalhando com os principais dramaturgos da Alemanha.[15] Também treinou atores jovens, embora já se tenha dito que eles geralmente "faziam cursos com funcionários do KPD; 'uma carteirinha do partido se tornava um certificado de competência'".[16]

Pelo menos uma vez a companhia de Piscator se recusou a produzir uma peça porque o autor se negara a entrar para o Partido Comunista.[17] Em outro caso, Piscator convidou "representantes da embaixada e da delegação de comércio da União Soviética, assim como do KPD e de seu jornal", para um dos ensaios finais de uma peça, só para ouvir que teria de reescrevê-la. Ele obedeceu, embora isso tenha implicado em adiar por dois dias a estréia daquela noite".[18] No programa de uma produção de abril de 1930, Piscator escreveu:

> Nunca foi mais importante que hoje escolher um lado: o lado do proletariado. Mais que nunca, o teatro deve firmar fanaticamente a sua bandeira no mastro da política: a política do proletariado.

> Mais e mais insistente se torna a demanda: teatro é ação, a ação do proletariado. O palco e as massas, uma unidade criativa, não no "Zeittheater", mas no teatro militante do proletariado.[19]

No pós-escrito a uma edição de 1934 de uma peça produzida por Piscator, este escreveu que seu teatro "sempre foi político, isto é, político no sentido aprovado pelo Partido Comunista".[20] Em 1941, ele enunciou sua teoria do teatro:

> Será possível fazer de praticamente qualquer peça burguesa, tanto no caso de mostrar a decadência da burguesia ou no de mostrar claramente o princípio capitalista, em instrumento para reforçar o conceito de luta de classes, para aprofundar a percepção revolucionária de necessidades históricas. Será útil que essas peças sejam precedidas de uma fala, a fim de precaver contra mal-entendidos e efeitos equivocados. Em determinadas circunstâncias, alterações podem ser feitas nas peças (preocupar-se com os sentimentos do autor é coisa conservadora) por meio de cortes, de alargamento de certas passagens, até mesmo por meio do acréscimo de prólogo e epílogo, a fim de tornar mais claro o sentido do todo. Desse modo, pode-se fazer grande porção da literatura mundial servir à causa do proletariado revolucionário, assim como toda a literatura mundial pode ser utilizada com o propósito político de propagar o conceito de luta de classes.[21]

É uma receita que ele levaria à perfeição com *O Vigário* algumas décadas depois.

Apesar da dedicação de Piscator ao Partido, nos altos círculos comunistas levantavam-se questionamentos acerca da direção que tomava a obra de Piscator. A escala de suas produções parecia grande demais para a classe trabalhadora. Perguntavam se ele era um "camarada militante ou [apenas] um comunista de gabinete".[22] (Sua relação com o ministro de propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels, que uma vez submetera uma peça a Piscator e com quem este pensara em fazer uma transmissão de rádio, também pode ter embaraçado a ossificada hierarquia comunista).[23] No fim das contas, contudo, "o passado [de Piscator] como apoiador da Revolução de Outubro e do regime soviético era bom; da época do Teatro Proletário em diante, ele fora levado pela onda do sentimento pró-soviético".[24] Seu biógrafo escreveu: "Permanecia o fato primordial de que ele era um comunista e era submisso às ordens do Partido".[25]

Piscator defendeu suas idéias em seu livro de 1929 *Das Politiches Theater* ("O Teatro Político"). Escreveu: "toda intenção artística deve estar subordinada ao propósito revolucionário do todo: a ênfase consciente e a propagação do conceito de luta de classes". Continua:

> Nós, enquanto marxistas revolucionários, não podemos considerar nossa tarefa como cumprida se produzimos uma cópia acrítica da realidade, concebendo o teatro como espelho dos tempos... O trabalho do teatro revolucionário é tomar a realidade como ponto de partida e ampliar a discrepância social, fazendo-a um elemento de nossa acusação, nossa revolta, nossa nova ordem.[26]

Apesar das pequenas dificuldades que surgiram entre Piscator e funcionários do Partido Comunista, ele deixou uma marca significante no teatro de orientação comunista. Junto a outros dramaturgos, ele "incitou um furacão no teatro. Essa agitação veio diretamente da onda criada por uma revolução comunista bem-sucedida na Rússia".[27]

Em 1938, Piscator foi mandado pelo INO para Paris em um contrato temporário com o Grupo de Teatro Revolucionário Internacional. Lá, diz Piscator, Wilhelm Pieck – chefe do KPD na União Soviética (que eu sabia ter sido um coronel disfarçado do INO) – mandou-lhe não retornar para Moscou por causa da onda de prisões que estava acontecendo lá.[28] Essa história é geralmente aceita pelos biógrafos de Piscator, mas pode ter sido só desinformação. O INO pode ter planejado o tempo todo mandar Piscator para os Estados Unidos, o derradeiro alvo da inteligência soviética.

Piscator de fato pegou um bote rumo aos Estados Unidos, chegando a Nova Iorque em 2 de janeiro de 1939. Lá abriu a Oficina Dramática na Nova Escola de Pesquisa Social em Nova Iorque. Essa oficina lançou as carreiras de muitos estudantes notáveis, entre eles Tennessee Williams, Marlon Brando, Walter Matthau, Rod Steiger, Shelley Winters, Harry Belafonte, Elaine Strich, Bem Gazzara e Tony Curtis.[29]

Nem os *pogroms* soviéticos nem a mudança para os Estados Unidos diminuíram o desejo de Piscator de usar o palco para divulgar a agenda comunista. Sobre ele, a revista *Time* escreveu em 1940:

> Produziu grandes peças abertamente como propaganda, enfatizou todos os ângulos possíveis da luta de classes e privilegiou os efeitos de massa em vez dos autores individuais. Determinado a levar a sua audiência para "dentro" das peças, aboliu a cortina, pôs atores nas coxias, megafones falando de todas as partes da casa. Seu teatro se tornou uma "máquina" expressiva e versátil, misturando peças, filmes, rádio.[30]

Claro, quando os Estados Unidos entraram na Guerra Fria, Piscator ficou mais comedido quanto aos seus laços comunistas. Como um biógrafo explicou: "Uma das dificuldades em julgar as realizações americanas de Piscator é que muito do que tinha sido escrito sobre a Oficina Dramática fora uma espécie de exercício de relações públicas".[31] O Partido Comunista, contudo, ainda tinha fé nele.[32]

Em 1951, após as extensas investigações do FBI relacionadas ao caso de deportação de Piscator, este recebeu uma convocação do Comitê de Atividades Anti-Americanas. Sob pressão de uma cobertura agressiva da imprensa, que chamava a Oficina Dramática da Nova Escola de Pesquisa Social de organização comunista de "companheiros de viagem", e sob pressão da convocação do Comitê, ele voltou repentinamente para a Alemanha.[33] Lá, a princípio foi tratado como "O Grande Pai que sobreviveu a si próprio".[34]

Piscator passou nove anos pulando de um teatro a outro, mas por volta de 1960 voltou a travar contato com Bernhard Reich, um dramaturgo e diretor de teatro. Piscator trabalhara com Reich na União Soviética nos anos 1930. (Reich dizia ter sido ele quem advertiu Piscator em 1937 para que não retornasse da França à União Soviética, levando afinal à mudança de Piscator para os Estados Unidos.). Reich não tinha conseguido fugir da URSS na década de 1930. Retornou à Alemanha somente em meados da década de 1950 como crítico soviético "reabilitado".[35] Ele pode ter contribuído para a indicação de Piscator como administrador e diretor do *Freie Volksbühne* na Berlim Oriental em 1962.

O *Freie Volksbühne* era abertamente comunista, em meio aos tipos de teatro em que Piscator trabalhara nos anos 1920. A idéia de um teatro berlinense "do povo", que está por trás do *Freie Volksbühne*, pode ser traçada até a um *Volksbühne*

fundado em 1892. (A palavra *Freie* foi adicionada para indicar que ficava localizado no setor livre, ou ocidental, de Berlim, do mesmo modo como a nova universidade no setor ocidental era chamada de *Freie Universität*.). A meta da organização era promover as peças social-realistas disponíveis no período a preços acessíveis ao trabalhador comum.

O *slogan* do *Volksbühne* era "*Die Kunst dem Volke*" (Arte para o Povo). O prédio original do teatro tinha sido construído em 1913-1914 no lado oriental de Berlim, mas a Segunda Guerra Mundial o reduzira a escombros. A construção do Muro de Berlim começou em agosto de 1961, dividindo Berlim ao meio. Uma vez completada, pessoas da Berlim Ocidental não podiam mais atravessar para assistir a encenações do outro lado. Autoridades da Berlim Oriental decidiram patrocinar um novo *Freie Volksbühne* na parte ocidental da cidade, para resolver o problema. Ele apresentaria a agenda comunista aos espectadores da Berlim Ocidental.

Depois de vários anos procurando um lar permanente, em 1962 Piscator conseguiu se tornar diretor do *Freie Volksbühne*, que ainda não tinha um palco próprio. Assim, ele abriu a primeira temporada de produção de *Der Stellvertreter* no palco do *Theater am Kurfürstendamm*, um teatro já estabelecido que atendia aos requisitos de Piscator em matéria de efeitos teatrais.[36] A produção, contudo, foi selecionada de modo a servir aos propósitos do Partido Comunista.

19
A PEÇA

O *Vigário* centra-se em dois personagens principais, Kurt Gerstein (baseado em uma pessoa real) e no ficcional Padre Riccardo Fontana. Como prisioneiro dos Aliados depois da guerra, o Gerstein real (um oficial nazista) elaborou uma declaração por escrito a partir da qual o argumento geral da peça foi supostamente criado. A história de Gerstein pode ter sido verdadeira, mas era um homem perturbado que foi encontrado enforcado em sua cela (talvez suicídio) antes que se pudesse confirmar com ele a história. Assim, permanece uma figura enigmática.[1] O personagem de Fontana é ficcional, ainda que Hochhuth tenha dito que fora baseado no Padre Maximilian Kolbe, no Padre Bernhard Lichtenberg (aos quais sua peça é dedicada) e em outros padres que se auto-sacrificaram.[2]

O enredo fundamental de O *Vigário* envolve um nazista bom (Gerstein) que diz a um padre bom (o Fontana ficcional) o que os nazistas estavam fazendo com os judeus. Fontana, contudo, é continuamente frustrado em seus esforços de levar a mensagem ao papa. Quando finalmente consegue, o Papa Pio XII não se importa com as vítimas. Fontana então se sacrifica ostentando uma estrela amarela e indo parar em um campo de concentração, assim se tornando o verdadeiro vigário de Cristo. Entre os temas recorrentes estão a idéia de que a guerra de Hitler contra a União Soviética fora uma espécie de cruzada papal e a de que Pio XII e os jesuítas estavam preocupados em primeiro lugar com seus investimentos em fábricas de armamentos.

Embora tenha dito e se desdito acerca desta questão, Hochhuth pelo menos uma vez escreveu que O *Vigário* não trazia nenhuma imputação de anti-semitismo, pois não haveria prova de que Pio XII fosse anti-semita.[3] Obviamente, o silêncio de um

personagem não pode dirigir a ação de uma produção teatral, e assim Pio XII não fica muito tempo no palco. O silêncio papal, contudo, é assunto de muito diálogo na versão final da peça. Quase todos os outros personagens discutem entre si, ou pelo menos mencionam, a incapacidade do Papa de se pronunciar direta e vigorosamente contra o tratamento que Hitler dava aos judeus, assim levando a uma confrontação direta, que consiste de uma única cena essencial. Em algumas produções essa é a única cena na qual o próprio Papa aparece. Em algumas versões, o ato final do Papa é lavar suas mãos, manchadas de tinta por conta da edição de uma declaração que nunca fora feita, relembrando Pôncio Pilatos.[4]

Se produzida tal como escrita, *O Vigário* levaria sete ou oito horas para ser encenada. Uma vez que isso não atendia às necessidades teatrais, o produtor alemão, Erwin Piscator, editou o roteiro fazendo-o numa extensão melhor manejável, no processo levando a mudanças substanciais.[5] De fato, alterações consideráveis foram feitas tanto no roteiro como na encenação em todos os países onde a peça foi encenada.

Esta é uma sinopse da peça original de Piscator:

> Ato I: *O Vigário* se inicia com uma discussão sobre se o Papa Pio XII deveria ter revogado a concordata para protestar contra os nazistas. A um insensível industrialista católico – interpretado pelo mesmo ator que interpreta Pio XII – defende o uso que faz de trabalho escravo.
>
> Ato II: Hitler teme Pio XII mais que qualquer outro líder mundial. Pio XII, contudo, tem interesses comerciais demais que o impendem de condenar Hitler. Um cardeal argumenta que os nazistas são o último baluarte a impedir a dominação soviética da Europa.
>
> Ato III: Quando judeus se acumulam "sob as janelas do papa", Riccardo Fontana, o padre protagonista ficcional, declara: "Não fazer nada é tão ruim quanto participar do mal... Deus pode perdoar um carrasco por isso, mas não um padre, não o Papa!". Um oficial alemão comenta que o Papa tinha recebido para audiências amigáveis milhares de soldados alemães.
>
> Ato IV: Pio XII, que tinha uma "frieza aristocrática" e um "brilho gelado" nos olhos, expressa preocupação acerca das vantagens financeiras do Vaticano e do bombardeio Aliado de fábricas. Teme que o bombardeio vá empobrecer os trabalhadores italianos e que estes afinal se tornem anarquistas/comunistas. Pio XII reitera o seu

comprometimento em ajudar os judeus enquanto mantém silêncio para evitar um mal pior. Quando Fontana o questiona irritadamente, Pio XII pontifica sobre a importância geopolítica de uma Alemanha forte frente à ameaça soviética.

Ato V: Fontana abre sua blusa e mostra que está usando uma estrela amarela em apoio aos judeus. Ele se junta a deportados para morrer em Auschwitz, onde se dá o resto da ação, terminando com uma citação do embaixador alemão Ernst von Weizsäcker: "Já que provavelmente não se pode esperar mais ação de Roma com relação ao problema dos judeus, pode-se dizer que essa questão, tão problemática para as relações Alemanha-Vaticano, foi solucionada".[6]

O Vigário teve notoriedade mais por conta de suas acusações contra o Papa do que por seu enredo ou suas qualidades teatrais. A peça não desenvolve Pio XII como uma figura trágica, uma vez que não se mostra nem tragicamente hesitante nem tampouco arrasado pelas alternativas que tem. Não apenas lhe falta caridade cristã, como lhe falta simples decência humana. A revista *Variety* expôs a questão à sua maneira: "Não é, claro, livro com imagens, e é leitura duvidável para viagens ou passatempo em serviço".[7]

Uma peça é apenas uma peça, mas Hochhuth e outros ligados a *O Vigário* queriam que ela fosse algo mais. De acordo com Hochhuth, a "tese principal" de *O Vigário* é que "Hitler abandonou o programa de extermínio assim que os altos prelados alemães... ou o Vaticano... interviram energicamente".[8]

Nos "Adendos" a *O Vigário*, Hochhuth diz: "Talvez nunca antes na história tantos seres humanos tenham pagado com suas vidas pela passividade de um único homem de Estado".[9] Em um editorial, a revista jesuíta *America* respondeu: "talvez nunca antes na história tantas imputações perversas, tendenciosas e mesquinhas tenham sido baseadas em argumentos históricos inconsistentes, distorcidos e falsificados como esses. *O Vigário* é assassinato de reputação".[10]

A visão geral que se tinha de Pio XII, baseada no que fora amplamente conhecido sobre ele por duas décadas, repentina e espetacularmente mudou de lírio branco para carvão negro depois que *O Vigário* veio à luz, sem que se mostrasse *qualquer* prova. Isso levou a revista *America* a perguntar:

> O que aconteceu... para apagar de um golpe só esses tributos bem-informados e espontâneos à memória do Papa Pio XII? Por que de nada valeram quando da chegada de O *Vigário*? Por meio de que dialética, ou por meio de que fraqueza humana, um grande benfeitor da humanidade e dos judeus em particular agora se tornou um criminoso?[11]

Muitos estudiosos da peça se perguntaram de onde Hochhuth tirou suas informações, especialmente as relacionadas aos motivos do Papa. Como um autor escreveu:

> De onde Hochhuth tirou esses fatos? Ele soube utilizar provas apresentadas nos julgamentos de Nuremberg e no julgamento de Eichmann e consultar relatórios históricos americanos e alemães e documentos contemporâneos. Isso lhe deu material para as descrições de perseguição aos judeus e para as cenas em campo de concentração. Mas quanto às suas acusações principais – os motivos desprezíveis que ele atribui ao Papa Pio XII por seu silêncio – não oferece prova documental alguma.[12]

Hochhuth diz ter passado três meses em Roma "estudando a atmosfera, falando com a Guarda Suíça, com romanos e judeus que tinham se escondido em mosteiros italianos".[13] Já que nunca teve acesso a nenhum arquivo, Hochhuth diz se apoiar em uma série de perguntas que fez "a um velho e experiente bispo alemão",[14] mas se recusou a nomear o bispo.[15] Em vez disso, lançou suspeita injustificável sobre vários funcionários do Vaticano.

Tanto eu como meu co-autor visitamos o Vaticano várias vezes, munidos de credenciais oficiais imponentes, mas nenhum de nós conseguiu imprensar um bispo num canto e persuadi-lo a revelar documentos secretos do Vaticano. Talvez Hochhuth tenha tido sorte. Talvez tenha inventado a história (sua reputação, no que diz respeito a veracidade, não é muito boa), ou talvez se referisse aos documentos do Vaticano obtidos pelos três agentes do DIE envolvidos na operação "Assento 12". No fim, essas possibilidades variadas são irrelevantes. O importante é que nenhuma peça de teatro sozinha poderia ter mudado a percepção mundial de Pio XII de um papa antinazista para um papa pró-nazista. Nenhuma obra literária poderia realizar uma transformação como essa. Já uma operação de enquadramento bem desenvolvida da KGB, contudo, fez precisamente isso.

Alguns dos erros factuais relacionados à Igreja que aparecem em *O Vigário* não são do tipo que altos clérigos ou bispos cometeriam. Especialistas soviéticos em *dezinformatsiya* podem, contudo, ter cometido esses erros. Erik von Kuehnelt-Leddihn identificou os seguintes erros (e outros) em seu livro de 1969, *O cristão eterno*:

1. Padre Fontana é referido como "Conde Riccardo Fontana, um jesuíta de 27 anos, que trabalha como um jovem adido na nunciatura de Berlim". Em primeiro lugar, o tempo necessário para preparar uma ordenação jesuíta impossibilita qualquer um de se tornar um jesuíta com uma idade jovem assim. Mais ainda, na época não havia jesuítas no serviço diplomático. De modo talvez mais óbvio ainda, jesuítas não detêm títulos seculares, como "Conde"; eles têm de abrir mão deles.

2. A peça menciona uma concordata entre o Vaticano e o Japão. Esse acordo nunca foi assinado.

3. A peça também traz vestes de corte espanholas sendo trajadas no Vaticano – "a sombria e bela roupa de corte de Henrique II". Isso simplesmente não é verdade.

4. De acordo com a peça, Hitler proibia quaisquer medidas contra a Igreja. O Pastor Martin Niemoeller, presidente do Conselho Mundial de Igrejas (1961-1984), foi mandado para Dachau (1937-1945) por se opor à nazificação da Igreja Protestante, e um monte de outras vítimas religiosas do nazismo de Hitler gostariam que isso fosse verdade!

5. Pio XII estava sempre sozinho à mesa porque não suportaria a imagem de um rosto humano. Na verdade, Pio XII seguia o costume do Vaticano de fazer a maioria das refeições sozinho, mas às vezes jantava com convidados, e era conhecido como um conversador espirituoso.[16]

6. Um funcionário da Guarda Suíça é descrito indo de uniforme completo ao centro de Roma chamar o cardeal que estava visitando o Conde Fontana. A Guarda Suíça, contudo, não tinha permissão para usar o uniforme fora do Vaticano.

7. A Sociedade de Jesus é erroneamente referida como "Ordem de Jesus", e na peça a "Ordem de Jesus" abasteceu a União Soviética com mercúrio advindo de minas espanholas. Isso não aconteceu.

8. Ao contrário do que diz a peça, não havia delegado papal em Washington naquela época, apenas um delegado apostólico.

> 9. Na cena em que Pio XII tenta proibir o Padre Fontana de usar o broche da Estrela de Davi em sua batina, o Papa diz: "Nós o proibimos de fazer isso – proibimos *ex cathedra*!". Isso é absurdo. Pronunciamentos *ex cathedra* só podem ser feitos a respeito de formulações dogmáticas.[17]

Os aspectos históricos de *O Vigário* contêm mais provas circunstanciais que revelam que a peça foi produzida por especialistas em enquadramento da KGB. O apêndice impresso da peça, intitulado "Adendos Históricos", foi descrito da seguinte maneira:

> 45 páginas de demonstrações e provas! Mas a quantidade é enganadora. Os materiais estão todos misturados numa bagunça só; raramente somos informados acerca de onde os argumentos e citações vieram... "Relações concretas de fontes são mencionadas apenas em casos isolados; mas provas e testemunhas de valor duvidoso são mencionadas freqüentemente... A obra é baseada em provas de segunda e terceira mão, em livros populares que sequer pretendem oferecer uma explicação derradeira...".[18]

Os "Adendos" revelam uma grande proximidade com a propaganda soviética do pós-guerra. Como o pesquisador alemão Michael Feldkamp observou:

> "No verão de 1963, o Vaticano apontou 'numerosas semelhanças' entre a peça de Hochhuth e a 'propaganda comunista usual contra a Igreja e o Papa', entre elas a acusação de haver uma 'cruzada em comum com Hitler contra a União Soviética' e a alegação de que o 'enorme poder econômico' da Santa Sé e da ordem jesuíta explicavam seu abandono dos princípios morais cristãos".[19]

O governo da Alemanha Ocidental até expressou seu "grande lamento" por esses ataques a Pio XII, já que ele havia protestado contra a perseguição racial movida pelo Terceiro Reich e tinha "salvado tantos judeus quanto pôde das mãos dos seus perseguidores".[20]

Mais recentemente, Giovanni Maria Vian, editor do jornal do Vaticano *L'Osservatore Romano*, escreveu que a peça "tomou muitas das idéias propostas por Mikhail Markovich Scheinmann em seu livro *Der Vatican in Zweiten Weltkrieg* ("O Vaticano na Segunda Guerra Mundial"), primeiro publicado na Rússia pelo Instituto Histórico da Academia Soviética de Ciências,

um instrumento de propaganda da ideologia comunista".[21] Vian comentou que a postura de Pio XII durante a guerra fora "anticomunista e, por causa disso, já durante a guerra o Papa se tornara alvo da propaganda soviética, pintado como se estivesse em conluio com o nazismo e os seus horrores".[22]

O livro de Scheinmann, é claro, era pura propaganda soviética. O historiador John Conway explicou:

> O livro de Scheinmann é notável por sua simplificação assídua das fontes e pela tremenda perversidade das suas conclusões. De acordo com Scheinmann, o Papa Pio XII estava obcecado por um único pensamento, a necessidade de organizar uma cruzada contra a União Soviética, e assim ele buscou qualquer ajuda possível a esse seu propósito. Em conseqüência, os atos de qualquer governo anti-soviético, ainda que criminosos, deveriam ser ignorados ou até aprovados. Vários aspectos desse "retrato" foram tomados por Hochhuth, ainda que ele negue explicitamente a acusação de que o Vaticano buscava organizar uma cruzada contra o bolchevismo.[23]

Hochhuth tinha uma vantagem de que Scheinmann não dispunha. Ele – e sua legião de apoiadores e defensores – podia desviar-se de qualquer crítica dizendo que se tratava de uma peça; de ficção. Ao mesmo tempo, especialmente com o apêndice histórico, *O Vigário* reclamava para si honestidade histórica. Era um dos ápices da desinformação soviética.

20
DESINFORMAÇÃO POR TODA PARTE

O *Vigário* ficou em cartaz apenas umas poucas semanas em Berlim, recebendo, na melhor das hipóteses, críticas indecisas, mas causou um rebuliço político.[1] Sua visão negativa de Pio XII foi negada por praticamente todas as pessoas que conheceram de perto as atividades do Papa durante a guerra. O chanceler alemão Konrad Adenauer chegou a se desculpar com o Vaticano pela peça produzida por Piscator.[2]

Apesar de sua estréia curta e comercialmente insatisfatória, *Der Stellvertreter* foi rapidamente traduzida e produzida por alguns dos nomes mais famosos do teatro. Todos eram comunistas ou simpatizantes ocidentais. A primeira produção francesa de *Der Stellvertreter* ocorreu no *Théâtre de l'Anthénée* em Paris. O tradutor foi Joge Semprún, romancista e dramaturgo premiado. Ele também era um comunista ativo.[3]

Semprún fora um militante comunista desde a juventude, e se juntou ao grupo comunista de resistência durante a Segunda Guerra Mundial. Depois da guerra, ainda estando na França, entrou para o exilado Partido Comunista da Espanha (PCE). Por quase dez anos, entre as décadas de 1950 e 1960, Semprún organizou atividades clandestinas para o PCE.[4] De fato, na época em que traduziu a peça de Hochhuth, ele ainda era membro ativo do alto escalão do partido, o Politburo. Só depois de ter sido expulso do Politburo em 1965 (por conta de divergências acerca de estratégia) foi que Semprún realmente se focou em sua legítima carreira literária.[5]

A produção francesa foi co-dirigida por Francis Darbon e pelo famoso diretor inglês Peter Brook. Assim como Piscator, Brook era uma lenda do teatro. Diferentemente de Piscator e Semprún, não existe prova documental de que fosse *membro* do

Partido Comunista. Quando jovem, por exemplo, Brook escreveu que suas "certezas políticas" haviam sido abaladas quando os soviéticos chegaram a um acordo com os nazistas.[6] Mais ainda, durante a Segunda Guerra Mundial ele produziu uma peça (sua primeira experiência como diretor) cujos proventos iriam para o "Fundo de Ajuda à Rússia".[7] Em 1955, fez uma turnê de sucesso pela União Soviética.[8] Discutindo a atração dos soviéticos pela sua obra, Brook explicou: "Acima de tudo, eles continuam comentando o que chamam de nossa simplicidade, austeridade e economia. De repente percebem que estão usando as mesmas palavras com que Khrushchev lançou sua nova linha de arquitetura".[9] Posteriormente, quando Brook realizou uma peça anti-Vietnã, *EUA*, o Lorde Chamberlain se queixou de que ela era "bestial, anti-americana e comunista".[10]

A produção de *O Vigário* feita por Brook ficou em cartaz por cerca de seis semanas em Paris, e foi preciso ainda um bom tempo para que se estabelecesse o assim chamado Teatro de Fato na França.[11] Brook, contudo, não gostava da etiqueta "Teatro de Fato". "Você nunca pode ir aos fatos", disse. "Prefiro chamar de teatro do mito".[12]

Além de trabalhar na França, Brook era um dos três diretores permanentes da nova, mas imensamente prestigiada, Royal Shakespeare Company (RSC) no Teatro Aldwych em Londres. Essa companhia foi estabelecida por Peter Hall (posteriormente Sir Peter Reginald Franklin Hall), outra figura das mais influentes no teatro britânico do pós-guerra.[13] Ele e Brook trabalhavam como diretores permanentes junto com o escritor francês Michel Sr. Denis.[14] Como muitos diretores jovens da época, Hall era profundamente influenciado pelas tendências do teatro popular, e a RSC logo veio a "ser vista como um baluarte da vanguarda".[15]

Em seu livro *Estratégias do Teatro Político*, Michael Patterson lista os elementos do estabelecimento e expansão da RSC no Teatro Aldwych (que permitia produções mais modernas) em uma "breve cronologia" do teatro político.[16] Em 1962, um comentador escreveu: "No Teatro Aldwych... Peter Hall ofereceu nos últimos meses oportunidades incomparáveis a diversos dramaturgos da nova escola".[17] Por outro lado, "alguns visitantes de Londres [ficaram] confusos ao encontrar a companhia de

Shakespeare tão incansavelmente dedicada a apresentar o mais novo e avançado drama".[18] (Poucos anos depois, Emile Littler, um produtor teatral e membro do conselho do RSC, expressou ultraje moral com as "peças de teatro obscenas" que a companhia estava produzindo no Teatro Aldwych).[19]

Der Stellvertreter recebeu a sua primeira produção inglesa em Londres pela Royal Shakespeare Company no Teatro Aldwych, em 1963, sob o título de *The Representative*.[20] Robert David MacDonald traduziu a peça para a RSC.[21] Ele trabalhava como tradutor para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) na década de 1950. Na época, a UNESCO era tida por muitos como uma plataforma para os comunistas atacarem o Ocidente,[22] e a KGB a utilizava para distribuir seus agentes pelo mundo.[23] (A UNESCO também deu assistência com a publicação do jornal *Teatro Mundial*, que elogiou a coragem de Piscator por levar *Der Stellvertreter* aos palcos).[24]

Enquanto trabalhava para a UNESCO, MacDonald conheceu Piscator. Embora não tivesse nenhuma experiência em teatro, MacDonald "imediatamente se envolveu com teatro na condição de diretor".[25] Ele trabalhou com Piscator em Berlim, e os dois desenvolveram uma relação profissional bem próxima. Isso levou MacDonald a traduzir (e retrabalhar) *Der Stellvertreter* para o inglês.[26]

O período de 1963 a 1964 foi o ápice em termos de membros do Partido Comunista na Inglaterra, e o teatro político estava apenas começando a se estabelecer.[27] "Como ondas de choque se expandindo concentricamente pela Europa, o interesse pelo teatro épico do [dramaturgo comunista alemão Bertolt] Brecht cresceu na proporção direta em que a ideologia do comunismo ganhava respeitabilidade junto às classes intelectuais da Europa"[28]. Vários dramaturgos novos e talentosos "partilhavam de uma convicção louvável, mas estranha: de que escrevendo e encenando suas peças eles poderiam ajudar a mudar o modo como a sociedade é estruturada".[29] Em 1978, o *Performing Arts Journal* relataria: "Em geral, a esperança dos grupos de teatro político é que, por fim, a Inglaterra vá ter um governo socialista de base marxista que represente a classe trabalhadora, e que a produção e distribuição serão controladas pelos trabalhadores".[30]

O diretor ao qual coube *The Representative* no Teatro Aldwych foi Clifford Williams.[31] Ele acrescentou uma nova cena no começo da peça e ao fim pôs um filme com vítimas de Auschwitz sendo enterradas com escavadeiras.[32] Recortes de jornal e outros documentos também eram lidos em megafones em diferentes momentos da peça.[33] Sobre Williams se escreveu: "A peça de Hochhuth sem dúvida incitou o interesse de William – numa época de perspectivas sociais e teatrais em mudança que poderiam provocar discussões ou perturbar a complacência".[34] Claro, Williams viera para a RSC da "esquerdista e mesmo quase comunista" Oficina de Teatro,[35] onde treinara com o célebre diretor comunista Joan Littlewood.[36]

x

A editora americana de *Der Stellvertreter* foi a Grove Press, de Nova Iorque. Grove Press pertencia a Barney Rosset, um autoproclamado comunista, que comprara a empresa em 1951 e a transformara em uma influente editora alternativa. Entre os escritores e pensadores políticos radicais que a Grove Press publicou na década de 1960 estavam Malcolm X e o velho companheiro de Erwin Piscator, Bertolt Brecht. Grove Press também publicou os diários de Che Guevara, com uma introdução de Fidel Castro. Os diários de Che, é claro, tinham sido produzidos pela máquina de *dezinformatsiya* do Kremlin. Os seus diários abrilhantados pela KGB tinham sido publicados de forma seriada na *Evergreen Review* e depois lançados sob a forma de livro pela Grove Press. A *Evergreen Review*, assim como a Grove Press, pertencia a Barney Rosset. Em uma entrevista de 2006, Rosset foi indagado acerca de sua religião. Ele respondeu que não tinha nenhuma religião: "Então me tornei comunista. Como numa religião. E é bom que você leve isso a sério".[37]

Evergreen Review também promoveu *O Vigário*. Em maio de 1964, pouco depois de a peça ter estreado na Brodaway, a revista publicou uma reportagem escrita por Hochhuth.[38] Em acréscimo, a revista não apenas trazia anúncios da versão em livro de *O Vigário*; fazia-lhe uma propaganda paralela e divulgava o livro de Rudolf Vrba *Não posso esquecer*, chamando-o de "um relato testemunhado diretamente – e que documenta *O Vigário* – por um homem que escapou de Auschwitz".[39] Na verdade, o

relato de Vrba se mostrava altamente suspeito, e posteriormente ele admitiu ter tomado "licença artística" ao escrevê-lo.[40]

Herman Shumlin foi o produtor americano que trouxe *Der Stellvertreter* para a Broadway com o título de *The Deputy*. Embora ele não tenha a mesma importância histórica que Piscator ou Brook, teve uma longa e bem-sucedida carreira no cinema e nos palcos. Entre as suas produções na Broadway, estão *The Last Mile* (1930), *Grand Hotel* (1930), *The Children's Hour* (1934), *The Little Foxes* (1939), *The Male Animal* (1940), *The Corn Is Green* (1940), *Watch on the Rhine* (1941), *The Searching Wind* (1944), *Inherit the Wind* (1955) e *The Deputy* (1964).

Shumlin também era um comunista ativo. De acordo com a revista *Time* (5 de fevereiro de 1940), Shumlin era o único produtor que anunciava no comunista *Daily Worker*. A reportagem continuava dizendo que "o Sr. Shumlin praticamente não tem amigos, com exceção da esquerdista Lillian Hellman". Hellman, com quem Shumlin teve um relacionamento profissional e romântico, era franca em seu apoio ao comunismo. O material de divulgação de uma peça que ela escreveu (*As pequenas raposas*) dizia que ela era "conhecida tanto por seus casacos de pele de marta quanto por seu apoio público ao Partido Comunista a organizações de filiação comunista".[41]

Shumlin foi presidente do "esquerdista Comitê Conjunto de Refugiados Antifascistas" (JAFRC).[42] Essa organização era "originalmente composta por comunistas com o propósito de ajudar refugiados stalinistas da Espanha".[43] Embora a carta diretora da JAFRC estabelecesse o propósito de levantar dinheiro para aliviar os problemas dos refugiados, depois da Segunda Guerra Mundial a instituição enviou fundos para a Iugoslávia, ajudando os comunistas a vencer a primeira eleição do pós-guerra. Em 1947, a JAFRC foi investigada por infiltração comunista no Comitê de Atividades Anti-Americanas. Quando a JAFRC se recusou a ceder seus registros, um juiz federal julgou Shumlin e outros 15 membros do JAFRC culpados de desobediência ao Congresso. Shumlin recebeu uma multa de $ 500 e uma pena de três meses de cadeia, que foi suspensa.[44]

Em 1964, Shumlin recebeu o Prêmio Tony [Antoinette Perry] de Excelência Teatral por ter levado *O Vigário* à Broadway. Isso provavelmente se deveu em grande parte à coragem que imaginava ser necessária para enfrentar todos aqueles que objetavam contra a caracterização de Pio XII na peça. Muitos críticos não gostaram de *O Vigário* na versão de Shumlin, mas esta ficou em cartaz na Broadway por quase um ano. Isso parece não ter sido resultado da qualidade teatral da peça. Discutindo a preocupação com a violência de manifestantes no dia da estréia, o crítico de teatro do *New York Times* Frank Rich escreveu: "A única bomba que havia estava sobre o palco, mas a publicidade transformou o espetáculo, hoje esquecido, quase num *hit* e garantiu aos seus produtores um Prêmio Tony por sua coragem".[45] Outro crítico disse que a peça era "como uma dessas versões de clássicos da literatura em tiras de quadrinhos".[46]

Provavelmente já se esperava que Shumlin escrevesse um artigo de revista sobre a peça. Seu texto apareceu na edição de fevereiro de 1964 de *Jewish World*. Outra das primeiras recensões críticas de *O Vigário* publicadas nos Estados Unidos foi escrita por David Horowitz.[47] Como este último veio a explicar, na época ele era um comunista praticante.[48] Antes de afinal se tornar um líder do movimento conservador (ou neoconservador), Horowitz passou um tempo ocupando vários cargos de liderança na revista *Ramparts*, que depois de sua fundação no começo da década de 1960 como um periódico católico veio a se tornar uma revista de extrema-esquerda suspeita de receber financiamento soviético.[49]

No fim de sua vida, o colunista Max Lerner era visto por muitos como conservador, mas essa mudança veio tarde. Quando jovem, deu apoio aos comunistas na Guerra Civil Espanhola e foi relutante em denunciar os expurgos de Moscou.[50] Antes do pacto Hitler-Stálin que precedeu a Segunda Guerra Mundial, Lerner e outros esquerdistas americanos, incluindo o agente soviético I. F. Stone, assinaram uma carta publicada na revista *The Nation* (onde Lerner era editor político). A carta era uma "defesa a toda a voz do stalinismo", e criticava companheiros liberais por serem anticomunistas.[51] Ao fim da Segunda Guerra Mundial, Lerner foi a um jantar de gala com generais do Exército Vermelho. Depois foi morar permanentemente na Mansão da

Playboy de Hugh Hefner. Assim como tantos outros americanos com laços esquerdistas, ele escreveu um artigo promovendo *O Vigário*.[52]

Michael Harrington, a princípio um seguidor da católica americana Dorothy Day, "abandonou o anarquismo, o pacifismo e a religião de Day, nessa ordem".[53] Ele elogiou *O Vigário* na revista *Midstream* (dezembro de 1963). Nessa época, Harrington era a ponte entre o Partido Socialista Americano e novos membros. Um "perpétuo socialista", Harrington era o presidente dos Socialistas Democráticos da América e o líder do movimento socialista americano até a sua morte, em 1989.[54] Claro, muitos comunistas escreviam sob pseudônimo, o que torna impossível sua identificação posterior.[55]

Em março de 1964, quando *O Vigário* estreava na Broadway, Susan Sontag, que ao longo de toda a sua carreira foi criticada por repetir os jargões comunistas,[56] fez grandes elogios a *O Vigário* em "Book World", uma seção do *New York Herald Tribune*.[57] Isso foi cerca de dois anos antes de Sontag emergir como importante escritora americana e ativista política que marchava "sob os dois estandartes do modernismo e do marxismo".[58] De fato, em data adiantada como 1978 – já bem depois de ela ter reconhecido que o marxismo era freqüentemente utilizado para sustentar regimes totalitários –, ela disse: "Eu gostaria de permanecer marxista, num certo sentido".[59]

Poucos meses depois de *O Vigário* ter estreado em Berlim, Rowohlt de Hamburg, o editor de extrema-esquerda que publicou a peça, lançou o livro *Summa Iniuria, oder Durfte der Papst Schweigen?* ("O Cume da Injustiça, ou Deveria o Papa Ter Ficado em Silêncio?"). Continha "90 comentários selecionados de mais de 3.000 artigos, discursos e livros que tratam da peça".[60] O compilador dos ensaios, Fritz J. Raddatz, era mais bem conhecido como estudioso de Karl Marx. Ele escreveu *Karl Marx: Uma biografia política*[61] e editou uma reunião de cartas trocadas por Marx e Friedrich Engels.[62]

A verdade é que Raddatz muito provavelmente teve participação desde o início na publicação de *Der Stellvertreter* por

Rowohlt. Nos anos 1950, Raddatz era diretor do departamento estrangeiro e vice-chefe da editora *Volk und Welt* (O Povo e o Mundo) da Berlim Oriental – posições para as quais, a julgar pela minha experiência, ele deve ter necessitado ter relações com a Stasi e possivelmente com a KGB. Em 1958, Raddatz foi para a Alemanha Ocidental e se estabeleceu em Hamburgo, onde em 1960 se tornou o principal leitor de originais da editora Rowohlt, bem como um colaborador próximo e o substituto de Heinrich Maria Ledig-Rowohlt, o diretor da firma. Permaneceu na Rowohlt até 1969.[63]

Nos Estados Unidos, a Grove Press, de propriedade comunista, fez a mesma coisa que Rowohlt, publicando um livro intitulado *A tempestade sobre O Vigário: Ensaios e artigos sobre o drama explosivo de Hochhuth* meses após a peça ter estreado na Broadway. Esse livro era uma reunião de ensaios, críticas e entrevistas relacionados à peça e às questões que levantava. Seu editor foi Eric Bentley, mais conhecido pelo seu trabalho com o dramaturgo comunista alemão (e ex-colaborador de Piscator) Bertolt Brecht – "o comunista mais famoso do mundo".[64] Bentley também foi responsável pela edição da Grove Press da obra de Brecht, e ele escreveu uma memória extremamente pessoal sobre os seus anos com Brecht e uma peça baseada no testemunho deste diante do Comitê de Atividades Anti-Americanas.[65] Muitas das críticas e ensaios incluídos em *A tempestade sobre O Vigário* foram escritos por autores que possuíam laços estreitos com o comunismo, mas mesmo os ensaios que defendiam Pio XII serviam ao propósito de manter a questão viva.

O Vigário finalmente se tornou filme em 2002, com *Amém*. O roteirista do projeto foi Jorge Semprún, o ex-membro do Politburo do Partido Comunista Espanhol que traduzira a peça para o francês.[66] O talentoso diretor do filme foi Constatinos Gravas, mais conhecido como Costa-Gravas. Depois da Segunda Guerra Mundial, descobriu-se que o pai de Gravas, grego, era comunista e assim foi mandado para a prisão. Costa-Gravas teve seu visto negado nos Estados Unidos por preocupação de que ele também fosse comunista. Alguns dos seus últimos filmes de conteúdo político parecem confirmar isso, mas ele também fez filmes críticos de regimes totalitários (soviéticos). Não existe prova de que ele fosse membro do Partido Comunista.[67]

21
MARCAS DA KGB

Poucos meses depois de *O Vigário* ter sido lançado na Broadway, um ícone do jornalismo americano, que ainda é comparado a nomes como H. L. Mencken e William F. Buckley, publicou um forte artigo culpando a Igreja Católica de ter exercido certo papel na emergência do fascismo. Escrevendo em seu próprio jornal semanal, I. F. Stone afirmou:

> Pio XII, ao ser amigável com Hitler [e Mussolini], estava apenas seguindo os passos de Pio XI... Nas consciências dos "vigários" de Cristo há mais que o pecado do silêncio. Eles foram parte da criação desses regimes criminosos... Ajuda a sarar nosso coração saber que foi um jovem alemão quem escreveu *O Vigário*. Também é um bom sinal o fato de a peça ter causado tanta animosidade – como uma memória dolorosa erguida, com má vontade, do subconsciente de toda uma geração.[1]

Anos depois, Stone escreveu outro artigo, insinuando que Pio XII tinha medo de Hitler.[2] Documentos da KGB publicados recentemente no livro *Vassiliev Archive* mostram que I. F. Stone (nascido Isidor Feinstein) era um agente soviético pago. Tinha sido originalmente recrutado pela NKVD em 1936 tendo por base sua formação ideológica e recebera o codinome de "Blin" ("panqueca", em russo).[3] Interceptações feitas em 1944 pelo Projeto Venona de comunicação confidencial e criptografada dos soviéticos mostram que Stone tinha, então, um novo orientador na NKVD, Vladimir Pravdin, com quem concordou encontrar-se regularmente e a quem indicou que não seria avesso a ter uma "renda suplementar".

Em um telegrama enviado para Moscou, Pravdin recomendou à sede da NKVD que, se essa relação de "negócios" fosse acordada, então Stone teria de fazer sua parte e realmente produzir

Interceptações posteriores feitas pelo Venona mostram que à altura de dezembro de 1944 a relação de negócios funcionou, e Stone estava sendo pago em segredo para escrever artigos sobre assuntos que lhe eram recomendados por Moscou. Ao longo de toda a sua carreira, os textos de Stone indicam que ele continuava a ser utilizado pela inteligência soviética como um canal de *dezinformatsiya*.[4]

O comunismo soviético consistia unicamente de trabalhar para mudar a mente das pessoas. Mudar mentes também era a principal tarefa de Stone como espião soviético. Ele era famoso em sua época, e era certamente um investimento recompensador para a NKVD/KGB. Hoje se sabe que é bem mais que coincidência o fato de que os seus textos expressassem a posição da União Soviética em tantas questões: ao demonizar as políticas para a Coréia de John Foster Dulles, General MacArthur e presidente Truman; ao condenar os esforços americanos para evitar a expansão comunista no Vietnã; ao desmerecer o FBI e embaraçar J. Egar Hoover; ao difamar o Papa Pio XII e culpar a Igreja Católica – o arqui-inimigo da KGB – pela perseguição nazista dos judeus; ao apoiar os esforços do Kremlin de persuadir o mundo de que não havia envolvimento soviético no assassinato de Kennedy; além de muitas, muitas outras questões similares. Mesmo as questões pelas quais ele pode ser louvado hoje, o que inclui sua oposição à discriminação racial e ao macarthismo, estão em total sincronia com a posição soviética da época.

A fama de Stone e o seu estilo cáustico tiveram imensa importância em chamar atenção para *O Vigário* e fazer da peça uma *cause célèbre*. Mais ainda, a irmã de Stone, a crítica esquerdista de teatro Judy Stone, contribuiu com uma entrevista amigável com Hochhuth, que foi publicada na revista *Ramparts* na primavera de 1964.[5]

Em 1963, quando *O Vigário* estava começando a causar rebuliço em Berlim e a criar divisão entre católicos e judeus, uma editora financiada pela KGB e estabelecida nos Estados Unidos, a Liberty-Prometheus Book Club, republicou um velho livro que ecoava as acusações feitas em *O Vigário*. Tratava-se do livro *Shylock: História de um caráter*, de Hermann Sinsheimer, que focava o maltrato de judeus pelos papas e outros cristãos.[6] Como a KGB esperava, o livro veio a ter circulação nos principais

canais de mídia, nos quais autores simpáticos a *O Vigário* continuaram a promover a peça.[7]

A Liberty-Prometheus Book Club pertencia em parte a Carl Aldo Marzani, comunista americano, nascido italiano, e ativo agente soviético de *dezinformatsiya*, recrutado provavelmente antes da Segunda Guerra Mundial.[8] Depois da guerra, ele cumpriu 32 meses de prisão por esconder sua afiliação ao Partido Comunista quando trabalhava no Departamento de Estado. Após ser solto, dedicou-se a várias empreitadas arriscadas de publicação de títulos esquerdistas, para o que recebia subsídios da KGB.[9]

Documentos no Arquivo Mitrokhin mostram que, ao longo dos anos, Marzani (cognominado "Nord" pela KGB, o que significava "norte" em alemão) recebeu somas substanciais de dinheiro para que sua editora Liberty Book Club (cognominada "Sever", "norte" em russo) produzisse material pró-soviético. Marzani também recebia 10 mil dólares anuais para fazer publicidade agressiva desses livros.[10] (Anos atrás, a inteligência soviética freqüentemente utilizava palavras alemãs para designar seus agentes no exterior, provavelmente porque muitos dos seus agentes recrutadores vinham da Europa Central e falavam essa língua. O fato de que Marzani tinha um codinome alemão dá apoio à sugestão de que ele fora recrutado antes da guerra.).

No começo de 1960, a estação da KGB em Nova Iorque, que operava Marzani, enviou um telegrama criptografado a Moscou recomendando que lhe fosse dado um adicional de 6 a 7 mil dólares, para que a Liberty Book Club pudesse continuar a publicar material pró-soviético. O telegrama justificava assim o pedido:

> NORD é uma pessoa extremamente enérgica e bastante devotada à sua tarefa. Apesar das suas dificuldades financeiras, ele está lutando para manter SEVER a salvo. SEVER, junto à sua rede de venda de livros, o Prometheu Book Club, existe há 14 anos. Durante esse tempo, publicou e distribuiu mais de 200 títulos de natureza progressista, tanto de autores americanos como de estrangeiros. O catálogo de SEVER tem cerca de 50 títulos, e o Prometheus Book Club tem 7.000 membros. Os livros também são despachados para 8.000 endereços na base de compras individuais.

Em maio de 1960, o Departamento Internacional do Comitê Central do Partido Comunista Soviético, que era responsável por dar apoio financeiro à *dezinformatsiya* nesse caso, aprovou uma subvenção de 15 mil dólares, mais que o dobro do que a estação da KGB em Nova Iorque solicitara.[11]

Foi coisa inteiramente incomum o Departamento Internacional do Partido Comunista ter sido levado a se envolver com planos que, à primeira vista, pareciam ser operação de desinformação perfeitamente comum e rotineira em funcionamento há anos. Mais ainda, embora o telegrama da estação de Nova Iorque tenha sido enviado à sede da KGB em Moscou, pela linguagem inflada do pedido de fundos fica claro, em retrospecto, que o telegrama era destinado ao Departamento Internacional – a sede da KGB financiara Marzani por muitos anos e não precisava ser informada sobre o que ele fazia ou sobre o quanto ele era bom no que fazia. Também é particularmente notável que mais que o dobro da soma requisitada tenha sido aprovado com rapidez.

A significância dessa troca de telegramas se encontra no período em que ocorreu – início de 1960. Foi em fevereiro de 1960 que Khrushchev aprovou um vigoroso plano operacional, totalmente confidencial, para destruir a autoridade moral do Vaticano e ao mesmo tempo manchar a reputação dos Estados Unidos. O plano fora concebido pelo diretor da KGB, Aleksandr Shelepin, junto a Alexei Kirichenko, o membro do Politburo responsável pela política internacional. A operação deveria ser implementada conjuntamente pela KGB e o Partido Comunista, isto é, no caso deste último o seu Departamento Internacional. O telegrama é uma prova de que a KGB incumbiu imediatamente as suas estações no exterior de contribuir, do modo que pudessem, com essa ofensiva, do mesmo modo como meu DIE fora designado para procurar quaisquer documentos possíveis do Vaticano.

Em 1963, surgiu nos Estados Unidos o primeiro livro sobre o assassinato de Kennedy, *Oswald: Assassino ou bode expiatório?*, publicado por Marzani.[12] Esse livro, escrito por Joachm Joesten, que já se provou ser um agente da KGB, alegava que a CIA havia matado o presidente Kennedy, mas, assim como *O Vigário*, não oferecia prova alguma para apoiar a acusação.

A primeira resenha do livro de Joesten foi assinada por um jornalista americano também pago pela KGB, Victor Perlo (identificado como agente soviético por Elisabeth Bentley e Whittaker Chambers e nas interceptações eletrônicas do Venona). A resenha positiva de Perlo foi publicada no *New Times* (um *front* da KGB, em determinada época impresso secretamente na Romênia), o qual trazia outras nove matérias sobre o assassinato, todas acusando elementos dos Estados Unidos de terem cometido o crime.

Perlo também escreveu uma das primeiras resenhas laudatórias de *O Vigário*, também para o mesmo *front* da KGB, o *New Times*.[13] Muitas pessoas nos Estados Unidos e ao redor do mundo estão convencidas, ainda hoje, de que a CIA estava por trás do assassinato do presidente Kennedy. Muitas pessoas mundo afora também continuam a acreditar em outra das mentiras do Kremlin: a de que Pio XII foi o "Papa de Hitler".

M. S. (Max) Arnoni, um sobrevivente do Holocausto, ex-editor da *Encyclopedia Britannica* e editor de *Minoria de um só* [*A Minotiry of One*], uma revista culta destinada à elite americana de esquerda, também se lançou à promoção de *O Vigário*. De acordo com o ex-general da KGB Oleg Kalugin, hoje um cidadão americano, Arnoni recebia dinheiro da KGB para promover a linha soviética na mídia americana. Kalugin passou anos espiando os Estados Unidos para a KGB sob o disfarce de jornalista.[14] Uma de suas primeiras incumbências foi recrutar agentes nas revistas e jornais de tendência esquerdista.[15] Em determinada ocasião, Kalugin chegaria até a financiar essas revistas e jornais e, assim, plantar matérias que ecoavam a linha soviética, na esperança de que outros novos canais de informação fossem repeti-las. Kalugin escreveu: "Não tenho pudores de incitar tanto problema quanto me for possível...".[16] Os comunistas americanos ficavam felizes de poder ajudar nesses projetos. Como um comentador recente observou: "Apesar do quão asqueroso e psicótico" o FBI de J. Edgar Hoover era, "uma coisa certa percebeu: que [o Partido Comunista dos Estados Unidos] era uma arma da política externa soviética, não mais nem menos que isso".[17]

Kalugin tornou-se bastante próximo de Arnoni. Primeiramente, Kalugin apenas se valia de sua amizade com o editor de *Minoria de um só* para colocar na revista matérias escritas pela KGB. Como a situação financeira de Arnoni piorasse, Kalugin financiou a publicação de algumas cartas/anúncios (freqüentemente assinadas por vários jornalistas de esquerda) no *New York Times*. Por fim, Kalugin deu para Arnoni 10 mil dólares oriundos da KGB. Arnoni ocultou a fonte da verba. "Assim se infiltrou a KGB em uma publicação americana pequena, mas influente".[18] Arnoni "sem saber cumpriu as ordens da KGB".[19]

Arnoni se tornou forte apoiador de *O Vigário*. Não apenas escreveu a favor da peça em seu próprio jornal; também escreveu um artigo para outro periódico, o *American Dialog*.[20] Para além da discussão do drama de Hochhuth, fez afirmações "factuais" inflamadas que são comprovadamente "falsas".[21] Por exemplo, Arnoni escreveu que "o homem que se tornaria Pio XII esteve profundamente envolvido com a política de partidos alemães ultradireitistas".[22]

O Partido Comunista Americano, financiado secretamente pela KGB, também entrou na jogada. Quando o *New York Times Book Review* decidiu dedicar um artigo de primeira página a *O Vigário*, explicou que buscara a colaboração de um pesquisador católico (George N. Shuster) e um colaborador não-católico (Robert Gorham Davis).[23] Não explicou que Davis fora membro do Partido Comunista, o qual testemunhara, e dera "nome aos bois", diante do Comitê de Atividades Anti-Americanas do Congresso Americano.[24]

x

No começo de 1964, quando *O Vigário* estava prestes a estrear na Broadway, inúmeros líderes religiosos, políticos, diplomatas e outros protestaram dizendo que se tratava de um escândalo internacional. O Cardeal Spellman, de Nova Iorque, chamou *O Vigário* de "uma profanação ultrajante da honra de um homem grande e bom".[25] O Conselho Nacional de Católicos e o Comitê Americano Judaico tentaram fazer com que as redes de televisão não divulgassem a peça.[26] Judeus veteranos de guerra chegaram a marchar no dia de estréia da peça para boicotá-la e defender a honra do Papa.[27]

Com a estréia da peça posta em sério risco, uma pequena revista de São Francisco, com raízes católicas e futuro comunista, tomou a frente de sua defesa. De fato, sem a revista *Ramparts*, *O Vigário* poderia nunca ter sido encenado na Broadway (poucos anos depois, preocupações similares sobre a honestidade histórica da peça seguinte de Hochhuth, *Soldados*, impediram que fosse encenada no Teatro Nacional de Londres). Hochhuth recompensou *Ramparts* dando-lhe uma das pouquíssimas entrevistas que deu na época. Foi conduzida por Judy Stone, irmã do "jornalista investigativo" e espião I. F. Stone.

Ramparts foi fundada em 1962 por Edward Keating como uma revista trimestral católica de inclinação à esquerda. Muito rapidamente, contudo, Keating se desiludiu com a igreja institucional.[28] Depois de uns poucos números ele mudou de direção, dizendo: "De agora em diante, sem mais essa de Sr. Certinho".[29]

Keating começou pedindo um artigo a um padre de Louisiana que era crítico da postura da Igreja frente a relações raciais. Depois que o artigo foi escrito, mas antes de ir a prelo, tanto o padre como o bispo tentaram reclamá-lo de volta. Keating ignorou seus pedidos e publicou-o assim mesmo.[30] No número seguinte, *Ramparts* defendeu a liberalização do magistério da Igreja acerca de contracepção.

Ramparts logo explorou a conexão "natural" entre Católicos e a John Birch Society. Como Warren Hinckle, editor de *Ramparts*, explicou, Keating tornou-se de "um convertido respeitavelmente ortodoxo num descarado anticlericalista que faria piadas em público, e mesmo na presença de freiras, sobre 'arrancar um pedaço da bunda do papa'".[31]

Ramparts, é claro, achou útil manter sua imagem "católica" tanto quanto pôde. Hinckle disse ter convencido Keating a defender *O Vigário* lhe dizendo que "se tornaria famoso da noite para o dia se ele, um editor católico, presidisse um comitê para defender a peça que atacava o Papa". Keating concordou – como represália.

No começo de 1964, Keating escreveu artigos em apoio de *O Vigário* para três publicações diferentes: *Ramparts*, a revista *This World* e o jornal *San Francisco Chronicle*.[32] A maior contribuição de Keating, contudo, veio quando ele deu a público uma carta do período de guerra que tinha sido escrita por

um membro proeminente da Cúria Romana, Cardeal Eugene Tisserant, e endereçada ao Cardeal Emanuel Suhard, o arcebispo de Paris. Nela, Tisserant escreveu: "Temo que a história vá reprovar a Santa Sé por ter seguido uma política de conforto e conveniência, e não muito mais que isso".[33]

Tão logo Keating publicou a carta, Tisserant emitiu uma declaração explicando que não se tratava do Papa Pio XII ou dos judeus. Tisserant a escrevera num acesso de raiva no dia em que a Itália entrara na guerra, e ele estava louco porque outros clérigos não fizeram pedidos de paz similares aos que Pio XII fizera freqüentemente. "A atitude do Papa estava além de qualquer discussão", explicou. "Minhas observações não envolviam a sua pessoa, mas certos membros da Cúria. No período dramático da Guerra, e que período péssimo aquele, Pio XII conseguiu guiar a Igreja com força invencível". Tisserant disse ao *New York Times*: "Parece-me evidente que os princípios, reafirmados pelo Papa Pacelli em sua primeira encíclica e repetidos com vigor em todas as circunstâncias, sobretudo nas mensagens de Natal nos anos de guerra, constituem a mais concreta condenação do tipo hitlerista de absolutismo".[34] De fato, o *Times* publicou excertos de um discurso feito por Tisserant durante a guerra em que ele elogiava a conduta de Pio XII. De todo modo, o momento da divulgação que Keating deu à carta lhe trouxe significante atenção.

A carta de Tisserant aparentemente tinha sido apreendida pela Gestapo dos arquivos do Cardeal Suhard quando os nazistas tomaram Paris na Segunda Guerra Mundial. O modo preciso como passou da Gestapo para Keating não é claro. Pode ter caído nas mãos dos soviéticos depois da guerra, e daí achou caminho até a sede da revista. Ao longo dos anos 1960, *Ramparts* apareceu com muitos documentos e reportagens que colocavam a União Soviética em boa posição ou os seus inimigos numa má posição, e as fontes de informação eram freqüentemente difíceis de serem identificadas. Em suas memórias, o editor Warren Hinckle reconhece a sua própria suspeita acerca da fonte de algumas informações que recebeu, sugerindo que fosse ou a KGB ou alguma operação suja de dentro da CIA. Ele chegou até a participar de encontros secretos e usar linguagem codificada.[35]

Além de convencer Keating a tomar *O Vigário* como uma causa, Hinckle teve papel da maior importância em fazer com

que as cortinas da Broadway se abrissem para a peça. Segundo seu próprio relato, ele criou uma "conspiração ecumênica" em apoio da peça. Formou um comitê com um nome que lembra o estilo soviético: o Comitê *Ad Hoc* Para A Defesa do Direito de *O Vigário* Ser Encenado. Ele encontrou alguns "protestantes eminentes", como o ativista social John C. Bennett, para se juntarem ao comitê, mas teve problemas para encontrar líderes católicos que o fizessem.[36] Hinckle falou com um bispo auxiliar, "tido em alta conta por causa de seu liberalismo, que me disse que antes endossaria uma campanha que colocasse a imagem de Jesus Cristo em caixas de contraceptivos, do que tomaria partido do autor de *O Vigário*". Desesperado, ele inscreveu alguns leigos que chamou de "disfarce católico". Os leigos, Gordon Zahn e John Howard Griffin, foram depois recompensados ao serem nomeados editores-assistentes de *Ramparts*.[37]

Hinckle também arrastou consigo dois judeus: Rabino Abraham Heschel, do Seminário Teológico Judaico, e Maxwell Geismar, um crítico e historiador literário. Sobre Geismar, Hicnkle escreveu: "um homem incrível sobre o qual eu seria incapaz de fazer elogios suficientes, o qual, durante nosso encontro casual durante a controvérsia inflamada sobre *O Vigário*, tornou-se quase que instantaneamente amicíssimo meu, confidente, pai e alma gêmea, e a mais importante influência intelectual no desenvolvimento de *Ramparts*". Essa "mais importante influência intelectual" sobre Hinckle e *Ramparts* era um marxista confesso que escreveu a introdução ao livro de Eldridge Cleaver *Alma de gelo*, uma reunião de ensaios que Cleaver escreveu quando na prisão, cumprindo pena por tráfico de drogas e estupro. (Cleaver depois se tornou editor-chefe na *Ramparts*. Também se juntou aos Panteras Negras, foi preso depois de um tiroteio, viajou por vários países comunistas, desencantou-se com o comunismo e voltou a enfrentar acusações criminais.).

Hinckle mais tarde admitiu que o seu Comitê *Ad Hoc* Para A Defesa do Direito de *O Vigário* Ser Encenado seguia "a mais nobre tradição das aldeias de Potemkin". Ele "mal tinha tantos membros quanto palavras em seu pesado nome". Serviu, no entanto, ao seu propósito. Como ele depois escreveu: "Armados de comunicados à imprensa, marchamos para cometer um crime na Catedral".

Hinckle, que nunca estivera antes em Nova Iorque, enviou comunicados provocativos à imprensa e deu uma entrevista coletiva (que muitos compararam a uma festa) no hotel *Waldorf Astoria*. Enviou convites via telegrama longos (e caros), e prosseguiu com telegramas de lembrete a "todos em Nova Iorque que tivessem uma caneta ou uma câmera". De acordo com Hinckle, o conteúdo dos telegramas era "algo entre o Discurso de Gettysburg e a Declaração de Independência, e eles mantiveram a moça do telégrafo ocupada por quase três horas, enquanto eu lhe ditava os nomes e endereços de um grupo eclético de convidados caprichosamente tirados das páginas amarelas da lista telefônica". Entre os destinatários dos telegramas estavam não apenas as grandes publicações, mas também *The American Organist*, *Bedside Nurse*, *Casket and Sunnyside*, *Detergent Age*, *Elementary Eletronics*, *Floor Covering Weekly* e dúzias de outras publicações similares da área de comércio e indústria.[38]

Foi requerido muito mais dinheiro do que uma revista como *Ramparts* poderia logicamente devotar para fazer isso acontecer, mas Hinckle atraiu uma multidão imensa. Um fotógrafo disse que foi a maior coletiva de imprensa que vira desde que Adlai Stevenson teve de abrir mão da presidência. Quando um repórter perguntou por que nenhum outro membro do "excelso comitê" tinha comparecido além de Hinckle e Keating, eles disseram que "a sala estava cheia demais".

A defesa que *Ramparts* fez de *O Vigário* ofuscou a maioria das notícias negativas sobre a peça nos últimos dias antes da estréia e garantiu que as cortinas se abrissem. Nunca ficou realmente claro por que a *Ramparts*, sediada na Califórnia, decidiu promover a peça em Nova Iorque ou como pôde cobrir o custo, mas a história posterior lança alguma luz sobre o assunto.

Ramparts desfez-se da maior parte de sua identidade católica pouco depois do episódio envolvendo *O Vigário*. Em outubro de 1964, Keating disse que *Ramparts* viera "mais ou menos" de um ponto de vista católico, acrescentando que a revista poderia ser descrita como católica com "c" minúsculo.[39] Logo publicaria, e rotineiramente, críticas sem medidas a membros da hierarquia católica – coisa sem precedentes na imprensa católica da época. Em 1965, o presidente da Associação Católica de Imprensa denunciou a revista como "anti-ética". Em dezembro

desse mesmo ano, a revista descreveu a si própria como "Nova Esquerda", não-católica. Hinckle explicou: "não havia católicos leigos o suficiente nem para escrever nem para comprar a revista. Além disso, ficamos entediados com a igreja".[40]

Em 1967, o editorial da revista *Time* dizia: "nenhuma outra revista de esquerda nos Estados Unidos procura chocar de maneira tão imprudente ou brinca mais com os fatos".[41] Como explicou Sol Stern, ex-integrante de *Ramparts*, a revista "alargaria ou negaria a verdade para vender nossa contranarrativa sobre a América e o mundo". Também disse: "As paixões que nos moviam não eram aquelas que moviam os fundadores. Nós não éramos liberais. Éramos socialistas e anti-imperialistas...".[42]

Ramparts fez um acordo com o governo cubano para publicar os diários de Che Guevara, com uma introdução de Fidel Castro. De acordo com o ex-editor Sol Stern, o acordo "requeria que publicássemos o discurso retórico de Fidel Castro, cheio de propaganda comunista e de denúncias da 'barbárie' americana". Stern explicou:

> Acreditávamos que a revolução era um grande salto para frente para a causa socialista. Seguíamos os passos de um dos nossos heróis intelectuais, o sociólogo da Columbia University C. Wright Mills, argumentando que Fidel Castro era uma nova classe de líder revolucionário – mais humanista, mais aberto, até mais na moda que os comunistas burocráticos à antiga. De fato, imaginávamos Fidel e Che como companheiros neo-esquerdistas.[43]

Antes, o editor-chefe de *Ramparts* Roberto Scheer tinha sido co-autor de um livro que defendia a revolução cubana de Castro.

Ramparts foi um dos primeiros opositores à Guerra do Vietnã. Uma das capas mais conhecidas da revista mostra as mãos de quatro dos seus editores queimando seus cartões de recrutamento militar. Ao explicar a posição da revista a favor da retirada das tropas americanas do Vietnã, Stern disse:

> Suponho que você vá dizer que a retirada teria permitido ao povo vietnamita "fazer sua própria história". Mas a verdadeira razão pela qual *Ramparts* defendia a retirada total das tropas americanas era que queríamos que os comunistas vencessem e estávamos certos de que venceriam. Na visão da maioria dos editores, os comunistas eram os legítimos governantes do Vietnã.[44]

Mais ainda, não era apenas o envolvimento americano no Vietnã que atraiu crítica da revista. "Em vez de incitar os americanos a ter orgulho dos ideais fundadores da república, os editores e redatores de *Ramparts* estavam preocupados em atacar as instituições liberais dos Estados Unidos".[45]

Embora não reivindicasse mais para si uma identidade católica, até pelo menos 1969 *Ramparts* devotou atenção especial à Igreja Católica. De acordo com Peter Collier, ex-comunista e outrora editor de *Ramparts*, Hinckle encorajava matérias sobre "o novo espírito de discordância no próprio ser da Igreja Católica". Matérias dessa época se opuseram ao ensinamento da Igreja em matéria de sexualidade (especialmente o ensinamento do Papa Paulo VI em *Humanae Vitae*), reclamaram do abuso de autoridade por parte da hierarquia católica e promoveram a esquerdista teologia da "libertação". O editor de religião de *Ramparts*, James F. Colaianni, identificou o celibato, o autoritarismo, a supressão de padres com consciência social, a falta de comunicação, a ausência de organização sindical e ações disciplinares sumárias como alguns dos problemas estruturais da Igreja.[46]

Ramparts veio afinal a adotar o modelo operacional comunista, mas isso se provou insustentável. David Horowitz, que era comunista quando editou a revista no fim da década de 1960, depois explicaria:

> Sem uma hierarquia formal em *Ramparts*, cada número que saía tinha de ser debatido. A necessidade de justificar escolhas não apenas nos consumia tempo, mas às vezes era cruel com os outros, como descobri quando tentamos reduzir o orçamento da sala de correios de *Ramparts* e nos deparamos com uma revolta política. A sala de correios tinha funcionários membros do Atualidades, um "coletivo" de radicais que fizeram filmes promocionais dos Panteras Negras e dos vietcongues. Eles não tinham respeito algum pela nossa publicação. A ordem de hierarquia da revolução tinha mais uma vez se voltado para a esquerda, e não podíamos deixar de ver que *Ramparts* era parte da estrutura de poder que precisava ser derrubada.[47]

Quando *Ramparts* faliu de uma vez por todas em 1975, três de seus principais integrantes criaram a revista de esquerda *Mother Jones*. Eram patrocinados nesse esforço pelo Instituto para

Estudos Políticos, que estivera ligado a campanhas de desinformação da KGB.[48]

Documentos da CIA liberados por meio do Ato de Liberdade de Informação confirmam que, à altura de 1966, *Ramparts* era um canal confiável para a propaganda soviética. A CIA chegou a destacar 12 agentes de expediente inteiro ou meio expediente para investigar *Ramparts*. Eles identificaram e investigaram 127 escritores e pesquisadores, bem como quase 200 outras pessoas com alguma ligação com a revista e suspeitas de favorecer a causa soviética.[49] Muitos daqueles que foram investigados vieram a admitir que estavam usando *Ramparts* para promover o comunismo. Era exatamente isso que estavam fazendo quando usaram a revista para promover *O Vigário*.

22
O ANTI-SEMITISMO DE *O VIGÁRIO*

Quando *O Vigário* estreou, muitos resenhistas e comentadores observaram o seu nítido sabor anti-semita.[1] Trude Weiss-Rosmarin notou que "a peça não tem *sequer um* personagem judeu com força e nobreza".[2] Ela prosseguiu: "Os judeus têm direito a reclamar de *O Vigário* tanto quanto o Vaticano... O Sr. Hochhuth colocou no palco somente 'judeus negativos', judeus que se conformaram com o estereótipo nazista".[3] A revista *Time* noticiou: "Hochhuth, um protestante que pertencera à juventude hitlerista, fora denunciado como pró-comunista e anti-semita".[4] *Ramparts*, um canal amigável e com uma visão positiva, observou que Hochhuth tinha sido "condenado de diferentes modos, como nazista, comunista e anti-semita".[5] Um dos biógrafos de Hochhuth observou que ele tinha dificuldade em retratar judeus.[6]

O produtor de *O Vigário* na Broadway, Herman Shumlin, cortou determinados personagens judeus e cenas em que colaboram com os nazistas. [7] Sobre a descrição que Hochhuth faz de judeus, Shumlin disse: "Ora, ele sequer sabe qual é a aparência de um judeu... Ele tem um estereótipo deles como homens baixos usando óculos".[8] Weiss-Rosmarin disse: "A ignorância do Sr. Hochhuth sobre os judeus fica visível na escolha daqueles que ele vê como vítimas 'típicas' dos nazistas. 'O Industrial', que cospe na cara de um judeu para provar que não tem nada em comum com ele, é na verdade uma imagem do perseguidor de judeu – e assim também são os outros judeus inteiramente repugnantes que aparecem em *O Vigário*".[9] Judeus veteranos de guerra até marcharam na estréia da peça na Broadway, embora se tenha dito que o fizeram mais preocupados com a descrição de Pio XII do que com a dos judeus.[10]

O ator e diretor judeu Otto Preminger, que dirigiu filmes tratando de católicos e judeus.[11] ficou tão ultrajado por Hochhuth, que acusou o dramaturgo não apenas de nazista, mas de ser um nazista particularmente perverso. Hochhuth respondeu pedindo uma retratação e ameaçando processar caso não fosse feita.[12] Em vez de se retratar, Preminger reafirmou sua acusação. Hochhuth por fim moveu um processo no Distrito Sul de Nova Iorque pedindo 500 mil dólares de indenização, mas deixou que o caso se desfizesse antes mesmo que testemunhos fossem prestados ou qualquer documento apresentado.

Algumas pessoas tentaram encontrar elementos de anti-semitismo nas obras de um famoso sátiro do século XIX, Wilhelm Busch, que Hochhuth editara no fim da década de 1950. As sátiras de Busch às vezes zombavam de judeus – mas também de clérigos, de diretores de escolas e de praticamente qualquer pessoa. Hochhuth argumentou que Busch na verdade não era anti-semita, citando uma ocasião em que ele escreveu sobre um judeu inocente que fora enforcado por um crime cometido por cristãos. Mais ainda, em uma edição da obra de Busch que ele sabia que seria lida por crianças, Hochhuth disse que omitiu descrições de judeus, "para que as crianças alemãs não zombem dos judeus".[13]

A resposta costumeira de Hochhuth às acusações de anti-semitismo era: "Quem quer que leia minha peça e ainda mantenha a opinião de que sou anti-semita ou nazista ou comunista, não é pessoa que mereça resposta".[14] Ele relembrou "com pesar" a visita à casa dos seus pais, durante a guerra, de uma mulher judia casada com um primo seu. "Ela foi muito doce e agradecida conosco", mas quando voltou para casa cometeu suicídio por ter sido convocada pela Gestapo.[15] De fato, Hochhuth descrevera a tese principal de *O Vigário* como uma acusação de Pio XII e da Igreja por não terem feito o que podiam para salvar os judeus.[16]

Como então pode alguém falar de anti-semitismo acerca de *O Vigário*? A conclusão mais lógica é que foi introduzido na peça pela intensamente anti-semita KGB. Anti-semitismo permeava o Kremlin naquele tempo, e a peça se adequava perfeitamente ao espírito da Alemanha Ocidental *e* da política soviética daquela época.

Dadas as ascendências judaicas de Marx e Lênin, assim como a alegada igualdade com que a sociedade comunista trataria

todas as pessoas, muitos judeus foram atraídos tanto pela ideologia comunista quanto pela própria União Soviética, e muitos prosperaram lá – por um tempo. Quando Stálin assumiu e buscou solidificar o seu poder empenhando-se em fazer *necrofagia política*, alimentar o anti-semitismo foi algo que se adequou às suas necessidades. Talvez fosse um reflexo honesto de suas crenças – afinal de contas, ele estava perfeitamente inclinado a ficar do lado de Hitler, e continuou a perseguir judeus por todo o seu reino –, mas também servia às suas necessidades políticas. O anti-semitismo continuou a ser uma característica da sociedade russa, ainda que houvesse períodos de alta e períodos de baixa.

Poucos meses antes de quando *O Vigário* foi supostamente escrito, terminei meu destacamento como chefe interino da Missão de Comércio da Romênia na Alemanha Ocidental e diretor da estação de inteligência romena naquele país. Não havia mais muito anti-semitismo público ou oficial ali. O último dos 13 Julgamentos de Nuremberg (o "Julgamento do Alto Comando") terminara uns anos antes, mas a caçada a perseguidores de judeus prosseguia com ferocidade, e mesmo anti-semitas impenitentes não ousavam mais expressar seu ódio por judeus na esfera ocidental.

Destacado para diplomata na Alemanha Ocidental, tomei conhecimento de várias histórias de violência dirigida contra anti-semitas. Um caso foi depois documentado por Benjamin B. Ferencz, o procurador-chefe do exército americano no Julgamento do *Einsatzgruppen* na Alemanha Ocidental.[17] Em uma entrevista de 2005, Ferencz revelou que durante os primeiros anos do pós-guerra o exército americano costumava entregar suspeitos nazistas de baixo escalão a Campos de Refugiados com o propósito de que fossem executados pelos assim chamados refugiados. De acordo com Ferencz:

> Uma vez vi refugiados amarrarem um homem da SS em uma maca de ferro do crematório. Eles o deslizaram para dentro do forno, ligaram o fogo e o tiraram de lá. Bateram nele de novo, e o colocaram de volta para dentro até que morresse queimado vivo.[18]

Parece improvável que Hochhuth, um dramaturgo são, jovem e inteiramente desconhecido que vivia *nessa* Alemanha pós-nazista, e que tinha só 14 anos de idade quando a guerra

terminou, tenha expressado abertamente o tipo de elementos anti-semitas que se encontram na versão original de *O Vigário*. Muito mais provável é que esses toques anti-semitas tenham sido inseridos por oficiais de inteligência soviética que realmente pensavam desse jeito.

Em 1960, quando retornei da Alemanha, havia uma forte atitude anti-semita tanto no Kremlin quanto na comunidade de serviços de inteligência da KGB. Judeus estavam sendo removidos da KGB. O DIE romeno e sua organização-mãe, a Securitate, também estavam discretamente os colocando para fora.

Khrushchev tinha até mais aversão do que Stálin a judeus. – Está no meu sangue – no meu sangue de servo! – ouvi Khrushchev dizer durante sua viagem de seis dias à Romênia.[19] Nessa ocasião, o governante romeno Gheorghe Gheorghiu-Dej informou Khrushchev de que o serviço de inteligência estrangeiro de Israel estava preparado para pagar secretamente, em dólares, por cada judeu que permitissem emigrar. Até onde Dej sabia, era a primeira vez que isso acontecia no bloco soviético, e ele não teve coragem para aprovar uma operação tão delicada apenas por sua própria conta.

Num primeiro momento, Khrushchev explodiu num dilúvio de ataques contra os "*jidanis* usurários vigaristas" que acreditavam que "podem nos comprar do jeito que compraram a América". (*Jidan* era a palavra mais pejorativa para judeu, e Khrushchev deleitou-se usando-a.). Durante o jantar, contudo, o governante soviético mudou de idéia. Ele insistiu que Dej pegasse produtos, não dinheiro, dos *jidani*, de modo que, mesmo que a operação vazasse, não pareceria uma venda de escravos. O produto de troca que Khrushchev escolheu foram animais para fazenda, já que ele se considerava um especialista em agricultura.

"Porcos por porcos" foi a conclusão do General Sakharovsky – o chefe do todo-poderoso serviço de espionagem soviético, que acompanhara Khrushchev até Bucareste. Assim, a Romênia recebeu de Israel fazendas de pecuária em troca de vistos para judeus romenos.[20]

No começo da década de 1970, quando me tornei vice-diretor do DIE, o General Sakharovsky – ainda meu verdadeiro chefe – levou-me para um passeio no infame complexo de

interrogatório da KGB em Moscou, chamado de Lefortovo, para ver uma exibição secreta intitulada "Cem Anos de Guerra Contra o Sionismo". Lá, naquela prisão de acesso proibido que fora construída em 1881, mostrou-me a câmara de tortura utilizada para extrair confissões de "anarquistas judeus" capturados pelo Okhrana (antecessor da KGB) depois que o Tzar Alexandre II foi assassinado em 1882. Pisei na sala onde Martyn Latsis, um dos substitutos de Feliks Dzerzhinsky, assinou documentos autorizando a *Cheka* a fuzilar dezenas de milhares de "judeus burgueses" que estavam "sabotando a revolução do povo". Vi a cela onde, em 1938, a *Cheka*, agora elevada a GPU (*Gosudarstvennoye Politicheskoye Upravleniye*, isto é, Diretório *Político* do Estado, uma mudança de nome reveladora), forçou o fundador da Terceira Internacional (uma organização comunista internacional), Nikolai Bukharin, a escrever uma confissão de "crimes covardes" cometidos em prol do sionismo americano.[21]

Também vi a cela onde o diplomata sueco Raoul Wallenberg, que salvara milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, fora mantido secretamente – e assassinado – pela KGB, depois de seqüestrado na Hungria em 1945.

Ao longo dos anos, a polícia política russa (depois soviética, depois novamente russa) mudou de nome muitas vezes, de Oprichnina para *Preobrazhenskiy Prikaz*, e daí para Okhrana e para *Cheka*, e ainda para GPU, OGPU, NKVD, NKGB, MGB, MVD, KGB, MSB, FSK, atualmente FSB. Durante todo o tempo, a prisão de Lefortovo permaneceu inalterada, como um monumento do imutável ódio da organização aos judeus.

Em 1992, a "nova" KGB da Rússia pós-soviética prendeu dois cientistas russos de ascendência judaica, Vil Mirzayanov e Dr. Vladimir Uglev. Foram mandados para Lefortovo. A acusação se relacionava com a publicação simultânea que fizeram de artigos na russa *Moscow News* e na imprensa americana afirmando que a Rússia estava trabalhando em segredo para desenvolver um gás nervoso, em violação de leis nacionais e de acordos internacionais.[22] Para ajudar a "nova" KGB a processar o caso contra esses dois "espiões judeus", o primeiro-ministro russo Viktor Chernomyrdin (um comunista de longa data e ex-funcionário soviético) assinou um decreto retroativo, em maio de 1993, que fazia das revelações dos dois cientistas um crime.[23]

Em maio de 1993, Will Englund, um correspondente americano em Moscou, foi convocado por essa mesma "nova" KGB para ser interrogado sobre suas conexões com os dois cientistas. O mundo ocidental ficou pasmo quando soube que Englund fora chamado para ir ao infame Lefortovo, que por 75 anos fora a porta de entrada para pelotões de fuzilamento comunistas e *gulags*. Mais significante ainda era o selo comunista com martelo e foice que ainda adornava a sala de interrogatório.[24]

23
AS RAÍZES IDEOLÓGICAS DE *O VIGÁRIO*

O *Vigário* não passou de mais uma aldeia de Potemkin. Seu produtor, Erwin Piscator, amadureceu política e profissionalmente a serviço da União Soviética, onde todas as formas de arte, incluindo o teatro, deveriam servir a *dezinformatsiya* do Kremlin. O compositor soviético Dmitri Shostakovich explicou: "Pelo fim da década de 1920 a lua de mel com o governo soviético tinha acabado para os artistas genuínos... Para estar em boa conta, receber comissões e viver em paz, tinha-se de vestir os arreios do Estado e continuar trabalhando".[1] Ser tachado como alguém que não se conformava à linha soviética poderia ser letal.[2] "Por muitos anos, os mais talentosos e sensíveis poetas, romancistas e dramaturgos soviéticos ou ficaram em silêncio ou escreveram 'para a gaveta' – em segredo, ou apenas para a intimidade da família e amigos confiáveis".[3]

Em abril de 1932, o governo soviético e o Partido Comunista emitiram um decreto épico para os artistas soviéticos: "Sobre a Reorganização da Arte e das Organizações Literárias".

Esse decreto colocou o controle dos artistas nas mãos de dois novos grupos: o Sindicato dos Escritores Soviéticos e o Sindicato dos Compositores Soviéticos.[4] Através desses sindicatos, Stálin garantiu um grau de controle sem precedentes sobre as artes e os artistas.

> Stálin fortaleceu e aperfeiçoou o sistema de "sindicatos criativos". Na estrutura desse sistema, o direito de trabalhar (e portanto de viver como artista) só existia para aqueles oficialmente registrados e aprovados. Os sindicatos criativos de escritores, compositores, artistas, etc. foram formados, a começar em 1923, como organizações burocráticas com classificações definidas com exatidão e com prestação de contas igualmente minuciosas, bem

> como com verificação cruzada constante. Cada organização tinha um braço de "serviços de segurança", ou polícia secreta, assim como inumeráveis informantes informais... Qualquer tentativa de contornar um sindicato terminava mal: várias formas de pressão e repressão estavam sempre ao dispor. Mais ainda, a obediência era recompensada. Por trás desse mecanismo silencioso e bem lubrificado estava a figura de Stálin, uma presença inevitável que com freqüência dava uma coloração grotesca, tragicômica, aos eventos.[5]

Naquele mesmo ano, no dia 26 de outubro, Stálin também cunhou o termo "realismo socialista".[6] Como descreveu um autor soviético: "Realismo socialista implica uma arte imbuída da ideologia comunista, isto é, seu verdadeiro âmago é uma deliberada e significativa luta pela vitória do comunismo, uma valorização da vida à luz dos ideais comunistas".[7] Um pesquisador americano explicou: "O realismo soviético se tornou um padrão estético oficialmente imposto que toda arte na URSS, sem uma exceção sequer, era forçada a seguir".[8]

Para que uma obra literária passasse no teste do realismo social, ela tinha de coincidir com os interesses do Kremlin e retratar a vida soviética de maneira otimista, "mostrando 'heróis positivos' – mineradores excedendo suas cotas de produção, heróis militares ou mulheres soviéticas resolutas que heróica e literalmente colocam o tijolo e a argamassa de uma nova sociedade".[9] Poesia inapropriada poderia levar à prisão do poeta.[10] Stálin chegou até a mandar fuzilar vários pintores.[11] O balé era necessário para dar corpo aos ideais de heroísmo, dever, honra, camaradagem e outras virtudes do novo cidadão soviético.[12] Os soviéticos até assumiram o controle da formação de artistas de circo.[13]

No começo de 1936, o Comitê Central Executivo e o Conselho dos Comissários do Povo estabeleceram um Comitê Para Questões das Artes de Todos os Sindicatos no Conselho de Comissários do Povo. As produções teatrais, a indústria de cinema e as instituições promotoras de música, pintura, escultura ou de qualquer outra forma de arte ficaram submetidas a esse grupo. A cada foro, o diretor teatral e o diretor artístico tinham de preparar um plano de repertório anual com todas as produções e submetê-lo ao comitê para aprovação. O comitê também avaliava cada nova produção depois do ensaio geral.[14]

Stálin e Andrey Zhdanov, o ideólogo do partido em questões culturais, determinaram a atitude oficial para com várias peças, balés, livros e outras formas de arte. Zhdanov anunciou: "O Comitê de Bolcheviques central pede beleza e refinamento da música".[15] Zhdanov argumentou que "o exército soviético é vitorioso, avançamos sobre a Europa e a literatura soviética deve ser uma auxiliar disso, deve atacar a cultura burguesa, que está em estado de confusão e decadência". Zhdanov queria sentar um golpe sobre "influências maléficas" como "o espírito de crítica negativa, o desespero e a descrença".[16]

Grigory Yevseyevich Zinovyev, presidente do Soviete da Cidade de Petrogrado, ordenou que todas as casas de ópera da cidade (hoje São Petersburgo) fossem fechadas. Explicou que o proletariado não precisava de casas de ópera. "São um pesado fardo para o proletariado. Nós bolcheviques não podemos mais carregar esse fardo".[17] Stálin também fechou pelo menos uma casa de ópera.[18]

Um "episódio típico" da postura do regime para com aqueles que ousavam desafiá-lo envolveu um popular diretor/ator/compositor chamado Vsevolod Emilyevich Meyerhold. Em 1938, seu teatro foi fechado por ordem pessoal de Stálin, e "uma campanha anti-Meyerhold se espalhou pelas páginas da imprensa".[19] Posteriormente, Meyerhold "desapareceu sem deixar rastro nos anos do 'grande terror'".[20]

Como tudo o mais, o rádio também era pesadamente censurado na União Soviética. "Todo mundo sabe que você não pode aparecer no rádio se o seu texto não tiver antes passado por um censor. Não um, mas quase dez censores, com assinatura de cada um. Se os papéis não estiverem assinados, ninguém lhe deixará chegar perto de um microfone. Quem sabe o que você pode acabar falando para o país inteiro ouvir?".[21]

Sob esse regime, muitas produções teatrais soviéticas promoveram intencionalmente o anticlericalismo.[22] Por exemplo, quando originalmente produzido, o balé *Paganini* descrevia um artista atormentado que vendia sua alma para o diabo em troca de perfeição na habilidade de tocar violino. Quando produzido posteriormente, o coreógrafo mudou de propósito a ênfase, "para fazer com que as verdadeiras forças do mal no enredo serem a Igreja Católica, representada por figuras encapuzadas

de veste negra que perfuram Paganini com seus arcos de violino enquanto um cardeal fica de pé ao fundo, empunhando uma imensa cruz".[23] Como a autora Mary Grace explicou:

> Intimamente ligado a esse elemento, surge um esforço anti-religioso que tenta fazer a religião parecer ou boba ou sinistra, não importa se lidando com muçulmanos ou cristãos. Figuras representando a religião – cavaleiros, monges ou personagens com vestes muçulmanas – são descritas como instrumentos de opressão da heroína que representa todas as virtudes resplandecentes, patrióticas, do seu próprio grupo nacional.[24]

Se a arte em questão não servisse aos interesses do Partido, era banida. "A começar em 1946, uma resolução de Partido após a outra foi proclamada, contendo ataques a livros, a peças".[25] Mais ainda, reprodução de livros proibidos tornou-se quase impossível, porque as prensas foram todas tomadas pelo Estado.[26]

Tikhon Khrennikov foi designado por Stálin para administrar a música soviética. Em 1948, no primeiro Congresso de Compositores, ele afirmou: "armados de claras diretrizes do Partido, daremos ponto final a qualquer manifestação de formalismo antipopular e de decadência, não importa a coloração inofensiva que possa assumir".[27] O congresso condenou unanimemente vários compositores de destaque por serem "formalistas".[28] Isso, é claro, levou muitos compositores a louvar Stálin e a União Soviética. Como disse um compositor: "Eles cantam sobre Stálin, a águia...; creio que deve ter havido umas 20 mil músicas, talvez mais. Seria interessante verificar quanto dinheiro nosso líder pagou por músicas sobre nosso líder".[29]

"Stálin, que tinha uma consideração superlativa do potencial de propaganda da arte, deu atenção especial ao cinema. Ele percebia que os filmes soviéticos tinham um poderoso efeito emocional".[30] Stálin "queria que nossa indústria de cinema produzisse só obras-primas. Ele estava convencido de que, sob sua brilhante liderança e orientação pessoal, isso se realizaria".[31] Ele não hesitava se valer de sua autoridade. "Se ele mandava que um filme fosse feito, eles o faziam. Se mandava que parassem de filmar, paravam. Isso aconteceu muitas vezes. Se Stálin mandava que um filme concluído fosse destruído, eles o destruíam. Isso também aconteceu mais de uma vez".[32]

Os soviéticos também ficavam felizes por utilizar formas americanas de arte para promover sua própria causa nos Estados Unidos. Pela década de 1940, comunistas americanos abraçaram completamente e cooptaram a música *folk*. O Partido Comunista Americano era essencialmente uma agência do governo soviético. "Cantores de música *folk* tinham se tornado parte do cerimonial das reuniões do Partido Comunista".[33] O resultado que queriam alcançar por meio da música era "nacional na forma e revolucionário no conteúdo".[34]

Cantadores na União Soviética não passavam tão bem. Arte nativa era considerada contra-revolucionária porque, como a maior parte da arte antiga, era por natureza religiosa. Enquanto tal, foi extirpada nas décadas de 1920 e 1930.[35] Em alguns casos isso foi feito grande brutalidade.

> Desde tempos imemoriais, cantadores têm vagueado pelas estradas da Ucrânia. Lá eram chamados de *lirniki* ou *banduristy*. Eram quase sempre pessoas cegas... e indefesas, mas ninguém nunca lhes fez mal. Machucar um homem cego – que haveria de mais mesquinho que isso?
>
> E então, em meados da década de 1930, o Primeiro Congresso Ucraniano de Lirniki e Banduristy foi anunciado, e todos os cantadores tiveram de se reunir e discutir o que fazer no futuro. "A vida está melhor, a vida está mais alegre", disse Stálin. Os cegos acreditaram nele. Vieram para o Congresso, de toda parte da Ucrânia, de aldeias minúsculas, esquecidas. Havia várias centenas deles no Congresso, dizem. Era um museu vivo, a história viva do país. Todas as suas canções, a sua música e poesia. E foram quase todos fuzilados, quase todos aqueles cegos comoventes foram mortos.[36]

Os cantadores foram mortos porque a coletivização estava a caminho, porque os soviéticos tinham eliminado os *kulaks* enquanto classe e porque esses cantadores estavam cantando música de conteúdo duvidoso. As canções não foram aprovadas pelos censores; na verdade não poderiam sequer ser submetidas à apreciação. Não eram escritas. "Você não pode entregar para um cego uma versão de texto corrigida e aprovada e tampouco você pode lhe dar uma ordem por escrito. Tudo você tem de falar para um cego. Isso leva muito tempo. E assim você não tem como arquivar uma folha de papel, e além disso nem há tempo. Coletivização. Mecanização. Era mais fácil atirar neles".[37]

Claro, ao eliminar esses portadores da tradição oral, a liderança soviética também aniquilava parte significante de sua cultura. "Quando atiram num cantador ou num contador de histórias itinerante, centenas de grandes obras culturais morrem junto com ele. Obras que nunca tinham sido postas em papel. Elas morrem para sempre, irrevogavelmente, porque outro cantador apresenta outras canções".[38]

Por fim, os líderes soviéticos quiseram mostrar ao mundo que eles tinham cultura nativa, e assim inventaram um novo cantor/poeta popular. A poesia de Dzhambul Dzhabayev era supostamente escrita em língua cazaque e depois traduzida para o russo. "As chamadas traduções de poemas inexistentes eram escritas por poetas russos, e eles sequer pediam permissão para o nosso grande cantor popular".[39] A verdadeira tradição oral era substituída por estórias e canções que serviam às necessidades do Partido, de maneira bem parecida com o modo como histórias falsas de líderes católicos lhes substituiriam as verdadeiras.

Nos anos 1950, após a morte de Stálin, artistas soviéticos eram com freqüência mandados para o exterior a fim de espalhar a mensagem do Partido Comunista. Em 1954, vários artistas russos famosos fizeram uma série de concertos na Inglaterra para inaugurar o "Mês da Amizade Soviético-Britânica". Suas performances eram

> rememorativas das velhas 'reuniões' pré-revolucionárias, pois os espectadores eram estimulados a comprar determinados jornais; a se juntar a certas companhias; e os dançarinos se apresentavam tendo ao fundo as bandeiras britânica e soviética, partilhando o palco com vários oficiais e membros do corpo diplomático, incluindo... o embaixador soviético.[40]

"Para Marx, a religião era o ópio do povo, e o mundo teatral da URSS havia enfatizado esse conceito. Certas produções de balé tinham intencionalmente feito a religião parecer tanto estúpida quanto vil".[41] Claro, a escolha de produções era política, não artística.

> Chega a ser incrível que artistas da nação que produzira *O Lago do Cisne* ou *O Pássaro de Fogo* tenham voluntariamente produzido *Campos Nativos* ou *Tatiana* sem estímulo oficial. O exemplo fora citado quando o Ministério da Cultura ordenou, em 1958, que cada

> teatro de ópera e balé deveria produzir um balé contemporâneo por ano. Se um teatro tivesse outros planos, o diretor do Partido se fazia presente, no teatro, para ver se as diretrizes seriam cumpridas.[42]

Não se concebia jornal independente na União Soviética. Como a Liga Anti-Difamação explicou em 1961, "Tudo que se publica na União Soviética para consumo popular é rigidamente controlado pelo Estado, e toda opinião expressa num jornal é equivalente a uma opinião oficial".[43] Um autor soviético se queixou: "a censura tzarista empalidece em comparação com a política do governo soviético".[44]

Erwin Piscator e o seu enquadramento de Pio XII em *O Vigário* são produtos dessa sociedade.

24
ROLF HOCHHUTH

Em 1966, Erwin Piscator, que transformara o roteiro de oito horas de duração de Hochhuth sobre o Vaticano em uma peça explosiva chamada *Der Stellvertreter*, partiu deste mundo. Rolf Hochhuth precisava de um novo pesquisador, e David Irving apareceu na sua vida. Irving era um escritor inglês especializado na história militar da Segunda Guerra Mundial, e ele se tornou o mais íntimo colaborador de Hochhuth e um amigo de toda a vida.

Em 1969, durante uma visita à Alemanha, Irving se encontrou com Robert Kempner, um dos promotores americanos em Nuremberg. Posteriormente, em uma carta submetida ao diretor do FBI J. Edgar Hoover, Kempner disse que Irving era "um homem jovem, que deixou uma impressão de pessoa nervosa e mentalmente arruinada", e que tinha feito muitas "declarações anti-americanas e antijudaicas".[1] Em um discurso no Canadá, Irving de fato deixou impressão de pessoa mentalmente arruinada, ao articular ferozmente o seu desprezo e ódio por pessoas que falam sobre o Holocausto:

> Só escárnio não é suficiente; você precisa dizer algo grotesco sobre isso. Você tem de dizer coisas como "Mais mulheres morreram no banco de trás do carro de Edward Kennedy em Chappaquiddick do que em câmaras de gás em Auschwitz". Você acha que é grotesco, mas que dizer sobre isso? Estou formando uma associação dedicada especialmente a todos esses mentirosos, esses que atormentam e enganam as pessoas dizendo que estiveram em campos de concentração, esses chamados Sobreviventes de Auschwitz, Sobreviventes do Holocausto e Outros Mentirosos, esses BOSTAS. Não há como agir de maneira pior que isso, mas você tem de ser grotesco porque essas pessoas merecem o nosso desprezo.[2]

Posteriormente, Irving publicou *A Guerra de Hitler*, um livro cujo propósito ele dizia ser o de remover "anos de fuligem e descoloração da fachada de um monumento silencioso e ameaçador", para revelar o verdadeiro Hitler, cuja reputação, alega Irving, foi caluniada.[3] Irving retrata Hitler como um político racional e inteligente que tinha por único propósito tornar a Alemanha mais próspera.[4] Irving culpou Winston Churchill pela escalada da guerra,[5] alegou que Hitler não sabia nada sobre o Holocausto e ofereceu mil libras para quem encontrasse uma ordem escrita de Hitler ordenando sua implementação.[6]

Em uma nota de rodapé, Irving introduziu a tese de que uma carta enviada pelo presidente da Organização Sionista Mundial, Chaim Weizmann, para Neville Chamberlain, em 3 de setembro de 1939, na qual empenha apoio aos esforços de guerra dos Aliados, representou na verdade "uma declaração judaica de guerra contra a Alemanha", o que doravante justificou a "inumação" alemã dos judeus europeus.[7] O anti-semitismo de Irving foi longe a ponto de denunciar *O Diário de Anne Frank* como uma contrafação.[8]

Em 1967, um ano após Hochhuth e Irving terem se juntado, produziram um novo espetáculo chamado *Soldados, necrologia em Genebra*. Assim como *O Vigário*, *Soldados* também tratava de pessoas mortas incapazes de se defenderem (ou assim Hochhuth e Irving acreditavam). O personagem central era outro ferrenho anticomunista, o general polonês Wladyslaw Sikorski. Durante a Segunda Guerra Mundial, Sikorski refugiou-se em Londres, juntou-se às forças Aliadas e se tornou primeiro-ministro exilado da Polônia sob ocupação soviética, comandante-em-chefe das Forças Armadas Polonesas e um advogado convicto da causa de seu país. Foi morto em 4 de julho de 1943, quando seu avião caiu no mar imediatamente após ter decolado de Gibraltar.

Pessoas mundo afora especularam que ele tivesse sido assassinado por Moscou, que considerava Sikorski um inimigo porque pedira à Cruz Vermelha Internacional que investigasse a chacina de milhares de prisioneiros poloneses no massacre de Katyn, durante a guerra. Stálin afirmou que a atrocidade cometida em Katyn tivera por autores os alemães, mas Sikorski se recusou a aceitar a explicação de Stálin. Assim, em 6 de abril

de 1943, Moscou rompeu relações com o governo exilado de Sikorski, o qual Stálin rotulou de traidor.[9]

De acordo com *Soldados*, contudo, Sikorski fora morto por agentes *britânicos* sob ordens de Winston Churchill. A peça alegava que os agentes entraram no avião em que estava Sikorski e o mataram (bem como a outros, incluindo sua filha, dois membros do Parlamento e uma dúzia de outras pessoas inocentes) antes que decolasse. A razão alegada foi que a guerra de Sikorski contra Moscou estava criando problemas para a aliança anglo-americana-soviética. Os assassinos em seguida deixaram o avião. O piloto, que supostamente era cúmplice, derrubou intencionalmente o avião (depois de tomar precauções especiais para sua segurança pessoal), fazendo parecer que Sikorski morrera com o impacto. Hochhuth alegou que os agentes britânicos mataram o piloto para mantê-lo de boca calada.

A revista *Time* chamou essa teoria de "uma tênue especulação pessoal que apenas mostra uma comum fascinação européia por teorias da conspiração".[10] Um crítico literário polonês de destaque chamou as alegações de "insanas".[11]

Na coletiva de imprensa da estréia de *Soldados* em Berlim, pediram que Hochhuth falasse mais sobre as "fontes do seu conhecimento secreto" acerca do assassinato de Sikorski. Hochhuth disse ter abundância de informações, mas foi evasivo quando perguntado sobre sua origem. Às vezes era um agente de inteligência britânico aposentado; outras vezes era uma senhora polonesa.

Coisa fundamental para a versão de Hochhuth, claro, era que o piloto sobrevivente, Edward Prchal, tinha participado do assassinato. Hochhuth disse que, depois de cinco anos de pesquisa extenuante, tinha "prova conclusiva" de que o piloto sobrevivera à queda, mas morrera nas mãos da "Velha Firma" (isto é, uma organização de fachada da inteligência britânica) em uma briga de faca simulada, em Chicago. Sua teoria era que Prchal, embora participante do plano, tinha sido assassinado pela "Velha Firma" para garantir que ele nunca revelasse o esquema.

Em dezembro de 1968, Sir David Frost, o famoso jornalista inglês, organizou uma entrevista para televisão com os produtores de *Soldados*, que havia há pouco estreado em Londres. Frost vinha fazendo entrevistas sérias com figuras políticas importantes,

a mais notável delas sendo Richard Nixon, o que deu base para a peça de 2006 e o filme de 2008 *Frost/Nixon*. Hochhuth declinou do convite, lembrando sua inabilidade em falar inglês (apesar de Frost ter oferecido tradutor), mas David Irving e o crítico de teatro Kenneth Tynan fizeram-se presentes como parte do que Frost chamou de "o contingente de Hochhuth".

Com persistência, Frost havia localizado o piloto Prchal, ainda bem vivo nos Estados Unidos. Para embaraço do contingente de Hochhuth, Prchal apareceu em carne e osso no estúdio de Frost durante a entrevista televisionada. Ele disse: "O Sr. Hochhuth está produzindo a calúnia do século".

De acordo com Frost, "a credibilidade da hipótese de Hochhuth-Tynen-Irving foi de ruim para péssima". O contingente de Hochhuth sustentou que o homem que aparecera no estúdio era um impostor. Frost provou que ele de fato era o piloto sobrevivente retratado em *Soldados*.

Depois do programa, Frost pediu aos seus convidados que retornassem para uma segunda ocasião. A gravação repercutiu tão mal para o contingente de Hochhuth que tentaram impedir que o segundo programa fosse transmitido. Por fim, Prchal ganhou 50.000 libras em processo judicial contra o dramaturgo,[12] e investigação posterior provaria não haver nenhuma substância em qualquer das alegações feitas em *Soldados*. O biógrafo de Hochhuth observou: "A acusação feita por Hochhuth resultou em uma ação por calúnia e difamação movida pelo piloto sobrevivente do acidente de avião, a qual envolveu o autor [Hochhuth] e os produtores da peça em Londres em um acordo legal financeiramente dispendioso".[13]

Umas poucas pessoas observadoras perceberam uma similaridade entre *O Vigário* e *Soldados*, a de que ambas as peças caluniavam figuras heróicas famosas que já haviam morrido. Ambas também caluniavam homens que tinham sido ferrenhos anticomunistas.

Soldados, assim como *O Vigário*, causou muita controvérsia. Foi inicialmente banida da Inglaterra. Também levou o ator Carlos Thomson – que já tinha admirado Hochhuth e esteve a princípio interessado em ajudá-lo a levar a peça ao palco ou talvez transformá-la em filme – a escrever um livro denunciando a pesquisa falsa e as teorias ridículas que Hochhuth endossara. Após concluir sua pesquisa, Thompson resumiu o quanto sua

atitude para com Hochhuth havia mudado. Sentado à sua mesa e olhando pela janela para os Alpes Suíços, Thompson diz que estava:

> ...surpreso com a percepção final de que o meu ideal de pôster de ontem, a iluminada "consciência social" na qual acreditei e que havia jogado luz sobre a irrelevância da minha própria escrita – ele, o "bom" *Geist* alemão, o porta-voz da nova Alemanha, estava morto. Das cinzas surgiu um homem que me pediu para encarar a imprensa mundial e mentir em seu proveito.[14]

A pesquisa de Thompson mostrou Hochhuth como "semi-paranóico" e demasiado disposto a acreditar em qualquer coisa que lhe contassem. Descrevendo o que chamou de um "triste exemplo dos métodos de Hochhuth", Thomson escreveu sobre as "linhas de rotação emaranhadas do pensamento" do seu pensamento, acrescentando que a mente do dramaturgo "trabalhava sobre trilhos perigosamente lisos". Hochhuth foi bem rápido em reescrever seções de sua peça e até em eliminar personagens, e mudaria sua premissa baseada em nada mais que (e freqüentemente em menos que) um rumor.[15]

Depois de uma discussão com o ator inglês Laurence Olivier e outros acerca de mudanças sugeridas em *Soldados*, incluindo a eliminação de personagens, Hochhuth de pronto aquiesceu. A esposa de Olivier, Joan Plowright, que estava presente, comentou: "Há uma coisa sobre a qual todos concordamos, tenho certeza. Nunca tínhamos visto um autor em um matrimônio tão fraco com suas próprias palavras".[16] Ela não sabia, para começo de conversa, que poderiam não ser palavras realmente dele.

A princípio Hochhuth afirmou que Churchill tinha feito com que Sikorski fosse assassinado devido à postura forte deste diante dos soviéticos, o que estava colocando em risco a nova aliança de Churchill com Stálin. Quando uma reportagem no *New Times* de Moscou (uma revista disfarçada da KGB publicada em inglês e para consumo ocidental) saiu-se com uma versão diferente, ele de imediato adotou a linha de Moscou e sugeriu que Churchill tinha matado Sikorski devido às suas políticas pós-soviéticas. Hochhuth passou por outra mudança radical ao discutir o desejo do governo britânico de implicar certo participante na queda do avião. Ele deu respostas inconsistentes não apenas sobre suas teorias e a fonte de sua informação, mas até mesmo sobre por

que estava vivendo na Suíça e não na Alemanha. (Evidentemente, ele tinha medo de ser processado na Alemanha Ocidental, embora fosse rápido em processar outras que considerasse que o tivessem caluniado.).

A pesquisa de Hochhuth para *Soldados* foi, na melhor das hipóteses, descuidada, e sua análise pior ainda. Julius Firt, uma das muitas testemunhas entrevistadas por Carlos Thomspon, disse: "Acho difícil compreender em busca de que Hochhuth realmente está. A sua peça sobre o Papa já era tendenciosa o bastante, mas esta, improvisando provas inexistentes para provar que os ingleses mataram Sikorski, é um grande passo além".[17] O príncipe polonês Lubomirski, outra testemunha, disse: "Hochhuth não tem nada, e constrói tudo a seu favor".[18] O dissidente iugoslavo Milovan Djilas (o qual Hochhuth tentou invocar quando surgiram dúvidas acerca de sua honestidade) disse: "A citação que Hochhuth me faz é uma completa distorção".[19] Stanislaw Lepinowski disse: "*The Sunday Times* citou o Sr. Hochhuth e, através dele, me citou. O que eu havia dito a ele foi inteiramente deturpado".[20] Lepinowski segue dizendo que "depois de ler sua peça, descobri que era o exato oposto do que ele havia me dito".[21]

Uma testemunha afirmou: "Comecei a me perguntar se Hochhuth não sofria de alucinações. Ele se lembra de me visitar em minha casa, o que ele nunca fez, e conversas entre nós que nunca aconteceram".[22] Thompson escreveu: "Foi ficando difícil acompanhar as rotações de Rolf em teorias dentro de teorias".[23] Em outro momento escreveu: "Rolf estava começando a mentir. Ele estava escrevendo o que ele próprio havia inventado".[24] Quando uma testemunha veio a contradizer sua teoria, Hochhuth atribuiu o fato a desinformação britânica.[25] Em outra oportunidade sugeriu que as testemunhas estavam simulando amnésia.[26] Ainda assim outra testemunha disse que Hochhuth simplesmente se recusava a levar em conta a teoria de que os soviéticos estavam por trás da morte do general.[27] Respondendo a alegações de conterrâneos de Sikorski que derrubavam sua tese, Hochhuth disse: "todos os poloneses em Londres mentem".[28]

Quando pressionado acerca de suas fontes, Hochhuth sempre se esquivava. Em vez de prover testemunhas ou documentos, ele dizia ter depositado sua prova em cofre de banco a ser aberto dali a 50 anos. Dizia: "Eu sei que daqui a 50 anos a minha peça será inatacável". Esses 50 anos em breve se completarão, mas é

certo que não existe sequer uma pessoa que espere que Hochhuth faça quaisquer revelações em algum momento futuro.

Quem for rever cuidadosamente as justificações alegadas por Hochhuth para as acusações que fez só poderá concluir que ele simplesmente não se importa com a verdade. A revista *Time* escreveu sobre ele: "Um pouco mais que um excêntrico e muito menos que um pensador, Hochhuth lembra muito aquelas pessoas finas e irreverentes que insistem que Francis Bacon escreveu Shakespeare".[29]

Bom, talvez ele tenha continuado alterando sua história e recordando mal os fatos porque não escreveu todas as partes da peça. Mais ainda, não existe razão aparente para supor que Hochhuth tenha se comportado ao menos um pouco diferente ao escrever *Soldados* do modo como se comportou ao escrever *O Vigário* ou qualquer outra coisa.

Em 1978, Hochhuth publicou *Eine Liebe in Deutschland* ("Um Amor na Alemanha"), um romance sobre a relação amorosa entre um prisioneiro de guerra polonês e uma mulher alemã na Segunda Guerra Mundial, o qual se tornou a peça *Juristen* ("Juízes") e o filme *Ein Furchtbarer Jurist* ("Um Juiz Terrível"). O romance estimulou um debate sobre o passado nazista de Hans Filbinger, um membro de elevada posição no conservador Sindicato Democrático Cristão da Alemanha Ocidental e então ministro-presidente de Baden-Württemberg.

Filbinger, o alvo de Hochhuth, foi católico por toda a vida e um anticomunista aguerrido. Ele fez campanha com o *slogan* "Liberdade Em Vez de Comunismo". Filbinger fora advogado da Marinha alemã e juiz durante a Segunda Guerra Mundial. Os escritos de Hochhuth dizem que Filbinger foi responsável pela sentença de morte do marinheiro alemão Walter Gröger em um capo de prisioneiros de guerra inglês quando a guerra já tinha acabado. De acordo com Hochhuth, Filbinger sentenciou Gröer à morte e em seguida tomou de empréstimo, dos ingleses, doze armas para a execução. Sobre todos esses pontos Hochhuth estava comprovadamente errado.

Os registros militares no Arquivo Federal Alemão, Kornelimünster bei Aachen, documentam os seguintes fatos com relação ao caso de Gröger. O marinheiro alemão Walger Gröger estava servindo na Oslo ocupada pelos nazistas quando tentou

desertar em dezembro de 1943. Ele foi imediatamente pego e levado para várias prisões militares, à medida que seu caso se arrastava. No começo de 1944, a Marinha Alemã planejou sentenciá-lo a oito anos de prisão, mas oficiais superiores da Marinha Alemã, incluindo o comandante, pediram pena de morte para ele, após reverem seus arquivos. Foi nesse ponto que Filbinger entrou no caso como juiz da Marinha, mas apenas para processar a decisão que já tinha sido tomada. No dia 16 de março de 1945, ainda durante a guerra, Gröger foi sentenciado à pena de morte por deserção, e a sentença foi cumprida duas horas após ter sido julgada.[30]

A tempestade que se seguiu à acusação feita por Hochhuth forçou Filbinger a renunciar do seu cargo, mas o debate prosseguiu pelo resto de sua vida. Quando ele por fim faleceu em 2007, o ministro-presidente de Baden-Württemberg, Günther Oettinger, afirmou:

> Não existe decisão legal alguma de Hans Filbinger que tenha feito uma pessoa perder a vida. E, no caso dessas decisões legais que são lembradas contra ele, ele não tinha nem autoridade para tomar a decisão nem tampouco era ele livre para decidir o que muitas pessoas alegam que decidiu.

Em resposta a isso, Hochhuth chamou Filbinger de "nazista sádico" que, muito depois da rendição, tinha sentenciado o marinheiro Gröger à morte.

Dois jornais alemães disseram que Hochhuth estava mentindo. Em resposta, a qual apareceu no dia 13 de abril de 2007 no *Süddeutsche Zeitung*, Hochhuth caracterizou duas declarações como "pura invenção" e se queixou da diminuição da "tragédia do marinheiro Walter Gröger", o qual Hans Filbinger tinha "pessoalmente ordenado que fosse morto como prisioneiro de guerra inglês". A versão online do artigo de Hochhuth, intitulado "O Mentiroso", foi deletada pelo *Süddeutsche Zeitgung* um dia após publicado, com o seguinte comentário:

> A alegação do escritor Rolf Hochhuth publicada no *Süddeutsche Zeitgung* do dia 13 de abril de 2007 ("O Mentiroso") – de que Filbinger tinha sentenciado Gröger à morte quando era prisioneiro de guerra inglês – é *falsa*. A famosa declaração de Hochhuth de 1978, de que "até em um campo de prisão inglês [Filbinger] perseguiu um

> marinheiro alemão com leis nazistas", na verdade é baseada no caso de Petzold... Hochhuth não foi localizado para comentar a questão.[31]

Hochhuth parece ter "confundido" o caso de Gröger com aquele de um artilheiro chamado Petzold, mas mesmo este foi sentenciado a apenas seis meses de prisão, não à morte. Filbinger foi apenas mais uma vítima da imaginação de Hochhuth.

O Vigário, *Soldados* e *Eine Liebe in Deutschland*, todos esses livros viraram filmes, fazendo de Hochhuth um homem muito rico. In Basel, na Suíça, ele e sua primeira esposa, Marianne, compraram e moraram na famosa casa que pertencera ao filósofo alemão do século XIX Friedrich Nietzsche. Quando sua carreira o obrigou a se mudar para Viena, a poucas centenas de metros do Teatro Nacional Austríaco de Viena [*Burgtheater*], em um apartamento, na rua Burggasse, no que fora uma casa outrora pertencente a Sigmund Freud.[32]

Hochhuth viveu uma vida de luxo extravagante, mas ele pareceu ter permanecido "perceptivelmente paranóico e nervoso". De acordo com o seu amigo e pesquisador David Irving:

> No começo de julho de 1966... ele veio à Inglaterra para o que seria a sua primeira e única visita. Escrevi um perfil de página inteira sobre ele para o *Evening Standart*. Ele ficou conosco em Paddington. Como o meu pai... estava ocupando o quarto de visitas... nós o acomodamos em nossa sala de estar por alguns dias. Às duas da madrugada, um dia tive de descer e procurar por uma pasta – Rolf ergueu-se com estardalhaço na cama armado de um canivete, aterrorizado e gritando com medo para o inesperado intruso. "O que é isso? Quem é você? O que você quer?". Ele temia patologicamente pela sua própria segurança.[33]

Hochhuth tinha o medo constante de que ele próprio, Irving e Thompson (enquanto ainda trabalhava com Hochhuth) fossem alvos de agentes de inteligência ingleses oriundos do que ele chamava de "Velha Firma". Ele disse: "Os homens que mataram Sikorski ainda estão na Velha Firma. Preocupo-me o tempo todo".[34] Thompson pensou consigo mesmo: "E deve se preocupar mesmo, se seguir com a vida desse jeito. Quantas mentiras você já não me contou?". [35]

O que realmente sabemos sobre o pretenso autor de *O Vigário*, que causou uma tempestade de controvérsias e foi subitamente catapultado ao velho palco da fama e da fortuna? Rolf Hochhuth é geralmente descrito como um escritor extremamente esquerdista, mas as suas declarações sobre suas próprias crenças são com freqüência completamente contraditórias.

Hochhuth nasceu no Dia da Mentira, 1° de abril de 1931, em Eschwege, uma pequena cidade em Hessen, a qual, depois da Segunda Guerra Mundial, ficaria do lado ocidental da fronteira que separava a Alemanha Ocidental da Oriental. O seu pai tinha uma pequena fábrica de sapatos, e a família era de classe média e protestante. Rolf participara de uma organização nazista para crianças (*Jungvolk*), mas isso era o que todas as crianças faziam, e não há indicação alguma de que sua família fosse particularmente pró ou antinazista durante a guerra. Terminou a escola secundária (*Mittlere Reife*) em 1948, mas não prosseguiu para completar o *Abitur* (equivalente ao ensino médio).

Hochhuth conta que freqüentava uma escola de comércio para aprender a lidar com o marcado de livros, mas que se educou essencialmente sozinho. Veio a se considerar a si próprio uma autoridade em literatura alemã do pós-guerra. Jovem, começou a escrever poesia e contos. Entre 1950 e 1955, trabalhou como assistente em vários negócios relacionados a livros em diversas cidades alemãs, enquanto freqüentava cursos em universidades próximas e escrevia poemas e contos.

Dizem que Hochhuth era em geral desdenhoso para com os escritores profissionais – aqueles que prosseguiram até o *Abitur* –, mas ele desenvolveu gosto por literatura emocionante, bem escrita. Em 1955 foi trabalhar na imensa editora Bertelsmann, no cargo de leitor no departamento de *Lesering* (uma espécie de clube-do-livro mensal). Editou vários livros e reuniões de contos, incluindo uma edição do popular Wilhelm Busch. Hochhuth diz que em 1959 a sua edição de Busch vendeu mais de um milhão de cópias, de modo que a editora lhe deu três meses especiais de licença, tempo durante o qual trabalhou alguns dos seus próprios escritos e levou sua mulher (a primeira de quatro) para uma viagem a Roma. Foi nessa viagem que ele diz ter encontrado um bispo secreto, não nomeado, o qual lhe deu a informação que inspirou *O Vigário*.

Hochhuth afirmou que, quando jovem, ficou extremamente chateado quando começaram a surgir histórias de matanças nazistas, e ele não conseguia entender por que tantos alemães bons não fizeram nada a respeito. De todo modo, Hochhuth manteve longa parceria com David Irving, um fanático negador do Holocausto de Hitler, e fez tudo em seu poder para protegê-lo.

Irving mostrou mais uma vez seu perfil de negador do Holocausto em 2000, quando processou Deborah Lipstadt, da Emory University, e a Penguin Books, em razão do livro que aquela escreveu, *Negando o Holocausto*. Irving se queixou de que o livro o acusava de ser "um apologista nazista e um admirador de Hitler, que tinha lançado mão de distorção de fatos e manipulação de documentos em apoio de sua argumentação de que o Holocausto não aconteceu". Irving disse que isso era parte de "um esforço orquestrado para arruinar sua reputação enquanto historiador".

No julgamento, Irving invocou sua correspondência com Hochhuth (chamado a emprestar seu apoio moral) como prova de sua abertura de espírito. A defesa, contudo, se baseava "na verdade do que fora efetivamente dito". Legalmente, isso significava mais ou menos: "sim, nós de fato dissemos isso, mas acontece que é a verdade".

Especificamente, a defesa argumentou que "Irving é desacreditado como historiador em razão de sua negação do Holocausto e em razão de sua distorção persistente dos registros históricos, a fim de colocar Hitler sob luz favorável". O juiz britânico ficou do lado dos réus:

> Vejo-me incapaz de aceitar a disputa de Irving no sentido de que sua falsificação dos registros históricos seja produto de erro inocente ou má interpretação ou incompetência de sua parte... Parece-me que a inferência correta e inevitável deve ser a de que a maior parte de sua falsificação dos registros históricos foi deliberada e que Irving foi motivado pelo desejo de apresentar os acontecimentos de maneira compatível com as suas próprias crenças ideológicas, mesmo que isso envolvesse distorção e manipulação de provas históricas.

O *New York Times* publicou: "O veredito pôs um fim ao fingimento de que o Sr. Irving seja outra coisa que não um apologista de Hitler que se autopromove".

Irving foi parar de novo na mídia e no tribunal quando foi preso pelas autoridades austríacas em 2005. De acordo com BBC, Irving estava na Áustria para "dar uma palestra para uma fraternidade de estudantes de extrema-direita" quando foi detido por acusações decorrentes de palestras dadas ali em 1989. Outras fontes também notaram que, quando da prisão, Irving estava retornando de uma visita a Hochhuth.

Hochhuth defendeu Irving enquanto este enfrentava as acusações. Em uma entrevista a jornal, chamou-o de "um homem honrado", "um fabuloso pioneiro em história contemporânea" e "muito mais sério que muitos historiadores alemães". Disse que descrições de Irving como negador do Holocausto eram "idiotas". Isso levou jornais e grupos judaicos da Alemanha a rotular Hochhuth de anti-semita. De fato, a editora alemã *Deutsch Verlags-Anstalt* cancelou a publicação da autobiografia de Hochhuth por conta dessa questão. (Aliás, Irving declarou-se culpado e recebeu uma sentença de três anos de prisão.).

Essa não foi a única vez em que Hochhuth defendeu Irving. O dramaturgo referiu-se em altos termos a ele em suas memórias. Quando críticos perguntaram como ele podia escrever palavras elogiosas sobre alguém como Irving, sua resposta foi: "Porque sou Hochhuth".

Não é fácil aferir a posição que Hochhuth assume sobre seja lá o que for. Por muitos anos ele manteve intensa correspondência com o historiador Golo Mann, que a princípio dera apoio a políticos de esquerda e escrevera uma resenha favorável de *O Vigário*. Posteriormente, Mann se tornou politicamente conservador e, em 22 de setembro de 1978, enviou a Hochhuth uma carta reveladora – na verdade uma carta de despedida, o rompimento se devendo à defesa feita por Hochhuth do seu pesquisador anti-semita David Irving. Mann explicou que não tinha uma apreensão clara da posição política de Hochhuth, mas lhe notou uma simpatia pelo comunismo: "Nunca lhe considerei comunista, pelo menos não no sentido usual da palavra. O que me fez pensar por muito tempo foi que o impulso de seus dramas e peças foi constantemente numa direção que no mínimo não seria mal recebida pelos comunistas".[36]

Mann foi perspicaz.

25
UM NOVO OLHAR SOBRE *O VIGÁRIO*

O trato descuidado despachado por Rolf Hochhuth aos fatos em seu espetáculo *Soldados* levantou questões sérias sobre a credibilidade de sua primeira peça, *O Vigário*. Essas dúvidas se aprofundaram ainda mais em 1971, quando o General Karl Otto Wolff, chefe de pessoal do *Reichsführer* da SS, Heinrich Himmler, e líder da SS na Itália sob ocupação alemã, foi solto da prisão e abalou todo o fundamento de *O Vigário*. De forma alguma Pio XII fora o "Papa de Hitler". De fato, Hitler tinha visto em Pio XII um dos seus principais inimigos.[1]

Como Wolff revelou afinal, no outono de 1943 o Führer lhe tinha ordenado que seqüestrasse Pio XII do Vaticano. Hitler culpava o Papa por sabotar sua purificação racial radical da Alemanha e pela derrubada de Mussolini. Ele queria que o seqüestro fosse realizado imediatamente. Wolff informou Hitler, contudo, de que a ordem levaria pelo menos seis semanas para ser cumprida. Por fim, Wolff persuadiu Hitler de que havia uma imensa resposta negativa se o plano fosse implementado, e assim o Führer o abandonou.[2]

Documentos achados posteriormente no Arquivo Secreto do Vaticano mostram que Wolff também tratara de avisar a Santa Sé sobre o plano de Hitler. Tomando conhecimento disso, Pio XII disse aos seus bispos seniores que, fosse ele capturado por Hitler, sua renúncia deveria se tornar de imediato efetiva, abrindo caminho para um sucessor que continuaria sua luta contra os nazistas.[3]

Poucos meses após a revelação de Wolff, o diretor da KGB, Yuri Andropov, reconheceu ao DIE romeno: "Soubéssemos à época o que hoje sabemos, nunca teríamos investido contra Pio XII". Com isso, é claro, ele queria dizer que, soubessem os so-

viéticos que o ódio de Hitler por Pio XII seria verificado tão facilmente, não teriam o enquadrado como "Papa de Hitler".

Como Moscou reagiu à revelação de Wolff? Essencialmente a ignorando e aumentando seus esforços para enquadrar Pio XII. Livros e artigos inspirados por *O Vigário* continuavam a fazer manchetes no Ocidente, tentando convencer os leitores de que Pio XII de fato fora o "Papa de Hitler". Na realidade, a difamação de Pio XII continua em andamento.

Hoje em dia, no entanto, um exame detido de *O Vigário* por meio das lentes de aumento propiciadas pela revelação de Wolff, pelos documentos e pelos testemunhos diretos leva à conclusão inescapável de que *O Vigário* foi produto de *dezinformatsiya*. Uma prova disso se encontra no tratamento dado na peça ao massacre da floresta Katyn. Em 1940 os soviéticos, utilizando armas e munição alemãs, executaram cerca de 22.000 poloneses – militares, policiais, intelectuais e prisioneiros de guerra civis – na cidade russa de Katyn (perto de Smolensk) e arredores. As vítimas foram enterradas em valas comuns. Durante os anos de Khrushchev, quando o General Ivan Serov era o diretor da KGB, a versão do incidente divulgada publicamente pelo Kremlin era a de que soldados alemães tinham cometido os assassinatos.[4]

Por longo tempo a Alemanha e a União Soviética culparam uma a outra pelo massacre de Katyn. Em março de 1946, nos Julgamentos de Nuremberg, a defesa de Goering tentou trazer à discussão o caso de Katyn, mas a comissão soviética, dirigida pelo mestre em enquadramentos do Kremlin, Andrey Vyshinsky, protestou intensamente. O caso de Katyn não foi discutido.[5]

Entre 1939 e 1941, o brutal General Serov esteve à frente das deportações na Polônia e nos países bálticos sob controle soviético. Ele foi o comissário de polícia política para a Ucrânia, e comandou a execução de milhares de prisioneiros de guerra poloneses. Na época, o chefe do Partido na Ucrânia era Khrushchev, que foi responsável pelas mortes de dezenas de milhares de camponeses ucranianos. Ganhou o apelido de "açougueiro da Ucrânia".[6]

Quando Khrushchev ascendeu ao Kremlin, designou Serov diretor da KGB, e juntos eles construíram uma operação de logro para desviar a atenção da crença de que os soviéticos tinham sido responsáveis pelo massacre de Katyn. Khrushchev

ordenou que um grande memorial fosse construído em uma pequena aldeia chamada Khatyn (escolhida pela grafia similar do nome), localizada perto de Minsk, na Bielorrússia, para honrar alguns soviéticos que supostamente teriam sido mortos lá pelos alemães.

Khrushchev cai em desgraça muitos anos antes que o memorial em Khatyn pudesse ser concluído, mas este afinal veio a se tornar um santuário para peregrinos. Leonid Brezhnev escoltou solenemente o presidente Richard Nixon até a Khatyn bielorrussa em 1974, mas era tudo complemento de um outro enquadramento.[7] O britânico *Daily Telegraph* (3 de julho de 1974) o explicou em uma reportagem chamada "Khatyn – Mais Uma Invenção":

> A visita do presidente Nixon ao memorial na aldeia bielorrussa de Khatyn provocou a impressão equivocada de que a Rússia tinha erigido um memorial para as vítimas do massacre, em tempo de guerra, de oficiais poloneses na floresta de Katyn. De fato, Khatyn e Katyn são dois lugares inteiramente diferentes; Khatyn, em que o "kh" se pronuncia como o "h" em inglês, é uma pequena aldeia à distância aproximada de 30 milhas a noroeste de Minsk, a capital da Bielorrússia. Katyn, que se pronuncia como se escreve, é uma cidade situada a cerca de 15 milhas a oeste de Smolensk, uma cidade provinciana caracteristicamente russa. Khatyn fica a cerca de 160 milhas a oeste de Katyn... Os russos tentaram apagar Katyn dos mapas e dos livros de história. A referência a ela na edição de 1953 da Enciclopédia Soviética foi retirada... Visitantes não têm permissão para visitar a área, e memorial algum foi erguido lá. Demorou até 1969 para que os russos anunciassem a construção de um "complexo de prédios para memorial" na aldeia de Khatyn. Foi uma das 9.200 aldeias bielorrussas destruídas pelos alemães e uma das 136 cujos habitantes, todos, foram mortos.

A mentira soviética prosseguiu até 3 de outubro de 1990, quando Mikhail Gorbachev reconheceu oficialmente a culpa soviética pelos assassinatos de Katyn.[8]

Em 1963, quando *O Vigário* foi publicado, a KGB ainda estava se esforçando para persuadir o resto do mundo de que os soviéticos não estavam envolvidos no massacre de Katyn. O próprio Hochhuth certamente não estava em posição de conhecer os esforços secretos da KGB para ocultar o massacre. Os especialistas em enquadramento da KGB que trabalharam em

O *Vigário* não iriam, contudo, perder a chance de marcar um ponto a seu favor no texto, e assim fizeram.

Na peça, uma família italiana judaica cristianizada, que vive à vista da residência do papa, está preparando sua bagagem para procurar asilo em um mosteiro. O pai e o avô discutem sobre o massacre de Katyn, que era notícia. O homem mais velho diz: "Conheço os alemães melhor que você... Stálin matou eles". O filho insiste que os alemães o fizeram, comentando que "munição alemã foi encontrada nos corpos". Bem nesse ponto um oficial alemão da SS e dois milicianos fascistas alemães irrompem na casa e levam a família para um campo de trabalho forçado.[9] A mensagem que se queria passar com a cena, que é inteiramente irrelevante para a ação da peça, parece ser a de que você nunca pode acreditar nos alemães e que eles foram os responsáveis pelo massacre de Katyn. Essa mensagem certamente não tinha nenhum interesse particular para Hochhuth, mas Moscou com certeza teria se importado.

Os aspectos históricos de *O Vigário* contêm mais provas circunstanciais que mostram que a peça foi produzida por especialistas em *dezinformatsiya*. Os "Adendos Históricos" publicados junto com a peça parecem antecipar cada argumento anti-Pio XII que seria utilizado pelos próximos 40 anos. Esse fato, bem como o resto, parece indicar uma mão coletiva a elaborar o texto. Mais ainda, um item dos "Adendos" trai claramente a mão soviética e ilustra com perfeição como se constrói *dezinformatsiya* eficiente:

> Pio XII, um cético frio, também não "acreditava" em História, como sabemos a partir de uma conversa que ele teve com Adolf von Harnack. Por isso mesmo, sem dúvida, calculou, em total sobriedade, que tinha boa chance de ser canonizado, caso ajudasse nesse sentido. O que ele efetivamente fez. Sua impopularidade no Vaticano se deveu ao sarcasmo dos monsenhores romanos, que foram longe a ponto de dizer que ele tinha canonizado Pio X e instituído procedimentos para a canonização de Pio IX de modo a estabelecer precedentes para a sua própria elevação.[10]

No parágrafo acima, o leitor não só é gratuitamente informado de que Pio XII era um "cético frio", mas também de que ele não era tido em boa conta pelos altos prelados do Vaticano, e que planejou conseguir que fosse canonizado. Todas essas

alegações não apenas são caluniosas e completamente desprovidas de fontes, como ainda são habilmente agrupadas em torno do nome realmente respeitável de Adolf von Harnack, um teólogo protestante de destaque que viveu em Berlim após 1890, incluindo o período de 1925 a 1929, quando Pacelli era núncio lá. Factualmente verificável ou não, é inteiramente plausível que os dois líderes religiosos possam ter se encontrado na época em que ambos viviam em Berlim. Harnack então se tornou o "cerne de verdade" a sustentar a *dezinformatsiya* nesse parágrafo dos "Adendos".

Naquela era pré-*internet*, era improvável que Hochhuth tivesse tido acesso a quaisquer declarações privadas feitas por Adolf von Harnack, que pertencia a uma eminente família berlinense e que morreu antes que Hochhuth tivesse nascido. Os pesquisadores do General Agayants, contudo, sem dúvida teriam dado com o nome de Harnack ao combinar arquivos secretos da KGB em busca de idéias de como sujar o nome de Pacelli, no que diz respeito ao seu período em Berlim.

O único lugar do qual os oficiais de *dezinformatsiya* teriam partido em suas pesquisas certamente teriam sido os relatórios volumosos de Arvid Harnack, que a KGB considerava ter sido o seu agente alemão mais importante durante a Segunda Guerra Mundial. Arvid vivia em Berlim, era sobrinho de Adolf von Harnack. Originalmente recrutado nos anos 1930, Arvid perdeu contato com os soviéticos durante os expurgos, mas foi reativado em 17 de setembro de 1940, pelo recém-chegado vice-diretor da estação soviética de inteligência em Berlim, Aleksandr Mikhaylovich Korotkov, que lhe deu o codinome de "Korsikanets". Arvid cuidava de uma rede difusa de cerca de 60 agentes que forneciam valiosa inteligência política e econômica.[11] Em 7 de setembro de 1942, Arvid foi preso pela Gestapo, sentenciado à morte e executado três meses depois.[12]

É inteiramente improvável que qualquer comentário feito em privado por Adolf von Harnack (que morreu em 1930) tenha estado disponível para Hochhuth. Pode ter havido, contudo, relatos em arquivos da KGB feitos por Arvid quando foi recrutado pela primeira vez, citando nominalmente, para os seus recrutadores soviéticos, todos os seus familiares e outras pessoas que conhecia – o tipo de informação de rotina que se pedia a novos

recrutados, para ajudar os agentes a direcionar suas atividades de inteligência. A mesa de jantar da família Harnack era conhecida por seus convidados e conversas interessantes, e Arvid pode até ter se gabado para os soviéticos de que seu tio uma vez estivera com o núncio papal – ou não; isso não teria interessado aos propósitos de *dezinformatsiya*. A questão é que os relatórios de Arvid poderiam muito bem ter inspirado o General Agayants a criar o item "Adolf von Harnack" para os "Apontamentos". Praticamente qualquer tipo de calúnia poderia ser enfiado em um item como esse, que seria lido como reprodução de conversa que não precisaria de nenhuma fonte documental.

De fato, como exatamente Pio XII se tornou o foco de *O Vigário* ainda é coisa intrigantemente nebulosa. Em uma entrevista a Patricia Marx, primeiro transmitida por rádio em Nova Iorque em fevereiro de 1964 e depois impressa na *Partisan Review* (primavera de 1964), Hochhuth prolongou-se sobre a origem de sua peça. Começou com um aviso: "Tudo aconteceu há muito tempo, e é muito difícil para mim reconstruir como tudo começou". Disse então que tomara algumas notas sobre Kurt Gerstein, um oficial nazista que alegava ter tentado alertar outras pessoas sobre o extermínio nazista de judeus. "Minha idéia era escrever um conto sobre ele – isso muito tempo atrás", disse o dramaturgo. Prosseguiu:

> Mais tarde, no entanto, em 1956, encontrei-me com um homem na Áustria, que ajudara na utilização de gás em Auschwitz... e li relatos que se referiam a esse velho assunto. Então pela primeira vez ficou claro para mim como deveria ser a forma da peça.
>
> Também nessa época o livro *O Terceiro Reich e os judeus*, que continha o relatório de Gerstein, foi republicado. E então, em 1958, apareceu um livro contendo documentos sobre a atitude do Vaticano frente à deportação de judeus em Roma... Não consigo dizer mais que isso. Foi sete anos atrás. Tudo foi se encaixando como num mosaico.[13]

Hochhuth nunca disse quem era esse "homem na Áustria", tão importante no desenvolvimento da peça, assim como nunca identificou o "bispo" tagarela no Vaticano que viria a lhe dar material sobre o Papa. (Tampouco, no que diz respeito a isso, identificou o "agente de inteligência britânico aposentado" e/ou a "senhora polonesa" que supostamente lhe deram informações para a sua segunda peça, *Soldados*).[14]

Hochhuth disse que ele subitamente se deu conta de que o material de que dispunha apresentava o conteúdo dramático necessário para uma peça: "mal tive que inventar o argumento da peça, ao contrário, pôde ser extraída diretamente dos próprios fatos – quero dizer, o momento em que Gerstein irrompe diante do núncio papal tinha de ser o clímax da peça". A entrevista concedida a Marx continuou:

> Marx: Então a princípio o Papa sequer estava na peça?
>
> Hochhuth: Bom, tinham aparecido, como eu já disse, alguns documentos sobre a atitude do Vaticano, o que já estava presente na peça. Simplesmente se desenvolveu de tal modo que o antagonista mais significativo ao [padre ficcional] Riccardo [Fontana] não poderia ser outro que não a mais alta autoridade moral – precisamente porque ele faz uma escolha que só a mais alta autoridade moral pode fazer.[15]

"Quando morre, o peixe começa a feder pela cabeça" fora o *slogan* do Kremlin durante a Guerra Fria, e sua máquina de propaganda fez tudo o que podia para atacar os líderes do seu principal inimigo, os Estados Unidos. Moscou retratou o Presidente Harry Truman como o "açougueiro de Hiroshima", pintou o Presidente Dwight Eisenshower como "manda-chuva" da indústria bélica e descreveu o Presidente John F. Kennedy como um milionário arrogante que agiu como se fosse dono do mundo. Era claro que "a mais alta autoridade moral", o próprio papa, tinha não apenas de aparecer no palco; ele tinha de ser o protagonista da peça. De fato, Hochhuth repetiu a expressão "a mais alta autoridade moral" três vezes nessa breve entrevista com Patricia Marx, quase como se fosse um mantra que lhe tivesse sido martelado na cabeça: o protagonista da peça tem de ser o Papa Pio XII. Evidências sugerem, contudo, que essa decisão foi feita não por Hochhuth, mas pelo primeiro produtor da peça, o agente de influência da KGB Erwin Piscator.

Como um escritor desconhecido e desprovido de educação como Rolf Hochhuth fez com que um produtor famoso como Erwin Piscator sequer desse uma olhada em sua peça é em si mesmo outro problema. Hochhuth diz ter aparecido com o manuscrito da peça no escritório onde trabalhava. O seu chefe,

o administrador Karl Ludwig Leonhardt, ficou impressionado o bastante para mandá-lo para as provas tipográficas, mas ele também era empresário bom o suficiente para primeiro checar com o *seu* chefe na sede da Bertelsmann em Gütersloh. Este último supostamente disse a Leonhardt que o livro era provocativo demais para que eles o publicassem (era uma editora bastante voltada para o público familiar). Leonhardt mandou as provas para a Rowohlt, uma editora de extrema-esquerda com fortes laços comunistas.[16]

Aqui é que uma das lendas ao redor de *O Vigário* diz que Piscator veio a ter em mãos a peça de Hochhuth. De acordo com um dos biógrafos de Hochhuth, em fevereiro de 1962 "um autor desconhecido de 31 anos chamou Piscator para discutir uma peça que a editora que tinham em comum pensava que fosse de interesse. Tratava-se de Rolf Hochhuth e a peça *Der Stellvertreter* ou *O Vigário*".[17] Isso seria uma história bastante simples.

Piscator, contudo, fornece uma versão mais interessante de como vieram a se encontrar pela primeira vez:

> Quando, na primavera de 1962, fui escolhido diretor artístico do Freie Volksbühne em Berlim... recebi um telefonema do Sr. Ledig-Rowohlt: ele recebera uma peça de um amigo seu, Karl Ludiwig Leonhardt, que estava agindo como intermediário, a primeira obra de um jovem autor alemão, que realmente era mais que uma "peça"... Enviaram-me a peça, não em manuscrito, como é comum, mas em provas tipográficas, as quais foram enviadas não pela Rowohlt [que viria a ser a editora alemã da peça], mas por uma editora que reconheceu, após mandar a prelo, que não tinha coragem para fazer a publicação.[18]

Piscator também disse: "Ninguém tinha idéia de como a peça poderia ser levada ao palco, uma vez que ultrapassava todos os limites de tempo".[19]

Piscator aceitou o roteiro que lhe apresentaram. Primeiro, ele tinha de reduzir as dimensões mastodônticas da peça de Hochhuth de oito para duas horas de duração. Piscator escreveu:

> Claro, é difícil fazer uma versão teatralizável dessa pela "total", cortar uma peça de dentro de uma peça... De todo modo, acordei com a editora Rowohlt que o livro chegaria ao público no mesmo momento que a primeira produção em Berlim, como necessário suporte e complemento.[20]

Note que Piscator prometeu que *ele* teria o livro pronto para a estréia da peça, aparentemente incluindo o "suplemento documental", o que quer dizer o extenso material de apoio publicado como *Adendos Históricos*.[21] De acordo com uma biografia de Piscator:

> Passou-se um ano inteiro entre o primeiro contato com o texto, que Piscator recebeu na primavera de 1962, e a produção. Adaptação cuidadosa e supervisionada diretamente que Piscator fez do texto para o teatro fez com que o temido escândalo – pelo menos em Berlim – não ocorresse... O produtor da estréia em Berlim cortara a peça ao meio, reduzira o número de atores pela metade e concentrara a obra dramaticamente multifacetada na atitude do Papa Pio XII frente à perseguição dos judeus.[22]

Como prometera, Piscator entregou o roteiro – incluindo os *Adendos* – à editora Rowohlt a tempo de o livro ser lançado ao tempo da estréia da peça.

Hochhuth estava "bastante convencido de que, se Piscator não tivesse encenado a peça no *Freie Volksbühne*, jamais teria qualquer obra sua levada a um palco alemão".[23] Hochhuth disse: "O *Vigário* é política",[24] e na peça Piscator encontrou veículo perfeito para o seu *teatro político*, uma escola dramática que deve a Piscator o seu próprio nome.

"Graças a essa peça", disse Piscator sobre O *Vigário*, "existe algum propósito em trabalhar com teatro"[25]. Ela era afinal o tipo de "teatro épico, político, pelo qual eu havia lutado ao longo de 30 anos ou mais".[26] "Não creio que esteja diminuindo o valor dos autores que trabalharam comigo na década de 1920 se eu disser que o tipo de peça que tinha idealmente em mente na época só esteja sendo escrita agora...".[27]

Claro, se fosse um verdadeiro esforço artístico, e não uma operação política, teria incomodado Piscator que – como disse Hochhuth – O *Vigário* violasse os dogmas do seu próprio gênero teatral.[28] A representação de Pio XII se focava mais em sua personalidade do que em sua história.[29] A peça tentava passar a mensagem de que Pio XII, se não necessariamente pró-nazista durante a guerra, pelo menos temia ao comunismo mais do que temia a Hitler.[30] Não havia, é claro, nenhuma prova a sustentar essas alegações.[31] A peça de Piscator até introduzia uma figura alegórica, um médico sem nome (que alguns ligam a Mengele)

que tinha importante papel na ação dramática.[32] Isso certamente estava fora dos limites do teatro-documentário.

Em uma carta que escreveu em agosto de 1962, Piscator disse ao cenógrafo e iluminador: "Embora os elementos cênicos devam ser precisos em cada detalhe, o cenário deve me ajudar a ir além da realidade documental".[33] Nisso, Piscator e Hochhuth não eram fiéis ao seu próprio formato teatral. Em vez disso, apenas se valeram da peça para um determinado fim político.[34]

Piscator por fim pôs o foco da peça no arqui-inimigo de Khrushchev, Pio XII. Ele foi enquadrado como – que mais poderia ser? – colaborador nazista. Era assim que todos os religiosos de que o Kremlin não gostava eram enquadrados naquela época. A peça ficou em cartaz em Berlim por apenas algumas semanas, recebendo quando muito resenhas incertas,[35] e sua visão de Pio XII foi negada por praticamente todas as pessoas que tinham conhecimento direto das atividades do Papa durante a guerra. Mas, como já vimos, a máquina de *dezinformatsiya* soviética depois beneficiou *O Vigário*, traduziu-a para várias línguas, deu-lhe produções teatrais espetaculares e a reproduziu como filme popular, todo o tempo lhe garantindo imensa publicidade.

Mais uma vez, Piscator triunfara, servindo aos propósitos de Moscou.[36]

26
A NECROFAGIA POLÍTICA DE KHRUSHCHEV

O enquadramento póstumo de Pio XII como o "Papa de Hitler" levado a cabo por Khrushchev originou-se de uma "ciência" soviética bastante secreta, que no santo dos santos do bloco soviético era conhecida como *necrofagia política*. Essa "ciência", objetivando a consolidação do cargo de um novo governante político, tinha se tornado um estilo de vida no Kremlin. Claro, líderes políticos de outros países também tentam culpar seus predecessores por qualquer coisa que dê errado, mas na Rússia a culpa tem uma tendência de se tornar repulsiva, até mesmo letal.

A necrofagia política de Khrushchev advinha da tradição soviética de santificação do governante "supremo". Embora os comunistas proclamassem publicamente o papel decisivo do "povo" na história, o Kremlin – e sua KGB – acreditava que só o líder importa. Mude a imagem pública do líder e você muda a história, escutei repetidas vezes da boca de Khrushchev.

Uma vez que Khrushchev foi coroado no Kremlin, ele mudou a imagem póstuma de Stálin de um santo russo para um açougueiro brutal. Isso mudou a história da Rússia. Em seguida, mudou a imagem póstuma do Papa Pio XII, e isso mudou a história do mundo judaico-cristão.

A "ciência" da necrofagia política nasceu oficialmente em 26 de fevereiro de 1956, quando Khrushchev expôs os crimes de Stálin em um "discurso secreto" de quatro horas no 20º Congresso do Partido Comunista Soviético.[1] A imprensa mundial foi enganada por sua "nova honestidade". Harry Schwartz, experiente correspondente do *New York Times*, escreveu: "O Sr. Khrushchev abriu as portas e janelas de uma estrutura

petrificada. Deixou entrar ar fresco e idéias novas, produzindo mudanças que o tempo já demonstrara serem irreversíveis e fundamentais".[12]

Realmente, o "discurso secreto" de Khrushchev foi apenas um *show* barato destinado a tirar a atenção de sua própria imagem enquanto insensível assassino político que aprovara a carnificina infame de Katyn (onde 14 mil prisioneiros poloneses foram fuzilados) e que ficara conhecido como "o açougueiro da Ucrânia" por causa das muitas centenas de milhares de pessoas executadas quando lá era o representante de Stálin em Kiev.

Poucos dias depois de Khrushchev ter feito o seu "discurso secreto", seu novo chefe de espionagem, General Aleksandr Sakharovsky (ex-conselheiro-chefe de inteligência para a Romênia), mandou o texto do mesmo para o meu serviço de inteligência estrangeiro, o DIE. "Esse é o documento mais confidencial que já tive em minhas mãos", disse Sakharovsky – com uma piscadela. Ele pediu que a administração do DIE passasse o "discurso secreto" para o Mossad israelense, que tinha acabado de iniciar uma discussão com o DIE sobre um acordo secreto de permuta, para permitir que judeus romenos emigrassem para Israel em troca de dólares americanos. O DIE vazou obedientemente o discurso secreto para o Mossad, que à época cooperava bastante com a CIA.

Em junho de 1956, o "discurso secreto" de Khrushchev foi publicado pelo *New York Times*, que reconheceu o ter conseguido junto à CIA. Há muitas versões de como o discurso foi parar no *Times*. Eu conhecia Sakharovsky muito bem, e para mim não havia dúvida de que ele havia buscado outros meios para fazer com que o discurso fosse publicado. O Mossad é famoso por tornar obscuras as suas operações. Poucos meses depois, contudo, Sakharovsky agradeceu à administração do DIE – ele certamente agradeceu a outras pessoas também – por tê-lo ajudado a apresentar ao mundo o novo "comunismo com um rosto humano" de Khrushchev. Logo depois, o "discurso secreto" de Khrushchev foi debatido por todas as organizações e meios de comunicação do Partido Comunista em todo o bloco soviético.

O enquadramento de Pio XII foi a segunda necrofagia política de Khrushchev. Esta não apenas atingiu sua meta inicial, como também ajudou o Khrushchev subitamente tornado impotente a sobreviver no Kremlin – por algum tempo. Em 1962, a Suprema Corte da Alemanha Ocidental julgou publicamente Bogdan Stashinsky, um oficial ilegal da KGB, por matar dois emigrados russos na Alemanha Ocidental. Depois de ser ouvido a princípio com ceticismo, Stashinsky convenceu a corte e o público alemão de sua sinceridade e remorso. O que começara como o julgamento de Stashinsky logo se transformou num julgamento de Khrushchev, que condecorara Stashinsky por seu trabalho, enquanto o mundo passava a conhecer em detalhes que tipo de homem e mentalidade estavam governando o Kremlin.

O governante santificado, cujo discurso secreto desmascarando os crimes de Stálin estava fresco na memória de todos, surgia para o tribunal de Karlsruhe e para o mundo livre como só mais um açougueiro – e como rematado mentiroso. Não era de forma alguma verdade que, após o 20° Congresso do Partido, Khrushchev havia feito parar os assassinatos promovidos pela KGB – ele tinha apenas levado suas fronteiras ao exterior. Não era verdade que ele queria uma coexistência pacífica com o Ocidente – assassinatos políticos tinham claramente se tornado uma ferramenta fundamental de sua política externa. Não era verdade que Khrushchev era inocente – *ele* tinha ordenado os assassinatos cometidos por Stashinsky e *ele* tinha assinado o decreto recompensando o perpetrador com a mais alta medalha soviética.

Ao fim do seu julgamento de sete dias, Stashinsky declarou: "Quero dar visibilidade mundial ao modo como a 'coexistência pacífica' [de Khrushchev] funciona na prática".[3]

Stashinsky fez exatamente isso. Ele recebeu uma sentença relativamente curta de oito anos, já que a corte da Alemanha Ocidental o declarou apenas "cúmplice de assassinato" e enfatizou que a culpa daqueles de quem ele recebera a ordem era muito maior. "Assassinato agora é realizado sob ordens expressas do governo", explicou o juiz. "Assassinatos políticos foram, por assim dizer, institucionalizados".[4]

O extravagante Khrushchev se tornou um governante impotente, lutando para respirar. As primeiras páginas da maioria

dos jornais ocidentais eram agora dedicadas aos seus crimes e mentiras. Poucos meses depois, contudo, apareceu *O Vigário*. De repente, a mídia ocidental voltou sua atenção dos crimes de Khrushchev, em vez disso se detendo nos "crimes" de Pio XII.

Khrushchev pode ter sido posto para fora, mas sua *necrofagia política* sobreviveu. Quando veio Gorbachev, este acusou Brezhnev de ter explorado o país para ganho pessoal. Gorbachev fez até com que alguns dos seus associados anteriores fossem presos, em uma óbvia tentativa de provar que a União Soviética tinha sido devastada por indivíduos, não pelo marxismo. De sua parte, Yeltsin acusou Gorbachev de "levar o país à ruína", e Putin culpou Yeltsin pela "derrota da União Soviética, a maior catástrofe do século".

Necrofagia política – culpar e condenar o antecessor num determinado cargo – é um jogo perigoso. Fere o orgulho nacional e costumeiramente se volta contra quem a usa. Quando Khrushchev morreu, Brezhnev decretou que seu antecessor tinha prejudicado gravemente o respeito histórico do país pelo Kremlin, e que ele não era digno de ser sepultado na Necrópole da Muralha do Kremlin, junto de outros ex-líderes. O governo soviético se recusou até a pagar pela lápide de Khrushchev.

Em 1972, quando visitei o túmulo de Khrushchev no Cemitério de Novodevichy, havia apenas um sinalizador pequeno e insignificante para identificá-lo. Em 1989, quando o tirano romeno Nicolae Ceauşescu foi executado, a corte que o sentenciou à morte decidiu que o seu culto ultrajante da personalidade e sua *necrofagia política* haviam desonrado o respeito tradicional da Romênia pelos seus líderes, e que ele não merecia nem caixão nem sepultura. O corpo de Ceauşescu foi então colocado dentro de um saco e jogado fora num estádio de futebol.

27
O LIVRO *O PAPA DE HITLER*

Já fazia um bom tempo que Stálin deixara o campo de batalha; Khrushchev foi *hors de combat* por uns poucos anos e depois também morreu. Sua necrofagia política desapareceu na neblina da história, e o calunioso grito de guerra acusando Pio XII de ser o "Papa e Hitler" foi devagar se desfazendo nas névoas do tempo. O Kremlin – com razão, como se viria a saber – estava consumido de preocupação com problemas mais caseiros, como a emergência do movimento *Solidariedade* na Romênia.

Em 16 de outubro de 1978, o Cardeal Karol Józef Wojtyla – um polonês! – se tornou o Papa João Paulo II. Andropov, o poder por trás do trono soviético, deve ter se perguntado: Que Stálin ou Khrushchev fariam? Uma operação foi afinal montada pela inteligência militar soviética – defender o bloco soviético era tarefa militar – através dos seus amigos na Bulgária (como foi verificado por uma investigação italiana oficial).[1]

No dia 13 de maio de 1981, um jovem turco chamado Mehmet Ali Ağca – que se revelou ser um agente búlgaro – atirou e feriu gravemente o Papa quando este entrava na Praça São Pedro. O Papa foi atingido quatro vezes e sofreu grande perda de sangue. Ağca foi preso e depois sentenciado à prisão perpétua. Mais tarde, o Papa, num ato célebre, perdoou Ağca pela tentativa de assassinato. O presidente italiano Carlo Azeglio Ciampi posteriormente perdoou o criminoso a pedido do Papa e o deportou para a Turquia, em junho de 2000.

Diversas investigações apontaram para os soviéticos,[2] mas o Kremlin se esquivou da maioria das acusações de tentativa de assassinato, e assim decidiu tomar outra rota para alcançar o Papa. Dessa vez se voltou por uma operação de *dezinformatsiya* não muito distante do esforço anterior de enquadrar Pio XII

com uma falsificação histórica. No seu livro *O fim e o começo: Papa João Paulo II – A vitória da liberdade, os últimos anos, o legado*, o autor George Weigel se debruçou sobre arquivos abertos recentemente que pertenciam a departamentos de inteligência de países comunistas e revelou uma história fascinante sobre a tentativa de sujar a reputação do novo papa.[3]

Valendo-se de seus especialistas em contrafação, em 1983 agentes de inteligência poloneses arquitetaram um diário falsificado supostamente escrito por uma ex-amante do Cardeal Wojtyla. Eles usaram a identidade de uma mulher que ele teria conhecido, mas que agora, é claro, estava morta. O plano era deixar o diário escondido em um apartamento no qual seria encontrado durante uma batida policial. Repórteres ocidentais o tomariam por legítimo e o divulgariam dessa forma.

Como veio a se descobrir, no entanto, o agente designado para plantar o diário falso ficou bêbado e se envolveu em um acidente de carro. Num esforço para evitar prisão e detenção, explicou quem ele era e expôs o plano. Imagina-se o que teria acontecido se a credibilidade do Papa tivesse sido atingida no começo do seu pontificado por um esquema de desinformação como esse. É claro, um diário falso era apenas uma variação de *O Vigário* e sua seção *Adendos Históricos.*

Agentes de inteligência do bloco soviético também conduziram campanhas de falsificação de escrita contra o Papa. Esses trabalhos de formiguinha eram com freqüência complementados com operações de ameaça e chantagem voltadas diretamente contra ele. O corpo e a reputação do Papa João Paulo II sobreviveram a esses ataques. O bloco soviético não sobreviveu, em parte devido ao apoio que João Paulo II deu ao movimento Solidariedade. A guerra do Kremlin contra o Vaticano mais uma vez se desfez no nada.

Em 1999, a questão bem adormecida do suposto apoio do Papa Pio XII à perseguição dos judeus por Hitler gerou subitamente novo interesse com a publicação do livro de John Cornwell, *O Papa de Hitler: A história secreta de Pio XII.* A tese do livro de Cornweel era de que Eugenio Pacelli era um compenetrado advogado e diplomata do Vaticano que, desde o início de sua carreira, determinou-se a estabelecer a autoridade absoluta de Roma sobre as populações católicas da Europa.

Não existe nenhuma forte evidência de que Cornwell estivesse ligado aos serviços de inteligência russos; seus arquivos ainda estão selados – uns 29 bilhões de páginas lá escondidos. De todo modo, Cornwell lançou mão de necrofagia política. Ele utilizou táticas à la Khrushchev de enquadramento e *dezinformatsiya* para distorcer a verdade histórica sobre Pio XII. A guarda da capa da edição americana declara de maneira ousada uma pesada *nova* guerra contra a memória de Pio XII:

> O *Papa de Hitler* é a história nunca antes contada de um homem que foi indiscutivelmente o mais perigoso clérigo da história moderna: Eugenio Pacelli, Pio XII, pontífice de 1939 a 1958 e há muito controverso como o papa que falhou em se pronunciar contra a Solução Final de Hitler. Aqui está a história completa de como Pacelli de fato estimulou eventos nas décadas de 1920 e 1930 que ajudaram os nazistas alcançar um poder sem obstáculos... Em 1930 ele negociou um tratado com Hitler, a Concordata com o Reich, que garantia que os nazistas iriam se erguer sem a oposição da mais poderosa comunidade católica do mundo – selando, como admitiu o próprio Hitler, o destino dos judeus na Europa.

Eis o que temos. Na visão de Cornwell, Pio XII não falhou apenas em se pronunciar a favor dos judeus; ele foi de fato responsável pela ascensão de Hitler ao poder e por todo o Holocausto. O texto da guarda continua, dizendo que Cornwell provê "novas provas chocantes" de que Pio XII "tinha uma antipatia pessoal pelos judeus" e que Cornwell "se baseia em pesquisa feita em arquivos jesuítas e arquivos secretos do Vaticano que foram facultados *apenas ao autor*".

O Vaticano examinou e refutou as alegações ultrajantes de Cornwell, como o meu co-autor (Rychlak) documentou e discutiu escrupulosamente em seu livro *Hitler, a Guerra e o Papa*. Assim, a atenção do leitor no livro é chamada só para alguns pontos significantes. Esses pontos demonstram como Cornwell tentou reavivar a guerra do Kremlin contra Pio XII utilizando meios e métodos típicos de desinformação da KGB.

Em apoio de sua conclusão de que Pio XII fora o "Papa de Hitler", Cornwell edita seletivamente citações de publicações ocidentais, uma técnica amplamente utilizada na "ciência" da desinformação. Através desse método, um escritor esperto pode transformar uma citação no exato oposto do que queria dizer

originalmente. Para ver como isso funciona, vejamos uma declaração notável citada no material introdutório de *O Papa de Hitler*. Cornwell oferece uma suposta citação de Thomas Merton, um famoso monge contemplativo cujos escritos inspiraram muitas pessoas. Nas mãos de Cornwell, a citação fica assim: "Pio XII e os judeus... Toda essa questão é triste demais e séria demais para que se fale com mordacidade... um silêncio profunda e completamente cúmplice de todas as forças que realizam a opressão, a injustiça, a agressão, a exploração, a guerra".

Parece ser uma condenação chocante do Papa vinda de um estimado pensador católico. Se Merton tivesse escrito isso, provocaria mesmo hesitação. Mas Cornwell manipulou um texto de Merton para criar essa citação. (O casal Sulner, que forjaram os documentos utilizados para enquadrar o Cardeal Mindszenty, teriam ficado orgulhosos!). Já que Cornwell não oferece referência para sua citação de Merton (embora dê as referências de duas outras citações menos controversas na mesma página), não foi fácil documentar o seu truque.[4]

Abaixo está a citação completa, que foi escrita por Merton em seu diário pessoal, e que é uma queixa de que *ele próprio* tinha recebido ordem de não publicar *o seu ensaio* sobre guerra nuclear. O "silêncio" de que se queixa era o "silêncio" que lhe tinha sido imposto. Não tinha relação com Pio XII. Aqui está o texto completo de Merton, com as partes extraídas por Cornwell destacadas em itálico:

> Um vislumbre cruel do entorpecimento da Igreja, a despeito de tudo que foi tentado, todos os esforços para despertá-la! Tudo se encaixou. O Papa *Pio XII e os judeus*, a Igreja na América do Sul, o tratamento dos negros nos Estados Unidos, os católicos na extrema direita quando da questão argelina, os alemães católicos sob Hitler. Tudo isso se encaixa em uma grande imagem, e nossa rememoração contemplativa não é muito impressionante quando vista como apenas outra pequena peça no quebra-cabeça. *Toda essa questão é triste demais e séria demais para que se fale com mordacidade.* Tenho a impressão de que minha educação está começando – apenas começando e que tenho um monte de outras coisas terríveis a aprender antes que conheça o verdadeiro significado da esperança.
>
> Não existe consolação, só futilidade, na idéia de que se é uma espécie de mártir de uma causa. Não sou mártir de nada, estou com medo. Eu gostaria de agir como um razoável, civilizado e

> responsável cristão da minha época. Não me é dado fazer isso, e me dizem que renunciei de fazê-lo – tudo bem. Em troca de quê? Em troca de *um silêncio profunda e completamente cúmplice de todas as forças que realizam a opressão, a injustiça, a agressão, a exploração, a guerra.* Em outras palavras, cumplicidade silenciosa é apresentada como um "bem maior" que "protesto honesto, consciencioso". É supostamente parte da minha vida devotada, é para a "Glória de Deus". Certamente recuso a cumplicidade. O meu próprio silêncio é um protesto e aqueles que me conhecem sabem disso. Pelo menos pude escrever o suficiente para deixar isso claro. Também não posso sair daqui para protestar, já que o significado do protesto depende de que eu esteja aqui.[5]

Cornwell selecionou as frases que estão acima em itálico e as emendou com elipses. Isso é mais que fraude acadêmica. É *desinformação* feita com excelência.

Outra técnica de *desinformação* da KGB utilizada em *O Papa de Hitler* se encontra na capa do livro. A sobrecapa da primeira edição inglesa apresenta um logro calculado e sórdido. A capa é uma fotografia mostrando o Núncio Pacelli deixando uma solenidade de recepção feita para o presidente alemão Hindenburg *em 1927*. Contudo, a legenda colocada dentro da sobrecapa da edição inglesa data a fotografia de *março de 1939*.

Isso não é um erro honesto. Isso é fraude intencional em prol de determinado propósito. Em março de 1939 Hitler era o Führer, e Pacelli tinha sido eleito papa a 2 de março de 1939. Um leitor inocente que acreditasse na calúnia de Cornwell poderia concluir facilmente que Pio XII correu a visitar Hitler tão logo fora eleito. Isso nunca aconteceu – nem Pacelli nem Pio XII jamais se encontraram com Hitler.

Essa fotografia dramática mostra o Núncio Pacelli, com trajes diplomáticos de privilégio real (que poderiam ser facilmente confundidos com vestes de papa), quando ele deixa o prédio. Em sua frente se encontra um chofer fazendo saudação e segurando aberta a porta quadrada típica de automóveis antigos, cerimoniais, dos anos 1920. De ambos os lados do núncio vão soldados da República de Weimar. Aqueles que não reconhecem as diferenças em detalhes de uniformes poderiam facilmente confundir esses soldados de Weimar com soldados nazistas, em razão dos seus capacetes peculiares, amplamente associados aos soldados alemães da era nazista.

A edição americana de *O Papa de Hitler* (e sua posterior edição em brochura) traz a data correta – 1927 – para a fotografia da capa, mas a imagem é cortada de modo a eliminar dois importantes pontos de referência: o soldado mais próximo da câmera e a porta do automóvel. Ambos os elementos dão pistas da verdadeira data dessa foto, o que Cornwell aparentemente queria evitar – ele admitiu que aprovara a foto.[6] Na edição americana, o fundo da foto também foi escurecido e desfocado em boa medida, tornando improvável ao observador perceber que o soldado restante está vestindo um uniforme de Weimar, não um uniforme nazista. O chofer, com o recorte do carro e o desfoque, toma a aparência de um oficial da SS fazendo saudação. Isso ajudou Cornwell a firmar sua tese.

A polícia política soviética sempre dedicou grande parte de suas atividades a nada além de manipular fotos, já que fotografias falsificadas eram um meio predileto de enquadrar pessoas – tanto para demonizá-las como para promovê-las. Durante o regime de Stálin, pessoas indesejadas eram não apenas mortas, mas também removidas de fotografias onde sua presença não era mais desejada. No começo dos anos 1920, a mídia soviética abundava de imagens mostrando Lênin junto de Trotsky – seu colaborador mais próximo. Depois que Lênin morreu, contudo, a imagem de Trotsky foi substituída em todas essas fotografias pela imagem de Stálin. Nikolai Yezhov, à época chefe da polícia política soviética, sofreu destino similar. Uma figura muito popular durante os expurgos, foi visto com freqüência em fotografias junto de Stálin. Depois que Yezhov desapareceu da cena política, contudo, as fotos foram tratadas para mostrar Stálin sem sua companhia.

Depois que recebi asilo político nos Estados Unidos, Ceaușescu me condenou à morte tanto através de um pelotão de fuzilamento quanto através da opinião pública. Em março e abril de 1978, durante as últimas visitas de Ceaușescu aos Estados Unidos e à Inglaterra, a mídia romena estava cheia de fotos que me mostravam junto de Ceaușescu e sua esposa na Casa Branca e no Palácio de Buckingham. Após eu ter desertado meses depois, minha imagem desapareceu das cópias de todas essas fotografias. Um exemplo pode ser visto no meu livro *Horizontes vermelhos*, que reproduz a mesma fotografia publicada antes e depois de ter sido tratada.[7]

A *dezinformatsiya* continua. No prefácio do seu livro, Cornwell diz que a idéia de escrever um livro sobre Pio XII lhe tinha ocorrido "muitos anos atrás... num jantar com um grupo de estudantes de pós-graduação", onde houve uma discussão sobre como "ele nada tinha feito para salvar os judeus dos campos de extermínio". Alegando que sua intenção original era retratar o Papa como um forte líder espiritual, Cornwell seguiu para Roma a fim de fazer pesquisas preliminares.

Embora Cornwell tenha tido acesso apenas aos arquivos abertos do Vaticano, diz ele que seu livro se baseia em "material inédito". Também diz que passou "meses a fio" em um "calabouço sem janelas debaixo das Torres dos Bórgia", enquanto "um silencioso faz-tudo lhe trazia os arquivos de Pacelli, que ficaram escondidos por décadas".

Na verdade, os arquivos simplesmente estavam em um depósito subterrâneo; mais ainda, não eram secretos, e cobriam os anos 1912-1922, de antes que Hitler estivesse governando a Alemanha e quando Pacelli era núncio no Reino da Bavária. Registros do Vaticano mostram que Cornwell visitou esses arquivos apenas de 12 de maio a 2 de junho de 1997, que ele não ia lá todos os dias e que ele com freqüência ficava apenas por breves períodos de tempo. Assim como Hochhuth, Cornwell aparentemente precisava do Vaticano somente como uma cortina para a sua própria história. Ele posteriormente admitiu que esteve lá por somente três semanas e que os arquivos não eram secretos – mas a essa altura o estrago já estava feito.[8]

Em seu prefácio, Cornwell diz que, em meados de 1997, "próximo do fim da minha pesquisa, vi-me num estado que só posso descrever como de choque moral" por conta da comprovação de que Pacelli tinha uma "inegável antipatia pelos judeus" e de que sua "diplomacia na Alemanha na década de 1930" opôs-se a grupos que "poderiam ter desafiado o regime de Hitler e frustrado a Solução Final". Inevitavelmente se lembra aí do bispo ilusório de Hochhuth no Vaticano, o qual supostamente lhe teria aberto os olhos com fofocas sobre os fracassos de Pio XII.

A crítica de Hochhuth a Pio XII é fichinha, contudo, comparada à de Cornwell. A menção deste às Torres dos Bórgia também dá um toque interessante (e irrelevante), trazendo à mente todos os males dos papas da família Bórgia. Mais uma vez se

recorda de Hochhuth, desta vez com sua menção ao massacre de Katyn. Esses elementos são típicos das operações de *dezinformatsiya* da KGB. Quanto à pesquisa de Cornwell, seu livro se baseia principalmente em fontes secundárias, como o livro *O silêncio de Pio XII* de Carlo Falconi, que se baseava em documentos falsificados pelo governo comunista da Croácia. No ato mesmo de valer-se de documentos originais, eles os deturpa.[9]

Nos seus livros *Hitler, a Guerra e o Papa* e *Gentios honrados*, Rychlak mostra como Cornwell citou "documentos originais" para construir sua credibilidade, embora estes não apoiassem de fato a sua visão. É a mesma técnica usada pela KGB, e explica como o meu DIE foi chamado a continuar produzindo documentos, mesmo que não fossem incriminadores.

No seu primeiro prefácio a *O Papa de Hitler*, Cornwell afirma que, como católico que retornara à Igreja após 20 anos fora, ele a princípio queria escrever uma história completa de Pio XII de modo que seu "pontificado fosse justificado". No prefácio à edição de 2008, Cornwell expande sua afirmação, dizendo que tinha "embarcado nesta biografia de Pio XII com a mente aberta, na verdade com grande medida de simpatia". Depois de toda a pesquisa, no entanto, ficou convencido de que Pio XII "não era um modelo de santidade para futuras gerações".

Os especialistas em enquadramento da KGB eram exímios no uso deste procedimento retórico: se você realmente quer caluniar alguém, apenas finja que você era imparcial, até mesmo simpático, quando você começou a pesquisar sobre o seu personagem, e depois afirme o seu profundo desgosto ao ter de admitir das falhas dele. Ou vice-versa. Quase todos os livros sobre Ceauşescu publicados no Ocidente – com dinheiro do meu DIE – começavam com a suposta "crença" do autor de que o romeno era um comunista ao estilo soviético e terminavam o apresentando como um comunista singularmente ocidentalizado. Hochhuth se valeu do mesmo procedimento em *O Vigário*, quando disse em uma entrevista, após a estréia da peça, que ele a princípio tinha apenas a intenção de escrever uma história simpática a Kurt Genstein e suas dificuldades em fazer o núncio papal em Berlim ouvir suas histórias sobre assassínios nazistas. Foi só depois que Hochhuth (ou Piscator) introduziu um papa friamente cínico na sua peça.[10]

Um bom exemplo da pesquisa de Cornwell pode ser encontrado na discussão da concordata assinada pelo Vaticano e a Sérvia em 1914. Cornwell alega que Pacelli, sedento de poder, insistiu em fazer a concordata, a despeito do risco de guerra e das objeções de Viena, e que a concordata de fato levou à Primeira Guerra Mundial. Cornwell cita jornais e escritores de esquerda como fontes da sua conclusão, mas, na verdade, historiadores concordam em que a concordata não teve relevância alguma para a explosão da guerra. Ao discuti-la, Cornwell menciona, como quem diz algo sinistro, que todos os vários materiais "coincidiam em ostentar o nome de Eugenio Pacelli". Não havia, contudo, nada de sinistro nisso, pois, como membro júnior da equipe do Vaticano que tratava das negociações, o trabalho de Pacelli era tomar notas e cuidar da papelada.

O vislumbre mais revelador dos métodos de pesquisa de Cornwell está no fato de que, citando uma fonte secundária, escreve que o núncio papal em Viena alertara Pacelli sobre os riscos trazidos pela concordata. De maneira notável, Cornwell não faz menção alguma ao documento original do núncio, *para cujo acesso ele, Cornwell, registrou sua assinatura* ao fazer sua pesquisa nos arquivos do Vaticano, e que contradiz diretamente sua declaração no livro.[11]

Em momento posterior, Cornwell veio a atenuar sua crítica ao tratamento que Pio XII deu às prisões de judeus romanos em outubro de 1943, e também reconheceu a realidade da ameaça de uma invasão ao Vaticano, o que ele antes minimizara. Em 2008, contudo, a Penguin lançou uma nova edição em brochura de *O Papa de Hitler*. A única mudança aparente era um novo prefácio no qual Cornwell tentava voltar atrás em muitas dessas atenuações.

Na nova edição, Cornwell ainda argumenta que Pacelli era "um líder ideal da Igreja" para Hitler explorar, dizendo: "Não estou inclinado a mudar essa perspectiva apesar das muitas menções a supostos atos de misericórdia de Pio XII para com os judeus e outros, ou das menções à sua crítica privada a Hitler ou das suas repreensões cuidadosas, imparciais, tanto ao Eixo como aos Aliados".[12] De acordo com Cornwell, Pacelli era um carreirista imensamente ambicioso, vaidoso e de olhar calculista, o qual dominara a política do Vaticano muito antes de ter

sido eleito papa. O autor tenta concentrar a atenção no começo dos anos 1930, quando o Secretário de Estado Pacelli "iniciou uma série de negociações com o governo de Hitler, culminando na Concordata com o Reich".[13] Também diz que afirmação feita por Pacelli depois da guerra de ter "em várias ocasiões" condenado "o anti-semitismo fanático voltado contra o povo judeu" era "mentira deslavada".[14]

A mudança de um argumento (após a comprovação de que era fraco) para outro, continuando a fazê-la sem em momento algum recuar inteiramente do argumento original, é típica de operação de *dezinformatsiya* da KGB. Patrocinadores e apoiadores de *O Vigário* fizeram o mesmo. Isso não significa necessariamente que Cornwell fosse agente do Kremlin, mas significa que, além de utilizar o apelido que este lhe deu, valeu-se também dos seus métodos.

28
A COCAÍNA DE ANDROPOV

"[*Dezinformatsiya*] funciona como cocaína", costumava dizer o chefe da KGB Yuri Andropov. "Se você cheira uma ou duas vezes, não muda a sua vida. Se você usar todo dia, no entanto, isso fará de você um viciado – um homem diferente".

O ato de transformar o líder comunista da Romênia, Nicolae Ceaușescu, no tirano favorito do Ocidente se baseou na teoria da cocaína de Andropov. "Devemos plantar a imagem do novo Ceaușescu *no Ocidente* como sementes de papoula para produzir ópio, uma por uma. E devemos regar essas sementes todo dia, até que dêem fruto", Andropov me disse em 1972, quando o chefe da KGB decidira fazer de Ceaușescu uma bilheteria de sucesso no Ocidente, num teste à aplicação do mesmo truque ao governante do Kremlin. (Alguém ainda se lembra do *frenesi* que recebeu Mikhail Gorbachev em suas viagens pelo Ocidente?).

Por fim, um "novo" Ceaușescu emergiu das sementes plantadas no Ocidente pelo DIE e pela KGB, assim como um "novo" Pio tinha emergido de *O Vigário*. Ninguém no Ocidente conhecia o verdadeiro Ceaușescu, assim como a nova geração ocidental da Guerra Fria desconhecia inteiramente a luta heróica de Pio XII contra os nazistas antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Mais ainda, a maior parte dos agentes públicos no Ocidente não estava familiarizada com a *dezinformatsiya* altamente secreta e as operações de enquadramento realizadas pelo Kremlin.

No dia de Natal de 1989, contudo, Ceaușescu e sua esposa foram executados por genocídio. Poucos olharam para trás e se perguntaram como teriam tido destino tão desditado. Na época, pilhas do livro *Perestroika: Novo pensamento para nosso país e o mundo*, de Mikhail Gorbachev, que aparentemente poucas pessoas leram com atenção, tinham tomado o lugar das

memórias de Ceauşescu nas vitrines das livrarias. O livro de Gorbachev propunha uma nova utopia. A União Soviética viria a ser uma "sociedade marxista de pessoas livres". A vida viria a ser materialmente rica e espiritualmente elevada. O povo realizaria os seus "direitos democráticos" e seria tratado "com confiança e respeito", e haveria "direitos iguais para todos". Agora o novo homem no Kremlin, "Gorby", era vendido como um democrata nascente e um visionário político. Era coisa demais para as pessoas guardarem na memória.

O enquadramento de Pio XII foi o inverno do enquadramento de Ceauşescu e Gorbachev. Ao longo dos anos, a imagem pró-nazista de Pio XII, que fora plantada no Ocidente pelo Kremlin e regada por agentes da KGB e comunistas ocidentais, gerou uma enxurrada de livros, filmes e reportagens que denigrem o pontífice heróico e ajudam o enquadramento a ser bem-sucedido.

Autores como Garry Wills,[1] James Carroll,[2] Susan Zuccotti,[3] Michael Phayer,[4] David Kertzer[5] e Robert Wistrich[6] engoliram o enquadramento do Kremlin e escreveram livros bastante distorcidos sobre Pio XII. John Cornwell, que publicou o inteiramente difamatório *O Papa de Hitler*, voltou à carga com um segundo livro sobre o tema.[7] Robert Katz, autor de dois livros que promovem as mentiras do Kremlin sobre Pio XII desde a década de 1960, escreveu um novo livro que em grande parte reúne as suas queixas anteriores.[8] Daniel Goldhagen combinou as piores acusações feitas em todos os outros livros e lançou um ataque geral contra o próprio cristianismo.[9]

Assim como Cornwell, muitos desses autores editaram de maneira seletiva citações reais, de modo a transformar informações positivas sobre Pio XII em informações negativas. Eis um exemplo do livro de Susan Zuccotti, *Bem ali na sua janela*. Atendendo ao pedido do Papa Pio XII, o Cardeal Luigi Maglione, o secretário de Estado do Vaticano, encontrou-se com o embaixador alemão Weizsäcker para lhe fazer um protesto formal em razão das conhecidas prisões em massa de judeus em Roma no dia 16 de outubro de 1943.[10] Weizsäcker era conhecido por ser voz amigável em meio à liderança alemã em Roma, e ele estava envergonhado com o tratamento dispensado pelos nazistas aos judeus.[11] O Cardeal Maglione começou seu memorando sobre o encontro desta maneira:

> Tendo sabido que esta manhã os alemães fizeram uma batida policial contra os judeus, *pedi ao Embaixador da Alemanha que viesse até mim e lhe pedi que interviesse a favor desses desafortunados. Falei com ele tão bem quanto pude em nome da humanidade, com caridade cristã.* O Embaixador, que já sabia das prisões, mas duvidava que se tratavam especificamente de judeus, disse-me com voz sincera e comovida: A todo momento espero alguém me perguntar: por que você ainda se mantém nessa posição?

Zuccotti apagou a parte em itálico na citação acima, desse modo eliminando as duas primeiras referências expressas do Cardeal ao fato de as vítimas serem judias. Ela também omitiu todo o parágrafo de conclusão, que voltava a contar as últimas palavras de Maglione a Weizsäcker: "Entrementes, repeti: Vossa Excelência me disse que irá tentar fazer algo pelos desafortunados judeus. Eu lhe agradeço por isso. Quanto ao resto, deixo ao seu julgamento. Se achar mais oportuno não mencionar nossa conversa [ao alto comando por meio de retaliação], que assim seja".[12]

Assim, mesmo que o Cardeal Maglione tenha se referido explicitamente aos "judeus" três vezes, os leitores de Zuccotti nunca viram essas referências. De igual modo, Zuccotti citou um relatório escrito pelo Núncio Valerio Valeri para o Cardeal Maglione, datado de 7 de agosto de 1942. Esse relatório dizia respeito à deportação de judeus da França para áreas desconhecidas, provavelmente na Polônia. Em outra citação, Zuccotti apagou a primeira linha crucial do relatório de Valeri, onde este menciona ter se valido de sua posição para intervir *freqüentemente* pelos judeus, em nome do Papa.[13] Esse testemunho, que seria difícil de refutar, foi simplesmente omitido.

Zuccotti chegou a descrever mal a primeira encíclica de Pio XII, *Summi Pontificatus*, dizendo que ela "não menciona os judeus. Realmente, apesar de referências à unidade da raça humana, ela parece escolher os cristãos, ou talvez os católicos, para receber especial consideração".[14] Na verdade, Pio XII utilizou expressamente a palavra "judeu" no contexto em que explica que não existe espaço para distinções raciais na Igreja.[15]

Essa enxurrada de novas mentiras apoiando as mentiras de enquadramento originais sobre Pio XII gerou novas alegações, muitas das quais são, de maneira divertida, inconsistentes até

com as primeiras insinuações feitas. Ao fim, a discussão foi para além do papa e da Igreja Católica, desafiando a fundação mesma do cristianismo, do próprio Novo Testamento.[16] Claro, como observou o Rabino David Dalin, muitos dos críticos não estavam procurando honestamente a verdade; em vez disso, estavam distorcendo a verdade para influenciar o futuro da Igreja Católica.[17]

Muitas histórias sobre Pio XII não foram adequadamente rastreadas até sua fonte *original* – do mesmo modo como ninguém nunca se incomodou de checar o súbito caso de amor de Ceaușescu com a democracia. No seu livro *A espada de Constantino*, por exemplo, o ex-padre excomungado James Carroll fala de uma suposta condenação de Pio XII feita pelo Papa João XXIII em seu leito de morte.[18] Essa é outra mentira repetida que se tornou uma verdade. Nenhuma testemunha jamais apareceu para confirmar a história de Carroll. O Postulador da Causa de Canonização de João XXIII, Frei Luca De Rosa, OFM, declarou que o Papa João XXIII era, na verdade, "cheio de admiração e devoção" por Pio XII.[19] O Arcebispo Loris Capovilla, ex-secretário privado de João XXIII, chamou de "mentira" a história de Carroll.[20]

Na realidade, João XXIII tinha sobre sua mesa uma fotografia de Pio XII, tendo em seu verso uma oração pedindo a canonização deste último como santo. A oração chamava Pio XII de "um destemido defensor da Fé, um combatente corajoso em nome da justiça e da paz... um modelo reluzente de caridade e toda virtude".[21] Um milhão desses cartões com oração foi posto em circulação pela equipe de João XXIII, e este (que rezava uma vez por mês diante da tumba de Pio XII)[22] disse numa audiência que certamente Pio um dia seria elevado à honra dos altares.[23]

João XXIII chegou até a pensar em adotar o nome de "Pio XIII".[24] Em sua primeira mensagem radiofônica de Natal após sua eleição, João XXIII prestou grande honra ao dizer que os ensinos doutrinais e pastorais de Pio XII "asseguram um lugar na posteridade para o nome de Pio XII. Mesmo sem qualquer declaração oficial, o que seria prematuro, o título triplo de 'Grande Doutor, Luz da Santa Igreja, Amante da Lei Divina' evoca a memória sagrada desse pontífice com que fomos realmente abençoados".[25] Claro, somente um santo pode ser de-

clarado Doutor da Igreja. Ainda assim, *A espada de Constantino* é no mínimo a terceira publicação em que Carroll divulgou a inventada história do leito de morte, e só nesse livro ele o fez duas vezes!

A verdade freqüentemente negligenciada de por que Carroll, Cornwell e tantos outros esquerdistas ocidentais pós-Hochhuth caíram na armadilha da KGB e regaram as sementes de ópio da operação de enquadramento de Pio XII está em que as suas obras não eram em última instância sobre o Papa. Eram parte de uma nova ofensiva com o propósito de levar à discórdia o mundo judaico-cristão desacreditando o Vaticano. Eles viram o fim do papado anticomunista de João Paulo II chegando e tentaram eleger um papa de esquerda, fazendo as pessoas acreditarem que Pio XII e João Paulo II levaram a Igreja por um mau caminho.

De acordo com esses escritores, João Paulo II e Pio XII eram excessivamente autoritários, e, assim como a liderança de Pio XII levara supostamente ao Holocausto, a liderança de João Paulo II estava supostamente levando a outra catástrofe. A única esperança era eleger um tipo bem diferente de papa. O último capítulo de *O Papa de Hitler* era intitulado "Pio XII Redivivus". Nele, Cornwell argumentava que João Paulo II representava um retorno a um papado extremamente centralizado, autocrático, oposto a uma Igreja mais diversificada. Cornwell escreveu que já havia alguns sinais de uma luta titânica entre progressistas e tradicionalistas, com potencial para um cisma cataclísmico, especialmente na América do Norte.

Cornwell percebeu que João Paulo II ia à frente dos tradicionalistas à medida que a Igreja caminhava para essa batalha, e argumentou que "a canonização de Pio XII é um movimento-chave nas tentativas de restaurar o reacionário absolutismo papal".[26] Qualquer dúvida acerca da intenção de Cornwell foi dissolvida em março de 2000, quando o Papa João Paulo II fez uma viagem histórica e sem precedentes até a Terra Sagrada. À época, como cristãos e judeus se aproximassem, Cornwell descreveu o pontífice como "idoso, aflito e irreparavelmente frágil enquanto preside um Vaticano que é dirigido por cliques fotográficos, engolfado em escândalos e submetido a lutas de poderes ideológicos".[27]

Para Cornwell, o Vaticano era "um ninho de nepotismo e corrupção, depravação sexual, *gangsterismo* e até assassinato". Também era exatamente assim que Khrushchev e Sakharovsky o descreviam – bem como aos Estados Unidos. Bem ao modo de Hochhuth antes dele, Cornwell citou uma "fonte interna do Vaticano" não identificada, que descreveu o Vaticano como "um lugar de eunucos fofoqueiros... Este lugar flutua num mar de mesquinharia".[28]

Em seu livro de 2001, *Rompendo com a Fé*, Cornwell faz acusações contra o Papa João Paulo II similares às que fez contra Pio XII em *O Papa de Hitler*. Afirmou que a centralização de poder sob o governo autoritário de João Paulo II levou a um rompimento fundamental na comunicação entre hierarquia e laicato. "Opressão intimidativa", escreveu Cornwell, estava afastando as pessoas da Igreja Católica. Ele atribuiu a culpa de praticamente qualquer dos problemas modernos da Igreja às "duras leis centralizadas da Igreja de Wojtyla". Chamou João Paulo II de "uma pedra de tropeço" para "um grande número de fiéis marginalizados" e disse que o Papa tinha "encorajado uma cultura intelectual opressiva".

A maior parte do mundo atribuiu a João Paulo II o seu papel na derrota do comunismo da Europa Oriental, sendo a inspiração espiritual por trás de sua queda e o catalisador de uma "revolução pacífica" na Polônia. Apesar de não ter exército sob seu comando e nem armas para disparar, o Papa João Paulo II teve papel central em um dos maiores dramas geopolíticos do século XX – a luta contra o domínio de força da União Soviética na Ásia e na Europa Oriental.[29] Cornwell, contudo, desprezava João Paulo II. Ele advertia que, se um papa conservador sucedesse a João Paulo II, a Igreja "se deterioraria" e empurraria "um número ainda maior de católicos na direção do antagonismo, do desespero e da apostasia em massa".[30] É seguro dizer que, na época, Cornwell estava tentando desesperadamente evitar um papado ao estilo de Ratzinger.

O livro de Cornwell *O Pontífice no Inverno* foi o seu último disparo contra o Papa João Paulo II. O título da versão americana desse livro é *O Pontífice no Inverno: Triunfo e conflito no reino de João Paulo II*, mas o título britânico diz mais da inten-

ção de Cornwell: O *Papa no Inverno: A face negra do papado de João Paulo II*. Nesse livro, Cornwell argumentou que João Paulo II tinha "levado um pouco da cortina de ferro consigo" para o Vaticano, a fim de moldar um papado rígido, autoritário. Cornwell não apenas culpa João Paulo II pela disseminação da AIDS e do terrorismo global (assim como o Kremlin culpara os Estados Unidos); também diz que João Paulo II desenvolveu um "patriarcalismo medieval" para com as mulheres, e que seu "maior e permanente legado... pode ser visto e sentido sob várias formas de opressão e exclusão". Cornwell critica os posicionamentos do Papa frente aos ataques do 11 de Setembro, o choque entre o islã e o cristianismo, bem como suas declarações sobre o filme de Mel Gibson *A Paixão de Cristo*. Cornwell acusou os ensinamentos católicos do pontífice de terem "alienado gerações de fiéis", e disse que "o sucessor de João Paulo II herdará uma Igreja disfuncional carregada de problemas".[31]

A intenção clara de Cornwell era evitar que outro conservador se tornasse papa.[32] Seu tema contínuo era que a Igreja precisava descentralizar sua autoridade. Sobretudo, contudo, ele defendia a típica e batida lista de demandas de católicos progressistas, incluindo casamento de padres, ordenação de mulheres, um maior papel da comunidade no governo da Igreja e linguagem inclusiva na missa.[33] Ele ficava claramente ofendido com os ensinamentos da Igreja sobre sexualidade. Cornwell dizia que contracepção, homossexualidade, divórcio e essencialmente todo tipo de sexo extramatrimonial eram questões a serem decididas por adultos, e ele gostaria que a Igreja mudasse de posição sobre esses assuntos. Em vez de oferecer argumentos sólidos, Cornwell comentou pesquisas de opinião sugerindo que a maioria dos católicos têm dificuldades com os ensinamentos da Igreja sobre contracepção, aborto, divórcio e homossexualidade. Ele interpretava isso como resistência à autoridade papal, e a única solução que fazia sentido para ele era enfraquecer o papado e mudar os ensinamentos da Igreja. Isso, parece, é a verdadeira motivação por trás dos seus escritos, e não buscar a verdade.

Em outras palavras, Cornwell recitou a lista batida de acusações contra a Igreja Católica feita via *dezinformatsiya* e usou de técnicas de desinformação para denegri-la mais ainda.

O Papa João Paulo II, talvez melhor que qualquer outra pessoa, reconhecia os paralelos entre os seus esforços e os de Pio XII. João Paulo II, é claro, não tinha uma terrível guerra mundial com que lidar nem tampouco estava ameaçado pela possível invasão da Cidade do Vaticano, mas, dadas essas diferenças, as escolhas feitas por cada um desses líderes foram similares. Como João Paulo II explicou, "qualquer pessoa que não se contente com polêmicas pobres sabe muito bem o que Pio XII pensava do regime nazista e quanto ele fez para ajudar incontáveis pessoas perseguidas pelo regime".[34]

x

Ainda não foi encontrada nenhuma pista concreta da mão da KGB nessa nova guerra contra o mundo cristão, porque os arquivos da KGB, infelizmente, ainda estão fechados. Mas inclinar o Vaticano para que eleja papas anti-americanos simpáticos ao Kremlin e ao seu anti-semitismo histórico há muito é o sonho de Moscou. De acordo com o *New York Times*:

> ...os 49 cardeais reunidos em Roma [em outubro de 1958] para eleger o sucessor de Pio XII ficaram indignados com a tentativa soviética de influenciar sua escolha do próximo papa. A alegada tentativa foi feita em uma transmissão da Rádio Moscou intitulada "Eventos no Vaticano" e emitida para Roma *em italiano*.[35]

A Rádio Moscou afirmou acusativamente que, sob o pontificado de Pio XII, o Vaticano seguiu uma política de apoio público aos "círculos imperialistas mais reacionários e agressivos". Tratava-se, é claro, da "América sionista" e do seu principal aliado, Israel. A transmissão de Moscou também acusou o Papa Pio XII de também ter se intrometido em política e assim "ter destruído o princípio da universalidade da missão da Igreja no mundo". Ecoando críticas de Pio XII levantadas pelos nazistas, a Rádio Moscou concluía: "Expressou-se a esperança de que o novo papa possa se interessar mais por problemas religiosos do que por problemas políticos".[36]

Em 1939, Hitler fez uma tentativa similar com relação ao Colégio Cardinalício. O então embaixador alemão para a Santa Sé convocou Eugenio Pacelli, cardeal secretário de Estado e

camerlengo, e o fez saber os desejos do *Reichskanzler*. Mas Pacelli, o mais intensamente antifascista dos cardeais, foi de todo modo eleito papa.[37]

As esperanças de Cornwell e companhia também foram frustradas em 2005, quando o conservador em matéria teológica Cardeal Joseph Alois Ratzinger se tornou o Papa Bento XVI. Ele não apenas continuou políticas dos seus antecessores; também assinou os papéis que aprovavam a causa de santificação do Papa Pio XII e dirigiu a beatificação de João Paulo II.

No dia 9 de outubro de 2008, Bento XVI afirmou que Pio XII "com freqüência agiu em segredo e em silêncio" para defender os judeus durante o Holocausto. Celebrando missa comemorativa dos 50 anos desde a morte de Pio XII, Bento XVI disse: "À luz das situações concretas daquele momento histórico complexo, ele compreendeu que esse era o único modo de evitar o pior e salvar o maior número possível de judeus". Bento XVI disse que rezava para que o processo de beatificação "pudesse prosseguir com êxito".[38]

PARTE III

ENQUADRANDO O GOVERNO AMERICANO COMO UM BANDO DE ASSASSINOS

* Esta parte do livro contém informações antes publicadas em *Programado para matar: Lee Harvey Oswald, a KGB e o assassinato de Kennedy* (Chicago: Ivan R. Dee, 2007).

29
O FIM DA INOCÊNCIA AMERICANA

O assassinato do presidente John F. Kennedy 50 anos atrás, a princípio visto pelos americanos como um ato aleatório de violência, colocou todo o país em choque. O conto de fadas de Camelot, com sua juventude e beleza, chegava a um fim abrupto e violento, vividamente agravado dois dias depois quando Jock Ruby atirou em Lee Harvey Oswald, o acusado de assassinar Kennedy, matando-o ao vivo na televisão. A polícia de Dallas e o FBI rapidamente identificaram Oswald como um assassino solitário do presidente, mas havia pouca coisa a sustentar essa conclusão.

Havia, contudo, prova irrefutável de que, logo antes de matar o presidente Kennedy, Oswald viajara ao México com identidade falsa e lá se encontrara secretamente com o "Camarada Kostin", Valery Kostikov, um oficial diplomático destacado para a embaixada soviética. Kostikov tinha sido identificado pela CIA como um oficial do Décimo Terceiro Departamento (assassinatos no exterior) da KGB, o qual ficou conhecido em jargão da KGB como o Departamento de Assuntos Molhados (*molhados* significando *sangrentos*). Também há prova irrefutável de que a esposa soviética de Oswald, Marina, estivera em contato com a embaixada soviética nos Estados Unidos e de que ela ocultara evidências das autoridades americanas, as quais confirmavam a viagem secreta do marido para o México e o encontro, lá, com o oficial Valery Kostikov.

Lyndon Johnson, que acabara de ser investido presidente, olhou o assassinato como um caso criminal que cabia à polícia resolver. Em 25 de novembro de 1963, ele disse a J. Edgar Hoover que seria o bastante se o procurador-geral do Texas produzisse um relatório e o FBI trabalhasse com as autorida-

des texanas e unisse o seu próprio relatório ao outro. Hoover concordou.[1] Johnson comentou com o jornalista americano Joseph Alsop que o FBI achava que poderia fazer a investigação de modo mais "sábio, rápido e eficiente".[2] Mas, a essa altura, Johnson ficou sabendo que o senado e câmara americanos queriam iniciar a sua própria investigação devido a novos aspectos internacionais do caso. Ele teve medo de qualquer sugestão oficial de envolvimento soviético no assassinato pudesse levar a uma ameaça nuclear de Moscou.

No dia 29 de novembro, Johnson recebeu informações do Dr. Glenn Seaborg, presidente da Comissão de Energia Atômica. Como Max Holland documentou em *As gravações do assassinato de Kennedy*, "o Dr. Seaborg conta para Johnson, com precisão cuidadosa, sobre as conseqüências de uma troca geral de bombas nucleares com Moscou. O custo em vidas americanas de um único primeiro ataque é tirar o fôlego: 39 a 40 milhões de mortes, sem mencionar as não citadas desestruturação e devastação, que levariam décadas para serem superadas".[3]

Assim, no mesmo dia, Johnson, que enfrentaria eleições dali a poucos meses, criou "um grupo de altíssimo calibre, de primeira linha, seleto", cujo propósito era investigar o assassinato, mas em primeiro lugar invocar a honestidade coletiva dos seus notáveis integrantes e lançar um relatório público que desfaria todos os rumores de "complicações internacionais" desdobradas a partir das conhecidas conexões de Oswald com a inteligência soviética e com a Cuba comunista. Esse grupo veio a ser chamado de Comissão Warren em razão do seu presidente, o juiz Earl Warren.

A Comissão Warren não começou efetivamente seu trabalho de campo até 18 de março de 1964, após o julgamento de Jack Ruby. Norman Redlich, o advogado integrante da Comissão Warren responsável por preparar o questionário da viúva de Oswald, Marina, escreveu em um memorando que ela "mentiu para o Serviço Secreto, para o FBI e para esta comissão repetidas vezes sobre questões que eram de importância vital para o povo deste país e para o mundo". O juiz Warren, no entanto, impediu qualquer tentativa de verificar a sinceridade de Marina por meio de detector de mentiras ou de cruzamento de informações que ela fornecera anteriormente, pois, como explicou à sua

equipe, faria pouco sentido a comissão impugnar a credibilidade de sua principal testemunha do caráter de Oswald.

No dia 15 de junho, a comissão anunciou que tinha concluído sua investigação. O relatório final foi escrito por três advogados – Norman Redlich, Alfred Goldberg e Lee Rankin – que não tinham nenhuma experiência de contra-inteligência e que trabalharam sob "constante pressão da comissão 'para fechar portas em vez de abri-las', em razão da pressão do tempo para concluir o relatório antes da próxima eleição presidencial".

O relatório da Comissão Warren foi publicado pela Imprensa Oficial do governo no dia 24 de setembro de 1964 – seis semanas antes das eleições. Consiste de 26 volumes de depoimentos tomados atropeladamente pela comissão e documentos obtidos principalmente junto a autoridades federais e estaduais e junto ao governo soviético, além de um volume contendo o resumo do relatório. Esse resumo é uma miscelânea desorganizada de material reunido por vários membros da equipe, ao qual é apenso um índice insatisfatório. De todo modo, os 26 volumes publicados contêm uma boa quantidade de informação verdadeira, mas basicamente bruta, a mostrar com clareza a mão soviética aos olhos de um analista munido de conhecimento interno das operações e métodos da inteligência soviética.

A conclusão da comissão foi de que JFK fora morto em 22 de novembro de 1963 por tiros disparados da biblioteca Texas School Book Depository por Lee Harvey Oswald, e que Oswald fora morto dois dias depois no Departamento de Polícia de Dallas por Jack Ruby. A comissão "não achou nenhuma prova a indicar que Lee Harvey Oswald ou Jack Ruby fizesse parte de uma conspiração, doméstica ou estrangeira, para assassinar o presidente Kennedy; depois determinou que "não existe evidência credível de que Oswald fosse agente do governo soviético" e que "ele não recebeu tratamento favorável incomum ao entrar ou sair da União Soviética ou ao retornar para os Estados Unidos". A comissão "não conseguiu aferir com clareza as motivações de Oswald", embora tenha discutido alguns dos seus traços de caráter anti-sociais e anti-americanos que possam ter contribuído para sua motivação.

No fim da década de 1970, a Câmara de Deputados formou seu Comitê Exclusivo sobre Assassinatos e conduziu suas

próprias investigações. Em 1979 publicou 12 volumes de documentos e depoimentos e um volume com resumo acerca do assassinato de JFK (Imprensa Oficial do Governo, com sumário sendo também reimpresso pela editora Bantam). O relatório do comitê realmente contém algum material factual novo e relevante sob a forma de documentos que tinham vindo à luz depois de 1964 e de entrevistas conduzidas pelo comitê, a apontar na direção de Moscou de maneira ainda mais sugestiva do que o material da Comissão Warren. Mais uma vez, contudo, por falta de conhecimento de dentro da inteligência soviética, o comitê da Câmara não pôde avaliar adequadamente o que tinha revelado.

Em seu relatório final, o comitê excluiu a possibilidade de interferência soviética no assassinato, apenas declarando: "Na verdade, a reação do governo soviético, bem como do povo soviético, pareceu ter sido de genuíno choque e pesar sincero. O comitê acreditou, portanto, com base nas evidências que lhe eram acessíveis, que o governo soviético não estava envolvido no assassinato".[4]

Essa credulidade mostrava que o comitê da Câmara, assim como a Comissão Warren, não sabia nada do nível em que o governo soviético tinha sempre dependido de desinformação e logro, ao ponto de falsificar até mapas de Moscou e listas telefônicas. Evidentemente, ninguém se lembrou de que Khrushchev tinha mentido descaradamente ao presidente Kennedy ao negar que os soviéticos estivessem colocando mísseis nucleares em Cuba.

Durante os anos em que fui chefe da estação de espionagem romena na Alemanha Ocidental, envolvi-me numa operação conjunta da KGB soviética e do DIE romeno que ergueria, afinal, o véu a ocultar a rede de conexões supersecreta entre Oswald e a KGB. Em 1958, fui inesperadamente chamado à Berlim Oriental para uma reunião de emergência. O General Nicolae Doicaru, à época diretor interino do DIE, e o coronel da KGB Rudenko, conselheiro soviético de inteligência para tecnologia militar junto ao DIE, estavam me esperando em nossa embaixada.

– Temos uma nova tarefa para você vinda de Moscou – Rudenko explicou. Ele foi quem mais falou. Na mesa à minha frente, o coronel da KGB atirou a tradução romena de um documento americano. Era um comunicado à imprensa (datado de 30 de abril de 1956) que tinha sido distribuído pelo Comitê Conselheiro Nacional para a Aeronáutica (NACA) – o precursor da NASA. O documento relatava que a NACA recebera um novo tipo de avião, o Lockheed U-2, que tornaria possível obter dados meteorológicos necessários aos transportes a jato no futuro, que voariam a altitudes bem acima das utilizadas então pelos aviões, com exceção de umas poucas aeronaves militares.

– Até a mídia americana sabia que isso era mentira – acrescentou Rudenko, entregando-me um recorte de jornal. Era uma reportagem (do *Los Angeles Times* de 14 de abril de 1957) sobre aquele mesmo avião Lockheed U-2 que o governo americano alegava estar sendo utilizado para realizar pesquisas científicas. De acordo com a matéria, o U-2 na verdade era um avião espião, que estava na época voando pela Europa e o Japão sob o nível mais alto de confidencialidade. O fato de que os próprios aviões U-2 eram vigiados cerradamente dia e noite era forte prova de que eram altamente confidenciais e estavam sendo usados em missões extremamente secretas.

– O mais novo instrumento da CIA – Rudenko concluiu, entregando-me um documento russo e sua tradução romena. Era um requerimento emitido pelo serviço de inteligência militar soviético, o GRU (*Gosudarstvennoye Razvedyvatelnoye Upravleniye*), que pedia informações sobre o avião U-2. Após listar o que o GRU já sabia sobre o U-2, a ordem pedia "tudo", inclusive rumores sobre a altitude de vôo dessa "dama negra da espionagem". De acordo com o requerimento, o Ministro de Defesa soviético sabia que os aviões U-2 tinham voado sobre a União Soviética diversas vezes, mas o seu Comando de Defesa Aérea (*Voyska protivovozdushnoy oborony*, ou V-PVO) não tinha conseguido rastreá-lo com precisão por conta de sua altitude ultra-elevada.

Reconhecendo que a altitude de vôo do U-E seria um segredo de alta confidencialidade conhecido por bem poucas pessoas, o GRU indicava um meio indireto de conseguir essa informação, que era saber a extensão máxima de operação do equipamento

de radar americano utilizado para monitorar os vôos do U-2. O requerimento do GRU indicava que a maioria dos vôos do U-2 sobre a União Soviética se originava das bases da Força Aérea Americana em Wiesbaden, na Alemanha Ocidental, e em Atsugi, no Japão, ambas com homens do Corpo de Fuzileiros Navais, e pedia por qualquer informação sobre os equipamentos de radar existentes nesses aeroportos.

No verão de 1959, recebi uma nova orientação da sede do DIE. De acordo com o requerimento, acreditava-se, com base em informação "não confirmada" recém-obtida pela KGB, que o avião espião U-2 podia voar a altitudes de cerca de "3.000 metros" (aproximadamente 90.000 pés). Pedia-se que minha estação fizesse um esforço especial para verificar essa informação e enviar para a sede qualquer confirmação ou complemento disso.

Eu já tinha enviado para a sede dados obtidos da base americana em Wiesbaden, que mostravam claramente que a altitude de vôo do U-2 era um dos mais confidenciais segredos militares americanos, conhecido apenas por pessoas diretamente envolvidas em seus vôos e por uns poucos controladores de tráfego aéreo e operadores de radar da base. A menos que um milagre inesperado ocorresse, eu tinha certeza de que a minha estação não seria capaz de conseguir mais nada sobre o assunto. Pelo novo requerimento, concluí que a KGB tivera mais sorte. Evidentemente, uma dessas outras estações conseguira pôr as mãos em um controlador de tráfego ou operador de radar da base da Força Aérea Americana em Wiesbaden ou em Atsugi.

Eu não demoraria a perceber que isso era verdade. No dia 19 de junho de 1960, Nikita Khrushchev aterrissou em Bucareste como chefe de uma grande delegação de partido para participar do Terceiro Congresso do Partido Comunista da Romênia (na época chamado de Partido dos Trabalhadores), e permaneceu lá por oito dias. O chefe de espionagem e especialista em questões romenas de Khrushchev, General Sakharovsky, viera com ele, embora não estivesse formalmente incluído na delegação do Partido. O Congresso foi dedicado à rápida industrialização da Romênia, e, como à época eu era chefe do departamento de espionagem tecnológica, tornei-me o oficial intermediário junto ao General Sakharovsky.

Khrushchev passou a maior parte das noites sorvendo vodca e contando histórias sobre a queda do primeiro avião espião U-2 no dia 1° de maio de 1960, e sobre a posterior reunião de cúpula em Paris, onde ele acabara de "humilhar" Eisenhower. Conforme vim a saber ao longo desses oito dias quando fui companhia de Sakharovsky, os soviéticos conseguiram derrubar o U-2 só porque a KGB conseguira obter informação confiável sobre a altitude de vôo do avião. Compreendi que a informação fora conseguida em algum momento do fim do ano anterior, mas que o Comando de Defesa Aérea soviético (V-PVO) não tinha, por algum tempo, encontrado oportunidade de verificá-la, porque não houvera mais vôos de U-2 até 9 de abril de 1960. Observando esse vôo, o V-PVO ficou convencido de que a informação da KGB era precisa, e então ajustou seus radares e mísseis, de modo a estar preparado para quando houvesse o próximo vôo. O que aconteceu em 1° de maio de 1960.

– O mais valioso presente de Dia do Trabalho já dada ao Camarada – Sakharovsky disse. Contou-me que, entre o momento em que o U-2 entrou em espaço aéreo soviético até o momento em que foi abatido, ele mantivera contato constante com o comandante do V-PVO, Marechal Sergey Semyonovich Biryuzov. Naquela noite Sakharovsky jantara com o Camarada, e poucas semanas depois foi condecorado com a Ordem de Lênin.

Naturalmente, saudei Sakharovsky pelo seu sucesso. – Um brinde também para o *serzhant*! – arrisquei.

Naquele tempo, *serzhant* era a palavra que não cansava de ser repetida pelos nossos conselheiros soviéticos de *razvedka* (inteligência estrangeira), que deram grande prioridade ao recrutamento de militares americanos. Claro que a KGB queria que recrutássemos oficiais americanos de alta patente, mas a experiência soviética provara que era muito mais fácil a aproximação e recrutamento de sargentos. Eles poderiam nunca chegar a ser coronéis ou mesmo capitães, mas alguns eram agentes de inteligência extremamente produtivos. Era por isso que o Sargento Robert Lee Johnson, que estivera alocado na Alemanha Ocidental nos anos 1950, foi condecorado secretamente como major do Exército Vermelho e recebeu parabéns por escrito do Conselho de Ministros Soviéticos e do próprio Khrushchev.[5] (Anos depois, Vitaly Yurchenko, um oficial da KGB de alta pa-

tente que desertara para a CIA em 1985 – e que logo desertou de volta – relatou que a KGB via o caso do oficial da marinha John Anthony Walker – outro *serzhant* – como o maior sucesso da história da KGB, "ultrapassando até a importância do roubo soviético de orçamentos americanos para a primeira guerra mundial" e causando "conseqüências devastadoras para os Estados Unidos" em caso de irrupção de guerra. John F. Lehman, que era o secretário da Marinha americana quando Walker foi preso, concordou).[6]

– Bom, ele não era um *serzhant* – disse Sakharovsky.

Como era normal, o general soviético não se deteve nos detalhes da operação que levaram à derrubada do U-2 e à captura do seu piloto, Francis Gary Powers. Poucas semanas após o U-2 ter sido abatido, contudo, os conselheiros de *razvedka* do DIE acrescentaram uma pequena invenção ao seu refrão constante sobre a nossa necessidade de recrutar um *serzhant* – agora também nos mandavam começar a procurar por um "desertor".

Na época não estávamos interessados na demanda dos conselheiros de *razvedka* – que *serzhant* americano iria desertar para a Romênia, afinal? Pouco depois de o presidente Kennedy ter sido baleado, no entanto, começamos a nos focar na recomendação dos conselheiros acerca de conseguir um desertor. Para nossa surpresa, descobrimos que, antes de desertar para Moscou, Lee Harvey Oswald tinha sido alocado como operador de radar na super-secreta Base Aérea de Atsugi, fora de Tóquio, e que alguns dos aviões U-2 que sobrevoaram a União Soviética tinham decolado dessa base da Marinha.

Quase ao mesmo tempo, nos Estados Unidos o escritor Edward Jay Epstein estava realizando a sua própria investigação sobre o assassinato de Kennedy, que foi publicada como *Lenda: O mundo secreto de Lee Harvey Oswald* (Reader's Digest/McGraw-Hill, 1978). Esse livro trazia material novo e útil sobre Oswald, que Epstein conseguira achar e documentar cuidadosamente. Epstein dizia ter entrevistado mais de 400 pessoas que estiveram ligadas, de um modo ou outro, a Oswald. Entre elas estavam "cerca de 70 fuzileiros com que Oswald servira no Japão e no Extremo Oriente", a maioria dos quais "nunca tinha sido antes entrevistada pelo FBI ou pela Comissão Warren".

Zack Stout, um dos fuzileiros que tinham sido alocados na Base Aérea de Atsugi junto com Oswald, afirmou que este se envolvera com uma moça japonesa atraente que "trabalhava" como anfitriã na Queen Bee, uma das três boates mais caras de Tóquio e que atendia oficiais seniores americanos e pilotos do U-2. Stout e outros fuzileiros listados se espantavam com o fato de que uma anfitriã de classe tão elevada pudesse de algum modo sair com Oswald. Também se perguntavam como ele poderia pagá-la, já que uma noite com uma moça dessas custaria a Oswald aproximadamente um mês de trabalho.[7] Um tal gasto também era totalmente incompatível com o caráter de Oswald, que sistematicamente fora descrito como mão de vaca ao longo de toda a sua vida.

Quem teria pagado pela moça de Oswald na Queen Bee? O livro de Epstein se centra em suspeitas de que Oswald tinha laços com a inteligência soviética, e isso fornece informação suficiente para indicar que a KGB devia estar pagando e manipulando aquela recepcionista da Queen Bee, que começou a passar seus dias e noites com Oswald.

Algum tempo depois de voltar da União Soviética, Oswald diria num debate de rádio sobre a questão de Cuba que, como mais tarde contou o organizador, o jornalista William Stuckey, de New Orleans, "foi no Japão que [Oswald] se convenceu a ir para Rússia e ver com os próprios olhos como uma sociedade revolucionária funciona, uma sociedade marxista".[8] Diz-se que Oswald teria confidenciado ao seu novo amigo americano George de Mohrenshildt que "me encontrei com alguns comunistas no Japão, e eles me deixaram empolgado e interessado, e esse foi um dos meus estímulos a ir para a Rússia soviética para ver o que acontecia lá".[9]

Em 18 de outubro de 1957, Oswald soube que sua unidade seria embarcada para o Mar do Sul da China e para as Filipinas porque a guerra civil na Indonésia estava esquentando. De acordo com Stout, Oswald parecia infeliz por ter de deixar o Japão. De acordo com George Wilkins, outro fuzileiro que servia com Oswald em Atsugi, no dia 27 de outubro, logo antes da partida, Oswald atirou no próprio braço com uma pistola pequena pistola de grosso calibre que encomendara, em violação das normas do Exército, de uma loja nos Estados Unidos.

O ferimento não parecia sério, e vários fuzileiros acreditavam que Oswald tivesse se acertado de propósito para poder permanecer no Japão. Ele ficou no hospital por quase três semanas, mas foi liberado a tempo de embarcar junto com sua unidade no navio *Terrell County*, no dia 20 de novembro, e seguir para as Filipinas.[10]

Depois de três meses no mar, Oswald e sua unidade retornaram para Atsugi, onde foi julgado pela corte marcial pela posse de arma não registrada. Foi condenado a 20 dias de trabalho pesado, desconto de $ 50 no salário e regressão de sua patente (assim tornando nula sua aprovação no exame para cabo). Embora Oswald tenha recebido uma sentença em suspensão, foi posto para trabalhar no setor de mantimentos em vez de no setor de radares. Ele imediatamente se alistou para obter dispensa por fadiga, esperando, de acordo com outros fuzileiros, ser dispensado no Japão, onde tinha feito amigos. Seu pedido foi negado, o que foi razão para arranjar briga com o sargento que o mandara para os serviços de mantimento, e isso levou Oswald a ficar preso por quase um mês. Quando foi finalmente libertado no dia 13 de agosto de 1958, vários fuzileiros acharam que era um outro homem: frio, ausente e amargo.

De acordo com Joseph Macedo, um companheiro seu na operação de radar, Oswald se queixou: "Já vivi sociedade democrática o suficiente aqui no MACS-1. Quando sair, irei tentar outra coisa". Depois disso Oswald parecia menos ligado que nunca aos outros fuzileiros, freqüentemente desaparecendo por Tóquio.[11]

Oswald finalmente deixou o Japão no dia 2 de novembro de 1958 a bordo do navio americano *Barrett*. Depois de desembarcar em São Francisco, tirou licença de 30 dias para visitar sua mãe e ir caçar esquilos com o irmão. Então, no dia 22 de dezembro de 1958, ele se apresentou para serviço de radar no Esquadrão de Controle Aéreo da Marinha Número 9 (MACS-9) na Base Aérea de El Toro, em Santa Ana, na Califórnia.[12] John Donovan, o oficial no comando da equipe de radar de Oswald, descreveu-o como "competente, muito competente" em qualquer trabalho que o viu desempenhando. Assim como outros fuzileiros alocados ali, Oswald tinha QI muito acima do comum, mas era diferente por seu interesse quase exclusivo por

questões internacionais, e não por mulheres ou esportes, como os outros. Ele gostava de perguntar a algum oficial que estivesse passando acerca de questões internacionais, após o que comentava com Donovan: "Se homens como esse estão nos liderando, é porque há algo de errado – quando obviamente tenho mais inteligência e conhecimento que esse cara". Ele sabia os nomes de muitos filósofos, mas seu conhecimento não ia muito além dos nomes. Expressava particular interesse por Hegel e pelo tema das revoluções sociais. Quando falava com as pessoas, contudo, não parecia tanto estar procurando obter informação, mas antes mostrar o quanto ele próprio sabia – "Ele já tinha feito a própria cabeça e estava disposto a discutir seu ponto de vista com qualquer pessoa".[13]

De acordo com os fuzileiros de sua unidade, o trabalho em El Toro não era exigente, e Oswald passou muito do seu tempo livre estudando russo. Ele assinou um jornal publicado em russo e respondia com *da* e *nyet* quando seus colegas o provocavam perguntando sobre seu interesse pela língua russa e pelo comunismo. Ele parecia gostar de ter o apelido de "Oswaldovich" e de ser chamado jocosamente de "espião russo". Em 25 de fevereiro de 1959, ele fez um teste de russo e recebeu a nota geral de "ruim", que, conquanto baixa, mostrava que ele tinha de fato atingido alguma proficiência nessa difícil língua.[14]

Durante o período em que estava destacado em El Toro, o padrão operacional da KGB requeria que o plano de comunicações para com qualquer agente importante nos Estados Unido fosse baseado em meios *impessoais* de transmissão de informação. A KGB favorecia o uso de depósitos destinados a esconder materiais confidenciais com agentes que podiam fornecer informações através de filmes fotográficos não revelados. Nos poucos casos em que os agentes tinham grandes volumes de documentos para repassar, como no caso de agentes envolvidos em inteligência científica e tecnológica (S&T), a KGB também utilizava armários de estações de trem e de ônibus.

Nelson Delgado, companheiro de quarto de Oswald em El Toro, disse que, perto do fim do período de trabalho de Oswald lá, percebeu entre os papéis dele uma grande quantidade de fotografias "investigativas" mostrando a frente e laterais de um avião de combate. Oswald guardou as fotografias em uma

sacola de tecido junto com algumas outras coisas, e Delgado concordou em depositá-la para ele em um armário na estação de ônibus de Los Angeles e trazer-lhe a chave de volta. Para isso, Delgado crê ter recebido de Oswald dois dólares.[15] Supondo que a recordação de Delgado seja exata, dificilmente haverá outra explicação que não espionagem para uma sacola contendo material confidencial guardada em um armário público.

É bem possível que Oswald tenha incluído nessas sacolas algumas das novas informações sobre a altura em que os aviões U-2 estava voando em seus testes sobre parte do sul da Califórnia. De acordo com Francis Gary Powers, o piloto do U-2 que os soviéticos derrubaram em 1° de maio de 1960, em El Toro Oswald tinha acesso "não apenas a códigos de radar e de rádio, mas também ao novo equipamento de radar aferidor de altitude MPS-16", e a altura em que voava o U-2 é o segredo de maior confidencialidade relacionado a esse equipamento.[16]

No dia 15 de fevereiro de 1962, depois de ter desertado para a União Soviética, Oswald escreveria para o seu irmão Robert: "Ouvi na [rádio] Voz da América (*sic*) que libertaram Powers, o cara do avião espião U2. Grande notícia aí onde você está suponho (*sic*). Ele me pareceu um cara legal, um tipo americano esperto, quando o vi em Moscou".[17]

Teria sido procedimento normal da KGB levar Oswald para assistir ao julgamento de Powers como uma de suas recompensas por ter ajudado a União Soviética a derrubar o U-2. De outro modo, há pouca razão para crer que Oswald o tenha visto em Moscou.

É significativo que o piloto do avião U-2 não tenha sido interrogado pela inteligência militar soviética, como teria sido o normal, caso o abatimento do avião tivesse sido simplesmente resultado de uma operação militar. O Coronel Oleg Penkovsky, um oficial do GRU (serviço de inteligência militar soviético) que mantinha contato clandestino com a CIA, relatou no dia 23 de abril de 1961 que, desde que Powers fora derrubado em uma operação militar, o GRU tinha designado que ele, Penkovsky, porque falava inglês, conversaria com Powers quando fosse trazido para Moscou. Penkovsky disse que, no entanto, o diretor da KGB Aleksandr Shelepin interferiu nos planos do GRU. "Shelepin conseguiu um intérprete e levou Powers".

O próprio Powers depois escreveria que foi interrogado secretamente na Lubyanka, sede da KGB, e isso significa que foi mesmo a KGB, e não o Exército Vermelho, que comandara toda a operação.

Segundo Powers, seu interrogatório começou no mesmo dia em que foi derrubado, e foi testemunhado por cerca de uma dúzia de pessoas, algumas de uniforme, mas a maioria de roupas civis – os últimos sendo evidentemente oficiais importantes da KGB que tinham vindo assistir ao *show*. Durante uma sessão, que fora conduzida por um general em vez dos dois majores costumeiros, "um homem de cerca de 40 anos, baixo, magro e que fumava como uma chaminé, monitorou os andamentos". Posteriormente, Powers viria a saber que esse homem era Shelepin, o diretor da KGB.[18]

Parte substancial do interrogatório de Powers se centrou na altitude de vôo do U-2.[19] Foi-lhe perguntado se ele tinha sido alocado em Atsugi, e ele respondeu sinceramente que não. Seus interrogadores lhe perguntaram especificamente sobre os aviões U-2 em Atsugi, mostrando-lhe reportagens em japonês sobre um U-2 que caíra lá.[20] (Os soviéticos não iriam querer que Powers suspeitasse que pudessem ter uma fonte em Atsugi, e matérias de jornal poderiam explicar de maneira conveniente o interesse deles pela base. Em setembro de 1959, a revista japonesa *Air Views* publicara um relato detalhado do pouso de emergência de um U-2 em um clube de aviação perto de Atsugi e sugeriu que o avião pudesse estar fazendo outros tipos de reconhecimento, que não apenas de condições meteorológicas).[21]

O livro bem documentado de Epstein, voltado principalmente para as suspeitas de que Oswald tinha laços com a inteligência soviética, oferece informações significantes no sentido de que Oswald de fato fora manipulado por Moscou. Epstein até recolheu dados suficientes para levá-lo a suspeitar que George de Mohrenshildt, o rico proprietário de empresa de petróleo que se crê ter vindo da velha nobreza russa e se tornara o "melhor amigo" de Oswald quando de seu retorno aos Estados Unidos, fosse na verdade o recrutador de Oswald.

Em 1977, Epstein se encontrou com De Mohernschildt no Hotel Breakers em Palm Beach, na Flórida. O encontro fora arranjado pela revista *Reader's Digest*. Epstein e De Mohrenschildt

pararam para o almoço e decidiram se encontrar de novo às 15h. Quando este último chegou à casa em Palm Beach em que estava hospedado, encontrou um cartão dizendo-lhe que teria de testemunhar sob juramento no Comitê Exclusivo sobre Assassinatos da Câmara. O corpo de De Mohrenshildt foi encontrado horas mais tarde naquele dia. Cometera suicídio com um tiro na boca.[22]

Infelizmente, Epstein perdia assim o conhecimento de alguém de dentro que poderia tê-lo ajudado a encaixar os casos e peças em uma única imagem geral, e assim chegar a uma conclusão firme. Sua história bem documentada ficou pairando no ar.

30
KHRUSHCHEV: UM MONUMENTO À DESINFORMAÇÃO

Hoje em dia, as pessoas podem se lembrar de Khrushchev como um camponês realista que corrigiu os males feitos por Stálin. Esse é o resultado de uma outra operação bem-sucedida de desinformação. O Khrushchev que foi o *meu* chefe supremo por nove anos – tempo durante o qual fui promovido ao topo da comunidade de inteligência do bloco soviético – era brutal, imprudente e extrovertido. Ele tendia a destruir qualquer projeto em que punha as mãos, e terminou com ódio pessoal ainda maior que o de Stálin pelo que chamava de "burguesia ocidental".

Ouvi muitas vezes Khrushchev dizer, tanto sóbrio quanto bêbado, que Stálin cometeu um erro imperdoável – ele voltara a sua polícia política contra o próprio povo soviético. "Nossos inimigos" não estavam na União Soviética, Khrushchev explicaria. Os milionários americanos é que estavam determinados a varrer o comunismo da face da terra. Eram eles os "nossos inimigos mortais". Eles eram os "cães raivosos" do imperialismo.

Depois que o avião U-2 foi derrubado em espaço aéreo soviético em 1° de maio de 1960, Khrushchev pediu uma reunião do Conselho de Segurança da ONU para contar seu lado da história. Essa reunião começou no dia 23 de maio, prosseguiu por quatro dias e terminou com a decisão de providenciar uma reunião de cúpula das quatro potências em Paris, a fim de apaziguar os ânimos.

O modo como Khrushchev lidou com a reunião em Paris ilustra a sua natureza execrável. Segundo o que eu soube por meio do General Sakharovsky, estando no avião que rumava

para Paris, Khrushchev começou a ficar obcecado pela idéia de que Eisenhower tinha mandado de propósito o seu avião U-2 à União Soviética poucos dias da reunião, com a intenção de sabotar qualquer resolução da crise em Berlim, e assim Khrushchev começou a ferver de "ódio malicioso" pelo seu adversário. Durante o vôo mesmo para Paris, Khrushchev decidiu, então, retirar o seu convite – já aceito – para que Eisenhower visitasse Moscou, a menos que o presidente americano declarasse, do alto do pódio da reunião, que cancelaria o programa de aviões U-2. Quando a reunião de cúpula já estava para começar, Khrushchev decidiu ainda requerer um pedido de desculpas de Eisenhower. Por fim, Khrushchev abriu a reunião de cúpula das quatro potências anunciando publicamente que a União Soviética não iria mais tratar com os Estados Unidos, e que não haveria mais reuniões de cúpula enquanto Eisenhower fosse presidente.

No começo de 1962, a administração do DIE soube que Khrushchev queria entrar para a história como o líder soviético que tinha exportado o comunismo e o poder nuclear soviético para o continente americano. Segundo General Sakharovsky, isso àquela altura já era praticamente algo realizado. Khrushchev previu que o novo presidente dos Estados Unidos, John Fitzgerald Kennedy, sofreria um ataque do coração quando percebesse que foguetes nucleares soviéticos estavam a apenas 90 milhas de distância dele.

Durante os dias críticos da crise dos mísseis cubanos, ocorreu de o líder romeno Gheorghe Gheorghiu-Dej estar visitando o Kremlin. Na manhã de 23 de outubro de 1962, retornando para o seu país após uma visita como líder de Estado à Indonésia e a Burma, Def parou em Moscou, por algumas horas, para informar Khrushchev sobre os resultados de suas visitas. E ali permaneceu. Logo antes disse, Kennedy tinha advertido publicamente Moscou para que recuasse em sua aventura perigosa em Cuba, e Khrushchev – que em momentos críticos sempre buscava uma audiência – precisava de alguém por perto em quem despejar sua raiva. Desta vez foi Dej.

De acordo com Gheorghiu-Dej, o líder soviético estava incomumente irado, e, embora seu encontro tivesse ocorrido antes de meio-dia, Khrushchev já cheirava a vodca. Pouco depois

de Dej ter entrado no escritório de Khrushchev, o Marechal Rodion Malinowski, ministro de Defesa soviético e um velho amigo de Dej (depois da Segunda Guerra Mundial Malinosky se tornara o administrador soviético da Romênia), apareceu e informou que a Marinha Americana fora posta em alerta e que, de acordo com a monitoração eletrônica soviética, o Pentágono estava preparando um bloqueio de Cuba. Khrushchev irrompeu em fúria, gritando, xingando e dando uma avalanche de ordens contraditórias. Sem perguntar a Dej qual era a sua programação para o dia, Khrushchev mandou que fosse dado um almoço formal de Estado e uma noite festiva na casa de ópera em honra de Dej, ordenando que ambos os eventos contassem com a presença de toda a Junta Governativa do Partido Comunista e que fossem amplamente noticiados pela mídia soviética, como demonstração da unidade do bloco.

Ao longo do resto do dia, Khrushchev agiu de maneira ainda mais irracional do que Gheorghiu-Dej jamais vira, com seu humor mudando de um minuto a outro. Durante o almoço solene, Khrushchev praguejou contra Washington, ameaçou jogar uma bomba nuclear sobre a Casa Branca e xingava alto toda vez que alguém pronunciava as palavras *América* ou *americano*. Ao fim da apresentação de ópera, no entanto, ele mudou um pouco de comportamento ao parabenizar pessoalmente a cantora americana que participara da apresentação de *Boris Godunov*.[1]

Na manhã do dia seguinte, Gheorghiu-Dej estava tomando café da manhã com Khrushchev quando o General Vladimir Yefimovich Semichastny, o novo diretor da KGB, presenteou o líder soviético com um telegrama de Washington que acabara de ser decodificado pela KGB, dizendo que Kennedy cancelara sua visita oficial ao Brasil e ordenara uma "quarentena" naval para evitar que 18 navios de carga soviéticos que rumavam para Cuba alcançassem seu destino. Segundo relata Dej, quando Khrushchev terminou de ler o telegrama o seu rosto estava escarlate. Ele olhou inquisitivamente para Semichastny, e, quando o general apavorado aquiesceu, Khrushchev começou a "xingar como um barqueiro". Em seguida jogou o telegrama no chão e o pisou. – É assim que irei esmagar aquela víbora – gritou. A "víbora", explicou Dej ao contar a história, era Kennedy.

Atiçando-se cada vez mais, Khrushchev foi ficando crescentemente histérico, passando vários minutos a gritar ameaças violentas contra a "aquela puta de milionários" e seus mestres da CIA. – Se Kennedy estivesse aqui, o lunático o teria estrangulado na hora – ouvi Dej dizer, quando retornou a Bucareste.

Como vim a saber depois, tão ogo Dej deixou Moscou, Khrushchev encontrou uma nova vítima em William Knox, o presidente da Westinghouse Eletric International, que por acaso também estava visitando Moscou naquele dia. Khrushchev o convocou ao Kremlin "para três horas de ameaças, reclamações e piadas de camponês". Como descreveu a cena o ex-oficial americano William Hyland:

> Khrushchev aparentava estar próximo da exaustão, mas ele advertia que, se um navio soviético afundasse, submarinos soviéticos entrariam em ação. Talvez Khrushchev achasse que Knox fosse soar o alarme na embaixada americana, que por sua vez poderia avisar Washington para que recuasse em seu curso perigoso.[2]

Na noite de 25 de outubro de 1962, Khrushchev recebeu um relatório conjunto do PGU/GRU declarando que as forças convencionais e nucleares dos Estados Unidos tinham sido postas em alerta mundial, e que "a maior força de invasão montada desde a Segunda Guerra Mundial" estava concentrada na Flórida. Esse relatório de inteligência (Sakharovsky o mostrou para mim uns anos depois) concluía haver sérios indicativos de que um ataque a Cuba poderia acontecer nos próximos dois ou três dias. Também soube por meio de Sakharovsky que de manhã cedo, naquele 28 de outubro de 1962, Khrushchev recebera um telegrama de Anatoly Dobrynin, o embaixador soviético em Washington, contendo o texto de uma mensagem que lhe fora enviada pelo procurador-geral Robert Kennedy, irmão do presidente. A mensagem alertava que o tempo estava se esgotando, e que os Estados Unidos estavam preparados para tomar medidas fortes de retaliação ao fim da semana se Moscou não concordasse imediatamente em retirar seus mísseis de Cuba.

Não demorou para que Khrushchev mudasse de idéia. Aproximadamente à meia-noite, no horário local de Moscou, cerca de uma dúzia de navios soviéticos saíram da faixa de confronto. O Kremlin também anunciou publicamente que todas as bases

soviéticas de mísseis em Cuba seriam desinstaladas e que seria permitida inspeção no local.

Na noite daquele mesmo sábado, 28 de outubro de 1962, fui à casa de Gheorghiu-Dej para informá-lo sobre o fim da crise cubana. – Essa é a maior derrota em tempos de paz da história soviética – disse Dej. Também ocorria de ser o dia do meu aniversário, e Dej celebrou ambos os eventos com caviar e champanhe. Embora fosse verdade que Kennedy ganhara, comentou Dej, não apostava nele. – Não morrerá numa cama – previu Dej. Embora tenha tido um prazer inconfessável com a humilhação "apocalíptica" de Khrushchev, Dej também estava aflito. – O lunático poderia facilmente ter explodido de raiva e começado uma guerra nuclear!

x

Nikita Khrushchev foi com certeza o soviético mais controverso a reinar no Kremlin. Ele desmascarou os crimes de Stálin, mas fez do assassinato político um instrumento central de sua política externa; ele concebeu uma política de coexistência pacífica com o Ocidente, mas pôs o mundo no muro da guerra nuclear; ele consertou as relações de Moscou com a Iugoslávia de Tito, mas destruiu a unidade do mundo comunista.

Embora fossem hereges políticos, Lênin e Stálin lutaram para construir um paraíso para os trabalhadores, enchendo o país de complexos industriais gigantescos, erigindo imensas hidrelétricas e até mudando o curso de alguns rios. Khrushchev, por outro lado, tinha uma natureza eminentemente destrutiva: ele derrubou as estátuas de Stálin, sacudiu a imagem da União Soviética como paraíso dos trabalhadores e rompeu com a aliança sino-soviética, tudo sem produzir nada de novo para preencher o vácuo criado. No dia 11 de setembro de 1971, Khrushchev morreu desonrado, mas não sem antes ver suas memórias publicadas no Ocidente, dando sua versão da história.

Tudo na vida Khrushchev desviou-se consideravelmente do caminho tomado pelos seus antecessores soviéticos. Diferentemente de Lênin e Stálin, que vieram da bem restrita classe média russa, Khrushchev pertencera ao na época tornado heróico proletariado, uma categoria social insignificante composta de

camponeses russos urbanizados – o campesinato mais retrógrado de toda a Europa. Neto de um servo e filho de operário de minas inteligente, Khrushchev cresceu em um meio camponês profundamente ignorante e começou sua vida profissional como um trabalhador manual pouco habilidoso. Tornou-se membro do Partido Comunista em 1918, juntou-se ao Exército Vermelho um ano depois e serviu como comissário político nas campanhas contra o Exército Branco e na invasão da Polônia. Diferentemente de Lênin, que fora um advogado, e de Stálin, que estudara num seminário teológico, Khrushchev não tinha educação formal nenhuma quando se tornou ativista do partido. "Quando vimos cartões-postais de bailarinas, pensamos que eram simplesmente mulheres vestindo roupas indecentes", escreveu Khrushchev em suas memórias.[3]

Eu soube do início da carreira de Khrusuchev rumo ao poder principalmente por meio do General Sakharovsky, que se tornara um dos seus colaboradores mais próximos. Claro, Sakharovsky descrevia um bom Khrushchev enquanto ele estava reinando no Kremlin e um mau Khrushchev depois que o líder controverso estava em baixa, mas dei o melhor de mim para corroborar ou refutar de maneira independente as afirmações de Sakharovsky.

Vladimir Lênin, Leon Trotsky, Nikolay Bukharin, Grigory Zinovyev, Lev Kamenev e mesmo Iosif Stálin – todos ascenderam até à liderança da União Soviética por terem se apaixonado intelectualmente pelo marxismo e por terem dedicado suas vidas a ele. Khrushchev pulou até o topo porque era um burocrata belicoso. Ele iniciou sua ascensão ao poder numa época em que Stálin estava em processo de eliminação da velha *intelligentsia* bolchevique e substituição da mesma por camponeses rudes, ignorantes, e por trabalhadores fabris que lhe empenhavam aliança. Khrushchev se adequava perfeitamente a esse molde e foi logo absorvido pela burocracia comunista. Em 1931, após ter sido doutrinado apressadamente em um curso de dois anos na Academia Industrial Stálin, Khrushchev foi destacado como ativista em tempo integral no Comitê Regional de Moscou. Dois anos depois ele se tornou seu segundo-secretário e recebeu o trabalho de supervisionar politicamente a construção do metrô de Moscou. Stálin o notou em 1934 durante uma

visita ao local de construção do metrô, onde Khrushchev bajulou o "Paizinho" do Kremlin.

A demonstração de devoção de Khrushchev, junto à brutalidade que estava usando ao comandar os operários na construção do metrô, deixou impressão tão forte em Stálin, que imediatamente catapultou Khrushchev para a posição de primeiro-secretário do comitê do Partido em Moscou e o tornou um dos 70 membros do Comitê Central do Partido Comunista. Menos de um ano depois, Stálin fez de Khrushchev membro substituto do Politburo governante.

Khrushchev amadureceu politicamente num período em que Lênin e Stálin produziram o que os historiadores hoje vêem como o maior terror em massa da história européia em tempos de paz, um período no qual muitos milhões de soviéticos perderam a vida. Isso deixou uma forte marca na formação de Khrushchev – ele se tornou impulsivo, violento e brutal, e terminou com um profundo ódio pelo que chamava de "burguesia". Estive presente em vários encontros entre o líder romeno Gheorghiu-Dej e Khrushchev, e ouvi repetidas vezes Khrushchev vangloriar-se do seu ódio: – Está no meu sangue – no meu sangue de servo! – Depois de ouvir esses acessos, Gheorghiu-Dej, que havia ele próprio autorizado milhares de assassinatos, várias vezes expressou preocupação com a sede de sangue de Khrushchev.

Khrushchev se tornou ativista do Partido num período em que a política soviética era implementada por meio de pesada propaganda e desinformação. Daí ele ter amadurecido como um compulsivo tagarela político que não tinha nenhuma apreciação objetiva dos fatos e enchia seus discursos de distorções, omissões deliberadas e francas mentiras. Segundo Sakharovsky, muitas vezes os intérpretes que Khrushchev utilizava no exterior (sendo que todos eram oficiais de Sakharovsky) tinham de mudar o sentido de suas declarações ou ignorar algumas delas por inteiro, porque vinham cheias de vulgaridades, inexatidões, enganos e autocontradições.

A colaboração bem próxima de Khrushchev nos assassinatos ordenados por Stálin fez-lhe conhecedor do que o crime político era capaz de realizar e lhe desenvolveu um gosto pela simples solução criminosa. Em 1936, Stálin iniciou o seu Grande Expurgo

com o propósito de eliminar toda competição e oposição que pudesse haver. No massacre que se seguiu, quase sete milhões de pessoas morreram, incluindo a maior parte dos comunistas soviéticos de elevada posição.

Dos sete homens que integravam o Politburo de Lênin à época da Revolução de Outubro, só Stálin sobreviveu aos expurgos. Entre os secretários provinciais do Partido, só sobreviveram três, os quais haviam zelosamente apoiado os expurgos de Stálin. O excêntrico Khrushchev, que na condição de chefe do Partido em Moscou tinha ardente e ferozmente apoiado os novos expurgos de Stálin desde o começo, foi um desses três. Como recompensa suplementar, em 1938 Stálin o apontou primeiro-secretário do Partido na Ucrânia e lhe deu a tarefa de organizar um expurgo similar em seu novo território. Lá Khrushchev levou a cabo os desejos do seu mestre com selvageria e brutalidade.

O hábito de se valer de assassinatos políticos acompanhou Khrushchev até o fim da sua carreira. Seu vício adquirido por crime político está bem ilustrado pela pessoa que escolheu como novo chefe de sua secreta polícia política. Em 1954, Khrushchev reconstituiu essa organização fazendo-a o Comitê de Segurança de Estado (KGB), e colocou no seu comando um homem que era ainda mais sangrento do que Beriya tinha sido. O General Ivan Serov, o primeiro diretor da "nova" KGB, tinha se tornado infamemente conhecido pela brutalidade com que, durante o governo de Stálin, tinha deportado à força pessoas do Cáucaso, esmagado a oposição anticomunista nos países bálticos e assassinado, na floresta de Katyn, perto de Smolensk, aproximadamente 22.000 oficiais poloneses "burgueses", que tinham sido feitos prisioneiros de guerra pelo Exército Vermelho. Referindo-se à sua escolha, Khrushchev disse: "Os substitutos de Beriya eram Kruglov e Serov. Eu mal conhecia Kruglov, mas conhecia Serov bem e confiava nele. Pensei então, e ainda penso, que Serov é um homem honesto. Se há algumas coisas duvidosas a seu respeito, como há a respeito de todos os *chekistas* [isto é, membros da polícia política], então vamos apenas dizer que ele era uma vítima da política geral de Stálin".[4]

Lênin e Stálin diziam-se internacionalistas e assassinaram indiscriminadamente tanto estrangeiros como cidadãos soviéticos. As origens camponesas de Khrushchev, no entanto, moldaram-no

num tal tipo de nacionalista ucraniano, que depois de Stálin ter morrido ele abriu mãos das túnicas cinzas abotoadas até o pescoço, que havia se tornado uma espécie de uniforme comunista internacional, e em seu lugar começou a usar roupas de proletário camponês que ele próprio inventou. Isso foi mais ou menos na época em que Khrushchev atenuou a repressão sobre os cidadãos soviéticos e levou o ápice de sua violência para o exterior.

Quando Khrushchev se tornou o líder da União Soviética, ele ainda não tinha pisado no exterior nem tampouco tinha tido oportunidade de discutir questões internacionais com Stálin, pois este último tinha estabelecido para si uma exclusividade pessoal nesse campo. Tudo o que Khrushchev sabia sobre capitalismo era, portanto, somente aquilo que aprendera da propaganda soviética. Ele estava inteiramente convencido de que o Ocidente era o pior inimigo do mundo, e de fato acreditava que o elemento central da política externa soviética necessariamente tinha de ser a luta contra os "milionários" e seus países "burgueses". Em suas memórias, ele escreveu: "Até a morte, Stálin costumou nos dizer: 'Vocês verão, quando eu me for as potências imperialistas torcerão seus pés como se vocês fossem galinhas'".[5]

A total ignorância de Khrushchev sobre o mundo civilizado, junto ao seu ódio irracional da "burguesia" e à sua propensão a ofender as pessoas, o fez acreditar que desinformação e ameaças eram os meios mais eficientes e dignos de um líder soviético lidar com governos "burgueses". Na primavera de 1956, ele foi a Londres junto com o Premiê Nikolay Bulganin, em resposta a um convite do Primeiro-Ministro Anthony Eden. De acordo com o que eu soube por meio de Sakharovsky, o principal propósito de Khrushchev na viagem era persuadir Eden tranqüilamente a vender tecnologias e equipamentos proibidos para a União Soviética. Contudo, a decisão de Khrushchev de levar consigo para Londres o diretor da KGB, General Serov, ocasionou uma tempestade na imprensa britânica, e assim a visita começou mal. A razão de as negociações terem dado tão mal foi Khrushchev ter começado se gabando do arsenal de bombas de hidrogênio de Moscou, depois de Eden ter se recusado a contornar o embargo ocidental de bens estratégicos para a União Soviética.

Próximo ao fim de 1957, Moscou soube que os Estados Unidos estavam prontos para estabelecer bases de mísseis de médio alcance em território de países parceiros da OTAN. Em uma tentativa de evitar o movimento, Khrushchev enviou uma nota ameaçadora ao líder de cada país da OTAN. A nota enviada à Grã-Bretanha, que foi formalmente assinada pelo Premiê Bulganin, mas refletia inteiramente o estilo de Khrushchev, dizia:

> Afirmo francamente que acho difícil compreender o que, ao tomar parte de uma tal política, guia o governo de um país como a Inglaterra, a qual está não apenas em uma posição extremamente vulnerável por força de sua situação geográfica, mas que também, de acordo com o que admitiram os seus próprios representantes, não tem meios efetivos de defesa contra os efeitos de armas modernas. Tampouco pode haver, é verdade, uma tal defesa.[6]

No começo de novembro de 1959, após a nacionalização do Canal de Suez pelo presidente egípcio Gamal Nasser, a Inglaterra e a França enviaram uma força expedicionária para tomar o Porto Said e estabelecer controle do canal. No dia 4 de novembro, um dia após a invasão soviética da Hungria, Khrushchev ameaçou de modo impertinente os "agressores" ocidentais. Uma carta de Moscou enviada para o governo inglês, por exemplo, dizia:

> Se foguetes fossem utilizados contra a Inglaterra e a França, vocês sem dúvida diriam ser um ato bárbaro. Mas no que isso difere do ataque inumano feito pelas forças armadas inglesas e francesas contra um praticamente desarmado Egito?... Estamos inteiramente dispostos a utilizar a força para esmagar os agressores e restaurar a paz no Oriente.[7]

Desinformação sempre foi um componente central da política exterior soviética. Isso caía como uma luva em Khrushchev, embora ele fosse em breve descobrir que enganar o Ocidente era consideravelmente mais difícil do que mentir para os seus companheiros soviéticos. Khrushchev, que passara a Segunda Guerra Mundial como general, considerava-se um especialista em desinformação militar; portanto, uma vez no Kremlin, fez da desinformação militar um pilar central de sua política externa. Segundo o que eu soube através de conselheiros de *razvedka*, Khrushchev começou tentando persuadir o Ocidente de que a força aérea da União Soviética tinha se tornado superior

à dos Estados Unidos. "Walnut" era o codinome pelo qual essa operação da KGB, coordenada pelo próprio Khrushchev, era conhecida no DIE.

Bem quando eu estava deixando a minha missão como chefe de espionagem da Romênia na Alemanha Ocidental, o conselheiro do DIE em matéria de inteligência em tecnologia militar, o Coronel Rudenko, da KGB, disse-me que em julho de 1955 Nikita Sergeyevich tinha organizado um Dia da Aviação "espetacular", no qual montes e montes dos novíssimos aviões de bombardeio MYa-4 tinham voado sobre Moscou. Na verdade, tinha sido o mesmo esquadrão a reaparecer a intervalos de minutos. – Era tudo o que tínhamos – explicou Rudenko.

O interminável espetáculo aéreo causou choque na mídia ocidental, disse o conselheiro da KGB, ao qual se seguiu uma avalanche de dados "vazados por nós" mostrando que Moscou tinha ultrapassado Washington em força estratégica de bombardeio. – E isto acabou de chegar – disse Rudenko durante a mesma conversa, entregando-me um estudo "documental". Seu material tinha sido preparado em Moscou e continha comparações entre os aviões de bombardeio estratégico soviéticos TU-20 e MYa-4 e os americanos B-47 e B-52. O cerne do estudo era que a União Soviética agora tinha mais e melhores aviões de bombardeio estratégico que os Estados Unidos, e a missão da minha estação era vazar essas comparações para a mídia da Alemanha Ocidental.

Como vim a saber posteriormente, o governo dos Estados Unidos foi enganado apenas temporariamente pela desinformação de Khrushchev sobre os aviões. Na primavera de 1957, pouco depois dos aviões U-2 estarem prontos para uso, o diretor da CIA, Allen Dulles, escreveu para o Senador Stuart Symington:

> A estimativa da força de bombardeio soviética de 1° de abril de 1956, que foi dada em meu depoimento ao seu comitê, foi em grande medida baseada em uma quantidade calculada com base em indícios anteriores. Após o meu depoimento ao seu comitê em abril de 1956, os serviços de inteligência conseguiram novas e melhores indícios sobre a produção soviética de aviões de bombardeio e sobre sua frota de unidades operacionais, e assim fizemos uma revisão completa de nossas estimativas sobre o assunto, [o que] reduz a produção total estimada de aviões Bison (o equivalente russo do B-52).[8]

Poucos meses depois de eu ter chegado a Frankfurt como chefe de estação, fui informado pela sede do DIE de que a KGB tinha lançado a "Operação Walnut II", com o propósito de fazer o Ocidente acreditar que a União Soviética tinha também o maior poder em mísseis. Mais uma vez, Khrushchev lançou sua primeira cartada dizendo a James Reston do *New York Times*: "Agora temos todos os foguetes de que precisamos: de longa de distância, de média distância e de curta distância".[9] Os departamentos de desinformação dos serviços de inteligência do bloco soviético acompanharam o passo, e logo o Ocidente estava sob a impressão disseminada de que havia um crescente gradiente no poder de mísseis a favor da União Soviética, que, além de uma ampla variedade de foguetes ofensivos, também possuía sofisticados foguetes antimísseis aptos a defender o seu território. Três anos depois, no entanto, a administração Eisenhower estava em posse de forte indício, obtido por seus aviões U-2 de reconhecimento, de que os soviéticos na verdade só tinham duas bases de mísseis.

O filme capturado pelos soviéticos do avião U-2 abatido sobre a União Soviética em 1° de maio de 1960 mostrou que Washington estava conseguindo ver para além das mentiras de Moscou, mas Khrushchev evidentemente não conseguia compreender que o seu jogo tinha sido comprometido. Novas instruções de Moscou pediam ao DIE que redobrasse seus esforços para enganar o Ocidente acerca da "diferença de poderio de mísseis" e para espalhar rumores de que à época Moscou possuía também já possuía sistemas antimísseis. Foi apenas em suas memórias que Khrushchev se permitiu indiretamente reconhecer que suas alegações de superioridade soviética em mísseis tinham sido uma mentira deslavada: "Eu costumava afirmar nos meus discursos que tínhamos desenvolvido sistema antimíssil capaz de acertar até uma mosca, mas é claro que isso era apenas retórico para fazer nossos adversários pensarem duas vezes antes de agir".[10]

Por fim, a farsa dos mísseis de Khrushchev se voltou contra ele, assim como a maioria de suas aventuras em política externa. Temporariamente convencidos de que realmente Moscou tinha vantagem em poderio de mísseis, os Estados Unidos se empenharam numa fabricação em massa de armas que em pou-

co tempo lhes garantiu uma superioridade em foguetes arrasadora sobre a União Soviética. Ao mesmo tempo os chineses, que tomaram a sério a "farsa dos mísseis" de Khrushchev, não conseguiam compreender como ele não se valera dessa vantagem, e logo o estigmatizaram como sendo "brando" para com o imperialismo e o acusaram de abandonar os princípios comunistas.

Estava acesa a primeira chama do incêndio que levaria Khrushchev para fora do seu cargo. Em 14 de outubro de 1964, menos de um ano após Kennedy ter sido assassinado, Khrushchev foi acusado de "conceber planos descuidados, tomar decisões precipitadas, proceder a ações divorciadas da realidade, de fazer fanfarronice e governar por decreto", e então foi removido do trono.[11]

Muitos anos depois, Khrushchev, já sepultado, sofreu sua última indignidade quando seu filho Sergei se tornou cidadão americano, o país para cuja destruição seu pai dedicara a vida. Em 2000, Sergei Khrushchev publicou um livro extenso no qual tenta dar um rosto humano ao seu pai.[12] Achei-o sincero e convincente, mas trata de um Khrushchev inteiramente diferente – um Khrushchev sereno, pacífico, carinhoso. Assim também se minha filha, que hoje de igual modo é cidadã americana, um dia decidir escrever um livro sobre seu pai, ela não saberia nada sobre a minha verdadeira carreira na Romênia. Embora ela tenha visitado o meu escritório de fachada e eu freqüentemente a tenha levado ao Clube dos Generais da *Securitate*, ela nunca conseguiria ter um vislumbre do meu verdadeiro trabalho como chefe de espionagem da Romênia. Essa era mais uma das regras seguidas rigidamente que foram herdadas de Moscou.

Infelizmente, continuamos a lidar com os legados do Khrushchev que eu conheci – não o Khrushchev que o seu filho descreve.

31
OPERAÇÃO DRAGÃO

No dia 26 de novembro de 1963, quatro dias depois de o presidente Kennedy ter sido assassinado, o General Sakharovsky aterrissou sem aviso em Bucareste, no que se mostrou ser a primeira parada de uma viagem repentina por todos os principais serviços "irmãos". Dele soubemos nós, do DIE, que a KGB já tinha lançado uma operação mundial de desinformação objetivando desviar a atenção pública de Moscou a respeito do assassinato de Kennedy e enquadrar a CIA como culpada. O próprio "Camarada" – Khrushchev – queria deixar claro a todos os "nossos serviços irmãos" que essa era de longe a nossa primeira e mais importante missão.

"O Camarada" tinha medo, disse-nos Sakharovsky, de que, se a mídia e a opinião pública americanas começassem a apontar o dedo para Moscou, isso pudesse acabar num confronto nuclear. Tempo era questão essencial. Era crucial, enfatizou Sakharovsky, espalhar nossa versão do assassinato antes que Washington pudesse espalhar a sua própria, de modo que nossa máquina de desinformação pudesse plantar em solo virgem a idéia de que a CIA era responsável pelo crime.

Nós no DIE achamos melhor fazer perguntas a Sakharovsky. Mas nós já sabíamos do que se tratava.

Culpar a CIA pelos assassinatos e seqüestros da KGB no exterior era uma tática de desinformação que tinha sido introduzida por Khrushchev depois do 20º Congresso, no qual "desmascarou" os crimes de Stálin. A despeito da tendência da KGB para trabalho burocrático de escritório, Khrushchev ordenou que, dali em diante, todas as operações relacionadas a assassinatos e seqüestros no exterior deveriam ser tratadas estritamente de maneira oral. Não deveriam jamais ser consignadas em papel

e deveriam permanecer totalmente desconhecidas do Politburo e de todo o corpo do governo. Somente o próprio Camarada podia aprovar assassinatos e seqüestros no exterior. Independentemente de qualquer prova que pudesse ser produzida por investigações estrangeiras, a KGB nunca iria reconhecer seu envolvimento em assassinatos e seqüestros; qualquer prova nesse sentido deveria ser de imediato desmerecida como uma acusação ridícula.

Enfim, depois de cada uma de suas operações, a KGB estava sub-repticiamente espalhando "provas" no Ocidente, acusando a CIA ou outros "inimigos" convenientes de terem cometido o crime, desse modo, se possível, matando dois coelhos com uma só cajadada. Ficamos sabendo da nova estratégia de Khrushchev após o 20° Congresso por meio do General Ivan Anisimovich Fadeyev, o novo chefe do rebatizado e consideravelmente expandido departamento da KGB de assassinatos no exterior, que viera a Bucareste por conta de uma "troca de informações".

O General Fadeyev era conhecido da administração do DIE desde os anos em que ele estivera à frente da *rezidentura* da KGB na Berlim Oriental, que se tornou um mecanismo infame para assassinar pessoas na Alemanha Ocidental ou seqüestrá-las de lá. Ele também tinha sido fundamental na repressão brutal das manifestações anti-soviéticas na Berlim Oriental em junho de 1953, quando suas tropas da KGB abriram fogo contra os manifestantes. Isso fora demais mesmo para o sangrento Stálin, já que Fadeyev fora convocado de volta a Moscou. Não fora demais para Khrushchev, contudo.

Em 1957, o General Fadeyev iniciou sua troca de experiências em Bucareste repetindo o bordão de Khrushchev, de acordo com o qual Stálin cometera um erro imperdoável ao mobilizar o aparato de segurança de Estado contra o próprio povo da União Soviética. Fadeyev disse que, quando Khrushchev fez o seu "discurso secreto", a única coisa que ele tinha em mente era corrigir essa aberração. Em dezembro de 1917, quando Lênin fundou a *Cheka*, deu-lhe o emblema de um escudo e uma espada para simbolizar seus deveres: amparar e proteger a revolução comunista e tratar seus inimigos à base da espada. Lênin nunca teve a intenção, disse Fadayev, de "nos" usar contra "nosso próprio povo". 10 milhões de cidadãos soviéticos deram suas vidas para

defender o "nosso" sistema político durante a Segunda Guerra Mundial – que outra prova é necessária para comprovar devoção ao comunismo?

Fadayev explicou que os "nossos inimigos" não estavam na União Soviética. A burguesia americana e nossos próprios traidores que tinham desertado da terra-mãe e agora a atacavam desde o exterior eram os nossos "inimigos mortais". Deveríamos direcionar o fio de nossa espada contra eles, e somente contra eles, para cumprir com o "nosso destino histórico" de coveiros do capitalismo. Foi isso que Nikita Sergeyevich realmente quis nos dizer com o seu "discurso secreto".

Na realidade, explicou Fadeyev, uma das primeiras decisões de Khrushchev em matéria de política externa após sentar-se no trono do Kremlin tinha sido sua ordem, em 1953, de que um desses "inimigos mortais" fosse assassinado. Fadeyev estava se referindo à operação da KGB com o objetivo de matar Georgy Okolovich, um emigrado ucraniano que era o líder da Aliança Trabalhista Nacional (*Natsionalnyy Trudovoy Soyuz* ou NTS), uma das organizações de emigrados russos mais agressivamente anticomunistas da Europa Ocidental. Embora nascido na Criméia, Khrushchev passara anos como representante de Stálin na Ucrânia e se considerava ucraniano – ele em breve incorporaria a Criméia à Ucrânia –, e assim lhe era bastante normal inaugurar sua política externa planejando "neutralizar" os líderes das organizações anticomunistas dirigidas por emigrados ucranianos.

A equipe de execução da KGB chegou à Alemanha Ocidental em fevereiro de 1954. Infelizmente, do ponto de vista de Fadeyev, o chefe da equipe, o oficial da KGB Nikolay Khokhlov, "traiu o seu país" desertando para a CIA. Já que problemas nunca vêm sozinhos, acrescentou Fadeyev, dois outros oficiais da unidade de execução da KGB desertaram quase ao mesmo tempo: Yury Rastvorov em janeiro de 1954 e Petr Deryabin no mês seguinte.

Segundo Fadeyev, todos esses reveses levaram a mudanças dramáticas. Primeiro, Khrushchev ordenou que a KGB espalhasse rumores pelo mundo de que ele havia desmantelado a estrutura de assassinatos da KGB. Ele então rebatizou seqüestros e assassinatos no exterior com o eufemismo de operações de

"neutralização". Por fim, deu ao Nono Departamento – já que o departamento de assassinatos já tinha à época sido desativado – o novo nome de Décimo Terceiro Departamento, cercou sua existência de profundo segredo e o colocou diretamente sob sua própria supervisão. Tendo feito tudo isso, Khrushchev então deu um novo padrão às operações de "neutralização" da KGB.

Antes de Fadeyev deixar Bucareste, o DIE conseguira o seu próprio departamento ultra-secreto de seqüestros e assassinatos no exterior. À nova unidade foi dado o nome de "Grupo Z", porque a letra Z era a última letra do alfabeto, representando a "solução final". Apenas o chefe do DIE tinha conhecimento de suas operações, mas compreendíamos que sua estrutura era praticamente idêntica às de suas unidades "irmãs" recém-criadas nos serviços de inteligência estrangeira da Alemanha Oriental, da Hungria e da Bulgária. Seguindo outro padrão da KGB, todas as quatro unidades "irmãs" tinham seus departamentos operacionais na Berlim Oriental, e todas eram equipadas pela KGB com arsenal completo, indo desde poderosos soporíferos a agentes de confiança vivendo no Ocidente, os quais antes tinham sido utilizados em operações terroristas pelos vários serviços do bloco, assim permitindo a padronização dos métodos operacionais.

De fato, uma das primeiras operações conduzidas pelas novas regras de Khrushchev foi realizada conjuntamente pela KGB, o DIE e a *Stasi* da Alemanha Oriental em setembro de 1958, quando o líder dos emigrados romenos anticomunistas, Oliviu Beldeanu, foi secretamente seqüestrado na Alemanha Ocidental. O jornal oficial da Alemanha Oriental, o *Neus Deutschland*, e seu equivalente romeno, o *Scînteia*, botaram a culpa do crime na CIA publicando comunicados oficiais à imprensa que afirmavam ele ter sido preso na Alemanha Oriental depois de ter sido infiltrado lá secretamente pela CIA, a fim de realizar operações de sabotagem e despiste.

Ora, no fim de novembro de 1963, um mensageiro especial da KGB notificou a administração do DIE de que, no âmbito da Operação Dragão, deveríamos incluir menção a um invejoso presidente Johnson como instigador do complô da CIA, que ele supostamente teria organizado no Texas, onde tinha influência. Em dezembro, como parte do complô, a KGB acrescentou os "manda-chuvas" do "complexo industrial-militar" americano,

que estavam supostamente furiosos com Kennedy por este querer retroceder quanto à presença militar no exterior e, portanto, quanto aos gastos com armas (e quanto aos ganhos dos manda-chuvas).

A Operação Dragão se tornou uma das operações de desinformação mais bem-sucedidas da história contemporânea. De acordo com *JFK*, um filme de 1991 de Oliver Stone, o assassinato do presidente Kennedy foi resultado da cúpula do governo americano, implicando membros do complexo industrial-militar, a CIA, o FBI, o Serviço Secreto, a máfia e Lyndon Johnson. O filme foi indicado a oito Oscars e ganhou dois. De acordo com uma pesquisa de opinião feita posteriormente pela Gallup, de dois terços a três quartos dos americanos acreditavam que de fato houve uma conspiração da CIA para matar John F. Kennedy.[1]

Por muitos anos, não foi oferecida explicação satisfatória para as motivações de Oswald, porque toda a importante dimensão das preocupações da política externa soviética e da prática da inteligência soviética, no fim da década de 1950 e no começo da de 1960, não tinha sido considerada com relação a Oswald por nenhuma autoridade competente.

Em 2007, publiquei *Programado para matar: Lee Harvey Oswald, a KGB soviética e o assassinato de Kennedy*, livro no qual estou basicamente preocupado em documentar e explicar os eventos que culminam no assassinato. De fato incluí tudo o que eu soube sobre a campanha subseqüente desde a perspectiva romena, mas mal pude abordar o que agora se tornou uma avalanche de mentiras insistentes, opiniões esquisitas e análise amadora advinda da mídia de tudo quanto é país ao longo desses anos. Como aquele bastante esperto mestre do engano, Yuri Andropov, uma vez me disse, se uma boa desinformação é repetida vezes e vezes, depois de um tempo ganhará vida própria e irá – sozinha – gerar uma horda de advogados involuntários, mas apaixonados.

Permitam-me resumir a análise constante em meu livro do que levou ao assassinato, dando aos soviéticos uma imensa dor de cabeça em novembro de 1963. A KGB recrutara Oswald por

motivos ideológicos quando ele era um fuzileiro naval americano alocado no Japão. Quando ele insistiu em desertar para o paraíso soviético, a KGB o manteve por três anos e depois o persuadiu a retornar temporariamente para os Estados Unidos, para que assassinasse o presidente Kennedy, que havia humilhado demais o ídolo de Oswald, Khrushchev, diante do mundo inteiro. Durante essa época, Oswald foi doutrinado intensamente, recebeu treinamento de comunicações e armamentos, recebeu uma esposa soviética que fora treinada para assisti-lo e depois foi despachado para o Texas. Uma vez lá, um empresário americano, George de Mohrenschildt, ajudou Oswald a se estabelecer em seu novo ambiente.

De Mohrenschildt fora um enigma para a maioria dos investigadores do assassinato e até para os seus amigos. Boa parte de *Programado para matar* trata de Mohrenschildt. Permitam-me aqui apenas dizer que ele foi um oficial ilegal soviético de longa data cuja biografia havia mudado freqüentemente, para se adequar às suas tarefas de inteligência soviética. De Mohrenschildt se tornou cidadão americano na década de 1930, durante a era nazista, quando foi documentado por Moscou como Barão George *von* Mohrenschild, filho do curador alemão dos "interesses suecos de Alfred Nobel" nos campos de petróleo de Baku. Perto do fim da Segunda Guerra Mundial, quando ficou claro que os nazistas seriam derrotados, o barão alemão se tornou o francês George *de* Mohrenschildt, que freqüentara uma escola comercial na Bélgica fundada por Napoleão. Depois da Segunda Guerra, ele passa a dizer que o seu pai tinha sido um engenheiro russo nos campos de petróleo de Ploieşti, na Romênia, lá capturado pelo Exército Vermelho e executado. Não admira que De Mohrenschildt tenha cometido suicídio quando foi convocado para testemunhar sob juramento no Comitê Exclusivo Sobre Assassinatos da Câmara, em 1977.

Na época em que Oswald estava estabelecido no Texas, Khrushchev tinha mudado de idéia sobre assassinar Kennedy. Em outubro de 1962, Khrushchev tinha sido desmascarado como assassino político em um julgamento público espetacular na Suprema Corte da Alemanha Ocidental. O réu era Bogdan Stashinsky, um oficial do Décimo Terceiro Departamento da KGB, que desertara para a Alemanha Ocidental em 1961. Ele

confessou ter assassinado dois líderes ucranianos emigrados em 1957 e 1959 sob ordens de Khrushchev, pelo que este depois o condecorou pessoalmente. O que começara como julgamento de Stashinsky se transformou num julgamento de Khrushchev.

O extravagante, impulsivo e imprevisível governante do Kremlin, cujo discurso "secreto" desmascarando os crimes de Stálin ainda estava fresco na memória de todos, agora aparecia como só mais um odioso açougueiro – como rematado mentiroso. Não era de maneira alguma verdadeiro que após o 20° Congresso do Partido Khrushchev houvesse feito parar os assassinatos cometidos pela KGB; ele tinha apenas voltado o seu foco para o exterior. A Suprema Corte da Alemanha Ocidental declarou Stashinsky apenas "cúmplice de assassinato".

"Assassinato é agora cometido sob ordens expressas do governo", explicou o juiz. "O assassinato político foi, digamos assim, institucionalizado".[2] Qualquer revelação de uma mão soviética no assassinato do imensamente popular presidente americano seria fatal para Khrushchev.

Oswald tinha chegado aos Estados Unidos pouco antes do bastante noticiado julgamento de Stashinsky, após o qual a KGB tentou desligar Oswald. A KGB lhe enviou várias mensagens, e depois ele teve encontros secretos na Cidade do México com o "Camarada Kostin", o especialista em assassinatos da KGB que tinha sido designado para aquele país vizinho, onde se podia realizar com segurança encontros clandestinos. Infelizmente Oswald tinha sido tão bem doutrinado para a sua missão que ele insistiu em continuar por conta própria, convencido de que sabia o que o seu ídolo Khrushchev realmente queria.

Eis aqui alguns indícios da maior importância que foram encontrados em vários lugares após o assassinato de Kennedy. Esses elementos nunca foram apreciados seriamente pelos investigadores americanos, que não estavam familiarizados com o *modus operandi* da KGB. São, contudo, cruciais para a compreensão de Oswald, de sua conexão secreta com a unidade supersecreta de assassinatos no exterior da KGB e da razão de por que, no fim, agiu sozinho.

A Comissão Warren concluiu que Oswald não tinha *nenhum* laço secreto com a KGB e *nenhum* laço com o seu Décimo Terceiro Departamento, que era responsável por assassinatos no

exterior. Durante o longo fim de semana do feriado de 9 a 11 de novembro de 1963, contudo, Oswald mandou uma carta para a embaixada soviética em Washington, na qual descrevia o encontro que acabara de ter com o "camarada Kostin" na Cidade do México, que em outro momento também é chamado de Camarada Kostikov. Como observado anteriormente, a CIA identificou o "camarada Kostin", ou "Camarada Kostikov", como Valery Kostikov, um oficial do Décimo Terceiro Departamento, que tinha sido enviado sob disfarce diplomático para a embaixada soviética no México.

Depois do assassinato, um esboço escrito da referida carta de Oswald foi encontrado entre os objetos de Oswald na garagem de Ruth Paine, uma americana em cuja casa Oswald passara aquele fim de semana. Ruth testemunhou sob juramento que Oswald reescrevera várias vezes aquela carta antes de datilografá-la na máquina de escrever dela. Era importante para ele. Uma fotocópia da carta final enviada por Oswald à embaixada soviética foi recuperada pela Comissão Warren. Permitam-me citar essa carta, na qual inseri entre colchetes a versão esboçada antes por Oswald:

> Isto é para informá-lo dos eventos recentes desde o meu encontro com o camarada Kostin [*dos novos eventos desde as minhas conversas com o camarada Kostin*] na Embaixada da União Soviética, na Cidade do México. Não pude permanecer no México [riscado no esboço: *porque considerei inútil*] por tempo indefinido por conta das restrições do meu visto, que era de apenas 15 dias. Não podia requerer um novo visto [*solicitar um prolongamento*] a menos que utilizasse meu nome verdadeiro, então retornei para os Estados Unidos.

O fato de que Oswald tenha utilizado um codinome operacional ao se encontrar com Kostikov indica, para mim, que seu encontro na Cidade do México e sua correspondência com a Embaixada Soviética de Washington foram conduzidos em um contexto de operação da KGB. O fato de Oswald não utilizar o seu verdadeiro nome para conseguir sua viagem ao México permite confirmar essa conclusão.

Agora vamos relacionar essa carta *previamente combinada* ao guia gratuito da Cidade do México *Esta Semana – This Week* de 28 de setembro a 4 de outubro de 1963 e a um

dicionário espanhol-inglês, ambos encontrados entre os pertences de Oswald, mas que não receberam atenção alguma. O guia continha o telefone da embaixada soviética sublinhada à caneta, os nomes *Kosten* e *Osvald* anotados em alfabeto cirílico na página que listava "Diplomatas no México" e marcações em cinco salas de cinema na página anterior.[3] Na contracapa do seu dicionário espanhol-inglês, Oswald escreveu: "comprar *tíquetes* [no plural] para tourada",[4] e a arena da Plaza México está circulada no mapa da Cidade do México.[5] Também está marcado no mapa de Oswald o Palácio de Belas-Artes,[6] lugar predileto de turistas para se reunirem em manhãs de sábado e assistir ao Balé Folclórico.

Ao contrário do que Oswald afirmou, ele em momento algum foi visto na embaixada soviética durante sua estada na Cidade do México, embora a CIA tivesse câmeras de segurança na entrada da embaixada naquela época.[7] Todos esses fatos, tomados em conjunto, sugerem-me que Oswald recorreu a um encontro não marcado ou "encontro de ferro" – *zheleznaya*, em russo – para uma conversa urgente com Kostikov na Cidade do México. O "encontro de ferro" era procedimento-padrão da KGB para situações de emergência – *de ferro* significando invariável.

Na minha época, aprovei bem poucos "encontros de ferro" na Cidade do México – um local predileto para contatar nossos agentes importantes que viviam nos Estados Unidos –, e o "encontro de ferro" de Oswald parece típico. Isso quer dizer: um breve encontro em uma sala de cinema para marcar um encontro no dia seguinte na tourada (na Cidade do México as touradas acontecem todo sábado às 16h30min); um breve encontro em frente ao Palácio de Belas Artes para Oswald dar a Kostikov um dos tíquetes que havia comprado; e um longo encontro para discussões na tourada de sábado.

Claro, não posso ter certeza de que tudo aconteceu exatamente dessa maneira – cada oficial tem suas próprias idiossincrasias. Mas, seja lá como se encontraram, é certo que Kostikov e Oswald tiveram um encontro secreto naquele fim de semana de 28 e 29 de setembro de 1963. A carta à embaixada soviética na qual Oswald trabalhou tão duro prova isso irrefutavelmente.

Parece que ninguém na Comissão Warren jamais ouviu falar na *zheleznaya yavka* da KGB, contudo. Assim, todos esses fortes indícios de que na Cidade do México Oswald tivera um "encontro de ferro" com o "camarada Kostin", um oficial identificado do departamento de assassinatos no exterior da KGB, perderam-se nos 26 volumes de documentos e testemunhos reunidos caoticamente no *Relatório da Comissão Warren*.

Não devemos culpar a Comissão Warren por não ter notado a significância da prova de espionagem que tinha em mãos. Nenhum de seus membros tinha experiência em análise de contra-inteligência. E, como suponho que a maioria dos leitores do livro desconhecia igualmente as delicadezas da técnica de contra-inteligência, permitam-me dizer: você não pode esperar que um encanador faça uma cirurgia cardíaca.

O desconhecimento por parte da Comissão Warren dos códigos da KGB fez com que deixasse passar outros indícios conclusivos. Depois do 11 de Setembro de 2001, o FBI disse a membros da Comissão Nacional para Ataques Terroristas aos Estados Unidos que apenas um falante de árabe nativo seria capaz de perceber as sutilezas de um telefonema interceptado da al-Qaida, especialmente um telefonema que contenha duplicidades e códigos de inteligência. Até mesmo a minha própria identidade era codificada. Em 1955, quando me tornei oficial de inteligência estrangeira, disseram-me que meu novo nome seria Mihai Podeanu, e Podeanu permaneci até 1978, quando rompi com o comunismo. Todos os meus subordinados – e o resto dos oficiais de inteligência estrangeira do bloco – usavam códigos em seus relatórios, quando falavam com suas fontes e mesmo em conversas com colegas. Quando deixei a Romênia de vez, meu serviço de espionagem era a "universidade", o líder do país era o "arquiteto", Viena era "Videle", e assim por diante.

Na época, eu administrava o equivalente romeno da Agência de Segurança Nacional, e me familiarizei relativamente com código e o sistema de criptografia da KGB. Em 10 de abril de 1963, em um bilhete deixado por Oswald para a sua esposa, Marina, antes que ele tentasse matar o general americano Edwin Walker em um ensaio, antes de ir assassinar o presidente Kennedy, encontrei dois códigos da KGB daquela época: *amigos* (código para escritório de auxílio) e *Cruz Vermelha* (código para ajuda financeira).

Nesse bilhete, Oswald diz para Marina o que fazer no caso de ele ser preso. Ele enfatiza que ela deveria contatar a "embaixada" [soviética], que eles têm "amigos aqui" e que a "Cruz Vermelha" (escrito em inglês, de modo que ela saberia como pedir o auxílio) iria ajudá-la financeiramente. Particularmente significativo é a instrução de Oswald para que ela "enviasse à embaixada [soviética] a informação sobre o que aconteceu comigo". Na época o código para embaixada era "escritório", mas parece que Oswald queria ter certeza de que Marina compreenderia que ela deveria informar imediatamente a embaixada soviética.

É digno de nota que Marina não mencione esse bilhete às autoridades americanas após a prisão de Oswald. Foi encontrado na casa de Ruth Paine, a amiga americana em cuja casa Marina estava ficando na época do assassinato, e também esse bilhete se perdeu nos 26 volumes do *Relatório da Comissão Warren*.

Quando a KGB percebeu que Oswald não poderia ser chamado à razão, trouxeram Fidel Castro perifericamente ao caso, pedindo-lhe que conseguisse um de seus agentes nos Estados Unidos para matar Oswald, se não se pudesse evitar que esse último fosse adiante com o assassinato quando Kennedy fizesse sua visita agendada a Dallas.

O assassino de Oswald, Jack Ruby, testemunhou sob juramento à Comissão Warren que tinha visitado Cuba apenas uma única vez, como turista, em agosto de 1959. Quatorze anos depois, contudo, o Comitê Exclusivo Sobre Assassinatos da Câmara obteve registros do Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos "indicando que Ruby deixou Cuba no dia 11 de setembro de 1959, viajando para Miami, retornou para Cuba em 12 de setembro e foi para Nova Orleans em 13 de setembro". Esses documentos foram depois complementados por cartões turísticos que o comitê conseguiu junto ao governo cubano, que mostravam que "Ruby também entrou em Cuba no dia 8 de agosto de 1959, partiu de lá em 11 de setembro, retornou em 12 de setembro e partiu novamente em 13 de setembro".[8]

Com relação a essas viagens recém-descobertas, o conselho-chefe do Comitê Exclusivo para Assassinatos da Câmara, Robert G. Blakey, escreveu: "Estabelecemos além de toda dúvida razoável que Ruby mentiu repetida e deliberadamente ao FBI e à Comissão Warren sobre o número de viagens que fez a Cuba e sobre sua duração"[9].

Em seu relatório final, o Comitê Exclusivo concluiu que "passear provavelmente não foi o motivo da viagem a Havana, apesar da insistência de Ruby diante da Comissão Warren de que sua única viagem a Cuba em 1959 tinha sido uma visita social".[10] A investigação oficial dos Estados Unidos sobre o caso Ruby parou por aí, contudo.

32
NOVA PROVA CONTUNDENTE DA PARTICIPAÇÃO DA KGB

Desde a publicação de *Programado para matar*, boa quantidade de informação inatacável veio a ficar disponível, permitindo vislumbres fascinantes da operação de desinformação da KGB com o propósito de enquadrar a CIA como o perpetrador por trás da cena do assassinato do presidente Kennedy. Hoje não apenas podemos visualizar melhor o modo de pensar e os objetivos da KGB no período posterior ao assassinato, como também muitos dos atores do caso foram identificados como agentes soviéticos, e algumas das técnicas foram expostas como genuínos estratagemas da inteligência inimiga – agentes e truques utilizados em outras operações de desinformação da KGB, algumas das quais foram previamente discutidas neste livro. (Os oficiais de inteligência soviéticos que conheci em minha vida prévia geralmente recomendavam que continuássemos a utilizar cenários operacionais que haviam dado certo no passado.).

O primeiro elemento comprobatório irrefutável de que a KGB lançou uma ofensiva de desinformação acerca do assassinato de Kennedy, com a intenção de desviar a atenção do público de Moscou, foi liberado por Boris Yeltsin, o primeiro presidente russo livremente eleito. Em suas memórias, *A luta pela Rússia*, Yeltsin revelou uma carta ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética datada de 23 de novembro de 1963 – o dia seguinte ao assassinato de Kennedy – assinada pelo diretor da KGB Vladimir Semichastny, que recomendava a publicação, em um "jornal progressista de um dos países ocidentais", de uma matéria "denunciando a tentativa de círculos reacionários dos Estados Unidos de tirar a responsabilidade pelo assassinato de Kennedy dos verdadeiros criminosos, [isto é,] elementos

racistas e ultradireitistas culpados da disseminação e crescimento da violência e terror nos Estados Unidos". O pedido de Semichastny foi aprovado. Dois meses depois, R. Palme Dutt, o editor de um jornal britânico controlado pelos comunistas e chamado *Labour Monthly*, publicou uma matéria que lançava o espectro do envolvimento da CIA sem oferecer migalha sequer de prova. "A maioria dos comentaristas", escreveu Dutt, "supuseram ser possível tratar-se de uma jogada dos ultradireitistas ou racistas de Dallas... [que], com a necessária e manifesta cumplicidade de uma vasta lista de autoridades, traz todas as marcas de um serviço da CIA".[1]

A CIA é de longe o melhor serviço de inteligência do mundo. Contribuiu decisivamente para a vitória americana na Guerra Fria e se tornou a primeira linha de defesa mundial contra o terrorismo e a proliferação nuclear. Retratando-a como uma organização terrorista, a KGB esperava diminuir sua capacidade de recrutar agentes capazes de ver o que satélites não conseguiam – o que os déspotas do bloco soviético estavam *pensando* e quais eram os seus mais secretos plenos de guerra.

Muito da informação confiável que documenta a operação de desinformação do Kremlin culpando a CIA pelo assassinato de Kennedy veio de desertores. Em 1992, os ingleses extraíram o Coronel Vasili Mitrokin, um arquivista da KGB, da União Soviética junto com aproximadamente 25.000 documentos altamente confidenciais que ele roubara dos arquivos de inteligência da KGB ao longo de muitos anos. Esses documentos representam uma minúscula parte de todo o arquivo da KGB. De todo modo, o FBI descreveu o *Arquivo Mitrokhin* como "o mais completo e extenso material de inteligência até hoje recebido de alguma fonte". Na visão da CIA, esse arquivo é "a maior fonte de riqueza em matéria de contra-inteligência do período pós-guerra".[2]

Mitrokhin expôs histórias conspiratórias sobre o assassinato de Kennedy promovidas pela KGB, e seu material identifica certo número de agentes no Ocidente que estavam empenhados em promover essas histórias conspiratórias. Entre as revelações mais importantes fornecidas pelos *Arquivos Mitrokhin* estão os documentos altamente confidenciais da KGB que provam que a assim chamada conspiração para assassinar Kennedy, que veio

a gerar milhares de livros ao redor do mundo, nasceu na KGB, e que alguns desses livros foram financiados pela KGB.

Igualmente significantes são os documentos do *Arquivo Mitrokhin* a mostrar que a KGB construiu essa conspiração utilizando alguns dos mesmos agentes pagos pela KGB que tinham sido chamados a promover a operação de desinformação planejada para enquadrar Pio XII como pró-nazista: Carlo Marzani, cognominado Nord, que recebeu soma significante de dinheiro da KGB para produzir livros pró-soviéticos; I. F. Stone, cognominado Blin ("panqueca", em russo), que começara a receber dinheiro do Kremlin em 1944; e Victor Perlo, cognominado Raid ou Raider, identificado como agente soviético através de interceptações eletrônicas feitas pelo Venona, bem como por desertores.

Isso não é de surpreender. Afinal, ambas as operações se deram em 1963 (*O Vigário* chegou ao palco em Berlim no mês de fevereiro, e Oswald baleou o presidente em novembro), ambas tinham sido concebidas por Khrushchev com a ajuda do seu chefe de espionagem, General Sakharovsky – o ex-conselheiro-chefe da inteligência soviética para a Romênia –, e ambas seriam levadas a cabo pelos mesmos especialistas da sede da KGB daquela época.

De acordo com documento no *Arquivo Mitrokhin*, o primeiro livro publicado sobre o assassinato nos Estados Unidos, *Oswald: assassino ou bode expiatório?*, teve por autor um ex-membro do Partido Comunista Alemão, Joachim Joesten, e foi publicado em Nova Iorque pelo agente da KGB Carlo Aldo Marzani.[3] O editor Marzani era regular e generosamente pago pela KGB (e pelo Comitê Central do Partido Comunista) para promover livros de natureza progressiva tanto de autores nacionais como estrangeiros.[4] Antes que os documentos do *Arquivo Mitrokhin* começassem a aparecer em 1999, não se sabia que a editora de Joesten, Marzani & Munsell, recebera do Comitê Central do Partido Comunista, no começo dos anos 1960, subsídios no valor total de $ 672.000.[5]

Pouco depois da publicação do livro de Joesten sobre Oswald, Marzani deu apoio ao ataque da KGB a Pio XII. Como observado em capítulo anterior que discute *O Vigário* de Hochhuth, quando essa peça anti-Pio XII estreou em Berlim em 1963,

Marzani conseguiu em curtíssimo prazo reeditar *Shylock: História de um personagem*, um livro anterior que escrevia os maus tratos dispensados por papas aos judeus, o que ajudava a divulgar o livro de Hochhuth.

É digno de nota que o livro de Joesten veio à luz só uns dias antes que o *Relatório da Comissão Warren* fosse publicado, conforme as instruções da KGB que nós no DIE recebemos quanto à Operação Dragão. No seu livro, Joesten segue o que conhecíamos como as diretrizes da Operação Dragão, ao descrever Oswald como um agente provocador do FBI com antecedentes na CIA, o qual foi utilizado para blindar os verdadeiros assassinos, um grupo não nomeado de conspiradores americanos de extrema-direita.

Ninguém sabe como Joesten se tornou uma autoridade instantânea em assassinato. Ele disse ter passado cinco dias em Dallas "investigando" a tragédia e que depois, no dia 11 de dezembro de 1963, retornou para onde estava sua esposa, em casa. Mas ela conta que ele não apareceu para jantar naquele dia, e em vez disso deixou-lhe um bilhete dizendo que tinha ido para a Europa. E lá se foi ele por vários meses. Posteriormente, naquele ano, Joesten começou a publicar artigos e livros sobre o assassinato de Kennedy.[6]

Como discutido anteriormente, quando perguntavam a Hochhuth de onde tirou suas histórias escandalosas sobre Pio XII, ele dizia que tinha passado três meses em Roma conversando com um bispo alemão tagarela, mas que o material que serviu de fonte teria de ficar selado por 50 anos. O público não se contentou com cinco dias em Dallas ou três meses em Roma.

A primeira resenha do livro de Joesten, que o elogiou sobremaneira, foi assinada pelo agente da KGB Victor Perlo e foi publicada no dia 23 de setembro de 1964 no *New Times*, que eu sabia ser um *front* da KGB, em determinado período impresso na Romênia.[7] Nos anos 1930, Perlo era o chefe de um grupo de importantes agentes dirigidos pelo movimento comunista clandestino dos Estados Unidos. Em 1944, Perlo e seu grupo foram delegados à organização antecessora da KGB e controlados por Elizabeth Bentley, que desertou um ano depois. Essa transferência, por acaso, deu-se no apartamento em Nova Iorque do advogado John Abt, membro a vida toda do Partido Comunista

Americano que – de acordo com o *Arquivo Vassiliev* – ajudava regularmente o partido clandestino, a KGB e o GRU com fundos e assessoria jurídica.[8] Depois de sua prisão, Oswald declarou que queria ser representado por John Abt e tentou entrar em contato com ele por telefone, mas Abt estava fora naquele fim de semana.[9] O *Arquivo Vassiliev* também documenta que Perlo escrevia com freqüência artigos para vários *fronts* comunistas, assinando-os com pseudônimos. Nos anos 1940, ele ajudou o escritor I. F. Stone a reunir material para vários textos jornalísticos de denúncia.[10]

No dia 9 de dezembro de 1963, I. F. Stone (cognominado "Blin" pela KGB) publicou um longo artigo em que tenta explicar por que a América matara o seu próprio presidente. Ele chamou Oswald e Ruby de "direitistas malucos", mas pôs a verdadeira culpa na "Administração belicista" dos Estados Unidos, que estava tentando vender para a Europa uma "monstruosidade nuclear".[11] Stone era outro agente pago da KGB que poucos meses depois se juntaria ao ataque a Pio XII. Como se comentou em capítulo anterior, no dia 9 de março de 1964 Stone assinou um artigo em sua própria publicação semanal que elogiava a peça *O Vigário* de Hochhuth e atacava Pio XII por ter sido "amigável com Hitler" e Mussolini.[12] Naquele mesmo mês, a irmã de Stone, Judy Stone, publicou uma entrevista amigável com Hochhuth em *Ramparts*,[13] que, como já se verá, teria papel significativo na promoção da desinformação da KGB relacionada ao assassinato de Kennedy.

Então vemos mais uma vez a KGB reunir as mesmíssimas figuras para difamar Pio XII como sendo pró-Hitler e culpar a CIA e outros alvos americanos pela morte do presidente Kennedy.

Joachim Joester dedicou seu livro *Oswald: assassino ou bode expiatório?* a Mark Lane, um esquerdista americano que em 1966 produziu o *best-seller Pressa em julgar*, alegando que Kennedy tinha sido assassinado por um grupo americano de extrema-direita. Documentos no *Arquivo Mitrokhin* mostram que a KGB lhe mandou dinheiro indiretamente ($ 2 mil) e que um agente, Genrikh Borovik, mantinha contato regular com ele. Outro desertor da KGB, Coronel Oleg Gordievsky (ex-chefe da estação da KGB em Londres), identificou Borovik como cunhado do Coronel Vladimir Kryuchkov, o qual em 1974 se tornou

diretor da inteligência estrangeira da KGB, diretor da própria KGB em 1988 e que, em 1991, liderou o golpe anti-*glasnost* em Moscou.

O ano de 1967 viu a publicação de mais dois livros atribuídos a Joesten: *O caso contra Lyndon Johnson no assassinato do presidente Kennedy* e *Oswald: A verdade*. Ambos os livros insinuavam que o presidente Johnson e a sua CIA tinham matado Kennedy. Logo se seguiu a eles o livro de Mark Lane *A divergência de um cidadão* (1968). De acordo com o investigador de assassinatos Vincent Bugliosi, Mark Lane foi "de longe a voz individual mais persistente e audível" a fazer os americanos acreditarem que elementos reacionários nos Estados Unidos mataram Kennedy.[14] Lane também viajou bastante ao exterior para pregar que a América é um "Estado policial do FBI" que matou o seu próprio presidente.

Mark Lane ajudou o procurador de Nova Orleans Jim Garrison a prender um homem (Clay Shaw), que Garrison acusou de conspirar com indivíduos da inteligência americana para matar Kennedy, de modo a parar os seus esforços de dar fim à Guerra Fria. O livro de Garrison, *No encalço de um assassino*, inspirou o filme de Oliver Stone *JFK*, o qual, como já mencionei, alega que o assassinato de Kennedy foi resultado de uma conspiração da mais alta cúpula do governo dos Estados Unidos.

Assim nasceu a conspiração do assassinato de Kennedy, e nunca parou desde então. Todo tipo de pessoa com qualquer conhecimento especializado remotamente relacionado a questões como essa se juntou à causa, cada um vendo os acontecimentos a partir de sua própria perspectiva estreita. Algumas testemunhas do assassinato de JFK disseram ter ouvido mais tiros e visto mais assassinos e observado ferimentos diferentes daqueles descritos no *Relatório da Comissão Warren*, embora as conclusões forenses deste último tenham sido repetidamente declaradas precisas por analistas responsáveis. Por exemplo, um especialista em balística forneceu a informação que levou a *Erro mortal: O tiro que matou JFK* (St. Martin's, 1992), de Bonar Menninger, livro que conclui que um agente do serviço secreto provavelmente matou JFK por acidente. *A última investigação* (Thunder's Mouth, 1993), de Gaeton Fonzi, foi escrito por um jornalista que trabalhara com o comitê da

Câmara e que alegou ter conhecimento pessoal de uma ligação CIA/Oswald, em razão de investigações que realizou em lugares como Miami. O especialista em computadores David S. Lifton escreveu *A melhor prova: Disfarce e fraude no assassinato de John F. Kennedy* (Macmillan, 1980), no qual, com base em sua própria análise de fotografias, conclui que os ferimentos de JFK tinham sido alterados antes que ele fosse enterrado, embora não se ofereça nenhum motivo para essa alteração. O Dr. Charles A. Crenshaw também escreveu um livro questionando os ferimentos: *JFK: Conspiração de silêncio* (Signet, 1992).

Todos esses livros desviam a atenção do público para longe do caso real. Infelizmente, editoras sérias continuam a aceitar livros desse tipo, que se baseiam em nada mais que a visão do autor de algum aspecto da história, lançando mão apenas de suas estreitas lentes focalizadas e liberando a imaginação.

Outra informação extremamente significativa fornecida pelo *Arquivo Mitrokhin* advém de um bilhete curto, escrito à mão e aparentemente ingênuo, que começa com "Caro Sr. Hunt", no qual "Lee Harvey Oswald" educadamente pede "informação acerca da minha posição... antes que outros passos sejam dados por mim ou por qualquer outra pessoa". Em 1975, fotocópias desse documento foram despachadas nos Estados Unidos para três dos mais ativos advogados de teorias conspiratórias, junto com uma nota alegando que o diretor do FBI tinha o documento original.

De acordo com Mitrokhin, o bilhete tinha sido forjado pela KGB, utilizando palavras e expressões tomadas de cartas reais escritas por Oswald durante sua estada na União Soviética, e tinha sido autenticado duas vezes pelo Diretório de Operações Técnicas da KGB. (Lembre-se de que a KGB insistia em usar fotocópias de falsificações, como isso tornava mais difícil detectá-las.). A KGB pretendia que o bilhete com "Caro Sr. Hunt" fosse uma ilusão para o magnata do petróleo em Texas, H. L. Hunt, o qual era parte do plano soviético original para implicar texanos ricos no assassinato. Em 1977, o bilhete foi publicado em um pequeno jornal do Texas. (O proprietário do jornal era o falecido Penn Jones Jr., um defensor de conspirações em

torno de "mortes misteriosas", que publicou às próprias expensas vários livros sobre o assassinato de Kennedy e era patrocinado pela revista de esquerda *Ramparts*.[15] Como já discutido, *Ramparts* atacou ativamente Pio XII e contribuiu para que a peça anti-Pio XII de Hochhuth, *O Vigário*, fosse encenada em Nova Iorque. *Ramparts* também publicou numerosos artigos sobre o assassinato de Kennedy, freqüentemente implicando oficiais do governo americano.). O *New York Times* depois comprou a história do bilhete "Caro Sr. Hunt", e afirmou que este tivera sua autenticidade verificada por três especialistas em caligrafia e pela viúva de Oswald.

A contrafação da KGB tinha sido "validada".

Com relação a essa falsificação do "Caro Sr. Hunt", é instrutivo recordar as falsificações criadas pelos comunistas húngaros num esforço de comprometer o Cardeal Mindszenty (caso já discutido aqui). Em 1949, bem no meio do seu julgamento, os especialistas em caligrafia Lázlo e Hanna Sulter, que tinham fabricado os documentos utilizados contra Mindszenty, escaparam para Viena. Uma vez em segurança no Ocidente, explicaram como tinham copiado palavras e frases de alguns dos manuscritos roubados do escritório de Mindszenty e, em seguida, as ligado para criar falsificações perfeitas, como no caso da suposta confissão do Cardeal. Hanna disse que o seu pai tinha inventado uma máquina que podia produzir cópias infalíveis de caligrafias e que Lázlo tinha se tornado muito competente em seu uso. Ela acrescentou que oficiais da polícia de segurança da Hungria tinham se interessado bastante pela máquina, por fim a confiscando, de modo que eles mesmos pudessem fazer as suas próprias (e um tanto descuidadas) falsificações. (Aqui, relembro mais uma vez quão perplexo fiquei quando a KGB continuou a pedir que meus agentes pesquisassem nos arquivos do Vaticano mais e mais documentos inócuos escritos pelo Papa Pio XII. Agora sabemos por quê.).

Em abril de 1977, a KGB informou ao Comitê Central do Partido Comunista que estava orquestrando "medidas ativas" adicionais para expor o suposto papel dos "serviços especiais americanos" no assassinato de Kennedy. Em 1980, E. Howard Hunt, um ex-oficial da CIA que fora pego no escândalo de Watergate, estava se queixando publicamente de que pessoas esti-

vessem o acusando de ter tido algum papel no assassinato de Kennedy.[16]

Vários autores publicaram recentemente livros meticulosos sobre interceptações feitas pelo Venona. Embora a decodificação de transmissões da inteligência soviética do período de 1940 a 1948, conhecida como material de Venona, não se aplique diretamente ao nosso conhecimento da operação de desinformação que ocorreu no período pós-assassinato de Kennedy, efetivamente oferece informação documental prévia sobre alguns dos agentes da KGB envolvidos. I. F. Stone é um deles.

Outra fonte de documentos de inteligência estrangeira da KGB é conhecida como *Arquivo Vassiliev*. Nos anos 1990, as autoridades do Kremlin permitiram por um breve período que alguns dos arquivos de inteligência estrangeira da KGB, cobrindo o período dos anos 1930 aos anos 1940, ficassem disponíveis para o ex-oficial da KGB Alexander Vassiliev, para que pudesse tomar notas para uma planejada publicação conjunta russo-americana no Ocidente. Ao fim, essa janela de oportunidade foi fechada antes que qualquer coisa fosse publicada, mas Vassiliev e seus cadernos conseguiram chegar a Londres em 1996. Em 2009, o assim chamado *Arquivo Vassiliev* foi publicado sem censura russa e aumentado com decodificações Venona mais completas e outros materiais que se fizeram acessíveis por meio das anotações de Vassiliev. Esse arquivo oferece nova informação sobre agentes de inteligência soviéticos relacionados ao caso do assassinato de Kennedy e a outras operações de desinformação similares.

Outro livro oferece algumas novas informações surpreendentemente significativas desde um ponto de vista cubano. Intitulado *Espiões de Castro* e publicado em 2012, seu autor é Brian Latell, escritor e ex-agente da CIA, que coletou informações factuais de desertores e outras fontes. Sua fonte mais importante é Florentino Aspillaga, um oficial de interceptação de rádio da inteligência cubana que desertou em Viena, em 1987. Latell o entrevistou em 2007 e o descreve como o desertor mais valioso já vindo de Cuba.

Em outubro de 1963, tendo acabado de concluir seu treinamento como técnico em comunicações, um Aspillaga de 16 anos de idade foi designado para ficar sozinho numa cabana com equipamentos de comunicação, na praia perto de Havana, e monitorar transmissões da CIA vindas de Virgínia, Miami e de navios em alto mar, procurando por espiões. Uma única vez na dúzia de anos em que permaneceu nesse trabalho a sua rotina variou, e foi no dia 22 de novembro de 1963. Aproximadamente entre 9h e 9h30min daquela manhã, ele recebeu uma mensagem de rádio codificada dizendo-lhe que entrasse em contato com a sede, o que ele fez de uma outra cabana utilizando um telefone seguro. Recebeu ordens de parar com toda vigilância sobre a CIA naquele dia e, em vez disso, ouvir comunicações do Texas e reportar à sede qualquer coisa de importância.

Cerca de três ou quatro horas depois, Aspillaga começou a pegar mensagens em faixas de rádios amadores sobre Kennedy ter sido baleado em Dallas, o que ele reportou à sede com seu telefone seguro (Kennedy foi baleado aproximadamente às 12h30min no horário de Dallas, o que seria 1h30min no horário de Cuba).

Aspillaga disse para Latell: "Os Castro sabiam. Eles sabiam que Kennedy seria morto". Aspillaga não quis embelezar essa história ou acusar Fidel de assassinato, e sua história permaneceu a mesma após retornar a ela vezes e vezes. Ele disse que, temendo por sua vida, nunca contou essa história a ninguém, até a sua deserção em 1987. Latell foi conferir e viu que tinha incluído essa informação nas memórias em espanhol-inglês que escreveu aos seus entrevistadores do governo americano em 1990. Elas não ficaram disponíveis publicamente até que fossem publicadas no livro de Latell em 2012.[17]

A significância desse pequeno item está no fato de que vai no sentido da análise feita em *Programado para matar* do papel periférico de Fidel Castro nas medidas de controle de danos e na operação de desinformação orquestradas pela KGB com relação a Oswald e o assassinato do presidente. Após o encontro secreto de Oswald com o "camarada Kostin" na Cidade do México, o Kremlin evidentemente informou Castro sobre a intenção de Oswald de assassinar o presidente Kennedy durante sua visita a Dallas e pediu a ajuda de Cuba. O DGI de Castro forneceu seu

agente, Jack Ruby, ao qual foi dada sua história de fachada de por que mataria Oswald, e a KGB orientou Castro sobre o papel que teria na subseqüente operação de desinformação.

Tão logo notícias sobre o assassinato começaram a surgir, o Kremlin e seus amigos se apressaram a disseminar sua versão de quem era o responsável, antes que alguém mais ousasse fazê-lo. Fidel Castro esteve entre os primeiros a agir.

Em razão do apoio público de Oswald a Cuba e de sua visita à embaixada cubana na Cidade do México, Castro sabia que tinha de agir rapidamente para repelir qualquer suspeita de que ele fosse responsável pela morte de Kennedy. Como lhe era de costume, fez longos discursos em Cuba e na Rádio Havana, a partir do dia 23 de novembro. Em todos os seus discursos, ele diz com razão apenas coisas boas sobre Kennedy, cuja morte Castro disse que só poderia beneficiar os "setores ultra-reacionários e ultradireitistas" dos Estados Unidos. A princípio até negou que já tivesse ouvido falar de Oswald. Contudo, quando seus oficiais de consulado disseram ter se reportado a Castro sobre a visita de Oswald à Cidade do México, Castro admitiu a história, mas a aumentou, dizendo não apenas que Oswald ficara irado por não receber um visto cubano, como também que ele se transtornara, ameaçando matar Kennedy e batendo com força a porta do consulado ao sair. Os empregados do consulado negaram que Oswald tivesse ameaçado matar Kennedy, e ninguém conseguiu compreender que relação um comentário como esse poderia ter a ver com a negação de um visto cubano. Aparentemente Castro estava apenas tentando melhorar as sugestões de desinformação que sem dúvida recebera da KGB. À medida que o tempo passou, Castro, como a KGB, passou a simplesmente culpar a CIA pelo assassinato.[18]

Quando eu estava trabalhando para Nicolae Ceaușescu, em sempre tentava encontrar um modo de ajudá-lo a tomar sua própria decisão, em vez de lhe dizer diretamente o que eu pensava que ele deveria fazer com relação a determinada coisa. Dessa forma, nós dois ficávamos felizes. Com os nossos conselheiros da KGB aprendi que o melhor modo de enganar é fazer com que o alvo veja algo por si próprio, com seus próprios olhos.

Sem que seja algo de surpreendente, há dois exemplos inteligentemente executados e espetacularmente bem-sucedidos dessa tática que advieram da operação de desinformação da KGB relacionada ao assassinato de Kennedy.

Em novembro de 1963, Morris Childs, o homem número dois do Partido Comunista Americano (para o qual entrara em 1919!), estava em sua visita anual a Moscou com o propósito de pedir dinheiro e receber instruções políticas. No dia 22 de novembro, quando surgiram notícias do assassinato, Morris foi convocado ao escritório de Boris Ponomarev, o poderoso diretor do Departamento Internacional do Comitê Central do Partido Comunista. Os dois homens tinham acabado de começar a discutir como o partido americano deveria reagir ao fato quando alguns subalternos irromperam no escritório, seus rostos pálidos. Em russo, que Morris nunca admitiu compreender, eles quase sem fôlego informaram Ponomarev sobre a prisão de Oswald, falando atropeladamente que ele era um ex-fuzileiro naval americano que tinha desertado para a União Soviética, mas que, após ter tentado suicídio, foi diagnosticado como uma pessoa desequilibrada por psiquiatras soviéticos, e então os russos ficaram felizes em se livrar dele quando pediu para retornar aos Estados Unidos. Os mensageiros acrescentaram energicamente que a KGB tinha acabado de jurar ao Kremlin que nunca teve nenhuma relação operacional com ele.

De repente os mensageiros perceberam Morris – "o americano" – e perguntaram o que deveriam dizer para ele. Ponomarev o afiançou e disse que ele deveria saber a verdade. Os talentosos atores então recontaram a mesma história, que foi repassada a Morris por um intérprete. Os soviéticos imploraram a Morris para que acreditasse que eles não tinham nada a ver com o assassinato.

Na verdade, desde 1951 Morris Childs era um agente do FBI bastante perceptivo, cujas informações eram consideradas inteiramente confiáveis e cuja identidade jamais fora revelada até 1995, quando John Barron recebeu permissão para publicar *Operação solo: O homem do FBI no Kremlin*, do qual foi tirada a narrativa acima.

Em 1993, antes da publicação de *Operação solo*, minha esposa e eu tivemos um bom almoço com John Barron, almoço

oferecido por Alfred Regnery, que publicara meu livro *Horizontes vermelhos* e tinha acabado de ler o esboço de um livro sobre o assassinato de Kennedy que eu estava escrevendo. No almoço, a discussão girou em torno do diário de Morris, que Barron acabara de obter junto à viúva deste, e da intenção de Al Regnery de publicá-lo como livro. Soube que as informações de Morris eram regular e anonimamente distribuídas aos membros do alto escalão do governo americano, que podiam apenas lê-las num determinado momento, sem levá-las consigo. O livro de Barron, publicado em 1995, contém indício convincente de que Morris era um agente bastante confiável do FBI e que a inteligência que repassou à agência federal tivera papel decisivo na decisão da Comissão Warren – e, depois, no Comitê Exclusivo Sobre Assassinatos da Câmara – de *não* considerar a possibilidade de participação soviética no assassinato do presidente Kennedy.

Não há dúvida de que Morris Childs bem como seu irmão Jack, que tinham sido ambos membros leais do Partido Comunista Americano, foram a partir de 1951 fontes absolutamente confiáveis e devotadas do FBI. Morris estava envolvido principalmente com instruções políticas e Jack com fundos, duas coisas que recebiam do Partido Comunista Soviético e repassados à sua sucursal americana. Até mesmo depois de 1963, ambos os irmãos continuaram a se encontrar com seus contatos comunistas e ambos permaneceram confiantes de que os soviéticos confiavam neles.[19]

De acordo com o *Arquivo Mitrokhin*, contudo, em 1974 o componente da KGB responsável por operações nos Estados Unidos ficou desconfiado de Morris Childs por causa de certas anomalias em seu histórico. Jack, por sua vez, também ficou sob suspeita por razões similares. Ambos os irmãos tinham sido figuras de destaque no partido americano desde os seus anos iniciais e ambos passaram a ser fiéis ao FBI em 1951. (Morris era o homem número dois do partido oficial e Jack, um importante membro do partido clandestino, que coletava fundos para o Partido através de encontros secretos com oficiais da KGB. Nos anos 1970, os oficiais da KGB responsáveis por espionagem nos Estados Unidos se perguntaram se os irmãos não estariam se reportando ao FBI, especialmente porque não tinham sofrido nada com a "caça às bruxas" anticomunista dos anos 1950).

Embora na década de 1970 a KGB periodicamente recomendasse ao Partido substituir ambos os irmãos, este manteve-se do mesmo modo e nada fez por várias razões, principalmente alegando que o presidente do Partido nos Estados Unidos estava satisfeito com eles. Morris finalmente aposentou-se de seu cargo no Partido em 1981, e Jack morreu nesse mesmo ano. Ambos os irmãos receberam alta condecoração dos soviéticos nos anos 1970 – em 1977 o Partido até deu uma festa de aniversário especial para Morris, na qual esteve presente o diretor da KGB Andropov, o diretor do Departamento Internacional do Ponomarev, o líder soviético Leonid Brezhnev e quase metade do Politburo. Brezhnev colocou a medalha da Ordem do Estandarte Vermelho, alta condecoração, na lapela de Morris. (Na mesma oportunidade, a Jack foi dada a mesma condecoração, a qual receberia quando de sua visita seguinte a Moscou).[20]

Reunindo todas essas informações acima sobre os irmãos Childs, devemos inevitavelmente concluir que as cúpulas da KGB e do Partido Comunista Soviético tinham há bastante tempo percebido – pelo menos desde 1963 e provavelmente muito antes disso – que Morris e Jack Childs estavam se reportando ao FBI. Em vez de pô-los para fora ou prendê-los, a KGB e a liderança do Partido viram que poderiam utilizar os irmãos como condutores involuntários de desinformação. Os irmãos não apenas repassariam as informações políticas do Kremlin ao partido americano, mas também serviriam de fontes extremamente credíveis para a desinformação que o Kremlin desejava transmitir ao governo americano. Quando o inacreditável aconteceu e Oswald realmente conseguira matar o presidente Kennedy, o Kremlin trabalhou duro para convencer os irmãos Childs de que os soviéticos não tiveram nada a ver com isso.

O espetáculo à frente de Morris no dia 22 de novembro de 1963 foi inquestionavelmente uma farsa, conscientemente encenada como parte da operação de desinformação do Kremlin sobre o assassinato de Kennedy. Os soviéticos certamente sabiam que Morris falava russo, já que passara seus primeiros nove anos de vida na Rússia tzarista, onde fora recrutado como informante pela organização antecessora da KGB. Mais ainda, é incrível que lacaios ousassem interromper a reunião de Ponomarev com um americano, isso para não falar da parte de terem

tratado abertamente de questões extremamente sensíveis como os antecedentes de Oswald ou os registros da KGB.

Como maravilhoso bônus, o *Arquivo Mitrokhin* completa o quebra-cabeça. Embora o Primeiro Departamento (americano) do diretório estrangeiro da KGB tenha reparado em pontos duvidosos no passado dos irmãos Childs e tenha continuado a incitar o Partido a se livrar deles, a cúpula da KGB e os líderes do Partido sabiam perfeitamente que os irmãos estavam se reportando ao FBI. A interrupção da reunião de Morris com Ponomarev no dia 22 de novembro tinha sido claramente planejada com cuidado, de modo que o americano convencesse o FBI (e assim também a cúpula do governo americano) da mentira de que os soviéticos nada tiveram a ver com o assassinato de Kennedy.

De maneira memorável, outra encenação ocorreu em Cuba naquele mesmo 22 de novembro de 1963 – uma "incrível coincidência", como Fidel Castro a chamaria posteriormente. Naquela tarde, Fidel Castro ofereceu um almoço oficial em sua casa de praia em Varadero, fora de Havana, em honra de Jean Daniel, o famoso correspondente francês do semanário parisiense *L'Express*. Este último estivera visitando Cuba por várias semanas e já tinha passado alguns dias com Castro. Aproximadamente uma dúzia de pessoas – Castro, Daniel, a esposa deste e mais outros nove ou dez cubanos – estavam sentados ao redor de uma mesa, quando o presidente de fachada do país ligou com notícias preliminares sobre a tentativa de assassinato de Kennedy. Fidel atendeu o telefonema na presença dos seus convidados, que o ouviram exclamar surpreso: "¿Como? ¿Un atentado?". Fidel pareceu genuinamente chocado, mas teve presença de espírito o suficiente para perguntar imediatamente quem era o vice-presidente. Quando veio a saber pouco depois que o presidente havia morrido, Castro expressou preocupação, dizendo: "Eles terão de achar rápido o assassino, ou caso contrário você pode esperar, tentarão nos culpar". Brian Latell, depois de contar essa história em seu livro, observa com perspicácia que Castro pode ter tido um motivo inconfessado para organizar esse almoço com tanto cuidado, "e com a expectativa de que Jean Daniel fosse escrever um ou dois artigos de ampla circulação". De fato, dois artigos escritos por Daniel logo apareceram no *New Republic* descrevendo a cena acima. Como Daniel era um

jornalista de reputação impecável, ninguém jamais questionaria onde Castro estava quando soube da notícia ou sua surpresa com relação a ela.[21] Mas por que Fidel se preocupou em saber quem era o vice-presidente, mesmo antes que o presidente fosse dado como mortalmente ferido? E por que ele tinha medo de que as pessoas culpassem Cuba, antes que soubessem quem era o assassino? De todo modo, parece claro que Fidel Castro estava dando o melhor de si para dar apoio à operação de desinformação da KGB negando qualquer envolvimento cubano no assassinato e tentando vender algumas das soluções do crime sugeridas pela KGB.

Jack Childs também desempenhou um papel na operação de desinformação montada depois do assassinato. O Partido Comunista tinha apresentado Jack a Fidel Castro em maio de 1963, durante uma visita deste último a Moscou. Os dois pareciam ter se dado bem, e então, em maio de 1964, o Partido Comunista Soviético mandou Jack de Moscou para Havana, depois de treiná-lo quanto ao modo de tratar Castro, que supostamente precisava de alguém com quem falar. Depois de aguardar por nove dias, no décimo Jack foi finalmente convocado por Fidel. Eles estavam discutindo relações partidárias entre os Estados Unidos e Cuba, quando do nada Fidel perguntou: "Você acredita que Oswald tenha matado o presidente Kennedy?". Castro em seguida respondeu à sua própria pergunta, dizendo que seu pessoal havia testado uma arma similar à utilizada por Oswald e concluído que era impossível disparar três tiros, como foi divulgado, em tão curto espaço de tempo – tinha sido uma conspiração. Ele também contou para Jack Childs que Oswald saíra transtornado da embaixada cubana na Cidade do México depois de lhe ter sido recusado um visto, dizendo: "Eu irei matar Kennedy por causa disso". Jack, é claro, reportou isso não apenas ao partido americano, mas especialmente ao FBI, que de fato repassou a informação para a Comissão Warren, conquanto o diretor do FBI, Hoover, amenizasse a questão, dizendo que não houvera conspiração alguma.[22]

Agora podemos compreender por que Morris e Jack Childs foram condecorados com a Ordem do Estandarte Vermelho em grande cerimônia no Kremlin, em 1977.

A cereja do bolo da desinformação soviética ligada à história de Oswald é a revelação recentemente publicada de que o avião espião U-2 pilotado por Powers sobre a União Soviética não fora derrubado por foguetes soviéticos, como os russos sempre alegaram, mas por um avião Sukhoi Su-9 que tinha sido especialmente modificado, sendo-lhe retiradas suas armas, para atingir altitudes mais elevadas. De acordo com revelação, há pouco publicadas, do piloto do avião, o capitão soviético Igor Mentyukov, ele pegara o U-2 na corrente de ar do seu Su-9 desarmado, fazendo com que o U-2 arremetesse para o alto e quebrasse suas asas. A salva de foguetes soviéticos tinha de fato acertado, mas acertado um MiG-19, não o U-2.[23] (Em um artigo sobre a queda do avião U-2 de Powers, publicado nos Estados Unidos em 2000, o filho de Khrushchev, Sergei, reconheceu que os soviéticos dispararam três foguetes SA-2, mas só um teve ignição e subiu. Incertos acerca de seu sucesso, os soviéticos dispararam mais 13 mísseis anti-avião, mas esses últimos foguetes acertaram um MiG-19 que perseguia o americano e que era pilotado por Sergey Safronov, o qual foi postumamente condecorado com a Ordem do Estandarte Vermelho).[24]

De acordo com o Capitão Mentyukov, a altitude de vôo do U-2 era maior do que poderiam alcançar os foguetes soviéticos. Ele também observou que o piloto do avião U-2 teria certamente morrido se o seu frágil avião fosse atingido por um míssil.[25]

Parece que, depois de Oswald ter repassado à KGB a altitude de vôo extremamente secreta do avião U-2, os soviéticos prepararam um avião especialmente modificado, mantendo-o preparado para perseguir o avião espião americano. Essa medida ocasionou um bônus adicional: o piloto do U-2 foi capturado vivo. Khrushchev efetivamente exibiu-se com Powers e o usou como propaganda.

– O presente de Dia do Trabalho mais valioso já dado ao Camarada – escutei Sakharovsky dizer.

PARTE IV

REVELANDO A ATUAL REDE DE MENTIRAS

33
DA DESINFORMAÇÃO AO TERRORISMO

Ao discutir o legado de Andropov, os "sovietólogos" ocidentais geralmente se centram em sua repressão brutal dos dissidentes políticos, em seu papel na deflagração da reação violenta ao levante húngaro de 1956 (onde ele era embaixador na época), em seu papel na preparação da invasão da Tchecoslováquia em 1968 e em sua pressão sobre o regime polonês para que impusesse lei marcial. Em contraste a tudo isso, os líderes da comunidade de serviços de inteligência do Pacto de Varsóvia, quando eu era um deles, viam Andropov como o pai da nova era de desinformação, que revivera o anti-semitismo e gerara terrorismo internacional contra os Estados Unidos e Israel.

A decapitação e esquartejamento macabros do repórter do *Wall Street Journal* Daniel Pearl, em 2002, simbolizam o legado de Andropov. O mentor dos ataques do 11 de Setembro, Khalid Sheikh Mohammed, matou de maneira horrenda Pearl apenas porque ele era um judeu americano. O contínuo silêncio do Kremlin sobre o enquadramento de Pio XII, que foi politicamente decapitado em parte por ter protegido os judeus, simboliza outro legado de Andropov.

Andropov foi o primeiro chefe da KGB a chegar ao trono do Kremlin. Como ex-embaixador e depois chefe do departamento do Partido Comunista responsável por manter relações com os partidos governantes dos países comunistas, seu interesse estava no exterior, e foi para lá que direcionou o fio da espada da KGB. Andropov estendeu a política de Khrushchev de enquadrar individualmente líderes religiosos e políticos desgostados pelo Kremlin, como Pio XII e os presidentes americanos, com a política de enquadrar movimentos religiosos e países inteiros. Sionismo, Israel e Estados Unidos eram os seus alvos principais.

Andropov começou os seus sem precedentes 15 anos como diretor da KGB só poucos anos após o enquadramento de Pio XII e só poucos meses antes da Guerra dos Seis Dias entre árabes e israelenses, em 1967, na qual Israel humilhou os mais importantes aliados da União Soviética no mundo árabe de então – Egito e Síria. Naquela época, os governos desses dois países estavam na verdade sendo controlados por conselheiros soviéticos.

O novo diretor da KGB decidiu reparar o prestígio do Kremlin humilhando Israel. Perto do fim da guerra, Andropov acrescentou novas ferramentas aos recursos da KGB – apresentar o sionismo como um racismo de estilo nazista e seqüestrar os aviões "sionistas" El Al. Antes que o ano de 1969 terminasse, terroristas palestinos treinados na escola da KGB de operações especiais em Balashikha, a leste de Moscou, seqüestraram o seu primeiro avião "sionista" El Al e aterrissaram na Argélia, onde os seus 32 passageiros judeus foram metidos reféns por cinco semanas. O seqüestro tinha sido planejado e coordenado pelo Décimo Terceiro Departamento da KGB, conhecido em jargão soviético como Departamento de Assuntos Molhados (sendo que "molhados" era eufemismo da KGB para "sangrentos"). Para ocultar a mão da KGB, Andropov tinha o Frente Popular para a Libertação da Palestina (criado e financiado pela KGB) para reivindicar a autoria do seqüestro.

O *frenesi* gerado na mídia por essa operação terrorista convenceu Andropov de que seqüestro de aviões era a arma do futuro. Ele doravante estendeu o seqüestro de aviões israelenses a quaisquer outros aviões "sionistas" que fossem oportunos. Durante os dois anos seguintes, vários terroristas palestinos (treinados pela KGB) reivindicaram a autoria de 13 seqüestros de aviões de passageiros (aeronaves israelenses e ocidentais) e da explosão de um avião da SwissAir no ar, matando 47 pessoas, entre passageiros e membros da tripulação.

O imenso "sucesso" político proporcionado pelo seqüestro de "aviões sionistas" estimulou Andropov a ir mais longe, organizando "execuções públicas" de "sionistas" em aeroportos, estações de trem e outros lugares públicos. O Dr. George Habash, líder do Frente Popular para a Libertação da Palestina e marxista fanático, que era fantoche de Andropov, mostrou as verdadeiras cores da nova tática terrorista: "Matar um judeu

longe do campo de batalha é mais eficiente do que matar 100 judeus no campo de batalha, porque atrai mais atenção".[1]

As operações "anti-sionistas" mais importantes pelas quais a KGB foi secretamente responsável, quando eu ainda estava na Romênia, incluíram:

- Dezembro de 1968: ataque a um avião El Al no aeroporto de Atenas;
- Fevereiro de 1969: ataque ao escritório da El Al em Zurique;
- Novembro de 1969: ataque armado ao escritório da El Al em Atenas, deixando 1 morto e 14 feridos;
- 30 de março de 1972: ataque ao Aeroporto Ben Gurion [em Tel Aviv], deixando 22 mortos e 76 feridos;
- Setembro de 1973: ataque a trem em Viena;
- Dezembro de 1974: bomba em sala de cinema em Tel Aviv, deixando 2 mortos e 66 feridos;
- Março de 1975: ataque a hotel em Tel Aviv, deixando 25 mortos e 6 feridos;
- Maio de 1975: bomba em Jerusalém, deixando 1 morto e 3 feridos;
- 4 de julho de 1975: bomba na Praça Sião, em Jerusalém, deixando 15 mortos e 62 feridos;
- Abril de 1978: ataque ao aeroporto de Bruxelas, deixando 12 feridos;
- Maio de 1978: ataque a um avião El Al em Paris, deixando 12 feridos.

Em 1972, a estrutura de desinformação de Andropov estava trabalhando dia e noite para persuadir o mundo islâmico de que Israel e os Estados Unidos pretendiam transformar o resto do mundo em um feudo sionista. De acordo com Andropov, o mundo islâmico era uma placa de Petri na qual a KGB iria nutrir um violento ódio à América, nascido da bactéria do pensamento marxista-leninista. O anti-semitismo muçulmano tinha raízes longínquas.

A mensagem era simples: os muçulmanos gostam de nacionalismo, xenofobia e de avaliar os efeitos de serem vítimas de crimes. Andropov pontificou que "nós" deveríamos fazê-los sentir

náuseas só de pensar nos "Protocolos dos Sábios de Sião" (isto é, o Congresso Americano), cujo propósito era fazer os judeus dominarem o mundo. Deveríamos agitar suas plebes oprimidas, incultas, até começarem a ferver. Terrorismo e violência contra Israel e a América fluiriam naturalmente do fervor anti-semita dos muçulmanos, explicava Andropov.[2]

O Kremlin sempre fora um forte advogado do *divide et impera*. A divisão entre os mundos judeu e cristão gerada pelo enquadramento de Pio XII provou que essa estratégia arcaica de dividir e conquistar também funcionava nos tempos modernos. Em 1972, Andropov lançou a Operação SIG (*Sionistskiye Gosudarstva*, Governos Sionistas). Esse era o codinome para uma "divisão socialista do trabalho" com o propósito de transformar o mundo islâmico em um inimigo "explosivo" dos Estados Unidos. A esfera de influência do DIE romeno na operação abrangia Líbia, Irã, Líbano e Síria, onde a Romênia estava empenhada em construir hospitais, escolas e estradas e em manter grandes colônias de construtores, médicos e professores. A tarefa do DIE era abrilhantar a imagem da Romênia para ativistas confiáveis do Partido Comunista pertencentes a grupos étnicos islâmicos, treiná-los em *dezinformatsiya* e operações terroristas, e infiltrá-los em países-alvos. A eles caberia a tarefa de plantar um ódio fanático, demencial, pelo sionismo americano manipulando a aversão ancestral pelos judeus que era sentida por muitas pessoas nessa parte do mundo.

Antes que eu deixasse a Romênia para sempre, 1978, o DIE enviou cerca de 500 agentes disfarçados para os países-alvos islâmicos – e, como depois vim a saber, continuou a enviar tais agentes até que o bloco soviético caísse em 1989. Segundo estimativa geral recebida de Moscou, à altura de 1978 a comunidade dos serviços de inteligência do bloco soviético tinha enviado cerca de quatro mil desses agentes para o mundo islâmico. Acreditava-se que 70 a 75% desses indivíduos acabariam por ser realmente úteis.

Em 1972, o DIE recebeu da KGB uma tradução árabe dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, junto com um material "documental", também em árabe, que "provava" que os Estados Unidos eram um país sionista cujo propósito era transformar o mundo islâmico em um feudo judaico. O DIE recebeu ordens de

espalhar "discretamente" ambos os "documentos" nos países-alvos muçulmanos. Durante meus últimos anos na Romênia, a cada mês o DIE distribuía milhares de cópias por toda a sua esfera de influência árabe. Nos encontros que tive com os meus iguais dos serviços de inteligência húngaro e búlgaro, com os quais eu mantinha relações particularmente mais próximas naquela época, soube que eles também estavam enviando agentes de influência para as esferas islâmicas em que atuavam.

Em uma de minhas visitas a Budapeste me encontrei com János Kádár, o líder húngaro. A Operação SIG era um dos assuntos nos quais Kádár estava particularmente interessado. Eu tinha conhecimento de que Kádár fundara o serviço de inteligência estrangeiro da Hungria, mas isso fora em 1949. Na época em que me encontrei com ele, presumi que Kádár com certeza tivesse milhares de coisas mais importantes em mente, mas eu estava errado. A Operação SIG predominava nas mentes dos líderes do bloco soviético naquele tempo. Poucos anos depois, quando me tornei conselheiro nacional de segurança de Ceauşescu (em acréscimo às minhas obrigações no DIE), o líder romeno pediu que eu me reportasse periodicamente sobre o número de agentes de influência enviados para países árabes e islâmicos.

Quanta influência todas essas operações tiveram? Ninguém pode afirmar com certeza, assim como ninguém pode mesurar com exatidão quanto dano o enquadramento de Pio XII gerou. De todo modo, no curso de 20 anos, o efeito acumulado de enviar milhares de agentes de influência e centenas de milhares de cópias dos *Protocolos dos Sábios de Sião* para o mundo islâmico certamente se fez sentir. Mostram-no a invasão em 1979 da embaixada americana em Teerã, a explosão em 1983 das casernas de fuzileiros navais americanos em Beirut, a explosão em 1983 no World Trade Center em Nova Iorque, a destruição em 1998 das embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia e, claro, os ataques do 11 de Setembro ao World Trade Center e ao Pentágono.

Pouco depois do lançamento da Operação "SIG", Andropov lançou a Operação "*Tayfun*" (tufão, em russo), com o objetivo de expandir o terrorismo internacional na Europa Oriental. Como era costumeiro nessas operações internacionais, a KGB estabeleceu outra "divisão socialista do trabalho" para mobilizar

toda comunidade dos serviços de inteligência do bloco em apoio de sua guerra terrorista expandida. A União Soviética assumiria as tarefas mais difíceis, as de criar novas organizações terroristas, doutrinar seus membros e prover inteligência, dinheiro e apoio político para operações terroristas – as quais Andropov chamava de "luta armada".

O serviço de inteligência estrangeiro da Tchecoslováquia ficou encarregado de abastecer os terroristas com plástico explosivo inodoro (Semtex-H), que não podia ser detectado por cães farejadores em aeroportos. Em 1990, o presidente tcheco Václav Havel reconheceu que o regime comunista do seu país tinha despachado por navio, em segredo, milhares de toneladas de explosivo para terroristas palestinos e líbios. Segundo Havel, meros 200 gramas eram suficientes para explodir um avião comercial em vôo. "O terrorismo mundial tem reservas de Semtex para os próximos 150 anos", estimou Havel.[3]

A Alemanha Oriental tinha de abastecer os terroristas com armas e comunicação. De acordo com documentos secretos encontrados depois da queda do Muro de Berlim nos arquivos do Ministério de Segurança de Estado da Alemanha Oriental, conhecido coloquialmente como Stasi, só em 1983 o seu serviço de inteligência estrangeiro deu à Organização para a Libertação da Palestina carregamentos de AK-47 no valor de $ 1.877.600.[4]

Os cubanos produziram em massa dispositivos de ocultação para o transporte de plástico explosivo e armas para países-alvos. Em 1972, fiz uma "viagem a trabalho" até Havana como convidado de Raúl Castro, à época chefe das forças militar e de segurança de Cuba, e visitei o que se mostrou ser a maior fábrica do bloco soviético de maletas com fundo falso e outros dispositivos de ocultação a serem usados no transporte secreto de armas. O General Sergio del Valle Jiménez, ministro de interior de Cuba, disse-me que contrabandear armas para "organizações terroristas anti-sionistas" era um dos seus principais trabalhos.

A missão da Romênia naquela aventura conjunta era produzir passaportes ocidentais falsos de que necessitavam os "combatentes da liberdade" de Andropov. Durante os meus últimos seis anos na Romênia, o DIE se tornou o principal fabricante do bloco soviético de passaportes falsos da Alemanha Ocidental, da Áustria, da França, da Inglaterra, da Itália e da Espanha,

os quais eram regularmente entregues a organizações e grupos terroristas internacionais. O DIE também falsificava uma grande quantidade de vistos para o mundo inteiro, dos quais os terroristas precisavam para entrar em seus países-alvos.

Em meados da década de 1970, uma onda de terrorismo inundou a Europa Ocidental. A primeira grande realização da Operação *Tayfun* foi o assassinato de Richard Welch, o chefe da estação da CIA em Atenas, no dia 23 de dezembro de 1975. Em seguida veio: ataque a bomba ao General Alexander Haig, comandante da OTAN em Bruxelas, que não se feriu, embora a *limusine* Mercedes blindada tenha sido inutilizada; ataque a lança-granadas contra o General Frederick J. Kroesen, comandante das forças americanas na Europa, que também escapou com vida; ataque a granada contra Alfred Herrhausen, o pró-americano presidente do Banco Alemão, que foi morto; e a tentativa de assassinato contra Hans Neusel, secretário de Estado pró-americano do Ministério de Interior da Alemanha Ocidental e homem responsável por questões de segurança interna, o qual ficou ferido.

Quando o bloco soviético caiu em dezembro de 1989, essas operações terroristas se viram no nada e grande número de terroristas patrocinados pela KGB foi preso na ex-Alemanha Oriental. Peter Michael Diestel, que se tornou ministro de Interior da Alemanha Oriental depois da queda do seu governo comunista, reconheceu em 1990 que o Aeroporto Schönefeld, na Berlim Oriental, tinha sido por anos "uma plataforma para terroristas de todos os tipos". Christian Lochte, um oficial sênior do serviço de contra-inteligência da Alemanha Ocidental,[5] declarou que a KGB e a *Stasi* tinham feito "todo o possível para desestabilizar este país bem como o resto da Europa Ocidental".[6] Mais ainda, o governo da Alemanha Ocidental revelou prova de que a *Stasi* também tinha treinado grupos terroristas palestinos na Alemanha Oriental e no sul do Iêmen e de que tinha se envolvido no ataque a bomba líbio, em 1986, à discoteca La Belle na Berlim Ocidental, ataque que matou dois soldados americanos e feriu outras 229 pessoas.[7]

Em novembro de 1982, Yuri Andropov se tornou o primeiro oficial da KGB a liderar a União Soviética. Uma vez entronado no Kremlin, ele usou a máquina de inteligência estrangeira para apresentar a si próprio ao Ocidente como um comunista "moderado" e um homem sensível, caloroso, ocidentalizado. Foi descrito como alguém que apreciava drinques ocasionais de uísque, que gostava de ler romances ingleses e amava ouvir *jazz* americano e a música de Beethoven. Eu o conhecia bem. Andropov não era nada disso.

Já terminantemente doente quando chegou ao poder, Andropov não teve tempo de fazer muito mais que projetar sua imagem. Ele, no entanto, de fato olhou pela sorte do seu protegido, um jovem profissional comunista, vigoroso e insensível, o qual, como o mundo em breve descobriria, compartilhava da opinião do seu mentor sobre a importância da mentira e das operações de influência. Mikhail Gorbachev.

Gorbachev começou sua carreira, tal como Andropov, em Stavropol, e Andropov não demorou a conseguir a designação de Gorbachev para o Politburo. Um biógrafo de Gorbachev diz que este era o "principal organizador e o 'príncipe coroado'"[8] de Andropov.

A *glasnost* de Gorbachev e seu resultado não planejado e espetacular na Europa Oriental fizeram dele instantaneamente uma sensação no Ocidente, por algum tempo. A opinião pública na União Soviética, contudo, era outra questão. Podendo falar livremente depois de três quartos de século com suas bocas literalmente amordaçadas, os soviéticos passavam a maior parte do tempo externando sua raiva e frustração reprimidas. Todo mundo começou a brigar com todo mundo e a esperar por outro milagre. Na vida real, é claro, milagres econômicos não acontecem sozinhos. As lojas ficaram mais vazias que nunca e milhões de soviéticos começaram a culpar o homem que lhes tinha permitido dar voz a essa culpa. De repente, a privilegiada *nomenclatura* de Moscou decidiu que o presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev, parecia um perdedor e procurou ajuda junto à polícia política e sua "ciência da *dezinformatsiya*", o meio usual do Kremlin de sair-se de uma saia-justa numa luta de equilíbrio de poder.

No dia 22 de junho de 1991, Vladimir Kryuchkov, o diretor da KGB, informou o parlamento soviético de que o país estava à beira da catástrofe. Revelou então informação "confiável" da KGB mostrando que os serviços de inteligência ocidentais estavam elaborando planos para a pacificação e ocupação da União Soviética. Por uma incrível coincidência, seu discurso foi filmado "clandestinamente" e exibido na tevê soviética naquela mesma tarde. Dois meses depois, o mundo estava chocado com a notícia de um golpe de estado em Moscou. No dia 18 de agosto de 1991, seguindo um padrão similar àquele utilizado para destituir Nikita Khrushchev, a KGB prendeu Gorbachev quando estava em viagem de passeio em sua casa de verão na Criméia, levou-o para o Kremlin e colocou nas ruas de Moscou o seu próprio poderio militar.

Sob ordens do autoproclamado "Comitê de Estado para Situação de Emergência", criado pelos líderes do golpe, entre os quais estava Vladimir Kryuchkov, tropas da KGB também cercaram a sede do primeiro presidente eleito livremente da República Russa, Boris Yeltsin. Milhares de cidadãos desarmados se juntaram para defender o prédio. Uma pequena unidade de tanques insurgente mudou de lado, e o presidente Yeltsin, em pé sobre um desses tanques, fez um apelo apaixonado ao povo de Moscou para que preservasse a "ordem soviética".[9] Esse discurso, mundialmente televisionado, constituiu a certidão de nascimento de uma nova estrela soviética.

34
A HORA DE PUTIN

Em 1999, o processo de privatização mal planejado do presidente Yeltsin permitiu que um pequeno círculo de predadores íntimos do poder pilhasse os bens mais preciosos da Rússia. O roubo se tornou tão escandaloso, que pessoas presentes a leilões de negócios pertencentes ao Estado começaram a portar cartazes com um *slogan* que se tornaria lugar-comum: *privatizatsiya* (privatização) = *prikhvatizatsiya* (apropriação).[1] "Eles estão roubando absolutamente tudo e é impossível detê-los", afirmou Anatoly Chubais, escolhido por Yeltsin para tzar da privatização, o qual adquiriu boa parte da indústria de energia russa e se tornou bilionário.[2] A corrupção gerada por esse roubo generalizado penetrou cada nicho do país, e por fim criou o sistema econômico de tipo mafioso que ameaçou a estabilidade da própria Rússia.

Durante esse período, um pequeno número de empresários e investidores pôde fazer grandes fortunas percebendo e tirando vantagem de imperfeições nos mercados em desenvolvimento. A maioria desses oligarcas, como vieram a ser conhecidos, hoje está na prisão ou no exílio. Só uns poucos conseguiram prosperar sob Putin.

Muito se falou do fato de que, nesse país anti-semita, dos sete oligarcas que controlavam 50% da economia da Rússia durante a década de 1990, seis eram judeus. Irônico como possa parecer, o anti-semitismo na verdade lhes tornou mais fácil ganhar os seus bilhões. Como noticiado na imprensa inglesa, desde que a União Soviética restringira sua capacidade de serem assimilados e ascenderem na sociedade, "os Judeus que queriam seguir adiante eram forçados a entrar no mercado negro. Quando o comunismo caiu e o mercado negro foi legalizado como

capitalismo de livre-mercado, os empreendedores judeus começaram por cima".[3]

Desde que Putin assumiu o poder, a maioria dos primeiros oligarcas judeus, é claro, deixou a nação.

Em julho de 1998, o rublo tinha perdido 75% do seu valor no ano anterior, taxas de juros de curto prazo tinham pulado de 21% para 60% e o mercado de ações tinha despencado em mais de 60%. Petropavlovsk, a capital de Kamchatka, e poucas outras cidadezinhas foram privadas de eletricidade como resultado de contas não pagas.[4] Yeltsin tentou sem sucesso resolver a crise pondo na rua dois primeiros-ministros em seis meses – Viktor Chernomyrdin em março, Sergey Kiriyenko em agosto.

Quanto a 1999, falava-se mais e mais no Kremlin que o primeiro presidente livremente eleito da Rússia, Boris Yeltsin, estava sofrendo de um "resfriado". Quando a mídia russa relembrou que, no passado, "resfriados" tinham se mostrado fatais com alguns dos governantes do país (ex-presidente Konstantin Chernenko e Yuri Andropov morreram semanas depois de terem pego "resfriados"), o Kremlin mudou de direção e disse que Yeltsin tinha "gripe", o que depois se soube ser um eufemismo para um problema de coração que necessitava de várias Pontes de Safena. Pouco depois disso, Yeltsin veio abaixo com mais um "resfriado" – desta vez supostamente em razão de ter pegado tempo frio depois de uma sessão de sauna – que se transformou num assalto de pneumonia de dois meses e criou outro marasmo presidencial.[5] Para completar, um influente jornal de Moscou já estava noticiando que estava a caminho um golpe contra o doente Yeltsin.[6]

Existe razão para concluir que sua saúde declinante, combinada ao medo de que pudesse ser retirado do poder e acusado de roubar bilhões e de desmembrar a União Soviética, por fim convenceu um Yeltsin enfraquecido a colocar seu destino nas mãos da historicamente poderosa polícia política russa.

No fim de dezembro de 1999, Yeltsin abdicou inesperadamente. "Não posso ser um obstáculo ao curso natural da história", explicou, falando à frente de uma árvore de Ano Novo decorada e de uma bandeira russa com uma águia dourada. "Compreendo que *devo* fazer isso e que a Rússia *deve* chegar ao novo milênio com novos políticos, com novos rostos, com

novas pessoas inteligentes, fortes, enérgicas".[7] Yeltsin em seguida assinou um decreto declarando que, sob o Artigo 92, Seção 3, da Constituição Russa, o poder do presidente russo seria desempenhado temporariamente pelo recém-designado Primeiro-Ministro Vladimir Putin. Yeltsin também anunciou que uma eleição presidencial especial se daria em 27 de março de 2000, e fez um forte apelo ao povo para que votasse em Putin – um ex-general da KGB –, o qual era "uma pessoa forte digna de se tornar presidente".[8]

De sua parte, Putin assinou um decreto perdoando Yeltsin – o qual se dizia estar ligado a grandes escândalos de propina – "por quaisquer más condutas possíveis" e lhe garantindo "imunidade total" de processos (ou até de buscas policiais e interrogatórios) referentes a "todas e quaisquer" ações feitas quando ocupava o cargo. Putin também deu para Yeltsin uma pensão vitalícia e uma *dacha* (casa de verão) do Estado.[9]

Isso tinha toda a aparência de um golpe da KGB por trás dos panos. Os acontecimentos que precederam e se seguiram à repentina promoção de Putin sugerem fortemente isso. Yeltsin fez história por colocar na ilegalidade o Partido Comunista e por dissolver a União Soviética. Putin, contudo, começou a reconstruir a confiança do país nas instituições soviéticas. Ele falou publicamente, e com carinho, sobre os seus anos na KGB, dizendo que o desejo de trabalhar para essa instituição tinha sido herdado do seu avô, que tinha sido cozinheiro em uma das *dachas* de Stálin, e do seu pai, que tinha algum tipo de "ligações" com a KGB – o que quer dizer que ele no mínimo se reportava sobre os seus amigos e vizinhos. Putin pediu à nação que compreendesse que a agência secreta de polícia "trabalha pelo interesse do Estado". Ele pediu paciência, observando que "90%" de toda a inteligência da KGB era colhida com a colaboração de cidadãos comuns.[10]

Essa rápida manobra funcionou com o povo russo, que via Putin como um homem espontaneamente honesto. A sua admiração por ele começou em dezembro de 1999, quando, na posição de primeiro-ministro, ele investiu brutalmente contra desertores soviéticos, chamando o seu ex-colega General Oleg Kalugin, que tinha deixado a KGB depois do golpe de agosto de 1991 e se estabelecido nos Estados Unidos, de "traidor" e de

"um total preguiçoso".[11] Os soviéticos ainda estavam extremamente viciados no anti-americanismo soviético. Putin então foi até a Lubyanka, o prédio que havia sediado a polícia política da União Soviética desde a sua criação, para celebrar o nascimento da *Cheka*, a primeira organização de polícia política soviética, fundada em 20 de dezembro de 1917. "Vários anos atrás, fomos vítimas da ilusão de que não tínhamos inimigos", disse Putin em um encontro de oficiais de segurança de alto escalão. "Pagamos um alto preço por isso. A Rússia tem os seus próprios interesses nacionais, e *nós* devemos defendê-los".[12]

No dia seguinte, 21 de dezembro de 1999, Putin organizou uma recepção a portas fechadas no escritório do Kremlin, supostamente para políticos que ocuparam cargos na Duma. Por coincidência, era também 120° aniversário do nascimento de Stálin, e Putin aproveitou a oportunidade para erguer uma taça ao bom e velho Stálin.[13] De acordo com a revista russa *Novaya Gazeta*, seu brinde foi endereçado a "Dzhugashvili". Stálin, que significava *homem de aço*, era o nome de guerra do ditador; Iosif Vissarionovich Dzhugashvili era o seu verdadeiro nome.[14]

Alguns dias depois, em um artigo de 14 páginas chamado "A Rússia no Limiar do Terceiro Milênio", Putin definiu a política futura da Rússia: "O Estado deve estar onde e quando for necessário; a liberdade deve estar onde e quando for necessária".[15] No mesmo artigo, Putin rotulou o esforço dos chechenos para ganhar sua independência de "terrorismo", e se comprometeu a erradicá-lo: "Nós os pegaremos de qualquer jeito – se acharmos terroristas espreitando nossa casa, nós lhes daremos o tratamento que merecem. Isso é irrevogável".[16]

Em março de 2000, Putin foi eleito oficialmente presidente, mas as pessoas não sabiam quem ele realmente era. Os construtores da sua imagem introduziam nos livros escolares russos uma página de prosa florida dedicada ao jovem Volodya Putin, descrevendo-o como um herói nacional:

> Este é o seu presidente, aquele que é responsável por tudo neste país. Ele não tem medo de nada. Ela voa em caças, esquia montanhas e vai aonde há conflitos deter a guerra. E todos os outros presidentes de outros países se encontram com ele e lhe têm muito respeito. E eles mostram isso na televisão e escrevem sobre isso nos jornais. Assim tem ele muitos amigos – todo o país da Rússia – e eles o elegeram presidente. Hoje todo mundo diz: Rússia, Putin, União![17]

A capa de alguns desses livros escolares, lançados em setembro de 2000, levava o desenho de um garoto parecido com Putin, o qual apontava um dedo acusador, aparentemente contra um burocrata desonesto, dizendo: "Camaradas crianças! Estejam atentas, conheçam seus direitos".[18] A mídia na Rússia também era em grande medida controlada pelo Estado. Descrevia o desconhecido Putin como um homem do povo, alguém que não tinha papas na língua e, como pessoas comuns, falava o que pensava.[19]

Em 2002, a Rússia também estava produzindo em larga escala retratos e bustos oficiais de Putin – do mesmo modo como a Romênia tinha produzido imagens de Ceaușescu quando ele ainda era desconhecido. Putin justificava isso como mero simbolismo de Estado, como a bandeira ou o hino nacional, acrescentando que ficaria encantado se os retratos e bustos continuassem nas mesas das pessoas depois do término do seu mandato.[20] Os russos terão de esperar para ver se existirá algum "depois" do seu mandato.

Uma vez bem-instalado, Putin ordenou que a estátua de Yuri Andropov fosse recolocada na Lubyanka, de onde tinha sido removida após o golpe da KGB em 1991.[21] Andropov era o único outro oficial da KGB a ter sido entronado no Kremlin, e assim era algo lógico para Putin lhe prestar homenagem.

Putin tomou outra página do livro de Andropov e começou a preencher os mais importantes cargos do Kremlin com oficiais disfarçados da KGB, muitos dos quais vinham de São Petersburgo – onde Putin tinha sido alocado mais recentemente.[22] Eles ficariam conhecidos como "Putinburgers".[23] Ele assinou um decreto criando uma nova estrutura para aumentar o poder central do Kremlin sobre as 98 regiões administrativas da Rússia; dividiu o país em sete "superdistritos", cada um chefiado por "representantes presidenciais",[24] e deu cinco desses novos cargos a ex-oficiais da KGB.[25] Ele também apontou o ex-general da KGB Viktor Ivanov como vice-chefe da sua administração.[26]

Pouco depois disso, ex-oficiais da KGB se tornaram ministros de Defesa e de Relações Exteriores. Muitos outros se tornaram membros de alto escalão do governo. Numa breve entrevista com Ted Koppel no programa *Nightline* da ABC News, Putin reconheceu que tinha levado oficiais da KGB para o Kremlin,

mas explicou que o motivo era que ele queria desenraizar a corrupção. "Eu os conheço há muitos anos e confio neles. Não tem nada a ver com ideologia. É apenas uma questão de qualidades profissionais e relação pessoal".[27]

Na realidade, preencher os cargos mais importantes do governo com oficiais de inteligência disfarçados era outra tradição russa. O serviço de segurança Okhrana do tzar tinha os seus agentes disfarçados plantados por toda parte, como me observou Andropov no começo dos anos 1970, quando o Kremlin decidiu sovietizar esse conceito tradicionalmente russo. Até 1913, o próprio *Pravda* era editado por um agente, Roman Malinovsky, que fora recrutado pela Okhrana quando cumpria pena de prisão por roubo e arrombamento. Depois que foi solto, a Okhrana encobriu seu histórico criminal e o colocou no Partido Comunista de Lênin, onde ascendeu gradualmente até se tornar editor do *Pravda* e último representante de Lênin para a Rússia e líder da facção bolchevique na Duma.[28] De acordo com Andropov, ele também era um dos melhores amigos de Lênin. O enquadramento que a Okhrana fez de Malinovsky funcionou às maravilhas.

De Andropov também soube que todos os cidadãos do bloco soviético responsáveis por administrar as atividades relacionadas a diplomacia, comércio exterior, economia, tecnologia e até religião no Ocidente agora deveriam ser agentes de inteligência disfarçados. Era algo como a militarização do governo em tempos de guerra, mas tinha de ser realizada pelo serviço de inteligência estrangeiro em vez de pelo exército. A Romênia de Ceauşescu seguiu os mesmos passos.

Em 1978, quando rompi com o comunismo, as linhas separando os líderes do país do aparato de inteligência começaram a se tornar obscuras. Poucas semanas depois de eu ter recebido asilo político nos Estados Unidos, a mídia ocidental noticiou que minha deserção tinha detonado o maior expurgo político da história da Romênia comunista. Ceauşescu despediu três membros do seu gabinete, afastou quatro membros do Politburo e substituiu 22 embaixadores. Todos eram oficiais do DIE disfarçados cujos documentos militares e contracheques eu assinava regularmente.

No dia 31 de dezembro de 2000, o presidente Putin, celebrando seu primeiro aniversário como presidente, anunciou que a Rússia tinha um novo hino nacional. Na verdade, a lei assinada por Putin restaurava a melodia do hino nacional de Stálin, que tinha sido proibido depois da queda da União Soviética. A letra original, escrita pelo poeta Sergey Mikhalkov, elogiava Stálin, Lênin, o Partido Comunista e a "inquebrantável" União Soviética. A pedido de Khrushchev, Mikhalkov escreveu uma segunda versão da letra, retirando o nome de Stálin, depois que sua memória política tinha se tornado impalatável. Mikhalkov agora reescrevia novamente sua letra, desta vez para satisfazer Putin.[29]

Yelena Bonner, a viúva do Prêmio Nobel da Paz Andrey Sakharov, denunciou as ações de Putin a esse respeito como "profanação da história". Putin discordou, explicando: "Temos de superar as diferenças entre o passado e o presente".[30]

No mês de abril de 2000, apenas sete dias após Putin ter sido eleito esmagadoramente presidente da Rússia, o empresário americano Edmund Pope foi preso pela FSB. Foi acusado de espionagem, mas seu julgamento se revelou uma farsa. O Prof. Anatoly Babkin, a principal testemunha da FSB contra Pope, abjurou do seu testemunho e disse que tinha sido forçado a assiná-lo. A FSB ameaçou colocar Babkin na cadeia, mas ainda assim retirou as acusações. O instituto de pesquisa onde Babkin trabalhava forneceu à corte documentos mostrando que todo material técnico dado a Pope não era confidencial e que tinha sido legalmente vendido para ele. De todo modo, Pope foi considerado culpado e sentenciado a 20 anos de prisão com base num veredito que foi escrito em apenas duas horas e meia.[31]

Mais uma vez, os Estados Unidos tinham sido enquadrados para parecer um inimigo da Rússia. Então, no dia 12 de dezembro de 2000, Pope foi perdoado, num gesto nobre do presidente Putin,[32] assim como outros americanos ridiculamente enquadrados pela KGB tinham sido perdoados pelos antecessores de Putin. Mas àquela altura o estrago já estava feito. Particularmente para consumo russo interno, os Estados Unidos tinham sido vendidos como inimigo da Rússia. A maioria dos russos começou a olhar para Putin com admiração – enfrentar a todo-poderosa América não era pouca coisa.

De acordo com um comunicado do governo à imprensa de março de 2001, uma série de julgamentos contra os Estados Unidos, julgamentos por espionagem forjados, feitos a portas fechadas, estavam em andamento em Moscou naquele momento, com acusações "tão carentes de provas e tão artificiais em suas suposições, que pelo menos três delas foram retiradas pelas cortes russas de apelação".[33] Esses contratempos não desencorajaram o governo de Putin, contudo, o qual, a cada momento, respondia ao veredito de inocente reabrindo o caso contra o seu alvo.

Em março de 2001, por exemplo, Vladimir Moiseyev, um diplomata russo de carreira, estava em seu terceiro julgamento pela mesma acusação – espionar para os Estados Unidos e seu principal aliado na Ásia, a Coréia do Sul. O documento "incriminador" apresentado pela FSB veio a se revelar a cópia de um discurso que Moiseyev, um especialista em Coréia do Sul, fizera publicamente. No entanto, desde julho de 1998 ele era mantido preso pela FSB, cujo então diretor, General Vladimir Putin, tinha declarado publicamente que o caso "estava além de toda prova".[34]

Putin é uma figura difícil de decifrar, mas os russos estavam encantados com ele, em parte por esse motivo mesmo. A noite de 20 de novembro de 1998 foi chocante para milhões de russos: Galina Starovoitova, a principal dissidente política mulher do país, foi assassinada a tiro em São Petersburgo. Seu assessor de maior confiança, Ruslan Linkov, também foi atingido, mas sobreviveu. Durante os anos soviéticos, Galina tinha trabalhado com o Prêmio Nobel da Paz Andrei Sakharov, e ela inda estava combatendo a KGB, agora rebatizada como FSB, que encarou alegações credíveis de que fora responsável pelo assassinato. Enquanto 10 mil pessoas de luto se reuniam para prestar honra a Galina e pedir que os assassinos respondessem judicialmente, Linkov foi visitado pelo pior dos seus pesadelos – Vladimir Putin, o diretor da FSB. Putin segurou a mão de Linkov por mais de uma hora e ficou lhe dizendo: "Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem".[35]

Os colaboradores de Putin o chamam de "Cardeal Cinza" por causa de sua discrição e maestria estilo Vaticano na arte da intriga. O povo russo admira os seus olhos azul-gelo como

indicativos do seu tipo forte, silencioso, um homem de verdade, que escolhe suas poucas palavras com bastante cuidado. Os russos também amam a capacidade de enganar – gerações deles tinham enganado a si próprias acerca da situação gloriosa do seu próprio país – e Putin os faz se sentir mais espertos ainda. Em 2000, por exemplo, quando Putin estava jantando com o Rei Juan Carlos em Madri, surgiu a história de que a FSB tinha prendido Vladimir Gusinsky, o maior manda-chuva da mídia russa. Putin a princípio disse desconhecer o caso. No dia seguinte, contudo, ele revelou uma surpreendente familiaridade com a prisão efetuada. Uma semana depois, em Berlim, Putin condenou as medidas "excessivas" tomadas contra Gusinsky. De volta a Moscou, Putin divulgou o rumor de que a prisão era uma provocação contra ele. Por fim, a rádio MOST, que é controlada pelo Kremlin, insinuou que a prisão de Gusinsky era uma infeliz retaliação por causa do apoio público do presidente Clinton a Gusinsky durante sua recente visita a Moscou.[36] Caso encerrado.

Numa palavra, a mágica de Putin deriva do fato de ele seguir a tradição de cobrir-se de segredo. Os governantes soviéticos não são de fato conhecidos até que já não estejam mais no poder. É verdade que se pode ter um vislumbre do amor de Putin por caratê por meio de aparições públicas cuidadosamente arranjadas, ou vendo fotos em que se exibe como uma versão mais velha do "Tarzan", seminu com uma faca sob o cinto ou com um rifle na mão, mas no todo Putin parece até menos tridimensional do que pareciam os seus antecessores caricatos de estilo soviético.

Por que Putin é tão cheio de segredos sobre si próprio em plena era da *internet*? Uma razão é que ele passou a maior parte da sua vida como espião e o gosto pelo segredo corre em suas veias – conta com o fato de que ninguém saiba o que ele fez. Tampouco é Putin um "ideólogo", cuja obra e discursos possam ser escrutinados em busca do homem por trás deles. Ele não é um criador, mas uma criação. Ele é produto da KGB, não um Lênin que construiu a KGB. Ele é produto do anti-americanismo do Kremlin, não um Stálin que desovou esse anti-americanismo. Ele é um produto da proliferação nuclear e do terrorismo anti-americano do Kremlin, não um Khrushchev que autorizou as duas coisas.

Durante a velha época soviética, o Ocidente inventou a Kreminologia, uma disciplina que tenta decifrar o que se passa por trás do muro de segredo do Kremlin comparando, por exemplo, fotos anuais de paradas do Dia do Trabalho para ver que membro do Politburo ficou mais perto do governante. Agora temos os Putinólogos, como o Prof. Stephen White, da Glasgow University, o Prof. Michael Mc. Faul, da Standford University, e John Dunlop, da Hoover Institution. Eles dão o melhor de si se utilizando da magra informação disponível, mas é praticamente impossível para um observador exterior se colocar no lugar de um homem cuja carreira se passou na escuridão da espionagem soviética e que tem a arte da mentira incrustada nos ossos.

35
DE *O PAPA DE HITLER* AO 11 DE SETEMBRO

Com o enquadramento de Pio XII como o "Papa de Hitler", o Kremlin começou a fazer do anti-semitismo um movimento internacional. A pior parte veio em 1975, quando Yuiri Andropov usou os Estados Unidos para classificar oficialmente o sionismo como um mal. A máquina de *dezinformatsiya* soviética trabalhou dia e noite para convencer os líderes dos países do Terceiro Mundo a adotar a declaração da ONU declarando que o sionismo era "uma forma de racismo e de discriminação racial". Apresentada oficialmente como uma iniciativa árabe, a resolução na verdade tinha sido esboçada em Moscou e apoiada pelo líder da Organização para a Libertação da Palestina e fantoche da KGB, Yasser Arafat, junto com outros governos árabes amigáveis, a Cuba de Fidel Castro e a maior parte do bloco soviético.

A comunidade dos serviços de inteligência da KGB disseminou centenas de charges anti-americanas e anti-semitas pela sede da ONU em Nova Iorque. Andropov costumava pregar que, no Terceiro Mundo, charges eram muito mais convincentes que provas materiais. Em 1975, a distribuição clandestina de charges em torno do edifício da ONU se tornou uma prática soviética tão rotineira, que o meu DIE teve de designar um especialista em arte gráfica (Major Gheorghe Roşu) para sua estação em Nova Iorque. Nosso co-autor Rychlak entrou nos Estados Unidos em 1979 e se lembra de ver propaganda desse tipo naquela época.

A assim chamada iniciativa árabe foi adotada como Resolução 3379 da ONU por 72 países – na verdade só uma ligeira maioria, considerando-se que 35 nações votaram contra e 32 se abstiveram. Pouco depois disso, a comunidade de inteligência do bloco soviético lançou uma campanha de *dezinformatsiya*

maliciosa retratando os Estados Unidos e Israel como sionistas. Em dezembro de 1991, só poucos meses após a desintegração do bloco soviético, que liderara aquela votação, a resolução anti-semita foi repelida com a larga margem de 111 contra 25. Contudo, a ONU continuou a tratar Israel como um inimigo. Em 2002, a Assembléia Geral das Nações Unidas passou 408 resoluções condenando Israel,[1] o único membro da ONU proibido de ter assento no Conselho de Segurança.[2] O número total de votos contra Israel até aquela mesma data: 55.642.[3] E em 29 de novembro de 2012 a Assembléia Geral das Nações Unidas votou contundentemente – 138 contra 9 votos (com 41 abstenções) – para elevar a condição da Organização para a Libertação da Palestina para a de "Estado observador não-membro".

Nenhum Estado ou organização terrorista árabe jamais foi condenado pela ONU. O motivo? O bloco soviético conseguiu voltar parte significativa dessa organização contra Israel e seu principal apoiador, os Estados Unidos – o país mesmo que formulou este lema: "Nós, o Povo dos Estados Unidos, Unidos por um Mundo Melhor". Durante meus últimos dez anos na Romênia, a comunidade de inteligência do bloco soviético despejou milhões de dólares e milhares de pessoas nesse projeto gigantesco. Quando desertei, praticamente todos os empregados e representantes da ONU advindos de países comunistas (compreendendo um terço da população do mundo) e seus aliados árabes estavam trabalhando em segredo, de um modo ou outro, para os serviços de espionagem do bloco. Sua principal tarefa era retratar Israel e os Estados Unidos como países sionistas cujo propósito era transformar o resto do mundo em um feudo judaico.

Em agosto de 1998, um dos pupilos de Andropov, o general da KGB Yevgeny Primakov, que ascendeu como chefe de espionagem da Rússia após a queda da União Soviética, tornou-se primeiro-ministro. Sob Primakov – que se tornou um anti-semita raivoso durante os anos que passou como conselheiro soviético do Iraque de Saddam Hussein –, o anti-semitismo ameaçou se tornar uma política nacional da Rússia.

Em outubro de 1998, o general aposentado Albert Makashov, então um ex-membro da *Duma*, pediu o "extermínio de todos os judeus na Rússia". Ele insinuou que os judeus eram pagos pelo

sionismo americano para arruinar o país russo. Vezes e vezes a televisão russa reprisou Makashov gritando na Duma: "Eu irei pegar todos [os judeus] e mandá-los para o outro mundo".[4] No dia 4 de novembro de 1998, a Duma derrotou uma moção parlamentar censurando a declaração cheia de ódio feita por Makashov numa votação de 121 contra 107. 38 dos 132 membros do Partido Comunista na Duma votaram contra a censura, e os demais, com exceção de um, recusaram-se a votar. Na manifestação do dia 7 de novembro de 1998, marcando o aniversário de 81 anos da Revolução de Outubro, massas de ex-agentes da KGB demonstraram apoio ao general, cantando "Não toquem em Mashakov!" e utilizando *slogans* anti-semitas.[5]

No dia 3 de agosto de 2001, *98* senadores americanos enviaram uma carta ao presidente Putin expressando preocupação acerca do crescimento do anti-semitismo na Rússia:

> Em anos anteriores, o Senado americano foi unânime em sua condenação de anti-semitismo tão violento, que, infelizmente, estava presente em boa parte da história russa. Seus comentários no ano passado condenando o anti-semitismo assuem especial significância contra o pano de fundo de séculos de perseguições tzaristas e stalinistas. Nós o encorajamos intensamente a que continue a condenar publicamente o anti-semitismo sempre que se manifestar na Federação Russa. Também acreditamos que é importante basear a retórica da condenação em substância de ação.[6]

Dali a poucos dias, contudo, brotou uma nova operação de estilo KGB que objetivava a disseminação do ódio ao sionismo e aos judeus mundo afora. No dia 31 de agosto de 2001 começou em Durban (África do Sul) a "Conferência Mundial Sobre Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Afins", da ONU. Um dos principais objetivos era aprovar outra resolução declarando que o sionismo era uma forma brutal de racismo e que os Estados Unidos e Israel eram os seus principais sustentáculos.[7] Yasser Arafat, Fidel Castro e o mesmo grupelho de governos árabes e do Terceiro Mundo que tinha aprovado a anti-semita Resolução 3379, em 1975, instaram os participantes a condenar Israel e os Estados Unidos como potências sionistas que queriam conquistar o mundo islâmico.[8]

Naquele momento mesmo, é claro, os governos locais e federal da Rússia estavam sendo administrados por ex-oficiais da mesma polícia política soviética que tinha vandalizado cemitérios judaicos na Alemanha e na França, enquadrado Pio XII como o "Papa de Hitler", retratado os Estados Unidos e Israel como inimigos mortais do mundo islâmico e sido *ghostwriters* da anti-semita Resolução 3379 da ONU. Os procedimentos em Durban revelam um inquestionável padrão de *dezinformatsiya* soviética. No dia após o discurso de Arafat, charges anti-semitas cobriam o chão do prédio onde ocorria a conferência.

No dia 3 de setembro de 2001, os Estados Unidos retiraram sua delegação de Durban, acusando a conferência da ONU de ter se "convertido num fórum contra Israel e os Estados Unidos".[9] O governo israelense seguiu o exemplo. No dia 4 de setembro de 2001, o senador Tom Lantos, membro da delegação dos Estados Unidos, disse aos repórteres: "Esta conferência está condenando a si própria por se submeter aos extremistas". Acrescentou: "Eu os culpo por terem se apropriado da conferência".[10]

Os ataques do 11 de Setembro vieram oito anos depois. Nesse mesmo dia a KGB estava comemorando 124 anos do nascimento do seu fundador, Feliks Dzerzhinsky. A arma escolhida para esse terrível ato de terrorismo, que mudou a face do mundo, foi um avião seqüestrado, um conceito inventado pela KGB.

O anti-semitismo revivido por meio de desinformação soviética foi transformado em ódio sangrento pelo "sionismo americano". Esse é outro legado da *dezinformatsiya* de Khrushchev e Andropov. Depois do 11 de Setembro, milhares de pessoas do mundo islâmico dançaram nas ruas ao longo de dias para comemorar a vitória sobre o mal americano. Matar americanos, judeus e seus aliados se tornou um meio de estimular extremistas islâmicos ao lhes dar "vitórias" para celebrar. Em março de 2002, um grande fluxo de palestinos fez fila em um campo de refugiados controlado pelo Fatah para dar parabéns ao pai e ao irmão de Mohamed Daraghmed, 18 anos, que tinha acabado de matar cinco crianças e quatro mulheres em um ataque suicida a bomba em Israel.[11]

O imã de uma das principais mesquitas de Nova Iorque (Mesquita da Ninety-Sexth Street) disse, numa entrevista publicada no Egito, que os judeus eram responsáveis pelos ataques ao Word Trade Center e ao Pentágono.[12] "Foram o Mossad e Israel que perpetraram esses crimes horríveis", concordou Mohamed Ali Eliah, o imã da Casa Islâmica da Sabedoria, localizada em Dearborn Heights, em Michigan. "De que outra maneira você explica que quatro mil judeus não tenham aparecido para trabalhar nas Torres Gêmeas no 11 de Setembro?".[13]

Mohammad Junaid, de 26 anos, disse à rede de televisão britânica ITN: "A minha mãe estava na torre norte do World Trade Center, mas ainda não sinto absolutamente nenhum remorso pelo que aconteceu no 11 de Setembro". Acrescentou: "Posso ter um passaporte americano, mas não sou americano – sou muçulmano". Pouco depois disso, Junaid, cuja mãe tinha sido salva do incêndio no World Trade Center pelos bombeiros, comprou uma passagem só de ida para o Paquistão, para se alistar no Taliban. "Matarei cada americano que eu olhar no Afeganistão. E matarei cada soldado americano que eu olhar no Paquistão".[14]

Por fim, o terrorismo anti-semita e anti-americano de Andropov parece ter se transformado em uma "ciência" nefasta a ameaçar todo o mundo civilizado. Uma *Enciclopédia do Jihad* (que circulava em forma de CD-ROM), de 7 mil páginas, foi encontrada em 1999 na casa do terrorista árabe Khalil Deek, o qual foi preso por supostamente ter colocado uma bomba no principal aeroporto da Jordânia na véspera da virada do milênio. O décimo primeiro volume do livro (que é um CD-ROM à parte) detalha como envenenar água e mantimentos com rícino, um produto químico extremamente tóxico utilizado por Moscou em ações terroristas, a mais famosa delas sendo o assassinato, com o disparo de uma micro-pastilha de rícino pela ponta de um guarda-chuva, do dissidente búlgaro Georgi Markov, realizada em Londres pela KGB de Andropov e seu fantoche búlgaro em 1978.[15]

36
O TERRORISMO NUCLEAR DO KREMLIN

Terá sido mera coincidência que os ataques às torres do World Trade Center e ao Pentágono tenham acontecido no mesmo dia em que a KGB celebrava o aniversário do seu fundador, Feliks Dzerzhinsky? É difícil saber. Por sua própria natureza, operações de inteligência estrangeira são empreendimentos secretos, misteriosos e dúplices. Nas palavras de Stella Rimington, ex-chefe do serviço de inteligência britânico, o MI6, "revelá-las é como desenrolar um emaranhado de fios de lã". Você segura uma ponta e tem de segui-la até chegar perto o suficiente do centro do emaranhado para ver como ele realmente é".[1]

Tentemos deslindar o emaranhado em torno do 11 de Setembro. Durante os anos em que eu estava no topo da comunidade de inteligência do bloco soviético, eu sabia que simbolismo constituía uma mensagem secreta muito importante para os "iniciados". O Kremlin tinha uma queda por simbolismo, outra arma emocional empunhada com sucesso por todos os tzares russos e seus sucessores comunistas. O emblema da União Soviética consistia em um martelo e uma foice, para simbolizar a aliança entre o proletariado a os camponeses. O emblema da polícia política do Kremlin era um escudo e uma espada, simbolizando seus deveres: levar a espada aos inimigos do país e amparar e proteger a revolução comunista. A maioria das organizações terroristas internacionais financiadas pela KGB recebia o nome de movimentos de "libertação", para simbolizar o comprometimento do bloco soviético com a libertação do resto do mundo do imperialismo/sionismo americano.

Andropov e os seus representantes na Europa Oriental fizeram um brinde de champanhe para comemorar a bomba terrorista que explodiu na Praça Sião em Jerusalém no dia 4 de julho

de 1975, deixando 15 mortos e 64 feridos. Isso era claramente um tapa na cara dos Estados Unidos, cujo dia internacional era o 4 de julho. Também foi significativo que o primeiro ataque ao World Trade Center, que tinha o objetivo de derrubar a Torre Norte sobre a Torre Sul e assim gerar morte em massa, tenha ocorrido em 26 de fevereiro de 1993, quando o Kremlin estava comemorando 41 anos desde o primeiro teste nuclear soviético. O ataque suicida contra o USS *Cole*, torpedeiro da Marinha Americana, no qual 17 marinheiros foram mortos e 39 feridos, ocorreu em 12 de outubro de 2000. Era o aniversário do começo da maior ofensiva de Israel em 1973, decisiva para a vitória dos israelenses na Guerra do Yom Kippur. A significância dos fracassados atentados a bomba em Detroit e Nova Iorque no dia de Natal de 2009 nem precisa de explicação.

Há muitas outras "coincidências" no curso das decisões políticas russas recentes a sugerir fortemente que não foram acidentais. Em 2002, por exemplo, Putin e os ex-oficiais da KGB que hoje governam a Rússia começaram a mover publicamente o seu país de volta para o campo dos clientes tradicionais da ex-União Soviética – que foram os inimigos mortais do sionismo e dos Estados Unidos. Putin começou com os mesmos três governos nomeados pelo presidente George W. Bush como o "Eixo do Mal" – Irã, Iraque e Coréia do Norte.

Em março de 2002, Putin reiniciou sem alarde a venda de armas russas para o Iraque. Em agosto de 2002, ele firmou um acordo de $ 40 bilhões com o regime tirânico de Saddam Hussein no Iraque. Em seguida, pouco antes de setembro de 2002, enquanto os Estados Unidos se preparavam para prantear suas vítimas do ataque terrorista do ano anterior, Putin recebeu em Moscou, com grande honraria, Kim Jung Il, o desprezível ditador da Coréia do Norte[2] (hoje falecido). Ao mesmo tempo, Putin começou a ajudar de maneira discreta o governo extremamente anti-semita da República Islâmica do Irã a construir um reator nucelar de 1.000 megawatts em Bushehr, com uma instalação de conversão de urânio capaz de produzir material físsil para armas nucleares. O Ocidente ficou em silêncio, do mesmo modo como antes ficara em silêncio. Ninguém queria se lembrar da ameaça medonha feita pelo Aiatolá Khomeini em 1980: "Nós não cultuamos o Irã, nós cultuamos Alá. Pois patriotismo

é só um nome diferente para paganismo. Deixemos que esta terra queime em chamas. Deixemos que ela se esvaia em fumaça, desde que o Islã emerja triunfante no resto do mundo".[3]

Durante a primeira década do século XXI, uma nova onda de livros afirmando que Pio XII foi o "Papa de Hitler" inundou o Ocidente.[4] Esses livros, a começar por *O Papa de Hitler* (1999), de John Cornwell, estão sendo utilizados para persuadir jovens a abandonar o cristianismo e se voltarem para o islã. Rychlak tem recebido cartas de prisioneiros que se queixam de esse ser um fenômeno crescente nas penitenciárias americanas.

O renascimento da imagem de Pio XII também está empurrando o mundo na direção de uma noite nuclear, preparada pelo Irã. Seu primeiro alvo é Israel. O resto do mundo judaico-cristão virá em seguida. As bombas nucleares jogadas sobre Hiroshima e Nagasaki causaram a morte imediata de aproximadamente 80.000 pessoas. Ao se considerar as mortes por efeitos de radiação em longo prazo, o total é estimado em 120.000. As armas nucleares de hoje em dia são muito mais poderosas.

Khrushchev e sua necrofagia política são culpados pelo pesadelo do novo Holocausto que nos aguarda, executado por um profundamente anti-semita Irã armado com bombas nucleares e uma perigosa Coréia do Norte. Khrushchev gostava de se mostrar como um camponês, mas isso era coisa enganadora. Em todo canto do mundo, camponeses tem senso de propriedade. Khrushchev não tinha. Como observei anteriormente, ele amadureceu politicamente em um período no qual os comunistas soviéticos estavam inclinados a erradicar a propriedade privada, e ele desenvolveu uma natureza sobretudo destrutiva. Khrushchev derrubou estátuas de Stálin, abalou a imagem da União Soviética como paraíso dos trabalhadores, demoliu a unidade comunista internacional, destruiu a reputação de Pio XII, reviveu o anti-semitismo e gerou o atual terrorismo, tudo isso sem construir nada que preenchesse o vácuo criado.

Khrushchev também pôs abaixo a política de Stálin de não-proliferação de armas nucleares. Nunca me encontrei com Stálin, mas ouvi muitas histórias sobre ele da boca de Khrushchev

e de Igor Kurchatov, um oficial de inteligência disfarçado que chefiara o equivalente soviético do Projeto Manhattan. De acordo com eles, Stálin era uma espécie de Gepeto, o carpinteiro italiano que esculpiu um pedaço de madeira que podia sorrir e chorar como uma criança. O Pinóquio de Stálin foi a sua primeira bomba nuclear. Ele a batizou de "Iosif-1". No dia 29 de setembro de 1949, quando Beriya telefonou para ele do lugar de teste no Cazaquistão para dizer que "Iosif-1" tinha produzido a mesma devastadora nuvem em forma de cogumelo que o "Homem Gordo" americano, Stálin chegava ao topo do mundo.

"Naquele dia, Stálin jurou guardar o poder nuclear consigo", ouvi Frédéric Joliot-Curie dizer em agosto de 1955, quando eu era membro da delegação romena na Conferência de Genebra Sobre o Uso Pacífico de Energia Nuclear, realizada pela ONU. O físico nuclear e famoso comunista francês disse que estava com Stálin no escritório deste quando Beriya ligou do local de teste.

Tudo mudou depois que Stálin morreu. Depois de matar os líderes da polícia política da União Soviética e os seus potenciais rivais, Khrushchev precisava de um impulso positivo, e assim decidiu consertar o rompimento não declarado de Stálin com a China por meio de algo estrondoso. No começo de 1955, ele aprovou o pedido de Mao para ajudar o seu país a produzir armas nucleares. Isso, junto com a necrofagia política de Khrushchev, abriu uma caixa de Pandora e libertou um pesadelo internacional.

Em abril de 1955, Khrushchev elaborou uma iniciativa conjunta para ajudar a China a produzir armas nucleares. A KGB, que tinha – e ainda tem, em sua encarnação atual – custódia de todas as armas nucleares da União Soviética, coordenou a operação. Os especialistas patrocinados pela KGB começaram a construir os fundamentos da nova indústria militar nuclear da China, que era expressamente planejada para ter por alvo o "sionismo americano".

Cinco anos depois, contudo, as relações entre Khrushchev e Mao Tsé-Tung começaram a azedar. O líder chinês foi ficando crescentemente insatisfeito com a "desestalinização" realizada por Khrushchev e entendeu literalmente a sua política de co-existência pacífica com o Ocidente. Ele rotulou Khrushchev

de "brando com o imperialismo" e o acusou de abandonar os princípios comunistas.

O primeiro-ministro de Mao, Zhou Enlai, fez várias visitas à Romênia, onde diversas vezes o ouvi dizer que Mao se cansara de Khrushchev e tinha começado a demonstrar abertamente o seu descontentamento – de uma maneira chinesa. Zhou, falando francês fluente,[5] descreveu para seus anfitriões romenos como Mao "fumava como uma locomotiva" durante suas reuniões com Khrushchev, apesar de saber da aversão do líder soviético a cigarros. Pior ainda, durante uma reunião em Beijing em 1958, Mao, que era nadador olímpico, levou seu convidado para a sua piscina olímpica, embora tivesse conhecimento de que Khrushchev não sabia nadar. Foi hilário, disse Zhou, ver Khrushchev se sacudindo de um lado a outro numa bóia enquanto Mao nadava descrevendo anéis em volta dele, como um peixe.

Eu não sabia se todas as histórias contadas por Zhou Enlai eram verdadeiras – líderes comunistas eram famosos por suas mentiras. Tampouco o sei hoje, já que os arquivos secretos da União Soviética e da China Vermelha ainda estão selados. Mas, quando Khrushchev foi ao Terceiro Congresso do Partido dos Trabalhadores da Romênia em Bucareste, no mês de junho de 1960, ele atacou publicamente Mao. Recebeu, por sua vez, uma vigorosa resposta do chefe da delegação chinesa. Observei o confronto entre a blusa florida ucraniana e o uniforme chinês de botões de alto a baixo, e ouvi o líder romeno, Gheorghe Gheorghiu-Dej, dizer que o incidente poderia assumir dimensões catastróficas na mente volátil do "camponês" – isto é, Khrushchev.

Poucas semanas depois do Terceiro Congresso, o bloco soviético teve uma amostra da necrofagia política de Khrushchev e da sua tendência destrutiva de fazer com que cada decisão sua criasse problema. Khrushchev repentinamente retirou todos os conselheiros soviéticos da China e deu fim a todos os projetos conjuntos. De acordo com os chineses, Moscou retirou 1.390 especialistas, rompeu 343 contratos e descartou 257 projetos de cooperação no curso de poucas semanas.[6] O projeto conjunto de arma nuclear estava entre eles, mas a essa altura os chineses já sabiam o suficiente para continuar por conta própria. Dados fornecidos por várias agências de inteligência americanas atestam que, em meados dos anos 1980, a China estava produzindo

pelo menos 400 quilos de plutônio-239 por ano. A capacidade exata do poder estratégico chinês ainda é relativamente desconhecida – ao menos fora dos Estados Unidos –, mas em 1996 o número de ogivas era estimado em 2.500, com mais 140 a 150 sendo produzidas por ano.[7]

Khrushchev não sobreviveu aos seus próprios esforços de proliferação nuclear. No entanto, ele de fato deu a partida na produção dos "Iosif-1" de Stálin na Coréia do Norte e gerou o Irã nuclear de Ahmadinejad.

37
UM IMPÉRIO DA KGB

Durante os 20 anos em que Aleksandr Sakharovsky foi o meu verdadeiro chefe, o general soviético, que era russo até o último grão de pó, dizia com freqüência: "Toda sociedade reflete o seu próprio passado". Sakharovsky acreditava que um dia "nosso campo socialista" poderia usar de um rosto inteiramente diferente. O marxismo pode ser virado de ponta-cabeça, e até o Partido Comunista pode virar história, mas isso não importa. Tanto o marxismo quanto o Partido são organismos estrangeiros que foram introduzidos no corpo russo, e cedo ou tarde eles seriam mesmo rejeitados. Uma coisa, contudo, certamente permaneceria inalterada enquanto a terra russa existisse: "nosso *gosbezopasnost*" (o serviço de segurança de Estado).

Sakharovsky costumava observar que "nosso *gosbezopasnost*" mantivera a Rússia viva ao longo dos últimos cinco séculos; "nosso *gosbezopasnost*" pilotaria seu timão pelos próximos cinco séculos, venceria a guerra "contra o nosso maior inimigo, o sionismo americano" e, por fim, faria da Rússia o líder mundial.

Até agora, Sakharovsky se mostrou um profeta confiável. O seu sucessor no PGU, Vladimir Kryuchov – que depois se tornaria diretor de toda a KGB e autorizaria o golpe de agosto de 1991 que depôs Gorbachev por pouco tempo –, compartilhava claramente da mesma fé fanática no *gosbezopasnost* da Rússia. O sucessor de Kryuchov, Yevgeny Primakov, que fora um oficial da KGB disfarçado sob ordens de Sakharovsky, veio a se tornar primeiro-ministro russo. De maneira mais notável, Vladimir Putin foi o próprio chefe de todo o *gosbezopasnost* antes de ser designado (não eleito!) presidente da Rússia.

No dia 11 de setembro de 2002, um grande número de oficiais do *gosbezopasnost* se reuniu na Lubyanka. Não tinham se reunido para prestar simpatia aos Estados Unidos no primeiro aniversário de sua tragédia nacional de vítima do terrorismo, mas para celebrar o 125º aniversário de Feliks Dzerzhinsky – o homem que criara a polícia política russa, uma das instituições mais anticristãs e anti-semitas da história. Poucos dias depois, o prefeito de Moscou voltou atrás de sua oposição anterior e disse que queria restituir a estátua de bronze de Dzerzhinsky ao seu lugar de honra na Praça Lubyanka.[1] No ano seguinte, o *slogan* "Rússia Para Os Russos" começou a fazer estardalhaço na Rússia, e uma pesquisa de opinião nacional mostrou que 42% da população acreditava que os judeus deveriam ser impedidos de ocupar cargos de poder.[2]

A Guerra Fria realmente acabou, mas, diferentemente de outras guerras, essa não terminou com o inimigo derrotado depondo suas armas. A selvagem KGB, que no curso de sua existência massacrou pelo menos 120 milhões de pessoas em seu próprio solo e outros 70 milhões mundo comunista afora, não apenas sobreviveu como também transformou a Rússia atual na primeira ditadura de serviço de inteligência da história.

Hoje a Rússia pertence a Putin e seus amigos da KGB. De acordo com o respeitado jornal britânico *The Guardian*, Putin acumulou em segredo mais de $ 40 bilhões, tornando-se o homem mais rico da Rússia – e da Europa. Diz-se que ele detém no mínimo: 37% das ações (avaliadas em $ 18 bilhões) da Surguntneftegs, a terceira maior produtora de petróleo da Rússia; 4,5% das ações (avaliadas em $ 13 bilhões) da Gazprom, a maior extratora de gás natural do mundo; e 75% das ações (avaliadas em $ 10 bilhões) da Gunvor, uma misteriosa empresa comerciante de petróleo sediada em Genebra.[3] O fantoche de Putin, Dmitry Medvedev – que foi o presidente russo até Putin (que chegara ao tempo-limite) recuperar o cargo em 2012 –, foi presidente da Gazprom, que é responsável por 93% da produção de gás natural da Rússia e controla 16% das reservas do mundo. O primeiro vice-primeiro-ministro de Putin, Igor Sechin, é presidente da Rosneft, a maior companhia de petróleo do mundo.[4]

Petróleo e gás são responsáveis não apenas pela fortuna exorbitante de Putin, mas também por 50% do orçamento russo

e por 65% de suas exportações. Quando o preço do barril de petróleo passou de $ 122 no dia 6 de maio de 2008, analistas apontaram para ataques em oleodutos na Nigéria e para tumultos no Iraque. A Rússia, contudo, fez uma fortuna. Outros distúrbios no abastecimento estrangeiro de óleo podem dar à Rússia – e a Putin – outras fortunas. O Kremlin de Putin parece estar bem consciente dessa possibilidade.

No dia 12 de julho de 2006, militantes do Hezbollah ("Partido de Deus"), um grupo fundamentalista islâmico profundamente anti-semita sediado no Líbano, mas armado pela Rússia de Putin, lançou um ataque poderoso de foguetes contra Israel. A esse ataque se seguiu uma ofensiva de Israel contra o atacante que durou 34 dias. A maioria das caixas de armas apreendidas pelas forças israelenses durante a ofensiva trazia a marca: "Fabricante: Ministério de Defesa da Síria. Distribuidor: KBP, Tula, Rússia".[5]

Em outubro de 2010, o mesmo Hezbollah que tem apoio russo conduziu um exercício simulando a tomada de Israel. O Centro de Pesquisa do Golfo, que, patrocinado pela União Européia, fornece aos jornalistas uma perspectiva interna da região do Golfo Central, descobriu que as forças militares do Hezbollah estavam armadas com uma grande quantidade de "foguetes Katyusha-122 de fabricação russa, que carregam ogivas 33-lb". O Hezbollah também tinha foguetes Fajr-5 de projeto russo e fabricação iraniana, os quais conseguem alcançar o porto israelense da Haifa, e foguetes Zelzal-1 de projeto russo, os quais conseguem alcançar Tel Aviv. O Hezbollah também tinha mísseis russos Scud, bem como mísseis russos antitanque AT-3 Sagger, AT-4 Spigot, AT-5 Spandrel, AT-13 Saxhorn-2 e AT-14 Spriggan Kornet.[6]

Com o passar do tempo, começaram a aparecer indícios de que o Kremlin de Putin estava envolvido no despertar, e depois no seqüestrar, as revoluções islâmicas de 2011. No Egito, o país islâmico mais pró-americano, manifestações antigoverno começaram em 25 de janeiro de 2011, quando as pessoas tomaram as ruas para protestar contra a pobreza, o desemprego e a corrupção do governo. Poucos dias depois, a Praça Tahrir do Cairo estava inundada de bandeiras verdes do Hezbollah misturadas com cartazes vermelhos de martelo e foice. Alguns dos jovens lá

presentes, que supostamente estavam pedindo por democracia, podiam ser vistos queimando a bandeira do próprio país que simboliza a democracia para a maior parte do mundo – os Estados Unidos.

De acordo com a mídia, em 30 de janeiro de 2011 "uma unidade conjunta do Hezbollah com o Hamas utilizou a destruição trazida pela rebelião no Egito para sublevar a prisão de Wadi el-Natroun, no norte do Cairo, e dar fuga a 22 membros da rede de espionagem terrorista do Hezbollah chefiada por Sami Shehab, que tinha sido condenado por planejar ataques terroristas no Cairo, no Canal e nas cidades do Suez e contra turistas israelenses no Sinai, em 2007-2008.[7] O plano era libertar esses terroristas e quantos prisioneiros pertencentes à Irmandade Muçulmana fosse possível, de modo a "organizar" e "impulsionar" os protestos de rua.[8]

O líder do Hezbollah, Sayyed Hassan Nasrallah, admitiu ter mandado Sami Shehab ao Egito como líder de uma força de 22 homens encarregados de realizar operações terroristas com o propósito de desestabilizar o governo pró-americano.[9] Em um discurso aos rebeldes imediatamente após Shehab ter sido solto da prisão, Nasrallah disse:

> Gostaria de pedir desculpas à juventude da Tunísia e do Egito por termos demorado a anunciar nossa mensagem de apoio, que foi protelada não por hesitação ou confusão... Se tivéssemos nos endereçado a vocês antes, teriam dito que células do Hezbollah estavam por trás da sua manifestação – ou células do Hamas ou da Guarda Revolucionária Iraniana.[10]

Em 20 de fevereiro de 2011, o Centro de Inteligência e Terrorismo de Meir Amit divulgou um relatório, publicado pelo jornal egípcio *Al-Masri Al-Tawm*, declarando que o verdadeiro nome do líder terrorista do Hezbollah recém-liberto era Muhamman Yussuf Ahmed Mansour, que ele era membro treinado da Unidade 1800 do Hezbollah (armado pela Rússia) e que ele tinha entrado no Egito com passaporte falso que o mostrava como egípcio.[11]

Para olhos informados, a conversão secreta do integrante do Hezbollah Muhamman Mansour no egípcio Sami Shehab parece ser idêntica à criação pela KGB do líder da Organização

Para Libertação da Palestina, Yasser Arafat – mas ao contrário. A KGB, quando eu ainda estava ligado a ela, trabalhou muito para transformar um marxista de naturalidade egípcia, Mohammed Yasser Abdel Rahman Abdel Raouf Arafat al-Qudwa al-Husseini, *nom de guerre* Abu Ammar, no Yasser Arafat de naturalidade palestina. Levou muitos anos para que a KGB – e o meu DIE – conseguisse prover a Arafat uma certidão de nascimento palestina credível e outros documentos de identidade, para lhe construir um passado e para treiná-lo na escola de treinamento de operações especiais da KGB em Balashikha, a leste de Moscou.[12] Mas, como disse Andropov, valeu cada minuto. Em 1994, o Arafat, nascido e treinado na KGB, ganhou o Prêmio Nobel da Paz. Ainda assim, só em 2002 foram registrados 13.494 incidentes de terrorismo contra israelenses cometidos pela Organização Para a Libertação da Palestina de Arafat. Mais de 600 civis perderam a vida.[13] Seis meses depois, o número de civis israelenses mortos pelos "mártires" de Arafat passou de 700.[14]

Durante a Guerra Fria, a KGB era um Estado dentro do Estado. Agora a KGB, rebatizada como FSB, é o Estado. Em 2003, mais de 6.000 ex-agentes da KGB – uma organização que no passado tinha comprometido e matado milhões de pessoas, depois de enquadrá-las como espiãs comunistas – estavam nos governos locais e federal russos, e quase metade de todas as mais altas posições de governo são ocupadas por ex-oficiais da KGB. A União Soviética tinha um agente da KGB para cada 482 cidadãos. Em 2004, a Rússia de Putin tinha um oficial da FSB para cada 297 cidadãos.[15]

É simbólico dessa nova era da história russa o assassinato bárbaro do desertor da KGB Alexander Litvinenko em Londres, em 2006, depois de ele ter sido enquadrado como "inimigo da Rússia" por expor – em seu livro *A Rússia prestes a explodir: O plano secreto para reavivar o terror da KGB* – crimes domésticos cometidos pela administração de Putin. A inteligência britânica documentou que o crime fora cometido por Moscou, que se tratava de "assassinato 'patrocinado pelo Estado' e orquestrado pelos serviços de segurança russos" e que fora perpetrado com

polônio-210 produzido pelo governo russo.[16] O suspeito de ter cometido o assassinato, o cidadão russo Andrey Lugovoy, foi filmado por câmeras no Aeroporto de Heathrow quando entrava em Londres, carregando consigo a arma usada no assassinato, polônio-210.[17] No dia 22 de maio de 2007, o Serviço Judicial da Coroa pediu a extradição de Lugovoy para a Inglaterra com base em acusações de assassinato.[18] No dia 5 de julho de 2007, a Rússia declinou de extraditar Lugovoy.[19]

Também em 2007, a KGB/FSB assassinou Ivan Safronov, um especialista em força militar russa da revista *Kommersant*, e fez sua morte parecer suicídio para impedir que ele publicasse uma matéria explosiva sobre a venda secreta do Kremlin de caças SU-30 para a anti-americana Síria. Safronov foi o 21° jornalista crítico do Kremlin a ser morto desde que a prole da polícia política de Andropov tomou o Kremlin em 31 de dezembro de 1999.[20] Mais de 120 jornalistas russos foram assassinados desde então.[21]

Mais ainda, a janelinha para os arquivos da KGB que tinha sido aberta a pesquisadores russos pelo ex-presidente Boris Yeltsin foi discretamente fechada. O destino das dezenas de milhões de pessoas enquadradas e mortas pela KGB está guardado em segurança atrás dos muros da Lubyanka. O envolvimento da KGB na guerra contra a religião – todas as religiões – de igual modo continua a ser encoberto por um véu de segredo.

No dia 5 de dezembro de 2008, morreu Aleksi II, o 15° patriarca de Moscou e toda a Rússia e primaz da Igreja Ortodoxa da Russa. Ele tinha trabalhado para a KGB sob o codinome de "Drozdov" e tinha recebido o Certificado de Honra, da KGB, como foi revelado por arquivos da agência de segurança deixados para trás na Estônia quando os russos foram postos para fora de lá.[22] Pela primeira vez na história, a Rússia tinha a oportunidade de conduzir a eleição democrática de um novo patriarca, mas isso não seria assim.

Em 27 de janeiro de 2009, os 700 delegados do Sínodo reunidos em Moscou receberam uma lista de três candidatos: o Metropolita Kirill, de Smolensk (membro secreto da KGB

cognominado "Mikhaylov"); o Metropolita Filaret, de Minsk (que tinha trabalhado para a KGB com o codinome de "Ostrovsky"); e o Metropolita Kliment, de Kaluga (na KGB com o codinome "Topaz").[23]

Quando os sinos da Catedral de Cristo Salvador dobraram para anunciar que um novo patriarca tinha sido eleito, Kirill/ "Mikhaylov" veio a ser o vencedor. Indiferentemente de se era o melhor líder para sua igreja, ele certamente estava em melhor posição para influenciar o mundo religioso no exterior do que os outros candidatos. Em 1971, a KGB mandara Kirill para Genebra como representante da Igreja Ortodoxa Russa naquela máquina de propaganda soviética, o Conselho Mundial de Igrejas (WCC). Em 1975, a KGB o infiltrou no Comitê Central do WCC, que se tornou um peão do Kremlin. Em 1989 a KGB também o designou diretor de relações internacionais do patriarcado russo. Ele ainda detinha esses dois cargos quando foi eleito patriarca.

Em seu discurso de aceite, como novo patriarca, "Mikhaylov" anunciou que planejava fazer uma viagem ao Vaticano em futuro próximo. Também falou sobre sua intenção de estabelecer canais de televisão religiosos na Rússia que também transmitiriam para o exterior.

Na Rússia, quanto mais as coisas mudam, mais parecem ficar as mesmas. A ciência da desinformação se mostrou uma arma tão encantadora, que os russos permanecem viciados nela. Não há fim à vista para a manipulação de religiões pelo Kremlin, este com o objetivo final de consolidar o seu próprio poder ampliando a distância entre cristianismo, judaísmo e islamismo.

38
MANTENDO A MÁQUINA DE MENTIRAS EM FUNCIONAMENTO

Depois que Vladimir Putin e seus ex-colegas tomaram o Kremlin, a guerra contra a América sionista explodiu na Europa Ocidental com a mesma fúria de quando seu ápice na Guerra Fria. Pouco depois de termos adentrado o novo milênio, milhões de europeus começaram a ir para as ruas, não para celebrar a liberdade de que gozam por ter a América os tirado de debaixo dos coturnos nazistas e soviéticos, mas para *condenar* os Estados Unidos por sua nova guerra contra o terrorismo. Mais uma vez a esquerda européia se mobilizava contra seu arqui-inimigo, a América sionista, persuadindo outras pessoas mundo afora a se juntar às manifestações conduzidas com toda a paixão de encontros religiosos. Em 2001, quando os terroristas de Osama bin Laden declararam guerra aos Estados Unidos por meio dos seus ataques suicidas com aviões, esses grisalhos marxistas europeus que tinham ido às ruas para se manifestar contra os americanos quando eram jovens estudantes da Sorbonne empenharam suas canetas para condená-los novamente.

Os russos que fornecem o estímulo ideológico dessa nova ofensiva anti-americana se tornaram até mais perturbadores que os fuzis Kalashnikov que os terroristas da al-Qaeda estavam apontando para nós. O filósofo francês Jacques Derrida, que dizia ter rompido com o marxismo, mas que ainda se enchia de emoção ao ouvir "A Internacional",[1] começou a pregar que a guerra islâmica contra os Estados Unidos era justificada porque os americanos eram culturalmente alienados. Derrida em seguida pediu uma "nova Internacional" para unir todos os ambientalistas, feministas, *gays*, aborígenes e outras pessoas "despossuídas e marginalizadas" que combatiam a globalização guiada pelos Estados Unidos.[2]

Antonio Negri, um professor da Universidade de Pádua que fora o cérebro por trás das Brigadas Vermelhas – um dos grupos terroristas financiados pela KGB nos anos 1970 – e que cumpriu pena de prisão por seu envolvimento no seqüestro e assassinato do ex-primeiro-ministro italiano Aldo Moro, é co-autor de um livro violentamente anti-americano chamado *Império*. Nele, Negri justifica o terrorismo islâmico como sendo a ponta de lança da "revolução pós-modernista" contra a globalização americana – o novo "império" –, que ele diz estar desfazendo os estados-nações e criando desemprego em massa.[3] O *New York Times* (que omitiu qualquer envolvimento de Negri com terrorismo) foi longe a ponto de chamar essa versão moderna do *Manifesto Comunista* de "o livro mais intenso, mais perspicaz do momento".[4]

No dia 14 de dezembro de 2002, o Secretariado (de estilo soviético) do Conselho Mundial da Paz (WPC) (uma criação soviética), ainda chefiado por Romesh Chandra (controlado pela KGB), convocou uma reunião do seu Comitê Executivo (de estilo soviético), que com vigor "condenou a escalada extremamente perigosa da agressividade americana em escala global". Um apelo internacional foi lançado pelo "Secretariado do WPC", no mesmo diz declarando que

> é significativo e encorajador ver mobilizações grandes, nunca antes vistas, contra a guerra e os problemas da globalização que ocorreram em período recente. Muitos e multiformes movimentos que contestam a situação atual foram se formando e crescendo. Houve manifestações nos Estados Unidos, na Inglaterra, em Florença, em Praga e em outros capitais e cidades menores da Europa.[5]

O documento do WPC reconhecia que "o Conselho Mundial da Paz tinha participado ou co-organizado essas manifestações", e pediu aos "movimentos de paz que intensificassem a sua luta, realizassem iniciativas para mobilizar as pessoas e formassem elos com o crescente movimento popular, ao mesmo tempo estimulando sua ação autônoma enquanto membros do WPC e ajudando a formar um movimento de paz amplo e militante contra a nova ordem mundial".[6] O comunicado oficial do WPC publicado na conclusão daquela reunião dizia, com típico estilo soviético: "A administração criminosa de Bush está intensificando seus preparativos para um ataque unilateral ao Iraque, e esse

unilateralismo da hegemonia está se tornando a maior ameaça à paz mundial". O comunicado também chamava "os povos e movimentos do mundo que aspiravam à paz e à justiça a unir suas vozes e ações contra a guerra americana no Iraque".[7]

No começo de 2003, o mesmo Chandra, homem escolhido pela KGB para o cargo e então presidente honorário do Conselho Mundial da Paz, declarou 12 de abril o "dia internacional das manifestações" e convocou as pessoas do mundo inteiro a organizar protestos pedindo que todos os governos "parem de apoiar os assassinos americanos e britânicos" e insistindo em que a Assembléia Geral da ONU se reunisse para cessar a guerra no Iraque. Braços do WPC em pelo menos 57 países se juntaram aos esforços, convocando manifestações anti-americanas. No fim de semana de 12 e 13 de abril, mais manifestações pela paz ocorreram simultaneamente mundo afora, com maior concentração em Atenas e Moscou.

O Partido Mundial dos Trabalhadores (WWP) se juntou à refrega. Era outra organização de fachada da KGB que me era conhecida desde quando servi no topo da comunidade de serviços de inteligência do bloco soviético. O WWP, que é sediado nos Estados Unidos, convocou manifestações anti-americanas no dia 12 de abril de 2003 em Washington, Seattle, São Francisco e Los Angeles para condenar a "ocupação colonial do Iraque" e pedir "mudança de regime em Washington".[8]

O WWP foi criado pela comunidade da KGB em 1957, com a missão inicial de ajudar o Kremlin a criar uma impressão favorável da invasão soviética da Hungria em 1956 entre os sindicatos e a população "de cor" dos Estados Unidos. Era dirigido por um secretariado de estilo soviético, cujos membros eram secretamente doutrinados e treinados pela KGB, que também financiava suas operações do dia a dia. Em 1959, o WWP ganhou o seu próprio jornal, *Trabalhadores do Mundo*, que era editado pelo departamento de desinformação da KGB e foi, por um tempo, impresso na Romênia junto com a revista do Cominform (*For Lasting Peace, for Popular Democracy*). Para ocultar a mão da KGB e dar ao jornal um apelo mais amplo, os primeiros números mostravam Lênin e Trotsky segurando um cartaz que dizia: "Negros e Brancos Se Unem e Lutam Por Um MUNDO DOS TRABALHADORES".

Atualmente, o WWP tem um escritório nacional em Nova Iorque e 18 sedes regionais por todo o país, cujos endereços estão disponíveis na *internet*. Agora o WWP se apresenta como "um partido nacional marxista-leninista que promove o socialismo, apóia as lutas da classe trabalhadora e a liberação transexual lésbica/gay/bi, organiza protestos e denuncia o racismo e o sexismo". Dois dos seus líderes, Larry Holmes e Monica G. Moorehead, várias vezes concorreram à presidência dos Estados Unidos pela sigla do WWP. Ambos retrataram os Estados Unidos como um país administrado por governos belicistas e ambos acusaram a América de estar cheia de prisioneiros políticos.[9]

O jornal do WWP, *Mundo dos Trabalhadores*, também permanece em atividade e mantém a sua retórica da Guerra Fria. Seu *site* declara: "Somos marxistas independentes" cujo "objetivo é a solidariedade de todos os trabalhadores e oprimidos contra esse sistema imperialista criminoso".[10]

Ao longo dos anos, o WWP criou várias organizações de fachada seguindo diretrizes soviéticas, como a Jovens Contra a Guerra e o Fascismo, a Ação Unida do Trabalho e o Sindicato dos Recrutas Americanos. Mais recentemente, o WWP criou uma organização de fachada chamada ANSWER, isto é, "Act Now to Stop War and End Racism" [Aja Agora Para Deter a Guerra e Acabar com o Racismo]. A ANSWER é um conjunto de grupos, sediado nos Estados Unidos, consistido de muitas organizações antiguerra e de militância por direitos civis. Formada logo após os ataques do 11 de Setembro, a ANSWER desde então ajudou a organizar muitas das maiores manifestações antiguerra dos Estados Unidos,[11] incluindo protestos de centenas de milhares de pessoas contra a Guerra do Iraque. É apoiada por vários órgãos comunistas estrangeiros (o Partido Comunista Libanês, o Novo Partido da Holanda, o *Partido Comunista de la Argentina*) e por várias organizações anti-americanas (o Tribunal Italiano de Crimes da OTAN, o Partido Verde americano, a Amizade Canadense-Cubana).[12]

A ANSWER foi a principal organizadora das grandes manifestações anti-americanas nos Estados Unidos nos dias 12 e 13 de abril de 2003. Seu *site* contém vários folhetos anti-americanos prontos (entre eles "Cerquem a Casa Branca" e "Vote pelo

Impeachment de Bush") que podiam ser baixados, impressos e postados. ANSWER também forneceu dúzias de ônibus para transportar os manifestantes "espontâneos" por mais de 100 cidades dos Estados Unidos, para Washington, São Francisco e Los Angeles, onde estavam marcadas as principais manifestações anti-americanas. Seu *site* continha nomes, números de telefone e *e-mails* dos responsáveis pela administração de cada ônibus, bem como informações detalhadas de como chegar até eles. Por exemplo: "Ônibus para Detroit e Ann Arbor partem às 21h de sexta-feira, 11 de abril; retornam às 6h de sábado, dia 14 de abril. O ônibus de Ann Arbor parte do Sindicato de Michigan (State Street e Saint University). Esteja lá às 20:30h. O ônibus de Detroit parte do canto sudeste do estacionamento em Temple Street e Third Street. Entre no estacionamento pelo sul da Temple Street, bem a leste da Third. Segurança e estacionamento gratuito por todo o fim de semana no ponto de partida de Detroit".[13]

Vale notar, o fim da Cúpula do Iraque, organizada pelo presidente Putin em São Petersburgo e à qual compareceram o chanceler alemão e o presidente francês, coincidiu com as manifestações anti-americanas de 12 de abril de 2003 organizadas pelo Conselho Mundial da Paz e seu rebento americano, o Partido Mundial dos Trabalhadores. Também é digno de nota que, em 2005, depois de ter deixado de ser chanceler, Gerhard Schröder aceitou um alto cargo na companhia russa Gazprom.[14] Em um editorial intitulado "Gerhard Schroeder, um vendido", o Washington Post expressou crítica dura, refletindo sobre as amplas ramificações internacionais do novo cargo de Schröder.[15] O democrata Tom Lantos, presidente do Comitê de Relações Exteriores da Câmara, comparou Schröder a uma "prostituta política".[16]

Os políticos e a mídia dos Estados Unidos ofereceram várias explicações para a atual onda européia de ataque à América: a Europa se sente irrelevante porque Washington não lhe pediu permissão para iniciar a guerra contra o terrorismo; ao longo dos últimos 25 anos a Europa gastou toda a sua riqueza em Estado de bem estar social e programas sociais, e agora está envergonhada de admitir que sua força militar não é adequada; a Europa sempre favoreceu a política de apaziguamento;

a Comunidade Européia está demasiado absorvida por sua integração interna e não quer se distrair com a batalha contra o terrorismo – assim como não queria se envolver em seu próprio conflito balcânico; os Estados Unidos falharam em resolver o problema da fome mundial e isso deixou os países árabes e muçulmanos loucos de raiva.

Apesar de haver alguma verdade em todas essas explicações, há outra razão de maior força que é universalmente ignorada: a sobrevivência da máquina de *dezinformatsiya* da KGB advinda da Guerra Fria, a qual passou mais de 40 anos realizando operações anti-americanas com o propósito de desacreditar o "principal inimigo" do Kremlin.

Nos anos 1970, durante meu último encontro com Andropov, o diretor da KGB me disse que "agora tudo o que temos de fazer é manter a máquina em funcionamento". Andropov era um juiz sagaz da natureza humana. Ele compreendia que, no fim, o envolvimento soviético original seria esquecido, e então a máquina de *dezinformatsiya* ganharia vida própria. É apenas o modo como funciona a natureza humana.

Na Rússia, quanto mais as coisas mudam, mais parecem permanecer as mesmas. Obviamente os franceses, esses perfeitos diplomatas, têm a expressão perfeita para definir isso: *Plus ça change, plus c'est la même chose*. E assim prossegue.

39
O MOVIMENTO ANTIGUERRA

Em março de 2008, o mundo inteiro assistiu pasmo ao Reverendo Jeremiah Wright, o conselheiro espiritual de um eminente senador americano que concorria à Casa Branca como candidato do Partido Democrata, gritar na tela de tevê: "Deus amaldiçoe a América!". Ele acusou os Estados Unidos da América, o país que tinha derrotado o nazismo e o seu Holocausto, de espalhar de propósito o vírus da AIDS para matar os negros. Também insinuou que a América, o único país na Terra que tinha declarado guerra ao terrorismo, tinha na verdade acarretado os ataques do 11 de Setembro com o próprio "terrorismo" que pratica.

Eu esperava que os líderes do Partido Democrata repreendessem veementemente o anti-americanismo venenoso do Reverendo Wright em razão da desinformação que representava. Em vez disso, a máquina de controle de danos dos democratas simplesmente pôs de lado a questão, chamando o discurso de Wright de um "produto de circulação comum em igrejas negras".

Mas "Deus amaldiçoe a América" não nasceu em igrejas negras. Tenho muitos amigos negros e todos eles amam e respeitam profundamente a América. Tampouco a frase – e o sentimento – é de origem islâmica, francesa, alemã ou mexicana. Os milhões de pessoas ao redor do mundo que esperam numa lista serem aceitos nos Estados Unidos não odeiam a América. Eles a admiram – é por isso que querem viver lá.

"Deus amaldiçoe a América" é um *slogan* lançado muitos anos atrás por um movimento religioso apelidado de "teologia da libertação", cuja criação pela máquina de *dezinformatsiya* da KGB foi descrita em capítulo anterior.

Tenho boas razões para acreditar que a tolerância do Partido Democrático para com a blasfêmia do Rev. Wright é resultado da crescente tendência do Partido de engolir operações de *dezinformatsiya* e lhes dar uma fachada americana. Na época em que recebi asilo político, eu não conseguia dizer a diferença entre o Partido Republicano e o Partido Democrático. Aos meus olhos na época, ambos os partidos eram a encarnação da liberdade e do anticomunismo. Assim foi, até o memorável 19 de julho de 1979, quando o presidente Jimmy Carter, afetuosa e repetidamente, beijou o brutal governante soviético Leonid Brezhnev durante o seu primeiro encontro em Viena.

Tiranos desprezam apaziguadores. No dia 12 de abril de 1978, eu estava no carro com Ceauşescu indo embora de uma cerimônia oficial na Casa Branca. Ele pegou de uma garrafa de álcool e a entornou sobre o seu rosto, depois de ter sido afetuosamente beijado pelo presidente Carter no Salão Oval. "Imbecil", sussurrou Ceauşescu com desgosto. Cinco meses após o abominável beijo de Carter em Brezhnev, um esquadrão terrorista da KGB assassinou Hafizullah Amin, o primeiro-ministro – de formação americana – do Afeganistão e o substituiu por um fantoche soviético. Em seguida o Exército Vermelho invadiu o país.

O débil protesto do presidente Carter consistiu apenas em boicotar as Olimpíadas de Moscou, pusilanimidade que deu origem ao regime do Taliban. Sou grato ao presidente Carter por ter assinado meu asilo político, mas, em verdade, foi ele quem lançou as bases para a expansão do atual terrorismo internacional. Sua fraqueza presidencial ao abandonar o xá pró-Ocidente do Irã levou diretamente ao nascimento da moderna revolução islâmica, que desde então se multiplicou em organizações terroristas amplamente disseminadas, como a al-Qaeda, que têm atacado de maneira direta a América.

Outra *dezinformatsiya* da KGB lançou em 2004 a carreira política do candidato indicado pelo Partido Democrata para Casa Branca, o senador John Kerry. No dia 22 de abril de 1971, o ex-tenente da Marinha testemunhou no Comitê de Relações Exteriores do Senado que soldados americanos lhe tinham dito no Vietnã que haviam "estuprado, decepado orelhas, decapitado, ligado fiação de telefone portátil a genitálias humanas e em seguida ligado a energia, cortado membros fora, explodido

corpos, atirado em civis a esmo, arrasado povoados de maneira similar a Genghis Khan".[1]

Embora o senador Kerry nunca tenha revelado inteiramente a fonte dessas acusações abomináveis, reconheço-as como sendo produto de outra operação de desinformação da KGB. Nos anos 1960 e 1970, quando eu era um dos líderes da comunidade dos serviços de inteligência do bloco soviético, a KGB espalhou essas mesmas acusações maliciosas, quase que palavra por palavra, em movimentos de esquerda americanos e europeus. Eram parte de uma operação de desinformação da KGB que objetivava desencorajar os Estados Unidos de proteger o mundo contra a expansão comunista.

Não questiono o patriotismo do senador Kerry. Ele certamente ama este país esplêndido tanto quanto eu. No entanto, tenho fortes razões para acreditar que, quando era jovem, ele foi enganado por *dezinformatsiya* de Moscou. Durante meus anos como oficial de inteligência, muitas vezes me envolvi na criação de anti-americanismo absolutamente do nada, e podia ver quão fácil era fazer os jovens odiarem a América.

Em julho de 1953, fui encarregado de ajudar a organizar um congresso internacional da *Fédération Mondiale de Jeunesse Démocratique* (Federação Mundial da Juventude Democrática) em Bucareste. O objetivo desse congresso de jovens era denegrir os esforços americanos de deter a expansão do comunismo da Coréia do Norte. O meu chefe na época, General Penteleymon Bondarenko – romanizado como Gheorghe Pintilie –, deu os toques finais à preparação. Como mencionei antes, ele era um cidadão soviético com vaga ancestralidade romena que tinha se tornado o primeiro chefe da *Securitate* romena, onde era conhecido por todos como Pantyusha, seu apelido russo. Ele mal falava romeno, e o pouco que conseguia era temperado com forte sotaque russo e saía num jargão antiquado de classe trabalhadora entremeado de vulgaridades.

Pantyusha me explicou que "aquele estudantes de mer* ficam empolgados com qualquer bos* de injustiça e têm uma porr* de pavio curto quando vão protestar". Isso fazia deles "massa maleável em nossas mãos, e podemos moldá-los como qualquer mer* que quisermos". Minha principal tarefa era moldá-los como manifestantes anti-americanos.

Como oficial de inteligência, eu ainda era novato, mas por fim tive de vir a concordar que Pantyusha conhecia os seus estudantes. Os jovens que foram ao congresso eram colocados em *hostels* separados para eles em Bucareste, e eu lá me acomodei com eles. As paredes dos *hostels* eram preenchidas com reportagens e fotografias que supostamente documentavam os abomináveis crimes cometidos pela força militar estilo Genghis-Khan da América, gerando violentas reações anti-americanas nos jovens visitantes. Álcool corria livre nos *hostels*, o que ajudava a inflamar a revolta.

De noite, a maioria dos jovens, levada por delegados do congresso suíços, andavam completamente nus de quarto em quarto, procurando aventuras sexuais. Em suma, o congresso foi uma imensa festa desinibida, cujo único preço de admissão era a diversão especial de gritar palavras de ordem anti-americanas.

No dia 27 de julho daquele ano, enquanto o congresso da juventude seguia a todo vapor, a rádio romena anunciou que se chegara a um armistício na Guerra da Coréia naquele dia. "O imperialismo americano foi absolutamente derrotado", retiniu na rádio. A devassidão começada nos *hostels* dos jovens se espalhou pelas ruas, desenvolvendo-se numa histeria anti-americana diuturna. Fui parte disso. No dia seguinte, o governo romeno organizou uma reunião "popular" em Bucareste para celebrar a ocasião. Foi a primeira derrota americana na arena internacional e foi festejada regiamente. Lembro de me juntar à festa, gritando: "Yankees, voltem para casa!".

Em retrospecto, recordo que não se fez menção alguma no congresso da juventude ao fato de que a guerra na verdade tinha sido iniciada quando tropas da Coréia do Norte, em tanques russos T-34, cruzaram o paralelo 38 no dia 25 de junho de 1950, numa tentativa de exportar a revolução comunista. Ninguém queria ouvir que a China comunista tinha decidido entrar na guerra no mês de outubro seguinte, embora isso tenha mudado o curso da guerra. Em vez disso, o congresso da Federação Mundial da Juventude Democrática passou todo o tempo condenando as "atrocidades" de guerra da América, tais como mostradas nas cenas de horror falsificadas que tinham sido apensas às paredes da sala de reuniões e dos *hostels* dos jovens.

Olhando para aquele período de minha vida, percebo o quanto é fácil mudar de posição política entre os 25 e 30 anos. Cinco décadas depois, enquanto eu assistia ao espetáculo televisionado de milhares de jovens protestando em Paris e Berlim contra a "guerra criminosa da América" no Iraque, pude me imaginar entre eles. Eles pertencem à nova geração, mas estão condenando o mesmo tipo de "atrocidades americanas" cuidadosamente forjadas que condenei em 1953, e estão somente a alguns milhares de milhas distantes da verdadeira América, como eu mesmo estive.

x

Hoje em dia, considera-se falta de educação apontar para qualquer fonte soviética do anti-americanismo americano. Mas, ao longo de toda a sua história, os americanos nunca tinham sido anti-americanos. Eles voluntariamente vieram para os Estados Unidos. Foram sempre um povo orgulhoso e independente que amava seu país e que venceu todos os conflitos militares, até chegar às guerras contra a expansão comunista – as guerras da Coréia e do Vietnã.

De 1776 para 1782, os americanos enfrentaram a Inglaterra, o mais poderoso império do mundo na época – e venceram. Na Guerra de 1812, os Estados Unidos de novo forçaram a Inglaterra a fazer o caminho de volta no Atlântico. Depois que os Estados Unidos anexaram o Texas, cuja independência os mexicanos se recusavam a aceitar, em 1846 o México atacou os Estados Unidos e foi completamente derrotado. Em 1898, os Estados Unidos foram à guerra para apoiar o desejo de Cuba de fazer-se independente da Espanha, dizimando a esquadra espanhola e forçando os espanhóis a iniciar o processo de paz. Durante a Primeira Guerra Mundial, na qual mais de 40 milhões de europeus foram mortos, os Estados Unidos rapidamente organizaram um exército de quatro milhões de homens que foi determinante para a derrota do agressor alemão.

Durante a Segunda Guerra Mundial, quase meio milhão de americanos morreram para derrotar o nazismo e deter o Holocausto, e seu país permaneceu fortemente unido ao seu comandante-em-chefe. Os Estados Unidos realizaram eleições nacionais durante a guerra, mas nenhum candidato ao cargo sequer

pensou em prejudicar a unidade americana em prol da vitória pessoal de sua candidatura. O oponente republicano Thomas Dewey declinou de criticar a política externa do presidente democrata Franklin Roosevelt durante o período da guerra.[2] Quando esta acabou, uma América unida arregaçou as mangas e ajudou a reconstruir seus inimigos vencidos. Levou sete anos para transformar a Alemanha de Hitler, a Itália de Mussolini e o Japão de Hirohito em democracias prósperas, mas esse esforço fez dos Estados Unidos o líder mundial inconteste.

Então, subitamente, certo número de americanos começa a se voltar *contra* as guerras lutadas pelo seu próprio país. Em 1968, os manifestantes anti-Guerra do Vietnã nos Estados Unicos chegavam a 7 milhões. Passaram a ver o seu próprio governo, e não o comunismo, como inimigo.[3] Chegou ao ponto de que a atual elite de Washington acredita que bater no comandante-em-chefe americano em tempo de guerra é algo tão americano quanto torta de maçã.

Como o venerável patriotismo americano chegou a esse ponto?

"Democratas sob os governos de Roosevelt, Truman e Kennedy elaboraram e conduziram uma política externa baseada em bons princípios, uma política internacionalista, forte e bem-sucedida", disse o senador Joseph Lieberman no dia 27 de maio de 2008, explicando o problema em poucas palavras.

> Agora, o Partido Democrático vê a América como a principal ameaça à paz mundial. Os soviéticos e seus aliados eram nossos inimigos, não porque fossem inspirados por uma ideologia totalitária fundamentalmente hostil ao nosso estilo de vida, ou porque nutrissem ambições de conquista mundial. Antes, os soviéticos eram nossos inimigos apenas porque os provocamos e porque falhamos em sentar e lhes dar o respeito que mereciam. Em outras palavras, o principal culpado da Guerra Fria foi a América.[4]

O Senador Lieberman estava vendo só um lado da moeda. Eis o outro.

A percepção geral nos Estados Unidos é de que o movimento antiguerra da América é criação doméstica. Na realidade, é o resultado de uma operação de *dezinformatsiya* ainda bastante secreta iniciada pela KGB durante a Guerra do Vietnã com o duplo objetivo de conter os esforços americanos de proteger o

mundo contra a expansão comunista e de criar dúvida mundo afora acerca do poder, julgamento e credibilidade dos Estados Unidos. Infelizmente, a operação realizou os seus dois objetivos.

O diretor da KGB Yuri Andropov, um ex-embaixador e de longe o mais educado diretor que a KGB já teve, batizou essa operação de *dezinformatsiya* com o codinome "Áries", em referência ao deus grego da guerra. Áries era costumeiramente acompanhado no campo de batalha por sua irmã Éris (deusa da discórdia) e por seus dois filhos, Deimos (medo) e Fobos (terror).

Andropov estava convencido de que a guerra no Vietnã fornecia uma chance única, e que não iria se repetir, de fazer a Europa *ter medo* do *terror* militar americano e de estimular a *discórdia* entre o Velho Continente e seu próprio líder na época, os Estados Unidos. Portanto, Andropov fez da Operação Áries a maior prioridade desde os primeiros dias da Guerra do Vietnã.

Para ocultar sua participação, a KGB criou a assim chamada Conferência de Estocolmo sobre o Vietnã e escalou para ela oficiais disfarçados da KGB. Essa nova organização de fachada de *dezinformatsiya* recebia uma média de $ 15 milhões por ano do Departamento Internacional do Partido Comunista Soviético – o qual em acréscimo fornecia $ 50 milhões anuais ao Conselho Mundial da Paz de Chandra. O dinheiro – para ambas as organizações – era entregue pela KGB sob a forma de dólares lavados, de modo a esconder sua origem. De todo modo, as impressões digitais da KGB estavam por toda parte na nova organização.

Copiando o Conselho Mundial da Paz, a *dezinformatsiya* irmã menor de Estocolmo estabeleceu um secretariado de estilo soviético para administrar as suas atividades gerais, criou comitês de trabalho de estilo soviético para conduzir suas operações no dia-a-dia, gerou papelada burocrática de estilo soviético, usou de vocabulário de estilo soviético e lançou *slogans* de estilo soviético. Mais ainda, veio a adotar o mesmo *modus operandi* do Conselho Mundial da Paz. O programa operacional do DIE para 1968, por exemplo, incluía a tarefa de obter 100 milhões de assinaturas em todo o mundo para o apelo de "parar a Guerra do Vietnã" então há pouco lançado pela Conferência de Estocolmo. Para o mesmo ano, o DIE também recebeu a missão de organizar reuniões de emigrados em todos os

principais países ocidentais, para condenar a "agressão criminosa" da América no Vietnã.

A assim chamada Conferência de Estocolmo teve reuniões internacionais em 1972. Durante seus cinco anos de existência, espalhou ao redor do mundo incontáveis artigos e fotografias maliciosos de *dezinformatsiya*, que supostamente descreveriam as barbaridades cometidas pelas forças americanas à la Genghis Khan contra civis vietnamitas. Todos esses materiais eram produzidos pelo departamento de desinformação da KGB e continham basicamente descrições forjadas de atrocidades americanas cometidas contra civis no Vietnã, bem como fotografias falsificadas para dar base às alegações. "Até Átila Huno parece um anjo comparado a esses Amis", disse-me um empresário da Alemanha Ocidental em tom de reprovação depois de ler um desses relatos ("Amis" era o apelido alemão dos soldados americanos). Essas falsificações deixaram, contudo, forte impressão nos partidos comunistas da Itália, da Grécia e da Espanha.

Em 1972, tive uma longa discussão com Andropov sobre a Operação Áries. "Essa operação fez a América se voltar contra o seu próprio governo", começou a falar Andropov, com sua voz suave. Afetou o consenso americano quanto à política externa, viciou o seu debate doméstico e abriu um vão de credibilidade entre a opinião pública americana e a européia, o qual era largo e profundo. Também transformou os esquerdistas do mundo inteiro em inimigos mortais do "imperialismo" americano. Agora tudo o que temos de fazer é continuar a plantar as sementes de "Áries" e regá-las dia após dia. Em algum momento, os esquerdistas americanos irão se apoderar do nosso Áries e começarão a levá-lo adiante por sua própria conta. Por fim, nosso envolvimento original será esquecido e Áries ganhará vida própria.

É triste dizer, mas parece que Andropov estava certo. As eleições americanas de 1974 trouxeram um novo congresso dominado por democratas esquerdistas que imediatamente restringiram o financiamento da guerra no Vietnã, e em 1976 cortou inteiramente o fundo. Enquanto as forças americanas se retiravam precipitadamente do Vietnã, os comunistas vitoriosos massacraram dois milhões de pessoas no Vietnã, no Laos e no Camboja. Outro milhão tentou escapar pelo mar, mas morreu tentando.

A Operação Áries também mudou os Estados Unidos. Hoje não se trata apenas de jovens esquentados como aquele tenente John Kerry ainda rapaz, que gritou acusações de crimes de guerra supostamente cometidos pelas forças americanas. A Convenção Nacional Democrata de 2004 se focou quase que exclusivamente no período da Guerra do Vietnã, dando nova dimensão ao velho "Áries" de Andropov e jogando mais lama sobre nossas forças militares e seu comandante-em-chefe do que o fizeram Andropov e seus sátrapas. Um após um, os participantes da convenção denegriram as forças armadas americanas retratando seu comandante-em-chefe como um "renegado", um "mentiroso", um "enganador" e uma "fraude" que tinha ensejado a guerra para ganho pessoal.[5] Os Estados Unidos tinham cerca de 140.000 soldados empenhados numa guerra fatigante, combatentes que precisavam de apoio político de todos os lados – mas tudo que receberam da Convenção Democrata foram insultos e ódio.

Após a convenção, um dos participantes, Martin O'Malley, que posteriormente se tornaria governador de Maryland, até disse estar mais preocupado com as ações da administração George W. Bush do que com a al-Qaeda.[6]

Poucos dias após a convenção ter terminado, Teresa Heinz Kerry, esposa do adversário democrata que concorria à Casa Branca, declarou que mais quatro anos de administração Bush significariam mais quatro anos de inferno para a América.[7] Assim como o seu marido, ela também tinha engolido a *dezinformatsiya* da Operação Áries.

Também sou um imigrante como Teresa Kerry (nascida de pais portugueses em Moçambique e naturalizada cidadã americana 25 anos depois), e vivi 34 anos sob seis presidentes – alguns melhores que outros –, mas sempre me senti como se vivesse no paraíso.

Ainda em 2007, a maioria dos líderes do Partido Democrata estava empenhada em uma campanha frenética para condenar os Estados Unidos por sua guerra no Iraque e fazer com que retirasse suas tropas incondicionalmente. O senador Harry Reid, líder da maioria democrata, fez a declaração famosa: "a guerra está perdida". A líder democrata da Câmara, Nancy Pelosi, anunciou que "a guerra foi um grande erro", acrescentando que

os interesses de ricas corporações teriam um inesperado ganho e que a classe média pagaria a conta. Era exatamente isso que a *dezinformatsiya* de "Áries" também pregava.

No dia 9 de outubro de 2008, o senador John Kerry, que em 2009 viria a se tornar o presidente do poderoso Comitê de Relações Exteriores do Senado, declarou numa entrevista de tevê a Jim Lehrer, do canal PBS:

> Bom, permita-me dizer rapidamente que tive a experiência extraordinária de assistir de perto, pessoalmente, aquela transição na Rússia, pois eu estava lá após a transformação. E fui provavelmente um dos primeiros senadores... a descer ao subterrâneo da KGB sob a Praça Treblinka e ver resmas de arquivos com nomes escritos nelas. Isso de certa forma tornou possível a transição para a democracia que a Rússia estava tentando fazer.[8]

Em primeiro lugar, se o senador Kerry não sabe que Treblinka foi um campo de concentração nazista na Polônia, ao passo que a KGB estava, e ainda está, na Lubyanka, que podemos supor que ele tenha aprendido de todos esses arquivos – escritos numa língua que aliás ele nem saberia ler?

Infelizmente, o senador Kerry e uns poucos outros políticos americanos de cúpula consideram que a União Soviética e a sua KGB são história passada. Eles engoliram outra *dezinformatsiya* do Kremlin, de acordo com a qual o execrável legado soviético foi arrancado fora em 1991, com a desintegração da União Soviética, assim como o legado nazista tinha sido erradicado em 1945 com o fim da Segunda Guerra Mundial. Eles também acreditam que a Rússia se tornou um aliado que é amigo tão sincero dos Estados Unidos quanto o é a atual Alemanha.

Não nos enganemos: desde que as fronteiras soviéticas foram abertas, a Rússia de fato se transformou de maneira positiva e sem precedentes. Jovens gerações de intelectuais estão agora lutando para desenvolver uma nova identidade nacional. Existem, contudo, diferenças substanciais entre a Rússia pós-soviética e a Alemanha pós-nazista.

Depois de a Alemanha ter se rendido em 1945, o Terceiro Reich de Hitler foi demolido, seus criminosos de guerra foram

levados a julgamento, as forças militares e da Gestapo foram desmanchadas e os nazistas, removidos dos cargos públicos. Nos anos 1950, quando eu era chefe interino da missão romena na Alemanha Ocidental, vi como a sua economia estava sendo reconstruída com dinheiro do Plano Marshall e como o país tinha se tornado uma democracia multipartidária e um grande amigo dos Estados Unidos.

Nada disso aconteceu na ex-União Soviética. Nenhum indivíduo foi levado a julgamento, embora seu regime comunista tenha matado, *em tempos de paz*, 94 milhões de pessoas mundo afora.[9] A maioria das instituições soviéticas, com novos nomes, foram deixadas como estavam e continuam a ser dirigidas por muitas das mesmas pessoas que guiavam o Estado comunista. As forças do exército e da polícia política, que foram determinantes na Guerra Fria, também permaneceram como estavam, mas com novas placas de identificação em suas portas.

Durante a maior parte do século passado, as políticas externas e militares estiveram fortemente centradas na União Soviética – que tinha ao dispor um terço da população do globo –, dividiram profundamente o mundo e repetidas vezes o levaram à beira do precipício de uma guerra nuclear. Apesar de nenhuma figura política americana falar mais sobre a Rússia, ainda assim esse país possui mais de 6 mil mísseis nucleares.

De fato, em agosto de 2008 o vice-chefe do Estado Maior das Forças Armadas da Rússia, General Anatoly Nogovitsyn, ameaçou atacar a Polônia com uma nova geração de armas nucleares. Por hospedar um escudo americano antimíssil, disse ele, a Polônia "se expõe a um ataque com 100% de força". Quaisquer frentes americanas na Europa, advertiu o general, podem vir a ficar sob ataque nuclear russo.[10]

Essa nova geração de armas nucleares russas, caso realmente exista, deve ter sido desenvolvida em uma das cidades nucleares controladas pela KGB que estão escondidas em toda a Rússia. No fim da década de 1970, quando eu ainda estava na Romênia, só o componente nuclear da KGB tinha 87 cidades nucleares supersecretas, como as ilhas de Vozrozhdeniye e Komsomolsk no Mar de Aral. Na época, eu coordenava a inteligência tecnológica da Romênia e conhecia bem essas cidades nucleares. Eram construídas e administradas pela KGB. Nem sequer uma

dessas cidades foi jamais listada em lugar algum, nem mesmo nos mais confidenciais mapas da União Soviética.

Por exemplo, a Cidade de Chelyabinsk nos Montes Urais estava num mapa da União Soviética, mas Chelyabinsk-40, uma cidade de 40.000 pessoas localizada nos Urais, não estava. Tampouco mapa algum mostra Chelyabinsk-65, Chelyabinsk-70, Chelyabinsk-95 e Chelyabinsk-115, todas nos Urais.[11] A cidade de Krasnoyarsk no leste da Sibéria era mostrada nos mapas, mas não havia menção em parte alguma a Krasnoyarsk-25, Krasnoyarsk-26 e Krasnoyarsk-45. Contudo, depois de um acidente nuclear na cidade a leste da Sibéria chamada Tomsk-7 em abril de 1993, outras 10 "cidades secretas" localizadas naquela parte do país foram reveladas.[12]

Essas cidades secretas eram tão imensas, que não poderiam ser desmanteladas, e nada até agora indica que tenham sido. O conhecimento delas pode persuadir a América em geral, e seus líderes em particular, a pararem de fantasiar que a Rússia governada pela KGB é nosso sincero amigo – a Rússia que, como vimos, enquadrou Pio XII como Papa de Hitler para dividir e conquistar o mundo.

Na Segunda Guerra Mundial, 405.399 americanos morreram porque Neville Chamberlain fantasiou que Hitler era um amigo. Não podemos repetir um erro desses.

"Confie, mas verifique" era a famosa frase distintiva da política externa do presidente Ronald Reagan. A atual política americana para com a Rússia de Vladimir Putin, contudo, é chamada de "Restabelecimento" [*Reset*] (palavra erroneamente traduzida pelo Departamento de Estado como "Peregruzka", que significa "sobrecarga"). Só existe um significado para "confie, mas verifique". Existem alguns significados para *reset* nos dicionários, mas todos tendem a significar "restaurar" – exceto na Escócia, onde *reset* é o termo jurídico que descreve o ato de consciente e desonestamente receptar mercadoria roubada.[13]

A ditadura de inteligência da Rússia é um novo fenômeno político, e precisamos de uma nova política externa para lidar com ele. Caso contrário, poderemos encarar uma nova Guerra Fria, a qual ameace ser não apenas fria, mas também sangrenta. Não sei qual deveria ser nossa nova política para com a Rússia. Não tenho acesso a informações confidenciais e nem desejo

bancar o general de poltrona. Os sabichões da mídia americana não são mais sábios que eu. Eu, contudo, tenho razões para sugerir que nossa administração e o Congresso dêem uma boa olhada no Relatório 68 do Conselho de Segurança Nacional (1950) do presidente Truman.

Esse relatório, um documento de 58 páginas, pés no chão, descrevia em termos realistas os desafios à frente dos Estados Unidos naquela época. "O que enfrentamos é grave", dizia o documento, "envolve a plena realização ou a destruição não só desta República mas da própria civilização".[14]

Assim, o NSC 68 se preocupava em criar uma "nova ordem mundial" centrada em valores liberais-capitalistas americanos e continha uma estratégia política bifurcada: poderio militar superior e uma "Campanha pela Verdade", definida como "uma luta, acima de tudo, pelas mentes dos homens". O presidente Harry Truman argumentou que a propaganda e desinformação utilizadas pelas "forças do imperialismo comunista" seriam derrotadas somente pela "verdade simples, direta, sincera".[15] A Voz da América, a Rádio Europa Livre e a Rádio Libertação (que em pouco tempo se tornaria a Rádio Liberdade) se tornaram parte da "Campanha pela Verdade" de Truman.[16]

Se você ainda se pergunta como os Estados Unidos puderam vencer a Guerra Fria sem disparar um tiro sequer, eis aqui uma explicação do segundo presidente eleito da Romênia pós-Ceaușescu, Emil Constantinescu:

> A Rádio Europa Livre foi muito mais importante do que exércitos e os mais sofisticados mísseis. Os "mísseis" que destruíram o comunismo foram lançados pela Rádio Europa Livre, e esse foi o investimento mais importante de Washington durante a Guerra Fria. Não sei se os americanos hoje se dão conta disso, mas nós compreendemos isso perfeitamente bem.[17]

Em julho de 2007, Putin vaticinou uma nova Guerra Fria contra o Ocidente. "A guerra começou", anunciou no dia 8 de agosto de 2008, minutos após os tanques russos terem entrado na Geórgia pró-ocidental.[18]

Mais uma vez a *dezinformatsiya* se tornou uma política oficial secreta. Essa arma invisível é mais uma vez sustentada por meio de ameaças militares, como era durante a Guerra Fria. O

presidente Putin se empenhou em anunciar que a Rússia tinha feito um lançamento de teste de um sistema de míssil capaz de manobrar em pleno vôo, conseguindo assim se esquivar de defesas. O chefe do Estado Maior das Forças Armadas da Federação Russa, General Yury Baluyevsky, acrescentou: "Somos capazes de construir armas que tornarão indefesos quaisquer sistemas antimísseis". Também declarou que a Rússia estava disposta a usar mísseis nucleares para "defender a soberania da Rússia e dos seus aliados".[19]

40
O FANTASMA DE MARX VIVE

Em uma pesquisa de opinião feita em 2008 pela Rasmussen Reports, apenas 53% dos americanos disseram preferir o capitalismo ao socialismo, com outros 27% indecisos e 20% optando firmemente pelo socialismo. Uma das casas noturnas no East Village de Nova Iorque é o KGB Bar, que fica lotado de escritores marxistas que fazem leituras de suas obras literárias enaltecendo a idéia de redistribuição da riqueza americana.[1] Ironicamente, o atual *Pravda* russo fez troça: "É preciso dizer que, como o rompimento de uma barragem, a descida americana rumo ao marxismo está acontecendo com velocidade empolgante, contra o pano de fundo de ovelhas passivas, infelizes, isto é – perdoe-me o leitor –, o povo".[2]

Por que os Estados Unidos da América, que construíram a economia de mercado de maior sucesso na história, estão agora brincando com marxismo? A história certamente oferecerá uma resposta definitiva para essa pergunta. Entrementes, sugiro que se leve em consideração a explicação oferecida pelo filósofo francês Jacques Derrida, que dizia ter rompido com o marxismo, mas confessava ainda ficar cheio de emoção sempre que ouvia "A Internacional".

Pouco antes de morrer, Derrida lembrou-nos de que o primeiro substantivo no *Manifesto Comunista* de Marx é "espectro": "Um espectro ronda a Europa, o espectro do Comunismo". De acordo com Derrida, Marx começa o *Manifesto* com "espectro" porque um espectro nunca morre.[3]

Derrida percebeu algo.

"Se há uma coisa da qual estou certo, é que nenhum homem de pensamento pode imaginar que o resultado final da Grande

Guerra possa ser outra coisa que não um desastre para a humanidade em larga escala", declarou Alfred Mosley, um dos mais celebrados economistas da Europa, em 1915.[4] Ele foi profético. A Grande Guerra trouxe o espectro de Marx à vida sob a forma da União Soviética. O espectro de Marx continua a voltar à vida após cada longa guerra em qualquer canto do mundo.

O império soviético, que levou a Europa Oriental a um sombrio feudalismo, foi criado pouco depois do fim da Segunda Guerra Mundial. O meu país natal se encaixa no caso: quatro anos de guerra ao lado da Alemanha espremeram a Romênia como uma esponja, e o que sobrou foi por vingança roubado pelo "libertador" Exército Vermelho, o qual devastou a terra de maneira pior que uma praga de gafanhotos. Muitos jovens intelectuais romenos que haviam crescido sob influência do fervor patriótico do pós-guerra estavam dispostos a tentar qualquer coisa, incluindo o marxismo, para construir sua terra natal. Eu era um deles.

Em 1945, os jovens eleitores ingleses, também cansados de guerra e ignorantes em matéria de história mundial, de igual modo voltaram-se para o espectro de Marx em busca de ajuda. Dois meses após o fim da Segunda Guerra Mundial, botaram para fora do cargo o lendário Winston Churchill – que tinha sido determinante para o fim da guerra – e colocaram em seu lugar Clement Attlee, um líder marxista disfarçado advindo do Partido Trabalhista. Attlee iniciou seu reinado estatizando o sistema de saúde. Com seu apetite por socialismo mais aguçado, Attlee prosseguiu com a nacionalização dos setores financeiro, automobilístico e energético, de empresas de comunicação, aviação civil, eletricidade, aço industrial – assim como muitos líderes do Partido Democrata nos Estados Unidos tinham indicado o desejo de fazer o mesmo.

A economia inglesa entrou em colapso e o poderoso Império Britânico virou história, dando uma vigorosa – mas evidentemente ignorada – advertência a todos que posteriormente pudessem ser tentados a olhar o espectro de Marx como um salvador. Mesmo as mais famosas marcas britânicas, como Jaguar e Rolls-Royce, tiveram se ser salvas do esquecimento por empresas de automóveis estrangeiras.

Em 1950, os eleitores ingleses se arrependeram e trouxeram Churchill de volta à Downing Street, mas a Grã-Bretanha precisou de 18 anos de governos conservadores para reparar a catástrofe gerada pelo governo de Attlee em meros seis anos. Ao longo do processo de recuperação, o Partido Trabalhista foi sortudo o bastante para conseguir líderes não-marxistas, como Tony Blair, que deram mais uma vez ordem ao partido.

Pesquisadores do Instituto Max Planck para Pesquisas do Cérebro, em Leipzig, descobriram recentemente um fator genético, a Mutação A1, que supostamente afeta a habilidade de aprender com erros do passado. Se for verdade, então talvez muitos povos da América do Sul portem a Mutação A1. Eles levaram ao poder vários *Partidos dos Trabalhadores* à la Attlee na Venezuela, Nicarágua, Honduras e Argentina, colocando esses países sob tutela marxista. Navios e bombardeiros russos estão de volta a Cuba – e na Venezuela – pela primeira vez desde a Crise dos Mísseis Cubanos. O Brasil, a décima maior economia do mundo, até empossou presidente da República uma ex-guerrilheira marxista, Dilma Rousseff.

Depois de 45 anos de Guerra Fria, e mais outros anos de guerra no Iraque e no Afeganistão, milhões de jovens americanos, desconhecedores da história ou incapazes de aprender com ela, passaram a acreditar que o capitalismo é o seu verdadeiro inimigo e que este deve ser substituído pelo socialismo. Encontraram lugar para seus anseios no Partido Democrata, cujo tema de campanha das eleições primárias de 2008 foi a promessa de redistribuir a riqueza da América.

Mas os Estados Unidos passaram tempo demais combatendo o marxismo, e seus empresários livres e independentes jamais irão sucumbir a essa heresia. Seja como for, o *Manifesto Comunista* de Marx sobreviveu o suficiente para completar agora 165 anos, e os marxistas que sobraram parecem ainda estar ansiando que sua fantasia finalmente venha a ser um passado que se cumpriu: a erradicação do capitalismo.

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, numa época em que eu ainda não sabia nada sobre marxismo, também acreditei na

desinformação marxista sobre as maravilhas que a redistribuição de renda pode realizar. Durante esses dias agora distantes, nunca suspeitei que ao ajudar o marxismo a se apoderar da Romênia eu estivesse cometendo um crime contra o meu próprio país, assim como os milhões de alemães que deram apoio ao Nacional-Socialismo de Hitler por também estarem convencidos de que assim ajudavam seu país.

Nesse período, milhões de outros romenos também foram persuadidos, graças à "ciência" soviética da *dezinformatsiya*, a acreditar que a redistribuição da riqueza propalada por Marx resgataria o seu país. Havia bem poucas pessoas em situação financeira cômoda, e a mídia controlada pelo governo fez intensas campanhas de desinformação para persuadir a todos, pertencentes a quaisquer classes sociais, de que a Romênia poderia ser *transformada* em um país próspero pelo simples expediente de confiscar a riqueza da população.

Roubo se tornou política nacional no dia 30 de dezembro de 1948, quando o Reino da Romênia foi abolido e a República Popular da Romênia foi criada. O novo governo marxista confiscou a riqueza do rei, apropriou-se da terra que pertencia a romenos ricos, nacionalizou os bancos e as indústrias do país e enviou a maioria dos proprietários de terras para *gulags*. Então, em 1949, o governo marxista voltou os seus olhos cobiçosos na direção oposta, para as pessoas mais pobres do país. Forçando os camponeses a irem para fazendas coletivas, roubou-lhes sua terra bem como seus animais e ferramentas de agricultura. Em poucos anos, praticamente toda a economia romena era gerada em propriedades roubadas.

"Roubar do capitalismo é algo moral, camarada", escutei Nikita Khrushchev dizer várias vezes. "Não ergam as sobrancelhas, camaradas. Usei de propósito a palavra *roubar*. Roubar do nosso inimigo é algo moral", costumava explicar.

"Roubar dos capitalistas é um dever marxista", costumava pregar meu ex-chefe, o presidente da Romênia Nicolae Ceaușescu, quando eu era seu conselheiro de segurança nacional.

Ambos esses homens ascenderam à liderança dos seus países sem nunca terem ganhado um centavo sequer em algum emprego produtivo. Nenhum dos dois tinha a mais ligeira idéia do que faz uma economia funcionar, e cada um deles acreditava

apaixonadamente que roubar dos ricos era a varinha de condão que curaria todos os males econômicos dos seus respectivos países. Ambos estavam liderando países que já tinham sido livres, que foram transformados em ditaduras comunistas por meio de redistribuição de renda em imensa escala, o que por fim tornou o governo pai e mãe de *tudo*.

Tanto Khrushchev quanto Ceauşescu, contudo, não viveram o suficiente para aprender que a longo prazo o roubo marxista não compensa, mesmo quando cometido pelo governo de uma superpotência, como o provou de maneira devastadora o colapso econômico da União Soviética.

41
DESINFORMAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS DE HOJE

Em 2008, o experiente jornalista do *Washington Post* David S. Broder comparou inocentemente as táticas do senador Barack Obama para esconder seu passado às táticas militares que pilotos utilizam para se protegerem quando voam sobre um alvo fortemente defendido por armamento anti-aéreo: "Eles liberam uma nuvem de fragmentos de metal fino, contando com que isso confunda a mira das granadas ou mísseis que estão sendo lançados em sua direção".[1] Também é uma boa descrição da *glasnost*, que, como já expliquei, é um velho nome russo para o ato de maquiar a imagem do governante (ou pretendente a governante).

Um dos objetivos prioritários de toda *glasnost* que conheci era esconder o passado do líder lhe dando uma nova identidade política. A *glasnost* de Stálin foi planejada de modo a ocultar seus crimes terríveis, retratando-o como um deus na terra. A *glasnost* de Khrushchev consistiu em criar uma pacífica fachada internacional para o homem que trouxe os assassinatos políticos do Kremlin para o Ocidente (como provado pela Corte Suprema da Alemanha Ocidental em outubro de 1962, durante o julgamento público de Bogdan Stashinsky, um ex-oficial da KGB que fora condecorado por Khrushchev em pessoa por assassinar inimigos da União Soviética que viviam no Ocidente).[2] Ceaușescu, que obteve patente de general após freqüentar em segredo uma escola para comissários políticos do Exército Vermelho em Moscou, direcionou sua *glasnost* no sentido de ocultar seu passado retratando a si próprio como um Napoleão romeno – outro tirano baixinho – que odiava a Rússia. Gorbachev, recrutado pela KGB quando estudava na Universidade Estatal de Moscou,[3] planejou sua *glasnost* de modo a ocultar

seu passado retratando a si próprio como um líder mágico que exibia uma atraente "Srta. KGB" aos correspondentes ocidentais, enquanto garantia transformar a União Soviética em uma "sociedade marxista de pessoas livres".[4]

Portanto, a campanha eleitoral de 2008 para a Casa Branca foi, para mim, um grande *déjà vu*. Senti-me como se assistindo a um *replay* de uma das campanhas eleitorais de Ceauşescu das quais participei durante meus anos na Romênia. A mídia de Ceauşescu pintava a Romênia do seu antecessor, Gheorghiu-Dej, como um país decadente, corrupto e economicamente devastado, e pedia que o país fosse *transformado* por meio da redistribuição de sua riqueza. Era uma campanha de desinformação.

Do mesmo modo, a mídia americana tradicional pintava a América como um reino capitalista decadente, racista e predatório, incapaz de fornecer assistência médica aos pobres, de reconstruir suas "escolas caindo aos pedaços" ou de substituir as "fábricas fechadas que outrora deram uma vida decente a homens e mulheres de todas as raças",[5] e prometia que essa realidade poderia ser *transformada* por meio da redistribuição da riqueza do país. Também era uma campanha de desinformação.

Do mesmo modo como Ceauşescu adorava relembrar a todos que alguém tão grande como ele "só nasce a cada quinhentos anos", o senador Barack Obama proclamou de modo prodigioso: "Nós somos aqueles pelos quais estávamos esperando", habilmente utilizando "nós" para transmitir seu verdadeiro significado: *Eu sou aquele pelo qual vocês estavam esperando.* Entrementes, a sede da campanha de Obama em Houston tinha em seu muro um grande cartaz do ídolo comunista Che Guevara, como foi revelado pela afiliada local da Fox News.[6]

O Partido Democrata e a mídia retratavam Obama como um messias americano, e o senador concordou: no dia 8 de junho de 2008, durante um discurso eleitoral em New Hampshire, ele declarou que o início da sua presidência seria "o momento em que as ondas dos oceanos começam a baixar e nosso planeta começa a sarar".[7]

Uma vez eleito, durante os seus primeiros 231 dias na Casa Branca o presidente Obama fez 263 discursos,[8] todos eles essencialmente centrados em si próprio. No seu discurso de 2010 da União do Estado, a palavra "eu" apareceu 76 vezes. Em 2011,

ao anunciar que as bravas forças militares americanas tinham matado Osama bin Laden, Obama usou as palavras "eu", "me", "mim", "meu", "minha" e variações um total de 13 vezes em seu curto discurso de 1.300 palavras.[9] "Eu instruí o diretor da CIA... Eu me reuni várias vezes com o *meu* conselho de segurança nacional... Eu determinei que tínhamos material de inteligência o suficiente para entrar em ação... Sob *minha*s ordens, os Estados Unidos iniciaram uma operação contra aquela construção em Abbottabad, no Paquistão".[10] No discurso de 2012 do presidente Obama na União do Estado, a palavra "eu" apareceu 45 vezes e a palavra "mim", 13 vezes. A essa altura, ele estava na Casa Branca há 1.080 dias e tinha feito 726 discursos.[11] O *USA Today* observa que, ao fim do seu primeiro mandato, o presidente Obama tinha feito 1.852 discursos, observações em público e comentários.[12]

Discursos voltados para si próprio sempre foram uma faceta importante da *glasnost*. De fato, com a passagem do tempo, o marxismo se tornou um mero veículo utilizado pelos governantes "marxistas" para construir discursos de *glasnost* objetivando a promoção de si próprios, assim demonstrando a prodigiosa adaptabilidade do marxismo. Os discursos de *glasnost* de Lênin alteraram o marxismo a tal ponto, que seus seguidores terminaram por chamá-lo de leninismo. Stálin colocou o marxismo, o leninismo, a dialética de Hegel e o materialismo de Feuerbach numa única tigela de *glasnost* e preparou sua própria doutrina política simplificada, que apelidou de "marxismo-leninismo-stalinismo". Os discursos de *glasnost* de Ceaușescu eram uma mistura ridícula de marxismo, leninismo, stalinismo, nacionalismo, arrogância romena e adulação ludibriadora chamada ceausismo. Todos se centravam em Ceaușescu; cada um dos seus discursos continha centenas de ocorrências de "eu", "me" e "mim". E todos eram tão escorregadios, vagos e mutáveis, que ele preencheu 24 volumes de suas obras reunidas sem ser sequer capaz de descrever em que realmente consistia o seu ceausismo!

No caso de Obama, quando ele estava concorrendo à presidência pela primeira vez em 2008, as políticas de sua maior preferência e seu histórico de eleitores revelaram claramente que ele era "o candidato mais esquerdista até então indicado por um partido para presidente dos Estados Unidos".[13] E quem

não recorda o seu comentário marxista descarado endereçado a "João Ninguém" três dias antes do último debate presidencial, de que "quando você distribui a riqueza, é bom para todos"?[14]

O presidente Obama é um jovem político brilhante que foi picado pelo mosquito marxista e que claramente acredita que a mudança do capitalismo para o socialismo é aquilo de que os Estados Unidos realmente precisam. Concorrer à presidência como um socialista em segredo, contudo, implicou navegar em águas desconhecidas, e parece que o senador resolveu encobrir a sua ideologia radical comparando-se a Ronald Reagan[15] e, após sua eleição, a Abraham Lincoln[16] e Teddy Roosevelt.[17]

É claro que por toda parte as pessoas querem que seus líderes políticos sejam melhores que os antecessores. Mas a quintessência do marxismo é *mudança*, a qual é construída sobre o princípio do materialismo dialético de que *mudanças quantitativas geram transformações qualitativas*. Assim, "*mudança*" – por meio de redistribuição da riqueza do país – se tornou o *slogan* eleitoral em todos os países do bloco soviético.

Ora, *mudança* por meio de redistribuição de riqueza também se tornou o *slogan* eleitoral do Partido Democrata durante a campanha eleitoral de 2008. As pessoas sempre adoram um almoço gratuito. Não é de estranhar que o Partido Democrata tenha enchido estádios inteiros de pessoas que pediam que a riqueza dos Estados Unidos fosse redistribuída. Alguns desses aglomerados eleitorais pareciam os encontros de renovação de fé feitos por Ceaușescu – mais de 80.000 pessoas estavam reunidas em frente ao agora famoso templo grego similar à Casa Branca que foi erguido em Denver, para pedir que a riqueza da América fosse redistribuída. Foi um espetáculo de desinformação magnífico.

De acordo com uma emenda de 12 de março de 2008 apresentada ao Senado pelo senador Wayne Allard (republicano do Colorado), financiar 111 dos 138 aumentos de impostos propostos até àquele momento pelo Partido Democrata roubaria $ 1.4 trilhão de empresários e outros pagadores de impostos pelos próximos cinco anos. Essa gigantesca redistribuição de renda faria com que a taxação de pessoas que ganham $ 104.000 ao ano subisse para 74% ($ 12.000) e que a de pessoas que ganham mais de $ 365.000 subisse 132% ($ 93.500),[18] mas tam-

bém afetaria significativamente o pagador de impostos comum que ganha $ 62.000, cuja taxação subiria 61% ($ 5.300).[19]

Milhões de jovens americanos que não pagavam impostos vibraram, assim como a maioria das pessoas pertencentes aos 38% de pais e mães de família eximidos de pagar impostos na época. Estavam, claro, animados com a perspectiva de que uma administração democrata forçaria os ricos da América a pagar parte da assistência médica, das hipotecas, dos empréstimos e dos custos de ensino dos demais, e assim correram a apoiar os candidatos democratas.

O Partido Democrata venceu a eleição para a Casa Branca e teve maioria nas duas casas do congresso. Logo os novos líderes políticos dos Estados Unidos começaram a se transformar numa *nomenklatura* ao estilo Ceauşescu (no bloco soviético, a classe de elite da qual advém aqueles que são designados para cargos de cúpula do governo) com poder sem limites. Essa nova *nomenklatura* começou a governar o país em segredo, assim como o fez a *nomenklatura* de Ceauşescu. "Nós temos de fazer o orçamento ser aprovado para que então vocês saibam o que ele contém", disse certa vez à mídia a então líder da *nomenklatura* da Câmara, Nancy Pelosi.[20] Era algo sem precedentes na história americana. Não demorou muito para que essa *nomenklatura* – essa nova classe arrogante – começasse a controlar bancos, hipotecas, taxas escolares, fabricantes de automóveis e a maior parte da indústria de serviços de saúde.

Quando dezenas de milhares de americanos discordaram da transferência de riqueza de mãos privadas para as do governo e defendeu os valores americanos tradicionais, a *nomenklatura* do congresso as chamou de "extremistas" e potenciais "terroristas".[21] Também era disso que a *nomenklatura* de Ceauşescu chamava os seus críticos.

No dia 7 de fevereiro de 2009, a capa da *Newsweek*, à época a segunda maior revista de notícias dos Estados Unidos, anunciou: "Agora Somos Todos Socialistas".[22] Foi exatamente isso que o jornal de Ceauşescu, o *Scînteia*, afirmou após ter transformado a Romênia em um monumento à sua própria pessoa. A *mudança* da *Newsweek* produziu os mesmos resultados que a *mudança* do *Scînteia* – numa escala americana. Mais de 14 milhões de americanos perderam os seus empregos e 41.8 milhões

de pessoas receberam vale-alimentação. O crescimento do PIB desabou de 3% a 4% para 1,6%. A dívida nacional subiu para nunca vistos $ 13 trilhões ao ano, e calcula-se que chegue a $ 20 trilhões em 2019.

Scînteia foi à falência. Em 2010, o *Newsweek* foi vendido por bagatela (e mesmo sob nova direção e com substancioso aporte financeiro, publicou sua última edição impressa em dezembro de 2012). Também em 2010, um membro da *nomenklatura* do congresso – e resoluta admiradora e visitante da Cuba de Fidel Castro –, a republicana Maxine Waters, começou a pregar que o futuro da indústria americana de petróleo era o socialismo. Ao interrogar com determinação executivos de empresas petrolíferas durante uma audição no congresso, Waters de fato deixou escapar sua intenção de socializar toda a indústria do petróleo, rapidamente voltando atrás, em linguagem mais amena, ao perceber o que estava dizendo: "E adivinhem o que a liberal aqui defende? Defendo a socialização, é..., é..., basicamente o governo administrar todas as nossas companhias".[23] Em 1948, quando a *nomenklatura* romena nacionalizou a indústria de petróleo, o país era o segundo maior exportador da Europa. 30 anos depois, quando rompi com o marxismo, a Romênia era uma grande importadora de petróleo, sua gasolina era racionada, a temperatura em locais públicos tinha de ser mantida abaixo de 17 °C e todas as lojas tinham de fechar no máximo às 17h30min para economizar energia.

Poucos comentaristas políticos conservadores, como Rush Limbaugh, Sean Hannity, Glenn Beck e Bill O'Reilly, alertaram que o marxismo estava infectando os Estados Unidos. Infelizmente, com raras exceções, líderes tanto do Partido Democrata como do Republicano falharam em alertar o país sobre esse perigo. Parece que ninguém acredita que seja possível que os Estados Unidos da América, o líder do Mundo Livre, possam ser vulneráveis ao vírus do marxismo. É outra conseqüência de desinformação.

Após vencer as eleições de 2008, o Partido Democrata também começou a transformar os Estados Unidos em um monumento ao seu líder. Deus me livre de comparar o presidente Obama a Ceaușescu ou a qualquer outro monstro do bloco soviético – acredito firmemente que o primeiro presidente ne-

gro deve ter lugar de honra na história do nosso país –, mas realmente noto algumas coincidências que podem dar ensejo a reflexões. Abaixo, uma lista parcial de projetos e locais que receberam o nome do presidente Obama:

> Califórnia: Estrada Obama, em Seaside; Instituto de Ensino Barack Obama, em Compton; Academia de Preparação Global Barack Obama, em Los Angeles; Academia Barack Obama, em Oakland.
>
> Flórida: Estacionamento Presidente Barack Obama, em Orlando; Avenida Barack Obama, em Opa-locka; Bulevar Barack Obama, em West Park.
>
> Maryland: Escola de Ensino Fundamental Barack Obama, em Upper Marlboro.
>
> Missouri: Escola de Ensino Fundamental Barack Obama, em Pine Lawn.
>
> Minnesota: Escola Técnica Barack e Michelle Obama, em Saint Paul.
>
> New Jersey: Academia Barack Obama, em Plainfield; Instituto Verde de Ensino Barack Obama, também em Plainfield.
>
> Nova Iorque: Escola de Ensino Fundamental Barack Obama, em Hempstead.
>
> Pennsylvania: Escola de Ensino Médio Obama, em Pittsburgh.
>
> Texas: Academia de Liderança para Homens Barack Obama, em Dallas.

Mudança – no sentido de uma maior "eqüidade" – foi ainda o tema do Partido Democrata para as eleições de 2012, mas desta vez o alvo era o capitalismo americano. Essa nova cruzada se refletiu no artigo "Por que o capitalismo não está funcionando?", de Lawrence Summers, ex-chefe do Conselho Econômico Nacional do presidente Obama. De acordo com o ensaio de Summers, os americanos se desiludiram com o capitalismo de mercado: somente "50% das pessoas têm uma opinião positiva sobre o capitalismo, ao passo que 40% não têm". O motivo: "[O capitalismo produz] desigualdade e diminuição da mobilidade social... O problema é real e profundo e parece improvável que venha a

se corrigir se negligenciado. Diferentemente de meras preocupações cíclicas, não parece haver nenhuma solução disponível". As "raízes do problema", segundo Summers, "vão ao fundo da evolução da tecnologia". O capitalismo é um sistema econômico voltado para o lucro que se preocupa mais em enriquecer aqueles que o controlam do que em modernizar a economia do país. A solução seria pesquisas e instalações de produção financiadas pelo governo.[24]

Solyndra! Vocês se lembram dessa bela fábrica feita em vidro e aço construída com $ 535 milhões do governo, a qual em 31 de agosto de 2011 foi à falência, despedindo 11.000 empregados e encerrando todas as atividades? Essa era a solução. Esse era o futuro, segundo Summers.

Robert Deich, ex-secretário de trabalho da administração Bill Clinton, também deu sua pequena contribuição, chamando o capitalismo americano de "Cassino Capitalismo", que usa "o dinheiro de outras pessoas para fazer altas apostas que, se dão errado, causam devastação na economia... Isso tem sido terrível para a economia americana e para nossa democracia".[25]

Ocorreu de o candidato republicano à Casa Branca, Mitt Romney, ser "capitalista", e a máquina de desinformação do Partido Democrata/mídia moveu uma campanha brutal para crucificar o mais "abominável" capitalista da América, Mitt Romney. Além de constantemente demonizar sua empresa de investimento em mercado financeiro, a Bain Capital – que na realidade é uma das empresas mais respeitadas no campo de capital de risco –, a equipe de desinformação se tornou criativa. Por exemplo, em um texto de 5 mil palavras publicado em 10 de maio de 2012 – no que ao mesmo tempo era um relato excitadíssimo sobre o apoio público do presidente Barack Obama ao casamento *gay* –, o bastante influente *Washington Post* descreveu Romney como um valentão *antigay* que tinha assassinado psicologicamente um certo John Lauber, colega seu supostamente *gay* da época da escola preparatória, ao arrancar à força um tufo do cabelo artificialmente clareado dele. De acordo com o jornal, Lauber era um rapaz frágil, e 40 anos depois disso o seu corpo teria vindo abaixo junto de sua alma destruída por Mitt Romney.[26] Uau! Como ousa esse bárbaro Romney concorrer à presidência?

Poucos dias depois, revelou-se que a reportagem toda do *Washington Post* tinha sido uma campanha de desinformação, mas a essa altura o estrago já estava feito. Stu White, que tinha sido citada pelo jornal como testemunha ocular da investida brutal de Romney sobre Lauber, disse à ABC News que, na verdade, jamais tinha sequer ouvido falar do acidente do cabelo arrancado até ter sido contatada pelo Washington Post. A irmã de Lauber, Christine, confirmou que seu irmão "nunca tinha dito nada sobre Mitt Romney ou o incidente do cabelo".[27] Tampouco tinha Lauber uma alma destruída. Ele era um homem resistente, que tomara aulas de adestramento e viajara o mundo com a companhia de cavalos Lipizzaner. Mais ainda, Lauber não morreu porque sua alma tinha sido destruída por Romney. Ele morreu de câncer. Segundo o seu obituário publicado no *South Bend Tribune* quando de sua morte em 2004, "Lauber viveu uma vida plena, formando-se na Vanderbilt University e tornando-se membro da Sociedade Inglesa de Cavalos. Recebeu certificado de marinheiro, tinha licença de agente funerário em três estados e foi chefe do restaurante [de alto nível] *Russian Resort*, na Califórnia. Também serviu no Iraque como civil contratado".[28] De acordo com sua irmã, Lauber manteve o cabelo loiro até a morte. "Ele nunca deixou de clareá-lo".[29]

Para as pessoas que arriscaram recomeçar suas vidas do zero para se tornarem cidadãs deste grande país – como eu fiz e como o fizeram os milhões de pessoas que aguardaram numa lista de espera sua documentação para imigrar –, a América é "a Canaã do capitalismo, a sua terra prometida", como o presciente economista alemão Werner Sombart a chamou em 1906.[30] Essa "Canaã do capitalismo" não foi criada por gente como Jeremiah Wright; foi criada por uma longa sucessão de presidentes americanos que eram capitalistas como Mitt Romney, homens que eram audaciosos o suficiente para serem bem-sucedidos nos negócios e ganharem imensas fortunas.

As posses de George Washington são estimadas num valor atualizado de $ 525 milhões, as de Thomas Jefferson em $ 212 milhões, as de Theodore Roosevelt em $ 125 milhões, as de Andrew Jackson em $ 119 milhões, as de James Madison em $ 101 milhões, as de Lyndon Johnson em $ 98 milhões, as de Herbert Hoover em $ 75 milhões e as de Franklin Delano Roosevelt em

$ 60 milhões. John Fitzgerald Kennedy pode não ter feito a sua própria fortuna, mas herdou algo que se estima em $ 1 bilhão. A riqueza de Bill Clinton é estimada em $ 80 milhões. Alguns desses presidentes foram melhores que os demais; mas nenhum deles jamais foi chamado de "capitalista abominável".

A eleição de 2012 deu fim a essa tradição americana. O capitalismo perdeu a eleição pela primeira vez na história dos Estados Unidos. A máquina de desinformação do Partido Democrata conseguiu distorcer o passado capitalista de Romney a tal ponto, que ele ficava sempre na defensiva, sempre retratado como um predador capitalista ganancioso, quando na verdade, segundo todos os relatos sobre a sua história pessoal, era pessoa de generosidade e humanidade extraordinárias.

Os Estados Unidos venceram a Guerra Fria porque Ronald Reagan foi eleito muito depois de ter expurgado de si a sua própria paixão pelo socialismo de Marx. O presidente Reagan era capaz de enxergar bem a ideologia sedutora de Marx e de identificá-la como a trapaça política que realmente é. Assim pôde subjugá-la. Esperemos que o presidente Obama também possa mudar.

42
DA DESINFORMAÇÃO AO ASSASSÍNIO

O assassinato em 2012 do embaixador americano na Líbia – John Christopher Stevens – por terroristas islâmicos me faz lembrar vividamente do assassinato público, em 1973, de Cleo A. Noel Jr., o embaixador americano no Sudão. Ambos foram assassinados por terroristas islâmicos armados que tomaram de assalto nossos escritórios diplomáticos – um ato de guerra contra os Estados Unidos, de acordo com o direito internacional. Os coordenadores de ambos esses assassinatos vieram a ser conhecidos pelo governo americano, que escolheu manter em segredo suas identidades por razões políticas.

Permita-me conduzi-lo, leitor, quatro décadas atrás e lhe prover uma visão desde dentro do que realmente aconteceu, pois acredito que há algumas lições importantes a serem aprendidas sobre como lidar com as atuais crises.

Em 1973, Hani al-Hassan (nome de guerra Abu Hasan), o oficial intermediário de Yasser Arafat (líder da Organização para a Libertação da Palestina) junto à Romênia, informou-nos, a nós romenos, que Arafat tinha enviado um pelotão para o Sudão sob a chefia do seu número 2, Abu Jihad (nascido Khalil al-Wazir), para realizar uma operação cognominada "Nahr al-Barad" (Rio Gelado), depois de um campo de treinamento palestino ter sido destruído por caças israelenses 11 dias antes. A missão de Abu Jihad era fazer reféns alguns diplomatas americanos em Khartoum, os quais Arafat queria utilizar como elementos de troca pela libertação de Sirhan Sirhhan, o assassino palestino de Robert Kennedy.

– Fa-faça-o pa-parar! – gritou o ditador romeno Nicolae Ceaușescu quando lhe informei a respeito. Como mantinha relações próximas com Arafat, Ceaușescu temia que seu próprio

nome pudesse ser implicado nesse crime terrível. – Fa-faça-o pa-parar! – repetia Ceauşescu.

Era tarde demais. Poucas horas após termos sabido a respeito, depois que o presidente Richard Nixon se recusou a atender ao pedido dos terroristas, o pelotão da OLP executou três dos reféns: o embaixador americano Cleo A. Noel Jr.; o seu subordinado imediato, George Curtis Moore; e o oficial diplomático belga Guy Eid. De acordo com Hassan, o próprio presidente da OLP ordenou, via rádio, que os reféns fossem mortos.

Em 2002, soube um pouco mais de detalhes sobre o envolvimento pessoal de Arafat nesse assassinato brutal por meio de James Welsh, um fuzileiro naval americano reformado e ex-analista de inteligência da Agência de Segurança Nacional (NSA) entre os anos de 1972 e 1974. Welsh me deu documentos originais e transcrições de mensagens interceptadas que mostravam que, de fevereiro a março de 1973, a NSA tinha gravado em segredo as comunicações de rádio entre Arafat e Abu Jihad durante a operação a OLP "Nahr al-Barad", que terminou no assassinato do embaixador Cleo Noel. Essas conversas foram gravadas por Mike Hargreaves, um oficial da NSA alocado no Chipre, e as transcrições foram mantidas em um arquivo chamado "Fedayeen".[1]

De acordo com os documentos fornecidos por Welsh, Arafat utilizava um rádio Racal de modulação em banda lateral única sintonizado em 7150 kHz para se comunicar com Abu Jihad. No dia 2 de março de 1973, por voltas das 20h, Abu Jihad ordenou por rádio que os reféns feitos na operação "Nahr al-Barada" fossem mortos. Como uma hora depois a mídia internacional ainda não tivesse noticiado o assassinato, o próprio Arafat reiterou, via rádio, a ordem de que os reféns fossem mortos. Mais tarde, naquele mesmo dia, Arafat entrou de novo em contato pelo rádio com os atiradores, dizendo-lhes que soltassem os diplomatas sauditas e jordanianos e que se entregassem para as autoridades sudanesas. "Expliquem a sua justa causa para as grandes massas árabes e a opinião internacional. Estamos com vocês na mesma estrada".[2]

Até onde sei, o governo dos Estados Unidos nunca acusou Arafat do seu crime inequivocamente comprovado – nem num tribunal legal nem no "tribunal da opinião pública". Tampouco

Arafat o reconheceu publicamente, embora visse esse assassinato bárbaro como uma insígnia de honra. Eu soube por meio do ex-primeiro ministro da Romênia Ion Gheorghe Maurer que, em maio de 1973, durante um jantar reservado com Ceauşescu em Bucareste, Arafat se vangloriou empolgado com esse assassinato a sangue frio. Maurer, um advogado de formação ocidental que acabara de deixar de ser primeiro-ministro romeno, foi àquele jantar. – Tenha cuidado – Maurer disse para Arafat. – Não importa quão boa seja a posição em que você está, você ainda pode ser condenado por assassinato e roubo. – Embora comunista fanático, Maurer tinha uma espécie de medo lúbrico, supersticioso, de ser pego quebrando o que ele chamava de as duas leis fundamentais da civilização.

– Quem, eu? – disse Arafat, piscando maliciosamente. – Eu nunca tive nada a ver com aquela operação.

Yasser Arafat era criação da "ciência" da desinformação do Kremlin, e ele veio a se tornar um especialista no manejo dessa arma invisível. Arafat – cujo nome real era Mohammed Yasser Abdel Rahman Abdel Raouf Arafat al-Qudwa al-Husseini e cujo nome de guerra era Abu Ammar – era na verdade um nacionalista egípcio burguês transformado em terrorista palestino por uma operação de desinformação da KGB em meados dos anos 1960. Como primeiro passo, a KGB destruiu os registros oficiais do nascimento de Arafat no Cairo, substituindo-os por documentos fictícios que atestavam ele ter nascido em Jerusalém e que assim, na verdade, seria palestino de nascença. Nesses dias mais remotos de sua ascensão à notoriedade, muitos arabistas viam com ceticismo o local de nascença de Arafat. Mesmo 22 anos depois, um dos livros mais bem documentados sobre a OLP dizia que Arafat "nasceu em Cairo ou em Gaza em 27 de agosto de 1929".[3] Em algum momento, contudo, parece que a sua certidão de nascimento forjada pela KGB acabou pegando, pois hoje em dia a mídia internacional generosamente o retrata como palestino de nascença. Como Mao Tsé-Tung afirmou num dito famoso, "uma mentira repetida cem vezes se torna uma verdade".

Em seguida, a KGB deu a Arafat uma "ideologia" e uma "imagem ideológica", do mesmo modo como as deu ao comunista indiano Romesh Chandra, o presidente da organização de

fachada da KGB solenemente chamada de Conselho Mundial da Paz. Na Europa, a maioria dessas pessoas oficialmente se declaram apenas pacifistas, defensores dos direitos das mulheres, ambientalistas e assim por diante. Esses tipos de orientação ideológica, contudo, não têm apelo às massas do mundo árabe. Portanto, a máquina de desinformação da KGB retratou Arafat como uma anti-sionista raivoso – uma imagem de que nada tinha de difícil de lhe ser inculcada. A KGB também lhe escolheu um herói pessoal – o Grão-Mufti Haj Amin al-Husseini, que visitara Auschwitz no fim dos anos 1930 e reprovara os alemães *por não terem uma maior determinação em exterminar os judeus*. (Em 1985, registra-se que Arafat prestou homenagens ao mufti, dizendo que se sentia "ilimitadamente orgulhoso" de seguir os seus passos.[4]).

Mesmo quando eu ainda estava na Romênia, eu não sabia o nome do oficial da KGB encarregado de tratar com Arafat – era a prática normal. Embora a KGB soubesse a identidade de todos os oficiais do DIE, nunca revelava a identidade dos seus próprios agentes – até o chefe do serviço soviético de inteligência, General Sakharovsky, viajava para a Romênia com codinome que usava em missão (Aleksandr Sakharov). Muitos anos depois, no entanto, Oleg Gordievsky, um ex-oficial da KGB que desertou para a Inglaterra, revelou que, nos anos 1970, o oficial da KGB que lidava com Arafat era o Tenente-Coronel Vasily Fedorovich Samoylenko. Este também era responsável por trazer em segredo os terroristas de Arafat para dentro da União Soviética, para que fossem treinados na escola de preparação para operações especiais em Balashikha, a leste de Moscou.[5]

O departamento de desinformação da KGB deu à Arafat a missão de criar e chefiar um grupo terrorista chamado Fatah, e em meio aos acontecimentos posteriores à Guerra dos Seis Dias entre árabes e israelenses, em 1967, o catapultou a presidente a OLP. O governante egípcio Gamal Abdel Nasser, que também era um fantoche soviético,[6] propôs publicamente a indicação.[7] O resto é história.

Em 1978, o líder soviético Leonid Brezhnev e seu diretor da KGB, Yuri Andropov, incluíram meu ex-chefe, Nicolae Ceaușescu, em um plano de desinformação cujo objetivo era levar os Estados Unidos a estabelecerem relações diplomáticas

com Arafat. A idéia era simples: fazer com que Arafat fingisse transformar a OLP em um governo exilado que estava disposto a renunciar ao terrorismo. Brezhnev e Andropov acreditavam que o recém-eleito presidente Jimmy Carter morderia a isca. Moscou incumbiu Ceaușescu do trabalho porque em 1978 ele tinha se tornado o tirano predileto de Washington. Ceaușescu o aceitou porque previa que esse plano de desinformação poderia fazer o Prêmio Nobel da Paz ir tanto para Arafat quanto para si próprio.

"Mas nós somos uma revolução", reagiu com vigor Arafat, depois de Ceaușescu lhe ter explicado o que o Kremlin queria dele. "Nós nascemos como uma revolução e devemos permanecer uma revolução sem restrições". Arafat argumentou que aos palestinos faltavam tradição, unidade e disciplina para se tornarem um Estado formal. Que tal condição era algo que ficaria para gerações posteriores. Que todos os governos, mesmo os comunistas, eram limitados por leis e acordos internacionais, e ele não estava disposto a pôr leis ou outros obstáculos no caminho da luta palestina pela *erradicação* do Estado de Israel.

Entretanto, o meu ex-chefe conseguiu convencer Arafat a se concentrar em enganar o presidente Carter. Conquanto Ceaușescu concordasse de maneira simpática com a idéia de que "uma guerra de terror é a sua única arma realista", também disse a Arafat que, se ele transformasse a OLP em um governo exilado e fingisse romper com o terrorismo, o Ocidente poderia cobri-lo de dinheiro e glória. "Mas você tem de seguir fingindo, continuamente", meu chefe enfatizou.

Em abril de 1978, acompanhei Ceaușescu a Washington, onde ele convenceu o presidente Carter de que poderia persuadir Arafat a transformar a sua OLP em um governo exilado submetido a leis, se os Estados Unidos estabelecem relações oficiais com ele. Três meses depois, recebi asilo político nos Estados Unidos, e o tirano da Romênia viu se esvair o seu sonho de ganhar o Nobel da Paz. Em 1994, no entanto, Arafat recebeu o cobiçado prêmio por ter prometido transformar sua organização terrorista em uma espécie de governo exilado (a Autoridade Palestina) e por ter fingido, continuamente, que aboliria os artigos do Pacto de 1964 da OLP (que pediam pela destruição do Estado de Israel) e que erradicaria o terrorismo palestino.

Em 1995, todavia, o número de israelenses mortos pelos terroristas palestinos subiu em 73% comparado ao período de dois anos antes de Arafat receber o Nobel.[8] Ao fim do ano escolar palestino de 1998-1999, todos os novos 150 livros escolares utilizados pela Autoridade Palestina de Arafat descreviam Israel como o "inimigo sionista" e igualavam sionismo a nazismo.

Em setembro de 2000, Arafat iniciou uma segunda intifada. Em junho de 2002, já haviam sido registrados 13.494 incidentes de terrorismo palestino contra israelenses, nos quais mais de 600 civis morreram.[9] Seis meses depois, o número de israelenses mortos pelos "mártires" da OLP passou de 700.[10]

Claro, as pessoas podem mudar com o passar dos anos, mas apenas se cortam seus laços com o passado. Foi isso que fiz. Foi uma experiência violenta, mas me deu uma perspectiva inteiramente nova. Arafat nunca foi estimulado a mudar, porque chefes de Estado ocidentais bem-intencionados continuaram a lhe dizer que era um grande líder. Ao assinar o Memorando de Wye River no dia 23 de outubro de 1998, na Casa Branca, o presidente Bill Clinton concluiu os seus comentários públicos agradecendo a Arafat pelas "décadas e décadas e décadas de representação incansável do desejo do povo palestino de ser livre, auto-suficiente e de sentir-se em casa".[11]

Tenhamos esperança de que o assassino do embaixador John Christopher Stevens em Bengasi não venha a ganhar o Nobel da Paz nem venha a ser recebido em tapete vermelho na Casa Branca.

Yasser Arafat morreu em Paris no dia 11 de novembro de 2004, após uma doença rápida. A causa da morte não ficou clara. Em julho de 2012, relatórios suíços sobre testes feitos nas roupas de Arafat indicavam que ele pudesse ter morrido de envenenamento por polônio-210. Em novembro de 2012, uma equipe internacional de patologistas forenses abriu a tumba de Arafat em Ramallah e tirou amostras de partes do seu corpo, para proceder a mais investigações.[12]

Como já mencionado, até agora só houve um outro caso conhecido de morte por envenenamento com polônio-210, a do ex-oficial da KGB Alexander Litvinenko, em 2006, que havia

desertado para a Inglaterra e revelado alguns segredos avassaladores da KGB/FSB ao serviço de inteligência estrangeiro britânico, o MI6. Um desses segredos, que se tornou público, foi que Ayman al-Zawahiri, o atual líder da al-Qaeda, foi treinado ao longo de seis meses pela KGB/FSB no Daguestão, em 1997.[13] Outra das revelações extremamente prejudiciais à inteligência russa que veio a público foi que Romano Prodi, ex-primeiro-ministro da Itália e o décimo presidente da Comissão Européia, fora por longo tempo um agente da KGB/FSB. Litvinenko relatou ter sabido disso por meio do general da KGB Anatoly Trofimov durante o período em que ele, Litvinenko, ainda trabalhava para a KGB/FSB. Trofimov foi morto a tiros em Moscou, em 2005.[14] Em 2002, a Comissão Mitrokhin, um comitê parlamentar estabelecido em 2002 pelo Parlamento da Itália para investigar supostos laços da KGB com políticos italianos, concluiu que Prodi era "o homem da KGB na Itália"[15] e que ele estivera, ainda que de maneira distante, envolvido no assassinato em 1978 do primeiro-ministro italiano Aldo Moro, que fora seqüestrado e morto por uma organização terrorista financiada pela KGB conhecida como Brigadas Vermelhas.[16]

Em 1º de novembro de 2006, Litvinenko adoeceu subitamente – igual a Arafat – e foi hospitalizado. A doença de Litvinenko depois foi atribuída a envenenamento com polônio-210, um isótopo altamente tóxico conhecido por ser usado pela ex-União Soviética como gatilho (ou iniciador) de nêutron para armas nucleares. Litvinenko morreu em 22 de novembro de 2006. O Serviço Judicial da Coroa pediu, em 22 de maio de 2007, a extradição para a Inglaterra do cidadão e residente russo Andrey Lugovoy (um ex-agente da KGB) sob acusação de ter matado Litvinenko. No dia 5 de julho do mesmo ano, a Rússia negou o pedido de extradição. Do dia para a noite, ele se tornou membro da Duma, assim recebendo imunidade parlamentar!

Enquanto escrevo isto, ninguém sabe se será encontrado polônio-210 nas amostras dos ossos de Arafat, tirados do seu corpo exumado. De todo modo, há motivo sólido para sugerir que a KGB/FSB possa ter se cansado de Arafat e decidido se livrar dele. Arafat tinha se tornado o símbolo da desinformação e terrorismo atuais, e começou a ser conhecido como homem da KGB – no topo da comunidade de inteligência da KGB ele era cognominado "*Cheyadbom*" (de *Chelovecheskaya Yadernaya*

Bomba ou bomba nuclear humana). Documentos originais vazados dos arquivos da KGB/FSB depois da queda da União Soviética jogaram lenha na fogueira.

Documentos do Arquivo Mitrokhin descrevem a colaboração estreita de Arafat com o meu DIE romeno e com a KGB no início dos anos 1970. Outros documentos revelam o treino secreto que a KGB forneceu às guerrilhas de Arafat e os canais super-secretos utilizados pela inteligência soviética para entregar carregamentos de armas à OLP. Alguns desses documentos até põe a público a *dacha* super-secreta da KGB, cognominada "Barvikha-1", utilizada por Wadie Haddad, chefe da organização de fachada de Arafat e encarregado de contrabandear armas da União Soviética. Outros documentos da KGB expostos por Mitrokhin mostram que o diretor da KGB, Andropov, buscou a aprovação de Brezhnev para usar Haddad para seqüestrar o encarregado da estação da CIA no Líbano.

No dia 25 de maio de 1970, Brezhnev aprovou o seqüestro, e o novo chefe do Departamento V (seqüestros e assassinatos), General Nikolay Pavlovich Gusev, designou Haddad para a missão.[17] Felizmente, a operação terminou em fracasso.

Outro segredo da KGB que se tornou público mostrou que, durante a visita a Moscou em maio de 2001, Arafat forjou uma aliança secreta com o Irã, envolvendo carregamentos iranianos de armas pesadas para terroristas da OLP. Essa nova parceria foi firmada numa reunião clandestina entre dois dos principais assessores de Arafat (Fuad Shokabi, o chefe de finanças para operações militares, e Fathi al-Razem, o vice-comandante da polícia naval palestina) e um oficial do governo iraniano cujo nome não foi revelado. Em troca da ajuda, Arafat concordou em fornecer ao Irã acesso à inteligência palestina sobre as posições militares de Israel.[18]

Sete meses depois, no dia 4 de janeiro de 2002, unidades da marinha e da força aérea israelenses capturaram um cargueiro no Mar Vermelho com cerca de 50 toneladas de armas que haviam sido embarcadas no Irã. O navio, o *Karine A*, pertencia à Autoridade Palestina (AP) e era capitaneado por um policial da polícia naval da AP. Os militares israelenses levaram o navio capturado para Israel, onde foram exibidas publicamente as armas encontradas nele. A AP estava proibida de portar a maioria

dessas armas em razão de acordo assinado em Oslo por Arafat, em 1993. Entre elas estavam foguetes Katyusha de longo alcance e fabricação soviética, morteiros de longa distância, mísseis antitanque e uma grande quantidade de explosivos semtex. O tenente-general Shaul Mofaz, chefe do Exército Israelense, disse que, se esse equipamento "tivesse chegado às mãos dos terroristas palestinos", poderia ter "aumentado drasticamente a atividade terrorista" no Oriente Médio.[19]

É significativo que, embora Israel e os Estados Unidos tenham publicado provas escritas incontestáveis provando que Arafat estava envolvido pessoalmente nesse caso do navio *Karine A*, referente ao contrabando de armas proibidas vindas do Irã, ele negou teimosamente, até numa carta pessoal amplamente divulgada que enviou para o presidente George W. Bush, que tivesse conhecimento.

Em 2002, Arafat realizou outra manobra para enganar as massas, cujos detalhes operacionais indicavam que ele ainda tivesse conselheiros de desinformação da KGB/FSB o ajudando. Na primavera de 2001, homens-bombas tinham se tornado ocorrência quase diária em Israel. Esses ataques culminaram com o "Massacre de Páscoa" de 27 de março. Um terrorista palestino entrou na sala de jantar do Park Hotel, situado na cidade costeira de Netanya, e detonou uma bomba, matando 29 pessoas e ferindo outras 140.[20] Não querendo mais agüentar assassinatos diários dos seus civis, Israel lançou a operação "Escudo Defensivo" (de 29 de março a 21 de abril de 2001). Seu propósito era desmantelar a infraestrutura terrorista da OLP, escondida na cidade de Jenin, que tinha se transformado numa completa sede terrorista, dotada de fábricas de bombas.[21]

Quando as tropas de Israel adentraram o campo terrorista da OLP em Jenin, em abril de 2002, encontraram toda uma rede de túneis e contêineres cheios de explosivos prontos para detonar quando os israelenses lá chegassem. Treze soldados palestinos morreram quando um suicida palestino de 14 anos de idade detonou uma série de explosões que demoliram um desses prédios quando os soldados faziam buscas nele.[22] A Autoridade Palestina lançou com sucesso uma operação de desinformação de três frentes, a qual seguia precisamente as regras da KGB para minimizar um desastre nacional: negar seu envolvimento direto

no caso, minimizar os danos e, quando a verdade viesse à tona, insistir em que o inimigo era o culpado.

Primeiro, Arafat negou qualquer responsabilidade pela tragédia. Em seguida, recusou-se a reconhecer que qualquer soldado israelense tivesse sido morto no desastre. E, quando se descobriu a verdade, sua máquina de desinformação lançou o falso rumor de que a catástrofe de Jenin tinha sido causada por soldados israelenses, os quais supostamente teriam matado mais de mil civis palestinos, cujos corpos ainda estariam sob os destroços.[23]

Em maio de 2002, contudo, após os corpos terem sido recuperados no campo de Jenin, o oficial vice-chefe da comissão da ONU na cidade, Charles Kapes, relatou que somente 44 palestinos tinham de fato sido mortos. Os israelenses relataram ter encontrado apenas 46 mortos entre os destroços, incluindo uma pilha de cinco corpos que tinham caído numa das armadilhas que tinham sido preparadas pelos terroristas da OLP.

"Não importa quais critérios sejam adotados", concluiu David Holley, um inglês especialista em assuntos militares que estava trabalhando para a Anistia Internacional, "não houve massacre algum".[24] O secretário de Estado americano, Colin Powell, também anunciou oficialmente que não havia indício de qualquer massacre israelense em Jenin, como alegado pelos palestinos.[25]

Em abril de 2002, o ex-diretor da CIA Janes Woolsey repudiou a alegação da OLP de que o seu presidente tinha sido eleito democraticamente. "Arafat foi em essência eleito da mesma maneira que Stálin, mas não tão democraticamente quanto Hitler o foi, o qual pelo menos ainda teve adversários", declarou Woolsey.[26] Ele sabia do que estava falando, pois estava à frente da CIA quando a OLP de Arafat começou a fazer a sua grande conversão de uma organização terrorista sangrenta em um suposto órgão de governo aparentemente com eleições justas. A exposição da mentira de Jenin, que tinha por toda parte marcas de operação da desinformação estilo KGB, parece ter sido a última gota para Arafat. Era hora de ele ir embora.

Um novo e mais ocidentalizado líder foi posto no lugar de um Arafat manchado de sangue, antiquado, desmascarado. Poucas pessoas atentaram a que Mahmoud Abbas, que assumiu o cargo de Arafat e continua a ser presidente da (rebatizada)

Autoridade Nacional Palestina, também foi educado na ex-União Soviética. Abbas se graduou na Universidade Patrice Lumumba, em Moscou, uma escola controlada pela KGB cuja tarefa secreta era criar uma nova geração de estrangeiros dedicados a promover os interesses de Moscou em seus países natais. Os primeiros 288 estudantes de 47 países se formaram em 1965. Pouco depois disso, o General Aleksandr Sakharovsky, que fora conselheiro-chefe da Securitate romena antes de se tornar diretor inteligência estrangeira soviética, pediu ajuda ao meu DIE para encontrar "estrangeiros amigáveis" aos quais se pudesse dar bolsa de estudo em Lumumba. Pelo que sei, todos os estudantes estrangeiros de Lumumba estavam cooperando, de um modo ou outro, com o braço estrangeiro da KGB.

Mais ainda, poucas pessoas se deram conta de que, logo após a morte de Arafat, a própria ONU se transformou em fantoche da KGB/FSB. Em 2 de dezembro de 2004, o secretário-geral da ONU Kofi Annan endossou as propostas do "Painel de Alto Nível Sobre Ameaças, Desafios e Mudanças", por ele encarregado de planejar uma ONU "para o século XXI".[27] O painel recomendou que os Estados Unidos e Israel fossem mais isolados ainda através do estabelecimento da regra de que apenas a ONU poderia autorizar guerras preventivas contra o terrorismo ou quaisquer outras ameaças. É difícil acreditar, mas é a verdade, que o principal membro do painel de cúpula de Annan fosse o ex-general da KGB Yevgeny Primakov, homem que, ex-conselheiro de inteligência soviético de Saddam Hussein, chegou a chefiar o serviço de espionagem russo por algum tempo – e que chegou a cantar trechos de ópera com a secretária de Estado americana Madeleine Albright, enquanto por suas costas e em segredo dirigia o vergonhoso caso de espionagem de Aldrich Ames. Outro membro eminente era Qian Qichen, um ex-oficial de inteligência da China Vermelha, que trabalhara sob disfarce diplomático no exterior, pertencera ao Comitê Central do Partido Comunista quando este ordenou a sangrenta repressão da Praça Tiananmen em 1989, posteriormente ascendera ao Politburo e, em 1998, tornara-se vice-presidente do Conselho de Estado da China. E ainda havia Amr Moussa, o secretário-geral da Liga Árabe, que "sente falta do equilíbrio de poder que a União Soviética trazia"[28] e até agora é incapaz de condenar – para não falar em prevenir – o terrorismo.

43
CULTOS MARXISTAS DA PERSONALIDADE E ÁGUA PESADA

O último domingo do mês de junho foi o primeiro dia realmente de verão daquele ano de 1978, seduzindo quase todos os romenos pelas ruas a aproveitar o sol quente. Até o presidente viciado em trabalho, Nicolae Ceauşescu, abreviou uma reunião com os seus colaboradores mais próximos e levou sua comitiva para um jogo de voleibol.

– Vamos para casa – disse Elena ao marido, cujo time, como sempre, havia vencido. Ela cacarejava como uma galinha para o seu pinto – e andava como uma pata –, mas seu tom de voz não deixava espaço para discussão.

Tão logo Ceauşescu se tinha ido, saltei dentro do meu carro. – Para casa – ordenei. – Para casa – o motorista repetiu mecanicamente, arrancando com o Alfa Romeo azul-marinho e fazendo seus pneus cantarem. – Já faz um tempo que o senhor não volta pra casa ainda de dia, não é, general?

Na Romênia de Ceauşescu, assim como nos ex-países soviéticos, o líder supremo era um deus, e seu serviço de inteligência era a varinha de condão que ele esperava que transformasse o país em seu templo. Durante os meses anteriores eu fora escravizado ao meu trabalho mais do que nunca, e agora eu sentia uma urgência súbita de fazer alguma coisa, qualquer coisa, para mim mesmo.

Tinham sido semanas febris. Ceauşescu, que queria ser retratado para o mundo como um nacionalista independente que quebraria o muro ao redor do bloco soviético, tinha encarregado o meu DIE de lançar no Ocidente a mentira de que ele tinha sido corajoso o suficiente para executar um dos seus generais, Ion Serb, depois de descobri-lo passando documentos secretos

para os soviéticos. O general não foi nem acusado de espionagem nem executado; no entanto, logo houve uma corrente de matérias sobre o "corajoso" Ceauşescu na Europa Ocidental e nos Estados Unidos.

Uma vez que a fábula tinha sido divulgada, Ceauşescu mandou-me correndo a Bangui para organizar uma nova visita sua à República Centro-Africana, embora minha verdadeira missão fosse persuadir o presidente Jean-Bédel Bokassa de que Ceauşescu era não só anti-soviético, mas também anti-americano, e assim cativar Bokassa para que garantisse ao "independente" Ceauşescu concessões para operar em suas minas de diamantes. Como vim a descobrir, essa missão era mole comparada aos meus esforços para encontrar um salão de beleza para Elena. Durante a última visita a Bangui, sua cabeleireira romena tivera gripe estomacal, então desta vez eu tinha – sem sucesso – de desbastar aquelas florestas equatoriais em busca de um salão de beleza que fizesse o cabelo de Elena. Era tudo parte do meu trabalho.

Depois acompanhei meu chefe ao Cairo, e, antes mesmo de termos retornado a Bucareste, ele despachou para a Alemanha Ocidental, a fim de dar um novo empurrãozinho em sua jogada dos aviões Fokker. Em seguida o recrutamento do comandante da guarnição militar de Bucareste foi gravado em vídeo, em segredo, pela contra-inteligência romena, e tudo desabou. Da noite para o dia tive de trazer médicos especialistas do Ocidente para Bucareste, a fim de tratar Ceauşescu de sua próstata. Na semana seguinte tive de me certificar de que o Ocidente fosse abastecido com o rumor de que os comunistas linha-dura na Romênia tinham, sob comando de Moscou, se rebelado contra a política de independência de Ceauşescu e o tinham forçado a pedir por um voto secreto de lealdade, que ele com dificuldades conseguiu por meio da promessa de salários mais altos, semana de trabalho mais curta e pensões mais substanciosas.

– Assuste esses idiotas [ocidentais] com a idéia de que podem me perder – tinha me instruído.

Em suma, esse domingo em particular era o primeiro em que eu teria oportunidade de tirar algumas horas para mim, e senti assim uma urgência de fazer algo do meu agrado, mesmo que fosse apenas regar plantas no meu jardim. À medida que acele-

rávamos pela Kiseleff Chaussee, a chique avenida de Bucareste que levava ao meu sítio, minha mente começou a vaguear, tomada da idéia de que em poucos minutos eu estaria em casa. Eu já podia me ver pulando na piscina – para começar, um nado longo e refrescante.

– Você trocou a água? – perguntei ao motorista. Não havia cloro disponível em Bucareste naquela época, de modo que os pouquíssimos integrantes da *nomenklatura* sortudos o suficiente para terem uma piscina tinham de ficar lhe substituindo a água.

– Desculpa, general – disse o motorista, freando nervosamente embora a pista à nossa frente estivesse absolutamente livre. – Eu esqueci. – Ele esfregou a testa com sua luva. Mesmo depois de dirigir para mim durante cinco anos, ele ainda ficava suado sempre que fazia algo errado, embora eu não consiga me lembrar de ter alguma vez ao menos elevado a voz para ele. Talvez esse fosse o problema.

O estranho silêncio no carro foi interrompido por uma voz feminina retinindo no rádio-telefone: "62, reportar para zero-um. Repito, 62, reportar para zero-um". "62" era o meu código na rede de rádio-telefone particular de Ceauşescu, e "zero-um" era ele próprio. "62 se reportando para zero-um", respondi. Adeus ao meu nado.

Sem esperar que lhe fosse ordenado, o motorista fez uma manobra girando para a esquerda, com os pneus cantando, e pisou no acelerador. Como mágica, todas as luzes de sinais de trânsito à nossa frente ficaram ao mesmo tempo verdes, já que os oficiais militares responsáveis por elas reconheceram o meu carro.

– Que pena, general – compadeceu-se o meu motorista.

Ceauşescu estava em sua enorme biblioteca andando em círculos, com a mão na lapela, e o fazia da maneira mais veloz que suas pernas atarracadas lhe permitiam. Ele tinha passado muitas horas na frente do espelho, aperfeiçoando sua marcha de Napoleão. Napoleão, também baixinho, era o seu ídolo.

– Quem dormiu com quem na semana passada? – gritou Ceauşescu logo que me viu. Vigiar a vida particular dos mais altos dignitários da Romênia também fazia parte do meu trabalho.

Para que alguém se torne um líder inquestionável, é preciso que saiba a fraqueza dos seus subordinados – isso constituía o

"cerne de verdade" das operações de desinformação que objetivavam desprestigiar pessoas inconvenientes. A tendência tipicamente soviética – ou talvez historicamente russa – do governante desconfiar de todos a seu redor, e desviar o seu aparato de inteligência para a tarefa de descobrir os pontos fracos da elite burocrata do país, deu origem a unidas de grampo super-secretas com a tarefa de monitorar a *nomenklatura* de cúpula na União Soviética e em alguns dos seus satélites mais próximos. Entre os sigilosamente grampeados por Ceaușescu estavam o primeiro-ministro e seus deputados, os membros do Politburo, e os mais importantes membros do gabinete, como os ministros de defesa, relações exteriores e comércio externo. A determinada altura, Ceaușescu foi longe a ponto de monitorar os seus próprios filhos e os seus próprios parentes e os de sua mulher.

– Quais as novidades com relação ao nosso homem no Dunărea? – perguntou Ceaușescu depois de eu o ter atualizado acerca das fofocas mais recentes.

Eu já esperava também por isso. Naquela época havia poucas coisas mais importantes para Ceaușescu do que o seu projeto de água pesada, que ele próprio tinha batizado de "Dunărea", Danúbio em romeno. Ceaușescu sonhava fazer-se um líder do Terceiro Mundo tornando a sua Romênia "independente" um país nucelar, e água pesada era o primeiro passo na direção desse sonho. Nosso homem no Dunărea era um agente ilegal do DIE com identidade de engenheiro ocidental, o qual supostamente nunca tinha nem ouvido falar da Romênia. Ele conseguiu ser contratado pela Atomic Energy of Canada Limited, onde tinha acesso a coisas de extrema confidencialidade.

Felizmente, eu tinha boas notícias acerca dele, que eu poderia usar para evitar uma das lendárias explosões de raiva de Ceaușescu quando ouvia algo de que não gostava. Na semana anterior, contei, eu havia trazido o homem à Romênia "por debaixo dos panos", para lhe transmitir as últimas ordens de Ceaușescu. A explicação falsa para sua ausência no trabalho, expliquei, tinha sido um longo fim de semana de folga na ilha espanhola de Maiorca, e agora ele já tinha retornado ao Canadá.

– Sem deslizes? – perguntou Ceaușescu. Espionagem era o seu *hobby*.

Contei que um dos meus agentes ilegais tinha substituído o homem em sua viagem a Palma de Maiorca, e que as gorjetas que deu aos funcionários do hotel tinham sido gordas o suficiente para que se lembrassem dele. Os dois agentes ilegais, comentei, poderiam passar por gêmeos.

Ceauşescu deixou que um sorriso lhe aparecesse no rosto pálido. Qualquer ato de engano lhe agradava. Eu disse que o camarada continuava tão empolgado quanto antes e que, em duas semanas, ele poderia entregar sigilosamente a primeira remessa de filmes não revelados contendo projetos para o Dunărea.

– Mui-to-bom! Ceauşescu parou na minha frente, pegou num dos botões do meu casaco e baixou a voz. – Será que seria perigoso construir as plantas do Dunărea em Scorniceşti? – Ele deu uma risadinha, claramente empolgado com a idéia de ver essa cidadezinha sem mais atrativos elevada a coração do programa nuclear romeno.

Pelo que me lembro, parei por um momento, fingindo admirar as coleções de 24 volumes dos seus discursos completos enfileiradas pelas paredes da biblioteca. Quatro meses antes, quando Ceauşescu me encarregou do Dunărea, ele assinara um decreto presidencial de alta confidencialidade encarregando o ministro de indústria química de produzir água pesada antes do fim do plano qüinqüenal. Ninguém, contudo, ousava lhe dizer que na Romênia inteira só havia uma meia dúzia de engenheiros que já tinham ouvido falar de água pesada, e achei que esse era um bom dia para lhe revelar a má notícia.

– Só há um pequeno problema – arrisquei.

– Desembuche então! – Os olhos redondos de Ceauşescu deram um olhar desconfiado. – Qual é a merda? – perguntou nervosamente, ansioso para ter a má notícia posta à sua vista, para que pudesse lidar com ela. – A polícia canadense descobriu nosso homem no Dunărea?

Eu já tinha aprendido que com Ceauşescu a melhor tática era deixá-lo adivinhar qual era a má notícia, em vez de acertá-lo na testa com ela. Ceauşescu adorava assistir a filmes policiais, mas só aqueles nos quais conseguia prever cada passo seguinte – desprezava Hitchcock, que ele nunca conseguia antecipar.

O problema não estava em nosso homem no Dunărea, respondi. Ele está limpíssimo. Tentei montar o cenário para ajudar Ceaușescu. Os canadenses, eu disse, precisaram de várias centenas de especialistas só para projetar as suas instalações de água pesada, e foram incontáveis os envolvidos na construção, e agora na administração, de sua fábrica de água pesada.

– Já sei! – exclamou Ceaușescu, estalando os dedos. – Você quer dizer que não temos especialistas, não é? – Sua expressão tomou um brilho espertalhão. – Bem, é por isso que me torturo tolerando você, *mon cher*.

Hora de pôr para fora, pensei, quando vi Ceaușescu piscando os olhos em sinal de cumplicidade. A Romênia levaria bem menos tempo para construir a fábrica, expliquei, se fosse como um empreendimento conjunto com os canadenses do que se o fizéssemos sozinhos só com tecnologia roubada. Neste ponto parei de acompanhar a expressão do rosto do meu chefe. Tomar a ofensiva era boa tática a usar com ele, mas só até certo ponto. O truque consistia em não ir além desse ponto.

Por um momento, Ceaușescu pareceu confuso. Então ele soltou o botão do meu casaco. – S-sem em-empreendimento conconjunto – gritou por fim. – Nun-nunca! Se os ca-canadenses conseguiram fazer isso, deveríamos conseguir fazer me-melhor! – O Canadá era um país só três anos mais velho, argumentou, erguendo a voz a um grito a toda potência, ao passo que a Romênia aí estava por mais de 2 mil anos.

O balbucio crescente de Ceaușescu traía uma raiva violenta, que tinha, como de costume, explodido com o inesperado de uma tempestade de verão. Boa hora para bater em retirada: – Tenho um novo filme para você esta tarde, se quiser. Um filme sobre Napoleão.

– Onde está? – Ceaușescu perguntou, deixando de gaguejar.

– No porta-malas do meu carro.

– O que você está esperando? – Ceaușescu prosseguiu à frente para sua sala de filme com passo ansioso e braços a sacudir com intensidade. O *tique-toque* das batidas dos sapatos no piso de mármore ecoava pelo corredor às suas costas.

Já passava bastante da meia-noite quando voltei para casa de novo. Ceaușescu não conseguira dormir e tinha me segura-

do lá para um segundo filme. Saudando o oficial de segurança que vigiava a minha casa e a embaixada polonesa, segui direto para as minhas janelas escuras. Mecanicamente, abri a porta da frente e pendurei meu casaco. Peguei um dos telefones sigilosos em cima da minha mesa e disquei quatro números. – Você pode ir para casa – rosnei para o meu oficial executivo, Tenente-Coronel Vasile Pop. Bati o telefone na sua cara, imediatamente sentindo pena do pobre homem do outro lado da linha. A sua vida certamente era pior que a minha, já que ele nunca podia deixar o escritório antes de saber que eu havia voltado para casa em segurança, e de manhã ele tinha que chegar à sua mesa pelo menos uma hora e meia antes de mim.

Eu estava comendo um sanduíche quando um barulho alto chacoalhante abalou o silêncio. Era o toque do telefone vermelho que me conectava a Ceauşescu. Estremeci involuntariamente. – Não, Camarada Ceauşescu, não estou dormindo... Não, não estou fud* ninguém. Claro que estarei aí de manhã... Às nove horas?... Sim, camarada, estarei aí às nove.

Em fevereiro de 2006, escrevi um artigo sobre aquele último domingo que passei com Ceauşescu intitulado "Monstro de esquerda: Ceauşescu".[1] Ele realmente terminou como um monstro egocêntrico, mas não era um monstro quando assumiu o poder. Eu o conhecia bem. Ceauşescu foi transformado num monstro pelo comunismo e sua estrutura de desinformação.

A República Socialista da Romênia foi definida, tanto dentro dos seus limites como no Ocidente, como uma ditadura baseada no apelo de massa do marxismo e no punho de ferro do Partido Comunista. Em outras palavras, a Romênia socialista – como outros países do bloco soviético – foi equivocadamente, dentro como fora do país, tomada como tendo uma forma de governo que, embora ditatorial, era governada através de um partido político e de decisões baseadas numa ideologia política. Isso não passava de *desinformação*.

Só pessoas que trabalhassem extremamente próximas do líder romeno e de outros governantes do bloco soviético, como era meu caso, sabiam que ao longo dos anos o Partido Comu-

nista tinha se tornado um balaio de gato de burocratas que, na verdade, não exerciam maior papel no governo desses países do que o cadáver embalsamado de Lênin no mausoléu do Kremlin.

Visto em perspectiva histórica, o marxismo era um sistema de governo tão cru, mal definido e maleável que se podia fazer dele o que se quisesse. Tivesse sido bem-sucedido na França ou na Alemanha, o marxismo teria se desenvolvido como uma nova Comuna de Paris ou como uma ditadura militar neo-prussiana, e teria chegado a um fim prematuro, como esses seus precedentes. Não havia como uma horda de burocratas ou mesmo uma imensa máquina militar sustentar – por 70 longos anos – uma forma de governo que negava inteiramente as forças motivacionais que mantiveram a humanidade viva ao longo da história: propriedade privada, competição e incentivo individual.

E assim aconteceu de o marxismo triunfar na Rússia feudal, definida pelos seus próprios luminares como "um mundo inteiro à parte, submisso à vontade, capricho e fantasia de um único homem, seja seu nome Pedro ou Ivan".[2] Lá, o marxismo gradualmente se desenvolveu como uma sigilosa e intricada – mas essencialmente incontaminada – *samoderzhaviye*, a forma tradicional russa de autocracia totalitária na qual um senhor feudal governava o país com a ajuda de sua polícia política pessoal. Enxurradas de publicações governamentais, agentes de influência e líderes comunitários trabalharam dia e noite para persuadir o resto do mundo de que o país deles, ainda que ditatorial, era governado por um partido político que baseava suas decisões em uma filosofia política. Na realidade, todo país marxista termina por ser governado por um único homem, que transforma o país num monumento a si próprio.

Nascia o infame culto marxista da personalidade. Em alguns países marxistas, esse culto do governante deu a ele, ao longo dos anos, direito de vida e morte sobre o seu povo. Stálin matou impunemente milhões de pessoas do seu próprio povo para transformar a Rússia num monumento à sua pessoa. Depois que o seu Exército Vermelho "libertou" a Romênia, Stálin transformou também esse país num monumento à sua pessoa. Retratos de Stálin, estátuas de Stálin, ruas Stálin, bulevares Stálin e praças Stálin brotaram como cogumelos por todo o país. A Romênia ganhou até a sua própria cidade Stálin.

Em 1947, Stálin forçou o heróico Rei Michael, da Romênia, a abdicar, decretou que a Romênia tinha de se tornar um país marxista e instalou no seu trono um pequeno deus marxista romeno chamado Gheorghe Gheorghiu-Dej. Pouco depois disso, toda cidade romena ganhou seu monumento Gheorghiu-Dej, sua rua Gheorghiu-Dej, seu bulevar Gheorghiu-Dej, sua praça Gheorghiu-Dej e seu largo Gheorghiu-Dej. Não demorou muito e algumas organizações de indústria e agricultura se regalavam de terem nomes similares. Esse infame culto da personalidade funcionou para o iletrado Gheorghiu-Dej, que conseguiu manter-se no trono até sua morte, em 1956. Não funcionou, contudo, para a Romênia, que se tornou uma espécie de Etiópia européia, cuja falta de liberdade e extrema pobreza despertaram piedade e compaixão mundiais.

Ceauşescu "desmascarou" o culto da personalidade "sem precedentes" de Dej, e permitiu à plebe que desse uma olhada na opulência do palácio de Dej. Não foi preciso muito tempo, contudo, para que Ceauşescu se proclamasse um "deus leigo" e começasse a residir alternadamente em 21 palácios luxuosamente mobiliados, 41 quintas e 21 chalés de caça. Arcos grandiosos, com os dizeres "A Era de Ouro: A Era de Nicolae Ceauşescu", apareceram na entrada da maioria das cidades romenas. A mídia romena – o principal meio de desinformação do ditador – fez sua parte, chamando Ceauşescu de "O Mais Amado Filho do Povo", o "Garantidor do Progresso e da Independência da Nação" e o "Arquiteto Visionário do Futuro da Nação".

Em 1989, Ceauşescu tinha reunido todos os mais altos títulos do país e os colocado em seu peito como condecorações de guerra, assim estabelecendo um sombrio novo feudalismo em pleno século XX. Entre eles estavam: presidente da Romênia, líder do Partido Comunista, comandante supremo das forças armadas, presidente do Conselho Supremo para o Desenvolvimento Econômico e Social, presidente do Conselho Nacional de Trabalhadores e presidente da Democracia Socialista e do Fronte Unido. Nessa época, o culto da personalidade tinha se estendido também à esposa de Ceauşescu. Elena Ceauşescu tornou-se vice-primeira ministra, presidente do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia e chefe do Conselho Nacional de Ciência e Educação. Sua proeminência nacional cresceu a ponto de

seu aniversário ser celebrado como feriado nacional, tal como o do seu marido.

Em 1978, quando rompi com Ceauşescu, seus retratos estavam pendurados nas paredes de todo escritório do governo – e na Romênia de Ceauşescu tudo, de fábricas a escolas e teatros, de cinemas a igrejas, eram posse do governo.

44
COMO ME TORNEI UM "TRAIDOR JUDEU IMUNDO"

Depois que recebi asilo político do presidente Carter, no dia 7 de julho de 1999 a Suprema Corte Romena, por unanimidade, finalmente adotou a Decisão nº 41, cancelando as duas sentenças de morte que Ceauşescu me dera em 1978. A Decisão nº 41 também ordenou que o governo restabelecesse os meus direitos políticos, cidadania, patente militar e todas as minhas propriedades confiscadas por Ceauşescu. O presidente da Suprema Corte declarou publicamente que eu tinha feito em 1978 o que toda a Romênia fez 11 anos depois – isto é, sentenciei Ceauşescu à morte.

Até onde sei, eu me tornei o primeiro e único desertor com alta posição do bloco soviético a ir para os Estados Unidos que foi reabilitado pela Suprema Corte do seu país natal (o meu equivalente polonês, Ryszard Kukliński, foi reabilitado pelo governo polonês). Acredito também ter sido o primeiro e único "caso" em que o governo de um país pertencente à União Européia se *recusou* a implementar a decisão de sua própria Suprema Corte.

Eis o que aconteceu. Em 2003, o embaixador romeno em Washington, Sorin Ducaru (hoje embaixador romeno na OTAN), informou o governo dos Estados Unidos e a mídia americana (através de Arnaud de Borchgrave, à época repórter-editor do *Washington Times* e do *United Press International*) que a Decisão nº 41 da Suprema Corte tinha sido implementada. Era mentira. Pouco depois disso, o *Washington Times* e o *United Press International* noticiaram que, no dia 20 de janeiro de 2004, "instruções na fronteira romena ainda tinham ordens de prisão para o General Pacepa, caso tentasse retornar ao país".[11]

Na Romênia, o meu caso é só a ponta do *iceberg*. Em 2009, a Corte Suprema desse país, na Decisão nº 293, declinou do cancelamento da sentença de morte emitida em 1974 por Ceaușescu para outro desertor da inteligência, Constantin Răuță, que também cometera o "crime" de "trair" a polícia política de Ceaușescu e de ajudar os Estados Unidos a derrotar o mal soviético.[2] Răuță, hoje cidadão americano, tornou-se um respeitado cientista da NASA que ao longo dos últimos 30 anos trabalhou no desenvolvimento de vários sistemas de defesa espacial, fazendo contribuições substanciais para a segurança dos Estados Unidos e seus aliados da OTAN. Enquanto escrevo, Răuță ainda está sentenciado à morte na Romênia, um país que em breve será protegido por um sistema de defesa terrestre de mísseis em cujo desenvolvimento, de maneira irônica, o próprio Răuță teve participação.[3] A construção de uma instalação americana interceptora de mísseis numa ex-base aérea em Deveselu, na Romênia, está programada para ser concluída em 2014. Ainda assim, a não ser por um milagre, Răuță ainda estará sentenciado à morte nesse país.

O atual do governo romeno pode ainda considerar o anticomunismo um crime, mas, de todo modo, é país-membro da OTAN. No dia 23 de novembro de 2002, quando os romenos foram informados oficialmente que obtiveram lugar à mesa da OTAN, apareceu um arco-íris no céu de Bucareste. O presidente George W. Bush, em visita à capital romena na época, disse a uma platéia em aplausos: "Deus está sorrindo para nós". Deus de fato estava sorrindo para a Romênia. De um dia para o outro, esse país, que experimentou uma longa e negra história sob ocupação romana, otomana, turca e soviética, não tinha mais que temer ser subjugado. Soldados americanos, agora alocados na Romênia, estavam comprometidos em defender a integridade territorial do país com as suas próprias vidas.

Ainda assim, o sistema judicial romeno parece incapaz de enfrentar o fato de que o país foi aceito na OTAN. Ao mesmo tempo, os seus mais altos representantes – em sua maioria juízes ou oficiais comunistas da *Securitate* de Ceaușescu – são conduzidos por motoristas em limusines importadas de países-membros da OTAN.

Nos últimos cinco anos, 6.284 pessoas sentenciadas à morte pelos comunistas por terem de um modo ou outro ajudado os

Estados Unidos e a OTAN a demolir o império soviético pediram que suas sentenças fossem canceladas, mas apenas três obtiveram sucesso – por pressão da mídia.[4] Mais de 500.000 patriotas assassinados ou aterrorizados pelos comunistas ainda têm de ser reabilitados. Ao mesmo tempo, milhares de ex-oficiais da *Securitate* e centenas de milhares dos seus informantes e colaboradores, que juntos escreveram a mais sangrenta era da história da Romênia, ainda são protegidos por um véu de sigilo.

O Prof. Tom Gallagher, um dos maiores especialistas do mundo na Romênia contemporânea, o qual ministra aulas sobre história dos Estados pós-comunistas na Bradford University (Inglaterra), concluiu que a Romênia passou de um igualitarismo rígido para um "superdesigualitarismo" administrado por ex-comunistas que são democratas só da boca para fora. Essa nova elite "aumentou o hiato entre um Estado parasita e uma sociedade desmoralizada".

Na opinião de Gallagher, a Romênia ainda não é uma democracia, pois "uma democracia funcional não pode se basear em mentiras, negações e amnésia". Isso também é tema do seu livro *O Roubo de Uma Nação: a Romênia desde o Período Comunista* (Londres: Hurst, 2014), o qual conclui que "uma Romênia sob controle de ex-comunistas corruptos ameaça ser uma força perigosa de instabilidade regional".

Vou dizer da minha maneira: hoje sabemos muito bem como uma democracia pode ser transformada em uma tirania comunista, mas ainda estamos aprendendo como reverter o pesadelo.

Nos anos 1950, quando eu era chefe interino da missão romena na Alemanha Ocidental, testemunhei como o Terceiro Reich foi demolido, como a economia da Alemanha Ocidental foi reconstruída e como o país se tornou uma democracia parlamentar estável cujo *Wirtschaftswunder* (milagre econômico) a fez a principal potência da Europa até hoje.

Mas foi só em 1998 que o *Budenstag* pôde passar a lei que cancelava as sentenças dadas a Claus von Stauffenberg, que continuava a ser considerado um traidor por ter liderado uma conspiração para assassinar Hitler. Horst Heyman, presidente da comissão do *Budenstag* que elaborou a lei, parabenizou o povo alemão por seu parlamento que precisou de 50 anos para chegar a esse momento. Agora os alemães que lutaram contra

o nazismo são honrados na grandiosa *Haus der Geschichte der Bundesrepublik Deutschland*, o novo museu histórico do país.

A Romênia pós-Ceauşescu mudou para melhor em vários pontos. As barreiras que os soviéticos passaram 70 anos erigindo entre eles próprios e o resto do mundo, bem como entre os cidadãos do bloco soviético, estão aos poucos vindo abaixo. A cultura romena está renascendo e uma nova geração de intelectuais esforça-se para forjar uma nova identidade nacional. Em 2004, a Romênia ingressou na OTAN e, em 2007, foi aceita na União Européia. No entanto, pode ser que a Romênia precise esperar por uma nova geração, como foi o caso da ex-Alemanha nazista, para ver os crimes comunistas do passado com olhar objetivo.

Condenar as heresias do passado e reabilitar suas vítimas parece ser o passo mais difícil a ser dado na transição da tirania para a democracia. O General Wojciech Jaruzelski, ex-governante comunista da Polônia, explicou por quê: "Se as vítimas virarem heróis, o que seremos *nós*?".

A imensa proximidade da Romênia em relação à Rússia também não ajuda. Nos anos 1970, quando eu era conselheiro de segurança nacional da Romênia, acompanhei nosso primeiro-ministro numa visita ao Papa Paulo VI, em Roma. Se pudesse atender a um pedido nosso, perguntou o Papa, qual seria? – Mude nossa localização geográfica – respondeu o inteligente primeiro-ministro.

De fato, a Romênia era o único país do Leste Europeu a não fazer fronteira com nenhum país do Ocidente, e Ceauşescu, o charlatão que se apossou do cetro comunista em 1954, agravou o problema com décadas de operações infames de desinformação e ocultação.

Mesmo quando o Muro de Berlim caiu em novembro de 1989, a Romênia ainda estava a tal ponto isolada, que em duas semanas Ceauşescu conseguiu fazer um grandioso congresso do Partido, o qual, sob a fanfarra de trombetas, reelegeu a ele e à sua esposa inculta como os benevolentes governantes do país.

A queda em 1989 dos representantes do Kremlin na Europa Oriental foi, em sua maior parte, tão pacífica que enriqueceu nosso vocabulário com a nova expressão "revolução de veludo".

A exceção foi a Romênia, onde a insurreição custou 1.104 mortos e 3.352 feridos. A Romênia também foi o único país do bloco soviético cujo líder foi executado pelo seu próprio povo. Considere essas diferenças, tendo uma admiração relutante pela Romênia, e você perceberá que pode haver ainda um longo caminho até que ela se torne um país verdadeiramente ocidentalizado.

Neste ponto as coisas se tornam pessoais. Atualmente, existe uma operação de desinformação bastante intensa, na Romênia, para reabilitar Nicolae Ceauşescu e, no processo, desacreditar a CIA, desacreditando *a mim* – eu, para quem a CIA conseguiu asilo político em 1978. Diz a história que, de acordo com documentos não divulgados supostamente encontrados nos arquivos da CIA, Ceauşescu realmente era um sincero líder pró-Ocidente que planejava fazer a Romênia romper com o bloco soviético. Infelizmente, prossegue a história, Ceauşescu foi executado em 1989 porque a CIA ocultara a verdade sobre ele, para assim não ter de admitir que tinha me dado asilo político mesmo sabendo que eu fora um agente da KGB ao longo de toda a minha vida. (Se essa fábula parece tortuosa, é porque se trata apenas da natureza de muitas narrativas de desinformação. Elas só precisam ser construídas em torno de algum "cerne de verdade" – o asilo político que recebi em 1978).

A história, em verdade, se repete, e os anais das campanhas de desinformação o confirmam. Relembrem o caso do Papa Pio XII – a princípio tido em alta conta por Roosevelt, Churchill, Einstein e milhões de outras pessoas por seu enfrentamento honrado dos nazistas e sua defesa dos judeus durantes os anos do Holocausto, mas o qual foi depois demonizado pela geração *seguinte*, que engoliu a desinformação do Kremlin de que ele tinha apoiado Hitler. Bom, talvez agora seja a minha vez de ser demonizado pela geração seguinte.

A atual campanha de desinformação para reabilitar Ceauşescu alega se basear numa "revelação" feita pelo ex-diretor da CIA James Woolsey, de acordo com a qual eu lhe tinha confessado, em seu escritório da CIA, que eu era agente da KGB. Essa alegada "revelação" foi publicada no jornal violentamente anti-semita

– mas bastante popular – *Bursa*, o qual também alegou que sou um *Jidan* (em romeno, a palavra mais pejorativa para se designar um judeu) que odeia os romenos, além de homossexual e mulherengo.[5] Ex-chefe da Securitate, o Tenente-General Iulian Vlad – que ficou encarregado de me assassinar no Ocidente depois que rompi com o comunismo e que cumpriu três anos de prisão por assassinato político, depois da queda dos comunistas – botou mais lenha na fogueira ao dizer que eu tinha sido recrutado pela CIA quando eu tinha 10 anos de idade.[6]

Quem quer que tenha lido os avais públicos de mim e de minha boa fé pelo ex-diretor da CIA James Woolsey ao longo dos anos (incluindo sua introdução entusiástica a este livro!) perceberá de imediato que as declarações a meu respeito feitas pelo *Bursa* e pelo General Vlad são mentiras descaradas tiradas do mundo da fantasia. Mas, tão logo o *Bursa* lançou o rumor de que eu era agente da KGB, um auto-intitulado "historiador americano" de nome Larry Watts apareceu na Romênia para contar mais histórias sobre mim. Watts alcançou alguma notoriedade na Romênia de Ceauşescu e fez uma fortuna lá, durante a era pós-Ceauşescu, e não muito tempo atrás começou a viajar pelo país para promover a assim chamada tradução romena de um livro que ele supostamente escrevera em inglês, no qual diz "documentar" a intenção de Ceauşescu de cortar relações com a União Soviética. Mas que, veja só, o nobre Ceauşescu não o conseguiu porque o seu colaborador mais próximo, o Tenente-General Ion Mihai Pacepa, estava trabalhando em segredo para a KGB – daí o título do livro de Watts, *Com amigos como esses*. Tornou-se um *best-seller* na Romênia.

É digno de nota que o livro "original" de Watts na língua inglesa foi publicado apenas na Romênia e apareceu só *um ano depois* da "tradução" romena. Isso prova seu papel como peça de desinformação. Claramente o livro de Watts foi primeiro escrito em romeno, para leitores romenos.

Com amigos como esses foi o segundo livro que Watts escreveu para consumo romeno. O seu primeiro, *Cassandra romena*, é um discurso violento e anti-semita que pretende reabilitar Ion Antonescu, um ex-ditador romeno do período nazista, o qual foi executado em 1946 como criminoso de guerra. Antonescu teve papel fundamental no assassinato ou deportação de cerca

de 200.000 judeus e ciganos romenos, e seus crimes atrozes foram vigorosamente expostos no Museu Americano do Holocausto. Os romenos são nacionalistas e Watts está fazendo sua fortuna explorando o sentimento nacionalista deles.

Watts é uma figura nebulosa. Inicialmente, disse estar trabalhando para a CIA, mas a história não pegou. Na realidade, Watts se estabelecera na Romênia durante o reinado de Ceaușescu e trabalhara para o irmão de Ceaușescu, o General Ilie Ceaușescu, que à época era comissário político do exército comunista da Romênia. Ele lá se estabelecera junto a outro americano, Kurt W. Treptow, o qual se tornou diretor do Instituto de Cultura Romena, mas no começo dos anos 1990 foi condenado a sete anos de prisão por pedofilia e expulso da Romênia. Watts se casou com uma cidadã romena e se tornou residente romeno.

Atualmente, Watts viaja pela Romênia fazendo discursos nos quais acusa a CIA de esconder a verdade de que Pacepa era, e ainda é, agente da KGB. Ele é acompanhado pelo General Vlad, ex-diretor da Securitate, que às vezes exibe seu uniforme de general e as reluzentes medalhas que "mereceu" por defender Ceaușescu dos planos da CIA.

Passei os olhos pelo livro de Watts, mas não o li – eu conheço o meu passado. O meticuloso estudioso do comunismo Spyridon Mitsotakis passou, a meu pedido, vários meses estudando *Com amigos como esses*, após o que me escreveu: "Não há nada no livro que mostre que você era agente da KGB". De acordo com Spyridon, Watts apenas compilou todos os artigos sobre a KGB que publiquei nos últimos 20 anos, chegando à conclusão de que só alguém que trabalhara para a KGB poderia ter tal conhecimento.

Em 2012, o *Bursa* iniciou uma campanha para reunir assinaturas numa petição pedindo que o governo romeno abrisse uma investigação criminal contra mim por ter me envolvido, no fim da década de 1970, no seqüestro super-secreto de Vladimir Dapčević, um emigrado iugoslavo que vivia na Bélgica. O seqüestro de Dapčević foi um dos segredos mais bem guardados da Romênia até 1987, quando o revelei em *Horizontes vermelhos* – bem como, depois, em *Programado para matar*. Eu não estive envolvido nesse seqüestro abominável, que tinha sido concebido por Iosif (Broz) Tito e Ceaușescu e realizado

pela unidade de antiterrorismo da *Securitate*, um aparelho doméstico que nunca esteve sob meu comando. Eu de fato soube a respeito, no entanto, e depois que desertei o revelei tanto para a CIA como para o resto do mundo, pois ilustrava vividamente como são criminosos os líderes comunistas.

O resultado em 1979 de uma investigação romena, que durou um ano inteiro, sobre a minha "traição", um relatório de 100 páginas publicado no *Livro Branco da Securitate* depois que Ceaușescu foi executado, acusava-me de tudo que é imaginável, mas não de estar envolvido em qualquer assassinato.[7] Pelo contrário, declarava que eu havia sabotado operações desse tipo, como uma contra Axente Teusan, um desertor romeno que vivia na Áustria. Isso é verdade. Em julho de 1978, apenas dias antes de eu desertar, impedi outros três assassinatos a serem cometidos pelo DIA nos Estados Unidos (contra Ion Iacobescu, Dumitru Dumitrachescu e Constantin Răuță – o agente que o mataria foi preso pelo FBI).[8] Eu não me espantaria, contudo, se os autores da desinformação em andamento para reabilitar Ceaușescu inserissem documentos fictícios no arquivo do DIE para alterar o meu passado. Alterar o passado das pessoas para atender aos interesses futuros do governante é de há muito tempo uma tática de desinformação fundamental.

Os romenos mais velhos que viveram sobre o regime de terror de Ceaușescu trataram com desdém as alegações de Watts, da mesma maneira que as pessoas que testemunharam a forte defesa dos judeus por Pio XII durante o Holocausto trataram com desdém as alegações feitas por Stálin em 1945 de que ele fora o "Papa de Hitler". Uma nova geração romena começou, contudo, a acreditar que Ceaușescu foi de fato um herói nacional mandado para o cadafalso porque Pacepa era um *Jidan* e não um romeno, o qual traiu seu chefe por orientação da KGB e da CIA.

No momento, o sistema de televisão estatal romeno está ocupado em espalhar essas alegações, e mais pessoas estão acreditando. Sempre que aparece uma matéria sobre mim na mídia romena, surgem pessoas com comentários que me descrevem como um "traidor" e *Jidan* que odeia a Romênia. Não é de espantar que, em março de 2009, a casa em Bucareste onde vivi até desertar, e que depois se tornou uma espécie de local de peregrinação, foi discretamente demolida da noite para o dia.[9]

Permitam-me observar mais uma vez que em 1947 a máquina de desinformação soviética acusou o Rei Michael – que durante a guerra colocou sozinho a Romênia contra a Alemanha nazista – de em segredo ser um espião do Ocidente e do Oriente. Deu certo, e a Romênia se tornou comunista. A atual campanha de desinformação que objetiva reabilitar Ceaușescu às minhas custas também parece estar funcionando. Durante as eleições parlamentares de 2012, mais de 60% dos votos foram para os ex-comunistas de Ceaușescu.

Para ser inteiramente franco, devo mencionar que, pouco depois de eu ter recebido asilo político, o presidente Carter de fato sugeriu que eu pudesse ter sido agente da KGB. Em julho de 1978, em minha ânsia de pôr para fora tudo o que eu sabia sobre os trabalhos internos da máquina de desinformação do bloco soviético, imediatamente relatei que a imagem gloriosa de Ceaușescu em Washington tinha sido criada pela KGB e o DIE. Também relatei que o irmão do presidente Carter, Billy, que estava prestes a se tornar um agente de inteligência romeno remunerado, estava ajudando no processo. Não era boa notícia para o presidente Carter – que três meses antes tinha saudado publicamente Ceaușescu como "um grande líder nacional e internacional".[10] Portanto, o presidente Carter viu minha deserção como orquestrada pela KGB para destruir as relações excelentes dele com Ceaușescu.

Mentes mais sensatas prevaleceram, mas o presidente Carter me proibiu de publicar qualquer coisa, incluindo minhas memórias. Anos depois, Roger Kirk, que era o embaixador americano na Romênia quando desertei, publicou suas memórias, *Romênia versus Estados Unidos: diplomacia do absurdo, 1985-1989*, livro escrito junto com Mircea Raceanu, um diplomata romeno condenado à morte por Ceaușescu e hoje um cidadão americano de grande prestígio. Esse livro descreve uma reunião em setembro de 1978 entre o ministro de Exterior da Romênia e Matthew Nimetz, enviado especial do presidente Carter, que pedia indiretamente desculpas a Ceaușescu por ter me dado asilo político. Nimetz também transmitiu ao tirano romeno que a administração americana "faria o máximo para garantir que

fosse evitada completamente qualquer publicidade sobre o caso Pacepa, ou para que fosse mantida num nível mínimo".[11] Roger Kirk esteve presente na reunião, e em seu livro ele também fornece uma transcrição do telegrama sigiloso que enviou a Washington depois daquela reunião.

A administração Carter realmente me proibiu de publicar qualquer coisa pelo resto da minha vida. Num certo momento, contudo, consegui escapar da armadilha. Em setembro de 1985, o senador Sam Nunn (democrata da Geórgia) me ajudou a enviar para William Casey, o novo diretor da central de inteligência, um esboço do meu futuro livro *Horizontes vermelhos* e um memorando, no qual eu perguntava por que a administração americana queria trocar a minha jaula de ouro romena por outra de sua própria fabricação.[12]

Em uma carta datada de 17 de dezembro de 1985, Casey, diretor da CIA no governo Reagan, escreveu-me que tinha achado o manuscrito de *Horizontes vermelhos* "muito interessante" e acrescentou que ele era eficiente em fornecer uma imagem mais clara do que realmente acontecia dentro da Romênia. "O presidente o leu e está impressionado", acrescentou.[13] No dia 18 de julho de 1986, Casey também concordou com o meu memorando: "Devo elogiá-lo pelo esforço profundo e construtivo que você aplicou em preparar este documento".[14]

Durante um jantar que se deu em data posterior, no 17° andar da sede da CIA em Langley, ao qual esteve presente a maioria dos chefes de divisão da agência, o vice-diretor do serviço de inteligência, Robert Gaves, pediu desculpas à minha esposa e a mim por todos aqueles anos perdidos. A esse jantar se seguiram muitos anos de cooperação mutuamente produtiva com a CIA.

Horizontes vermelhos foi publicado poucos meses depois, e continha várias páginas descrevendo o recrutamento de Billy Carter pela KGB. Ele logo foi forçado a se registrar oficialmente como agente estrangeiro.

A Romênia é um país maravilhoso, que teve em determinado momento a má sorte de cair no feitiço do marxismo, da desinformação e da *glasnost*. Amo o meu país natal. Conservo na

memória os meus primeiros 50 anos de vida lá, meus sonhos de juventude, meus parentes, meus bons amigos e os túmulos dos meus pais. Recomecei minha vida do zero aos 50 anos, para ajudar o corajoso povo da Romênia a se livrar de um dos tiranos mais nojentos que a história já conheceu. Meu coração estava com meus companheiros romenos durante os dias incendiados da rebelião popular de dezembro de 1989. Alegrei-me com eles quando as fronteiras foram abertas, e tenho extremo orgulho da liberdade de imprensa do meu país natal. De todo coração, desejo ver meus companheiros romenos se livrarem do feitiço do marxismo e da desinformação, e ver a Romênia reingressar no mundo democrático ao qual já pertenceu. Esse é outro dos motivos que me levaram a escrever este livro.

EPÍLOGO

Em 1978, quando rompi com o comunismo, deixei no cofre do meu escritório um pedaço de papel no qual o General Aleksandr Sakharovsky, chefe da comunidade de serviços de espionagem do bloco soviético, havia escrito: *Gutta cavat lapidem, non vi sed saepe cadendo* – uma gota faz buraco em pedra não pela força, mas pingando constantemente. Era assim que desinformação funcionava: gota por gota. Levaria tempo, mas, sempre que você não pudesse utilizar uma furadeira, esse era o melhor modo de fazer um buraco.

Este livro, escrito em parceria com o Prof. Ronald J. Rychlak, uma das principais autoridades internacionais em direito internacional, história da religião e Papa Pio XII, foi concebido com a intenção de colocar em linguagem clara as obras discretas daquela *gutta*, para que todos a vissem. Antes de prosseguir, contudo, gostaria de expressar minha profunda gratidão a Ron. Sem o seu grande conhecimento dos campos de religião e direito e sua incomparável capacidade de pesquisa, este livro nunca teria visto a luz do dia. Seus capítulos que descrevem o verdadeiro passado de Pio XII, que põem a nu os julgamentos de fachada da KGB contra outros altos prelados católicos e que analisam em pormenor *O Vigário* são prova sólida do conhecimento singular de Ron. Quando me apartei do mal do bloco soviético, fui, claro, incapaz de levar comigo papéis que pudessem documentar tudo o que eu sabia sobre a imensa máquina de desinformação do Kremlin e suas operações super-secretas. Ron mostrou-se sobremaneira útil em preencher esse vácuo, levando anos para documentar minhas informações. As volumosas notas de fim deste livro o provam.

Desinformação se tornou a peste bubônica da nossa vida contemporânea. Marx usou de desinformação para descrever

o dinheiro como um instrumento odioso de exploração capitalista. A desinformação de Lênin trouxe o comunismo utópico de Marx à vida. Hitler recorreu a desinformação para retratar os judeus como uma raça inferior e nojenta, de modo a assim racionalizar o Holocausto. Desinformação também foi uma ferramenta utilizada por Stálin para empobrecer um terço do mundo e para transformá-lo em uma corrente de *gulags*. A desinformação de Khrushchev ampliou a fenda entre cristianismo e judaísmo. A desinformação de Andropov voltou o mundo islâmico contra os Estados Unidos e deflagrou o terrorismo internacional que hoje nos ameaça. Desinformação também gerou desrespeito mundial, e até mesmo desprezo, pelos Estados Unidos e seus líderes.

Durante a Guerra Fria, desinformação começou a infestar as praias dos próprios Estados Unidos. Em 2004, quando nossa guerra no Iraque passou por dificuldades, tornou-se uma espécie de política americana não-oficial. Apesar de a guerra ter sido com folga autorizada por 296 deputados e 76 senadores de ambos os partidos, a mídia desdenhou dela como "a guerra de Bush". Logo, "Bush mentiu, pessoas morreram" se tornou o *slogan* do Partido Democrata, cujos líderes subitamente se esqueceram de que eles próprios tinham votado a favor da guerra. O senador democrata Tom Daschle, líder da minoria, chamou o Presidente Bush de "um infeliz fracasso". O capacho à entrada do escritório do presidente nacional do Partido Democrata, Terry McAuliffe, exibia uma foto do presidente americano com os dizeres: "Mandem Bush Embora".

Eu não tive o privilégio de nascer nesta singular terra da liberdade, mas cresci com foto de presidente americano dependurada na parede de nossa casa em Bucareste. O meu pai, que passou a maior parte de sua vida trabalhando para a afiliada da General Motors na Romênia, amava a América, mas nunca pisou neste país. Para ele, a América era simplesmente o lugar dos seus sonhos, a milhares de milhas de distância, e o presidente americano era um símbolo tangível. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, tivemos o presidente Truman na parede do nosso lar. Para nós, e para muitos milhões de pessoas mundo afora, *ele* tinha salvado a civilização da barbárie do nazismo, *ele* tinha restaurado nossa liberdade – por algum tempo. Por meio da *Voz*

da América ficamos sabendo que a América amava Truman, e nós amávamos a América. Era simples assim.

Eu ainda vejo o presidente americano como o símbolo do maior país do mundo. Para mim, ele encarna a essência de nossa singular democracia: um governo do povo, pelo povo e para o povo. Presidente dos Estados Unidos não é um cargo meramente representativo, como nas democracias parlamentares. O presidente americano é o chefe do poder executivo, seu principal diplomata, guardião da economia e comandante-em-chefe da mais poderosa força militar do planeta. O presidente americano também chefia o melhor serviço de inteligência do mundo, uma federação cooperativa de 16 agências de governo que são vitais para a segurança da nação e a paz do mundo.

Em 2007, o *Wall Street Journal* publicou o meu artigo "Propaganda Rediviva", no qual eu expunha o uso daninho de desinformação pelo Partido Democrata para denegrir o presidente dos Estados Unidos, num esforço de vencer as eleições nacionais.[1] Criticar o presidente do país é coisa tão americana quanto torta de maçã. Retratá-lo como inimigo do seu próprio país é, contudo, um fenômeno não-americano contrabandeado para dentro dos Estados Unidos pela máquina de desinformação da KGB durante a Guerra Fria. O meu DIE foi um dos contrabandistas.

No *sanctum sanctorum* do império soviético, ao qual outrora pertenci, retratar o líder de um país como o seu próprio inimigo se chamava "necrofagia política", como expliquei em capítulo anterior. Constituía um ramo separado, altamente sigiloso, da "ciência" da desinformação. Embora o marxismo declarasse em alto e bom tom que o papel decisivo no curso da história deveria caber ao "povo", todos os ocupantes dos tronos soviéticos acreditavam firmemente que só o líder importava. Dos lábios do próprio Khrushchev eu ouvi repetidas vezes: "Mude a imagem pública do líder, e assim você mudará a história".

Como observei previamente, a necrofagia política do Kremlin foi lançada no dia 26 de fevereiro de 1956, quando Khrushchev expôs os "crimes de Stálin" em um "discurso secreto" de quatro horas. Ele obteve sucesso em destruir o que restava de admiração russa por Stálin. Depois de Khrushchev, a necrofagia política se tornou regra no Kremlin. Brezhnev acusou Khrushchev de

ter destruído a unidade do mundo comunista. Quando chegou a vez de Gorbachev, este acusou Brezhnev de ter devastado a economia da União Soviética. Gorbachev mandou prender até alguns parentes de Brezhnev, numa clara tentativa de provar que a economia soviética fora arruinada por indivíduos corruptos, não pelo marxismo. De sua parte, Yeltsin acusou a *perestroika* de Gorbachev de "levar o país à ruína", e em seguida Putin culpou Yeltsin pela "derrota da União Soviética, a maior catástrofe do século".[2]

Pela minha experiência, a necrofagia política é uma espada de dois gumes, traiçoeira. A mesma técnica de desinformação utilizada pelos líderes para consolidar e ampliar o seu poder por meio da difamação dos seus antecessores é inevitavelmente voltada contra eles próprios pelos seus sucessores. Por muito tempo as coisas foram assim com os líderes comunistas do bloco soviético. Correndo o risco de me repetir, permitam-me lhes recordar que a morte de Khrushchev levou-o a ser denunciado por Brezhnev por ter minado a tradicional admiração da Rússia pelo seu chefe, com o novo líder fazendo-o indigno de um enterro no Kremlin junto aos chefes de governo russos prévios e até se recusando a pagar pelo seu túmulo. De igual modo, quando Ceaușescu foi executado em 1989, a Suprema Corte romena determinou que esse tirano tinha subvertido o apreço tradicional da Romênia pelos seus líderes de maneira tão grave, que ele não merecia nem caixão nem sepultura, e em vez disso jogou seu corpo dentro de um saco e o abandonou em um estádio.

Na minha outra vida, passei décadas analisando em minúcias os Estados Unidos desde lá, a Europa, e aprendi que o respeito internacional pela América é diretamente proporcional ao próprio respeito da América pelo seu líder eleito. Nos anos 1950, quando eu era chefe interino da missão diplomática romena na Alemanha Ocidental, ouvia com freqüência pessoas na rua dizendo que os "Amis" (apelido alemão para as forças de ocupação americanas) tinham feito a diferença entre sua danação e sua salvação. A "danação" seria, claro, a Alemanha Oriental, cujos cidadãos estavam lutando sob privação econômica e brutalidade da *Stasi*. Mas isso foi naquela época. As mentiras sobre presidentes americanos espalhadas durante a Guerra Fria pela máquina de desinformação do Kremlin acabaram por deflagrar

um desgosto ou até mesmo um desprezo pela América em boa parte da Europa e do resto do mundo. Em 1978, quando rompi com o comunismo, a máquina de desinformação do bloco soviético tinha supostamente reunido cerca de *700 milhões* de assinaturas em vários apelos internacionais que culpavam a América por todos os males do mundo – até pela fome na Etiópia.

Agora a necrofagia política se espalhou pelos Estados Unidos e está erodindo o nosso prestígio internacional. Durante 2002, um grupo de 128 intelectuais americanos que se opunham à noção de que "guerra ao terror" fosse "apenas guerra" enviou uma carta aos seus pares europeus pedindo "uma crítica lúcida e franca da política de guerra de Bush".[3] Logo os governos europeus e a opinião pública começaram a denegrir os Estados Unidos com quase a mesma ferocidade que tinham durante a Guerra do Vietnã. A França e a Alemanha acusaram os Estados Unidos de torturar prisioneiros da al-Qaeda detidos em sua prisão militar na Baía de Guantánamo, em Cuba. O jornal inglês *Mirror* alegou que os Estados Unidos estavam "matando inocentes no Afeganistão".[4] O jornal parisiense *Le Monde* publicou um artigo de capa escrito por Jean Baudrillard (figura respeitada entre professores americanos de Humanidades nos últimos 25 anos) afirmando que "o Ocidente judaico-cristão, liderado pelos Estados Unidos, não apenas provocou os ataques terroristas [do 11 de Setembro], na verdade os *desejou*".[5]

Robert Kennedy – que não está entre minhas personalidades de maior apreço – certa vez escreveu: "Não concorro à presidência apenas para me opor a alguém, mas para propor novas políticas. Concorro porque estou convencido de que este país segue num caminho perigoso e porque tenho forte intuição sobre o que precisa ser feito".[6] Kennedy compreendeu em que consiste a presidência, independentemente do que possamos pensar sobre o que ele planejasse fazer se eleito.

O respeito da própria América por esta república singular e pela vontade do seu povo foi gravemente prejudicado pela "ciência" da desinformação. Ajudar meus companheiros americanos a restaurar esse respeito é outro objetivo deste livro.

Os Estados Unidos são o líder do Mundo Livre, mas certamente não são um país perfeito. Como o expressou outro americano orgulhoso, a América, como todas as nações, é uma reunião de seres humanos, e seres humanos são conhecidos por ocasionalmente tomarem más decisões, serem egoístas, ignorantes ou insensatos.[7] Mas essa América imperfeita manteve quase que sozinha a paz, a liberdade e a democracia vivas nos últimos 100 anos. No começo do século XX, as democracias do mundo eram menos de uma dúzia. Desde que o imperfeito Estados Unidos começou a ser reconhecido como líder mundial, 80% dos países do planeta Terra passaram a ser ou democracias ou protodemocracias.[8]

Esse Estados Unidos imperfeito também se tornou a força propulsora da ciência e tecnologia mundiais. Dos 4.5 milhões de patentes registradas mundo afora desde 1790, os Estados Unidos detêm mais da metade – 2.5 milhões.[9] Dos 629 prêmios Nobel de medicina, química, física e economia ganhos no mundo todo, os Estados Unidos têm 305.[10] Os Estados Unidos também são líder mundial em inovação na *internet*, música, filmes e numerosos outros campos que requerem pensamento iluminado, inventivo. Da Apple à Dream Works Studios e ao Amazon, os Estados Unidos são o maior inovador do mundo.[11]

Os Estados Unidos têm sido um farol para o mundo inteiro. Qual é o segredo? Para todos os emigrantes que desembarcaram em Ellis Island, sem falar inglês e com dez dólares no bolso, o que encontraram nesse novo país foi uma liberdade sem paralelo.

No dia 22 de março de 2003, um desses imigrantes – este escritor – publicou uma carta aberta aos generais do Iraque que ainda estavam combatendo as nossas tropas. "Façam o que fiz", eu lhes disse. "Voltem suas armas contra o tirano do seu país. Afastem-se do seu ditador antes que seja tarde demais. Exponham ao mundo os crimes dele contra a humanidade, como fiz com os crimes cometidos por Ceaușescu. Prendam o seu tirano fugitivo, como meus colegas generais prenderam Ceaușescu em dezembro de 1989, quando ele se escondeu numa tentativa de escapar da onda revolucionária que varria ditadores comunistas da face da Europa Oriental. Façam Saddam pagar pelos seus crimes, como Ceaușescu pagou pelos dele – com a vida".[12]

Este livro é outra carta aberta, desta vez escrita em parceria com o Prof. Rychlak (cujos ancestrais imigraram para cá da Polônia) e endereçada a todos os nossos companheiros americanos. Rejeitemos a redistribuição marxista da riqueza, a qual transformou tantos países nobres em áreas similares a campos gigantescos varridos por um furacão, com os seus líderes queimando no inferno de Dante. De fato, todos os redistributivistas marxistas que guiaram algum país terminaram no inferno – todos, de Trótski a Stálin, de Tito a Zhivkov, de Enver Hoxha a Mátyás Rakosi, de Sékou Touré a Nyeree, de Khrushchev a Ceaușescu. Todos tiveram seus dias de glória passageira, mas todos terminaram em desgraça eterna. Uns poucos sobreviventes, como os irmãos Castro, ainda estão resistindo, mas certamente já têm um devido lugar no inferno à sua espera.

Também rejeitemos, duma vez por todas, a "ciência" marxista da desinformação, sua *glasnost* e sua necrofagia política, que foram utilizadas de maneira tão destrutiva ao longo dos anos para esmagar a liberdade e levar países à bancarrota. Reconheçamo-las onde estiverem – e as exponhamos com todas as nossas forças –, quando essas campanhas assomarem em toda a sua feiúra. Retornemos ao nosso excepcionalismo americano e a suas tradições de patriotismo, honestidade e justiça. Os Estados Unidos da América são o maior país da terra. Mantenhamos as coisas assim para as próximas gerações.

NOTAS

PRELÚDIO

1. Scott Swett, "Fanning Imaginary Flames: A Look Back at the Great Church Fire Propaganda Campaign", *American Thinker*, 11 de junho de 2011.
2. Michael Fumento, "A Church Arson Epidemic? It's Smoke and Mirrors", *Wall Street Journal*, 8 de julho de 1996.
3. Swett, "Fanning Imaginary Flames".
4. Ibid.
5. Fumento, "A Church Arson Epidemic?".
6. Swett, "Fanning Imaginary Flames".
7. Arthur Weinreb, "Poll: Over 40% of Canadian teens think America is 'evil'", *Canada Free Press*, 30 de junho de 2004.
8. "Grecian Formula for Anti-Americanism", *Wall Street Journal*, 7 de fevereiro de 2003 (edição *online*).
9. Nicholas Kralev, "German Leader Links Bush's 'Style' with Hitler's", *Washington Times*, 20 de setembro 2002 (edição *online*).
10. Warren Hoge, "A Speech That Khrushchev or Arafat or Che Would Admire", *New York Times*, 24 de setembro de 2006.
11. Tom Baldwin, "Schools are still crumbling in 'corridor of shame' haunted by the old South", *Times of London Online*, 25 de janeiro de 2008 (edição *online*).
12. Christopher Andrew e Vasili Mitrokhin, *The Sword and the Shield: The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB* (Nova Iorque: Basic Books, 1999), pp. 487-493.
13. Christopher Andrew e Vasili Mitrokhin, "Russian Orthodox Church chooses between 'ex-KGB candidates' as patriarch", *Times of London Online*, 26 de janeiro de 2009, citando Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*.
14. Astolphe, Marquis de Custine, *Journey for Our Time: The Russian Journals of the Marquis de Custine*, editado e traduzido por Phyllis Penn Kohler (Washington, DC: Regnery Gateway, 1987), p. 171.
15. Citado na nota 7.

CAPÍTULO 1

1. Norman Polmar e Thomas B. Allen, *The Encyclopedia of Espionage* (Nova Iorque: Gramercy Books, 1997), p. 276. Na Romênia, Pacepa sabia apenas que Ignatyev tinha sumido de vista. O DIE supôs que ele tivesse sido assassinado.
2. Polmar e Allen, p. 180. Quando ainda na Romênia, Pacepa pôde saber que Dzerzhinsky havia morrido de ataque cardíaco pouco depois de fazer um discurso diante do plenário do Comitê Central. Aparentemente, sua discussão com Stálin se deu logo de imediato após aquele discurso.

CAPÍTULO 2

1. Yevgeny Yevdokimov, "Russia comes to understand Mikhail Gorbachev", *Center for Defense Information Russia Weekly*, nº 143, 2 de março de 2001, p. 5.
2. Glasnost, *Britannica Concise*, tal como publicada em <http://concise.britannica.com/ebc/article-9365668/glasnost>.
3. <www.merriam-webster.com/dictionary/glasnost>.
4. <www.ahdictionary.com/word/search.html?q=glasnost&submit.x=31&submit.y=21>.
5. *Tolkovyy Slovar Russkogo Yazyka* (Dicionário Explicativo da Língua Russa, ed. D.N. Ushakov; Moscou: Soviet Encyclopedia State Institute, 1935), v. I, p. 570.
6. Yevgenia Albats, *The KGB: The State within a State* (Nova Iorque: Farrar, Straus, Giroux, 1994), p. 23.
7. Zhores Medvedev, *Gorbachev* (Nova Iorque: Norton, 1987), p. 37.
8. Vladimir Solovyov e Elena Klepikova, *Behind the High Kremlin Walls* (Nova Iorque: Dodd, Mead, 1987), pp. 173–76.
9. Christian Schmidt-Häuer, *Gorbachev: The Path to Power* (Londres: I. B. Tauris, 1986), p. 64.
10. David B. Funderburk, *Betrayal of America: Bush's Appeasement of Communist Dictators Betrays American Principles* (Dunn, NC: Larry McDonald Foundation, 1991), p. 15.
11. Yevgeny Yevdokimov, "Russia comes to understand Mikhail Gorbachev", *Center for Defense Information Russia Weekly*, nº 143, 2 de março de 2001, p. 5, edição *online*, <www.cdi.org/russia/143.html>.
12. Cal Thomas, "20/20 hindsight and insight", *Washington Times*, 24 de março de 2002, edição *online*.

CAPÍTULO 3

1. Adina Anghelescu, "Arsenalul Securitatii pentru Carlos" (O Arsenal da Securitate para Carlos), *Zina*, Bucareste, 29 de setembro de 2000, edição *online*. Essa matéria publicou o relatório original da Securitate nº 0010748 de 22 de junho de 1981, com o inventário de explosivos, armas e munição dados a "Carlos" em 1980.

2. "Plesita, o bruta securista" (Plesita, um animal da Securitate), *Ziua*, Bucareste, 19 de fevereiro de 2000, edição *online*.

CAPÍTULO 4

1. Senador Frank R. Wolf e Anne Morse, *Prisoner of Conscience: One Man's Crusade for Global Human and Religious Rights* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011), p. 46.
2. *Time*, 13 de março de 1989, p. 20.
3. O autor possui o original da carta da CIA.
4. "The defection of General Ion Mihai Pacepa", *Radio Romania International*, 4 de abril de 2011: <http://www.rri.ro/arh-art.shtml?lang=2&sec=40&art=121082>.
5. Wolf e Morse, *Prisoner of Conscience*, p. 51.
6. Stan Weeber, "A New Paradigmatic Work on the JFK Assassination", *H-Net Reviews in the Humanities and Social Science*, outubro de 2009.

CAPÍTULO 5

1. Barry Meier, "Most Iraqi Treasures Are Said to Be Kept Safe", *New York Times*, 6 de maio de 2003.
2. *Custine Journals*, p. 161.
3. Ibid, p. 14.
4. Ibid, p. 7.
5. Alexander Rose, "Biography: Royal Rake", *The Washington Post Book World*, 6 de maio de 2001, p. 4.
6. *Bolshaya Sovetskaya Entsiklopediya* (Grande Enciclopédia Soviética). Moscou: Gosudarstvennoye Nauchnoye Izdatelstvo [Imprensa Científica Estatal], 27 de junho de 1952, 2ª ed., vol. 13, p. 566.
7. Glenn Frankel, "Sneers from Across the Atlantic: Anti-Americanism Moves to West Europe's Political Mainstream", *Washington Post*, 10 de fevereiro de 2003.
8. Sartre continuou a dar apoio à comunidade dos serviços de inteligência estrangeiros do bloco soviético. Durante os anos de Pacepa na Romênia, ele sabia especificamente que Sartre era considerado um contato de inteligência na guerra terrorista contra o "imperialismo americano" patrocinada pelos soviéticos e romenos.
9. Régis Debray, "The French Lesson", *New York Times*, 23 de fevereiro de 2003 (edição *online*).
10. Paul Berrman, "The Passion of Joschka Fischer", *The New Republic*, 27 de agosto a 3 de setembro, 2001, p. 12.

11. Herbert Romerstein, *Soviet Active Measures and Propaganda*, Mackenzie Institute Paper nº 17 (Toronto, 1989), pp. 14-15, 25-26. *WPC Peace Courier*, 1989, nº 4, como citado em Andrew e Gordievsky, p. 629.
12. *WPC Rules and Regulations*, aceitas no Congresso no México em 1996, <www.wpc-in.org>.
13. Ibid.
14. *14th World Trade Congress*, Nova Deli, Índia, 25 a 28 de março de 2000.
15. *Beijing declaration of the World Conference of Women*, 15 de setembro de 1995. A professora de direito Mary Ann Glendon chefiou a delegação da Santa Sé nessa reunião. Ao fim, ela fez uma declaração importante acerca das várias reservas da Santa Sé com relação ao texto final.
16. *8th March International Women's Day*, <http://www.un.org/events/women/women00.htm>.
17. *November 17th, International Students' Day, to coincide with Day of Action for Peace*, União Internacional dos Estudantes.

CAPÍTULO 6

1. *Izvestiya TseKa KPSS* (Relatórios do Comitê Central do CPSU), nº 3, março de 1989.
2. Donald Rayfield, *Stalin and His Hangmen* (Nova Iorque: Random House, 2005), *passim*, especialmente p. 248.
3. *Textul decretului de decorare a Regelui Mihai de catre presedintele Truman* (O Texto do decreto do presidente Truman para a condecoração do Rei Michael), *Scînteia*, 14 de maio de 1945, p.1.
4. "Solemintatea Decorarii M. S. Regelui Mihai de catre Generalisimul Iosif Vissarionovich Stalin" (A Cerimônia para a Condecoração do Rei Michael Pelo General Iosif Vissarionovich Stálin), *Scînteia*, 21 de julho de 1945, p. 1.
5. "Guvernul Sovietic a Daruit M. S. Regelui MihaiI, doua Avioane de Turism" (O Governo Soviético Doou Dois Aviões de Passeio ao Rei Michael), *Scînteia*, 22 de julho de 1945, p. 1.
6. Sorin Rosca Stanescu e Cornel Dumitrescu, *Autopsia unei Inscenari Securiste* (Autópsia de Um Enquadramento da Securitate), Bucareste: Omega-Ziua, 1999.
7. Pacepa, *Red Horizons*, pp. 357-359.
8. Durante a maior parte desses anos o seu agente de campo foi Viktor Vladimirov, outrora chefe de estação da NKVD em Helsinque, que foi promovido a general pelo trato que deu a Kekkonen. Christopher Andrew e Oleg Gordievsky, *KGB: The Inside Story* (Nova Iorque: Harper Collins, 1990), pp. 432-433.
9. Joseph J. Trento, *The Secret History of the CIA* (Nova Iorque: Carroll and Graf, 2001), p. 173.

CAPÍTULO 7

1. V. Edward N. Luttwak, *New Dynamics of the Soviet Empire: From Optimism to Pessimism, in Soviet Foreign Policy in a Changing World* (editores Robbin Frederick Laird e Erik P. Hoffman), Piscataway, NJ: Transaction Publishers, 1986, p. 61 ("Agora fossilizado, o marxismo-leninismo se transformou... numa religião oficial, já que suas proposições se tornaram dogmas; o marxismo-leninismo soviético agora tem suas cerimônias, rituais e ídolos, principalmente a figura do próprio Stálin – cujos bustos presidem a todas as salas de aula, escritórios e lugares de aglomeração pública").
2. John Costello e Oleg Tsarev, *Deadly Illusions* (Nova Iorque: Crown, 1993), p. 24.
3. John Toland, *Adolf Hitler* (Garden City, NY: Doubleday, 1976), p. 548.
4. Alexander N. Yakovlev, *A Century of Violence in South Russia* (New Haven, CT: Yale University Press, 2002), p. 165.
5. *Country Studies: Russia-The Russian Orthodox Church*, U.S. Library of Congress, <lcweb2.loc.gov/frd/cs>, acessado em 3 de abril de 2008.
6. Gabriel Adriany, "Die Kirche in Nord, Ost und Südeuropa", in *Handbuch der Kirchengeschichte*, VII, (Herder Freiburg, 1979), p. 515.

CAPÍTULO 8

1. David E. Murphy, *What Stalin Knew: The Enigma of Barbarossa* (New Haven, CT: Yale University Press, 2005), p. XV.
2. A proclamação de Hitler justificando a ação foi reimpressa em *A History of the Third Reich, vol. 4, Primary Sources*, edição de Jeff T. Hays (San Diego, CA: Greenhaven Press, 2003), p. 125. Suas idéias sobre a necessidade de espaço vital para a Alemanha também estão aí reimpressas, p. 26.
3. No dia em que essa declaração foi feita, 8 de dezembro, os primeiros judeus foram mortos a gás em Chelmno, na Polônia.
4. O ministro de propaganda de Hitler de 1933 em diante, Joseph Goebbels, também cometeu suicídio. Ele continuou escondido no *bunker* de Hitler até 1° de maio de 1945, quando envenenou os seus seis filhos antes que ele e sua esposa tomassem sua dose de cianeto. As forças soviéticas depois encontraram os corpos.
5. *Nomination Facts*, Site Oficial do Prêmio Nobel, <www.nobelprize.org>.
6. Jan Olav Smit, *Angelic Shepherd: The Life of Pope Pius XII* (Nova Iorque: Dodd, Mead, 1950), p. 174.
7. *The Ukrainian Weekly*, n° 18, Vol. XVII, 28 de março de 1949, p. 1.
8. *Orientales Omnes* foi lançada em 23 de dezembro de 1945.
9. *Orientales Omnes*, 59.

10. Alberto Giovanetti, *Pio Parla alla Chiesa del Silenzio* (Milano: Editrice ancona, 1959), tradução alemã, *Der Papst spricht zur Kirche des Schweigens* (Recklinghausen: Paulus Verlag, 1969), p. 131.

11. Robert W. Stephan, *Death to Spies: The Story of SMERSH*, tese de doutorado, American University, Washington D.C., 1984, pp. 61-64.

12. Andrew e Gordievsky, p. 343.

13. Hugh Thomas, *Armed Truce: The Beginnings of the Cold War* (London: Hamish Hamilton, 1986), pp. 220-221.

14. Country Studies, *Bulgaria in World War II*, Library of Congress, <lcweb2.loc.gov/frd/cs/profiles/Bulgaria.pdf>.

CAPÍTULO 9

1. Giovanni Sale, *Il Novecento tra genocidi, paure e speranze* (Milan: Jaca Book, 2006), p. 214. V. também Cardeal Walter Kasper, "Recent Developments in Jewish–Christian Relations", discurso na Liverpool Hope University (24 de maio de 2010), <http://www.worldjewishcongress.org/uploads/documents/21ea709fb3a30b36434f3feea17791a1c36f480f.pdf>; Hanna Diskin, *The Seeds of Triumph: Church and State in Gomulka's Poland* (Budapeste: Central European University Press, 2001), pp. 48-49 (propaganda soviética contra a Igreja Católica e o Papa). George Weigel, "All War All the Time", *First Things*, abril de 2011, p. 30.

2. Uma tradução do discurso completo, tal como transmitido pela Rádio Vaticano, se encontra em "The Catholic Church and the Third Reich: Pope Pius XII Surveys an Heroic History", *The Tablet* (Londres), 9 de junho de 1945.

3. O texto completo do discurso consta em Margherita Marchione, *Pope Pius XII: Architect for Peace* (Nova Iorque: Paulist Press, 2000), pp. 143-152. V. também "Office of the United States Chief Counsel", vol. I, pp. 285-86; William L. Shirer, *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany* (Greenwich: Fawcett Publications, 1962), pp. 324-25 (nota de rodapé); Purdy, p. 43.

4. Pinchas E. Lapide, *Three Popes and the Jews* (Nova Iorque: Hawthorne Books, 1967), p. 131; v. Ernst von Weizsäcker, *Memoirs of Ernst von Weizsäcker* (Chicago: H. Regnery Co., 1951), p. 297.

5. Lapide, p. 131.

6. Eugenio Zolli, *Why I Became a Catholic* (New Hope, KY: Roman Catholic Books, 1997), p. 187.

7. *Wartime Correspondence Between President Roosevelt and Pope Pius XII* (Nova Iorque: Macmillan, edição de Myron C. Taylor, 1947), p. 113.

8. Anton J. Gahlinger, *I Served the Pope* (The Mission Press, Techny, IL: 1952), p. 6. V. "Churchill Talks with Pope on Peace; Vatican Quarters Gratified at Outcome Said to Promise a Profound Effect on Terms", *New York Times*, 26 de agosto de 1944.

9. Anne O'Hare McCormick, *Vatican Journal 1921–1954* (Nova Iorque: Farrar, Straus & Cudahy, 1957), p. 123 (de um despacho do *New York Times* de 6 de setembro de 1944). De sua parte, Pio XII descreveu Churchill como bastante hábil e generoso. Ibid.

10. "German Martyrs", *Time*, 23 de dezembro de 1940, p. 38; Lapide, p. 251 (citando Einstein para a *Time Magazine*).

11. "Acknowledging the Men and Women of Wisdom", *Wisdom*, setembro de 1957, p. 2.

12. Charles R. Gallagher, "Personal, Private Views: A newly discovered report from 1938 reveals Cardinal Pacelli's anti-Nazi stance", *America*, 1º de setembro de 2003. V. também Will Swift, *The Kennedys Amidst the Gathering Storm* (Washington, DC: Smithsonian Books, 2008), p. 361 (Kennedy deu ao FDR uma carta do Papa "denunciando a traição de Hitler aos valores cristãos").

13. Em 1945, Fabian von Schlabrendorff, integrante protestante da resistência alemã, escreveu um memorando ao general americano William (Wild Bill) Donovan, no qual relatava que Müller "tinha ordens da Igreja Católica para negociar com representantes da Igreja Protestante, de modo a harmonizar suas medidas na luta contra Hitler". *Memorandum to General Donovan from Fabian von Schlabrendorff*. V. também Schlabrendorff, *The Secret War against Hitler*. Pio XII veio a se ligar ao trabalho do célebre líder protestante da resistência, Dietrich Bonhoeffer, que por fim tomou parte de uma conspiração para assassinar Hitler. O amigo íntimo de Bonhoeffer e colega seu de resistência Eberhard Bethge escreveu-lhe dizendo que tivera uma audiência com o Papa. *Dietrich Bonhoeffer: Letters and Papers from Prison 214* (edição de Eberhard Bethge, Collier Books, New York, 1971). Em uma reunião de cartas, Bethge escreve que essa referência oblíqua se relacionava a reuniões com os assistentes mais próximos do Papa Pio XII, Monsenhor Robert Leiber e Monsenhor Johannes Schönhöffer, "que tomou parte da conspiração". Ibid., p. 267, nº 152.

14. *Secret message from the British Legation to the Holy See*, 12 de janeiro de 1940, British Public Record Office, FO 800/318 (contando acerca da ofensiva alemã planejada); *Personal and Confidential Message from the British Legation to the Holy See*, 7 de fevereiro de 1940, British Public Record Office, FO 371/24405 (contando acerca do ataque planejado contra a Bélgica e dos planos futuros para a invasão da França). Um dos relatórios de Müller se relacionava a um discurso que Hitler fez no S.S. Ordensburg (centro de treinamento em liderança juvenil), em Sonthofen, onde gritou que pisaria a Igreja Católica como se fosse um cogumelo. Harold C. Deutsch, *The Conspiracy Against Hitler in the Twilight War* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1968), pp. 338-339.

15. *Telegram from the Ambassador in Italy (Phillips) to the Secretary of State*, datado de 28 de fevereiro de 1940, United States Department of State, Foreign Relations of the United States, Diplomatic Papers, 1940, vol. I (General), United States Government Printing Office (Washington, DC: 1959), p. 126 (com discussão da segurança da França e da Inglaterra, do clima na Alemanha, sua força militar e seus recursos no caso de uma guerra longa e da atitude da Itália para com a guerra).

16. Owen Chadwick, *A History of Christianity* (Nova Iorque: St. Martin's Press, 1995), p. 91.

17. *Testimony of Dr. Giuseppe Müller*, 24 de janeiro de 1969, diante do Tribunal Eclesiástico do Vicariato em Munique, sobre a beatificação de Pio XII (Eugenio Pacelli), Parte II, p. 755.

18. Gilbert (1981), p. 59; Deutsch, pp. 338-39. *Le cardinal Maglione au nonce à Bruxelles Micara et à l'internonce à La Haye Giobbe*, 3 de maio de 1940, Actes et Documents, vol. 1, p. 436, nº 293.

19. V. Wright, p. 1930; Charles Rankin, "Pius the Man and His Efforts for Peace", in *The Pope Speaks*, p. 113.

20. "Messaggi del Santo Padre, ai Sovrani del Belgio, dell'Olanda e del Lussemburgo", *L'Osservatore Romano*, 12 de maio de 1940.

21. Cianfarra, p. 226-27; Hatch e Walshe, p. 152; Charles Rankin, "Pius the Man and His Efforts for Peace", em *The Pope Speaks*, p. 114.

22. Hatch e Walshe, p. 152.

23. Lapide, p. 137.

24. *The Tablet* (Londres), 24 de outubro de 1942, p. 202 (citando *Jewish Chronicle*).

25. Ibid.

26. *The Ciano Diaries*, pp. 537-538. De acordo com Ciano, Mussolini queria a cabeça de alguns, mas foi convencido do contrário porque o prestígio da Igreja era muito alto. Ibid., pp. 538-39.

27. *The Catholic News*, 21 de novembro de 1942, reimpresso em Secretariat for Ecumenical and Interreligious Affairs, National Conference of Bishops, *Catholics Remember the Holocaust*, United States Catholic Conference (Washington, 1998), p. 17.

28. "Holy Father Extends Thanks to American Catholics for Aid", *The Catholic News*, 21 de novembro de 1942.

29. British Public Records Office, INF 1/893.

30. *Pius XII's letter to Bishop Preysing*, 30 de abril de 1943. Actes et Documents, vol. 2, doc. 105, pp. 318-27. Pio XII encorajava freqüentemente Preysing em seu trabalho de resistência. V. *A l'Evêque de Berlin*, 15 de dezembro de 1940, Actes et Documents, vol. 2, p. 180, nº 58; *A l'Evêque de Berlin*, 30 de abril de 1943, Actes et Documents, vol. 2, p. 318, nº 105; *A l'Evêque de Berlin*, 5 de setembro de 1943, Actes et Documents, vol. 2, p. 342, nº 112. V. também Lubac, p. 145; O'Carroll, p. 89. De fato, Pio XII foi o único líder mundial que levou a sério a resistência. Charles Ford, "Invidious Comparisons", *First Things*, janeiro de 2000, p. 67.

31. A versão italiana original foi publicada nas oficiais *Acta Apostolicae Sedis* de 1943 (vol. 35, pp.5-8). Para uma versão em inglês, v. *Pius XII: Selected Encyclicals and Addresses*, pp. 275-97 (Londres: Catholic Truth Society, 1949).

32. Congregação para a Causa dos Santos, *Positio*, apêndice 25, p. 282. V. também Fisher, p. 13 (Pio XII usava freqüentemente a palavra *stirpe* [raça] para identificar os judeus e assim não tinha como haver nenhuma dúvida acerca de sua posição.)

33. British Public Records Office, FO 371/34363 59337 (5 de janeiro de 1943); *Telegram from the Minister in Switzerland (Harrison) to the Secretary of State*, 5 de janeiro de 1943, in Foreign Relations of the United States, Diplomatic Papers, 1943, vol. II (Europa), United States Government Printing Office (Washington, 1964), p. 91.

34. *New York Times*, 25 de dezembro de 1942.

35. V. *Telegram from the German Ambassador (Bergen) to the Reich Minister*, datado de 26 de janeiro de 1943, NARA, T-120, rolo 361, pp. 27, 76, 68-70 (o embaixador von Bergen, por instrução do ministro de exterior Ribbentrop, alertou o Papa de que os nazistas buscariam retaliação por ter o Vaticano abandonado a neutralidade).

36. Citado em Rhodes, pp. 272-73 (citando arquivos alemães: *A.A. Abteilung Inland*, pak. 17, vol. I, 22 de janeiro de 1943); v. também Holmes, p. 140. De fato, um ministro protestante que ajudou a fazer essa declaração circular foi condenado à prisão por disseminar documento subversivo e desmoralizante. Ele também foi acusado de ter uma visão crítica da guerra e de estar espiritualmente atraído por meios judaicos e de ser assim simpático aos judeus. "For Berlin, Pius XII was a Subversive: Radio Operator's Experience of Spreading Papal Christmas Message", *Zenit News Agency*, 14 de maio de 2002.

37. *Notes de la Secrétairerie d'Etat*, 5 de maior de 1943, Actes et Documents, vol. 9, p. 274, nº 174. No dia 30 de agosto, o secretário de Estado americano expressou dúvida sobre a questão toda, enviando uma mensagem de que "não há provas suficientes para justificar uma declaração acerca de execuções em câmaras de gás". Ibid.

38. *The Tablet* (Londres), 12 de junho de 1943, p. 282, nº 1. Essa seção foi suprimida na Itália e na Alemanha.

39. Toland, p. 864; Holmes, p. 132; O'Carroll, p. 131; Burleigh (2007), pp. 252-53.

40. "Glimpse at How Religious Houses Helped the Jews: Research Presented on Wartime Efforts in Rome", *Zenit News Agency*, 18 de setembro de 2006.

41. Isso foi relatado pelo senador Adriano Ossiciani, fundador da Esquerda Cristã na Itália, o qual foi preso em 1943 em razão de sua oposição ao regime fascista. *More Echoes on Pope PiusXII, Nazi Holocaust*, Catholic World News, 27 de junho de 1996. (Na véspera de uma varredura policial em massa... o hospital recebeu ordens diretas do Papa Pio XII para que admitisse imediatamente tantos judeus quanto fosse possível.).

42. *From Hitler's Doorstep* (University Park: Pennsylvania State University Press, edição de Neal H. Peterson, 1966).

43. V. Congregação para a Causa dos Santos, *Positio (Summarium)*, Testemunho do Pe. Guglielmo Hentrich diante do Tribunal Eclesiástico de Roma, sobre a beatificação de Pio XII (Eugenio Pacelli).

44. Lapide, p. 168. Aparentemente não foi uma quantia desprezível. De acordo com uma conta, o futuro papa herdou $ 100.000 em meados dos anos 1930.

45. Carroll-Abbing (1965), p. 48.

46. Graham, *Pope Pius XII and the Jews of Hungary in 1944*, pp. 5-6.

47. Lapide, p. 133.

48. Holmes, p. 158. Lapide posteriormente aumentou a estimativa de vidas de judeus salvos para algo entre 700.000 e 860.000. Lapide, p. 269.

49. Lapide, p. 226.

50. John Thavis, "Many Jews Once Defended Pius and Documentary Evidence Supports Him", *Inside the Vatican*, abril de 1998, p. 30.

51. *Le National Jewish Welfare Board au Pape Pie XII*, 21 de julho de 1944, Actes et Documents, vol. 10, p. 358, nº 272.

52. Herbert L. Mathews, "Happier Days for Pope Pius: Shadows of war are lifting for a Pontiff whose greatest interest is world peace", *New York Times*, 15 de outubro de 1944, p. 8.

53. *Le National Jewish Welfare Board au Pape Pie XII.*

54. F. Murphy, p. 64.

55. Kevin Doyle, "Robert Graham, S.J.", *First Things*, junho/julho de 1997.

56. M. Davis, p. 101.

57. Vladimir Ilyich Lênin, *One Step Forward Two Steps Back (The Crisis in Our Party)* (1904), <http://www.marxists.org/archive/lenin/works/1904/onestep/index.htm>.

CAPÍTULO 10

1. Darko Zubrinic, *Cardinal Alojzije Stepinac and Saving the Jews in Croatia During the WW2* (Zagreb, 1997), <http://www.croatianhistory.net/etf/jews.html>; Dennis Barton, *Croatia 1941–1946 (The Church in History Information Centre 2006)*; *Zenit News Agency*, 10 de março de 1999; Ronald J. Rychlak, "Cardinal Stepinac and the Roman Catholic Church in Croatia during World War II", *The New Oxford Review*, novembro de 2009.

2. Peter C. Kent , *The Lonely Cold War of Pope Pius XII* (Montreal & Kingston: McGill-Queen's University Press, 2002), p. 163.

3. Antes da invasão alemã da Iugoslávia (6 de abril de 1941), a diocese de Maribor consistia de 654.999 membros, 254 paróquias, 474 membros do clero secular e 109 membros do clero regular. Três meses após a invasão alemã, a Gestapo tinha prendido, matado ou expulsado 85% do clero. Das 254 paróquias originais, só restaram 91, cada uma dirigida por um único padre. As outras foram fechadas ou tomadas pelas autoridades alemãs. O distrito de Ptuj tinha a princípio 30 paróquias e 57 padres. Restaram apenas um padre ativo e dois aposentados

para cuidar de 80.000 católicos. De modo similar, na diocese de Ljubljana, a área ocupada pelos alemães tinha 128 paróquias. Ao fim de junho de 1941, 137 padres tinham sido mortos, 74 expulsos e outros 37 tinham fugido. Assim sobraram só nove padres para atender a 215.000 católicos. Cianfarra, p. 266.

4. O nome original completo da organização era *Ustaša - Hrvatska revolucionarna organizacija* ou UHRO (Ustaša – Organização Revolucionária Croata). Em 1933, foi renomeada *Ustaša - Hrvatski revolucionarni pokret* (Ustaša – Movimento Revolucionário Croata). O nome veio da palavra "ustati", que significa "erguer-se" ou "ficar de pé". Desse modo, "ustaša" significava um insurgente ou rebelde. Não tinha conotações fascistas durante os primeiros anos do partido. Sobre a formação da Croácia, v. Krišto, *The Catholic Church in Croatia and Bosnia-Herzegovina*, vol. 1, pp. 39, 51-53.

5. Heffron, *Croatia's Fearless Defender*.

6. Gitman, p. 51. "Temos abundância de sermões públicos do arcebispo de Zagreb que ilustram quão direto ele foi em sua crítica tanto da ideologia nacional-socialista quanto a política do governo croata". Krišto, *The Catholic Church in Croatia*, p. 60.

7. Krišto, *The Catholic Church in Croatia*, p. 72. Uma inconsistência surpreendente de avaliação de Stepinac aparece na mesma página de um livro que é em ampla medida crítico do Papa Pio XII e da Igreja Católica. Michael Phayer escreve: "A questão é que nem Stepinac nem tampouco Pio XII condenaram publicamente o governo Ustaša. Fazê-lo teria precipitado o fim do regime..." Mais adiante, na mesma página, Phayer escreve: "Enquanto muitos integrantes do clero apoiaram a 'cruzada' sangrenta de Pavelić, o Arcebispo Stepinac perseverou em sua crítica dos crimes do Ustashe". Phayer (2008), p. 12.

8. Gitman, p. 70.

9. Alexander, *The Triple Myth*, p. 95; Barton.

10. Zubrinic.

11. Rychlak, *Cardinal Stepinac and the Roman Catholic Church in Croatia*.

12. Stephen Lackovic, *The Case against Tito (memorandum, 1947)*, p. 23. V. também *Le cardinal Maglione au visiteur apostolique à Zagreb Marcone*, 21 de fevereiro de 1942, Actes et Documents, vol. 8, p. 442, nº 289.

13. Rick Hinshaw, "Cardinal's Past", *Chicago Tribune*, 17 de outubro de 1998, p. 26.

14. Pattee, pp. 283-86. Seis dias antes ele fizera um sermão similar:

> Todos eles sem exceção, pertençam à raça dos ciganos ou a outra qualquer, sejam judeus detestados ou arianos orgulhosos, têm o mesmo direito de dizer: "Nosso pai está no céu"... a Igreja Católica condena... toda injustiça e toda violência cometida em nome de teorias de classe, raça ou nacionalidade. Não se pode exterminar intelectuais... como o bolchevismo o demonstrou... Não se pode dar fim... a ciganos ou judeus por se os considerar raças inferiores.
>
> Gitman, p. 70.

15. Gitman, p. 70 (citando o General Glaise von Herstenau); Zubrinic; Barton.

16. Weigel, *Witness to Hope*, p. 73.

17. *Le grand rabbin Herzog au délégué apostolique à Istanbul Roncalli*, 28 de fevereiro de 1941, Actes et Documents, vol. 10, p. 161, nº 83.

18. *Le grand rabbin Herzog au délégué apostolique à Istanbul Roncalli*, 28 de fevereiro de 1941, Actes et Documents, vol. 10, p. 161, no. 84.

19. Ibid. V. Krišto, *The Catholic Church and the Jews*, p. 42.

20. Só no território do arcebispado de Zagreb, entre 1945 e 1948 mais de 70% das terras agricultáveis da Igreja Católica foram tomadas por meio de reformas agrárias. Fora a terra, a reforma "também resultou em confisco dos prédios, reservas de agricultura, pecuária, maquinário e ferramentas da Igreja Católica". Akmadža, p. 97.

21. Na primavera de 1945, a Igreja Católica dirigia uma série de escolas privadas na Croácia. No dia 2 de outubro, todas foram fechadas. Akmadža, p. 99.

22. "Stepinac protestou contra toda injustiça, especialmente contra o racismo". "Vatican Book Justifies Cardinal Stepinac: Example of Opposition to Fascism, Nazism and Communism", *Zenit News Agency*, 10 de março de 1999 (citando o autor Gianpaolo Mattei).

23. Matijević, p. 139.

24. Akmadža, p. 89.

25. Ibid., p. 90.

26. Não é claro o motivo pelo qual Tito primeiro mandou prender Stepinac e só depois falou com ele. É possível que Tito quisesse observar a extensão de sua influência junto ao povo e à Igreja ou se poderia amolecer o arcebispo e fazê-lo cooperar na questão da criação de uma Igreja Católica independente na Croácia. Ibid., p. 91.

27. Raymond, p. 191.

28. Prcela, pp. 53-54 (reimprimindo as acusações). Um possível motivo para a decisão de Tito de processar Stepinac foi que em julho daquele ano o líder de Četnik, Draža Mihailović, foi julgado e executado, de modo que era importante para as autoridades criar um equilíbrio para não provocar uma revolta sérvia. Akmadža, p. 95.

29. Matijević, p. 120. V. *The Black Book of Communism*, pp. 388-407.

30. Akmadža, p. 96.

31. Matijević, p. 135. (Em junho de 1945, o mufti de Zagreb, Ismet Muftić, foi julgado junto a alguns oficiais do Ustashe e condenado à morte.). "Os ortodoxos chegaram a ficar em situação de descrédito por conta de sua colaboração com os Chetniks, mas não foram liqüidados, porque a liderança do Partido percebeu a conduta da igreja na guerra como patriótica". Ibid., p. 139.

32. Ibid., pp. 117, 121. Líderes ortodoxos foram tratados "com um pouco mais de impiedade por terem colaborado com HPC e [posteriormente] com os Chetniks". Ibid., p. 122.

33. "Archbishop Behind Bars", *Time*, 30 de setembro de 1946.

34. Como a revista *Time* noticiou posteriormente: "o mundo ficou chocado com a zombaria cínica do julgamento de 12 dias de Stepinac por colaboração com o regime-fantoche nazista durante a guerra". "The Silent Voice", *Time*, 22 de fevereiro de 1960.

35. Barton.

36. Prcela, p. 55. Hurley era uma personalidade interessante e foi assunto de Gallagher, *Vatican Secret Diplomacy*.

37. Josip Stilinovic, *Cardinal Alojzije Stepinac — A true Catholic nationalist!*, The Catholic World Report (1998), <http://irish-nationalism.net/forum/showthread.php?t'5048>.

38. Lackovic, p. 3. Barton. Durante a era comunista, era perigo tão só o ato de mencionar o seu nome. Stilinovic.

39. "Aide for the Archbishop", *Time*, 14 de outubro de 1946; Bozanić, p. 308. ("O Papa Pio XII condenou imediatamente o processo, referindo-se aos trabalhos na corte como processo jurídico malconduzido, '*Il tristissimo processo*', o que em italiano significa não apenas grave, mas também infeliz".).

40. "Aide for the Archbishop", *Time*, 14 de outubro de 1946. No julgamento, Stepinac não voltou sua atenção para si mesmo, mas "antes se concentrou na Igreja, e ele sabia que o julgamento não era tanto sobre ele, que na verdade os comunistas queriam prejudicar a Igreja e a religião". Krišto, *An American View*, p. 227.

41. A declaração inteira de Stepinac pode ser lida em <http://www.croatianhistory.net/etf/reply.html >.

42. O *The New York Times* escreveu que "O julgamento do Arcebispo Stepinac foi puramente político com seu desfecho tendo sido previamente determinado. O julgamento e a sentença desse prelado croata estão em contradição com a garantia da Iugoslávia de que iria respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais de todos sem levar em conta raça, sexo, língua ou credo. O Arcebispo Stepinac foi condenado e será encarcerado como parte de uma campanha contra a sua igreja, culpado apenas de ser inimigo do comunismo". *New York Times*, 13 de outubro de 1946. O Cardeal Francis J. Spellman, provavelmente o mais importante prelado católico no período da guerra, disse: "a única coisa de que o Cardeal Stepinac é culpado é seu amor por Deus e por sua terra natal". O Comitê Judaico Americano também reagiu, dizendo: "[Stepinac] foi dos raríssimos homens na Europa que ergueram sua voz contra a tirania nazista na época em que lhe era bastante difícil e perigoso fazê-lo". Barton.

43. Krišto, *The Catholic Church in Croatia*, pp. 85-86.

44. O filme foi exibido na celebração da Arquidiocese de Zagreb pelo 10º aniversário da beatificação do Cardeal Alojzije Stepinac em 19 de setembro de 2008.

45. Pattee, p. 211.

46. Ibid., pp. 211-12.

47. Alexander, *The Triple Myth*, p. 113.

48. Barton.

49. Akmadža, p. 95; Prcela, p. 7.

50. "Deal Rejected", *Time*, 23 de julho de 1951. Bem depois, a revista *Time* deu um outro relato consistente sobre o assunto:

> Na lúgubre prisão de Lepoglava, Stepinac ocupava uma cela contígua a uma capela, recebia boa comida e todos os livros que queria. Diferentemente do Cardeal Mindszenty da Hungria, o Arcebispo Stepinac não fez nenhum pronunciamento contra o regime. Ele ficou em silêncio, e no mundo livre o seu silêncio soou como um grito de reprovação. Tito teria se livrado dele com alegria. Através de um jornalista americano, Tito lhe ofereceu sua liberdade se concordasse em não mais exercer seu sacerdócio na Iugoslávia. Stepinac respondeu abruptamente: "Sou de todo indiferente a quaisquer pensamentos acerca da minha soltura. Eu sei por que sofro. É pelos direitos da Igreja Católica. Eu disposto a morrer a cada dia pela Igreja. A Igreja Católica não pode ser, e jamais será, escrava de nenhum regime".
>
> "The Silent Voice", *Time*, 22 de fevereiro de 1960.

51. Marcus Tanner, *Croatia: A Nation Forged in War* (Yale University Press, 1997).

52. A *Time* noticiou sua soltura deste modo:

> Os portões de barra de ferro da prisão de Lepoglava se abriram. De lá saía o prisioneiro ideológico número 1 da Iugoslávia comunista, o Arcebispo Aloysius Stepinac, o primaz magro, filho de camponeses, dos 7.000.000 de católicos romanos do seu país. Ele não saía em liberdade. Por ordem do governo de Tito, o Arcebispo Stepinac foi solto em condicional, depois de cumprir cinco anos de uma sentença de 16 por uma acusação forjada de colaboração com os fascistas durante a guerra. Na verdade, ele estava a caminho de seu confinamento espaçoso: Krasic, sua aldeia natal, onde, como dizia o comunicado do governo, "o ex-arcebispo" teria de se limitar aos deveres de um simples padre.
>
> "Dust in the Eyes", *Time*, 17 de dezembro de 1951.

53. Ibid. Em março de 1952, Tito disse a uma delegação do Primeiro Congresso da Associação de Estudantes Iugoslavos que "Soltamos Stepinac para que pudéssemos tirar uma arma de propaganda das mãos do Vaticano, a arma de que Stepinac era um 'mártir'. Agora eles têm problemas porque Stepinac está solto". Akmadža, p. 95.

54. "The Guest of Dishonor", *Time*, 29 de dezembro de 1952 ("Tito ficou louco com o Vaticano por ter conferido o barrete vermelho de cardeal ao Arcebispo Aloysius Stepinac, que cumpriu cinco anos em uma das prisões de Tito e hoje está confinado em sua aldeia natal").

55. Traudl Lessing, *Stepinac Speaks*, Catholic Digest (abril de 1953), p. 33.

56. Bozanić, pp. 314-15.

57. Ibid., p. 314.

58. *Encyclopedia of World Biography* (2004); "Capsules", *Time*, 3 de agosto de 1953 ("Munidos de fósforo radioativo fornecido pela AEC, dois especialistas de ponta dos Estados Unidos foram para a Iugoslávia tratar o Cardeal Stepinac de policitemia").

59. "The Silent Voice", *Time*, 22 de fevereiro de 1960. Em 1954, 143 padres católicos assinaram um memorando denunciando o governo da Iugoslávia por perseguição dos católicos. Matijević, p. 125.

60. "The Silent Voice", *Time*, 22 de fevereiro de 1960.

61. Hoje, atrás do altar, pode-se ver um pedaço do chão que se planejava que fosse seu local final de descanso.

62. "The Silent Voice", *Time*, 22 de fevereiro de 1960.

63. Savor; Barton. Hinshaw, p. 26. A inocência de Stepinac é hoje reconhecida por praticamente todos os estudiosos. Para uma reunião de documentos que reabilitam Stepinac, v. *Proces Alojziju Stepiincu* (edição de Marina Stambuk-Skalic e outros) (Krscanska sadasnjost: Zagreb, 1997). Sobre os sermões antinazistas de Stepinac, v. *Propovijedi, govori, poruke* (edição de J. Batelja e C. Tomic) (AGM: Zagreb, 1996); e *Three Sermons Against Racism by Archbishop Stepinac* (Church in History Information center: Birkenhead, 1998). V. também Aleksa Benigar, *Alojzije Stepinac, hrvatski kardinal* (Ziral, Zagreb, 2ª ed., 1993); Ivan Muzi'c, *Paveli'c i Stepinac* (Logos: Split, 1991) (a luta do arcebispo contra Paveli*f*); "Vatican Book Justifies Cardinal Stepinac: Example of Opposition to Fascism, Nazism and communism", *Zenit News Agency*, 10 de março de 1999; Alain Finkielkraut, "Msgr. Stepinac et les deux douleurs de L'Europe", *Le Monde*, 7 de outubro de 1998 (desaprovando críticas feitas a Stepinac).

64. Alexander, p. 147; Barton. "Ele era um homem de que não gostavam tanto os nazistas como os comunistas em razão de sua recusa a submeter os interesses da Igreja Católica aos regimes do momento. Stepinac sabia do fato de que nazistas como comunistas estavam conspirando para matá-lo". Gitman, p. 70.

65. Alexander, p. 138; Barton.

66. Sabrina P. Ramet, *Balkanski Babilon 113* (Zagreb: Alinea, 2005). V. também Tanner, p. 180; Barton.

67. Falconi provavelmente ficou confuso com os indícios contraditórios que encontrou. Veja-se esta observação crítica de uma das primeiras resenhas do livro: "há três citações excelentes no livro, especialmente de Pio XII, provendo toda a defesa requerida. Mas são desmerecidamente explicadas com argumentos psicológicos". Whitall N. Perry, "Book Review: The Silence of Pius XII, by Carlo Falconi", *5:1 Studies in Comparative Religion* (inverno, 1971).

68. Considere-se: Capítulo 1: O Colapso da Iugoslávia em 1941; Capítulo 2: A Croácia nos 20 anos de Governo Iugoslavo; Capítulo 3: Como o NDH Foi Recebido Pelos Católicos; Capítulo 4: A Perseguição aos Ortodoxos Sérvios; Capítulo 5: O Episcopado Católico Croata Entre a Intransigência de Princípio e a Adaptação à Realidade; Capítulo 6: O Vaticano Sabia dos Crimes do Ustaša; Capítulo 7: A Atitude Contraditória do Vaticano Frente ao "Rebatismo" e à Perseguição dos Ortodoxos Sérvios.

69. "Parte da documentação mais descuidada se encontra nas 134 páginas do episódio croata". Whitall N. Perry, "Book Review: The Silence of Pius XII, by Carlo Falconi", *5:1 Studies in Comparative Religion* (inverno, 1971).

70. V. nota 73.

71. "Assembly Condemns Communist Treatment of Cardinal Stepinac and Andrija Hebrang", *BBC Summary of World Broadcasts*, 17 de fevereiro de 1992.

> O recém-eleito parlamento croata reabilitou o Cardeal Stepinac anulando os resultados do julgamento de estilo bolchevique que fora conduzido pelo ex-regime comunista iugoslavo. O parlamento especificamente declarou que a única razão para a condenação do cardeal foi a recusa de Stepinac de liderar um cisma.
>
> Stilinovic.

72. Cornwell, *Hitler's Pope*, pp. 47, 169, 173, 251, 254, 259, 262, 321, 352.

73. Krišto prossegue explicando: "Ronald J. Rychlak respondeu minuciosamente a Cornwell no livro *Hitler, the War, and the Pope*... Por motivos compreensíveis, nem mesmo Rychlak sabia que tanto Falconi como Cornwell tinham baseado seus juízos sobre a Igreja Católica na Croácia e sobre o Papa Pio XII em documentos falsificados da polícia secreta iugoslava". Krišto, *The Catholic Church and the Jews*, p. 44, nota 150.

74. Historiadores se confiam em documentos para compreender o que aconteceu num dado momento. Atribui-se grande credibilidade a indícios escritos contemporâneos. Na maior parte dos casos, isso faz perfeito sentido. Como esse episódio revela, no entanto, quando agências governamentais se empenham em campanhas internacionais de desinformação, indícios escritos contemporâneos podem ser bastante falsificadores. Textos não-contemporâneos ficcionalizados, como *O Vigário*, são ainda mais falsificadores.

75. Rychlak foi orador nesse evento. V. *Cardinal Stepinac and the Roman Catholic Church in Croatia*.

CAPÍTULO 11

1. Existem dúzias de manuais operacionais da KGB sobre diferentes tópicos, divididos em vários ramos (contra-espionagem, contra-sabotagem etc.). Todos são de "alta confidencialidade". Alguns manuais, como o de desinformação ou o de operações ilegais, são de "Alta Confidencialidade de Especial Importância". V. Bittman, pp. 49-50.

2. A menos que indicado, os fatos específicos da vida do Cardeal Mindszenty são tirados de seu livro *Memoirs*, traduzido por Richard e Clara Winston (Nova Iorque: Macmillan, 1974).

3. Mindszenty, p. 5.

4. Ibid., p. 8.

5. V. Rychlak, *Hitler, the War, and the Pope* (2010), pp. 248-52.

6. *Investigative Reports* (Bill Kurtis, A&E Network).

7. Gilbert (1981), p. 266 (citando *Report of Veesenmayer to Ribbentrop*, 6 de julho de 1944, Nuremberg Trial Documents, NG 6584).
8. Lapide, p. 153.
9. Gilbert (1987), p. 50; v. Blet, pp. 189–99.
10. *Le Nonce à Bucarest Cassulo à Mgr. Tardini*, 2 de outubro de 1944, Actes et Documents, vol. 10, p. 428, nº 68.
11. Lapide, p. 161.
12. Mindszenty, p. 83-84.
13. V. Freemantle, p. 136 ("Em matéria de desinformação, como no caso de outras atividades de espionagem, a União Soviética utilizou sobremaneira os seus serviços satélites"); v. Bittman, p. 29 (de modo similar).
14. Robert McG. Thomas Jr., "Hanna F. Sulner, 81, Expert Drawn into Mindszenty Plot", *New York Times*, 19 de janeiro de 1999.
15. Mindszenty, p. 87.
16. Thomas Jr., "Hanna F. Sulner", p. 81.
17. Mindszenty, pp. 114-117.
18. Steve O'Brien, "Shooting the Cardinal": Film and Betrayal in the Mindszenty Case", *Seattle Catholic*, 11 de janeiro de 2005, tal como consta em <http:// seattlecatholic.com/article_20050111.html.>.
19. Ambos os filmes estão disponíveis em DVD. *The Prisioner* não identifica o cardeal que é perseguido, e parece que reúne elementos de vários desses julgamentos comunistas do pós-guerra.
20. Mindszenty, *Wikipedia*.

CAPÍTULO 12

1. O Cardeal Beran morreu em Roma, com 80 anos. Foi enterrado na gruta da Basílica de São Pedro. Em 1998, a Arquidiocese de Praga abriu o seu processo de beatificação.
2. Wyszyński às vezes é visto como controverso em razão de alguns dos seus comentários parecerem anti-semitas. Por outro lado, não é claro que declarações foram realmente feitas por ele e aquelas que lhe foram atribuídas por oficiais soviéticos que queria desacreditá-lo. V. Stefan Wyszyński, *The Culture of Bolshevism and the Polish Intellectuals, in Polish Perspectives on Communism* (Lexington Books, Bogdan Szlachta, ed. 2000).
3. Ibid., p. 96.
4. Diskin, pp. 70-71. Wyszyński não viajou para a cerimônia em Roma porque temia que o regime comunista não o deixasse retornar. Ibid., p. 79.
5. Sobre a relação entre o governo polonês, o Vaticano e a igreja na Polônia, v. ibid., pp. 20, 28 (observando que Pio XII foi responsável por alguma tensão entre o governo comunista e a Santa Sé).

6. Ibid., p. 97.
7. Ibid., p. 108.
8. Ibid., p. 182-84.

CAPÍTULO 13

1. Naquela época todos os países-satélites soviéticos eram chamados de "repúblicas populares".
2. A confiança comunista na "faísca" datava de Lênin, que nomeou o seu jornal revolucionário de *Iskra* (A Faísca), embora tivesse tomado o conceito de empréstimo de uma insurreição dezembrista russa de 1825.
3. V. Rychlak (2010), pp. 93-94.
4. Andrew e Gordievsky, pp. 463-464.
5. Essa operação francesa é confirmada por Andrew e Gordievsky, pp. 463-464.
6. Al Webb, "Synagogues burn as Europeans rage", *Washington Times*, 22 de abril de 2002 (edição *online*).
7. V. Parkes ("Não existe necessidade alguma de criar anti-semitismo na Rússia. Ele já existia").
8. POGROM. Levante reacionário-chauvinista, organizado pelo governo, das classes governantes, massacre de um grupo de determinados elementos da população, acompanhado de assassinato, destruição e saque de propriedades. [Exemplo:] Pogroms judaicos na Rússia tazrista. *Tolkovyy Slovar Russkogo Yazyka* (Dicionário Explicativo da Língua Russa), edição de D.N. Ushakov (Moscou: Soviet Encyclopedia State Institute, 1935), vol. III, p. 352.
9. William Korey, *Russian Antisemitism, Pamyat, and the Demonology of Zionism*, The Hebrew University of Jerusalem (1995), <http://sicsa.huji.ac.il/studies2.html>.
10. O Okhrana foi fundado em 1881 por Alexandre III. Foi substituído pelo Departamento de Polícia do Estado, que falhou em salvar a vida do pai do seu fundador, o tzar Alexandre II.
11. Sakharovsky parece ter partilhado do tradicional anti-semitismo russo. Ele disse para Pacepa que os próprios judeus carregavam a culpa de terem se tornado um símbolo de ódio aos tzares russos. Depois de 1942, quando alguns dos judeus expulsos da Espanha começaram a se estabelecer na Rússia, eles se ocuparam com recolha de impostos e administração de grandes áreas onde os camponeses trabalhavam. Essas estavam entre as poucas ocupações disponíveis para judeus na Rússia, as quais não fizeram os judeus serem amados em seu novo país.
12. Philip Grave, "The Protocols: A Literary Forgery", *The Times*, Londres, 16, 17 e 18 de agosto de 1921, <www.nizkor.org/ftp.cgi?documents/protocols/protocols.zion>.
13. "Jewish Massacre Denounced", *New York Times*, 28 de abril de 1903, p. 6.

14. George Legget, *The Cheka: Lenin's Political Police* (Oxford University Press, 1981), citado em Andrew and Gordievsky, p. 44.

15. A Internacional Comunista, também conhecida como Comintern, foi uma organização comunista internacional fundada em Moscou em 1919. O Comitern prometia lutar "através de todos os meios disponíveis, incluindo o uso de força armada, para derrubar a burguesia internacional e para criar uma república soviética internacional como estágio de transição para a completa abolição do Estado".

16. *Encyclopedia of Marxism*, Marxist Internet Archive, <www.marxists.org/glossary/people/z/i.htm>.

CAPÍTULO 14

1. *Chronicle*, p. 609.

2. Elizabeth Spalding, *Harry S. Truman: Faith, Freedom, and the Cold War*, Grand Valley State University, the Hauenstein Center for Presidential Studies (15 de setembro de 2009), p. 2. A correspondência entre os dois líderes mundiais foi publicada em 1953 com o título *Correspondence between President Truman and Pope Pius XII*.

3. Kent (2002).

4. Em 15 de julho de 1948, *L'Osservatore Romano* publicou um decreto sobre o comunismo, o qual excomungava todos que propagassem "os ensinamentos materialistas e anticristãos do comunismo". Isso foi largamente interpretado como uma excomunhão do Partido Comunista da Itália, mas este não era mencionado no decreto.

5. V. J. Hughes, p. 255 ("Diante... do mais poderoso partido comunista do mundo ocidental, o Papa em 1949 aprovou um decreto do Santo Ofício que excomungava aqueles que votassem em candidatos comunistas nas eleições italianas"); F. Murphy, pp. 14, 64; M. Davis, p. 93 (a Igreja foi o único grupo organizado forte o suficiente para combater a "nova força da Esquerda"); ibid., pp. 94, 97 (comentando que, apesar do decreto de excomunhão, quase um terço dos católicos italianos votaram em candidatos comunistas). V. também Dunn, pp. 142-43.

> A perseguição na Hungria foi um dos fatores que levaram ao decreto do Vaticano de condenação do comunismo em 1949, que muitos líderes da Igreja no Leste Europeu desgostaram, por não ter o Vaticano feito nada para amenizar a perseguição comunista. De fato, isso deu uma razão a mais para os comunistas intensificarem a pressão sobre as igrejas. Os líderes católicos poloneses, em particular, acharam a condenação contraproducente... De todo modo, o decreto do Vaticano deu vazão à sua ira frente à situação na Europa Oriental e chamou a opinião pública mundial, particularmente no Ocidente, à luta que confrontava a civilização, e ajudou a cristalizar os blocos de voto católico em bastiões de anticomunismo e a solidificar o apoio católico aos Estados Unidos na Guerra Fria, em seus esforços de conter o comunismo. Também fez os italianos saberem que o Partido Comunista da Itália, que era uma força em potencial, era inaceitável enquanto agente governante.

Ibid. Em março de 1937, Pio XI tinha lançado a encíclica *Divini Redemptoris* ("Do Divino Redentor", mais conhecida pelo seu subtítulo, "Sobre o Comunismo Ateu"), na qual atacava o comunismo que começava a se espalhar pelo mundo. Ele escreveu que o comunismo era historicamente mau, que os governos comunistas estavam determinados a destruir a religião, que eram indiferentes a Deus, violentos, que negavam o indivíduo e a família e reinavam por meio de regime de terror. Pio XI concluía que o "comunismo é intrinsecamente errado, e ninguém que queira salvar a civilização cristã pode colaborar com ele seja de que forma for".

6. *Acts Apostolicae Sedis*, 1951, p. 217.
7. Ibid., pp. 456, 558.
8. Diskin, p. 168.
9. *The Tablet of London*, 16 de março de 1963. V. também Graham (1996).
10. V., e.g., Mikhail Markovich Scheinmann, *Der Vatikan im Zweiten Weltkrieg* (Dietz: Berlin, 1954; primeiro publicado em russo em 1948). Para uma análise da propaganda soviética, v. de um modo geral Graham (1996).
11. Gary B. Nash, Julie Roy Jeffrey, John R. Howe, Allen F. Davis, Allan M. Winkler, Charlene Mires e Carla Gardina Pestana, *The American People, Concise Edition Creating a Nation and a Society*, 6ª ed. (Nova Iorque: Longman, 2007).
12. Elizabeth E. Spalding, *The First Cold Warrior: Harry Truman, Containment, and the Remaking of Liberal Internationalism* (Lexington: University Press of Kentucky, 2006).
13. O Comitê Americano para a Liberdade dos Povos da URSS teve início em 1951, e sua estação de transmissão ficou conhecida como Rádio Liberdade. Para mais informações sobre o *Voz da América*, v. David F. Krugler, *The Voice of America and the Domestic Propaganda Battles, 1945–1953* (Columbia: University of Missouri Press, 2000); para mais informações sobre a Rádio Liberdade, v. Arch Puddington, *Broadcasting Freedom: The Cold War Triumph of Radio Free Europe and Radio Liberty* (Lexington: The University Press of Kentucky, 2000).
14. V. Rychlak (2010), pp. 146-47, 158-63.
15. Marilyn J. Matelski, *Vatican Radio: Propagation by the Airwaves* (Westport, CT: Praeger, 1995).

CAPÍTULO 15

1. V. Koehler, p. 26.
2. Gleb Yakunin, *Wikipedia*, <http://en.wikipedia.org/wiki/Gleb_Yakunin>.
3. Keith Armes, *Chekists in Cassocks: The Orthodox Church and the KGB*, <http://www.spiritoftruth.org/orthodoxchurch.pdf >.
4. *Reaction within the Catholic Church*, <http://en.wikipedia.org/wiki/Liberation_theology>.
5. Ibid.

6. James H. Cone, *A Black Theology of Liberation* (New York: Orbis Books, 1990), p. 27.

7. Marta H. Mossburg, "Reverend Wright brings his anti-American crusade to Baltimore", *The Baltimore Sun*, 21 de junho de 2011 (edição *online*).

8. V. Humberto Fontova, *Fidel: Hollywood's Favorite Tyrant* (Regnery Publishing, 2005).

9. Deray a princípio ensinou na Universidade de Havana, na Cuba de Castro. Depois se tornou conselheiro do presidente socialista francês Françoi Mitterand. Debray dedicou sua vida a exportar o comunismo de estilo cubano pela América Latina, mas em 1967 uma unidade de força especial boliviana, treinada pelos americanos, o capturou junto com todo o bando guerrilheiro de Che Guevara. Che foi condenado à morte e executado por terrorismo e assassinato em massa. Debray foi condenado a 30 anos de prisão, mas foi solto após três anos após a intervenção do filósofo francês Jean-Paul Sartre. Em fevereiro de 2003, Debray publicou "The French Lesson" no *New York Times* (o qual descreveu Debray como "ex-conselheiro do presidente Françoi Mitterand", mas omitiu que ele passara anos na cadeia por crime de terrorismo). Régis Debray, "The French Lesson", *New York Times*, 23 de fevereiro de 2003 (edição *online*).

10. Esse retrato de Che foi primeiro apresentado ao mundo por um agente da KGB disfarçado de escritor – I. Lavretsky – em um livro chamado *Ernesto Che Guevara*, o qual foi editado pela KGB. I. Lavretsky, *Ernesto Che Guevara* (Moscou: Progress Publishers, 1976). A KGB chamou o retrato de *Guerrillero Heroico* e o espalhou pela América do Sul – a área de influência de Cuba. O editor milionário italiano Giangiacomo Feltrinelli, um comunista envolvido romanticamente com a KGB, inundou o resto do mundo com a imagem de Che impressa em pôsteres e camisas. De um dia para o outro, o terrorista Che se tornou um ídolo da esquerda. Feltrinelli se tornou ele próprio um terrorista e morreu enquanto plantava uma bomba fora dos arredores de Milão, em 1972.

11. A. O. Scott, "Saluting the Rebel Underneath the T-Shirt", *New York Times*, 12 de dezembro de 2008; Humberto Fontova, *Fidel: Hollywood's Favorite Tyrant* (Regnery Publishing, 2005).

12. "World: Che: A Myth Embalmed in a Matrix of Ignorance", *Time*, 12 de outubro de 1970.

13. Humberto Fontova, "Che Guevara and the Obama Campaign", *Human Events*, 18 de fevereiro de 2008, <http://www.humanevents.com/2008/02/18/che-guevara-and-the-obama-campaign/>.

CAPÍTULO 16

1. Fedor Burlatsky, *Khrushchev: Sketches for a Political Portrait*, Literaturnaya Gazeta, 24 de fevereiro de 1988, citado em Andrew e Gordievsky, p. 424.

2. Nikita Khrushchev, *Khrushchev Remembers*, traduzido e editado por Strobe Talbot (Boston: Little, Brown and Company, 1970).

3. Richard Felix Staar, *Foreign policies of the Soviet Union* (2001), pp. 79-88.

4. U.S. Congress, House Select Committee on Intelligence, *Soviet Covert Action: The Forgery Offensive*, 6 e 9 de fevereiro de 1980, 96º Cong., 2ª ses., 1963. Washington, DC: GPO, 1980. Um livro de 1074 páginas documenta que o Metropolita Nikodim, que em 1975 se tornou vice-presidente do Conselho Mundial de Igrejas, era um oficial disfarçado da KGB. Gerhard Besier, *Armin Boyens and Gerhard Lindemann, Religion, state and society in the twentieth century* (LIT Verlag Münster, 2008), <http://www.voiceofthebelievers.com/wcc_kgb.htm>. Nikodim morreu em 1978, e o Kremlin designou o Metropolita Kirill para vice-presidente do CCO. Kirill (Vladimir Mikhailovich Gundyayev) trabalhava para a KGB com o codinome "Mikhailov". Em fevereiro de 2009, Kirill foi "eleito" patriarca da Rússia. Tony Halpin, "Russian Orthodox Church chooses between 'ex-KGB candidates' as Patriarch", *The Times of London*, 26 de janeiro de 2009.

5. Um documento da KGB de 1962 assinado pelo General Oleg Gribanov, chefe do Segundo Principal Diretório da KGB, que era responsável por organizações religiosas, atestou que Agayants estava correto. Andrew e Mitrokhin, p. 487. Documentos há pouco liberados da KGB mostram que metade de todo o clero soviético eram agentes ou empregados disfarçados da KGB até pelo menos o fim da era Gorbachev. Keith Armes, *Chekists in Cassocks: The Orthodox Church and the KGB*, Boston University <http://www.spiritoftruth.org/orthodoxchurch.pdf>.

6. Para detalhes sobre os oficiais ilegais supersecretos, v. Pacepa, *Programmed to Kill*, pp. 133-164.

7. Erich Ludendorff fora líder do Exército Alemão, especialmente ao fim da Primeira Guerra Mundial. Era um forte apoiador do Partido Nazista e concordou em se tornar chefe do Exército Alemão no governo de Hitler. Em seu relatório, Pio XII chamou atenção para líderes católicos que deram bom exemplo ao defenderem os judeus.

8. *Archivio Segreto Vaticano*, Arch. Nunz. Monaco d.B. 396, Fasc. 7, Pos. XIV, Baviera, p. 75.

9. *Archivio Segreto Vaticano*, Arch. Nunz. Monaco 365, Fasc. 7, Pos. XIV, Baviera, p. 83.

10. "John XXIII on the Communists", *New York Times*, 4 de abril de 1959.

CAPÍTULO 17

1. *Archivio Segreto Vaticano*, Arch. Nunz. Monaco 365, Fasc. 7, Pos. XIV, Baviera, p. 83. Khrushchev iniciou uma campanha contra a Igreja Ortodoxa Russa, forçando o fechamento de aproximadamente 12.000 igrejas. Ele renovou sua cruzada contra a religião em 1958. V. Koehler, p. 7.

2. V. Bittman, p. 107.

3. *Pervoye Glavnoye Upravleniye*, o Primeiro Diretório Principal da KGB.

4. William Totok, *The Stalinist Trial against the Vatican's "Spies"* (Iasi, Romania: Polirom, 2008), p. 199. Os quatro católicos eram Mosenhor Josef Nischback, reitor da Catedral Católica em Timişoara; o doutor em teologia Franz Kräuter,

arquivista da diocese católica em Timişoara; a irmã Hildegardis Wulff, co-fundadora da ordem beneditina de Santa Lioba que dedicara a sua vida trabalhando com as mulheres do *Volksdeutsche* na Romênia; e a irmã Patricia Zimmermann.

5. Em seu artigo para o NRO *Moscow's Assault on the Vatican*, Pacepa afirmou equivocadamente que o Arcebispo Augustin Pacha fora trocado por dois oficiais do DIE. Na verdade, o Arcebispo Pacha fora solto da cadeia, mas morrera pouco depois na Romênia.

6. O relato de Pacepa foi citado com aprovação pelo Cardeal Walter Kasper. V. World Jewish Congress, *Recent Developments in Jewish–Christian Relations, Speech of Cardinal Walter Kasper at Liverpool Hope University* (May 24, 2010).

7. Ao longo de sua vida, Casaroli foi considerado pró-comunista. Suas memórias publicadas postumamente mostram que ele deixava essa percepção correr porque o ajudava em relações internacionais. Na realidade, ele estava preocupado com os católicos atrás da cortina de ferro, e era também anticomunista. Agostino Casaroli, *The Martyrdom of Patience* (2007). V. também Koehler, p. 24 (sugerindo que aqueles ao redor de Casaroli pudessem ser simpáticos ao comunismo, e que isso afetou sua reputação). Isso ajuda a explicar a surpreendente confiança que o Papa João Paulo II depositava nele. V. Ronald J. Rychlak, "The Enduring Legacy of John Paul II", *Catalyst*, dezembro de 2010.

8. Sobre a repressão da Igreja Católica na Romênia, v. Crozier, p. 101.

9. O pesquisador de história romeno Nicolae Dorel Ceuca, baseando-se no arquivo diplomático do Ministério Romeno de Relações Exteriores, descobriu que, ao passo que a Romênia banira a Nunciatura Apostólica no começo dos anos 1950, nos anos 1960 diplomatas de ambos os lados estavam tentando restabelecer as relações. Do lado do Vaticano, essas negociações eram chefiadas principalmente pelo Cardeal Casaroli. V. <http://www.cnaa.md/en/thesis/5348/>.

10. Esse empréstimo nunca foi feito. Os arquivos do Vaticano que poderiam confirmar ou negar o pedido romeno estão selados. A Secretaria de Estado do Vaticano relata que:

> parece bastante improvável que a Romênia tenha pedido um empréstimo ao Vaticano. Não havia relação alguma entre o governo e o Vaticano desde a expulsão do núncio apostólico em 1946 e o fechamento da Nunciatura em 1950. Mais ainda, um tal pedido seria inconsistente, especialmente quando se leva em consideração a perseguição severa pela qual a Igreja Católica, especialmente a Igreja Católica Grega, passou durante o regime comunista.
>
> Carta a Ronald Rychlak do Monsenhor Gabriele Caccia, Assessor, Secretaria de Estado do Vaticano, 2 de fevereiro de 2008.

11. Freemantle, pp. 106-107. V. também George Weigel, "All War, All the Time", *First Things*, 11 de abril, p. 32. (Os dois agentes da KGB lituanos estudaram na Pontifícia Universidade Gregoriana e dois outros se infiltraram em reuniões do Vaticano.).

12. Koehler, p. 10.

13. Não muito depois do lançamento do livro de Cornwell, *Hitler's Pope*, o Vaticano emitiu em Roma uma declaração sobre a obra de Cornwell. Esta negava a alegação de Cornwell de ter sido ele a primeira pessoa a ter acesso aos arquivos que utilizou e negava sua alegação de que tinha trabalhado meses a fio neles. A Secretaria de Estado tinha autorizado Cornwell a consultar o arquivo da seção sobre Relações com Estados, o que ele fez por três semanas. O tópico de sua pesquisa foi relações com a Bavária (1918-1921); com a Áustria, a Sérvia e Belgrado (1913-1915). Cornwell não foi o primeiro nem o único a consultar os arquivos referentes a esse período. Ele não tivera acesso a nenhum "período proibido", a começar em 1922. A Congregação Para a Causa dos Santos, *Positio*, apêndice 25, p. 265. Quando foi perguntado a respeito dessas questões pela revista *Brill's Content*, Cornwell respondeu da seguinte maneira: "Em parte alguma do livro eu digo ter passado meses a fio no Arquivo da Secretaria de Estado. A citação é tirada de um erro primário de edição num artigo de jornal que, em verdade, revelou-se essencialmente verdade". Cornwell omite completamente que o artigo de jornal tinha sido escrito por ele próprio sobre o seu livro! Mais ainda, ele repetiu a afirmação em um texto que escreveu sobre o seu livro para a revista Vanity Fair. O "erro primário de edição" foi cortado do texto da *Brill's Content* quando foi publicada.

14. O Padre Peter Gumpel, relator da causa de santidade de Pio XII, lembra-se de um jovem padre alemão que estava em Roma num período compatível. Ele dirigia um carro *sport* que parecia incongruente com a sua posição, e poucas pessoas pareciam conhecer o seu passado. O Pe. Gumpel também disse, contudo, que não tinha conhecimento de que alguém tivesse conseguido entrar nos arquivos e roubar quaisquer documentos.

15. A KGB, assim como sua equivalente romena, a Securitate, era dividida em duas entidades separadas e bastante diferentes: a polícia política doméstica e o serviço de inteligência estrangeiro. O ramo doméstico da KGB era uma organização pública, com sucursais locais, conhecidas de todos e temidas por todos. O serviço de inteligência estrangeiro era uma instituição não listada, ultra-secreta, conhecida apenas por um pequeno número de oficiais de cúpula da *nomenklatura* envolvidos em relações políticas, econômicas ou religiosas com o Ocidente.

16. Não confundir com o respeitado historiador romeno Francis Pall.

17. *Viata Crestina* (Vida Cristã), I/nr. 6 (328), p. 20; II/nr. 7 (329). V. também *Glia*, (Londres, 15 de junho de 1950); Aurel Sergiu Marinescu, "O contrbutie la istoria Exilului Romanesc" [Uma Contribuição para a História do Exílio Romeno], vol. VIII", Bucareste, ed. Vremea, 2008, pp. 87, 91-92.

18. William Totok, *Episcopul, Hitler si Securitatea* [O Bispo, Hitler e a Securitate] (Bucareste: Polirom, 2008).

19. *Uma contribuição para a história do exílio romeno* (Bucharest: Vremea, 2008), vol. 8:87.

20. Remus Mercia Birtz Blog, <http://remusmirceabirtz.wordpress.com/>.

21. O Pe. Sergio Pagano, administrador dos Arquivos Secretos do Vaticano, explicou que durante os anos que Pacepa descreve "as cartas de Pio XII não estavam mais nos Arquivos Secretos do Vaticano. Os documentos pelos quais

eles estavam interessados haviam de ser encontrados na Secretaria de Estado", *Zenit News Service*, "Relator of Pius XII's Case Is Wary of Report: Father Gumpel Urges Prudence Over Defector's Tale", 18 de fevereiro de 2007. Pe. Gumpel, relator da causa de santidade do Papa Pio XII, especulou que espiões soviéticos, desconhecedores de como as coisas funcionam no Vaticano, podem ter confundido "os Arquivos Secretos do Vaticano com o arquivo da Secretaria de Estado". Ibid.

CAPÍTULO 18

1. German Wikipedia, Erwin Piscator, 19 de setembro de 2009, <http://de.wikipedia.org>.
2. Karol Jozef Gajewski, "Winning the War over Pius XII", *Inside the Vatican*, <http://www.insidethevatican.com/articles/review-piusxii.htm>.
3. Leo Kerz, "Brecht and Piscator", *Educational Theatre Journal*, nº 363 (outubro de 1968).
4. Willett, p. 41.
5. Ibid., p. 131.
6. Ibid., p. 132.
7. *Inostrannyy Otdel* ou Departamento Estrangeiro, que à época estava integrado à polícia política soviética, a NKVD (*Narodnyy Komissariat Vnutrennikh Del*, Comissariado do Povo para Questões Internas).
8. Piscator, German Wikipedia, <http://de.wikipedia.org>.
9. Smith.
10. *The Proletarian Theatre: Its Fundamental Principles and Its Tasks* (1920), citado por Smith, p. 8.
11. Terence Smith, "Performance, Space and Technology", Stanford University Drama Department, novembro de 1998.
12. Willett, pp. 50-51. V. também Smith, p. 6.
13. Willett, p. 53.
14. Ibid., p. 55.
15. Ibid., p. 104.
16. Ibid., p. 121 (citando Franz Jung).
17. Ibid., p. 75.
18. Ibid., p. 96.
19. Ibid., p. 121.
20. Willett, p. 122, citando o pós-escrito da edição soviética do livro de Piscator *Das Politische Theater* (Moscou, 1934).

21. Erwin Piscator, "The Theatre Can Belong to Our Century", in *The Theory of the Modern Stage* (Eric Bentley, ed. 1997), pp. 471-473.
22. Willett, p. 122.
23. Ibid., p. 123.
24. Ibid., p. 124.
25. Ibid., p. 126.
26. Citado em Smith, p. 9.
27. La Vern J. Rippley, *Brecht the Communist and America's Drift from Capitalism*, Twentieth Century Literature (outubro de 1968), p. 143.
28. *Information on Erwin Piscator at Akademie der Künste*, Berlim, 19 de setembro de 2009, <http://www.adk.de/de/archiv/archivbestamd/darstellende-kunst/kuenstler/Erwin-Piscator.htm>.
29. Thomas, p. 165.
30. "Revival in Manhattan", *Time*, 23 de dezembro de 1940.
31. Willett, p. 165.
32. Ibid. (Wolf diz a Piscator que o Partido iria querer que ele administrasse um teatro na Alemanha; "Desconheço objeções a você da parte do Partido").
33. Piscator, German Wikipedia, 19 de setembro de 2009, <http://de.wikipedia.org>.
34. Leo Kerz, "Brecht and Piscator", *Educational Theatre Journal* (outubro de 1968), pp. 363, 368.
35. Willett, p. 180.
36. *Biography of Erwin Piscator in German, from the Stiftung Archiv der Akademie der Künste*, Berlim, 19 de setembro de 2009, publicado em <http://www.adk.de/de/archiv/archivbestand/darstellende-kunst/kuenstler/Erwin-Piscator.htm>.

CAPÍTULO 19

1. Pierre Joffroy, *A Spy for God: The Ordeal of Kurt Gerstein*, tradução de N. Denny (Nova Iorque: Harcourt Brace, 1969).
2. Judy Stone, "Interview with Rolf Hochhuth", *Ramparts*, primavera de 1964, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, p. 50.
3. Hochhuth (1964), p. 331.
4. Ward, pp. 29, 34.
5. Erwin Piscator, "Introduction to The Deputy" (tradução de Clara Mayer), in *The Storm over The Deputy*, p. 15.
6. De uma entrada na Wikipedia.
7. Hinkle, p. 67.

8. Hochhuth (1964), p. 328.
9. Ibid., p. 304.
10. "Character Assassination", *America*, 7 de março de 1964, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, p. 39.
11. "Character Assassination", *America*, 7 de março de 1964, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, p. 39.
12. Fisher, p. 11.
13. Entrevista a Judy Stone, in *The Storm over The Deputy*, p. 51.
14. Friedrich Heer, "The Need for Confession", *Commonweal*, 20 de fevereiro de 1964, in *The Storm over The Deputy*, p. 166.
15. Entrevista a Judy Stone, in *The Storm over The Deputy*, p. 51.
16. Rychlak, *Righteous Gentiles*, pp. 181-92.
17. Erik von Kuehnelt-Leddihn, *The Timeless Christian* (Franciscan Herald Press, 1969), pp. 191-193.
18. Levai, pp. 5-6 (citando Albert Wucher, "Der Stellvertreter und die historische Wirklichkeit", *Süddeutsche Zeitung*, Munique, 19 de abril de 1963).
19. Michael Feldkamp, *Hochhuth Exposed*, Association of Contemporary Church Historians, julho/agosto de 2007 (tradução de John Jay Hughes).
20. Ibid.
21. "Who Brought Down Pius XII? L'Osservatore Director Blames Communists, Church Division", *The Wanderer*, 25 de junho de 2009 (discutindo o livro de Vian de 2009, in *Difesa di Pio XII: Le Ragioni della*).
22. Ibid.
23. Conway (1973), p. 147.

CAPÍTULO 20

1. V. *Reviews*, XII, "World Theatre", p. 140 (verão de 1963) ("algo entre um relatório falado com cenas de grande realismo... e uma discussão a passo acelerado"). A resenha prosseguia observando a dificuldade de produzir a peça "a partir de um texto que, se encenado em sua totalidade, duraria seis ou sete horas"; Ibid.; Sidney F. Parham, "Editing Hochhuth for the Stage: A Look at the Major Productions of 'The Deputy'", *Educational Theatre Journal*, pp. 347, 353 (outubro de 1976) ("Como então podemos julgar Hochhuth como dramaturgo? A forma do seu roteiro sugere que ele quer ser julgado a partir de padrões dramáticos tradicionais, e a partir de quaisquer desses padrões não se pode elogiá-lo").
2. Stephen Kinzer, "For a German Gadfly, a New Play, a New Furor", *New York Times*, 11 de março de 1993.

3. Kustow, p. 136 (observando que o jornal *Le Monde* pensava que a edição que Semprum fez da história fosse superior à de Piscator).

4. Gary Prevost, "Review: The Autobiography of Federico Sanchez and the Communist Underground in Spain by Jorge Semprun", *The American Political Science Review* (setembro de 1981).

5. V. Kathleen A. Johnson, *The Framing of History: Jorge Semprun's La Deuxième Mort de Ramon Mercader*, 20º French Forum, p. 90, janeiro de 1995.

6. Kustow, pp. 18-19, 24.

7. Ibid., pp. 25-26.

8. Ibid., p. 87 ("Em Moscou a bilheteria estava lotada, todos os ingressos eram vendidos em horas").

9. Ibid., p. 87. V. também Peter Brook, *The Empty Space*, pp. 20-22 (Nova Iorque: Athenaeum, 1982). A biografia de Kustow também contém uma fotografia (tirada por volta de 1953) de Brook, sua esposa Natasha Perry e Fidel Castro. Um comentarista da época observou que "o trabalho de Brook sobre peças de outros autores deve, no todo, ser visto como o mais positivo resultado da influência brechtiana em direção de palco na Inglaterra". Martin Esslin, "Brecht and the English Theatre", *The Tulane Drama Review*, pp. 63, 66 (inverno de 1966). Brecht, é claro, foi um notório dramaturgo comunista.

10. Albert Hunt e Geoffrey Reeves, *Peter Brook*, p. 104 (Cambridge University Press, 1995). De 1737 a 1968, o Lorde Chamberlain emitiu licenças para peças em Londres e determinadas outras áreas. Isso efetivamente fez dele o censor oficial de espetáculos teatrais. V. também Kustow, p. 131 (discutindo um dos poucos fracassos de Brook nos palcos – uma peça que alertava "o Ocidente" usando de um robô bastante inteligente com objetivos destrutivos).

11. See Dan Isaac, "Theatre of Fact", *The Drama Review*, p. 109 (verão de 1971). Brook se valia essencialmente de concepções simbólicas em suas produções. "O palco era mantido vazio, não se usava cortinas ao fundo. Todos os atores tinham um terno azul idêntico sobre o qual punham algum elemento distintivo, tais como uma braçadeira nazista ou uma casula de padre. Essa concepção enfatizava a permutabilidade entre opressor e oprimido na era moderna". Sidney F. Parham, "Editing Hochhuth for the Stage: A Look at the Major Productions of 'The Deputy'", *Educational Theatre Journal*, pp. 347, 352 (outubro de 1976).

12. Kustow, p. 87.

13. V. Simon Trussler, "Shakespeare: The Greatest Whore of Them All Peter Hall at Stratford 1960–1968", *The Drama Review*, p. 169 (inverno, 1968). V. também LaVern J. Rippley, *Brecht the Communist and America's Drift from Capitalism*, Twentieth Century Literature, p. 143 (outubro de 1968).

14. Não era estranho a St. Denis o uso da mídia com propósitos políticos. Na Segunda Guerra Mundial, ele dirigiu a *Radio Diffusion Française* da BBC (criada pelo governo exilado de De Gaulle) sob o pseudônimo de Jacques Duchesne.

15. Irving Wardle, "London's Subsidized Companies", *The Tulane Drama Review*, pp. 105, 111 (inverno de 1966).

16. Patterson, p. xi.

17. Ossia Trilling, "The New English Realism", *The Tulane Drama Review*, pp. 184, 190 (inverno de 1962).

18. Glenn Loney, "Theatre Abroad: Oh to Be in England: A London Theatre Album", *Educational Theatre Journal*, p. 87 (Special English-Irish Theatre Issue, março de 1967).

19. Ibid.

20. Na Inglaterra é geralmente traduzido como *The Representative*, mas às vezes como *The Vicar*. O programa da produção original londrina diz: "Não é, como tanto se interpretou e espalhou, um ataque gratuito e perverso à Igreja Católica – quase que toda página prova que essa acusação é absurda". O diretor Clifford Williams incluiu um ensaio no qual escreveu: "Examinei todos os fatos constantes na peça e não encontrei nenhum caso de distorção deliberada de fatos por Hochhuth". A defesa de Pio XII feita pelo Papa Paulo VI também está aí reimpressa. V. Rychlak (2010), p. 296.

21. Michael Coveneny, "Obituary: Robert David MacDonald", *The Guardian*, 24 de maio de 2004. MacDonald adaptou pelo menos três das peças de Hochhuth: *The Representative* (ou *The Deputy*), *Soldiers* e *Judith*. Foto de David Irving junto a Hochhuth e MacDonald disponível na web, <http://www.fpp.co.uk/Irving/photos/Hochhuth/image3.html>.

22. V. Thomas G. Gulick, "UNESCO, Where Culture Becomes Propaganda", *The Heritage Foundation Backgrounder*, 13 de dezembro de 1982; Hook, p. 447 (contrastando um seminário da UNESCO com um legítimo seminário acadêmico ou científico). Nos anos 1950, dois ex-funcionários da UNESCO identificaram como antecessora da UNESCO a "Sociedade Soviética para Relações Culturais com Países Estrangeiros", cujas metas incluíam "a união mundial de forças intelectuais pelo triunfo da genuína cultura mundial", para assim inspirar os intelectuais a "enfrentar o perigo de guerra e manifestar-se pela liberdade". Walter H.C. Laves e Charles A. Thompson, *UNESCO: Purpose, Progress, Prospects* (Indiana University Press, 1957). Já numa data recuada como 1952, os Cavaleiros de Colombro incitavam seus colegas americanos a fazer um "cerrado e cuidadoso escrutínio" das operações da UNESCO. "Knights of the Church", *Time*, 1° de setembro de 1952; v. William R. Kintner e Joseph Z. Kornfeder, *The New Frontier of War: Political Warfare Present and Future* (Chicago: Henry Regnery Company, 1962). Anos depois de MacDonald ter trabalhado lá, conta-se que a KGB ainda tinha vários agentes na folha de pagamento da UNESCO, sendo que pelo menos um deles trabalhava como tradutor. Steve Farrell, "Coalition or Bust! Virtue or Vice?", *Meridian Magazine* (2002). Os Estados Unidos num dado momento retiraram-se da UNESCO em razão de sua inclinação anti-ocidental.

23. Andrew e Mitrokhin, p. 466; Oleg Kalugin, *Spymaster: My Thirty-Two Years in Intelligence and Espionage against the West* (Nova Iorque: Basic Books, 2009), pp. 123, 192-93; Milton Rosenberg, *An American Trapped in a Communist Paradise: An Historical Autobiography* (Moose Hide Books, 2003), p. 45; "KGB: Russia's Old Boychiks", *Time*, 6 de fevereiro de 1978.

24. "Piscator teve coragem para enfrentar essa difícil questão de um texto que, se encenado integralmente, duraria seis ou sete horas". XII World Theatre, p. 140 (verão de 1963) (chamando a peça de "algo entre um relato falado com cenas de grande realismo... e uma discussão a passo acelerado").

25. Michael Coveneny, "Obituary: Robert David MacDonald", *The Guardian*, 24 de maio de 2004.

26. Em 1971, MacDonald se tornou co-diretor do Citizen's Theatre, em Glasgow (Escócia). Ele administrou esse teatro bem ao estilo do que Piscator fizera no Freie Volksbühne. As peças com freqüência eram políticas e os ingressos tinham o preço fixado de modo que trabalhadores pudessem ir assistir. "Ao longo de anos, um aviso informando 'Todos os lugares por 50 pences' reluzia num bairro pobre". "Obituary: Robert David MacDonald", *The Daily Telegraph*, 21 de maio de 2004. V. "Interview: The Citizens Company in Glasgow: Four Hundred Miles from Civilization", *Performing Arts Journal*, p. 50 (1980) ("O nosso teatro é na verdade teatro socialista no sentido de que é o único teatro na Inglaterra com preço de lugar que permite a absolutamente qualquer pessoa entrar. E penso que isso é uma espécie de socialismo posto em prática"). Enquanto alguns críticos consideravam o Citizen's Theatre estimulante e influente, "outros desaprovavam o que viam como apresentações demasiado artificiais, rebuscadas, e uma preferência por dramaturgos europeus de esquerda". *The Daily Telegraph*, 21 de maio de 2004.

27. Douglas Chalmers, *Communist Party of Great Britain: Scottish Committee Archive 1960s to 1990s*, Glasgow Caledonian University Archives, <http://www.gcal.ac.uk/archives/cpgb/history5.html >.

28. LaVern J. Rippley, *Brecht the Communist and America's Drift from Capitalism*, Twentieth Century Literature, p. 143 (outubro de 1968).

29. Patterson, p. 1. Joan Littlewood e Arnold Wesker estavam entre os mais publicamente envolvidos em luta de classe. V. "Interview: The Citizens Company in Glasgow: 'Four Hundred Miles from Civilization'", *Performing Arts Journal*, p. 50 (1980) (entrevista com Robert David MacDonald, Philip Prowse e Giles Havergal; "Muito do teatro britânico é socialista e político, ou no mínimo os dramaturgos falam como se escrevessem dessa forma").

30. Theodore Shank, "Political Theatre in England", *Performing Arts Journal*, p. 48 (inverno de 1978). V. também Larraine Nicholas, "Fellow Travellers: Dance and British Cold War Politics in the Early 1950s", *Dance Research: The Journal of the Society for Dance Research*, pp. 83, 85 (inverno de 2001).

31. V. C. Chambers (2004), p. 233, n. 17.

32. Assim como Piscator, ele também tinha um apêndice ao programa que discutia as acusações contra Pio XII.

33. Parham, "Editing Hochhuth for the Stage", pp. 347, 351-52 ("Os críticos geralmente achavam que essa concentração nos documentos trabalhava contra o texto").

34. "Obituary: Clifford Williams, Theatre director with comedic talent and an awesome staging flair", *The Independent*, 23 de agosto de 2005.

35. Phyllis Hartnoll e Peter Found, "Theatre Workshop", *The Concise Oxford Companion to the Theatre* (1996). Desenvolveu-se a partir de um grupo conhecido como "O Megafone Vermelho", que adotava um manifesto notoriamente político. Dominic Shellard, *British Theatre Since the War*, pp. 60-61 (Yale University Press, 1999). A Oficina de Teatro foi uma "influência reconhecida" para Peter Hall (e portanto para a Royal Shakespeare Company). C. Chambers, p. 12. Hall até convidou Littlewood para dirigir a companhia. Ibid. Mais ou menos ao mesmo tempo, ele contratou John Bury da Oficina de Teatro para ser o principal estilista da Royal Shakespeare Company. Ibid., pp. 34-35; Martin Esslin, "Brecht and the English Theatre", *The Tulane Drama Review*, pp. 63, 65 (inverno de 1966).

36. Junto a Peter Brook, Littlewood estava entre as personalidades teatrais mais influentes na Inglaterra da época. Pouco antes de sua morte em 2002, ela disse: "Sempre fui comunista". "Obituary: Joan Littlewood", *The Daily Telegraph*, 26 de setembro de 2002.

37. Jerry Tallmer, "You Can't Print That! (but he did, he does)", *Thrive*, vol. 1, janeiro de 2006. V. Lowry, p. 1 ("Communism – a New Religion"); ibid., p. 146 (mais sobre o comunismo como uma religião); John C. Bennett, "The Demand for Freedom and Justice in the Contemporary World Revolution", *Religion and Culture*, p. 330 (idem).

38. Rolf Hochhuth, "The Berlin Antigone", *Evergreen Review*, maio de 1964, p. 70.

39. *Evergreen Review*, agosto-setembro de 1964, p. 97.

40. De acordo com o livro, em junho de 1942 Rudolf Vrba, 17 anos de idade, foi embarcado em navio rumo a Auschwitz. Lutando contra o definhamento por fome, tifo e violência quase inacreditável, ele manteve um registro completo dos horrores nazistas. Por fim conseguiu escapar e trazer sua mensagem ao mundo. V. Rudolf Vrba e Alan Bestic, *I Cannot Forgive: The Amazing True Story of a 17 Year Old Jewish Boy Who Defied the Germans at Auschwitz and Escaped to Alert the World to the Nazi Horror Camps!* (Nova Iorque: Bantam Books, 1964). Aparentemente Vrba saiu-se mal no exame cruzado no julgamento canadense sobre negação do Holocausto, e admitiu que tinha tomado "licença artística". Caso "Zündel vs. A Rainha", 2 S.C.R. 731 (1992). Hoje ele é freqüentemente citado por revisionistas como exemplo de como as pessoas inventam coisas sobre o Holocausto.

41. Ela escreveu várias peças que ele produziu, incluindo *The Children's Hour* (1934), *The Little Foxes* (1939) e *Watch on the Rhine* (1941). V. Paul Kengor, *Dupes: How America's Adversaries Have Manipulated Progressives for a Century* (Wilmington: ISI Books, 2010), p. 222.

42. *Time*, 7 de julho de 1947.

43. *Time*, 16 de setembro de 1946.

44. *Time*, 7 de julho de 1947.

45. *New York Times*, 17 de outubro de 1998, p. A-15.

46. John Simon, "The Deputy and Its Metamorphoses", *The Nation*, 16 de março de 1964, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, pp. 109, 115. Robert Brustein, escrevendo em *The New Republic*, explicou: "A encenação dessa peça em Nova Iorque... não respeita sua integridade, e limitei minha discussão ao texto impresso porque a performance na Broadway está abaixo de qualquer discussão". Robert Brustein, "History as Drama", *The New Republic*, 14 de março de 1964, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, p. 23.

47. David Horowitz, "World Shares Guilt in Jews' Murder", *Ohio Jewish Chronicle*, 20 de março de 1964.

48. David Horowitz, que cresceu em Nova Iorque, filho de dois comunistas de longa data, foi membro-fundador da *New Left*. Durante os anos 1960, ele não apareceu em *Ramparts* até depois da controvérsia em torno de *The Deputy*. V. David Horowitz, *Radical Son* (Nova Iorque: The Free Press, 1997). Lionel Abel, que escreveu sobre a peça na revista *Dissent* (primavera de 1964), é geralmente considerado um trotskista. Alan Wald, "Farrell and Trotskyism", *Twentieth Century Literature*, pp. 90, 93 (fevereiro de 1976); John F. Diggins, "Four Theories in Search of a Reality: James Burnham, Soviet Communism, and the Cold War", *The American Political Science Review*, p. 492 (junho de 1976). V. Lionel Abel, "Stalin's Advocate", *Politics*, p. 146 (maio de 1945).

49. V. Rychlak (2010), pp. 302–3.

50. Tevi Troy, "Book review", *The Weekly Standard*, 8 de março de 1999 (resenhando *Max Lerner: Pilgrim in the Promised Land*, de Sanford Lakoff, University of Chicago Press, 1998).

51. Mona Charen, *Useful Idiots - How Liberals Got It Wrong in the Cold War and Still Blame America*, p. 89 (Regnery, 2003).

52. *New York Post*, 18 de outubro de 1963.

53. Gary Dorrien, "Michael Harrington: Socialist to the End", *Christian Century*, 11 de outubro de 2000, p. 1002.

54. George Packer, "Interesting Times: Democratic Socialism Revisited", *The New Yorker*, 6 de março de 2009, <http://www.newyorker.com/online/blogs/georgepacker/2009/03/democratic-soci.html>.

55. Lauren Weiner, "Where Have All the Lefties Gone?", *First Things*, 10 de janeiro de 2010, pp. 29-30 (referindo-se ao fato de Pete Seeger escrever com pseudônimo no *Daily Worker*).

56. Carl Edmund Rollyson e Lisa Olson Paddock, *Susan Sontag: The Making of an Icon* (Nova Iorque: W. W. Norton & Co., 2000), p. 130.

57. Susan Sontag, "All the World's a Stage", *Book World*, 1° de março de 1964, reimpresso em *The Deputy Reader*, p. 222.

58. Franklin Foer, "Susan Superstar", *New York Magazine*, 7 de janeiro de 2005 ("Sontage – com sua defesa do modernismo europeu, sua intelectualidade ousada e seus compromissos ideológicos de esquerda...").

59. Guy Scarpetta, "Susan Sontag: Dissidence as Seen from the USA", *Tel Quel*, p. 28 (verão de 1978), reimpresso em *Conversations with Susan Sontag* (Susan Sontag e Leland A. Poague, University Press of Mississippi, 1995).

60. See Ewart Turner, "No Letup for Der Stellvertreter", in *The Deputy Reader*, p. 184.

61. Fritz J. Raddatz, *Karl Marx. A Political Biography* (Little, Brown and Company, 1978).

62. *The Marx-Engels Correspondence: The Personal Letters, 1844-77* (edição de Fritz J. Raddatz, Littlehampton Book Services, 1981).

63. German Wikipedia, "Fritz J. Raddatz", 14 de junho de 2011, <http://de.wikipedia.org>.

64. Patrick Sullivan, "Author Eric Bentley still shaping theater", *Metro Active*, 24 de setembro de 1998, <www.metroactive.com/papers/sonoma/09.24.98/bentley-9838.html>.

65. Eric Bentley, *Bentley on Brecht* (Northwestern University Press, 2ª ed., 2007). Ele escreveu vários outros livros sobre assuntos relacionados a comunismo, incluindo *Bernard Shaw: A Reconsideration* (1947); *Brecht Commentaries* (1981) e *Thirty Years of Treason: Excerpts from Hearings before the House Committee on Un-American Activities, 1938–1968* (1971).

66. V. Daniel Robert Epstein, "Costa-Gavras Interview", *UGO Online*, <http://www.ugo.com/channels/filmTv/features/costagavras> ("Eu assisti à peça em Paris em 1964. Meu roteirista, Jorge Semprún, escreveu uma adaptação na época. Era *a* peça a ser vista na época, e causou grande controvérsia. Eu queria fazer o filme nos anos 1970, mas não consegui os direitos"). V. Rychlak, "The Church and the Holocaust", *The Wall Street Journal* (Europa), 28 de março de 2002 (resenhando *Amen*).

67. "Gravas não marcha sob o estandarte do cinema político. Todo cinema é político, diz ele, até filmes de ação mostram 'heróis salvando o mundo munidos apenas de uma arma'". Maya Jaggi, "French resistance: Costa Gavras", *The Guardian*, 4 de abril de 2009. "Minha mãe costumava se manter longe de política, pois meu pai foi preso. Mas nós não podíamos não nos envolver. Não tomando uma posição, tomávamos uma posição". Ibid.

CAPÍTULO 21

1. I. F. Stone, "What Some People Have Forgotten About God's 'Deputy'", *I. F. Stone's Weekly*, 9 de março de 1964, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, pp. 234-35.

2. I. F. Stone, "Pius XII's Fear of Hitler", *I. F. Stone's Weekly*, novembro de 1964.

3. Haynes, Klehr e Vassiliev, *Spies*, pp. 146-152.

4. Romerstein e Breindel, pp. 434-439.

5. Judy Stone, "Interview with Rolf Hochhuth", *Ramparts*, primavera de 1964, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, p. 42.

6. Por exemplo, fala sobre o pedido dos dominicanos ao papa, em 1287, que resultou numa encíclica que levou a prisões de judeus, saque de suas posses e preparação para sua deportação. Hermann Sinsheimer, *Shylock: The History of a Character*, p. 38 (Nova Iorque: Benjamin Blom, 1947, reimpresso em 1963). De modo similar, argumenta que "cristãos da Idade Média eram perseguidores habituais de pessoas desprotegidas" e que o Papa Leão O Grande (441-61) baniu a prática de empréstimo de dinheiro. Ibid., p. 121.

7. Em junho de 1964, George L. Mosse escreveu um texto sobre *The Deputy* para uma influente revista de esquerda, a *The Progressive*. Esse veículo se opunha ao crescimento da força militar americana, à ação da ONU para prevenir um golpe comunista na Coréia e à intervenção americana para prevenir uma tomada comunista do Vietnã do Sul. Em 1954, publicou uma imensa denúncia do macarthismo, e era simpático à ditadura revolucionária do marxista Fidel Castro, que assumiu o poder em Cuba em 1959. Todas essas eram posições defensáveis, mas também indicam a possibilidade de influência soviética.

8. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*, p. 226.

9. Haynes e Klehr, *Verona*, pp. 220-221.

10. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*, p. 226.

11. Ibid.

12. Pacepa, *Programmed to Kill*, *passim*.

13. Mark Lane, o autor de *Rush to Judgment* e *A Citizen's Dissent: Mark Lane Replies to the Defenders of the Warren Report*, ajudou o procurador do distrito de Nova Orleans, Jim Garrison, a prender um homem residente da área (Clay Shaw), o qual Garrison acusou de conspirar com gente da inteligência americana para assassinar Kennedy, de modo a deter os seus esforços para acabar com a Guerra Fria. O livro de Garrison *On the Trail of the Assassin* inspirou o filme de Oliver Stone *JFK*. Documentos soviéticos do Arquivo Mitrokhin revelaram que Lane recebia dinheiro da KGB.

14. Jornalistas eram muito importantes para os esforços soviéticos.

> Em parte, a KGB recrutava jornalistas em razão do seu acesso a informações restritas e fontes sobre política e planos de governo, conhecimento de personalidades públicas e de informações confidenciais ou não divulgadas que nunca vieram a público. Certos hábitos de trabalho dos jornalistas também os fazem aptos para tarefas de inteligência. Por profissão, o jornalista faz perguntas e sonda; o que pode parecer invasivo ou suspeito se feito por outra pessoa é o seu *modus operandi* normal. Assim, a KGB usou com freqüência jornalistas como caça-talentos de pessoas que de fato tivessem acesso a informações delicadas e os usava para fazer levantamentos do passado de determinados indivíduos, o que ajudaria na avaliação de candidatos para recrutamento... Havia bem menos risco de um jornalista atrair a atenção de oficiais de segurança ao falar com funcionários do governo do que se o fizesse um oficial da KGB sob disfarce diplomático. E, mesmo que oficiais de segurança tomassem conhecimento de um tal reencontro, seria muito mais fácil oferecer uma explicação convincente para um contato com um jornalista inconveniente do que com um diplomata soviético.

Harvey Klehr; John Earl Haynes e Alexander Vassiliev, "I. F. Stone, Soviet Agent—Case Closed", *Commentary* (May 2009). De modo mais significante ainda, "a KGB podia utilizar jornalistas em 'medidas ativas' – plantar uma reportagem ou dar uma angulação a uma determinada notícia de modo a servir aos propósitos da KGB". Ibid. V. também John Earl Haynes e Harvey Klehr, "Spies Among Us", *WashingtonDecoded.com*, 19 de junho de 2009 ("Jornalistas eram especialmente apropriados para a agência porque muitas das tarefas que lhe são atribuídas – prover informações advindas de círculos restritos, servir de mensageiros, caça-talentos, e checar o passado de fontes em potencial – eram, ou poderiam ser, parte normal do seu trabalho no dia-a-dia").

15. Kalugin (1994), p. 53.

16. Ibid. (discutindo o "problema" racial nos Estados Unidos). Isso é coisa muito similar ao que fez Warren Hinkle, editor de *Ramparts*, quando chamou um grande número de publicações para uma coletiva de imprensa/festa em apoio a *O Vigário*. V. Rychlak (2010), pp. 301-02.

17. Weiner, "Where Have All the Lefties Gone?", pp. 29, 30 (citando o cantor de *folk* Dave Van Ronk). V. também Kengor.

18. Weiner, "Where Have All the Lefties Gone?", p. 54.

19. Ibid., p. 53. Quando recrutadores soviéticos controlavam comunistas americanos, estes ficavam inteiramente nas mãos daqueles. V. Miller, p. 16.

20. "Not Only the Deputy", *The Minority of One*, abril de 1964; M.S. Arnoni, *American Dialog*, julho/agosto de 1964.

21. "Not Only the Deputy", *The Minority of One*, abril de 1964

22. Ibid.

23. Robert Gorham Davis e George N. Shuster, "Of Gross Ends and a Man's Choice", *New York Times Book Review*, 1° de março de 1964.

24. "Obituary: Robert Gorham Davis", *New York Times*, 17 de julho de 1998. V. também "Obituary: Hope Hale Davis; Author, Writing Teacher, Feminist and Communist", *Los Angeles Times*, 7 de outubro de 2004 (obituário da viúva de Davis).

25. Cooney, p. 282. Ele disse que a peça tinha sido escrita para dividir cristão e judeus". Ibid.

26. Hinkle, p. 58.

27. Ibid, p. 58; "Editor's Mailbag", *Ohio Jewish Chronicle*, 20 de março de 1964 (acerca de judeus que protestaram contra *The Deputy*). V. "Israelis Defend Name of Pope Pius XII", *Jewish Chronicle*, 11 de outubro de 1963 (acerca da reação de judeus à estréia da peça em Londres). V. Trude Weiss-Rosmarin, "Second Thoughts on 'The Deputy'", *Ramparts*, verão de 1964, p. 95 (destaque no original) (sobre como a peça insultada os judeus). Como um dos primeiros apoiadores mais importantes da peça explicou: "As sérias tréplicas às acusações de Hochhuth contra Pio XII foram feitas por judeus, o que foi motivo para a surpreendente defesa de Pio XII feita por B'nai B'rith". Hinkle, p. 58. V. também Alfred Kazin, "The Vicar of Christ", *The New York Review of Books*, 19 de março de 1964, reproduzido em *The Storm over the Deputy*, pp. 102-105.

28. Ele aparentemente se ofendeu no fim de 1963 com alguns judeus que concordaram em escrever artigos respondendo às críticas de Hochhuth. Depois de verem as críticas, voltaram atrás do que tinham acordado, deixando *Ramparts* sem conteúdo suficiente para o próximo número. O editor da revista Warren Hinkle explicou: "A santa surra que esses santos homens deram em Ed Keating mostrou-se fundamental no desenvolvimento de *Ramparts* rumo à esquerda". Burns, p. 321.

29. Hinkle, pp. 50-51.

30. Burns, p. 321.

31. Hinkle, pp. 50-51.

32. Edward M. Keating, "The Voice of Pius Was Silent", *This World*, 1° de março de 1964; Edward M. Keating e Trude Weiss-Rosmarin, "Book Reviews", *Ramparts*, verão de 1964; Edward M. Keating, "Book Review", *San Francisco Chronicle*, 1° de março de 1964. V. também Edward Keating, *The Scandal of Silence: A Layman's Powerful Critique of the Catholic Church in America* (1965).

33. "French Cardinal Condemned Nazis", *New York Times*, 26 de fevereiro de 1964, p. 41.

34. Tisserant, "Interview", *Informations Catholiques*, 15 de abril de 1964. V. também O'Carroll, pp. 14, 69.

35. De acordo com pelo menos um relato, a notícia dada por *Ramparts* levou ao "maior vazamento em matéria de segurança da Guerra Fria". Sol Stern, "The Ramparts I Watched: Our storied radical magazine did transform the nation—for the worse", *City Journal* (inverno de 2010).

36. A mais importante publicação de Bennett na época foi o livro *Christianity and Communism Today* (1948, edição revista em 1960). Ele era conhecido por defender os direitos civis, protestar contra a Guerra do Vietnã, opor-se às armas nucleares e (posteriormente) advogar direitos de *gays* e lésbicas. Em 1961, a revista *Time* trazia: "O Dr. Bennet tem desde longa data advertido os cristãos contra o pensamento de que Deus esteja automaticamente do lado do Ocidente". "Whose Side is God On?", *Time*, 10 de novembro de 1961. O artigo prosseguia, citando-o:

> O próprio ateísmo do comunismo é um julgamento acerca das igrejas, que por muito tempo não se preocuparam com as vítimas da Revolução Industrial e do capitalismo primitivo e que geralmente foram ornamentos do *status quo*, não importa quão injusto este fosse. Carregamos permanentemente a tentação de transformar a guerra fria numa santa cruzada...

37. Zahn foi objetor de consciência na Segunda Guerra Mundial e co-fundador da Pax Christi USA. Sua obra mais famosa à época era *German Catholics and Hitler's War* (1962). O livro levou a alguns confrontos com líderes católicos e à sua partida da (jesuíta) Loyola University. Griffin, um convertido ao catolicismo, era mais conhecido por seu trabalho sobre luta racial nos Estados Unidos e pelo seu livro *Black Like Me* (sobre sua viagem pelos estados sulistas disfarçado de afro-americano).

38. Era um procedimento típico da KGB, que plantaria reportagens em jornais e periódicos pequenos, na esperança de que outros canais as levassem adiante. V. Yury B. Shvets, *Washington Station: My Life as a KGB Spy in America*, pp. 13, 39 (Simon & Schuster, 1994); Kalugin (1994), p. 53.
39. Burns, p. 321.
40. "A Bomb in Every Issue", *Time*, 6 de janeiro de 1967.
41. Ibid.
42. Sol Stern, "The Ramparts I Watched: Our storied radical magazine did transform the nation—for the worse", *City Journal* (inverno de 2010).
43. Ibid.
44. Ibid.
45. Ibid.
46. Burns, p. 321.
47. David Horowitz, "Spy Stories: The Wen Ho Lee Cover-Up", *FrontPageMagazine.com*, 3 de outubro de 2000.
48. Burns, p. 321. V. S. Steven Powell, *Covert Cadre: Inside the Insitute for Policy Studies* (Green Hill Publishers, 1987).
49. *Memo to the White House re Ramparts*, caso no. EO-1996-00609, publicado em 5/19/1966; liberado em 11/4/1997. *Memorandum to Bill Moyers, White House from Richard Helms, DD/CIA (Subject Del)*, caso no. EO-2004-00392, publicado em 5/19/1966; liberado em 5/17/2004 (o mesmo documento).

CAPÍTULO 22

1. V. Edgar Alexander, "Rolf Hochhuth: Equivocal Deputy, Study of the anti-Semitic and Anti-Catholic mental baggage of a playwright", *America*, 12 de outubro de 1963.
2. Trude Weiss-Rosmarin, "Second Thoughts on The Deputy", *Ramparts* (verão de 1964), p. 95.
3. Ibid.
4. "Pius XII & The Jews", *Time*, 1° de novembro de 1963.
5. "Interview with Rolf Hochhuth", *Ramparts* (primavera de 1964), reimpresso em *The Storm over The Deputy*, p. 42.
6. Ward, p. 37.
7. John Simon, "The Deputy and Its Metamorphoses", *The Nation*, 16 de março de 1964, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, pp. 109, 115.
8. Hinkle, p. 58.
9. Weiss-Rosmarin, p. 95.

10. Hinkle, p. 58.

11. Entre os muitos filmes de Preminger está *Exodus* (1960), sobre o estabelecimento do moderno Estado de Israel, e *The Cardinal* (1963), livremente baseado no austríaco Cardeal Innitzer.

12. Robert C. Doty, "'The Deputy' is here", *New York Times*, 23 de fevereiro de 1964.

13. Ibid, p. 49.

14. Ibid, p. 43.

15. Entrevista a Judy Stone, *The Storm over The Deputy*, pp. 46-47.

16. Ibid., pp. 64-65.

17. Ferencz depois se tornou um importante defensor da Corte Criminal Internacional. Um dos co-autores deste livro (Rychlak) encontrou-se com ele várias vezes na ONU enquanto trabalhava como delegado da Santa Sé em reuniões do ICC.

18. Matthew Brzezinski, "Giving Hitler Hell", *Washington Post*, 4 de julho de 2005.

19. V. Edward Crankshaw, *Khrushchev: A Career* (Nova Iorque: Viking, 1966), p. 154 ("Khrushchev mostrou-se um anti-semita bastante rude nos últimos anos").

20. Para mais detalhes, v. Radu Ioanid, *The Ransom of the Jews: The Story of Extraordinary Secret Bargain between Romania and Israel* (Chicago: Ivan R. Dee, 2005), com um posfácio de Pacepa.

21. *The Case of the Anti-Soviet Block of Rights and Troskyites*, pp. 369-430, Red Star Press (1937).

22. Will Englund, "Ex-Soviet Scientist Says Gorbachev's Regime Created New Nerve Gas in '91", *Baltimore Sun*, 16 de setembro de 1992.

23. J. Michael Waller, "Post-Soviet Sakharov: Renewed Persecution of Dissident Scientists and the American Response", *Demokratizatsiya: The Journal of Post-Soviet Democratization*, vol. 2, nº 1 (1994).

24. Lev Fyodorov, "KGB-Led Chemical Weapons Cover-Up?", *Crossroads: A Monitor of Post-Soviet Reform* (15 de abril de 1993), p. 4.

CAPÍTULO 23

1. Solomon Volkov e Dmitri Shostakovich, *Testimony: The Memoirs of Dmitri Shostakovich* (Limelight, 2004), p. xxv.

2. Ibid., pp. xxx, 95 ("Um artista cujo retrato não se assemelhasse ao líder desaparecia para sempre. Assim também como o escritor que utilize 'palavras cruas'").

3. Moshe Dector, *The Profile of Communism, A Fact-by-Fact Primer* (Collier Books, 1961), p. 121.

4. M. Swift, p. 92.

5. Volkov e Shostakovich, p. xxx-xxxi.
6. M. Swift, p. 92.
7. Ibid., citando N. Vladimirov, *Cultural Facilities in the USSR* (Moscow, s. d.), p. 26.
8. Ibid.
9. Ibid., p. 93. Utilizavam-se associações de comércio para garantir que os artistas atendessem às demandas do Estado.

> A Associação Russa de Escritores Proletários (1920–1932) e sua ramificação musical, a Associação Russa de Músicos Proletários (1923–1932), surgiram como instrumentos de políticas culturais do Partido. A influência desses sindicatos era praticamente esmagadora no fim dos anos 1920 e no começo dos 1930. Freqüentemente se revelavam mais oficialistas que o próprio rei, e foram desmanteladas quando Stálin decidiu que essas organizações já tinham cumprido com sua função.
>
> Volkov e Shostakovich, p. 112 (nota de rodapé).

10. M. Swift, p. 198.
11. Volkov e Shostakovich, p. 255 (sugerindo que muitos deles tinham pintado retratos de Stálin que desagradaram o líder).
12. M. Swift, p. 198.
13. Leon Harris, *The Moscow Circus School*, pp. 4-5 (Kingsport Press, 1970). O principal mágico do país, E.F. Kio, também foi festejado por ter rejeitado a postura burguesa que mágicos anteriores tinham adotado. Y. Dmitriyev, *Kio and His Predecessors in The Soviet Circus: A Collection of Articles* (Moscou: Progress Publishers, 1967).
14. M. Swift, p. 101.
15. Volkov e Shostakovich, p. 146.
16. Ibid., p. 270.
17. Ibid., pp. 80 (nota de rodapé) e 95 (Lênin chamava ópera de "produto próprio de cultura de classe alta").
18. Ibid., pp. 114, 127 ("Aprovar programas e listas era um *hobby* seu").
19. Ibid., p. 64. Stálin também baniu Shakespeare. Ibid., p. 87.
20. Ibid., pp. 3-4 (nota de rodapé).
21. Ibid., p. 190. Isso se tornou um problema quando um dos mais altos clérigos do país, o metropolita de Moscou, planejou falar no rádio.

> O metropolita chegou à estação de rádio e seguiu direto até o microfone. Pegaram-no pela manga e o afastaram. "Vossa Excelência, cadê o texto do seu discurso?". O metropolita foi levado para trás. "Que discurso?". Eles começaram a explicar que queriam se referir ao... bom, não ao discurso, mas a seja lá como você o chama... Em outras palavras, se o metropolita planejava falar agora, onde estava o texto aprovado e assinado?

O metropolita, disseram, ressentiu-se e afirmou que nunca lia os seus sermões de uma folha de papel. Era um escândalo; que fazer? Pediram que o metropolita esperasse um pouco e se apressaram em chamar seus chefes, mas ninguém queria arcar com a responsabilidade.

Ibid., p. 191. Por fim, a questão chegou até Stálin. Ele decidiu deixar o metropolita falar sem amarras.

22. M. Swift, p. 101.

23. Ibid., p. 149.

24. Ibid., p. 162-63.

25. Volkov e Shostakovich, p. xxxvi.

26. Niels C. Nielsen, *Solzhenitsyn's Religion* (Nelson, 1975), p. 54.

27. Volkov e Shostakovich, p. 87.

28. Ibid.

29. Ibid., p. 128.

30. V. ibid., p. xxxiii.

31. Ibid., p. 128 (Stálin "empalidecia" com a idéia de ser deixado de fora de um filme), p. 149.

Stálin amava os filmes. Não demorou para que assistisse a todos os filmes soviéticos já feitos; ele tinha a seguinte teoria estética. De todas as produções, apenas uma pequena fração tinha algo de bom, e menos ainda eram obras-primas, porque só umas poucas pessoas eram capazes de fazer obras-primas. Stálin determinava quem era capaz e quem não era de criar uma obra-prima, e então ele decidia que filmes ruins não eram necessários, tampouco os bons. Ele precisava apenas de obras-primas. Se a produção de carros e aviões podia ser planejada, então por que não fazer um planejamento de obras-primas? Não é coisa mais complicada, particularmente se você estiver lidando com cinema, já que cinema também é uma indústria.

Ibid., p. 249.

32. Ibid., pp. 249-50.

33. Lauren Weiner, "Where Have All the Lefties Gone?", *First Things*, janeiro de 2010, pp. 29, 30 (mencionando Pete Seeger, Lee Hays, Millard Lampell, Burl Ives, Josh White, Saul Aarons, Bernie Asbel, Will Geer e Woody Guthrie).

34. Ibid.

35. Volkov e Shostakovich, pp. 214-15.

36. Ibid.

37. Ibid.

38. Ibid., pp. 215, 316.

39. Ibid., p. 209. Stálin apreciava o poder das artes comoverem as pessoas, mas ele não apreciava de fato o talento dos artistas. Um compositor explicou: "Stálin costumava nos chamar de roda dentada, e rodas dentadas podem facilmente

ser substituídas por outras". Ibid., p. 212; v. ibid., pp. 215-16. Essa mentalidade é o motivo pelo qual o Kremlin tinha pouca preocupação acerca de falsificar escritos, sejam poemas, letras de música ou peças de teatro.

40. M. Swift, pp. 256-57.

41. Ibid. pp. 289-90.

42. Ibid., p. 291. Havia numerosos artistas soviéticos que viam

> a interferência do Partido e do Estado na arte deles como um incômodo colossal, e que gostariam apenas que lhes fosse permitido serem artistas. Uma vez que um artista de balé soviético se junte a um coletivo teatral, o seu treino ideológico continua por meio do Komsomol teatral ou da unidade do Partido de que é membro. Sua mentalidade é ainda formada por aulas dadas pela Sociedade Teatral Russa, pela Rabis ou simplesmente por falas e discussões que se dão em todos os teatros.
> Ibid., p. 291.

43. Dector, *Profile of Communism*, p. 133.

44. M. Swift, p. 292.

CAPÍTULO 24

1. M. Swift, p. 293.

2. *David Irving Propagandists' Poster Boy*, Anti-Defamation League (2001), <http://www.adl.org>.

3. Gordon Craig, *The Germans*, p. 72 (Nova Iorque: G.P. Putnam's Sons, 1982).

4. Ibid., p. 72.

5. Richard Evans, *In Hitler's Shadow*, p. 166 (Nova Iorque: Pantheon Books, 1989).

6. D. D. Guttenplan, *The Holocaust on Trial* (Nova Iorque: W.W. Norton, 2001), p. 46.

7. Deborah Lipstadt, *Denying the Holocaust*, p. 111 (Nova Iorque: Free Press, 1993).

8. Ibid., p. 231.

9. Tradução para o inglês da Nota Soviética de 25 de abril de 1943, rompendo unilateralmente as relações diplomáticas soviético-polonesas; nota publicada *online* pelo governo polonês em 19 de dezembro de 2005.

10. *Time*, 10 de maio de 1968.

11. *Declassified Secret Memorandum: Soldiers, to Mr. John Peck & Sir E. Peck from J.E. Jackson*, 10 de janeiro de 1969 ('Soldiers' – IRD Contribution) (citando a edição de 22 de outubro de 1967 de *Zycie Literackie* [Vida Literária] e um artigo de Olgierd Terlrcki), reimpresso em Rychlak (2010), p. 419.

12. Rainer Taëni, *Modern German Authors, Rolf Hochhuth* (Londres: Oswald Wolff, 1977), pp. 140, 149. Prchal "foi vingado no tribunal e indenizações foram

estipuladas". David Frost, *An Autobiography* (Nova Iorque: HarperCollins, 1993), p. 416. Para detalhes sobre o veredito contra Hochhuth, v. "Pilot of General Sikorski's Aircraft Claims Libel Damages from German Playwright", *The Times of London*, 3 de maio de 1972, p. 3; "£50,000 Award to General Sikorski's Pilot", *The Times of London*, 4 de maio de 1972, p. 1; "$130,000 Awarded to Pilot for Libel in Hochhuth Play", *New York Times*, 4 de maio de 1972, p. 48. Thompson, pp. 17-18.

13. Martin Esslin, "Rolf Hochhuth", in Justin Wintle, *Makers of Modern Culture*, p. 233 (New York: Facts on File, 1981).

14. Thompson, p. 112. David Irving processou Thompson em razão do livro, argumentando que era demasiado difamatório, mas a editora saiu em defesa afirmando que as alegações eram verdadeiras. Testemunhas assinaram seus depoimentos, e Irving abandonou o caso. Ao fim ele teve de pagar os custos processuais. Ele, contudo, enviou uma nota não assinada para jornais britânicos, tentando desautorizar o caráter de Thompson. Quando perguntado pela imprensa, ele admitiu que a tinha escrito e comentou que as iniciais, "djci", estavam no pé da nota. Susan Barnes, "David Irving: Portrait of a Gentleman", *The Sunday Times Supplement*, Londres, 6 de setembro de 1970.

15. Como escreveu um biógrafo, "ele não é lento em matéria de chegar a conclusões, o que ele faz sem temor nem benevolência". Taëni, p. 19.

16. Carlos Thompson, um escritor e ator de expressão alemã nascido na Argentina, fez o seu primeiro filme aos 16 anos. Nos anos 1950, ele era o epítome do amante latino-americano. Entre os seus filmes estão: *Valley of the Kings*, estrelado por Yvonne de Carlo, e *The Flame and the Flesh*, no qual interpreta junto a Lana Turner. Ele também estrelou *El Tunel*, filme baseado no romance do conhecido escritor argentino Ernesto Sabato. Em 1957, ele se casou com a escritora Lilli Palmer, ex-esposa do ator Rex Harrison. Thompson disse que o livro "se impôs" a ele e que Hochhuth "só tinha a si próprio para atribuir a culpa disso".

17. Thompson, p. 266. Se isso é realmente "um grande passo adiante" é coisa a se discutir.

18. Ibid., p.134 (declaração do príncipe Lubomirski).

19. Ibid., p. 149. V. Harry de Quetteville, "Did British double agent Kim Philby murder Polish war hero General Sikorski?", *London Telegraph*, 21 de julho de 2008.

20. Thompson, p. 192.

21. Ibid., p. 193.

22. Ibid., p. 133 (declaração do General Marian Kukiel). Thompson contou que um dos principais defeitos de Hochhuth era que ele estava tão ocupado "conhecendo", que acabava não tendo o tempo ou energia para viajar um pouco e descobrir como as coisas realmente eram. Ibid., p. 125. Thompson continua: "Além de todo o humor, isso não prometia nada além de risadas". O coronel John Codrington, inteligência britânica, afirmou:

Hochhuth diz que a inteligência matou Sikorski. Bom, se for esse o caso, então você está falando com o homem que teria feito o trabalho. Eu era chefe-assistente do gabinete do Governador Mason Macfarlane. Eu estava encarregado da inteligência militar. Repito, se tivéssemos nos empenhado em matar Sikorski, eu seria a pessoa a fazê-lo.

Ibid., p. 287. Codrington disse: "Hochhuth simplesmente não sabe do que está falando". Ibid., p. 278.

23. Ibid., p. 95.

24. Ibid., p. 100.

25. Ibid., p. 101.

26. Ibid., p. 130. Quando perguntado sobre as alegações de Hochhuth de que as testemunhas estavam fingindo amnésia, Kukiel disse que era uma invenção boba. Acrescentou: "Lamento que um bom escritor como David Irving possa se permitir ser levado pela teoria de Hochhuth".

27. Ibid., p. 213.

28. Ibid., p. 214.

29. *Time*, 10 de maio de 1968.

30. Prof. Dr. Wolfram Wette, "Der Fall Filbinger" (O Caso Filbinger Case), palestra de 14 de setembro de 2003, <wettewolfr@aol.com>.

31. Wikipedia alemã, "Rolf Hochhuth", <http://de.wikipedia.org >.

32. David Irving, *Confidential Draft of Memoirs*, p. 156 <http://www.fpp.co.uk/books/memoirs/prison_1.html>.

33. Ibid., p. 156.

34. Como contou Thompson a uma das testemunhas que entrevistou:

> A obsessão de Hochhuth era que tanto Irving como eu fôssemos qualquer dia ser mortos por uma organização secreta que ele chama de A Velha Firma, a qual é dirigida, disse-me ele em Zurique, por um general inglês reformado. Na verdade, ele me disse que os assassinos de Sikorski "ainda estão na ativa", matando pessoas nas ruas de Londres com um táxi ou as empurrando embaixo de trens ou ônibus.
>
> Thompson, p. 90. Hochhuth também tinha medo de que ingleses o estivessem espionando. Ibid., p. 92.

35. Quando Thompson decidiu fazer mais investigações que pudessem expor as falsificações de Hochhuth, chamou a esposa de Thompson e disse que a vida do seu marido estava em perigo. Ibid., p. 77, 85-86. Thompson não sabia se Hochhuth acreditava realmente na ameaça ou se se tratava apenas de um plano para fazê-lo parar de investigar.

36. T. Feitknecht, K. Lüssi, *Ein Spannungsreiches Vierteljahrhundert: Der Briefwechsel Rolf Hochhuth/Golo Mann* (livro alemão que reúne a correspondência entre Hochhuth e Mann).

CAPÍTULO 25

1. V. Rychlak (2010), pp. 272-73 (transcrição do testemunho de Wolff).
2. V. em geral Dan Kurzman, *A Special Mission: Hitler's Secret Plot to Seize the Vatican and Kidnap Pope Pius XII* (Perseus Book Group, 2007); Rychlak, *Hitler, the War, and the Pope* (2000), p. 265 (com citação de Wolff sobre o assunto).
3. Enquanto visitava Roma em abril de 2010, o co-autor Rychlak pôde ver as minutas da reunião de Pio XII com a cúria romana, na qual ele estabelecia planos para caso os nazistas o seqüestrassem.
4. Donald Rayfield, *Stalin and His Hangmen*, pp. 374-79 (Nova Iorque: Random House, 2005).
5. V. *The Black Book of Communism.*
6. "Ivan Serov", Wikipedia, 10 de setembro de 2009.
7. John Barron, *Breaking the Ring* (Boston: Houghton Mifflin, 1987), p. 318.
8. Benjamin B. Fischer, *The Katyn Controversy: Stalin's Killing Field*, Central Intelligence Agency, Center of the Study of Intelligence, CSI publications, inverno de 1990.
9. Hochhuth (1964), pp. 125-140.
10. Ibid., p. 348.
11. Andrew e Mitrokhin, pp. 91-92, 102, 146, 165.
12. Wikipedia, "Arvid Harnack", 26 de maio de 2010.
13. Patricia Marx, "An Interview with Rolf Hochhuth", *Partisan Review*, vol. 31, nº 3, verão de 1964, p. 368, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, pp. 52-65.
14. Carlos Thompson, no seu livro *The Assassination of Winston Churchill* (Gerards Cross: Colin Smyth, 1968), descreve sua longa pesquisa no sentido de identificar as supostas fontes de Hochhuth para o material no qual *Soldiers* se baseava, o agente de inteligência britânico aposentado e a dama polonesa. Thompson conclui com convicção que eles provavelmente não existiam.
15. Patricia Marx, "An Interview with Rolf Hochhuth", *Partisan Review*, vol. 31, nº 3, verão de 1964, p. 368, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, pp. 52-65.
16. V. Bittman, p. 77 (os soviéticos enviavam dinheiro para editoras pró-Moscou).
17. Ibid., p. 177.
18. *The Storm over the Deputy*, p. 13. V. também Taëni, p. 14 (mais próximo ao relato de Piscator).
19. A introdução de Erwin Piscator à edição alemã de *The Deputy* publicada pela Rowohlt, Hamburgo, 1963; tradução de Clara Mayer publicada em *The Storm over The Deputy*, p. 11.
20. *The Storm over The Deputy*, pp. 14-15.
21. Ibid., p. 14.

22. Wikipedia alemã, "Erwin Piscator", 19 de setembro de 2009.

23. Taëni, p. 14. V. ibid., p. 20 ("Está mesmo fora de dúvida que *The Representative* jamais teria vindo à luz se não tivesse caído nas mãos de um produtor famoso como Erwin Piscator"); ibid., p. 135 (similar).

24. Ward, p. 17 ("Aprendi que o poeta deve sempre ser criativo em matéria de política. Que ele sempre é responsável. *The Deputy* é política").

25. Willett, p. 180.

26. Ibid.

27. Ibid., p. 182.

28. No posfácio da peça, Hochhuth admitiu que "a ação não segue o curso histórico dos eventos, e permiti que minha imaginação brincasse livre". Hochhuth (1964), pp. 287, 348.

29. V. Sidney F. Parham, "Editing Hochhuth for the Stage: A Look at the Major Productions of The Deputy", *Educational Theatre Journal*, p. 347.

30. Robert P. Lockwood, "Deconstructing The Deputy", *Catalyst*, junho de 2000. Lockwood explica:

> Em sua maior parte, baseou-se na oposição do Papa à exigência dos Aliados de rendição incondicional dos alemães. Ele acreditava que uma exigência como essa apenas daria continuidade ao horror da guerra e aumentaria a matança. Esse posicionamento foi depois interpretado como o desejo do pontífice de manter uma Alemanha forte como um bastião contra o comunismo. A acusação de Hochhuth sobre o silêncio papal se adéqua a essa teoria revisionista.

31. "A caracterização de Pacelli como um hipócrita sedento de dinheiro é tão fora da realidade que chega a ser risível. De modo mais significante, no entanto, a peça de Hochhuth ofende o mais básico critério de documentação: o de que essas histórias e retratos são válidos apenas se comprovadamente verdadeiros". Cornwell (1999), p. 375.

32. Ward, p. 38 (sobre "o mais impressionante exemplo" da "fuga do realismo" de Hochhuth e sobre este ter rejeitado a comparação do personagem com Mengele).

33. Leo Kerz, "Brecht and Piscator", *Educational Theatre Journal*, pp. 363, 369 (outubro de 1968) (Kerz era o cenógrafo e iluminador e o destinatário da carta).

34. "Hochhuth faz o que nenhum homem é capaz de fazer; ele se imiscui na mente de Pio XII e traz de lá só as piores conclusões. Ele é culpado do pior tipo de macarthismo, e só a impressionante imensidão de sua acusação impediu as pessoas de verem esse fato". James O'Gara, "The Real Issue", *Commonweal*, 28 de fevereiro de 1964, reimpresso em *The Storm over The Deputy*, pp. 219, 221. 25 anos depois da produção de Piscator, o diretor alemão Claus Peymann (conhecido por "um estilo radical que tem suas raízes nos sonhos políticos dos anos 1960") produziu *The Deputy* na Áustria para que coincidisse com uma visita do Papa João Paulo II. Peymann disse que não gostava da peça, mas que a produziu como um desafio político. Gitta Honegger, "Tales from the Imperial City", *Performing Arts Journal*, pp. 45, 50 (1988).

35. V. *Reviews*, XII, "World Theatre", p. 140 (verão de 1963) ("algo entre um relatório falado com cenas de grande realismo... e uma discussão a passo acelerado"). A resenha prosseguia observando a dificuldade de produzir a peça "a partir de um texto que, se encenado em sua totalidade, duraria seis ou sete horas"; ibid.; Sidney F. Parham, "Editing Hochhuth for the Stage: A Look at the Major Productions of 'The Deputy'", *Educational Theatre Journal*, pp. 347, 353 (outubro de 1976) ("Como então podemos julgar Hochhuth como dramaturgo? A forma do seu roteiro sugere que ele quer ser julgado a partir de padrões dramáticos tradicionais, e a partir de quaisquer desses padrões não se pode elogiá-lo").

36. Para que essa discussão não seja tomada como uma tentativa de desmerecer o inquestionável talento de Piscator como diretor, esta passagem do cenógrafo da produção berlinense de *The Deputy* é digna de consideração:

> A produção de Piscator de *The Deputy*, para além de se tornar o maior evento do teatro do pós-guerra e também por causa disso, deu início a um debate que afetou e fez rever as opiniões de filósofos, clérigos, políticos e historiadores em todo canto do mundo. Tocou na consciência da Igreja Católica e, sem dúvida, influenciou no que aconteceu no Concílio Ecumênico. Piscator se envolveu profundamente com Brecht e provou que o teatro pode moldar a história bem como ser moldado por ela.
>
> Leo Kerz, "Brecht and Piscator", *Educational Theatre Journal*, p. 363 (outubro de 1968).

CAPÍTULO 26

1. Reimpresso em Crankshaw, pp. 559-618.
2. Harry Schwartz, "We know now that he was a giant among men", *New York Times*, 12 de setembro de 1971.
3. Barron, pp. 313-19.
4. Ibid., p. 318.

CAPÍTULO 27

1. Victor L. Simpson, "Italian Panel: Soviets Behind the Pope Attack", *Associated Press*, 2 de março de 2006; Freemantle, pp. 107-08; Koehler, pp. 116-22. Em 2009, o jornalista e ex-oficial de inteligência John Koehler publicou *Spies in the Vatican: The Soviet Union's Cold War against the Catholic Church*. Valendo-se sobretudo de arquivos da polícia secreta da Alemanha Oriental e da Polônia, Koehler concluiu que o atentado recebeu "apoio da KGB".
2. Em 2006, a Comissão Mitrokhin (uma comissão parlamentar italiana estabelecida para investigar supostos laços da KGB com figuras de oposição da política italiana) deu mais uma vez apoio à teoria búlgara. A comissão relatou que "líderes da ex-União Soviética estavam por trás da tentativa de assassinato" e alegou que "a liderança da União Soviética tomou a iniciativa de eliminar João Paulo II" por causa do seu apoio ao *Solidariedade*. "Soviets Had Pope Shot for Backing Solidarity", *Daily Telegraph*, 3 de março de 2006.

3. Weigel oferece pouca informação sobre o envolvimento soviético na tentativa de assassinato de 1981, mas nota que a maioria dos poloneses e muitos amigos próximos do Papa achavam os soviéticos inocentes. Ele também mostra com clareza que as democracias ocidentais não investigaram muito; tinham medo do que poderiam descobrir. V. também George Weigel, "All War All the Time", *First Things*, 11 de abril de 2011, p. 34.

4. A desonestidade foi desmascarada pelo Prof. Robert Gorman, que apresentou um trabalho sobre o assunto na reunião de outubro de 2001 da Sociedade de Cientistas Sociais Católicos.

5. Thomas Merton, *Dancing in the Water of Life* (São Francisco: Harper, 1998), p. 84.

6. "Vatican Chronicles: A Different Read", *Brill's Content*, abril de 2000, pp. 60, 120.

7. Pacepa, *Red Horizons*, 2ª ed., fotos a partir da p. 206.

8. John Cornwell, "Hitler's Pope: The Fight to reveal the secrets that threaten the Vatican", *The Sunday Times* (de Londres), 12 de setembro de 1999. V. também Rychlak (2010), pp. 282, 428, 430-431.

9. V. Rychlak (2000) (epílogo).

10. Entrevista a Marx, reimpressa em *The Storm over The Deputy*, pp. 54-55. Em outra entrevista, Hochhuth disse que em 1958, enquanto estava trabalhando na história de Gerstein, os jornais e rádios da Alemanha Ocidental repentinamente "noticiaram que um homem santo tinha morrido", e Hochhuth comentou que "os alemães amavam Pio XII... e eles o chamavam de o papa alemão". Entrevista a Judy Stone, reimpressa em *The Storm over The Deputy*, pp. 49-50.

11. Rychlak (2000), pp. 292-293, 435.

12. Cornwell (2008), p. XII.

13. Ibid.

14. Ibid.

CAPÍTULO 28

1. Wills, *Papal Sin: Structures of Deceit*.

2. Carroll, *Constantine's Sword*.

3. Zuccotti, *Under His Very Window*.

4. Phayer, *The Catholic Church and the Holocaust*.

5. O livro de Kertzer *The Popes against the Jews* é em grande medida dependente do trabalho do pesquisador alemão Giovanni Miccoli. Justus George Lawler recentemente concluiu um manuscrito (título provisório: *Were the Popes against the Jews?*) que discorda dos argumentos de Kertzer.

6. Wistrich (2002).

7. Cornwell, *Breaking Faith*.

8. Katz, *The Battle for Rome*. V. também Katz, *Black Sabbath*; Katz, *Massacre in Rome*.

9. Goldhagen (2002).

10. Zuccotti tenta diminuir essa intervenção dizendo que "deveria ser descrito não como um protesto diplomático oficial do encontro, mas como um apelo desesperado pela intervenção de Weizsäcker para salvar as vítimas". *Under His Very Windows*, p. 160.

11. V. Day, p. 22 (listando-o entre os líderes antinazistas alemães dispostos a arriscar a vida para derrubar o regime).

12. Zuccotti, *Under His Very Windows*, p. 159; cf. "Notes du Cardinal Maglione", 16 de outubro de 1943, Actes et Documents, vol. 9, p. 505, nº 368. Até o crítico James Carroll fornece o texto de Maglione na íntegra no seu livro *Constantine's Sword*, pp. 525-526.

13. Zuccotti, *Under His Very Windows*, p. 103. Zuccotti acusou Valeri de falsificar intervenções papais em defesa dos judeus. V. também Blet, pp. 234-35.

14. Zuccotti, *Under His Very Windows*, p. 63.

15. *Summi Pontificatus*, para. 48. V. Rychlak (2010).

16. V., e.g., Daniel J. Goldhagen, "What Would Jesus Have Done?", *The New Republic*, 21 de janeiro de 2002.

17. David Dalin, "Pius XII and the Jews", *The Weekly Standard*, 26 de fevereiro de 2001, pp. 31-39. V. também Ronald J. Rychlak, "Misusing History to Influence the Future", *Forum Focus* (verão de 2002).

18. A origem dessa história parece ter sido a seguinte declaração: há por fim o relato de que nos meses que antecederam sua morte ele recebeu para ler a peça *The Deputy*, de Hochhuth, e lhe perguntaram o que se poderia fazer contra ela. Ao que supostamente ele respondeu: "O que fazer contra isso? O que você pode fazer contra a verdade?". Hannah Arendt, mencionado em *Dark Times*, p. 63 (Nova Iorque: Harcourt Brace, 1968).

19. Felicity O'Brien, "Letter to the Editor", *The Catholic Times* [Manchester, Inglaterra], 20 de julho de 1997.

20. Correspondência particular de Loris Francesco Capovilla ao relator da causa de santidade de Pio XII, datada de 18 de maio de 2002.

> Com relação às ações em favor dos judeus, postas em prática particularmente em Istambul nos anos 1935-1944, o que foi reconhecido e elogiado por comunidades de hebreus em Jerusalém, Istambul e Estados Unidos, é obrigatório reconhecer que Roncalli era e se declarou executor do pensamento e diretrizes de Pio XII. Ele repetiu, em verdade: o representante papal é o olho, o ouvido, a boca, o coração e a mão eficiente do papa.
>
> Ibid. Capovilla também afirmou que os esforços de resgate de judeus feitos por Roncalli só fazem sentido se referidos sobretudo a Pio XII, de quem Roncalli era o mais cuidadoso e fiel intérprete. Qualquer ação pessoal estrita do próprio Roncalli, mesmo que heróica, seria de outro modo inconcebível. Ibid.

21. McGurn, p. 99.

22. Pio XII morreu em 9 de outubro de 1958. O Papa João XXIII rezava ajoelhado diante da tumba de Pio XII no nono dia de cada mês. *The New Catholic Treasury of Wit and Humor*, pp. 193-94 (Nova Iorque: Meredith Press, 1968, edição de Paul Bussard).

23. João XXIII, *Discorsi*, vol. I, p. 101.

24. McGurn, pp. 36, 39.

25. *Discorsi*, vol. I, p. 101; *Days of Devotion*, p. 12 ("O programa do Papa João XXIII e suas preocupações com relação ao mundo moderno naturalmente encontraram muito de sua inspiração em seu antecessor, sob o qual ele serviu por 19 anos e de quem veio muito da fundação intelectual sobre a qual o Concílio foi construído. Ninguém era mais generoso em reconhecer esse débito do que o próprio João XXIII).

26. John Cornwell, "Hitler's Pope: The fight to reveal the secrets that threaten the Vatican", *The Sunday Times* (Londres), 12 de setembro de 1999, p. 1.

27. *Jerusalem Post*, 23 de março de 2000 (edição *online*).

28. Ibid. Em *The Pontiff in Winter*, Cornwell refere-se a sua voz faladora, vinda de dentro do Vaticano: Monsenhor Sotto Voce [Voz Baixa]. Levando Cornwell a sério, e aceitando a sua descrição do Monsenhor Sotto Voce, *The Pontiff in Winter* é baseado em um "relato interno" de um funcionário descontente e botado para fora do Vaticano, que troca segredos por uma boa refeição e algumas garrafas de vinho. A grande vantagem para Cornwell, é claro, é que isso o permite escrever praticamente qualquer coisa, e, diferentemente de *Hitler's Pope*, ninguém pode provar que é falso. É coisa muito similar às alegações feitas por Hochhuth nos anos 1960.

29. "Pope Stared Down Communism in Homeland", *CBCNEWS*, abril de 2005, <http://www.cbc.ca/news/obit/pope/communism_homeland.html>.

30. V. Ronald J. Rychlak, "Guess Who's Back?", *Catalyst* (janeiro-fevereiro de 2002) (resenha de *Breaking Faith*); Ronald J. Rychlak, "A Broken Faith: John Cornwell's New Book", *St. Austin Review*, julho-agosto de 2002.

31. Cornwell apresentou a excomunhão do teólogo oriundo do Sri Lankan Pe. Tissa Balasuriya como um exemplo da dureza do "governo autoritário" de João Paulo II. Balasuriya foi excomungado por conta de aberrações teológicas, mal mencionadas por Cornwell, que incluíam a asserção de que o cristianismo está no mesmo nível que as outras religiões, a negação da imaculada conceição de Cristo e a refeição da Santíssima Trindade. V. Ronald J. Rychlak e Fr. Kevin Slattery, "A Clear-Cut Case for Excommunication", *New Oxford Review*, abril de 1997. Cornwell usou a excomunhão para argumentar que João Paulo II era insensível e desligado frente ao mundo moderno. Ele sequer cita, contudo, as negociações entre Balasuriya e o Vaticano que antecederam a excomunhão. De maneira ainda mais inacreditável, ele omite que, um ano após a excomunhão ter sido exposta, foi suspensa. Na época, Balasuriya assinou uma declaração expressando pesar

pelas percepções de erro em sua obra e concordou em submeter futuros escritos a bispos para obter aprovação antes da publicação. Esse desfecho da questão, desconhecido da maior parte dos leitores de *Breaking Faith*, ofende seriamente a tese de Cornwell e sua credibilidade!

32. Ele não escondeu seu desapontamento com o Papa Bento XVI: "O Papa está se mostrando ultra-reacionário". John Cornwell, "Profile: Pope Benedict XVI", *New Statesman*, 12 de fevereiro de 2009. Num exemplo de tentativa de alterar o passado, Cornwell se apresenta como um grande fã do Papa João Paulo II, contrastando-o a Bento XVI.

33. De igual modo, o desfecho de James Carroll para a história, tal como posta em *Constantine's Sword* (pp. 555-58), envolve a convocação de um Concílio Vaticano III, no qual (em acréscimo à rejeição da infalibilidade papal, à ordenação de mulheres, à eleição de bispos e ao enfraquecimento de regras sexuais) a Igreja reconheceria seus erros nos evangelhos, aprenderia a pregar contra esses erros e rejeitaria a crença de que Jesus é a única via de salvação.

34. Alan Cowell, "Demonstrators and Devout Greet the Pope in Germany", *New York Times*, 24 de junho de 1996, seção A, p. 3.

35. Arnaldo Cortesi, "Cardinals Irked by Soviet Charge", *New York Times*, 20 de outubro de 1958.

36. Ibid.

37. Ibid.

38. *Catholic Star Herald*, 7 de julho de 2010.

CAPÍTULO 29

1. Max Holland, *The Kennedy Assassination Tapes* (Nova Iorque: Knopf, 2004), pp. 94-96.

2. Ibid., p. 99.

3. Ibid., pp. 148-149.

4. House Select Committee on Assassinations (HSCA), *Report*, p. 99.

5. Andrew e Gordievsky, p. 462.

6. Barron, *Breaking the Ring*, pp. 148, 212.

7. Epstein, *Legend*, p. 71.

8. Warren Commission (WC), *Report*, p. 390.

9. Ibid., p. 256.

10. Edward J. Epstein, *Legend: The Secret World of Lee Harvey Oswald* (Nova Iorque: Reader's Digest Press, 1978), pp. 72-73.

11. Ibid., pp. 77-79.

12. WC Report, p. 684.

13. Donovan testimony, WC, Vol. 8, pp. 289-303.
14. Epstein, *Legend*, pp. 85-86.
15. Ibid., p. 89.
16. Francis Gary Powers, com Curt Gentry, *Operation Overflight: The U-2 spy pilot tells his story for the first time* (Nova Iorque: Holt, Rinehart, 1970), p. 357.
17. Warren Commission Exhibit (WCE), p. 315.
18. Powers, pp. 99-111.
19. Ibid.
20. Ibid., p. 118.
21. David Wise e Thomas B. Ross, *The U-2 Affair* (Nova Iorque: Random House, 1962), p. 54.
22. "George de Mohrenschildt", *Spartacus Educational*, <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/JFKdemohrenschildt.htm>.

CAPÍTULO 30

1. O evento foi noticiado em minúcias no jornal oficial romeno, *Scinteia*, 24 de outubro de 1962, p. 1.
2. William Hyland e Richard Wallace Shyrock, *The Fall of Khrushchev* (Nova Iorque: Funk & Wagnalls, 1986), p. 56.
3. Nikita Khrushchev, *Khrushchev Remembers: The Last Testament, translated and edited by Strobe Talbot* (Boston: Little, Brown and Company, 1974), pp. 83-84. (Este é o segundo volume das memórias de Khrushchev e será doravante referido como Khrushchev II.).
4. Khrushchev I, p. 338.
5. Ibid., p. 392.
6. *Documents on International Affairs: 1957* (Londres: Royal Institute of International Affairs, 1960), p. 39.
7. Joseph L. Nogee e Robert H. Donaldson, *Soviet Foreign Policy Since World War II* (Nova Iorque: Pergamon Press, 1984), p. 121.
8. David Wise e Thomas B. Ross, *The U-2 Affair* (Nova Iorque: Random House, 1962), pp. 57-58.
9. Arnold L. Horelick e Myron Rush, *Strategic Power and Soviet Foreign Policy* (Chicago: University of Chicago Press, 1966), p. 43.
10. Khrushchev II, p. 533.
11. PBS, Khrushchev's biography, <http://www.pbs.org>.
12. Sergei N. Khrushchev, *Nikita Khrushchev and the Creation of a Superpower* (Pennsylvania: State University Press, 2000).

CAPÍTULO 31

1. Alex von Tunzelmann, "Oliver Stone's JFK: A basket case for conspiracy", *The Guardian*, 28 de abril de 2011.
2. Barron, *KGB*, p. 430.
3. Warren Commission Exhibit 2486.
4. Testimony of Ruth Hyde Paine, Warren Commission, vol. 3, pp. 12-13.
5. Warren Commission Exhibit 1400.
6. Priscilla Johnson McMillan, *Marina and Lee* (Nova Iorque: Harper & Row, 1977), p. 496.
7. Epstein, *Legend*, p. 16.
8. HSCA Report, p. 151.
9. Jim Marrs, *Crossfire: The Plot that Killed Kennedy* (Nova Iorque: Basic Books, 1993), p. 394.
10. HSCA Report, p. 152.

CAPÍTULO 32

1. Max Holland, "How Moscow Undermined the Warren Commission", *Washington Decoded*, 30 de março de 2007, <www.washingtondecoded.com>.
2. "Book Review: The Mitrokhin Archive and the secret history of the KGB", *New York Times*, <http://www.nytimes.com/books/first/a/andrew-sword.html>.
3. Biography of Joachim Joesten, <http://karws.gso.uri.edu/jfk/the_critics/Joesten/Joestenbio.html>.
4. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*, pp. 226-227.
5. Max Holland, "How Moscow Undermined".
6. Atribuído a Armand Moss, *Information, Disinformation*, pp. 93 ff.
7. A resenha de Perlo se encontra em <https://www.createspace.com/3998409>.
8. Haynes, Klehr e Vassiliev, *Spies*, p. 275.
9. Jesse E. Curry, *Retired Dallas Police Chief Jesse Curry Reveals His Personal JFK Assassination File*, publicação do autor, 1969, p. 74, depoimento em juízo do policial de Dallas Thurber T. Lord em 20 de agosto de 1964.
10. Haynes, Klehr e Vassiliev, *Spies*, pp. 271-272.
11. "I. F. Stone on the Kennedy Assassination", 9 de dezembro de 1963, <Spartacus.schoolnet.co.UK/USAStoneW.htm>.
12. I. F. Stone, "What Some People Have Forgotten About God's 'Deputy'", *I. F. Stone's Weekly* (9 de março de 1964), reimpresso em *The Storm over the Deputy*, p. 234.

13. Judy Stone, "Interview with Rolf Hochhuth", *Ramparts*, primavera de 1964, reimpresso em *The Storm over the Deputy*, p. 42.
14. Vincent Bugliosi, *Reclaiming History: The Assassination of President Kennedy* (Nova Iorque: Norton, 2007), p. 1000.
15. Ibid., pp. 1012-1013.
16. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*, pp. 228-229.
17. Brian Latell, *Castro's Secrets* (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2012), pp. 103, 215-216.
18. Latell, pp. 138-141.
19. John Barron, *Operation Solo: The FBI's Man in the Kremlin* (Washington: Regnery, 1995), *passim*.
20. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*, pp. 287-289.
21. Latell, pp. 204-205.
22. Ibid., pp. 141-144.
23. "How Powers's plane was shot down", <http://www.webslivki.com/u11.html> (em russo).
24. Sergey Khrushchev, "The Day We Shot Down the U-2: Nikita Khrushchev's son remembers a great turning point of the Cold War, as seen from behind the Iron Curtain", *American Heritage Magazine*, vol. 51, nº 5.
25. Morton Kelly, "Gary Powers and the U-2 incident", *About.com.guide, American History*, publicado em <http://americanhistory.about.com/od/coldwar/a/gary_powers.htm>.

CAPÍTULO 33

1. Oriana Fallaci, *Interviste con la Storia*, citado em Claire Sterling, *The Terror Network*, p. 114 (Nova Iorque: Reader's Digest Press, 1981).
2. Para maior informação, v. Ion Mihai Pacepa, "Russian Footprints", *National Review Online*, 21 de agosto de 2006.
3. Craig R. Whitney, "East's Archives Reveal Ties to Terrorists", *New York Times*, 15 de julho de 1990.
4. John O. Koehler, *Stasi: The Untold Story of the East German Secret Police*, p. 324 (Boulder, Colorado: Westview Press, 1999).
5. *Bundesamt für Verfassungsschutz* (BfV), o Escritório Federal de Proteção da Constituição.
6. Craig R. Whitney, "East's Archives Reveal Ties to Terrorists", *New York Times*, 15 de julho de 1990, p. 6.
7. Ibid.

8. Christian Schmidt-Häuer, *Gorbachev: The Path to Power* (Londres: I. B. Tauris, 1987), p. 64.

9. *Boris Yeltsin: A biography of the former Russian President*, University of Indiana (edição *online*).

CAPÍTULO 34

1. John Lloyd, "The Russian Devolution", *New York Times Magazine*, 15 de agosto de 1999, p. 38.

2. Richard Lourie, "Who Stole Russia?", *The Washington Post Book World*, 15 de outubro de 2000, p. 3.

3. Luke Harding, "The richer they come... Can Russia's oligarchs keep their billions - and their freedom?", *The Guardian*, 1° de julho de 2007.

4. "Could it lead to fascism?", *The Economist*, 11 de julho de 1998, edição americana, p. 19.

5. "The Perils of Catching Cold", *Time*, dezembro de 1997, p. 38.

6. "Can the crisis end in a coup?", *Nezavisimaya Gazyeta*, 7 de julho de 1998, p. 1.

7. Barry Renfrew, "Boris Yeltsin Resigns", *Washington Post*, 31 de dezembro de 1999.

8. Ibid., p. 3.

9. Ariel Cohen, "End of the Yeltsin Era", *Washington Times*, 3 de janeiro de 2000.

10. John Lloyd, "The Logic of Vladimir Putin", *New York Times Magazine*, 19 de março de 2000, p. 65.

11. Celestine Bohlen, "Putin Tells Why He Became a Spy", *New York Times*, 11 de março de 2000 (edição *online*).

12. Arnold Beichman, Hoover Institution, "Prologue for Putin", *Washington Times*, 10 de janeiro de 2000.

13. Helle Bering, "Totalitarian Wannabes", *Washington Times*, 9 de março de 2000.

14. Ibid.

15. "Putin rocked Russians with ruthlessness", *Agence France Presse*, 31 de dezembro de 1999, <www.rense.com/politics6/ruthless.htm>.

16. Ibid.

17. Robert G. Kaiser, "Russia's Enigmatic President", *Washington Post*, 15 de outubro de 2000, p. B3.

18. Anna Dolgov, "Book Called Propaganda for Putin", *Associated Press*, 29 de setembro de 2000.

19. Robert G. Kaiser, "Russia's Enigmatic President", *Washington Post*, 15 de outubro de 2000, p. B3.

20. "Russian government spokesman denies Putin personality cult", 25 de junho de 2002, *RIA*, Moscou, tal como publicado pelo Center for Defense Information.

21. John Lloyd, "The Logic of Vladimir Putin", *New York Times Magazine*, 19 de março de 2000, p. 65.

22. Giles Whittel, "Putin lines up old KGB pals to run Kremlin", *The Times*, Londres, 14 de fevereiro de 2000.

23. Ibid.

24. "Putin strengthens Kremlin's power", *BBC News Online*, World Europe, 14 de maio de 2000.

25. David Hoffman, "Russian Security Service Revived under Putin", *Washington Post*, 8 de dezembro de 2000.

26. Kathy Lally, "Pardons turn rare in Putin's Russia", *The Sun*, Baltimore, 14 de junho de 2001, p. 1.

27. Michael R. Gordon, "Putin, in a Rare Interview, Says He'll Use Ex-K.G.B. Aides to Root Out Graft", *New York Times*, 24 de março de 2000.

28. Detalhes sobre a atividade de Roman Malinovsky como oficial disfarçado do Okhrana podem ser encontrados em Robert Conquest, *Stalin: Breaker of Nations* (Nova Iorque: Viking, Penguin Group, 1991), pp. 47, 50, 51, 82.

29. Mikhalkov não fez segredo do fato de ser crítico do escritor dissidente Aleksander Solzhenitsyn e de Boris Pasternak, o autor de *Doutor Jivago*. Mikhalkov também deu a conhecer que continuava admirando Stálin.

30. "Russians tune up for Soviet-style start of the New Year", *Agence France Presse*, Moscou, 31 de dezembro de 2000.

31. "An American in Russia", *Washington Times*, editorial, 18 de dezembro de 2000.

32. Ibid., p. 2.

33. Editorial, "Russia's Spy Trials", *Washington Post*, 14 de março de 2001, p. 24.

34. Ibid.

35. Bradley Cook, "Putin: The Inside Story", *NewsMax.com*, 24 de março de 2000 <www.newsmax.com>.

36. Andrew Meier, "The Big Chill", *Time Europe*, 26 de junho de 2000, vol. 155, nº 25.

CAPÍTULO 35

1. David Harsanyi, "The United Nations' War Against Israel", *Capitalism Magazine*, 27 de maio de 2002, <http://www.capmag.com/article.asp?ID=1617>.

2. Frida Ghitis, "Yearning for a seat at the U.N.'s table", *Philadelphia Inquirer*, 16 de julho de 2004.

3. "The U.N.'s record vis a vis Israel", *News: Facts & Info Reference Desk*, <www.israelnationalnews.com/english/newspaper/ondisplay/ref/un-israel.htm>.

4. "Duma Deputy calls for the Extermination of all Jews in Russia", 10 de novembro de 1998, <www.fsumonitor.com>.

5. Jean Mackenzie, "Anti-Semitism is resurfacing in Russia", *Boston Globe*, 8 de novembro de 1998, <www.russialist.org/2466.html>.

6. Texto da carta do senado americano, incluindo lista de assinaturas organizada alfabeticamente, publicada em <www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/History/Human_Rights/98sens.html>.

7. "New racism declaration unveiled", *CNN.com/WORLD*, 4 de setembro de 2001.

8. Reuters, "Mandela urges fight against racist 'contagion'", *New York Times*, 1° de setembro de 2001.

9. Pamela Constable, "U. S., Israel Quit Forum on Racism", *Washington Post*, 4 de setembro de 2001.

10. Betsy Pisik, "U. S. walks out of conference on racism", *Washington Times*, 4 de setembro de 2001.

11. Rich Lowry, "Setting standards to cope with Arafat", *Washington Times*, 23 de março de 2002.

12. Charles Krauthammer, "Me thinks thou do protest too much", *Townhall.com*, 23 de novembro de 2001.

13. Arnaud de Borchgrave, "Militant Islam's ambuscade", *Washington Times*, 1° de novembro de 2001.

14. Damon Johnston, "New York survivor's son turns traitor", *The Courier-Mail*, 10 de novembro de 2001.

15. Nick Fielding, "Encyclopedia of Terror", *The Sunday Times*, 4 de novembro de 2001.

CAPÍTULO 36

1. Stella Rimington, "'Humint' Begins at Home", *Wall Street Journal*, 3 de janeiro de 2005.

2. Ben Shapiro, "Keep an eye on Russia", *Townhall.com*, 23 de agosto de 2002.

3. George F. Will, "Israel's best defense", *Washington Post*, 15 de agosto de 2010, p. A13.

4. "Iran will build uranium enrichment centers, nuclear chief says", *CNN*, 16 de agosto de 2010.

5. Zhou Enlai nasceu numa rica família chinesa e foi mandado estudar na França (1922-24), onde pegou o vírus comunista e criou em 1924 o Jovem Grupo Comunista Chinês, sediado em Paris.

6. William Taubman, *Khrushchev vs. Mao: A Preliminary Sketch of the Role of Personality in the Sino-Soviet Split*, Cold War International History Project Bulletin (Washington, DC: Woodrow Wilson International Center for Scholars, inverno de 1996-97), p. 243.

7. Yang Zheng, "China's Nuclear Arsenal", *National University of Singapore*, 6 de março de 1996, <http://www.kimsoft.com/korea/ch-war.htm>.

CAPÍTULO 37

1. Douglas J. Brown, "Chekists Around the World Celebrate 9/11", *NewsMax.com*, 19 de setembro de 2002, <www.newsmax.com/archives/articles/2002/18/170000.shtml>.

2. "Putin admits Russia's anti-Semitism", *AFP Daily Dispatch*, 3 de fevereiro de 2005.

3. Luke Harding, "Putin, the Kremlin power struggle and the $40bn fortune", *The Guardian*, 21 de dezembro de 2007.

4. Ibid.

5. Adrian Blomfield, "Israel humbled by arms from Iran", *The Telegraph*, 15 de agosto de 2006.

6. Paul Weitz, "Hezbollah, Already a Capable Military Force, Makes Full Use of Civilian Shields and Media Manipulation", *JINSA Online*, 12 de agosto de 2006.

7. Ya Libnan, "Hezbollah confirms its cell members escaped Egyptian jails", 3 de fevereiro de 2011, <http://www.yalibnan.com/2011/02/03/hezbollah-confirms-its-cell-members-escaped-egyptian-jails>.

8. A Irmandade, ou Irmandade Muçulmana, é uma organização fundamentalista islâmica cujo *slogan* é "O Islã é a solução". A sua "Meta Estratégica Geral para o Grupo na América do Norte" torna claros os seus objetivos: "O processo de acomodação é um 'Processo Civilizacional-Jihadista' na acepção plena da palavra. Os Ikhwan devem compreender que seu trabalho na América é uma espécie de grande Jihad ao eliminar e destruir a civilização ocidental desde dentro e ao 'sabotar' o seu infeliz lar por meio das mãos deles e das mãos dos fiéis, para que assim essa civilização seja eliminada e a religião de Deus saia vitoriosa sobre todas as outras religiões".

9. "Hizbullah Breaks 22 Terrorists out of Egyptian Jail", *Virtual Jerusalem*, 4 de fevereiro de 2011, <http://www.virtualjerusalem.com/news.php?option=com_content&view=article&id=2512:hizbullah-breaks-22-terrorists-out-of-egyptian-jail&catid=1:headlines&Itemid=2512>.

10. "Hezbollah Chief Praises Tunisian, Egyptian Protesters, yaLIBNAN", 7 de fevereiro de 2011, <http://www.yalibnan.com/2011/02/07/hezbollah-chief-praises-tunisian-egyptian-protests-attacks-us/>.

11. O Centro de Inteligência e Informação sobre Terrorismo Meir Amit, antes chamado apenas de Centro de Inteligência e Informação sobre Terrorismo, é uma ONG israelense. Foi renomeada em homenagem a Meir Amit, que serviu como diretor do Mossad de 1963 a 1968. O centro é dirigido pelo ex-oficial de inteligência militar Dr. Reuven Ehrlich. O centro é com freqüência visto como "a face pública da inteligência israelense".

12. Ion Mihai Pacepa, "The Arafat I Knew", *Wall Street Journal*, 12 de janeiro de 2002.

13. "Speech of numbers", *Peace for Israel*, 5 de janeiro de 2003 (publicado em <http://israel.wz.cz/numbers.html>).

14. Thomas L. Friedman, "The New Math", *New York Times*, 15 de janeiro de 2002, p. A23.

15. Yevgenia Albats, *The KGB: The State Within a State*, p. 23 (Nova Iorque: Farrar, Straus, Giroux, 1994).

16. V. Goldfarb e Litvinenko; Cowell; "UK wants to try Russian for Litvinenko murder", *The Guardian*, 26 de janeiro de 2007.

17. Daniel McGrory e Tony Halpin (20 de janeiro de 2007), "Police match image of Litvinenko's real assassin with his death-bed description", *London Times Online*.

18. "Russian faces Litvinenko charge", *BBC News*, 22 de maio de 2007, <http://news.bbc.co.uk/1/hi/uk/6678887.stm>, (restaurado em 22 de maio de 2007).

19. "Wrap: Lugovoi says innocent, Berezovsky behind Litvinenko murder", Moscou: *RIA Novosti*, 29 de agosto de 2007, <http://en.rian.ru/russia/20070829/75649246.html> (acessado em 16 de março de 2010).

20. "Ivan Safronov was killed: Prosecutor begins an investigation of 'incitement to suicide'", *Kommersant*, 6 de março de 2007.

21. <http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_journalists_killed_in_Russia>.

22. Seamus Martin, "Russian Patriarch was KGB agent, Files Say", *The Irish Times*, 23 de setembro de 2000, como publicado em <www.orthodox.net/russia/2000-09-23-irish-times.html>.

23. "Russian Orthodox Church chooses between 'ex-KGB candidates' as patriarch", *TimesOnline*, 26 de janeiro de 2009. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*.

CAPÍTULO 38

1. Mark Lilla, "The Politics of Jacques Derrida", *The New York Reviews of Books*, 25 de junho de 1998 (edição *online*).

2. Waller R. Newell, "Postmodern Jihad: What Osama bin Laden learned from the Left", *The Weekly Standard*, 26 de novembro de 2001, p. 26

3. Michael Hardt e Antonio Negri, *Empire* (Londres: Harvard University Press, 2000), p. 28.

4. David Pryce-Jones, "Evil Empire, the Communist 'hot, smart book of the moment'", *National Review Online*, 17 de setembro de 2001.

5. *Statement Against the U.S. war on Iraq and for the peaceful solution of the problem*, 14 de dezembro de 2002.

6. *Announcement of WPC Secretariat*, 14 de dezembro de 2002.

7. *Statement Against the U.S. war on Iraq and for the peaceful solution of the problem*, 14 de dezembro de 2002.

8. "World Demands Regime Change in Washington", *Workers World.org*, Newstand, 10 de abril de 2003, vol. 45, nº 14.

9. *Presidency 2000*, Politics1, como publicado em <www.politics1.com>.

10. *About Workers World*, como publicado em <www.workers.org>.

11. "Largest anti-war rally", *Guinness Book of Records*, 2004.

12. Uma lista completa de subscreventes pode ser encontrada na *internet*.

13. Perguntas sobre transporte/local do evento, <www.internationalanswer.org/campaign/a12transp.html>.

14. "Schroeder attacked over gas post", *BBC News*, 10 de dezembro de 2005, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/4515914.stm>.

15. "Gerhard Schroeder's Sellout", *Washington Post*, 13 de dezembro de 2005.

16. Dunphy, Harry (13 de junho de 2007). "Lantos Raps Former European Leaders", *Associated Press*, <http://www.usatoday.com/news/washington/2007-06-13-2870151492_x.htm>.

CAPÍTULO 39

1. *Statement of John F. Kerry before the Senate Committee on Foreign Relations*, 22 de abril 1971, p. 2, <www.nationalreview.com/script/printpage.asp?ref=document/kerry200404231047.asp>.

2. Clifford D. May, "Side Show", *National Review On Line*, 28 de abril de 2004.

3. Marvin E. Gettleman, *Vietnam and America: A Documented History*, Nova Iorque: Grove Press, 1985, p. 54.

4. Joseph Libermann, "Democrats and Our Enemies", *Wall Street Journal*, 21 de maio de 2008.

5. David Horowitz, "Stab in the Back", *FrontPage Magazine*, 12 de fevereiro de 2004.

6. Doug Donovan, "O'Malley Takes the Heat for Remarks about Bush", *Baltimore Sun*, 1º de julho de 2004.

7. "They want four more years of hell", Teresa Heintz Kerry, responding to a Bush supporter yelling 'four more years' at a Democratic rally in Missouri", *TIME*, Special Report, 16 de agosto de 2004, p. 19.

8. Robert Amsterdam, *Obama and McCain Fumble Russian Debate*, 9 de outubro de 2008, <http://www.robertamsterdam.com/2008/10/obama_and_mccain_both_fumble_r.htm>.

9. Stéphane Courtois, *Le Livre Noir du communisme: Crimes, terreur, répression* (Èdition Robert Laffont, Paris, 1997), pp. 258-264.

10. Harry de Quetteville e Andrew Pierce, "Russia threatens nuclear attack on Poland over US missile shield deal", *Telegraph.co.uk*, 15 de agosto de 2008.

11. Os dígitos são os últimos números do código postal, e o nome pertence ao da cidade grande mais próxima; era uma prática comum nomeá-las dessa maneira.

12. Murray Feshbach, "The Toxic Archipelago in the Former U.S.S.R, An Empire of Deadly Waste", *Washington Post*, 11 de julho de 1993, p. C1.

13. <http://www.answers.com/topic/reset>.

14. Gary B. Nash, Julie Roy Jeffrey, John R. Howe, Allen F. Davis, Allan M. Winkler, Charlene Mires e Carla Gardina Pestana, *The American People, Concise Edition Creating a Nation and a Society*, vol. único, 6ª edição (Nova Iorque: Longman, 2007).

15. Elizabeth E. Spalding, *The First Cold Warrior: Harry Truman, Containment, and the Remaking of Liberal Internationalism* (University Press of Kentucky, 2006).

16. O Comitê Americano para a Liberdade dos Povos da URSS teve início em 1951, e sua estação de transmissão ficou conhecida como Rádio Liberdade. Para mais informações sobre o *Voz da América*, v. David F. Krugler, *The Voice of America and the Domestic Propaganda Battles, 1945–1953* (Columbia: University of Missouri Press, 2000); para mais informações sobre a Rádio Liberdade, v. Arch Puddington, *Broadcasting Freedom: The Cold War Triumph of Radio Free Europe and Radio Liberty* (Lexington: The University Press of Kentucky, 2000).

17. Nestor Ratesh, "Radio Free Europe's Impact in Romania during the Cold War", texto preparado para Conferência sobre o Impacto das Transmissões de Rádio na Guerra Fria, Stanford, CA, 13 a 15 de outubro 2004.

18. "War in the Caucasus", *The Wall Street Journal*, 9 de agosto de 2008, p. A10.

19. "Russian army chief: We'll use nuclear weapons if threatened", *Associated Press*, 19 de janeiro de 2008.

CAPÍTULO 40

1. Denis Woychuk, "KGB Bar - A Brief and Distorted History", <www.kgbbar.com/bar>.

2. "American capitalism gone with a whimper", *Pravda*, 27 de abril de 2004.

3. Jacques Derrida, "From Specters of Marx: What is Ideology?", extraído de *Specters of Marx, the state of the debt, the Work of Mourning, & the New International*, tradução de Peggy Kamuf (Routledge, 1994), tal como publicado em <http://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/fr/derrida.2htm>, pp. 1-3.

4. Edward Marshall, "The War an Economic Disaster", *New York Times*, Magazine Section, 6 de junho de 1915, p. SM15.

CAPÍTULO 41

1. David S. Broder, "Obama's Enigma", *Washington Post*, 13 de julho de 2008, p. B7.

2. John Barron, *KGB: The Secret Work of Soviet Secret Agents* (Nova Iorque: Reader's Digest Books, 1974, reimpressão da Bamtam Books), p. 429.

3. Zhores Medvedev, *Gorbachev* (Nova Iorque: Norton, 1987), p. 37.

4. Mikhail Gorbachev, *Perestroika: New Thinking for Our Country and the World* (Nova Iorque: Harper & Row, 1987), *passim*.

5. Tom Baldwin, "Schools are still crumbling in corridor of shame' haunted by the old South", *Timesonline*, 28 de janeiro de 2008.

6. James Joyner, "Obama Che Guevara Flag Scandal", *Outside the Beltway*, 12 de fevereiro de 2008, tal como postado em <www.outsidethebeltway.com/archives/2008/02/obama_che_guevara_flag_scandal/>.

7. <http://www.youtube.com/watch?v=oQNkVmdicvA&feature=related>.

8. "How Many Speeches Did Obama Give?", *newswine.com*, 16 de julho de 2010, tal como postado em <http://joysteele.newswine.com/_news/2010/07/16/4691800-how-many-speeches-did-obama-give>.

9. "Right-Wing Media Fixated On Obama's 'Shamless' Bin Laden Speech", *MEDIAMATTERS*, 3 de maio de 2011, <http://mediamatters.org/research/201105030031>.

10. George Landrith, "The 'it's all about me' president", *The Daily Caller*, 5 de maio de 2011, tal como postado em <http://dailycaller.com/2011/05/03/the-its-all-about-me-president/>.

11. <http://wiki.answer.com/Q/How_many_speeches_did_Obama_give>.

12. David Jackson, "Obama's first term by the numbers", *USA Today*, 10 de janeiro de 2013, <http://www.usatoday.com/story/theoval/2013/01/20/obama-first-term-numbers-mark-knoller/1849141/?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+usatoday-NewsTopStories+(News+-+Top+Stories)>.

13. Peter Kinder, "Missourians Reject Obama's Brand of Radical Liberalism", *Human Events*, 10 de maio de 2008, tal como postado em <http://www.humanevents.com/2008/05/30/missourians-rejectobamas-brand-of-radical-liberalism/>.

14. "Joe the Plumber", vídeo da *ABC News*, 15 de outubro de 2008.

15. Jonathon M. Seidl, "Obama Compares Himself To Reagan: Republicans Aren't Accusing Him Of 'Being Socialist'", *The Blaze*, 5 outubro de 2011, tal como postado em <http://www.theblaze.com/stories/obama-compares-himself-to-ronald-reagan-republicans-arent-accusing-himof-being-socialist/>.

16. Alexandra Petri, "Obama is up there with Lincoln, Roosevelt, and Johnson", *Washington Post*, 12 de dezembro de 2011, PostOpinions.

17. David Nakamura, "Obama invokes Teddy Roosevelt in speech attacking GOP policies", *Washington Post*, 6 de dezembro de 2011.

18. Ross Kaminsky, "What Will Obama's Plans Cost the Nation?", *Human Events*, 17 de março de 2008, *online* em <http://www.blnz.com/news/2008/05/13/What_Will_Obamas_Plans_Cost_4036.html>.

19. Ibid., p. 1.

20. "Video of the week: We have to pass the bill so you can find out what is in it", *The Heritage Foundation*, 10 de março de 2010.

21. Lt. Col. Oliver North, "I Am an Extremist", *FoxNews.com*, 16 de maio de 2009, <http://www.foxnews.com/on-air/war-stories/2009/04/16/i-am-extremist>.

22. Doug Mainwaring, "We are all Tea Partiers now", *Washington Times*, 30 de setembro de 2010, p.1.

23. "Rep. Maxine Waters has a socialist Freudian slip", *Newsreal*, 1° de agosto de 2009, áudio ao vivo postado em <http://www.newsrealblog.com/2009/08/01/fox-rep-maxine-waters-has-a-socialist-freudian-slip/>.

24. Lawrence Summers, "Why isn't capitalism working?", *Reuters*, 9 de janeiro de 2012, <http://blogs.reuters.com/lawrencesummers/2012/01/09/why-isnt-capitalism-working/>.

25. Robert Reich, "Why Obama Should be Attacking Casino Capitalism – Both Romney's Bain and JPMorgan", *Politico*, 8 de junho de 2012, <http://www.huffingtonpost.com/robert-reich/obama-bain-romney_b_1537449.html>.

26. <http://www.washingtonpost.com/politics/mitt-romneys-prep-school-classmates-recall-pranks-but-also-troubling-incidents/2012/05/10/gIQA3WOKFU_story.html>.

27. <http://mistermikejones.tumblr.com/post/22792231746/what-happened-to-john-lauber>.

28. <http://www.newsmax.com/Newsfront/Romney-bully-hair-Lauber/2012/05/11/id/438800>.

29. <http://mistermikejones.tumblr.com/post/22792231746/what-happened-to-john-lauber>.

30. Mark Thompson, *Werner Sombart and American Exceptionalism*, Münster, Lit Verlag, ISBN 978-3-8258-5179-5.

CAPÍTULO 42

1. James Welsh enviou ao autor cópias desses documentos.
2. Kenneth R. Timmerman, "Arafat Murdered US Diplomats, Could Face DOJ Arrest Warrant", *Insight Magazine*, 4 de junho de 2001.
3. Julian Becker, *The PLO: The Rise And Fall Of The Palestine Liberation Organization* (Nova Iorque: St. Martin's Press, 1984), p. 41.
4. Suzanne Fields, "The Ghosts of Auschwitz", *townhall.com*, 10 de dezembro de 2001.
5. Christopher Andrew e Oleg Gordievsky, *KGB: The Inside Story* (Nova Iorque: Harper Collins, 1990), p. 545.
6. Em 1969, o Egito de Nasser era o destino de 43% de toda a ajuda soviética para o Terceiro Mundo.
7. A reunião aconteceu em Barcelona, em abril de 1969, como descrito em Claire Sterling, *The Terror Network* (Nova Iorque: Reader's Digest Press, 1981), p. 115.
8. Michael Freund, "73% Increase in Israelis killed in 2 Years Since Oslo", <*mbf@actom.co.il*>, 15 de setembro de 1995.
9. "Speech of numbers", *Peace for Israel*, 5 de janeiro de 2003.
10. Thomas L. Friedman, "The New Math", *New York Times*, 15 de janeiro de 2002, p. A23.
11. "Clinton's Praise of Arafat's 'Decades' of PLO Leadership Implicitly Justifies Terrorism", *Zionist Organization of America*, 28 de outubro de 1998 (edição *online*), <www.zoa.org/pressrel/1998/1028a.htm>.
12. "Yasser Arafat, Poloniu Poisoning and the Curies", *HUFFPOST*, 27 de novembro de 2012.
13. "The originator of the acts of terrorism in London was standing near Tony Blair", *UK Indymedia*, 19 de julho de 2005, <http://www.indymedia.org.uk/en/regions/london/2005/07/318875.html>.
14. Ludwig De Braeckeleer, "Was Romano Prodi the Top Man in Italy?", *Ohmy News International*, 23 de novembro de 2006.
15. Ferdinando Imposimato e Sandro Provvisionato, *Doveva morire. Chi ha ucciso Aldo Moro*, Chiarelettere, 2008, Cap. 9: "La lunga mano del KGB"; "Mitrokhin Commission", *Wikipedia*, dezembro de 2012.
16. Philip Wilian, "KGB linked to Prodi's ghostly insight, The European Commission special Report", *The Guardian*, 20 de outubro de 1999.
17. Christopher Andrew e Vasily Mitrokhin, *The Sword and the Shield: The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB* (Nova Iorque: Basic Books, 1999), p. 382.

18. Douglas Frantz e James Risen, "A Secret Iran-Arafat Connection Is Seen Fueling the Mideast Fire", *New York Times*, 23 de março de 2002 (edição *online*).

19. Dan Ephron, "Israel captures 50 tones of Iranian arms", *Washington Times*, 5 de janeiro de 2002, edição *online*.

20. "Passover suicide bombing at Park Hotel in Netanya - 27 - March - 2002", *Israel Ministry of Foreign affairs*, 27 de março de 2002.

21. "The 'Massacre' In Jenin", *Peace with Realism*, tal como postado em <http://peacewithrealism.org/pdc/jenin.htm>.

22. Corky Siemaszko, "13 Slain by Boy Bomber", *Daily News*, 10 de abril de 2002 (edição *online*).

23. Gerald M. Steinberg, "Arafat's Leninist Strategy", *National Review Online*, 22 de abril de 2002.

24. Matt Rees, "The Battle of Jenin", *Time Magazine*, 7 de maio de 2002 (edição *online*).

25. Betsy Pisik and Ben Barber, "Powel finds no proof of Israeli massacre in Jenin", *Washington Times*, 25 de abril de 2002, p. 1 (edição *online*).

26. Joel Mowbray, "Arafat elected?", *National Review Online*, 25 de abril de 2002.

27. "Follow-up to the outcome of the Millennium Summit: Note by the Secretary-General", *United Nations, General Assembly, Fifty-ninth session*, item 55 da Agenda, p. 3.

28. "Amr M. Moussa: A Nationalist Vision for Egypt", *The Middle East Quarterly*, setembro de 1996, vol. III, p. 2.

CAPÍTULO 43

1. Ion Mihai Pacepa, "Left-Wing Monster: Ceausescu", *Frontpagemag.com*, 10 de fevereiro de 2006, tal como publicado em <http://archive.frontpagemag.com/Printable.aspx?ArtId=5730>.

2. Petr Chaadayev, *Russian sociologist*, Moscou, 1854.

CAPÍTULO 44

1. Arnaud de Borchgrave, "Romanian Spies Under Scrutinity", *United Press International*, 13 de fevereiro de 2004.

2. "Magistratii ICCJ, inainte de a fi comunisti sunt imbecili" (Antes de serem comunistas, magistrados da Suprema Corte Romenos são imbecis), *ZIUA*, Bucareste, 31 de janeiro de 2009, p. 1.

3. "The U.S. anti-missile project in Romania: New administration, same old policy", *RIANOVOST*, 24 de fevereiro de 2010 (http://en.rian.ru/analysis/20100224/157995687.html).

4. "Magistratii ICCJ, inainte de a fi comunisti sunt imbecili" (Antes de serem comunistas, magistrados da Suprema Corte Romenos são imbecis), *ZIUA*, Bucareste, 31 de janeiro de 2009, p. 1.

5. <http://www.ziaristionline.ro/2012/05/08/interviu-larry-watts-din-1960-pana-in-septembrie-1989-romania-a-fost-incadrata-in-grupul-statelor-ostile-urss-alaturi-de-sua-rfg-siisrael/>; <http://www.ziaristionline.ro/2012/03/16/pacepa-a-recunoscut-in-fata-directorului-cia-ca-a-fost-agent-kgb-interviu-bookiseala-cu-larry-watts-am-dat-de-perete-cu-usa-secretelor-dar-mai-sunt-multe-incaperi-si-coridoare-intunecate/)>; <http://www.stiriazi.ro/ziare/articol/articol/pacepa-a-recunoscut-in-fata-directorului-cia-ca-a-fost-agent-kgb-interviu-bookiseala-cu-larry-watts--am-dat-de-perete-cu-usa-secretelor-dar-mai-sunt-multe-incaperi-si-coridoare-intunecate/sumar-articol/50842328/>; <http://carte.ubix.ro/detalii/pacepa-a-recunoscut-in-fata-directorului-cia-ca-a-fost-agent-kgb-interviu-bookiseala-cu-larry-watts-am>; <http://www.bookiseala.ro/interviu-bookiseala-cu-larry-watts-am-dat-de-perete-cu-usa-secretelor-dar-mai-sunt-multe-incaperi-si-coridoare-intunecate/72369.html>; <http://liviudrugus.wordpress.com/2012/07/04/larry-l-watts-despre-foarte-discretul-management-romanesc-al-prieteniilor-prea-evidente-3/>; <http://www.bookiseala.ro/cum-se-explica-succesul-cartii-lui-larry-watts/71251.html>; <http://roncea.ro/2012/07/23/exclusiv-in-atentia-lui-traian-basescu-a-sri-si-spp-documente-cia-care-probeaza-ca-sistemul-de-securitate-american-nu-l-a-luat-in-seama-pe-agentul-sovietic-ion-mihai-pacepa-un-indemn-catre-presedi/>.

6. Ibid.

7. Serviciul Roman de Informatii (Serviço de Inteligência Romeno), *Cartea Alba a Securitatii* (O Livro Branco da Securitate), Bucareste, 1994.

8. Serviciul Roman de Informatii (Serviço de Inteligência Romeno), *Cartea Alba a Securitatii* (O Livro Branco da Securitate), Bucareste, Editura Presa Românească, 1996.

9. "Casa Pacepa Demolată" (Casa de Pacepa demolida), *ZIARE.com*, 6 de março de 2009, <http://www.ziare.com/articole/casa+pacepa+demolata>.

10. *President Nicolae Ceausescu's State Visit to the USA: April 12-17, 1978*, edição em inglês (Bucareste: Meridiane Publishing House, 1978), p. 78.

11. Roger Kirk e Mircea Raceanu, *Romania Versus the United States: Diplomacy of the Absurd, 1985-1989* (Washington: Institute for the Study of Diplomacy, 1994), p. 155.

12. O autor tem uma cópia da carta.

13. O autor tem a carta original. Também foi citada em minha carta ao editor, publicada em *New York Times Book Review*, 27 de março de 1988, p. 49.

14. O autor tem a carta original.

EPÍLOGO

1. <http://www.freerepublic.com/focus/f-news/1877557/posts>.

2. "World: Was Soviet Collapse Last Century's Worst Geopolitical Catastrophe?, Radio Free Europe - Radio Liberty", 27 de dezembro de 2012, <http://www.rferl.org/content/article/1058688.html>.

3. "US intellectuals call for European criticism of US war on terror", *Agence France Presse*, 9 de abril de 2001, 14h10min (edição *online*).

4. John Pilger, "War on Terror: The Other Victims: The irresponsibility of this conflict is breathtaking", *Mirror.co.uk*, 29 de outubro de 2001.

5. Mark Goldblatt, "French Toast", *National Republic Online*, 13 de dezembro de 2001, 8h45min.

6. "Announcement For Candidacy For Presidency", *Washington, D.C.*, 16 de março de 1968, como publicado em <http://rfkcenter.org/announcement-for-candidacy-for-presidency>.

7. "Top 10 Reasons To Be Proud Of The United States", <http://www.toptenz.net/top-10-reasons-to-be-proud-of-the-united-states.php>.

8. Ibid.

9. Ibid.

10. "List of countries by Nobel laureates per capita", Wikipedia, <http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_countries_by_Nobel_laureates_per_capita>.

11. Gary Shapiro, "Is America the Greatest Country in the World?", *Forbes.com*, 25 de julho de 2012, como publicado em <http://www.forbes.com/sites/garyshapiro/2012/07/25/is-america-the greatstcountry-in-the-world/>.

12. Ion Mihai Pacepa, "Do as I Did, An open letter to Saddam Hussein's generals", *National Review Online*, 22 de março de 2003, <http://www.nationalreview.com/content/do-i-did>.

BIBLIOGRAFIA

Actes et Documents du Saint Siège Relatifs à la Seconde Guerre Mondiale, Volumes I-XI (Libreria Editrice Vaticana: Città del Vaticano, 1965–1981); English edition (volume one only; Corpus Books: Washington, DC, Gerard Noel, ed. 1967–1977). Volume III is split into two books; thus some authors refer to 12 volumes instead of 11.

Akmadža, Miroslav. *The Position of the Catholic Church in Croatia 1945–1970*, Review of Croatian History 2/2006, no.1, 89.

Albats, Yevgenia. *The KGB: The State Within a State* (New York: Farrar, Straus, Giroux, 1994).

Alexander, Stella. *Croatia: The Catholic Church and Clergy, 1919–1945*, in *Catholics, the State, and the European Radical Right, 1919–1945*, edited by Richard J. Wolff and Jorg K. Hoensch (New York: Columbia University Press, 1987).

——— *The Triple Myth* (1987): *A Life of Archbishop Alojzije Stepinac (Boulder: East European Monographs, 1987).*

Alvarez, David. *Spies in the Vatican: Espionage & Intrigue from Napoleon to the Holocaust* (Lawrence: University Press of Kansas, 2002).

Alvarez, David & Robert A. Graham. *Nothing Sacred: Nazi Espionage against the Vatican 1939–1945* (London: Frank Cass, 1997).

Ambrosini, Maria Luisa. *The Secret Archives of the Vatican* (New York: Barnes & Noble Books, 1996).

The American Jewish Yearbook, 1943–1944 (Philadelphia: Jewish Publication Society, 1944).

Andrew, Christopher & Oleg Gordievsky. *KGB: The Inside Story* (New York: HarperCollins, 1990).

Andrew, Christopher & Vasili Mitrokhin. *The Sword and the Shield: The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB* (New York: Basic Books, 1999).

Barron, John. *KGB: The Secret World of Soviet Secret Agents* (New York: Reader's Digest Press, 1974).

Barton, Dennis. *Croatia 1941–1946* (The Church in History Information Centre, 2006).

Besier, Gerhard & Francesca Piombo. *The Holy See and Hitler's Germany* (Basingstroke, UK: Palgrave Macmillan, 2007).

Bittman, Ladislav. *The KGB and Soviet Disinformation: An Insider's View* (Washington, DC: Pergamon- Brassey's International Defense Publishers, 1985).

The Black Book of Communism (Murphy & Kramer, trans. Cambridge: Cambridge University Press, 1999).

Blet, Pierre. *Pius XII and the Second World War* (New York: Paulist Press, Lawrence J. Johnson trans., 1999).

Bozanić, Cardinal Josip. *The Most Illustrious Figure of the Church in Croatia: Pastoral letter on the occasion of the centenary of the birth of the Servant of God Cardinal Alojzije Stepinac*, March 1, 1998, reprinted in Cardinal Josip Bozanić, *Blaženi Alojzije Stepinac, Baština koja obvezuje* (Zagreb: Glas Koncila, 2008).

Brent, Jonathan. *Inside the Stalin Archives* (New York: Atlas & Co., 2008).

Brüning, Heinrich. *Memoiren, 1918–1934* (Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1970).

Bulajic, Milan. *The Role of the Vatican in the Break-Up of the Yugoslav State* (Belgrade: Ministry of Information of the Republic of Serbia,1993).

Burleigh, Michael. *The Cardinal Basil Hume Memorial Lectures: Political Religion and Social Evil*, 3 Totalitarian Movements and Political Religions 1 (Autumn 2002).

——— *Death and Deliverance: Euthanasia in Nazi Germany, 1900–1945* (New York: Cambridge University Press, 1994).

——— *Earthly Powers: The Clash of Religion and Politics in Europe from the French Revolution to the Great War* (New York: Harper Collins, 2006).

——— *Sacred Causes: The Clash of Religion and Politics, From the Great War to the War on Terror* (New York: HarperCollins, 2007).

——— *The Third Reich: A New History* (New York: Hill & Wang, 2001).

Burns, Jeffrey M. *No Longer Emerging: Ramparts Magazine and the Catholic Laity, 1962–1968*, US Catholic Historian, vol. 9:3 (1990).

Carroll, James. *Constantine's Sword: The Church and the Jews: A History* (Boston: Houghton Mifflin Co., 2001).

Carroll-Abbing, John Patrick. *But for the Grace of God—The Houses Are Blind* (New York: Delacorte Press, 1965).

——— *A Chance to Live: The Story of the Lost Children of the War* (London: Longman, Green & Co., 1952).

Catholics Remember the Holocaust (United States Catholic Conference: Washington, DC, 1988).

Chadwick, Owen. *A History of Christianity* (St. Martin's Press: New York, 1995).

——— *Britain and the Vatican During the Second World War* (Cambridge: Cambridge University Press, 1986).

——— *Weizsäcker, the Vatican, and the Jews of Rome*, 28 Journal of Ecclesiastical History 179 (April 1977).

Chambers, Colin. *Inside the Royal Shakespeare Company: Creativity and Institution* (London and New York: Routledge, 2004).

Chambers, Whittaker. *Witness* (New York: Random House, 1952).

Chronicle of the 20th Century (Mount Kisco, NY: Chronicle Publications, C. Daniel, ed., 1986).

Cianfarra, Camille. *The Vatican and the War* (New York: Literary Classics, Inc., distributed by E.P. Dutton & Company, 1944).

The Ciano Diaries (New York: Doubleday & Company, Inc., Hugh Gibson, ed., 1946).

Congregation for the Causes of Saints, *Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Pii XII (Eugenii Pacelli) Summi Pontificis (1876–1958): Positio Super Vita, Virtutibus et Fama Sanctitatis* (Rome, 2004) [the *Positio*].

Conway, John S. *The Nazi Persecution of the Churches 1933-45* (London: Weidenfeld and Nicolson, 1960; and New York: Basic Books,1969).

——— *The Vatican, Great Britain, and Relations with Germany, 1938–1940*, XVI The Historical Journal, 147 (1973).

Cooney, John. *The American Pope: The Life and Times of Francis Cardinal Spellman* (New York: Times Books, 1984).

Cornwell, John. *Breaking Faith: The Pope, the People, and the Fate of Catholicism* (New York: Viking Press, New York, 2001).

——— *Hitler's Pope: The Secret History of Pius XII* (New York: Viking Press, 1999; and New York: Penguin Books, 2008).

——— *The Pontiff in Winter* (New York: Doubleday, 2004).

Costello, John and Oleg Tsarev. *Deadly Illusions* (New York: Crown, 1993).

Cowell, Alan S. *The Terminal Spy* (London: Doubleday, 2008).

Crankshaw, Edward. *Khrushchev: A Career* (New York: Viking, 1966).

Crozier, Brian. *The Rise and Fall of the Soviet Empire* (Rocklin, CA: Forum, 1999).

Custine, Marquis Astolphe de. *Journey for our Time: The Russian Journals of the Marquis de Custine* (Washington, DC: Regnery, Phyllis Penn Kohler ed. & trans., 1987).

Dalin, David. *The Myth of Hitler's Pope* (Washington, DC: Regnery, 2005).

Davis, Melton S. *All Rome Trembled* (New York: G.P. Putnam's Sons, 1957).

Day, Edward. "Pius XII and the Hitler Plot", *Liguorian*, October 1968.

Days of Devotion: Daily Meditations from the Good Shepherd Pope John XXIII (New York: Penguin reprint, John P. Donnelly, ed., 1998).

The Defection of General Ion Mihai Pacepa. Radio Romania International. April 4, 2011. Transcript, <http://www.rii.ro/ahr-art.shtml?lang=2+sec=40+art=121082>.

Der Streit um Hochhuth's "Stellvertreter" (Basel/Stuttgart: Basilius Presse, 1963).

Deutsch, Harold C. *The Conspiracy against Hitler in the Twilight War* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1968).

Die Briefe an die Deutschen Bischöfe 1939–1944 (Grünewald: Mainz, Burkhart Schneider ed., 1966).

Diskin, Hanna. *The Seeds of Triumph: Church and State in Gomulka's Poland* (Budapest: Central European University Press, 2001).

Dunn, Dennis J. *The Catholic Church and Russia: Popes, Patriarchs, Tsars and Commissars* (Burlington, VT: Ashgate, 2004).

Encyclopedia of Catholic Social Thought, Social Science, and Social Policy (Lanham, MD: The Scarecrow Press, Michael L. Coulter et al., eds., 2007).

Epstein, Edward J. *Legend: The Secret World of Lee Harvey Oswald* (New York: Reader's Digest Press, 1978).

Esslin, Martin. "Brecht and the English Theatre". *The Tulane Drama Review,* 11:2 (Winter 1966).

Examining the Papacy of Pope Pius XII (Rome: Pave the Way Foundation, 2008).

Falconi, Carlo. *The Silence of Pius XII* (Boston: Little Brown, B. Wall trans. 1970).

Fatemi, Faramarz S. *The USSR in Iran: The Background History of Russian and Anglo-American Conflict in Iran* (A.S. Barnes & Co. 1980).

Feldkamp, Michael F. *Der Teufelspakt des Anti-Semiten,* in *Frankfurter Allgemeine Zeitung,* January 10, 2000, at 7.

Fisher, Desmond. *Pope Pius XII and the Jews: An Answer to Hochhuth's Play "Der Stellvertreter" (The Deputy)* (Glen Rock, N.J.: Paulist Press, 1965).

Frattini, Eric. *The Entity: Five Centuries of Secret Vatican Espionage* (New York: St. Martin's Press, 2008).

Freemantle, Brian. *KGB: Inside the World's Largest Intelligence Network* (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1982).

Friedländer, Saul. *Nazi Germany and the Jews, Volume I: The Years of Persecution, 1933–1939* (New York: HarperCollins, 1997).

——— *Pius XII and the Third Reich: A Documentation* (New York: Knopf, C. Fullman trans., 1966).

From Hitler's Doorstep: The Wartime Intelligence Reports of Allen Dulles, 1942–1945 (University Park: Pennsylvania State University Press, Neal H. Peterson, ed., 1996).

Frost, David. *An Autobiography* (London: HarperCollins, 1993).

Gahlinger, Anton J. *I Served the Pope* (Techny, IL: The Mission Press, 1952).

Gallagher, Charles R. *Vatican Secret Diplomacy: Joseph P. Hurley and Pope Pius XII* (New Haven: Yale University Press, 2008).

Gaspari, Antonio. *Gli ebrei salvati da Pio XII* (Rome: Edizioni Logos, 2001).

Gilbert, Martin. *Auschwitz and the Allies* (New York: Holt, Rinehart, & Winston, 1981).

——— *The Second World War: A Complete History* (New York: Henry Holt & Company, 1987).

Gitman, Esther. *A Question of Judgment: Dr. Alojzije Stepinac and the Jews*, Review of Croatian History Volume II, no.1 (January 2007): 47.

Godman, Peter. *Hitler and the Vatican: The Secret Archives That Reveal the New Story of the Nazis and the Vatican* (New York: Free Press, 2004).

Goldfarb, Alex, and Marina Litvinenko. *Death of a Dissident: The Poisoning of Alexander Litvinenko and the Return of the KGB* (New York: Free Press, 2007).

Goldhagen, Daniel J. *A Moral Reckoning: The Role of the Catholic Church in the Holocaust and Its Unfulfilled Duty of Repair* (New York: Alfred A. Knopf, 2002).

Golitsyn, Anatoliy. *New Lies for Old: The Communist Strategy of Deception and Disinformation* (New York: Dodd, Mead & Co., 1984).

Graham, Robert A. *Pius XII's Defense of Jews and Others: 1944-45* (Catholic League Publications: Milwaukee, 1987). This is also reprinted in *Pius XII and the Holocaust: A Reader* (Catholic League Publications: Milwaukee, 1988).

——— *Pope Pius XII and the Jews of Hungary in 1944* (United States Catholic Historical Society, undated).

——— *The Vatican and Communism During World War II: What Really Happened?* (San Francisco: Ignatius Press, 1996).

Hatch, Alden & Seamus Walshe. *Crown of Glory: The Life of Pope Pius XII* (New York: Hawthorn Books, 1957).

Haynes, John Earl, and Harvey Klehr. *Verona: Decoding Soviet Espionage in America* (New Haven: Yale University Press, 1999).

Haynes, John Earl, Harvey Klehr, and Alexander Vassiliev. *Spies: The Rise and Fall of the KGB in America* (New Haven: Yale University Press, 2009).

Hinkle, Warren. *If You Have a Lemon, Make Lemonade* (New York: W. W. Norton, 1974).

A History of the Third Reich, Vol. 4, Primary Sources (Farmington Hills, MI: Greenhaven Press, 2003; Jeff T. Hays, ed.).

Hitler, Adolf. *Mein Kampf* (Boston: Houghton Mifflin, Ralph Manheim trans., 1971).

Hochhuth, Rolf. *The Deputy* (New York: Grove Press, Winston trans., 1964).

——— *Soldiers* (New York: Grove Press, MacDonald trans., 1968).

Holmes, J. Derek. *The Papacy in the Modern World 1914–1978* (New York: Crossroad, 1981).

Hook, Sidney. *Out of Step: An Unquiet Life in the 20th Century* (New York: Harper & Row, 1987).

Hoover, J. Edgar. *Masters of Deceit* (Pocket Books, 1961).

Horowitz, David. *Radical Son: A Generational Odyssey* (New York: The Free Press, 1997).

Hughes, John Jay. *Pontiffs: Popes Who Shaped History* (Ft. Wayne: Our Sunday Visitor Books, 1994).

Kalugin, Oleg. *The First Directorate: My 32 Years in Intelligence and Espionage against the West* (New York: St. Martin's Press, 1994).

——— *Spymaster: My Thirty-Two Years in Intelligence and Espionage against the West* (New York: Basic Books, 2009).

Kasper, Cardinal Walter. "Recent Developments in Jewish-Christian Relations". Speech. Hope University, Liverpool. World Jewish Congress., May 24, 2010, <http://www.worldjewishcongress.org>.

Katz, Robert. *The Battle for Rome: The Germans, the Allies, the Partisans, and the Pope* (New York: Simon and Schuster, 2003).

——— *Black Sabbath: A Journey through a Crime against Humanity* (New York: Macmillan, 1969).

——— *Massacre in Rome* (New York: Ballantine, 1973; originally released as *Death in Rome*).

Kengor, Paul. *Dupes: How America's Adversaries Have Manipulated Progressives for a Century* (Wilmington: ISI Books, 2010).

Kent, Peter C. *The Lonely Cold War of Pope Pius XII* (Montreal & Kingston: McGill-Queen's University Press, 2002).

——— *A Tale of Two Popes: Pius XI, Pius XII and the Rome-Berlin Axis*, 23 Journal of Contemporary History 589 (1988).

Kertzer, David I. *The Popes against the Jews: The Vatican's Role in the Rise of Modern Anti-Semitism* (New York: Knopf, 2001).

Khrushchev, Nikita. *Khrushchev Remembers* (Boston: Little, Brown, Strobe Talbot, ed., 1970).

——— *Khrushchev Remembers: The Last Testament* (Boston: Little, Brown, Strobe Talbot, ed., 1974).

Koehler, John. *Spies in the Vatican: The Soviet Union's Cold War against the Catholic Church* (New York: Pegasus, 2009).

Krišto, Jure. *An American View of the Belgrade Episode of Archbishop Joseph P. Hurley* in *Review of Croatian History* (Vol. 4, December 2008) at 218.

——— *The Catholic Church and the Jews in the Independent State of Croatia*, Review of Croatian History (Vol. 3, February 2007), no.1, 13, 16.

——— *The Catholic Church in Croatia and Bosnia-Herzegovina in the Face of Totalitarian Ideologies and Regimes*, in *Religion under Siege: The Roman Catholic Church in Occupied Europe (1939–1950)* (Gevers & Bank, editors, 2007).

Kurzman, Dan. *A Special Mission: Hitler's Secret Plot to Seize the Vatican and Kidnap Pope Pius XII* (Cambridge: Da Capo Press, 2007).

Kustow, Michael. *Peter Brook: A Biography* (New York: St. Martin's Press, 2005).

Lackovic, Stephen. *The Case against Tito* (memorandum, 1947).

Lapide, Pinchas E. *Three Popes and the Jews* (New York: Hawthorn Books, 1967; London: Sands and Co., 1968).

Lapomarda, Vincent A. *The Jesuits and the Third Reich* (Lewiston, NY: Edwin Mellen Press,1989).

Lavretsky, I. *Ernesto Che Guevara* (Moscow: Progress Publishers, 1976).

Levai, Jenö. *Hungarian Jewry and the Papacy: Pius XII Did Not Remain Silent* (London: Sands and Co., 1968).

Lewy, Guenter. *The Catholic Church and Nazi Germany* (New York: McGraw-Hill, 1964).

Ley-Piscator, Maria. *The Piscator Experiment: The Political Theatre* (New York: James H. Heineman, Inc., 1967).

Lichten, Joseph L. *A Question of Judgment: Pius XII and the Jews,* in *Pius XII and the Holocaust: A Reader* (Milwaukee: Catholic League Publications, 1988).

Litvinenko, Alexander and Yuri Felshtinsky. *Blowing Up Russia: The Secret Plot to Bring Back KGB Terror* (New York: Encounter Books, 2007).

Löw, Konrad. *Die Schuld: Christen und Juden im Urteil der Nationalsozialisten und der Gegenwart* (Gräfelfing: Resch, 2003).

Lowry, Charles W. *Communism and Christ* (New York: Morehouse-Graham Co., 1953).

Lubac, Henri de. *Christian Resistance to Anti-Semitism: Memories from 1940–1944* (San Francisco: Ignatius, 1990).

Martin, Malachi. *The Keys of This Blood: Pope John Paul II Versus Russia and the West for Control of the New World Order* (New York: Touchstone, 1990).

Matijević, Margareta. *Religious communities in Croatia from 1945 to 1991: Social causality of the dissent between Communist authorities and religious communities' leadership*, Review of Croatian History (Vol. II, no.1, 2007), 117.

McCormick, Anne O'Hare. *Vatican Journal 1921–1954* (New York: Farrar, Straus & Cudahy, 1957).

McGurn, Barrett. *A Reporter Looks at the Vatican* (New York: Coward-McCann, 1962).

Medvedev, Zhores A. *Gorbachev (New York: Norton, 1986).*

Memorandum to General Donovan from Fabian von Schlabrendorff, dated October 25, 1945 (Subject: Relationship of the German Churches to Hitler), posted on the Internet by Cornell Law Library: Donovan Nuremberg Trial Collection, <http://library2.lawschool.cornell.edu/donovan/pdf/Nuremberg_3/Vol_X_18_04_01.pdf.>. This memorandum is also printed in Leo Stein, *Hitler Came for Niemoeller: The Nazi War against Religion* 253-57 (New York: Penguin Publishing Co., 2003 reprint ed.).

Merritt, Richard L. "Politics, Theater, and the East-West Struggle: The Theater as a Cultural Bridge in West Berlin, 1948–61," *80 Political Science Quarterly*, 186 (June 1965).

Merton, Thomas. *Dancing in the Water of Life* (San Francisco: Harper, 1998).

Miller, Marion. *I Was a Spy* (Indianapolis & New York: Boss-Merrill, 1960).

Mindszenty, József Cardinal. *Memoirs* (New York: Macmillan & Co., 1974).

Morgan, Thomas B. *The Listening Post: Eighteen Years on Vatican Hill* (New York: G.P. Putnam's Sons, 1944).

Müller, Joseph. *Bis zur Letzten Konsequenz* (Munich: Süddeutscher Verlag, 1975).

Murphy, David E. *What Stalin Knew: The Enigma of Barbarossa* (New Haven: Yale University Press, 2005).

Murphy, Francis X. *The Papacy Today* (New York: Macmillan, 1981).

Napolitano, Matteo L. & Andrea Tornielli. *Il Papa Che Salvò Gli Ebrei* (Piemme, 2004).

The Nazi Master Plan: The Persecution of the Christian Churches, documents prepared for the post-war Nuremberg trials, prepared by the Office of Strategic Services (OSS) Research and Analysis Branch, Posted on the Internet by Cornell Law Library: Donovan Nuremberg Trial Collection, <http://library2.lawschool.cornell.edu/donovan/pdf/Nuremberg_3/Vol_X_18_04_01.pdf.>.

Nielsen Jr., Niels C. *Solzhenitsyn's Religion* (Nashville, TN: Nelson, 1975).

O'Brien, Count Anthony Henry. *Archbishop Stepinac: The Man and His Case* (Westminster, MD: The Newman Bookshop, 1947).

O'Carroll, Michael. *Pius XII: Greatness Dishonored* (Dublin: Laetare Press, 1980).

Pacepa, Ion Mihai. "Moscow's Assault on the Vatican: The KGB made corrupting the Church a priority", *National Review Online*, January 25, 2007.

——— *Programmed to Kill: Lee Harvey Oswald, the Soviet KGB, and the Kennedy Assassination* (Chicago: Ivan R. Dee, 2007).

——— *Red Horizons: Chronicles of a Communist Spy Chief* (Washington, DC: Regnery Gateway, 1987).

Papée, Casimir. *Pius XII e Polska* (Rome: Editrice Studium, 1954).

Parham, Sidney F. "Editing Hochhuth for the Stage: A Look at the Major Productions of 'The Deputy'", *Educational Theatre Journal* (October 1976) 28:3.

Parkes, James. *An Enemy of the People: Antisemitism* (New York: Penguin Books, 1946).

Pattee, Richard. *The Case of Cardinal Aloysius Stepinac* (Milwaukee: The Bruce Publishing Co.,1953).

Patterson, Michael. *Strategies of Political Theatre: Post-War British Playwrights* (Cambridge University Press, 2003).

Phayer, Michael. *The Catholic Church and the Holocaust, 1930–1965* (Bloomington: Indiana University Press, 2001).

——— *Pius XII, The Holocaust, and the Cold War* (Bloomington: Indiana University Press, 2008).

Piscator, Erwin. *The Political Theater* (London: Eyre Methuen, H. Rorrison, trans., 1963).

Pius XI, *Mit Brennender Sorge* (1937).

Pius XI und der Nationalsozialismus. Die Enzyklika 'Mit Brennender Sorge' vom 14 März 1937, (Paderborn: Ferdinand Schöningh, Heinz-Albert Raem ed., 1979).

Pius XII. *Orientales Omnes* (1945).

Pius XII, *Summi Pontificatus* (1939).

Pius XII and the Holocaust: A Reader (Catholic League Publications: Milwaukee, 1988).

Pius XII: Selected Encyclicals and Addresses (Roman Catholic Books: Harrison, NY, 1995).

The Pope Speaks: The Words of Pius XII (New York: Harcourt, Brace and Company, 1940).

Polmar, Norman, and Thomas B. Allen. *The Encyclopedia of Espionage* (New York: Gramercy Books, 1997).

Prcela, John. *Archbishop Stepinac in his Country's Church-State Relations* (Scottsdale: Associate Book Publishers, 1990).

Purdy, W. A. *The Church on the Move* (London: Hollis and Carter, 1966).

Rayfield, Donald. Stalin and his Hangmen (New York: Random House, 2005).

Raymond, Rev. M. *The Man for This Moment: The Life and Death of Aloysius Stepinac* (Staten Island: Alba House, 1971).

Religion and Culture: Essays in Honor of Paul Tillich (New York: Harper, Walter Leibrecht, ed. 1959).

Religion Under Siege: The Roman Catholic Church in Occupied Europe 1939–1950 (Peeters: Leuven, L. Gevers, and J. Bank, eds., 2007).

Rhodes, Anthony. *The Vatican in the Age of the Dictators: 1922–45* (London: Hodden and Stoughton, 1973).

Romerstein, Herbert. Soviet Active Measures and Propaganda. Mackenzie Institute Paper No. 17 (Toronto: Mackenzie Institute, 1989).

Romerstein, Herbert & Eric Breindel. *The Verona Secrets: Exposing Soviet Espionage and America's Traitors* (Washington, DC: Regnery Publishing, 2000).

Rychlak, Ronald J. *Hitler, the War, and the Pope* (Genesis Press, 2000; Our Sunday Visitor Press 2000; 2nd edition: Our Sunday Visitor Press, 2010).

——— *The 1933 Concordat between Germany and the Holy See: A Reflection of Tense Relations*, 2001 The Digest 23 (Syracuse University).

——— Book Review: "Pius XII und Deutschland, by Michael F. Feldkamp", *The English Historical Review*, June 2003, at 840.

——— *Cardinal Stepinac and the Roman Catholic Church in Croatia during the Second World War* (published in English and Croatian) in *Stepinac: A Witness to the Truth* (Zagreb: Glas Koncila, 2009).

——— "Postwar Catholics, Jewish Children, and a Rush to Judgment", Beliefnet.com, posted Jan. 18, 2005 (including sidebar: "Jewish Children After World War II: A Case Study"). Reprinted in *Inside the Vatican*, January-February 2005.

——— *Righteous Gentiles: How Pope Pius XII Saved Half a Million Jews from the Nazis* (Dallas: Spence Publishing, 2005).

Sale, Giovanni. *Hitler, La Santa Sede e Gli Ebrei* (Rome: Jaca Book, 2004).

——— *Il Novecento tra Genocidi, Paure e Speranze* (Milan: Jaca Book, 2006).

Savor, Michael. *Cardinal Aloysius Stepinac, "A Servant of God and the Croatian People"* (revised ed. 2001), <http://www.croatianhistory.net/etf/stepinac.html>.

Schlabrendorff, Fabian von. *The Secret War against Hitler* (New York: Pitman Publishing, Hilda Simon trans., 1965).

Schmidt-Hauer, Christian. *Gorbachev: The Path to Power* (London: I. B. Tauris, 1986).

Shevchenko, Arkady N. *Breaking with Moscow* (New York: Alfred A. Knopf, 1985).

Shirer, William L. *Berlin Diary: The Journal of a Foreign Correspondent 1934–1941* (New York: Alfred A. Knopf, 1941).

——— *The Rise and Fall of the Third Reich: A History of Nazi Germany* (Greenwich: Fawcett Publications, 1962).

Smit, Jan Olav. *Angelic Shepherd: The Life of Pope Pius XII* (New York: Dodd & Mead, Vanderveldt trans., 1950).

Solovyov, Vladimir, and Elena Klepikova. *Behind the High Kremlin Walls* (New York: Dodd, Mead, 1986).

Staar, Richard Felix. *Foreign Policies of the Soviet Union* (Stanford, CA: Hoover Institution Press, Stanford University, 1991).

Stanescu, Sorin Rosca, and Cornel Dumitrescu. *Autopsia unei Inscenari Securiste (The Autopsy of a Securitate Framing)* (Bucharest: Omega Ziua, 1999).

Stein, Leo. *Hitler Came for Niemoeller: The Nazi War Against Religion* (New York: Penguin, 2003).

Stephan, Robert W. Death to Spies: The Story of SMERSH (Soviet Military Counterintelligence During World War II). Thesis. American University, 1984.

Stepinac: A Witness to the Truth (Zagreb: Glas Koncila, Željko Tanjić ed., 2009).

Stewart, Ralph. *Pope Pius XII and the Jews* (St. Martin de Porres Dominican Community & St. Joseph Canonical Foundation: New Hope, KY, 1990).

Stilinovic, Josip. "Cardinal Alojzije Stepinac—A Patriot, not a Nationalist", *The Catholic World Report* (August/September 1998) <http://www.catholicculture.org/culture/library/view.cfm?recnum=512>.

Stille, Alexander. *Benevolence and Betrayal: Five Italian Jewish Families under Fascism* (New York: Summit Books, 1991).

The Storm over the Deputy (New York: Grove Press, Eric Bently, ed., 1964).

The Strategy of Deception: A Study in World-Wide Communist Tactics (New York: Farrar, Straus and Company, Jeane J. Kirkpatrick, ed., 1963).

Sulner, Hanna F. *Disputed Documents: New Methods for Examining Questioned Documents* (Dobbs Ferry, N.Y.: Oceana Publications, 1966).

Swift, Mary Grace. *The Art of Dance in the USSR: A Study of Politics, Ideology, and Culture* (University of Notre Dame Press, 1968).

Swift, Will. *The Kennedys Amidst the Gathering Storm: A Thousand Days in London, 1938–1940* (Washington, DC: Smithsonian Books, 2008).

Taëni, Rainer. *Modern German Authors, Rolf Hochhuth* (London: Oswald Wolff, 1977).

Tanner, Marcus. *Croatia: A Nation Forged in War* (New Haven, CT: Yale University Press, 1997).

Tardini, Domenico. *Memories of Pius XII* (Westminster, MD: The Newman Press, 1961).

Thomas, Hugh. *Armed Truce: The Beginnings of the Cold War* (London: Hamish Hamilton, 1986).

Thompson, Carlos. *The Assassination of Winston Churchill* (Gerrards Cross: Smythe, 1969).

Toland, John. *Adolf Hitler* (New York: Doubleday, 1976).

Tolkovvy Slovar Russkogo Yazyka (Explanatory Dictionary of the Russian Language) (Moscow: Soviet Encyclopedia State Institute, D. N. Ushakov, ed., 1935).

Vazsonyi, Balint. *America's 30 Years War: Who Is Winning?* (Washington DC: Regnery, 1998).

Volkov, Solomon and Dmitri Shostakovich. *Testimony: The Memoirs of Dmitri Shostakovich* (Limelight, 2004).

Ward, Margaret E. *Rolf Hochhuth* (Boston: Twayne Publishers, 1977).

Wartime Correspondence between President Roosevelt and Pope Pius XII (New York: Macmillan, Myron C. Taylor, ed. 1947). Reprint edition (New York: Da Capo Press, 1975).

Weigel, George. *Witness to Hope: The Biography of Pope John Paul II* (New York: Cliff Street Books, 1999).

——— *The End and the Beginning: Pope John Paul II–The Victory of Freedom, the Last Years, the Legacy* (New York: Doubleday, 2010),

Weizsäcker, Ernst Von. *Memoirs of Ernst Von Weizsäcker* (Chicago: H. Regnery Co., J. Andrews trans., 1951).

Willett, John. *The Theatre of Erwin Piscator: Half a Century of Politics in the Theatre* (London: Eyre Methuen, 1978).

Wills, Garry. *Papal Sin: Structures of Deceit* (New York: Doubleday, 2000).

Winks, Robin W. *Cloak & Gown: Scholars in the Secret War, 1939–1961* (New York: William Morrow & Co., 1987).

Wise, David, and Thomas B. Ross. *The Espionage Establishment* (New York: Random House, 1987).

Wistrich, Robert. *Hitler and the Holocaust* (New York: Modern Library, 2002).

Wolf, Frank R., and Anne Morse. *Prisoner of Conscience: One Man's Crusade for Global Human and Religious Rights* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011).

Wright, J.R.C.. *Pius XII and the Nazi Challenge*, History of the 20th Century (London: BPC Publishing, Ltd. 1969).

Yakovlev, Alexander N., Anthony Austin, and Paul Hollander. *A Century of Violence in Soviet Russia* (New Haven, CT: Yale University Press, 2002).

Yzermans, Vincent A. *Valiant Heralds of Truth: Pius XII and the Arts of Communication* (Westminster, MD: The Newman Press, 1958).

Zahn, Gordon C. *German Catholics and Hitler's War* (Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1962).

Zolli, Eugenio. *Why I Became a Catholic* (New Hope, KY, 1997), previously released as *Before the Dawn* (Sheed and Ward: New York, 1954).

Zubrinic, Darko. *Cardinal Alojzije Stepinac and Saving the Jews in Croatia During the WW2* (Zagreb, 1997), < http://www.croatianhistory.net/etf/jews.html>.

Zuccotti, Susan. *The Holocaust, the French, and the Jews* (New York: Basic Books, 1993).

——— *The Italians and the Holocaust* (Lincoln: University of Nebraska Press, 1987).

——— *Pope Pius XII and the Holocaust: The Case in Italy*, in *The Italian Refuge* (Washington, DC: Catholic U. of America Press, 1990).

——— *Under His Very Windows: The Vatican and the Holocaust in Italy* (New Haven: Yale University Press, 2001).

ÍNDICE REMISSIVO

A

A1 (mutação) 391
"A Lição Francesa" (Debray) 75
Abakumov, Viktor, 40
Abbas, Mahmoud 414, 415
Abt, John 312, 313
Adenauer, Konrad, 185
Adendos Históricos 182, 236, 241, 248
Adevārul ("A Verdade") 66
Afeganistão 78, 353, 376, 391, 443
Agayants, Ivan 159, 237, 238, 468
A espada de Constantino (Carroll) 260, 261
A Guerra de Hitler (Irving) 177
Agência de Segurança Nacional 306, 406
Air Defense Command (V-PVO) 273, 275
al-Husseini, Haj Amin 365, 407, 408
Al-Masri Al-Tawm 364
al-Qaeda 369, 376, 383, 411, 443
al-Razem, Fathi 412
al-Wazir, Khalil (Abu Jihad) 405, 405
al-Zawahiri, Ayman 411
Albright, Madeleine 415
"aldeias de Potemkin". Ver também organizações individualmente 72, 76, 201
Aleksi II ("Drozdov") 366
Alemanha Ocidental 46, 55, 61, 75, 82, 83, 139, 140, 164, 182, 192, 208, 209, 226, 227, 230, 245, 272, 274, 275, 293, 298, 299, 300, 302, 303, 335, 382, 385, 395, 418, 429, 442, 493
Alexandre II 141, 211, 464
Alexandre III 141, 142, 464
Alexis, Patriarca de Moscou 131
Aliados 70, 81, 90, 91, 92, 97, 98, 99, 108, 121, 135, 177, 222, 255, 491
Aliança Trabalhista Nacional (NTS) 299
Allard, Wayne 398
Alma de Gelo (Cleaver) 201
Alsop, Joseph 270
Alvarez, David 165, 513
Amen 479
America 179, 447, 448, 453, 466, 472, 473, 474, 476, 477, 478, 482, 483, 505, 506, 509, 512, 519, 520, 524, 527, 528

American Dialog 198, 481
American Jewish Yearbook 104, 513
Ames, Aldrich 415
Amin, Hafizullah 376, 408
Amizade Canadense-Cubana 372
Andrew Jackson 403
Andropov, Yuri 11, 15, 17, 25, 41, 44, 46, 47, 50, 233, 247, 257, 301, 322, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 336, 340, 343, 344, 349, 350, 352, 353, 355, 365, 366, 374, 381, 382, 383, 408, 409, 412, 440
Andrássy Street 123, 124
Aninoiu, Dumitru 55
Anistia Internacional 414
Annan, Kofi 415
ANSWER 372, 373
Anti-americanismo, americano 25, 342, 347, 375, 377, 379
Anti-semitismo 14, 17, 18, 24, 25, 34, 106, 136, 139, 140, 141, 143, 145, 160, 177, 208, 209, 222, 256, 264, 329, 331, 339, 349, 350, 351, 352, 357, *464*
Antonescu, Ion 432
Arafat, Yasser 57, 349, 351, 352, 365, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 447, 502, 504, 509, 510
Ariciul ("O Porco-Espinho") 36
Armas nucleares 356, 357, 358, 385, 411, 482
Armia Krajowa 129
Arnoni, M. S. (Max) 197, 198, 481
Arquivos Mitrokhin 310
Arquivo Vassiliev 313, 317
A Rússia prestes a explodir (Litvinenko) 365
Aspillaga, Florentino 317, 318
"Assento 12" 12 164, 165, 180
Associated Press 109, 492, 500, 505, 506
Associação Internacional de Teatros dos Trabalhadores (IATB) 169, 170
Associação Internacional de Teatros Revolucionários 170
Astolphe, Marquês de Custine 33, 447, 516
Ataque a Pearl Harbor 90
Ataques do 11 de Setembro 263, 329, 333, 352, 372, 375
Atomic Energy of Canada Limited 420
Attlee, Clement 390, 391
Auschwitz 179, 188, 221, 238, 408, 477, 509, 518
Autoridade Nacional Palestina 414
Autoridade Palestina (AP) 412
Avião espião U-2 274, 275, 325
Aviões El Al 330, 331
AVO 119, 120, 126
Ağca, Mehmet Ali 247

B

Babkin, Anatoly 345

Bain Capital 402
Baluyevsky, Yury 388
Barbarossa, Operação 89, 451, 522
Barron, John 320, 321, 490, 492, 496, 498, 499, 507, 514
Barvikha-1 412
Base Aérea de Atsugi 276, 277
Base Aérea de El Toro 278
Baudrillard, Jean 443
Beck, Glenn 400
Beldeanu, Oliviu 300
Belgrado 108, 470
Bem ali na sua janela (Zuccotti) 258
Bennett, John C. 201, 477, 482
Bentley, Elizabeth 197
Bentley, Eric 192, 472, 479
Bento XVI 265, 496
Beran, Cardeal Josef 129, 463
Beriya, Lavrenty, 40, 157, 158, 290, 358
Berlim Ocidental 135, 158, 159, 169, 175, 335
Bernard, Noel, 53, 60, 61, 479
Bin Laden, Osama 369, 397, 504
Birtz, Remus Mircea 167, 470
Biryuzov, Sergey Semyonovich 275
Blair, Tony 49, 391, 509
Blake, Eugene Carson 152
Blakey, Robert G. 308
Blažević, Jakov 113, 117
"Blin" (I. F. Stone) 193, 311, 313
Bokassa, Jean-Bédel 418
Bondarenko, Panteleymon ("Pantyusha") 144, 170, 377
Bonhoeffer, Dietrich 98, 453
Bonner, Yelena 345
Borchgrave, Arnaud de 427, 502, 510
Borovik, Genrikh 313
Bota, Tenente 36
Brandt, Willy 83
Breaking Faith (Cornwell) 494, 495, 496, 516
Brecht, Bertolt 169, 187, 188, 192, 471, 472, 474, 476, 477, 479, **491, 492,** 517
Breier, Louis 107
Brezhnev, Leonid 41, 54, 235, 246, 322, 376, 408, 409, **412, 441, 442**
Brigadas Vermelhas 370, 411
Broder, David S. 395, 507
Brook, Peter 185, 186, 189, 474, 477, 521
Budka, Niceta 90
Bugliosi, Vincent 314, 499
Bukharin, Nikolai 211, 288
Bulganin, Nikolay 291, 292
Bursa 432, 433

Busch 208, 230
Bush, George Herbert Walker 65
Bush, George W. 31, 43, 356, 383, 413, 428
Bush 31, 43, 65, 356, 370, 373, 383, 413, 428, 440, 443, 447, 448, 505, 506

C

Campanha da Verdade 149
Canal Danúbio-Mar Negro 81, 82
Canal de Suez 292
Cantoni, Raffael 104
capitalismo 169, 291, 299, 339, 389, 391, 392, 398, 401, 402, 403, 404, 482
Capovilla, Loris 260, 494
Cardinale, Igino 132
"Carlos Chacal" (Sánchez, Ilich Ramírez) 61, 75
Carnecki, Nicolas 90
Carroll, James 258, 260, 494, 496
Carroll-Abbing, John Patrick 103
Carter, Billy 436
Carter, Jimmy 57, 376, 409
Carter 57, 59, 376, 409, 427, 435, 436, 524
Casa Islâmica da Sabedoria 353
Casa Presidencial 54
Casaroli, Agostino 164, 165, 469
Casas de ópera 215
Casey, William 436
Caso Dreyfus 139
Cassandra Romena (Watts) 432
Castel Gandolfo 103
Castro, Emilio 153
Castro, Fidel 188, 203, 307, 318, 319, 323, 324, 349, 351, 400, 474, 480
Castro, Raúl 156, 334
Catarina a Grande 70
Ceaușescu, Elena 48, 49, 425
Ceaușescu, Ilie 433
Ceaușescu, Nicolae 21, 41, 53, 66, 246, 257, 319, 392, 405, 408, 417, 425, 431
Ceaușescu 21, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 64, 66, 154, 165, 246, 252, 254, 257, 258, 260, 319, 333, 343, 344, 376, 387, 392, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 405, 406, 407, 408, 409, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 425, 426, 427, 428, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 442, 444, 445
Centro de Inteligência e Informação Sobre Terrorismo Meir Amit 504
Centro de Pesquisa do Golfo 363
Cerne de verdade 73, 128, 138, 164, 166, 237, 420, 431
Chamberlain, Neville 186, 222, 386, 474
Chambers, Whittaker 5, 67, 197, 476, 477, 515
Chandra, Romesh 24, 76, 77, 370, 371, 381, 407

Che 74, 151, 154, 155, 156, 188, 203, 396, 447, 467, 507, 521, 522
Cheka 143, 211, 298, 342, 465
Chelyabinsk 386
Cheney, Dick 64
Chernenko, Konstantin 340
Chernomyrdin, Viktor 211, 340
"Cheyadbom" 411
Childs, Jack 322, 324
Childs, Morris 320, 321
China 135, 148, 277, 358, 359, 378, 415, 503
Chira 167
Chomysyn, Gregory 90
Chubais, Anatoly 339
Churchill, Winston 97, 147, 222, 223, 225, 390, 391, 431, 452, 453, 490, 527
Chávez, Hugo 31, 153
CIA 18, 19, 54, 56, 57, 59, 63, 64, 65, 165, 196, 197, 200, 205, 244, 269, 273, 276, 280, 286, 293, 297, 298, 299, 300, 301, 304, 305, 309, 310, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 335, 397, 412, 414, 431, 432, 433, 434, 436, 449, 450, 483
Ciampi, Carlo Azeglio 247
Ciuciulin, Nicolae 164
Cleaver, Eldridge 201
Clinton, Bill 29, 30, 347, 402, 404, 410, 509
Colaianni, James F. 204
Collier, Peter 204, 453, 484
Com amigos como esses (Watts) 432, 433
Comando de Defesa Aérea (V-PVO) 273, 275
Comintern 465
Comissão de Energia Atômica 270
Comissão Européia 411
Comissão Hebréia 105
Comissão Mitrokhin 411, 492
Comissão Warren 270, 271, 272, 276, 303, 304, 306, 307, 308, 312, 314, 321, 324
Comitê *Ad Hoc* Para A Defesa do Direito de O *Vigário* Ser Encenado 201
Comitê Conjunto de Refugiados Anti-Fascistas (JAFRC) 189
Comitê Conselheiro Nacional Americano para Aeronáutica (NACA) 273
Comitê Exclusivo sobre Assassinatos 271, 282
Comitê Italiano de Assistência Judaica 104
Comitê Judaico Americano 459
Concílio Vaticano II 132, 133
Cone, James 153, 467
Conferência de Estocolmo 381, 382
Conferência de Medellín 151
Conferência dos Bispos Católicos da América do Sul (CELAM) 152
Conferência Mundial sobre Mulheres da ONU 77
Congresso Nacional Africano (ANC) 75
Conselho de Segurança da ONU 283

Conselho de Segurança Nacional 148, 387
Conselho dos Sábios de Sião 73, 136
Conselho Econômico Nacional 401
Conselho Mundial da Paz (WPC) 72, 159, 370, 371, 450, 505
Conselho Mundial das Igrejas (WCC) 30, 31, 152, 153, 367
Conselho Nacional de Igrejas (NCC) 29, 30, 152
Constantin, Stefan 58, 164, 428, 434
Constantinescu, Emil 387
Convenção Nacional Democrata 383
Conway, John 183, 473, 516
Cornwell, John 24, 117, 166, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 357, 462, 470, 491, 493, 494, 495, 496, 516
"Costa-Gavras" (Constantinos Gavras) 479
Courier de la Paix 76
Cousins, Norman 132
Crenshaw, Charles A. 315
Crise dos Mísseis Cubanos 132, 391
Cristão Eterno, O (Kuehnelt-Leddihn) 181
Croácia 107, 108, 109, 112, 116, 117, 254, 457, 458, 461, 462
Cruz Vermelha Internacional 105, 222
Cuba 75, 77, 151, 153, 154, 270, 272, 277, 284, 285, 286, 287, 307, 308, 317, 318, 319, 323, 324, 334, 349, 379, 391, 400, 443, 467, 480
Cule, Peter 114
Códigos 280, 306

D

16 de outubro 247, 258, 494
Daily Telegraph 235, 476, 477, 492
Daily Worker 189, 478
Dalin, David 260, 494, 516
Daniel, Jean 323
Dapčević, Vladimir 433
Daraghmed, Mohamed 352
Darbon, Francis 185
Daschle, Tom 440
Da Silva, Lula 153
Das Kapital encontra Easy Rider (Guevara) 155
Davar 96
Davis, Robert Gorham 198, 481
Day, Dorothy 191
Debray, Régis 74, 75, 155, 449, 467
Decisão nº 41 427
Decisão nº 41 da Suprema Corte 427
Deek, Khalil 353
Dekanozov, Vladimir 40, 89
de Kirchner, Cristina Fernández 153
Delgado, Nelson 279, 280

Demeter, Carol 38, 39
Departamento Internacional do Partido Comunista Soviético 381
Departamento V 412
De Rosa, Luca 260
Derrida, Jacques 369, 389, 504, 507
Der Stellvertreter. Ein christliches Trauerspiel (*O Vigário. Uma Tragédia Cristã*). Ver também *Vigário, O* 169
Deryabin, Petr 299
Desinformação (*dezinformatsiya*) 6, 9, 13, 15, 23, 24, 25, 33, 34, 35, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 92, 127, 139, 142, 159, 160, 173, 183, 196, 205, 226, 248, 249, 251, 264, 272, 283, 289, 291, 292, 293, 294, 297, 301, 309, 310, 311, 313, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 329, 331, 352, 367, 371, 375, 377, 382, 387, 392, 396, 398, 400, 402, 403, 404, 407, 408, 409, 411, 413, 414, 420, 423, 425, 430, 431, 432, 434, 435, 436, 437, 439, 440, 441, 442, 443, 445, 462, 463
Deutsche Verlags-Anstalt 514
Dewey, Thomas 380
"Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu" 139
DIE 45, 49, 53, 55, 58, 73, 76, 82, 139, 140, 151, 152, 154, 159, 160, 164, 165, 166, 167, 180, 196, 210, 233, 244, 254, 257, 272, 274, 276, 284, 293, 294, 297, 298, 300, 312, 332, 333, 334, 335, 344, 349, 365, 381, 408, 412, 415, 417, 420, 434, 435, 441, 448, 469
Diestel, Peter Michael 335
Diferença de poderio de mísseis 294
Dimitroff, Georgi 80
Divergência de um cidadão, A (Lane) 314
Diário de Anne Frank, O 222
Diários de motocicleta 155
Đjilas 116
Dobrynin, Anatoly 286
Doicaru, Nicolae 53, 272
Donovan, John 278, 279, 453, 497, 505, 522
"Drozdov" (Aleksi II) 366
Dubček, Alexander 154
Ducaru, Sorin 427
Dulles, Allen 293, 518
Dulles, John Foster 194
Duma 152, 342, 344, 350, 351, 411, 502
Dumitrachescu, Dumitru 434
Dunlop, John 348
Dunărea 420, 421, 422
Dutt, R. Palme 310
Dzerzhinsky, Feliks 40, 143, 211, 352, 355, 362, 448
Dzhabayev, Dzhambul 218
Dzhugashvili, Iosif Vissarionovicy. Ver Stálin, Iosif 342
Däubler-Gmelin, Herta 31
Décimo Terceiro Departamento 269, 300, 302, 303, 304, 330
Décsi, Colonel 124, 125, 126

E

Eagleburger, Lawrence 48, 64
Eden, Anthony 291
Edward Kennedy 221
Egito 46, 292, 330, 353, 363, 364, 509
Eid, Guy 406
Eine Liebe in Deutschland (Um caso de amor na Alemanha; Hochhuth) 227, 229
Ein Furchtbarer Jurist (Um juiz terrível) 227
Einstein, Albert 97, 431, 453
Eisenhower, Dwight 81, 275, 284, 294
Eixo 89, 101, 108, 255, 356
Eixo do Mal 356
Eliah, Mohamed Ali 353
Emmanuel III, Rei (Itália) 102
Enciclopédia do Jihad 353
Englund, Will 212, 484
Enquadramento 14, 18, 19, 50, 68, 79, 80, 81, 83, 91, 92, 106, 107, 116, 117, 119, 120, 123, 125, 127, 128, 157, 163, 166, 180, 182, 219, 235, 243, 245, 249, 254, 257, 258, 260, 261, 329, 330, 332, 333, 344, 349
Epstein, Edward Jay 276, 277, 281, 282, 479, 496, 497, 498, 517
Erro mortal (Menninger) 314
Espiões no Vaticano (Alvarez) 165
Estratégias do Teatro Político (Patterson) 186
Evergreen Review 188, 477
Excomunhão 147, 465, 495
Explosão da discoteca La Belle 335
Exército de Libertação Nacional da Bolívia 151
Exército de Libertação Nacional da Colômbia (FARC) 151

F

Fadeyev, Ivan Anisimovich 298, 299, 300
Falconi, Carlo 116, 117, 254, 461, 462, 517
Fatah 352, 408
FBI 29, 63, 174, 194, 197, 221, 269, 270, 276, 301, 306, 308, 310, 312, 314, 315, 320, 321, 322, 323, 324, 434, 499
Fedayeen 406
Federação Democrática Internacional das Mulheres (WIDF) 77
Federação Israelita de Trabalho 96
Federação Mundial da Juventude Democrática 72, 377, 378
Federação Mundial de Sindicatos (WFTU) 77
Federação Socialista da Iugoslávia 110
Feldkamp, Michael 182, 473, 517, 525
Ferencz, Benjamin B. 209, 484
Filaret, Metropolita ("Ostrovsky") 367
Filbinger, Hans 227, 228, 229, 489
Fim e o começo, O (Weigel) 248

Firt, Julius 226
Fokker A.G./Fokker-614. 55
Fontana, Riccardo 177, 178, 179, 181, 182, 239
Fonzi, Gaeton 314
Franco, Francisco 137
Frank, Hans 110
Freiberger, Rabino-Chefe 109
Freie Volksbühne 169, 174, 175, 240, 241, 476
Freud, Sigmund 229
Frost, David 223, 224, 488, 518
FSB (Serviço de Segurança Federal) 32, 69, 211, 345, 346, 347, 365, 366, 411, 412, 413, 415
FSK 211
Fundação Mindszenty 128

G

Gaddafi, Muammar 63
Gallagher, Tom 429, 453, 459, 518
Garrison, Jim 314, 480
Gasparri (Secretário de Estado) 160
Gavras, Constantinos ("Costa-Gavras") 479
Gazprom 362, 373
Geismar, Maxwell 201
General Motors 35, 36, 38, 440
Gentios honrados (Rychlak) 254
Gerstein, Kurt 177, 238, 239, 472, 493
Gestapo 43, 113, 129, 200, 208, 237, 385, 456
Gheorghiu-Dej, Gheorghe 80, 81, 158, 210, 284, 285, 287, 289, 359, 396, 425
Gibson, Mel 263
Glasnost 13, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 67, 314, 336, 395, 397, 436, 445, 448
Goebbels, Joseph 172, 451
Goering, Hermann 234
Goldberg, Alfred 271
Goldhagen, Daniel 258, 494, 518
Gorbachev, Mikhail 22, 41, 42, 47, 48, 49, 50, 51, 235, 246, 257, 258, 336, 337, 361, 395, 442, 448, 468, 484, 500, 507, 522, 525
Gorbachev, Raisa 49, 50
Gordievsky, Oleg 140, 313, 408, 450, 452, 464, 465, 467, 496, 509, 513
Gorenc, Silvo 108
gosbezopasnost 361, 362
Gottwald, *Klement* 80
GPU 211
Grande Assembléia Nacional (Romena) 45
Grandes Expurgos 86
Gravações do assassinato de Kennedy, As (Holland) 270
Griffin, John Howard 201, 482

Grove Press 188, 192, 505, 519, 526
GRU 273, 274, 280, 286, 313
Grupo Z 300
Gröger, Walter 227, 228, 229
Guardian 362, 475, 476, 479, 498, 500, 503, 504, 509
Guerra ao terror 443
Guerra Civil Espanhola 137, 190
Guerra da Coréia 378
Guerra de 1812 379
Guerra dos Seis Dias 330, 408
Guerra do Vietnã 203, 380, 381, 383, 443, 482
Guerra do Yom Kippur 356
Guerra Fria 5, 17, 18, 21, 23, 29, 42, 65, 69, 72, 73, 77, 79, 83, 87, 92, 128, 137, 147, 148, 149, 165, 174, 239, 257, 310, 314, 362, 365, 369, 372, 374, 380, 385, 386, 387, 391, 404, 440, 441, 442, 465, 480, 482, 506
Guerra Fria solitária do Papa Pio XII, A (Kent) 147
Guerrilhas, As (Hochhuth) 155, 412
Guevara, Che 74, 151, 154, 155, 188, 203, 396, 467, 507, 521
Guillaume, Günter 83
Gunvor 362
Gusev, Nikolay Pavlovich 412
Gusinsky, Vladimir 347

H

Habash, George 330
Haddad, Wadie 412
Haig, Alexander 335
Hall, Peter 186, 474, 477
Hannity, Sean 400
Hapsburg, Otto von 125, 128
Hargreaves, Mike 406
Harnack, Adolf von 236, 237, 238
Harnack, Arvid ("Korsikanets") 237, 490
Harriman, Averell 91
Harrington, Michael 191, 478
Hasan, Abu (Hani al-Hassan) 405
Havel, Václav 24, 334
Hellman, Lillian 189
Helms, Jesse 64
Herrhausen, Alfred 335
Herzog, Isaac (Grande Rabino) 110
Herzog, Isaac Rabino-Chefe 104
Heschel, Abraham 201
Heyman, Horst 429
Hezbollah 363, 364, 503
Himmler, Heinrich 233
Hinckle, Warren 199, 200, 201, 202, 203, 204
Hindenburg, presidente 251

Hitler, Adolf 14, 15, 22, 24, 31, 68, 81, 85, 86, 89, 90, 92, 95, 97, **98**, 102, 107, 108, 116, 117, 137, 140, 142, 148, 160, 163, 167, 169, 177, **178**, 179, 181, 182, 190, 193, 197, 209, 222, 231, 233, 234, 241, 243, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 258, 261, 262, 265, 313, 349, 352, 357, 380, 384, 386, 392, 414, 429, 431, 434, 440, 447, 451, 453, 455, 462, 468, 470, 479, 482, 484, 487, 490, 493, 495, 514, 516, 517, 518, 519, 520, 522, 524, 525, 526, 527, 528
Hitler, a Guerra e o Papa (Rychlak) 68, 249, 254
Hochhuth, Rolf 14, 24, 155, 169, 177, 179, 180, 182, 183, 185, 188, 192, 194, 198, 199, 207, 208, 209, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 253, 254, 261, 262, 311, 312, 313, 316, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 480, 481, 482, 483, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 499, 517, 519, 523, 526, 527
Holland, Max 270, 496, 498
Holley, David 414
Holmes, Larry 372, 455, 456, 519
Hoover, Herbert 403
Hoover, J. Edgar 194
Hopkins, Dwight 153
Horizontes vermelhos 48, 64, 65, 66, 67, 82, 252, 321, 433, 436
Horobet, Constantin 164
Horowitz, David 190, 204, 478, 483, 505, 519
Horthy, Nicholas 121, 122
Hotel Waldorf Astoria 202
Hrncevic 116
Hromadka, Joseph 159
Humala, Ollanta 153
Humanae Vitae 204
Hungria 64, 75, 80, 82, 106, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 128, 145, **211**, 292, 300, 316, 333, 371, 460, 465
Hunt, E. Howard 316
Hunt, H. L. 315
Hurley, Joseph 112
Hussein, Rei 57
Hussein, Saddam 350, 356, 415, 512
Hyland, William 286, 497

I

Iacobescu, Ion 434
Ibarruri, Dolores (La Pasionaria) 137
Ignatyev, Nikolay 142
Ignatyev, Semen 39
Igreja Católica 21, 24, 90, 95, **96**, 104, 105, 108, **109**, **110**, **111**, **112**, **115**, 116, 119, 128, 130, 131, 136, 147, 148, 165, 169, **193**, **194**, **204**, **215**, 260, 262, 264, 452, 453, 457, 458, 460, 461, **462**, **469**, **475**, **492**
Igreja Ortodoxa Russa 31, 32, 86, **131**, **152**, **367**, **468**
Igreja Reformada Húngara **122**

Incêndio de igrejas 30
INO 170, 173
Instituto Max Planck para Pesquisas do Cérebro 391
Interceptações do Projeto Venona 193
"Internacional, A" 369, 389, 465
Intifada 410
Iosif-1 358, 360
Iraque 31, 70, 77, 350, 356, 363, 370, 371, 372, 373, 379, 383, 391, 403, 440, 444
Irmandade Muçulmana 364, 503
Irmãos Castro 151, 154, 155, 445
Irving, David 221, 222, 224, 229, 231, 232, 474, 475, 487, 488, 489
Irã 77, 332, 356, 357, 360, 376, 412, 413
Israel 5, 17, 25, 96, 104, 105, 140, 144, 145, 154, 210, 244, 264, 329, 330, 331, 332, 350, 351, 352, 353, 356, 357, 363, 409, 410, 412, 413, 415, 484, 501, 502, 503, 504, 509, 510
Iugoslávia. Ver também Djilas, Milovan 108, 110, 112, 113, 114, 115, 189, 287, 456, 459, 460, 461
Ivan IV, O Terrível 32
Ivanov, Viktor 343

J

Jaruzelski, Wojciech 430
Jefferson, Thomas 403
Jenin 413, 414, 510
Jewish World 190
JFK 301, 314
Jiménez, Sergio del Valle 334
Joesten, Joachim 196, 197, 311, 312, 314, 498
Johnson, Lyndon 269, 301, 314, 403
Johnson, Robert Lee 270
Johnson, Robert Lee 275
Joliot-Curie, Fréderic 73, 358
Joly, Maurice 139, 142
Jones, Penn, Jr. 316
Jovens Amigos dos Estados Unidos 35
Jovens Contra a Guerra e o Fascismo 372
João Paulo II, Papa 33, 130, 152, 164, 247, 248, 261, 262, 263, 264, 265, 469, 491, 492, 495, 496
João XXIII, Papa 115, 132, 161, 260, 495
Juan Carlos, Rei (Espanha) 347
Judeus veteranos de Guerra 198, 207
Julgamentos de Nuremberg 180
Junaid, Mohammad 353
Juristen (Juízes) 227

K

Kalugin, Oleg 197, 198, 341, 475, 481, 483, 519
Kamenev, Lev 288
Kapes, Charles 414
Karine A 412, 413
Karolyi, Michael 120
Katz, Robert 258, 494, 520
Keating, Edward 24, 199, 200, 202, 482
Kekkonen, Urho Kaleva 82, 450
Kempner, Robert 221
Kennedy, John F. 239, 269, 301, 315
Kennedy, John F. 67, 98, 132, 194, 196, 197, 221, 239, 267, 269, 270, 271, 272, 276, 284, 285, 286, 287, 295, 297, 301, 302, 303, 306, 307, 309, 310, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 380, 404, 405, 443, 453, 480, 496, 498, 499, 523
Kennedy, Joseph P. 98
Kennedy, Robert 286, 405, 443
Kent, Peter C. 147, 456, 465, 520
Kerry, John 376, 377, 383, 384, 505
Kerry, Teresa Heinz 383
Kertzer, David 258, 493, 520
KGB (Comitê de Segurança de Estado) 5, 14, 15, 17, 23, 31, 32, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 53, 54, 67, 68, 69, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 82, 83, 119, 137, 139, 140, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 180, 182, 187, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 205, 208, 210, 211, 212, 225, 233, 234, 235, 237, 239, 243, 245, 249, 251, 254, 256, 257, 258, 261, 264, 267, 269, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 285, 290, 291, 293, 294, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 341, 343, 345, 346, 347, 349, 350, 351, 352, 353, 355, 356, 358, 361, 362, 364, 365, 366, 367, 370, 371, 374, 375, 376, 377, 380, 381, 382, 384, 385, 386, 389, 395, 396, 407, 408, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 439, 441, 447, 448, 450, 462, 466, 467, 468, 469, 470, 475, 480, 481, 483, 484, 492, 498, 501, 504, 506, 507, 509, 513, 514, 517, 518, 519, 521, 523
Khatyn 235
Khokhlov, Nikolay 299
Khomeini, Ayatollah 356
Khrennikov, Tikhon 216
Khrushchev, Nikita 14, 15, 22, 39, 40, 44, 132, 151, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 186, 196, 210, 234, 235, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 262, 272, 274, 275, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 297, 298, 299, 300, 302, 303, 311, 325, 329, 337, 345, 347, 352, 357, 358, 359, 360, 392, 393, 395, 440, 441, 442, 445, 447, 467, 468, 484, 497, 499, 503, 516, 520
Khrushchev, Sergei 295
Kim Jung Il 356
Kirichenko, Alexei 163, 196
Kirill, Metropolita ("Mikhaylov") 31, 366, 367, 468

Kiriyenko, Sergey 340
Kirk, Roger 435, 436, 511
Kishinev 142, 143
Klein, Hans-Joachim 75
Kliment, Metropolita ("Topaz") 367
Knox, William 286
Kocylovsky, Josaphat 90
Koehler, John 165, 466, 468, 469, 492, 499, 520
Kolbe, Maximilian 177
Kommersant 366, 504
Koppel, Ted 343
Korda, Alberto 155
Korotkov, Aleksandr Mikhaylovich 237
"Korsikanets" (Arvid Harnack) 237
Kostikov, Valery ("Comarada Kostin") 269, 304, 305
Kostikov, Valery 269, 304
Krasnyy Terror (Terror Vermelho) 143
Krašić 114, 115
Krišto, Jure 117, 520
Kroesen, Frederick J. 335
Kruglov 290
Krushchev, Nikita 40
Kryuchkov, Vladimir 314, 337
Kuehnelt-Leddihn, Erik von 181, 473
Kukliński, Ryszard 427
kulaks 217
Kun, Bela 120, 121
"Kunst dem Volke, Die," 175
Kurchatov, Igor 358
Kádár, János 333

L

Labour Monthly 310
Lane, Mark 313, 314, 480
Lantos, Tom 352, 373, 505
Lapide, Pinchas E. 105, 452, 453, 454, 456, 463, 521
Latell, Brian 317, 318, 323, 499
Latsis, Martyn Ianovich 143, 211
Lauber, John 402, 403, 508
Layesvki, Jown 90
Lazarovici, Fănel 37
Ledig-Rowohlt, Heinrich Maria 192, 240
Lehman, John F. 276
Lehrer, Jim 384
Leiber, Robert 103, 453
Leis raciais 109
Le Monde 61, 443, 461, 474
Lenda (Epstein) 276

Leonhardt, Karl Ludwig 240
Lepinowski, Stanislaw 226
Lerner, Max 190, 478
Liberty-Prometheus Book Club 194, 195
Liberty Book Club 195
Lichtenberg, Bernhard 177
Lieberman, Joseph 380
Lifton, David S. 315
Liga Anti-Difamação 219
Liga Árabe 415
Limbaugh, Rush 400
Lincoln, Abraham 18, 398, 508, 528
Linkov, Ruslan 346
Lipstadt, Deborah 231, 487
Littler, Emile 187
Littlewood, Joan 188, 476, 477
Litvinenko, Alexander 365, 410, 411, 504, 518, 521
Lochte, Christian 335
Lockheed U-2 273
Lopez, Kathryn Jean 67
Los Angeles Times 273, 481
Lubomirski, Príncipe 226, 488
Lubyanka 45, 47, 281, 342, 343, 362, 366, 384
Lugovoy, Andrey 366, 411
Luta pela Rússia, A (Yeltsin) 309
Lênin, Vladimir 22, 32, 50, 85, 106, 143, 144, 208, 252, 275, 287, 288, 289, 290, 298, 344, 345, 347, 371, 397, 424, 440, 456, 464, 485
L'Express 323
L'Osservatore Romano 99, 108, 182, 454, 465

M

MacArthur, General 194
MacDonald, Robert David 187, 475, 476, 519
Macedo, Joseph 278
Madison, James 403
Maglione, Cardeal Luigi 258, 259, 454, 457, 494
Makashov, Albert 350, 351
Malenkov, Georgy 157
Malinovsky, Roman 344, 501
Manifesto comunista 370, 389, 391
Mann, Golo 232, 489
Mansour, Muhammad Yussuf Ahmed 364
Mao Tsé-Tung 34, 358, 407
Marcone, Abbot 110, 457
Marinescu, Aurel Sergiu 167, 470
Markov, Georgi 353
Marx, Karl 15, 95, 135, 158, 191, 208, 218, 238, 239, 389, 390, 391, 392, 404, 439, 440, 479, 490, 493, 507

Marx, Patricia 238, 239, 490
Marxismo 49, 65, 79, 80, 85, 135, 151, 191, 246, 288, 361, 369, 389, 390, 391, 392, 397, 398, 400, 423, 424, 436, 437, 441, 442, 451
Marzani, Carl Aldo ("Nord") 195, 196, 311, 312
Massacre de Katyn 222, 234, 235, 236, 254
Massacre de Páscoa 413
Maurer, Ion Gheorghe 407
McAuliffe, Terry 440
Medvedev, Dmitry 362, 448, 507, 522
Meinhof, Ulrike 75
Meir, Golda 144, 364, 504
Memorando de Wye 410
Mengele, Joseph 241, 491
Menninger, Bonar 314
Mensagem de Natal 100, 101
Mentyukov, Igor 325
Menzhinsky, Vyacheslav 40
Mercader, Ramón 144, 474
Merkulov, Vsevolod 40
Merton, Thomas 250, 493, 522
Meyerhold, Vsevolod Emilyevich 215
MGB 144, 211
Michael, Rei (Romênia) 81, 425, 435, 450
Midstream 191
Mihai, Godo 5, 6, 17, 21, 25, 38, 167, 306, 432, 449, 450, 499, 504, 510, 512, 516, 523
Mikhalkov, Sergey 345, 501
Militaru, Nicolae 58
Mills, C. Wright 203
Mills, C. Wright 203
Mindszenty, Józef 14, 24, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 163, 250, 316, 460, 462, 463, 522
Minoria de um só (Arnoni) 197, 198
Mirror 443, 512
Mirzayanov, Vil 211
Mitrokhin, Vasili 31, 195, 310, 311, 313, 315, 321, 323, 411, 412, 447, 468, 475, 480, 490, 492, 498, 499, 504, 509, 514
Mitsotakis, Spyridon 433
Mitterrand, François 75
Mofaz, Shaul 413
Mohammed, Khalid Sheikh 329
Mohrenschildt, George de 281, 302, 497
Moiseyev, Vladimir 346
Molotov, Vyacheslav 85, 89, 145
Moore, George Curtis 406
Moorehead, Monica G. 372
Morales, Evo 153
Morega, Ion 58
Moro, Aldo 370, 411, 509

Moscow News 211
Mosley, Alfred 390
Mossad 18, 244, 353, 504
MOST, estação de rádio 347
Mother Jones 204
Moussa, Amr 415, 510
Movimento Solidariedade; Wyszýnski, Cardeal Stefan 130, 247, 248
MSB 211
Mudança 71, 165, 173, 174, 188, 190, 211, 225, 255, 256, 371, 398, 399
Muro de Berlim 40, 65, 159, 175, 334, 430
Museu Mindszenty 128
Mussolini, Benito 99, 102, 193, 233, 313, 380, 454
MVD 211
Má informação, definição de 69
Mátrai, Gyula 124
Müller, Josef 522
Müller, Josef 98

N

Nagy, Imre 82
Napoleão III 139
NASA 273, 428
Nasrallah, Sayyed Hassan 364
Nasser, Gamal Abdel 292, 408, 509
Nathan, Joseph 105
Nation, The 190, 478, 483
National Review Online 67, 499, 505, 510, 512, 523
Necrofagia política 14, 209, 243, 245, 246, 247, 249, 357, 358, 359, 441, 442, 443, 445
Negando o Holocausto (Lipstadt) 231
Negri, Antonio 370, 505
Neusel, Hans 335
New Republic 323, 449, 478, 494
Newsweek 399, 400
New Times 197, 225, 312
New York Herald Tribune 191
New York Times 30, 75, 101, 105, 107, 142, 190, 198, 200, 231, 243, 244, 264, 294, 316, 370, 447, 449, 452, 453, 455, 456, 459, 463, 464, 467, 468, 473, 477, 481, 482, 484, 488, 492, 496, 498, 499, 500, 501, 502, 504, 507, 509, 510, 511
New York Times Book Review 198, 481, 511
Niemoeller, Martin 181, 522, 526
Nietzsche, Friedrich 140, 229
Nightline 343
Nikodim, Metropolita ("Adamant") 31, 159, 468
Nilus, Sergius 139
Nimetz, Matthew 435
Nixon, Richard 47, 59, 224, 235, 406

NKGB 211
NKVD 86, 193, 194, 211, 450, 471
Noel, Cleo A., Jr. 53, 60, 61, 405, 406, 513
Nogovitsyn, Anatoly 385
Nono Departamento 300
"Nord" (Carl Aldo Marzani) 195, 311, 451
Nouvelles perspectives 76
Novaya Gazeta 342
NSC 68 (1950) 68 148, 149, 387
Nunn, Sam 436

O

Obama, Barack 154, 156, 395, 396, 397, 398, 400, 401, 402, 404, 467, 506, 507, 508
"O Cume da Injustiça, ou Deveria o Papa Ter Ficado em Silêncio?" 191
Oettinger, Günther 228
Oficina Dramática 173, 174
OGPU 211
Okhrana 139, 211, 344, 464, 501
Okolovich, Georgy 299
Olivier, Laurence 225
O Livro Branco da Securitate 511
ONU 25, 31, 283, 349, 350, 351, 352, 358, 371, 414, 415, 480, 484
O Papa de Hitler (Cornwell) 15, 117, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 258, 261, 262, 357
Operação Che 155
Operação Dragão 300, 301, 312
Operação Solo (Barron) 320
Operação Tayfun 335
Operação Áries 381, 382, 383
Operações molhadas 53
Oprichnina 32, 211
Ordem de Lênin 50, 275
Ordem do Estandarte Vermelho 322, 324, 325
Ordem Soviética da Vitória 81
Organização para a Libertação da Palestina (OLP) 75, 151, 406, 407, 408, 409, 410, 412, 413, 414
Organização Sionista Mundial 222
Orientales Omnes 91, 131, 451, 523
Ortega, Daniel 153
Ostpolitik 83
Oswald, Lee Harvey 67, 196, 267, 269, 270, 271, 272, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 319, 320, 322, 323, 324, 325, 487, 496, 517, 523, 526
Oswald, Lee Harvey 67, 267, 269, 271, 276, 301, 315, 496, 517, 523
Oswald, Marina 270
OTAN 136, 139, 292, 335, 372, 427, 428, 429, 430
O'Brien, Steve 128, 463, 494, 523

O'Malley, Martin 383, 505
O'Reilly, Bill 400

P

Pacelli, Eugenio. V. Pio XII, Papa 96, 98, 103, 200, 237, 248, 249, 251, 253, 255, 256, 265, 453, 454, 455, 491, 515
Pacepa, Dana 57, 60, 64, 65, 66, 67
Pacepa, Ion Mihai 5, 6, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 38, 65, 67, 427, 432, 433, 434, 436, 448, 449, 450, 464, 468, 469, 470, 480, 484, 493, 499, 504, 510, 511, 512, 516, 523
Pacepa, Mary Lou 7, 63, 64, 67
Pacto de Varsóvia 329
"Pacto Secreto" 148
Pacto Tripartite 89
Paganini 215, 216
Paine, Ruth 304, 307, 498
Paixão de Cristo, A 263
Pal, Francisc Iosif 167
Palfy, György 145
Palme, Olof 82, 310
"Pantyusha" (Panteleymon Bondarenko) 144, 170, 377, 378
Panyushkin, Aleksandr 136, 137
Partido Comunista 38, 45, 79, 80, 81, 82, 87, 137, 144, 145, 157, 163, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 185, 186, 187, 189, 192, 195, 196, 197, 198, 213, 217, 218, 243, 244, 274, 285, 288, 289, 309, 311, 312, 316, 320, 321, 322, 324, 329, 332, 341, 344, 345, 351, 361, 372, 381, 415, 423, 425, 465
Partido Comunista Alemão (KPD) 170, 171, 173
Partido Comunista Americano 198, 217, 312, 320, 321
Partido Comunista Libanês 372
Partido Cristão (Hungria) 120
Partido Democrata 31, 375, 376, 383, 390, 391, 396, 398, 399, 400, 401, 402, 404, 440, 441
Partido Mundial dos Trabalhadores (WWP) 371, 372
Partido Republicano 376
Partido Socialista Americano 191
Partisan Review 238, 490
Patterson, Michael 186, 475, 476, 523
Paulo VI, Papa 129, 130, 133, 204, 430, 475
Pavelić, Ante 108, 111, 457
Pearl, Daniel 329
Pedro o Grande 43
Pehn, József. V. Mindszenty, József 120
Pelosi, Nancy 383, 399
Penguin 231, 255, 501, 516, 522, 523, 526
Penkovsky, Oleg 280
Perestroika (Gorbachev) 442
Performing Arts Journal 187, 476, 491

Perlo, Victor 197, 311, 312, 313, 498
PGU 137, 164, 286, 361
Phayer, Michael 258, 457, 493, 523
Pieck, Wilhelm 173
Pintilie, Gheorghe. V. Bondarenko, Panteleymon ("Pantyusha") 170, 377
Pio XI, Papa 95, 193, 466
Pio XII, Papa 5, 14, 18, 21, 22, 23, 24, 33, 68, 86, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 126, 128, 129, 130, 131, 133, 147, 148, 149, 155, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 166, 167, 169, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 190, 192, 193, 194, 197, 198, 200, 207, 208, 219, 233, 234, 236, 238, 239, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 265, 311, 312, 313, 316, 329, 330, 332, 333, 349, 352, 357, 386, 431, 434, 439, 453, 454, 455, 457, 459, 461, 462, 463, 468, 470, 471, 473, 475, 476, 481, 490, 491, 493, 494, 495, 518
Piscator, Erwin 24, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 185, 187, 188, 189, 192, 213, 219, 221, 239, 240, 241, 242, 254, 471, 472, 474, 476, 490, 491, 492, 521, 523, 527
Plano Marshall 385
Plowright, Joan 225
Podeanu, Mihai 306
Pogroms 464
Policitemia 115, 461
Politische Theater, Das (Piscator) 471
Polônia. Ver também João Paulo II, Papa 19, 75, 86, 99, 100, 102, 129, 130, 154, 222, 234, 259, 262, 288, 384, 385, 430, 445, 451, 463, 492
Polônio-210 366, 410, 411
Ponomarev, Boris 320, 322, 323
Pontífice no inverno, O (Cornwell) 263
Pop, Vasile 423
Pope, Edmund 345
Potemkin, Grigory 70, 71, 72, 73, 76, 77, 201, 213
Powell, Colin 414, 483
Powers, Francis Gary 276, 280, 281, 325, 497, 499, 514
Pravda 344, 389, 506
Pravdin, Vladimir 193
Praça Tiananmen 415
Prchal, Edward 223, 224, 487
Preminger, Otto 208, 484
Preysing, Konrad von 100, 454
Primakov, Yevgeny 350, 361, 415
Primeira Guerra Mundial 71, 170, 255, 379, 468
Prisioneiro, O 128
Prisioneiro da Consciência (Wolf) 67
Prisão de Lefortovo 211
Privatização 339
Prodi, Romano 411, 509
Programado para matar (Pacepa) 67, 267, 301, 302, 309, 318, 433

Projeto Manhattan 358
Protocolos dos Sábios de Sião, Os 24, 25, 139, 142, 332, 333
Prêmio Nobel 41, 51, 90, 345, 346, 365, 409, 451
Prêmio Tony 190
Putin, Vladimir 15, 32, 42, 43, 246, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 346, 347, 351, 356, 361, 362, 363, 365, 369, 373, 386, 387, 388, 442, 500, 501, 503
Pyatakov, Georgy 144
Péter, Gábor 126

Q

Qichen, Qian 415

R

Raceanu, Mircea 435, 511
Rachovsky, Petr Ivanovich 139
Raddatz, Fritz J. 191, 192, 479
Rainha Elizabeth 46
Rajk, László 145
Ramparts 190, 194, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 313, 316, 472, 478, 480, 481, 482, 483, 499, 515
Rankin, Lee 271, 454
Rankovic, Aleksander 108
Rastvorov, Yuri 299
Ratzinger, Cardeal Joseph Alois 262, 265
Reagan, Ronald 64, 386, 398, 404, 436, 508
Realismo socialista 214
Redlich, Norman 270, 271
Regnery, Alfred 321, 447, 452, 467, 475, 478, 499, 516, 523, 524, 527
Reich, Bernhard 174
Reich, Robert 508
Reid, Harry 383
Representative, The 187, 188, 475, 491
"Reset" 386
Resolução da ONU 25, 349, 350, 351, 352
Reston, James 294
Revolución 155
Revolução Bolchevique 143
Revolução da Revolução (Debray) 74, 155
Revolução de Outubro 72, 144, 172, 290, 351
Revolução de veludo 430
Revolução Húngara 130
Revolução Russa 139
Ribbentrop, Joachim von 85, 89, 104, 455, 463
Rich, Frank 190
Rimington, Stella 355, 502
Riti, Emil 167

Romney, Mitt 402, 403, 404, 508
Romênia *versus* Estados Unidos (Kirk) 435
Roncalli 110, 458, 494
Roosevelt, Franklin D. 90, 97, 380, 398, 403, 431, 452, 508, 527
Roosevelt, Theodore 403
Rosset, Barney 188
Roubo de uma Nação (Gallagher) 429
Rousseff, Dilma 391
Rowohlt de Hamburg 191
Royal Shakespeare Company (RSC) 186, 187, 188
Roşu, Gheorghe 349
Ruby, Jack 269, 270, 271, 307, 308, 313, 319
Rudenko, Coronel 272, 273, 293
Rush to Judgment (Mark Lane) 480, 525
Rybachenko, Mikhail 142
Rychlak, Ronald 5, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 67, 68, 249, 254, 349, 357, 439, 445, 456, 457, 462, 464, 466, 469, 473, 475, 478, 479, 481, 484, 487, 490, 493, 494, 495, 524
Rádio Europa Livre 53, 60, 61, 64, 66, 149, 387
Rádio Havana 319
Rádio Libertação (Rádio Liberdade) 149, 387
Rádio Moscou 22, 95, 96, 97, 160, 264
Rádio Romênia Internacional 66
Rádio Vaticano 149, 452
Rákosi, Mátyás 80
Rícino 353
Răuţă, Constantin 428, 434

S

Sacks, Jonathan 141
Safran, Alexander 104
Safronov, Ivan 366, 504
Safronov, Sergey 325
Sakharov, Andrey 345, 346, 408, 484
Sakharovsky, Aleksander 40, 87, 137, 138, 139, 144, 158, 164, 210, 244, 262, 274, 275, 276, 283, 284, 286, 288, 289, 291, 297, 311, 325, 361, 408, 415, 439, 464
Samoylenko, Vasily Fedorovich 408
Sanctum Officium 148
San Francisco Chronicle 199, 482
Sapieha, Stefan 100
Sartre, Jean-Paul 74, 75, 449, 467
Scheer, Robert 203
Scheinmann, Mikhail Markovich 148, 182, 183, 466
Schmidt, Helmut 54
Schröder, Gerhard 373
Schwartz, Harry 243, 492
Scînteia ("A faísca") 66, 300, 399, 400, 450

Seaborg, Glenn 270
Sechin, Igor 362
Segunda Guerra Mundial 32, 33, 35, 39, 80, 83, 91, 95, 97, 98, 108, 121, 129, 131, 135, 137, 138, 149, 170, 175, 182, 185, 186, 189, 190, 192, 195, 200, 211, 221, 222, 227, 230, 237, 257, 285, 286, 292, 299, 302, 379, 384, 386, 390, 391, 440, 474, 482
Semichastny, Vladimir Yefimovich 285, 309, 310
Seminário Teológico Judaico 201
Semprún, Jorge 185, 192, 479
Semtex-H 334
Serb, Ion 417
Serov, Ivan 234, 290, 291, 490
"Sever" 195
Shaw, Clay 314, 479, 480
Shehab, Sami 364
Shelepin, Aleksandr 163, 196, 280, 281
Shokabi, Fuad 412
Shostakovich, Dmitri 213, 484, 485, 486, 527
Shumlin, Herman 189, 190, 207
Shuster, George N. 198, 481
Shylock (Sinsheimer) 194, 312, 480
SIG, Operação 332, 333
Sikorski, Wladyslaw 222, 223, 225, 226, 229, 488, 489
Silêncio de Pio XII, O (Falconi) 116, 117, 254
Simbolismo 343, 355
Sindicato dos Compositores Soviéticos 213
Sindicato dos Escritores Soviéticos 213
Sindicato dos Recrutas Americanos 372
Sindicatos criativos 213
Sinsheimer, Hermann 194, 480
sionismo 25, 137, 138, 144, 145, 211, 330, 332, 349, 351, 352, 355, 356, 358, 361, 410
Sirhhan, Sirhan 405
Slipyj, Josyf 131, 132, 133
SMERSH 91, 92, 95, 106, 452, 526
Smith, Christopher 64
Smith, Frederick W. 58
Smith, Walter Bedell 71
Socialistas Democráticos da América 191
Soderbergh, Steven 155
Solyndra 402
Sombart, Werner 403, 508
Sontag, Susan 191, 478, 479
Sozialdemokratische Partei Deutschlands (SPD) 83
Spellman, Cardeal 126, 198, 459, 516
St. Denis, Michel 474
Starovoitova, Galina 346
Stashinsky, Bogdan 245, 302, 303, 395
Stasi 42, 43, 140, 192, 300, 334, 335, 442, 499

Stauffenberg, Claus von 429
StB 159
Stepinac, Alojzije; Tito, Josip (Broz) 14, 24, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 129, 163, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 513, 514, 518, 523, 524, 525, 526, 528
Stern, Sol 203, 482, 483
Stevens, John Christopher 405, 410
Stirpe 101, 102, 455
Stone, I. F. ("Blin") 24, 190, 193, 199, 311, 313, 317, 479, 481, 498
Stone, Judy 194, 199, 313, 472, 473, 480, 484, 493, 499
Stone, Oliver 301, 314, 480, 498
Stout, Zack 277
Stuckey, William 277
Stálin, Iosif 14, 22, 33, 39, 40, 44, 73, 79, 80, 81, 83, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 106, 107, 108, 111, 116, 119, 120, 123, 129, 131, 135, 136, 137, 143, 144, 145, 163, 170, 190, 209, 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 222, 223, 225, 236, 243, 244, 245, 247, 252, 283, 287, 288, 289, 290, 291, 297, 298, 299, 303, 341, 342, 345, 347, 357, 358, 360, 395, 397, 414, 424, 425, 434, 440, 441, 445, 448, 450, 451, 485, 486, 501
Suhard, Cardeal Emanuel 200
Sukhoi Su-9 325
Sulner, László e Hanna 120, 126, 127, 128, 250, 463, 526
Summa Iniuria 191
Summers, Lawrence 401, 402, 508
Summi Pontificatus 259, 494, 524
Sunday Times 226, 488, 493, 495, 502
Swift, Mary Grace 484, 485, 486, 487, 526
Symington, Stuart 293
Sáchez, Ilich Ramírez ("Carlos o Chacal") 61
Sérvios 461
Sínodo de Lviv 131
Síria 330, 332, 363, 366
Süddeutsche Zeitung 228, 473

T

Tablet (Londres) 99, 452, 454, 455, 466
Taylor, Myron 147
Taylor, Myron 147, 452, 527
Tchecoslováquia 75, 80, 129, 329, 334
Teatro Aldwych 186, 187, 188
Teatro do Povo Livre 169
Teatro Nacional de Londres 199
Teatro político 186, 187, 241
Tecnologia VTOL 55
Tempestade sobre O *Vigário*, A 192
Teologia da libertação 24, 33, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 375
Teologia da Libertação Negra 153, 155, 156

Terceira Guerra Mundial 125, 137, 138, 139
Terceira Internacional 211
Terpil, Frank 63
Terrorismo 1, 3, 15, 25, 34, 53, 74, 75, 263, 310, 329, 333, 334, 335, 342, 347, 352, 353, 357, 362, 365, 369, 370, 373, 374, 375, 376, 409, 410, 411, 415, 440, 467
Testemunha (Chambers) 67
Teusan, Axente 434
Thatcher, Margaret 51
This World 199, 482
Thompson, Carlos 488, 490
Time 51, 65, 111, 112, 114, 115, 155, 173, 189, 203, 207, 223, 227, 447, 449, 452, 453, 459, 460, 461, 467, 469, 472, 475, 477, 482, 483, 487, 489, 493, 500, 501, 510, 516
Tisserant, Cardeal Eugene 200, 482
Tito, Josip (Broz) 108
Tolbukin, Fedor 81
Tondi, Aligheri 165
Totok, William 468, 470
Treblinka 102, 384
Treptow, Kurt W. 433
Tribunal Italiano de Crimes da OTAN 372
Trinity – Igreja Unida de Cristo 154
Trofimov, Anatoly 411
Trujillo, López 152
Truman, Harry 81, 147, 148, 149, 194, 239, 380, 387, 440, 441, 450, 465, 466, 506
Trótski, Leon 445
Turner, Stansfield 57, 479, 488
Tynan, Kenneth 224

U

UDBA 107, 111
Uglev, Vladimir 211
Ulbricht, Walter 80
Ulmanis, Kārlis 87
Um passo para frente, dois para trás 106
United Press International 427, 510
União Internacional dos Estudantes (IUOS) 77
USA Today 397, 507
USS Cole 356
Ustashe 108, 109, 111, 113, 116, 457, 458

V

Valeri, Valerio 259, 494
Variety 179
Vassiliev, Alexander 193, 313, 317, 479, 481, 498, 519

Vatican in Zweiten Weltkrieg, Der (O Vaticano na Segunda Guerra Mundial) 182
Vaticano 14, 34, 46, 67, 86, 90, 92, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 116, 119, 121, 128, 132, 133, 147, 148, 149, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 196, 207, 221, 233, 236, 238, 239, 248, 249, 253, 255, 258, 261, 262, 263, 264, 316, 346, 367, 452, 455, 460, 461, 463, 465, 468, 469, 470, 471, 495, 496, 513
"Velha Firma" 223, 229, 489
Vian, Giovanni Maria 182, 183, 473
Victor Emmanuel III, Rei (Itália) 102
Vigário, O 14, 18, 155, 169, 172, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 207, 208, 209, 210, 213, 219, 222, 224, 227, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 240, 241, 242, 246, 248, 254, 256, 257, 311, 313, 316, 439, 462, 481
Vlad, Iulian 432, 433
Voz da América 149, 280, 387, 440, 466, 506
Vrba, Rudolf 188, 189, 477
Vyshinsky, Andrey 24, 86, 87, 88, 89, 92, 106, 108, 111, 136, 137, 234

W

Walker, Edwin 306
Walker, John Anthony 276
Wallenberg, Raoul 121, 211
Wall Street Journal 30, 329, 441, 447, 479, 502, 504, 505, 506
Walnut, Operação 293, 294
Walnut II, Operação 294
Washington, George 403
Washington Post 30, 67, 373, 395, 402, 403, 449, 484, 500, 501, 502, 505, 506, 507, 508
Washington Times 427, 447, 448, 464, 500, 501, 502, 508, 510
Waters, Maxine 400, 508
Watts, Larry 432, 433, 434
Wehner, Herbert 82, 83
Weigel, George 248, 452, 458, 469, 493, 527
Weiss-Rosmarin, Trude 207, 481, 482, 483
Weizmann, Chaim 222
Weizsäcker (embaixador alemão) 179, 258, 259, 452, 494, 515, 527
Welch, Richard 335
Welsh, James 406, 509
West, Cornel 153
White, Stephen 348
White, Stu 403
Wilkins, George 277
Williams, Clifford 188, 475, 476
Wills, Garry 258, 493, 527
Wilson, Edwin 63

Wirtschaftswunder (milagre econômico) 429
Wischnewski, Hans-Jürgen 58
Wisdom 97, 453
Wistrich, Robert 258, 493, 528
Wojtyla, Cardeal Karol Józef. V. João Paulo II, Papa 247, 248, 262
Wolf, Frank 64, 66, 449, 472, 528
Wolff, Karl Otto 233, 234, 487, 490, 513, 526
Woolsey, James 13, 414, 431, 432
Workers World 505
Wright, Jeremiah 154, 156, 375, 376, 403, 467
Wyszynski, Cardeal Stefan 24

Y

Yad Vashem 104
Yagoda, Genrikh 40
Yakunin, Gleb 152, 466
Yeltsin, Boris 32, 246, 309, 337, 339, 340, 341, 366, 442, 500
Yezhov, Nikolay 40, 252
Yurchenko, Vitaly 275

Z

Zahn, Gordon 201, 482, 528
Zakar, András 123, 124
Zarathustra, Operação 140
Zelaya, Manuel 153
Zhdanov, Andrey 215
Zhou Enlai 359, 502
Zinovyev, Grigory Yevseyevich 144, 215, 288
Zolli, Emma 96
Zolli, Emma 97
Zolli, Eugenio (Israel) 452
Zuccotti, Susan 258, 259, 493, 494, 528
Água pesada 15, 417, 420, 421, 422
Última investigação, A (Fonzi) 314

Este livro foi impresso pela Gráfica Daikoku.
O miolo foi feito com papel *chambrill avena*
80g, e a capa com cartão triplex 250g.